

MANUEL CURADO

AS VI
RIA
DAS
DO DOUTOR SAMUDA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

AS VIRÍADAS
DO
DOUTOR SAMUDA

EDIÇÃO CRÍTICA DA EPOPEIA
SETECENTISTA INÉDITA DOS MÉDICOS
ISAAC SAMUDA E JACOB DE CASTRO SARMENTO

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Email: imprensa@uc.pt
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

TÍTULO

*As Viriadas
do Doutor Samuda*

AUTOR

Manuel Curado

PREFÁCIO

Maria Helena da Rocha Pereira

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Annabela Rita

INFOGRAFIA

Pedro Cascalheira
[Monogram]

EXECUÇÃO GRÁFICA

Gráfica de Coimbra

ISBN

978-989-26-0659-0

ISBN DIGITAL

978-989-26-0660-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0660-6>

DEPÓSITO LEGAL

374219/14

© MAIO 2014, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MANUEL CURADO

AS VIRÍADAS
DO
DOUTOR SAMUDA

EDIÇÃO CRÍTICA DA EPOPEIA
SETECENTISTA INÉDITA DOS MÉDICOS
ISAAC SAMUDA E JACOB DE CASTRO SARMENTO

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2014

(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

9

NOTA DE APRESENTAÇÃO

13

INTRODUÇÃO

17

— I —

UMA EPOPEIA INÉDITA

19

— II —

AS VIRÍADAS

25

— III —

UM AUTOR IMPROVÁVEL E O SEU AMIGO

89

— IV —

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE ISAAC SAMUDA

131

— V —

PENSAMENTO E SABEDORIA

145

— VI —

A TRANSMISSÃO MANUSCRITA

167

— VII —

NÓTULA SOBRE OS CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

179

— VIII —

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

183

SIGLAS

193

— AS VIRÍADAS —

CANTO PRIMEIRO	197	355	CANTO OITAVO
CANTO SEGUNDO	215	375	CANTO NONO
CANTO TERCEIRO	241	399	CANTO DÉCIMO
CANTO QUARTO	265	421	CANTO DÉCIMO PRIMEIRO
CANTO QUINTO	285	441	CANTO DÉCIMO SEGUNDO
CANTO SEXTO	305	459	CANTO DÉCIMO TERCEIRO
CANTO SÉTIMO	331	471	ESTÂNCIAS DE CASTRO SARMENTO

ILUSTRAÇÕES

483

NOTAS COMPLEMENTARES

497

ÍNDICE DE ASSUNTOS SELECIONADOS

645

ÍNDICE ONOMÁSTICO

663

AGRADECIMENTOS

679

(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

Uma epopeia portuguesa setecentista inédita, mas não ignorada, em décimas bem ritmadas, cujo autor, Isaac Samuda, é um dos judeus de talento que o fantasma da Inquisição chegou a aprisionar por um tempo e ameaçava perseguir-lo de novo, pelo que teve de emigrar, é o livro que temos o gosto de aqui apresentar.

A obra era inédita, conforme dissemos, mas não se desconhecía a sua existência, porquanto várias publicações, entre as quais o *Dicionário* de Inocêncio, haviam falado dela. Tão-pouco o era a figura do seu herói, tantas vezes enaltecida ao longo dos séculos, nomeadamente na célebre epopeia de Brás Garcia Mascarenhas, *Viriato Trágico*, que é anterior a esta.¹

Do autor das *Viriadas*, Isaac Samuda, também se conheciam dados significativos, para além dos já mencionados: bacharel em Artes, estuda Medicina na Universidade de Coimbra, e, devido à sua origem judaica, é forçado a exilar-se; chega a Londres nos primeiros anos do século XVIII; aí efetua a mudança de nome, como era de rigor, e começa a exercer a sua profissão junto da colónia portuguesa. Dentro de poucos anos é admitido em duas instituições britânicas de grande prestígio: o Real Colégio de Médicos e a Real Sociedade de Londres (na qual foi o primeiro judeu a ser recebido).

Estes e muitos outros dados, incluindo a multiplicidade dos interesses científicos de Samuda, são cuidadosamente analisados pelo autor desta edição, Manuel Curado, professor de Filosofia na Universidade do Minho – Braga. Assim, não deixa de pôr em relevo a presença dos ecos das epopeias clássicas, como a intervenção dos deuses, a paixão de Viriato por Ormia, que Tântalo, um dos guerreiros lusitanos, também pretende. Mas não esqueçamos que o poema está cheio da descrição de combates, da alegria dos banquetes, das exortações de Viriato aos seus companheiros de armas. Ao lado destes temas, surge a descrição de paisagens e monumentos (designadamente os de Évora), que põe em destaque a sensibilidade artística do poeta. Não menos evidente é o seu interesse pela Botânica, ao descrever com minúcia e saber as plantas e os seus frutos. São

¹ Da presença do herói lusitano na nossa literatura, designadamente entre os *Lustadas* e a *Mensagem*, tratámos já na nossa comunicação «Entre a história e a lenda: a figura de Viriato», na Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana, efetuada em Cascais em 2004 (atas publicadas em 2009).

igualmente significativos os seus conhecimentos na área da Física. Para o provar basta ler a estrofe 40 do canto VI, onde se descrevem as alterações do rosto de Ormia, ao ouvir a declaração de amor de Tântalo. Manuel Curado observa: “Ao descrever a alteração da cor do rosto de Ormia” ele a comparava “a um prisma newtoniano que decompõe a luz”. E, em nota, acrescenta ainda que Samuda fez mais duas alusões “ao prisma de Newton que decompõe a luz branca”. Do saber filosófico que permeia toda a obra nem se torna necessário fazer menção.

Samuda não viveu o suficiente para completar a sua longa epopeia. Na estância 58 do canto XIII, Viriato acaba de celebrar mais uma vitória e de se coroar com ramos de azinheira. As estrofes seguintes (58-108) são já da autoria do seu grande amigo Jacob de Castro Sarmiento, porquanto o tema se transformou na apologia de um Deus único e verdadeiro. É um velho sírio que dá essa longa explicação, que Viriato agradece na estância com que finda o poema.

O destino do texto das *Viríadas* passou por muitos acidentes até se recuperarem duas cópias – as únicas que se conhecem até à data – que surpreendentemente estão guardadas em bibliotecas da América do Norte: uma na Thomas Fisher Library, na Universidade de Toronto, outra no Jewish Theological Seminary, em Nova Iorque.

É nesses dois exemplares, portanto, que se baseia a presente edição crítica. A riqueza e profundidade do trabalho executado por Manuel Curado, além de acrescentar mais uma epopeia à nossa Literatura, é um estudo profundo e seguro das *Viríadas*. Nele se evidencia o rigor e experiência que caracterizam os estudos deste investigador e professor.

Maria Helena da Rocha Pereira
Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Na geografia ibérica, os mapas transformam-se por ação dos protagonistas da História coletiva e as populações (re)compõem comunidades sempre diferentes, (re)movidas pelo acaso e pela necessidade. À instabilidade da imagem telúrica e populacional nacional corresponderá uma hesitação cronológica e de factualidade: 1128 (batalha de S. Mamede), 1139 (batalha de Ourique), 1143 (tratado de Zamora), 1179 (bula *Manifestis Probatum*, do Papa Alexandre III, reconhecendo Portugal como país independente). Da espuma das ondas do tempo, da terra e dos homens, em vez dessa Vénus simbolizando o eterno feminino, configurou-se um Portugal viril, masculinizado pelos seus varões militares e marítimos.

Em ponto de fuga, as contradanças dos mitos buscam legitimá-lo e consagrar-lhe heráldica genealogia: entre o homérico Ulisses e o bíblico Túbal, mas também entre Viriato e D. Afonso Henriques, a tribo e a nação, a traição, a vitória militar e o milagre, a cruz e a espada...

Tudo isso é matéria épica convidando a “tuba canora e belicosa” que verta em canto a memória coletiva de modo a fazê-la desempenhar a função de “crónica do passado, /.../ história do presente, /.../ programa do futuro” (A. Garrett).

Na cultura do livro, tem de ser ele a exercer totémica função social: reunir em torno, oferecer-se como espelho em que se revejam (Garrett), (co)mover num sentido em que todos se reconheçam. E o seu autor é também o *arauto* de uma *mensagem* identitária mobilizadora (Camões, Garrett, Pessoa), heroicizado pelo verbo: “Canto”...

No início, as crónicas ensaiaram o registo da vida coletiva, mas ainda vinculada ao regime e a quem o corporizava: o Rei. Depois, as Histórias ampliaram o escopo de análise, organizando a transversalidade complexa da sua visão através da língua já disciplinada pela gramática (Fernão de Oliveira inaugurou ambos os géneros).¹ Por fim, é o discurso que se esteticiza na busca da *anima* coletiva: entretecido com o fio dos seus antecessores, tece penelopeano bordado onde todos se (ir)reconhecem entre os rostos, muitos de lendária expressão.

¹ Cf. a abundante bibliografia que José Eduardo Franco dedicou ao autor e ao tema da formação mítica do complexo identitário nacional.

Enfim, no grande painel da História coletiva, a epopeia desenha figuras reais, idealizadas e míticas, descreve cenários reais, mas também pintados pela fantasia, sopra de lenda os factos, evoca nas iluminuras da letra os modelos que a antecederam, consagrando sempre sinais anunciadores da que se seguirá.

No século XVI, cumprindo o ciclo imperial e expansionista, *Os Lusíadas* elegeram a viagem à Índia e Vasco da Gama o motivo e o protagonista da mais expressiva e simbólica modernidade da heráldica identitária do país que assumiu oferecer “novos mundos ao mundo”. Camões e D. Sebastião encerram o ciclo no gesto conclusivo: no campo de batalha africano e em Lisboa, após a leitura do livro que os (re)uniu, declara-se o óbito da Pátria, no garretiano Camões (“Pátria, ao menos/ Juntos morremos /.../ – E expirou coa Pátria”). Na coroa da Europa, fica a brilhar o diamante do verbo épico cujos brilho e fascínio transitarão para os olhos esmeraldinos de Joaninha dessa moderna *Odisseia* intitulada *Viagens na Minha Terra* (1846).

Depois, o olhar narrativo, da narrativa comunitária, afastar-se-á do líder aristocrata (os Cids corneilleanos e seus homólogos) para ver a ação nobilitante, fixando-se mais longe no guerreiro da tribo: *Viriato*, com o nome crescendo a partir do radical latino *vir* (homem, virilidade), consagrado em *virtus* (força da virtude, dever moral), e a personalidade marcada nessa gênese filológica e demonstrada na *arte da guerra* que desde Sun Tzu se celebra.

Assinalado n’*Os Lusíadas* (“Se vê que de homem forte os feitos teve, / Cuja fama ninguém virá que dome, / Pois a grande de Roma não se atreve”, *Os Lusíadas*, III, 22, 2-4), a traição que vitima Viriato tingi-lo-á de tragicidade com Brás Garcia de Mascarenhas (*Viriato Trágico*, publ. póst. 1699), mas o seu cajado de pastor fica suspenso na nossa imaginação como “cetro de Hespanha” (*Viriato Trágico*, I, 13:8): “Aquiles lusitano” (IX, 99:3) e “lusitano Marte” (X, 12:1), reconhece-lhe também marcante ação política.

No século XVIII, em *Viriadas*, de Isaac de Sequeira Samuda, obra concluída por Castro Sarmento, o guerreiro tribal enfrenta um poderoso império cuja civilização admira em defesa de uma Ibéria desejada pelos povos da Antiguidade que os deuses governavam, preparando céus e terra para um Deus mais elevado, unificador dos homens... Canto épico a duas vozes sobre um choque de culturas europeu em que se gerou Portugal, entrelaçando nos mitos a história dos humanos em políptico complexo em treze painéis do mundo antigo perdido no tempo...

Era o século aberto pelos Projetos *for a Royal Tithe* (1706), de Sébastien Le Prestre de Vauban (1633-1707), e *pour rendre la paix perpétuelle en Europe* (1712), de Charles-Irénée Castel De Saint-Pierre, potenciando condições para os objetivos

de ilustração das populações expressos nos manuais de divulgação das gramáticas (*Règles pour apprendre d'après les terminaisons les divers genres des noms*, 1708, *Instructions cretiennes mises en ortographe naturelle pour faciliter au peuple la lecture de la science du Salut*, 1715, de Gillet-Vaudelin, etc.), tudo sinalizando o ideário político reformador em gestação em tempo de atenção científica à importância do *pequeno* (*Eclaircissemens sur l'analyse des infiniment petits*, 1725, de Pierre Varignon): o Povo e os seus elementos conquistam o foco luminoso da História, poder simbólico sobre o seu destino... numa Europa que se vai observando como unidade feita de diversidade (*Europica varietas*, 1620, de Szepsi Csombor Márton)

Sobre a história também acidentada dos autores e do livro, leia-se a síntese da laboriosa investigação de Manuel Curado, que nos revela, na origem da escrita, outro também choque cultural justificando a diáspora portuguesa, incluindo Isaac de Sequeira Samuda: a intolerância religiosa. Também a Manuel Curado devemos o precioso trabalho de edição, fixação de texto e anotação que, séculos depois, nos oferece uma epopeia perdida, limpando-lhe o pó, aclarando-lhe o verbo, perscrutando-lhe a história da escrita e dos autores, perseguindo-lhe o rasto... até a podermos colocar na estante, privilegiados por podermos contar, na nossa Literatura, com mais uma épica reflexão sobre a identidade coletiva. No espelho das Letras, Portugal vai-se desenhando desde as vocalizações trovadorescas que a guerra e o mar inflaram, fazendo-as ceder ao canto tonitruante que decaiu com o ocaso do império até se fragmentar em *grito* (Sophia, Rui Nunes) que faz o trânsito entre os séculos XIX e o XX europeus (*Grito*, 1893, de Edvard Munch, que se repercute em *Guernica*, 1937, de Picasso)...

Urge deixar-vos com o volume que Manuel Curado salvou às vagas do tempo: das suas páginas, elevar-se-ão os nossos fantasmas, menos luminosos pela conjuntura mais atenta às premências do presente e aos medos do futuro, mas ainda capazes de nos transportar para a esfera de um imaginário de prodígios, onde o divino e o terreno se mesclam...

Salve, *Viríadas!*

Annabela Rita
Universidade de Lisboa

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO



(Página deixada propositadamente em branco)

I

UMA EPOPEIA INÉDITA

Estava a começar o século XVIII quando um jovem médico português embarcou num navio inglês com destino a Londres. Os portos portugueses viam passar nessa altura muitos navios ingleses, devido à assinatura do Tratado de Methuen. O médico chamava-se Isaac de Sequeira Samuda e fugia do seu país, perseguido pela Inquisição. Toda a sua família já tinha sido presa. Uma segunda condenação seria fatal. Só lhe restava, por conseguinte, partir. Samuda formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra e poderia ter contribuído para a cultura da sua terra. Não o fez porque tinha um problema: a sua religião era um crime para os poderosos do país. Chegado a Londres, exerceu a sua profissão junto dos exilados portugueses da cidade. Com a passagem dos anos, integrou duas instituições de grande prestígio, o Real Colégio de Médicos e a Real Sociedade de Londres. Foi o primeiro judeu a integrar esta última instituição científica e ainda hoje é lembrado devido a isso. Há sinais de que terá auxiliado muitos outros exilados portugueses que chegavam a Londres. Acolheu, em especial, um outro jovem médico que teria uma carreira célebre e que contribuiu para o Iluminismo português, fazendo propostas de renovação do ensino universitário, promovendo a tradução de livros de filósofos modernos e a divulgação da ciência newtoniana. O seu nome era Jacob de Castro Sarmiento.

Isaac Samuda morreu relativamente novo e sem descendência direta. O seu amor a Portugal nunca desapareceu. Entre os seus papéis manuscritos estava um poema épico extraordinário em que, irmanando os antigos Lusitanos aos Portugueses, contava a história heroica da luta de um povo pela liberdade e contra a tirania. Muitas descrições de paisagens que surgem no poema são claramente de terras portuguesas, como Évora e a planície alentejana. Esse poema épico tem o nome de *Viríadas* e não chegou a ser concluído por Samuda. O seu amigo que acompanhou muitos dos seus passos durante a vida, Castro Sarmiento, resolveu terminar essa epopeia. O seu trabalho consistiu em concluir o canto final, organizar o manuscrito e dedicá-lo a D. João V. O manuscrito que resultou desta colaboração nunca foi publicado até este momento. A presente edição coloca um ponto final numa história que terá começado na detenção pela Inquisição de Lisboa num dia quente de agosto de 1703, na sequência de um processo iniciado nas sombras em meados de maio desse ano. Foi nessa altura que a vida do jovem médico formado em Coimbra se alterou para sempre. Chocou contra o absurdo,

e essa é uma experiência decisiva para qualquer pessoa.

Estas são as pinceladas largas de um quadro que se irá mostrar de seguida. Todas estas pinceladas necessitam de esclarecimentos adicionais, porque nenhuma delas é imediatamente evidente. O que poderia ser mais evidente nesta história esquecida do Portugal rico e influente nos assuntos europeus do Século das Luzes não o é de facto. Os nomes dos jovens médicos escondem muitos enigmas porque, como era hábito na época, abandonaram os seus nomes portugueses ao chegarem à capital inglesa. Se o nome português de Castro Sarmento é bem conhecido (Henrique de Castro), o nome inicial de Samuda não o é de todo. Poderia ter sido o de Simão Lopes Samuda, como se defenderá a seguir. Poderia ter sido o de Manuel Samuda de Leão. Poderia ter sido outro.

Como é evidente, ninguém se daria ao incómodo de averiguar estas curiosidades do Portugal setecentista e de procurar informação sobre este capítulo esquecido do Iluminismo português, se não fosse a carreira prestigiosa dos dois médicos na ciência da época e, sobretudo, a descoberta do manuscrito das *Viríadas*. De facto, não é todos os dias que se descobre uma epopeia. Este tipo de obras literárias é raro, mesmo em países que têm uma grande riqueza de poetas épicos, como Portugal. Todos recordam e têm no coração o grande bardo Camões (1572). Os mais eruditos recordam também Bernarda Ferreira de Lacerda (1618, 1673), Gabriel Pereira de Castro (1636) e Brás Garcia Mascarenhas (1699).¹ Que uma obra desta natureza tenha sido escrita por dois médicos e cientistas é um feito digno de nota, porque não há memória de que alguma vez tivesse acontecido algo semelhante.

¹ A estes nomes é necessário acrescentar os de Pedro da Costa Perestrelo, cujas obras desapareceram, de Jerónimo Corte Real (1574, 1578, 1594), Luís Pereira Brandão (1588), Francisco de Andrade (1589), Bento Teixeira (1601), Francisco Rodrigues Lobo (1610), Vasco Mouzinho Quevedo de Castelo Branco (1611), Francisco Child Rolim de Moura (1623), Manuel Bocarro Francês (1624), Manuel Tomás (1625, 1635, 1659), Manuel de Galhegos (1628, 1635), Diogo Paiva de Andrada (1628), Francisco de Sá de Meneses (1634), Miguel da Silveira (1638), António de Sousa Macedo (1640), Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos (1667), André da Silva Mascarenhas (1671), Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos (1701, 1712), Manuel Botelho de Oliveira (1712), Francisco Xavier de Meneses (1741), José Xavier de Valadares e Sousa (1754), Domingos da Silva Teles (1759), José Basílio da Gama (1769), Cláudio Manuel da Costa (1773), José de Santa Rita Durão (1781), José Correia Pinto Alvim (1782), Teodoro de Almeida (1803), Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (1806), José Agostinho de Macedo (1809, 1811, 1813, 1814, 1830), António José Osório de Pina Leitão (1818), Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (1819), José Joaquim Figueiredo Saraiva (1823, 1910), Almeida Garrett (1825, 1826), Tomás Ribeiro (1862) e Teófilo Braga (1864, 1884). O século XX teve mais alguns poetas épicos. Ver Fidelino de Figueiredo, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, pp. 16-17, e Hernâni Cidade, «Épica», pp. 291-294.

Num resumo rápido do poema *Viríadas*, o que temos nós? Temos uma epopeia. Temos dois médicos, Isaac de Sequeira Samuda e Jacob de Castro Sarmento. Temos dois países: Samuda e Castro Sarmento fugiram de Portugal depois de terminarem os seus cursos de Medicina e foram para as Ilhas Britânicas, vivendo em Londres. Temos três religiões: o Judaísmo dos autores, o Cristianismo de Portugal e de Inglaterra, e o grande e infinito Paganismo que está na origem da Europa e que nunca desapareceu da vida europeia. Temos, sobretudo, um destino comum a estes dois homens que, sendo médicos portugueses, tiveram de abandonar o seu país devido à Inquisição, que foram para o mesmo exílio, que se dedicaram a estudos científicos, e que foram ambos membros de instituições prestigiosas como o Real Colégio de Médicos e a Real Sociedade de Londres. Como se esta comunidade de destino não bastasse, ainda os ligava um amor intelectual comum às letras greco-latinas, começando o primeiro a escrever uma epopeia notável, que a morte não deixou terminar, e acrescentando o segundo a essa epopeia inacabada algumas dezenas de estrofes, tentando, tanto quanto isso é possível, acabar um poema depois da morte do seu autor.

O poema épico do manuscrito não é antecedido de nenhuma nota introdutória. Apenas o frontispício transmite informação relevante. O poema é composto por 13 cantos com 1466 estâncias numeradas. A sequência numérica não está correta em dois casos, o que faz com que o número de estâncias do poema seja de 1464. Vários autores que apenas viram por alto o manuscrito sem o lerem efetivamente, desde Inocêncio Silva, registaram o número de estâncias como sendo de 1465, não reparando nos percalços da numeração. Para se ter uma noção do que significa este número de cantos e de estâncias, uma comparação rápida com duas outras epopeias portuguesas pode ser útil. *Os Lusíadas* têm 10 cantos e 1102 estâncias. A epopeia *Viriato Trágico*, de Brás Garcia Mascarenhas, tem 20 cantos e 2287 estâncias. Como as *Viríadas* não foram concluídas por Samuda, é possível que o número de cantos pudesse ter sido muito maior, permitindo o desenvolvimento de muitos temas que aparecem nos 13 cantos. Esta leitura não passa de uma conjectura improvável. O número de cantos que o poema tem pode ter sido precisamente o que sempre esteve na ideia de Samuda. Em linha com esta leitura alternativa, a iniciativa de Castro Sarmento de concluir o poema pode dever-se ao facto de ele saber, em conversa com Samuda, que as *Viríadas* deveriam ter o número de cantos que de facto acabaram por ter, e que faltaria muito pouco, em consequência, para realizar o objetivo do poeta inicial. Se Castro Sarmento ouvisse da boca de Samuda um plano narrativo para a obra que exigisse, por exemplo, 20 cantos, seria confrontado com duas questões. A primeira liga-se à dificuldade

em dar unidade a uma obra tão longa. Uma coisa é escrever algumas dezenas de estâncias para terminar um canto já iniciado; outra, muito diferente, é terminar todas as linhas narrativas já iniciadas e começar outras ainda. A segunda dificuldade liga-se à ética; se o número de cantos e de estâncias de Castro Sarmento se aproximasse, ou até mesmo ultrapassasse, o número de estâncias de Samuda, o direito de este ser reconhecido como autor do poema iria ficar comprometido. Haveria que responder, em consequência, a muitas questões éticas. Não parece que um médico vinculado a um código de conduta profissional pudesse ser o tipo de pessoa que compromete o direito do seu amigo a ser reconhecido como o autor das *Viriadas*. A isto há que acrescentar a questão das datas. O frontispício menciona que Castro Sarmento é sócio da Royal Society of London; em consequência, depois da morte de Samuda, que terá acontecido provavelmente em 1729, o poema só foi concluído pelo menos depois de Castro Sarmento ser sócio dessa agremiação, em fevereiro de 1730. Castro Sarmento faleceu em 1762, trinta anos depois de começar a ser sócio da Real Sociedad. Como se compreende, Castro Sarmento teve mais de trinta anos para completar o poema como entendesse. É verdade que as condições de vida de um exilado num ambiente hostil não eram propícias a que um médico perdesse muito do seu tempo em atividades literárias; mas também é verdade que Castro Sarmento se dedicou a outras obras literárias, como o elogio fúnebre do rabino David Neto (ou Nieto), tal como, aliás, também fez o próprio Samuda, já não falando das suas muitas obras de Medicina. O facto de apenas ter acrescentado algumas estâncias para terminar o fio narrativo do canto XIII deve, por conseguinte, ser interpretado como uma manifestação da vontade do autor original, Isaac Samuda.

A característica mais curiosa deste manuscrito é a anotação que surge após a oitava 57 do canto XIII: 'Até aqui o autor original'. A ilação a extrair é a de que as 51 estâncias finais foram escritas por Jacob de Castro Sarmento. Na ausência de outra documentação, é difícil interpretar esta situação. Muitas questões são pertinentes. Foram as 51 estâncias feitas de raiz por Castro Sarmento? Foi ele que completou com alguns versos estâncias ainda por terminar mas já iniciadas por Samuda? Teria Castro Sarmento conhecimento do plano geral de Samuda para terminar a sua epopeia, fazendo, em consequência, versos para realizar esse plano na medida do possível? Estas e muitas outras questões não podem ser respondidas devido à ausência completa de base documental. Não se sabe também por que razão Castro Sarmento resolveu terminar o poema do seu amigo. Teria sido por admiração pela epopeia tal como a encontrou, por amizade para com um médico amigo que o teria auxiliado quando chegou a Inglaterra e cujos passos seguiu

em muitas áreas da vida, como a entrada na Real Sociedade de Londres e o desempenho do lugar de médico da legação portuguesa na capital inglesa? Teria sido por misericórdia? Teria sido por interesse em dedicar uma epopeia a D. João V, conseguindo desse modo favores reais?

É provável que não existam documentos que permitam responder com segurança a estas questões. Seja como for, uma primeira edição das *Viríadas* era devida há muito tempo. Vejamos porquê.

(Página deixada propositadamente em branco)

II

AS VIRÍADAS

Qual é o assunto do poema épico de Samuda? Quais são os seus temas e as suas referências? Este poema é um paradoxo porque esperar-se-ia que, sendo o autor judeu e sendo também judeu o amigo que quis concluí-lo, estivesse aí exposta uma defesa da importância do Judaísmo para a história da Europa. Não há qualquer alusão a esse objetivo, nem nenhuma interpretação da história da Europa baseada nas Religiões do Livro. Por outro lado, sendo o assunto do poema o herói lusitano Viriato, que se notabilizou pela sua coragem em guerras contra os Romanos que tentavam anexar a Península Ibérica ao seu império, esperar-se-ia uma defesa das raízes pré-romanas da história da Europa. Nada disto acontece também. Pelo contrário, Samuda surpreende o leitor com uma defesa contraintuitiva das raízes greco-latinas da Europa. O seu herói é Viriato, e Viriato está em guerra sangrenta contra os Romanos. Apesar disto, Viriato está, pela mão de Samuda, completamente enamorado das conquistas civilizacionais de Roma e de Atenas. Em certo sentido, a guerra dele contra Roma é um pretexto para que Samuda reflita sobre a essência cultural da Europa, um pretexto magnífico certamente, porque exalta as virtudes humanas e militares do grande comandante de homens e povoa o seu desejo com as conquistas culturais do povo contra o qual combate.

Com a morte de Samuda, Jacob de Castro Sarmiento apenas procurou um ponto final minimamente razoável para o poema. O seu contributo é pequeno. Estão em causa cinquenta e uma estrofes num poema com quase mil e quinhentas. Também Castro Sarmiento encontra na vida de Viriato uma oportunidade para refletir sobre a essência da Europa. Se Isaac Samuda sublinhou os aspetos civilizacionais, Castro Sarmiento irá refletir sobre as crenças religiosas dos Europeus, um assunto muito importante porque nunca irá desaparecer. Para Castro Sarmiento, a Europa já teve muitos deuses e panteões, e ele próprio se dedica a fazer, a propósito das crenças no tempo de Viriato, uma lista longa desses deuses e demónios. Porém, a espantosa semelhança dos muitos panteões que já povoaram o coração dos crentes europeus, com deuses de nomes diferentes mas com funções semelhantes, é um indício de uma aspiração a um deus dos deuses, a um deus desconhecido que não se pode nomear e representar. Para ele, a história da Europa estará muito mal contada, se a procura desse deus último e verdadeiro não for colocada em primeiro plano. É com este pensamento magnífico e ecuménico que encerra o poema.

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO I

O herói começa por não ser nomeado. Samuda apresenta Viriato aos seus leitores através das suas ações. Esta falta de um nome que agarre os leitores deste a primeira oitava do poema não é circunstancial. Corresponde, como se vê pelo título, *Viríadas*, à perspetiva geral sobre Viriato. O poema não é sobre Viriato, mas a propósito de Viriato.

Como é comum em obras desta natureza, o poema inicia-se na manhã de um dia de primavera. A primeira indicação do nome de Viriato surge à terceira estrofe. As suas qualidades anímicas são salientadas, como a prudência, a coragem e a constância. Os seus objetivos são claramente indicados. A proteção da pátria e a luta pela liberdade política são os valores que norteiam a vida de Viriato. O lugar dos eventos é indicado. O chefe dos Lusitanos encontra-se no vale de Bemaré, próximo do mítico quartel-general no Monte de Vénus. O poema começa, precisamente, com a descrição dessa terra e do vale que a atravessa.

Samuda era médico. Como relembra o saudoso Rómulo de Carvalho, nos seus estudos sobre os portugueses que fizeram parte da Royal Society of London, Samuda dedicava-se também a transmitir à Real Sociedade notícias de eventos astronómicos que os Jesuítas portugueses conheciam através das suas redes de longo alcance que se estendiam de Lisboa e Roma até ao Paraguai e à China. Um médico com inclinações científicas como estas só poderia ser extremamente preciso nas descrições que aparecem na sua poesia. Assim sendo, Samuda não descreve apenas por alto o jardim europeu que era a Península Ibérica nessa época (século II a.C.), mas entra num detalhe botânico alucinante, descrevendo as cerejas, as gínjas, os damascos, as limas, as maçãs, as toranjas, as laranjas, as nespereiras, as figueiras, as amoras e os marmeleiros do vale de Bemaré. Esta lista inclui frutos que chegaram à Europa em épocas muito diferentes. Samuda, com a sua atenção ao detalhe, sabe isso muito bem. Porém, procura descrever algo que se poderia denominar uma ‘Europa perene’, uma terra sem tempo que reúne todos os contributos benéficos de cada uma das suas épocas. As laranjas, por exemplo, só chegariam às mesas europeias com os Árabes. Ainda hoje a expressão alemã para elas, *Apfelsinnen*, com o significado literal de maçãs da China, dá informação sobre a época histórica em que elas chegaram às mesas ocidentais. Samuda descreve uma idade de ouro que já inclui uma perfeição de um século que apenas aconteceria muito tempo depois em relação a Viriato.

A Ibéria de Samuda tem videiras e ulmeiros, loureiros e ciprestes. Este jardim perfeito é também decorado com a beleza preternatural das rosas. Esta é uma terra em que o vinho sempre esteve presente, o sumo ardente que alegra o coração e disturba a mente (I. 13.7-8). O poema é rico em descrições de banquetes para celebrar as vitórias militares lusitanas sobre os Romanos. O vinho, fruto da terra lusitana, está presente em todos eles. O loureiro também não é mencionado de forma casual. O louro era utilizado pelos Romanos na feitura de coroas de glória para os grandes heróis de momentos decisivos. O loureiro é, por conseguinte, um símbolo da excelência da terra lusitana e do desejo que os Romanos tinham por ela. Para Samuda, a conquista romana da Lusitânia será “uma glória mais prezada que ouro” (I.14.3).

As *Viríadas* procuram mostrar como a terra ibérica foi desejada por todos os povos do mundo antigo e como os vários povos peninsulares foram influentes nos assuntos de outras regiões do Mediterrâneo. A descrição botânica do vale de Bemaré representa simbolicamente as relações entre as diferentes partes do Mar Interior. As palmeiras do Norte de África estão também no vale de Bemaré (I.15), assim como a pérsea do Egito e a romázeira púnica.

Não há vida na Europa sem deuses a imiscuírem-se na vida das pessoas. Sabemos isso hoje e todos os grandes poetas do passado já o sabiam também. O herói que é, paradoxalmente, “grande pequenino” (I.18.1) padece dos tormentos do amor. O seu coração está dividido entre o amor que tem por uma deusa, Psique, e por uma humana, de nome Ormia. O grande general não é, no capítulo dos afetos, mais seguro do que qualquer outro homem. A deusa Vénus contempla do alto os tormentos emocionais do comandante de homens e compadece-se dele porque, ela própria, se sente dividida entre o afeto que tem por Viriato e o afeto que tem pelos Romanos. A deusa está, aliás, triste devido à saudade que tem pelo seu filho ausente e às preocupações que lhe causa a ação de Roma na Ibéria. O seu coração também está dividido entre o desejo que tem por Mavorte (Marte) e por Vulcano. Se os tormentos do amor são como um barco no meio de uma tempestade (I.20), os protagonistas das *Viríadas* são pequenos barcos no meio de grandes tempestades que os deuses fazem nascer na história humana. A desgraça de todos deve-se a que os próprios deuses estão também na tempestade. Vénus, senhora das trinta perfeições da beleza que faz nascer imeditamente o amor a todos que a veem (I.26), não é exceção aos desvarios do amor, nem à atração irresistível entre esse amor e a guerra, a fábrica da morte.

Preocupada, pois, com os assuntos da terra lusitana, Vénus desce do terceiro céu no seu carro de pombas em direção do Monte Idálio, na ilha de Chipre. O encontro entre Vénus e Cupido é uma ilustração do amor total, do amor mais

intenso que é possível no mundo, do amor entre uma mãe e o seu filho. Vénus, como todas as mães, repreende Cupido por a visitar muito pouco e por só mostrar alegria quando está na presença dela. Repreende-o também devido à sua ingratidão pelo amor que ela lhe tem e devido aos enganões que ele causa a muitas mulheres.

Na troca de palavras íntimas entre os deuses do amor, Vénus repara no ciúme que Cupido tem por Psique e recomenda-lhe que mude o seu génio, dando-lhe conselhos sábios sobre a forma de agir. A conversa entre ambos dirige-se para a beleza de Ormia, a donzela lusitana. Cupido é eloquente na descrição que faz, afirmando que Ormia é mais bela do que Helena de Troia. O maior elogio que se pode fazer à beleza de uma mulher é a sua capacidade de se fazer notada pelos deuses. Ormia não tem rival a esse respeito. Para Cupido, a donzela conseguiria que o próprio Zeus onipotente alterasse o seu comportamento, não ligando mais às outras figuras femininas com quem se uniu.

Uma beleza tão grande não deixa indiferente o deus do amor. Cupido confessa a sua mãe que lhe é totalmente impossível resistir à beleza de Ormia, e descreve-lhe a profundidade do seu amor. Em resposta a estas confissões, Vénus faz o elogio da constância do amor puro e denuncia asperamente o amor que deriva da beleza efémera. Em consequência, lembra a Cupido a reunião dos deuses que autorizou o seu casamento com Psique, mostrando-lhe que ele não tem qualquer possibilidade de justificar o repúdio da sua esposa. As emoções podem oscilar, mas o compromisso do matrimónio deve prevalecer. Vénus afirma que sempre procedeu com retidão para com Psique, apesar de a ter perseguido depois de ela ter queimado Cupido com uma vela mal segura.

Vénus intervém na Ibéria porque conhece as intenções da deusa Hera e o que esta fez contra Troia, contra o herói Eneias e contra Roma. Para Hera, Viriato deveria vir a ser um novo Aníbal que destrua definitivamente Roma (I.63). Como Vénus conhece o génio militar de Viriato, preocupa-se com o que possa vir a suceder aos Romanos. O dilema da deusa é, pois, terrível. O que poderá ela fazer para que os Romanos sobrevivam aos ataques das tropas de Viriato? O plano que a deusa apresenta a Cupido é o de retirar Viriato do campo de batalha para que os Romanos tenham alguma hipótese de sucesso. A receita de Vénus para a destruição do herói deriva do modelo homérico. Aquiles deixou de combater quando Agamémnon, o pastor de tropas, lhe retirou Briseida, de níveos braços. Se Ormia for retirada a Viriato, também este deixaria de combater ou, pelo menos, diminuiria o seu valor na guerra. Para Vénus, Juno (ou Hera Argiva) teme que Viriato se apaixone pela beleza de uma mulher romana e que, desse modo, não enfrente as legiões. Vénus apropria-se do plano geral da intenção de Hera e adequa-o aos seus intentos.

Para enfraquecer Viriato, planeia, juntamente com Cupido, retirar-lhe Ormia (I.67). Este plano baseia-se na verdade da inconstância do amor. Poder-se-á ver aqui também a utilização da ingratidão para abalar a força do guerreiro lusitano, um sinal da desventura futura de Viriato. Se alguém que é próximo de uma pessoa a abandona, ela fica sem vontade de viver. O plano é, pois, retirar a mulher amada de Viriato de modo a enfraquecê-lo, e, para o perturbar ainda mais, dá-la a um dos seus braços direitos na guerra, o comandante militar Tântalo, de modo a criar divisões entre os Lusitanos.

Vénus pede urgência a Cupido na execução deste plano. Porém, o jovem deus está indeciso e dividido. Cupido sabe que, se fizer Ormia amante de outro homem, terá Viriato como inimigo. Se um homem causa medo a um deus poderoso como Cupido, o seu valor só pode ser extraordinário. Recusa, pois, lançar um dos seus arpões de amor contra Ormia, não querendo ser acusado de crimes que não cometeu.

Vénus ouve com atenção as objeções de Cupido, mas teme a força da beleza de Ormia. Com muito tato, diz a Cupido que, de facto, seria terrível afastar Viriato de Ormia se este já a tivesse ferido de amor. Como isto ainda não aconteceu, Cupido deverá olhar para o assunto de um ponto de vista superior ao das circunstâncias, não deixando que o que é meramente provável seja impedimento para a ação efetiva. Vénus acaba por convencê-lo definitivamente dando-lhe exemplos de pessoas que superaram as adversidades em busca de uma glória maior. Vénus conclui a sua argumentação afirmando que acabarão por ter mais sucesso do que imaginam. Cupido acaba por garantir que cumprirá o que a sua mãe lhe solicita. Logo que Vénus ouve estas palavras de Cupido, parte no seu carro alado.

Esta é a trama geral da epopeia. Os deuses interferem nos assuntos humanos através das emoções. A luta pelo poder sobre a Península Ibérica é transfigurada por Samuda numa história sobre a vida amorosa dos generais lusitanos.

CANTO II

As *Viríadas* começam com um momento de pausa a meio de uma guerra longa. A guerra contra os Romanos já durava há muito tempo. Enquanto Vénus continua a projetar ações contra Viriato, este permanece no seu quartel-general fazendo a revista das tropas. Estes soldados lusitanos não eram, obviamente, portugueses. Porém, todo o poema está construído sobre a identificação dos Lusitanos com os Portugueses, uma identificação que teria o seu ponto alto cento e cinquenta anos depois da morte de Samuda, já no século XIX. Viriato é apresentado como o general da “brava soldadesca portuguesa” (II.2.1). Os Lusitanos são muitas vezes apresentados pelo narrador do poema como os “nossos” (II.57.7), ou “a nossa soldadesca” (II.59.5).

Uma boa ocasião para refletir sobre o curso do conflito é a reunião do conselho militar. Como um bom chefe, Viriato começa por apelar à união dos povos ibéricos contra os Romanos. Se os Lusitanos têm sido vitoriosos até ao momento a lutar sozinhos, as vitórias seriam ainda maiores com o apoio de todos os outros povos ibéricos. Logo de seguida, Viriato analisa o estado do conflito. Os Romanos sentem-se felizes porque interpretaram mal a retirada dos Lusitanos durante um confronto com o pretor Quíncio. Viriato atribui a culpa dessa retirada às tropas auxiliares do seu exército, presumivelmente constituídas por outros povos ibéricos aliados dos Lusitanos. Essas tropas seriam corajosas, se bem que pouco disciplinadas. Mantendo elevado o moral dos seus homens, Viriato não vê nessa retirada um sinal de fraqueza mas um movimento tático adequado à situação. Comentando um momento menos feliz das suas tropas, Viriato expõe, de facto, o seu pensamento estratégico sobre a guerra contra os Romanos. Mais à frente, no momento em que faz a genealogia mítica do Ocidente, Viriato encontrará na história dos Horácios a origem da técnica militar de divisão dos inimigos (II.43). Os povos têm técnicas de combate diferentes. O general romano Pompeio não deverá ver na retirada uma vitória mas a aplicação da técnica lusitana de cansaço do inimigo. A pretensa vitória romana foi só de faltas; os peitos lusitanos não estavam lá.

O conselho militar de Viriato reúne-se no templo de Vénus (II.4.2). Isto é surpreendente tendo em atenção o papel desta deusa nos assuntos ibéricos. A reunião no templo consagrado a esta deusa e o nome do local onde os Lusitanos estabelecem o seu quartel-general indiciam que a oposição de Vénus não seria

total e que a deusa teria alguma simpatia para com Viriato. Os chefes militares presentes na reunião são nomeados ostensivamente: Apuleio, Cúrio e Tântalo. Os chefes militares de povos aliados aos Lusitanos, como os Tícios, os Belos e os Vaceus, também são nomeados: Dictaleon, Aulaces e Minuro (II.4). Estes nomes têm uma lição preciosa. Não pode ser coincidência que os nomes dos comandantes militares mais próximos etnicamente de Viriato tenham nomes greco-latinos, e que apenas os nomes dos chefes militares de povos aliados tenham nomes ibéricos pré-romanos. Este é um sinal literário do modo como Samuda via a essência da Europa. Os heróis principais fazem parte do mundo clássico da Grécia e de Roma. Apesar de Samuda não mencionar *nunca* a morte de Viriato por traição de alguns dos seus comandantes militares, dá aos chefes dos povos aliados os nomes que a tradição historiográfica atribuiu aos traidores, desde os primeiros escritores romanos que se ocuparam das guerras ibéricas.

As palavras em discurso direto que Viriato dirige ao conselho não se ocupam apenas de assuntos militares. Pela boca de Viriato, Samuda transmite a sua visão da história e do papel do Ocidente na mesma. O discurso que Viriato faz aos seus comandantes militares é um documento importante para se compreender as origens míticas da Europa. Depois do apelo que Viriato faz aos seus chefes militares para lutarem pela unidade da Ibéria contra a Itália, recorda os antecessores valorosos na luta contra os Romanos, dando alento às suas tropas. Para Samuda, através da boca de Viriato, a origem dos povos ibéricos deriva de Tubal, neto do Noé bíblico e fundador mítico da cidade de Setúbal (II.9). Os povos ibéricos teriam migrado de uma outra Ibéria, a Ibéria do Cáucaso, nas terras da Geórgia e da Arménia, em que habitavam povos que teriam fugido da tirania de Nimrod (II.10). O Cáucaso é um símbolo de uma terra nova, de uma terra ainda virgem, de uma terra em que tudo pode ser fundado pela primeira vez depois do Dilúvio que tudo tinha destruído. Tubal recebe e orienta esses perseguidos do filho de Kush e dá-lhes um novo nome. Abandonam o seu nome original, Ioblos, e passam a ser Iberos (II.11). Como sinal de afeto para com esses povos, Tubal, o fundador mítico, dá também ao seu próprio filho o nome de Ibero (II.12). Depois da morte de Tubal, segue-se, já na nova terra do Ocidente, o governo sábio de Ibero. Este herói mítico da fundação de Portugal e desta parte da Europa era um génio da caça e da pesca, atividades económicas que estão na origem de todos os povos. A Ibero segue-se Iubalda. Este herói fundador notabiliza-se pelo conhecimento imprescindível das constelações do céu, para onde sempre se olhou, e onde os povos sempre viram histórias maiores do que a vida humana (II.16). Brigo sucede a Iubalda e torna-se o fundador das cidades e da vida civilizada, do mesmo modo que

tinham feito outros heróis civilizadores da Antiguidade, como Cénops e Inacho. Depois de explicar a origem dos povos e das formas de vida mais importantes, Viriato recorda aos seus chefes militares a origem dos nomes. Tago deu o nome ao rio Tejo, tal como Fénix deu o nome à Fenícia, Pelasgo à Pelágia e Hispano à Hispânia (II.19, 46-47). A menção da origem dos nomes é uma oportunidade para se refletir sobre a origem dos povos europeus, e é isto que Viriato faz, aludindo aos povos primordiais como os Aborígenes de Itália. Os Hispanos são considerados Citas parados, isto é, um povo que não é nómada e que está ligado à terra onde vive. Como é evidente, Samuda também poderia perguntar pela voz de Viriato de onde vêm esses povos. A alusão aos povos primordiais ou aborígenes é um modo de deter o inquérito e de responder ao problema dos fundamentos. Esses povos não vêm de sítio nenhum e sempre existiram no sítio em que vivem. Em última análise, esses povos nasceram da própria terra, como propunham muitos mitos da Antiguidade.² Eram, como Platão propõe no *Político*, autóctones. Mas, como Samuda é um poeta que aprecia as lendas antigas mas que aprecia ainda mais a verdade científica, a explicação do aparecimento dos primeiros povos é uma tarefa que o próprio poeta reconhece como difícil, porque «é confusa de origens a notícia» (II.66.8).

A Europa é para o médico Samuda uma terra que desde sempre lutou pelo valor abstrato da liberdade e contra todas as formas de tirania concreta. Gerião deixa a zona de Tarento, no sul da Península Itálica, e vem para a Lusitânia, acabando por se tornar tirano em toda a Ibéria. Gerião, senhor de Cádiz, é um contra-herói. Também ele é fundador, mas fundador de coisas censuráveis, como a tirania, o crime e o medo das populações. A genealogia mítica que Samuda oferece procura os fundamentos tanto do bem, quanto do mal. A guerra faz parte da vida e a sua origem tem também de ser explicada. A descendência de Tubal afirmou a sua identidade em lutas pela sobrevivência. Existem porque lutaram; têm valor porque venceram.

O discurso fundador de Viriato aos seus comandantes militares é, deste modo, o mapa para o percurso de qualquer pessoa culta da Europa. Sabe o que cria civilização e sabe o que deve evitar e combater. Samuda fala da Europa, bem entendido, de um pedaço privilegiado dela, o Ocidente, mas de facto está a expor a sua teoria filosófica sobre o que faz com que os seres humanos sejam humanos. Poder-se-ia perguntar sem ambiguidade o que é isso. A resposta que este poema épico dá é clara: os seres humanos são humanos quando lutam

² Ver, a este respeito, W. K. C. Guthrie, *In the Beginning: Some Greek Views on the Origins of Life and the Early State of Man* (London, Methuen, 1957).

contra o mal na terra, contra os vícios, os temores, os malefícios e a tirania. Samuda representa tudo isto através de figuras inumanas e bestiais, seres que ainda não ascenderam à vida estabelecida pelos heróis fundadores (II. 37).

O poema começa com a descrição do vale edílico de Bemaré e do forte de Viriato no Monte de Vénus. Dizendo de outro modo, começa por um jardim, começa por uma vida que poderia ser vivida constantemente em Arcádia, o Paraíso na terra. Porém, apesar deste início sem sombra que representa a vida perfeita, a genealogia mítica que Samuda estabelece para esta parte do Ocidente é a de um combate constante contra as figuras do inumano: luta de Oro contra Tífon e Anteu (II. 40), contra os Geriões (II.41), a luta do líbio Oro contra os Lomínios (II.42), luta de Oro contra Mésio, luta entre os Curiácios da Ibéria e os Horácios de Oro, que os vencem (II. 45), a luta contra os Lestrigões (*ibid.*), etc.

É neste contexto de combates com uma história muito antiga que se insere a guerra ibérica entre os Lusitanos e os Romanos. Samuda recusa a teoria da invasão. Estavam os Lusitanos dedicados aos seus assuntos e os malvados Romanos teriam invadido a terra que não era deles. A Lusitânia não é uma parte menor da Europa, muito pelo contrário. Depois da morte do herói Oro, sepultado no Sacro Promontório, aconteceu um conflito entre Héspero e Atlante, o seu irmão mais velho. Héspero era um rei generoso, se bem que mal amado pelo povo. Atlante, em sua defesa, invoca a sua idade. Este episódio fundador da lei da sucessão dinástica relata como Héspero passa para Itália e acaba por governar a Etrúria, que passa a chamar-se Hespéria. Sinal da força do Ocidente em relação à Itália, Atlante resolve combater Héspero na sua nova terra, e assim teria acontecido se não fora uma tempestade no mar a impedir o desembarque.

Na genealogia mítica de Samuda, o herói fundador Kitim casa com Electra na Hespéria e a terra chamada Ausónia muda o seu nome para Itália. Kitim funda uma cidade no monte Aventino e a sua filha Roma funda outra no Palatino. Para Samuda, o Ocidente tem mais atividade civilizadora do que qualquer outra parte da Europa. Reside aqui, aliás, uma das fontes da força do combate dos Lusitanos contra os Romanos. Se os Ibéricos deram o nome a Roma, então podem vencê-la. «Demonstremos-lhe, pois, de peito forte / Que se lhes demos nome, damos corte» (II.60.7-8). A Lusitânia é apresentada como a tutora de Roma (II.63.1) e como uma construção ibérica (II.59). Mais, a divindade secreta dos Romanos, o seu primeiro rei, a quem invocam em momentos de necessidade, é de origem lusitana. A memória histórica de que os Ibéricos já venceram os Itálicos na sua própria terra parece ser suficiente para afastar definitivamente o temor de que o futuro seja diferente. Um dos

argumentos de Viriato a favor da vitória sobre os Romanos expressa-se na sua pergunta «Por que em nossas terras receamos / Aos mesmos que nas suas subjugamos?» (II.70.7-8). O que diz Viriato aos seus comandantes? Isto, que é surpreendente: não receamos os Romanos porque se lembrarão do sangue lusitano (II.64). Porém, como a genealogia mítica de Samuda inclui a luz e as sombras do processo histórico, a certeza de Viriato de que os fundadores serão sempre vitoriosos é assombrada pelo pensamento maligno de que os que foram criados podem vir a dominar os criadores. O Bardo desabafa atormentado, desejando que «Nunca adverso o fado atroz destine / Que a mesma que fundámos nos domine» (II.59.7-8).

A sucessão de nomes de antepassados é vastíssima. Viriato deseja marcar fundo a ideia de que os Lusitanos já estão há muito tempo na sua terra e que já sofreram muitas adversidades. A guerra contra os Romanos é um pequeno evento de uma cadeia longa de lutas pela liberdade e contra a tirania. Os nomes sucedem-se, pois, vertiginosamente. A Kitim sucede Sic Oro, e, depois deste, Sic Ano. Sic Celeu sucede-lhe. Este rei toma parte num conflito dinástico na Tirrénia que opunha os filhos do rei Camboblasco. Sic Celeu chega a Itália para impor a lei da sucessão dinástica, apoiando o partido do filho mais velho, Jasio. O outro filho, Dárdano, acaba por se mostrar submisso a Sic Celeu e este regressa à Ibéria. Dárdano falta à palavra dada e mata Jasio, procurando auxílio junto dos povos aborígenes. Apesar do grande exército que reúne, Dárdano perde contra a força hispana que o enfrenta, e foge para a Samotrácia. Depois de destroçar os Aborígenes que apoiaram Dárdano, Sic Celeu entroniza Coribanto, o filho de Jasio. A Sic Celeu sucede Luso (II.77). A origem do nome dos Lusitanos reside neste rei. Luso deixa a Itália e regressa à Ibéria, dedicando-se ao culto e à fundação de cidades.

Samuda recusa a ideia de que os Lusitanos são apenas mais um povo dos muitos que habitavam a Ibéria. Para ele, os Lusitanos foram sempre melhores do que os outros povos. São vários os indícios desta leitura da história. O rei Sic Celeu realizou uma ação disciplinadora junto dos Montanheses. Paralelamente ao poder militar, a qualidade e o luxo da corte de Luso provocavam inveja nas outras províncias. No tempo do sucessor de Luso, o seu filho Sic Ulo, os Lusitanos assumem o papel de «contínuos protetores» de outros povos (II.80.7). Um aspeto importante desta representação dos Lusitanos é o facto de eles conciliarem o melhor de dois mundos. Por um lado, a sucessão longa de heróis fundadores e de rei civilizadores transmite a ideia de que os Lusitanos são tão antigos quanto os mais velhos povos aborígenes da Europa, como os Pelágios. Por outro lado, os Lusitanos parecem ser uma realidade étnica

e política nova que luta para se impor aos povos aborígenes. Estes reúnem-se, aliás, num numeroso exército para se revoltarem contra o poder lusitano (II.82). Mais uma vez, um rei lusitano tem de ir até Itália combater. Sic Ulo vai para Itália acabar com a rebelião aborígene e acaba por enfrentar Roma. Viriato projeta em Sic Ulo o gosto de combater os Romanos na sua própria terra. O poder lusitano é vitorioso em todas as frentes, a dos povos mais velhos, como os Aborígenes, e a dos novos poderes emergentes, como os Romanos. Esta vitória é amplificada num combate contra povos fabulosos, como os Ciclopes, os Arimaspos e os Lestrigões. Sic Ulo a todos derrota e todos fogem perante o seu avanço. A mensagem não podia ser mais clara: não há poder no mundo que vença o génio dos Lusitanos. Samuda desenha a perenidade dessas vitórias passadas. Viriato não se contenta com a narrativa destes feitos militares. Depois da vitória, Sic Ulo fortifica algumas praças da Itália e o seu nome é dado a um dos povos itálicos, os Sículos da Sicília.

Enquanto isto, na Península Ibérica os Béticos são governados por Testa. Romo sucede a Testa até que chega à Ibéria o filho de Sémele, Baco. Este Leneu aprecia a valentia lusitana e sabe que só poderá vencê-la com ardis. Com este pensamento, envia aos Lusitanos um bom orador, da qualidade de um Lísias, para os persuadir. Este orador semelhante a Lísias passa por ser a reencarnação de Luso, segundo a doutrina pitagórica. O Conselho Lusitano divide-se perante o engano de Leneu, defendendo uns e recusando outros que esse orador seja a reencarnação de Luso. Leneu, um dos muitos nomes do deus Dioniso, volta para Itália deixando no trono lusitano esse orador da qualidade de Lísias. A mensagem de Viriato aos seus comandantes militares é clara neste ponto. Apenas um deus pode vencer os Lusitanos, mas, para que isso aconteça, até os deuses têm de recorrer a logros.

Depois da morte do usurpador Lísias, sucede-lhe o regente Licínio, a quem sucede Palatuo, filho de Romo. Caco, que considera que tem direito ao trono, opõe-se a Palatuo. Com ludíbrios, Caco consegue o apoio de Alcides e de tropas estrangeiras. O herdeiro legítimo do trono consegue, porém, o auxílio dos próprios Argonautas gregos porque se trata de um caso de violação da lei de sucessão dinástica. Os Gregos afirmam que a sua ajuda não adiantaria de muito, tendo em atenção a valia dos Lusitanos (II.104). Convencidos os Argonautas, Palatuo avança contra Caco, vencendo-o completamente. Licínio, apoiante de Caco, foge do campo de batalha, mas acaba por morrer. Palatuo volta ao trono e a Ibéria respira de felicidade.

Depois de Palatuo seguiu-se Eritreio, e, depois deste, sucede-lhe Melícola. A Ibéria aceita totalmente este rei, não existindo resistências locais à sua

soberania. Samuda, pela voz de Viriato, parece dar aqui voz à ideia de uma Ibéria unificada, uma terra vasta governada por um só poder. Melícola, um montanhês rude que se transformou num rei terno e amado, é também um exemplo perfeito do que pode a educação durante a infância. O elogio do montanhês que vem a ser um rei apreciado pelo seu povo é uma ocasião para afirmar a verdade antiga de que a arte complementa a natureza.

De entre os vários povos mediterrânicos que se interessaram pela Ibéria, os Gregos são dos mais importantes devido à sua ação civilizadora. Já se encontraram no discurso de Viriato sinais de contactos com esse povo, sinais lisonjeiros do apreço que Samuda tinha por ele, como o interesse do deus do vinho pela Ibéria, o recurso ao exemplo da eloquência do orador Lísias durante um logro, e o auxílio dos Argonautas. Porém, como sempre, Samuda não se esquece de mencionar as sombras depois de fazer o elogio da luz. Górgoris, rei da Ítaca, navega até à Ibéria e entra pelo Tejo. Estabelecendo-se no território, conduz as tropas lusitanas contra Ulisses. Este guerreiro afamado pelas suas artimanhas, o modelo homérico da inteligência prática, prefere falar em vez de guerrear. Górgoris, depois de ficar convencido, permite a Ulisses murar uma cidade que viria a ser Lisboa. A ação civilizadora de Ulisses manifestou-se também na plantação de árvores de fruto à beira do Tejo. Diomedes, um outro herói homérico, entra pelo rio Minho e funda a cidade de Tude dos Gruios. Na foz do Douro, Diomedes, o domador de cavalos, funda Porto Graio, a localidade que daria no futuro muito remoto o nome a Portugal. Télamon, um outro herói dos Cantos Homéricos, também visita a Ibéria, desenvolvendo uma ação civilizadora junto dos Ártabros. Também Menesteu passa pela Hispânia, vindo da guerra de Troia. Por seu lado, os Troianos fugitivos passaram para Itália e reclamam a honra da fundação de Roma, esquecendo-se do papel anterior que os Lusitanos tiveram nesse processo. Como se vê por estes contactos com heróis gregos, Samuda cria uma narrativa em que a Ibéria é enriquecida com o contributo de personalidades gregas.

A Górgoris sucede Abidis, fundador de cidades, em especial da cidade de Scalabis, a futura Santarém. Este período da história lusitana é usado por Viriato no seu discurso para enfatizar os dois grandes fatores que motivam um povo e que o conduzem à ação. Para Viriato, esses fatores são a fome e o desejo de liberdade. O povo lusitano teve de migrar devido à fome, e também por esse motivo os Celtas vindos da Gália estabeleceram-se além do Tejo. Viriato nomeia ostensivamente as vinte tribos celtas que entraram na Hispânia, num movimento geral desse povo para Sul. Este momento do discurso de Viriato dá conta do sofrimento dos povos e dos motivos que os levam à guerra. Como

a dor é grande e a guerra é velha, Viriato apela à união dos Celtiberos com os Lusitanos na luta contra os Romanos.

A proximidade cultural entre os povos europeus é tão grande que, em certo sentido, as guerras que atormentam a Europa são anomalias inexplicáveis. O poema épico *Viríadas* é eloquente em dois registos. Por um lado, descreve conflitos intermináveis entre os povos da Europa desde os tempos dos heróis fundadores que se perdem na aurora da história; por outro lado, mostra como os antagonistas estão enamorados uns dos outros. Viriato combate aguerridamente os Romanos e tem tudo para os odiar devido aos massacres de Sérvio Galba de populações lusitanas não armadas. Porém, quando Viriato passeia em momentos em que não está a combater, entra nos templos romanos que já existiam na Ibéria e deslumbra-se com a arte e com as tradições religiosas que eles revelam. O discurso que dirige aos seus chefes militares dá-lhes uma identidade histórica e uma razão para combater. Viriato não é para Samuda apenas um comandante de tropas, mas um político com visão. A sua biografia poderia resumir-se à história de uma vingança por ter assistido ao massacre de populações lusitanas indefesas por parte de Romanos. Samuda amplifica esta biografia minimalista que teve origem nos autores clássicos. Viriato é o chefe de um povo que sabe de onde vem, sabe por que razão está a combater e sabe o que quer alcançar.

CANTO III

O Canto III é composto na íntegra pela segunda parte do discurso de Viriato aos seus comandantes militares. A informação que transmite é rica para se compreender o movimento dos povos mediterrânicos nessa época. Os Sírios vêm à Ibéria buscar ouro, passando pelas cidades fenícias de Sor e de Sídon. Os Sírios são para Viriato os intermediários entre o Ocidente e a Ásia, trocando ouro por tecidos. O papel que desempenham na Ibéria não é agradável. Viriato denuncia que os Sírios obrigam os Béticos a cavar as minas. Estes acabam por se revoltar devido ao desespero. Os Sírios fogem para Gadir (Cádiz) até terem forças para lutar contra a coligação dos Béticos com os Celtiberos. Para enfrentar esta coligação de povos, os Sírios aliam-se aos Atenienses. Por sua vez, os Lusitanos coligam-se com os Celtas e expulsam os Sírio-Fenícios. Viriato é sutil neste ponto da sua reconstrução histórica. A vitória poderia ser total; só não o foi devido às diferenças religiosas que existiam na coligação lusitana.

O quadro geo-estratégico da época é descrito com detalhe. Os Celtas acabam por se retirar e Argantónio, rei dos Tartéssios, faz as pazes com os Fenícios, que, desse modo, voltam à Ibéria. Do lado do Levante, o poderoso Nabucodonosor sitia Tiro sem grandes resultados. Do lado do Ocidente, uma aliança dos Gaditanos, Béticos e Lusitanos vence os Babilónios que se instalaram na Ibéria. Os Assírio-Babilónios acabam por conquistar Tiro e apropriam-se dos enclaves comerciais fenícios. Nabuzardan, comandante babilónio, ataca a Tarraconense, na Ibéria. Os Babilónios atacam Gades, no Sul. Esta cidade cairia se não fosse o auxílio dos Lusitanos. O poder bélico dos invasores é muito grande e apenas uma união dos Celtas com os Turdetanos e com os Lusitanos permitiu resistir aos Babilónios de Nabucodonosor até que estes acabam por partir. Viriato ainda menciona episódios da guerra contra os Fenícios, retratando a inconstância dos assuntos políticos. Estes não aceitaram pagar o resgate exigido pelos Lusitanos. No conflito que opôs os Turdetanos aos Fenícios, as vilas abertas foram rapidamente transformadas em praças fortificadas.

Este adversário poderoso que veio do Levante e da Mesopotâmia revelou, para Viriato, a bravura excepcional dos Transtaganos lusitanos e a necessidade de os povos ibéricos se unirem. Este apelo reiterado à união prepara os ouvintes do Conselho Militar para a descrição de adversários mais perigosos do que

os Babilónios, porque mais próximos da Ibéria. A guerra entre a Hispânia e o Norte de África é decisiva por muitas razões. Os adversários são valerosos e, sobretudo, esses adversários têm um inimigo comum com os Lusitanos. Os Cartagineses também estão em guerra contra Roma. Este inimigo comum poderia fazer pensar numa aliança imediata entre os povos de ambos os lados do Estreito. Porém, Viriato lembra aos seus comandantes que os Púnicos, também conhecidos por Penos, têm interesses próprios, interesses que não coincidem com os interesses lusitanos. Os Penos de Cartago, comandados por Mezorbal, entram pela Hispânia. Báucio Capeto, chefe dos Turdetanos, vence os Africanos. Porém, os Penos conquistam Gades aos Fenícios e conseguem enganar os Turdetanos e os Macistanos. Noutra parte do Mediterrâneo, os Cartagineses atacam a Sicília com o auxílio dos Persas, acabando por ser derrotados em Himera. Aí morrem Himilcon e Amílcar.

Para mostrar a complexidade política do Mediterrâneo da época, Viriato alude ao auxílio que os povos ibéricos prestaram aos inimigos cartagineses quando estes foram atacados por povos mauritanos. Safo, comandante dos Cartagineses que permaneciam em Gades (Cádiz), implora socorro aos Transtaganos. Muitos povos correm em auxílio dos Cartagineses quando estes são atacados pelos Mauritanos e por outros povos. Os Lusitanos venceram completamente o exército norte-africano e este episódio é utilizado por Viriato para transmitir aos seus homens um novo alento. Afinal, pergunta ele, «se na terra estranha império demos, em nossa mesma pátria o que tememos?» (III.31.7-8).

A colaboração surpreendente dos Lusitanos com os Cartagineses deve ser analisada nos seus aspetos não militares. Samuda parece valorizar o contributo civilizacional que os Cartagineses deram à Ibéria. No tempo em que Safo era o comandante de Gades, dois lusitanos começam a mostrar curiosidade pela arte da navegação em que eram mestres os Cartagineses. Está aqui indubitavelmente uma das origens do domínio que os Portugueses haveriam de ter nas Descobertas. O cartaginês Hanon deixa de procurar Himilcon, falecido em Himera, e dedica-se a explorar a costa ocidental da Lusitânia. Para Samuda, teria sido nesta época que as cidades de Braga, no Norte, e de Lagos, no Sul, foram fundadas por obra cartaginesa (III.33).

Cartago tinha um grande poder na época e a sua ingerência nos assuntos ibéricos foi constante. Viriato alude à participação cartaginesa em muitos conflitos regionais que opuseram os povos ibéricos. Os Béticos, auxiliados pelos Penos, travaram uma nova guerra contra os Turdetanos no tempo em que os comandantes cartagineses de Gades eram os três primos Safo, Giscon e Aníbal.

Este último morre na batalha. Magon, rei das distantes Ilhas Baleares, ainda pensa intervir no conflito do Sul, mas muda de ideias. Nessa época estala uma nova guerra entre os Sárrios e os Celtas. Os Turdetanos, receosos do poder militar dos Penos de Cartago, anexam terras da Lusitânia. Por sua vez, os Lusitanos socorrem os Celtas na sua guerra contra os Sárrios.

Se Cartago participava em muitos conflitos regionais porque era uma potência que disputava o controlo total do Mediterrâneo, a memória entusiasmada de Viriato relembra a participação lusitana em conflitos fora das suas fronteiras. No tempo da guerra do Peloponeso, os Siracusanos pediram auxílio aos Cartagineses. No exército que Aníbal envia para os auxiliar incluem-se três mil lusitanos e parte da vitória deveu-se a eles. O mesmo aconteceu na guerra de Dioniso de Siracusa contra Cenépolis. Cartago envia reforços em que se incluíam «os nossos bravos Celtas» (III.46.4).

A participação dos Cartagineses nos assuntos ibéricos e dos Lusitanos nos assuntos mediterrânicos explica que Viriato dedique muito tempo ao conflito entre Cartago e Roma. A Península Ibérica foi um dos palcos principais desse conflito e, como o adversário era o mesmo, os Lusitanos participaram no esforço militar cartaginês depois de Aníbal pedir ajuda contra os Romanos. Como o cerco a Sagunto mostrou mais uma vez a crueldade dos exércitos romanos, Viriato faz um apelo nacionalista à guerra contra Roma, gritando «Lembremos Galba!» (III.52). Na passagem épica das tropas e dos elefantes de Aníbal pelos Pirenéus e pelos Alpes, os soldados lusitanos auxiliam no combate contra algumas tribos gaulesas e a garantir o apoio de outras. Depois da descida dos Alpes, a entrada de Aníbal na Itália causou um grande temor. Nas palavras de Viriato, os Lusitanos participaram em todas essas batalhas e foram decisivos para assegurar a vitória. A participação mais importante aconteceu na grande batalha de Canas em que o próprio Viriato participou: «Viriato com veloz cavalaria / Volante pelejando não descansa, / A Servílio que bravo combatia / Trespasa o peito com pungente lança» (III.64.1-4).

A história humana, porém, é mais volúvel do que uma mulher na sua idade interessante. A sorte não é constante. Viriato dá aos seus ouvintes notícia desses revezes. Na frente da guerra púnica, Cipião começa por ser vitorioso frente a Asdrúbal, mas os Cartagineses conseguem de novo um período de vitórias, até que Roma desencadeia um contra-ataque que culminaria na Batalha de Zama e no fim de Cartago. Na frente da guerra ibérica, os Ilergetes revoltam-se contra os Romanos, mas os seus reis nada conseguem. Viriato alude à traição de que eles foram vítimas, sem saber que ele próprio teria destino idêntico: «Contra inumana fúria de traidores / Nunca, inda os mais valentes, resistiram»

(III.73.5-6). Também os Iberos se revoltam contra os Romanos, e Censorino, que foi um cônsul vitorioso na Grécia, teme avançar contra os Lusitanos.

Viriato começa a descrever a guerra do seu próprio povo contra os comandantes romanos Marco Manílio, Lúcio Múmio, Nobilior, Atílio, Lúcio Licínio Lúculo e Sérvio Galba. A Ibérica estava a ferro e fogo com os levantamentos de muitos povos contra Roma. Viriato destaca a luta contra os Bracarenses e contra os Blastofenícios. Esta é a época em que o comandante dos Lusitanos era Cauceno (Canqueno). Este natural de Olissipo avança para Sul e conquista Conistorgis. Viriato faz neste momento do seu discurso uma exceção ao elogio constante dos Lusitanos, antecipando a descrição dos eventos que conduziram à matança de Galba. censura-lhes a arrogância (III.82.2) e a fúria brava (III.82.49); na avaliação de uma ação militar mal preparada, denuncia o «brio sem governo» (III.86.5); pior do que tudo, repreende-os devido à falta de união. Alguns Lusitanos, acreditando que a sua terra estava segura, foram para África. As atrocidades romanas fazem com que Cauceno regresse da Mauritânia (III.91) e intimide os Romanos.

O conflito contra Galba é descrito com grande detalhe porque deve-se a ele a convicção lusitana de que os Romanos são adversários totais, dispostos a perpetrarem os atos mais cruéis para dominar o território ibérico, nomeadamente o massacre de populações indefesas e a violação das normas tácitas dos conflitos militares da época, como combater antes da primavera. Viriato aparta claramente toda a história dos conflitos militares contra Roma do ludíbrio criminoso de Sérvio Galba. A crueldade atingiu um nível tão elevado que já não se trata de mais um evento numa série de escaramuças regionais. Viriato deixa de recorrer à memória para passar a apelar à reflexão sobre a verdadeira natureza do povo romano. Não se trata de uma falácia de generalização apressada a partir de um caso isolado, mas de uma tentativa de compreensão da atuação de um povo que tem exércitos que realizam atos que são «triste história, / Que inda um bruto Ciclope achara fera» (III. 95.5). O paradoxo romano reside na associação da excelência e da crueldade, uma associação que causa perplexidade porque de uma não se esperaria a outra. Viriato é eloquente nessa reflexão: «Quem julgara que Roma em tal grandeza, / Cometera tão bárbara vileza?» (III.99.7-8).

Em certo sentido, Samuda equaciona pela boca de Viriato o problema da essência do Ocidente. Também um bruto Ciclope acharia cruel que o país que promoveu as Descobertas, que segue os passos de Cristo e que tem uma elite humanística que causa inveja a toda a Europa, tenha também autos de fé para queimar os seus pensadores mais notáveis e os seus cidadãos com a religião

errada. A pergunta incômoda de Viriato poderia, pois, ser reiterada a propósito de Portugal. Talvez Samuda já suspeitasse que também poderia ser reiterada a propósito da própria Europa nos séculos que teria pela frente. A Alemanha nazi era talvez o país europeu com o nível civilizacional mais elevado da sua época; os crimes que cometeu sem desculpa também fariam empalidecer o mais bruto dos Ciclopes.

Galba, conseguindo escapar depois de perder contra os Lusitanos, consegue convencê-los com um ludíbrio. Este povo e muitos outros, como os Numantinos, os Arevacos e os Títios, confiam em Galba. O resultado desta confiança é trágico. Nove mil Lusitanos são massacrados a sangue frio. Viriato é eloquente na descrição do que se passou. A sua memória não esquece o que viu: o desespero dos moribundos, a violação das mulheres lusitanas pelos soldados romanos, a esposa morta ao lado do seu marido, a mãe assassinada ao lado da sua filha, uma mãe é morta com o seu bebé por um soldado romano, um avô idoso cobre o corpo do seu neto menino enquanto o pai deste chora. Viriato conta aos seus comandantes como este pai pediu ao soldado romano que o matasse porque ele, ao perder o seu filho, também perdeu a sua vida. O soldado riu-se do velho e tenta matá-lo, mas o velho moribundo ainda consegue matar o soldado.

O narrador apercebe-se da dureza da história humana quando descreve como jazem lado a lado o velho lusitano e o soldado romano, correndo o sangue de ambos para a terra pela qual lutaram. O silêncio das divindades locais perante o desespero dos moribundos é eloquente, tal como é eloquente a resistência inútil dos namorados lusitanos ao verem as suas mulheres violadas pelos Romanos. Os deuses não servem para nada numa terra que de facto só adora a morte e o sexo, de preferência unidos numa guerra violenta. Viriato afirma que não teme Roma mas que treme com aquilo que conta aos seus companheiros (III.114).

Este é o ponto alto e a parte final do que Viriato tem a dizer aos seus comandantes. Viriato não escolhe uma importante vitória militar para incentivar os seus homens a lutar por vitórias futuras e a acabar com a presença romana na Ibéria; não escolhe também uma derrota exclusivamente militar, em que a sede de vingança pelas armas poderia alimentar o desejo de vingança. Viriato escolhe um ato injusto e cruel contra uma população não militar. Depois de um massacre de inocentes, nada mais há a dizer.

A descrição do massacre está baseada em testemunhos diretos do evento. Algumas pessoas lusitanas conseguiram fugir ao massacre, escondendo-se entre os rochedos, e foram testemunhas diretas que contaram apenas o que viram.

Quando regressaram ao campo do morticínio, veem todos mortos porque «um vivo em tanta gente não se via» (III.116.7). As palavras dos poucos sobreviventes espalham-se pelos povoados lusitanos e incendeiam o desejo de vingança. Iniciam-se os juramentos de guerra total contra Roma.

A vingança lusitana começa na Carpetânia com uma política de terra queimada e arrasada. Com o regresso a casa dos primeiros que transportavam os despojos da vingança, pronunciam-se junto dos altares os votos de continuação da guerra. Os rituais propiciatórios são cruéis, mas revelam o estado de espírito de uma população a sofrer e atormentada pelo desejo de vingança. A mão direita de um cativo romano é cortada e lançada ao lume do deus Mavorte. As entranhas de um cativo são analisadas pelos sacerdotes, assim como faziam com as entranhas dos animais. Um cavalo é também imolado. Os arúspices felicitam os Lusitanos pelo futuro que irão viver: «Foi-nos sucesso alegre prometido / Pelo futuro parabéns nos deram» (III.123.3-4). Viriato nada diz aos seus companheiros sobre o modo como essa previsão foi conseguida, se pelo cavalo imolado, se pela mão direita do soldado romano, se pela análise das entranhas de um romano. Todo o ritual se baseia no desejo de vingança, e é isso que todos os presentes juram, colocando as mãos no peito do cavalo e do cativo romano: «Nos peitos do cavalo e do cativo, / Já num, já noutro, dentro as mãos metemos, / Contra alta Roma alento incompassivo / Pelos Manes dos mortos prometemos: / Toca o vingar defunto a qualquer vivo» (III.124.1-5).

Assim termina o discurso de Viriato. Nada mais, nada menos é preciso dizer, porque está a falar para pessoas que conhecem os factos.

É necessário voltar atrás, porém, para refletir sobre um detalhe importante. A batalha de Canas aconteceu durante a Segunda Guerra Púnica, a 2 de agosto de 216 a.C. É um dado histórico confirmado que Aníbal tinha importantes tropas hispânicas, nomeadamente na cavalaria, arte militar em que os Lusitanos sempre foram exímios. O massacre de Galba aconteceu em 150 a.C. e Viriato foi um dos sobreviventes. Este massacre terá estado seguramente na origem da sua fúria contra os Romanos e terá sido devido a isso que acabou por chegar a chefe dos Lusitanos em 147 a.C. Como se compreende, para Viriato ter estado em Canas, teria de ser um guerreiro na força da idade; é improvável que fosse muito jovem ou muito idoso. Se a estes vinte ou trinta anos se juntarem as sete décadas que apartam essa batalha da sua ascensão ao poder junto dos Lusitanos, ter-se-á uma idade a caminho de um século. Não se pode, pois, interpretar literalmente a narrativa que Viriato faz aos seus chefes militares. Samuda não está a fazer história; está a fazer poesia épica. O importante não é o detalhe historiográfico mas a representação do génio guerreiro de um povo. Se

Viriato não esteve em Canas, muitos outros Viriats contribuíram para a vitória numa das mais importantes batalhas da história mundial, um acontecimento que alterou o destino do Ocidente. Desde Sílio Itálico, autor de *Púnica*, um dos maiores poemas épicos da língua latina, há indicação de que o comandante das tropas lusitanas que estiveram em Canas também se chamava Viriato. Autores posteriores, como André de Resende e Frei Bernardo de Brito, nomearam este rei Viriato I, para o distinguirem de Viriato, o Grande, ou Viriato II, que lutou pela independência contra os Romanos.³

Samuda faz com os eventos históricos o mesmo que fez com as plantas que colocou na descrição dos pomares do vale de Bemaré. Algumas espécies botânicas só chegariam à Ibéria muitos séculos depois de os Lusitanos serem vencidos pelos Romanos. A entrada dessas plantas no jardim lusitano é um evento que contribuiu para a perfeição desse jardim. A representação que Samuda faz da flora de Bemaré recolhe todas as perfeições parciais que aconteceram ao longo dos séculos na terra portuguesa. Com os eventos históricos Samuda realiza uma alquimia idêntica. Foi um evento perfeito Aníbal ter passado o seu exército pelos Alpes. Foi um evento perfeito o facto de os Cartagineses e os povos aliados terem vencido em Canas o maior número de legiões romanas reunidas até esse momento. Foi um evento perfeito Viriato ter recusado aceitar o massacre que Galba infligiu ao seu povo. Samuda reúne muitos destes eventos temporais perfeitos num jardim narrativo em que todos são contemporâneos, em que todos fazem parte uns dos outros, em que todos os passados estão ao lado de todos os futuros. A esta contemporaneidade de coisas perfeitas poder-se-ia chamar um céu platónico feito de ideias de eventos que já não podem ser melhores do que foram. É este céu que os quadros narrativos das *Viríadas* querem representar.

A mentalidade dos leitores atuais está influenciada pela cultura contemporânea. Os assuntos são pensados de uma forma sequencial, como um filme de Hollywood ou uma série de televisão. Um exercício imaginativo pode auxiliar um leitor atual a compreender os quadros narrativos de eventos perfeitos que Samuda nos propõe. Aceite-se a suposição de que a alma vai para o céu depois de cada ser humano morrer. É pertinente perguntar neste contexto, é claro, como é mesmo a alma e que memórias ela guarda. Será a alma a representação do corpo do velho moribundo? Será a alma a representação

³ Ver, a este propósito, A. A. Mendes Correia, *Os Povos Primitivos da Lusitânia* (Porto, Figueirinhas, 1924), p. 124, bem como o seu prefácio à obra de Adolph Schulten, *Viriato*, trad. Alfredo Ataíde (Porto, Renascença Portuguesa, 1927), pp. 12-13.

da criança que o velho foi muito tempo antes de ser velho? Será a alma a fotografia perfeita de como era o velho no dia em que declarou o seu amor a uma mulher ou em que recebeu com orgulho o seu primeiro salário? Será a alma a junção de todas as imperfeições da vida de uma pessoa? Será a alma a junção de todas as perfeições que uma pessoa conseguiu realizar ao longo da vida? Todas estas são boas perguntas e todas elas mereceram respostas ao longo dos séculos. O importante é saber o que é escolhido para representar o melhor de cada ser humano. Samuda diria que devemos selecionar todos os momentos em que o céu esteve na terra, e em que fomos especialmente gloriosos. Este ponto é facilmente compreensível com uma analogia. Nos seres que sofrem metamorfoses, como as borboletas, qual o período que melhor representa o ser em questão, ou, poder-se-ia também dizer, que representa a verdade sobre esse ser? Será a lagarta, será o casulo, serão os ovos, será a borboleta? Cada um dos momentos da metamorfose aponta para o seguinte, mas todos parecem apontar para o momento perfeito desse ser, o momento em que mostra o esplendor da borboleta, momentos em que parece que viola as leis da natureza e é capaz de voar. Cada ser humano e cada povo têm também momentos de lagarta e momentos de casulo. Samuda, talvez influenciado pela filosofia aristotélica da forma final das coisas e dos seres, recolhe nos seus quadros narrativos os momentos de borboleta da história humana, momentos em que os povos antigos realizaram feitos que pareciam impossíveis e uma clara violação da ordem do mundo. Momentos de transcendência.

CANTO IV

Depois do discurso longo que dirigiu aos seus comandantes militares, Viriato passeia pelo campo e acaba por entrar num templo romano. Perante o massacre de Sérvio Galba, Viriato pergunta-se como é que a grandeza de Roma pôde permitir semelhante crueldade. Não há resposta possível para uma pergunta destas. Como uma civilização não se confunde com um indivíduo, a pergunta é o seu próprio problema. O jogo entre a grandeza do espírito latino e a perfídia de um general que não honrou esse espírito mostra um aspeto da alma europeia que se irá manifestar muitas vezes no futuro. Samuda não fica refém, contudo, deste paradoxo do Ocidente. A dor causada pelos Galbas do mundo é rapidamente sublimada por imagens da grandeza de Roma tal como ela poderia ser perspectivada a partir de um templo romano em solo ibérico.

O que vê Viriato quando entra no templo? O descanso do guerreiro é uma viagem alucinante pelo mundo artístico da Antiguidade. Viriato começa por ver uma estátua de Vénus que parecia uma obra de Fídias (IV.3). Delicia-se também a ver as muitas pinturas do templo. Nos entalhes de madeira vê os peixes da Grécia antiga, como os hefetos, os góbios, os encrasícolos, as falerinas e as membras. As conchas do mar não são esquecidas num templo dedicado a Vénus. As pinturas e os entalhes de madeira representam os sacerdotes do templo de Pafo, em Chipre, e os rituais de adivinhação. As Festas Afrodíseas não são olvidadas, nem os holocaustos animais. Todo o mundo das festas gregas parece estar representado nesse templo: as Anagógias de Érix, as Vinálias e as Adónias. Surgem também aos olhos do vitorioso visitante as Horas e as Graças que cuidam de Afrodite Cípria, os ritos de ação de graças, as muitas formas antigas da dança, as Ferálias e outras grandes festas romanas. Enquanto se realizam libações de hidromel, arde nos altares sagrados a murta seca. Viriato vê representações de Adónis a morrer nos braços de Afrodite, bem como a sua ressurreição. A morte de Adónis e o paralelo com Tamuz permitem uma reflexão a Samuda sobre a natureza dos cultos. O culto de Adónis irmana os Gregos, os Fenícios e os Caldeus.

Ainda Viriato estava no templo, Apuleio, um dos seus comandantes, toma a palavra para se dirigir ao Conselho. É significativo que Viriato tenha abandonado o Conselho depois de recordar o massacre horrendo de Galba, de que ele foi um dos poucos sobreviventes. Não se pode ver aqui uma inclusão

incorreta de um grupo de estrofes sobre arte, religião e vida quotidiana na Antiguidade na sequência narrativa na história da Lusitânia que Viriato dirige aos seus comandantes. Essa inclusão, a ter acontecido, teria sido da responsabilidade de Jacob de Castro Sarmiento. É verdade que não há nenhum verso que explique a saída de Viriato da reunião do Conselho. Porém, aceitar esta interpretação apressada implicaria mudar a autoria da estrofe que faz a ligação entre o passeio de Viriato pelo templo e a continuação da reunião do Conselho durante a sua ausência: «No tempo que Viriato valeroso / Do templo estátuas e painéis revia, / Apuleio facundo e vigoroso, / Tomando vénia a história prosseguia» (IV.1-4). Não há qualquer indício que permita justificar esta mudança de autoria. De qualquer modo, mesmo que não exista um verso que aborde a saída de Viriato para o passeio, há um verso que representa a sua reentrada na reunião, mostrando curiosidade sobre o que foi decidido e perguntando se há unidade do Conselho: «Dictaleon já rígido votava / Sáisse a campo o Lusitano Marte ... / Quando Viriato, entrando, perguntava, / «Se o conselho nos votos se reparte, / Ou se unânimes todos lhes parece, / Que à pátria glória, e a Roma golpe desse?». O plano de Samuda é, pois, o de dar voz a todos os comandantes que estavam presentes na reunião do Conselho Militar de Viriato, nomeadamente Apuleio, Cúrio, Tântalo, Dictaleon, Aulaces e Minuro (II.4). É precisamente isso o que acontece. Apuleio tem a maior intervenção e continua a narrativa histórica de Viriato (IV.22-73), mas todos os outros comandantes também fazem aditamentos e, já depois de Viriato ter regressado do seu passeio, dão sugestões sobre o curso de ação a seguir: Minuro (IV.74-75, 80), Tântalo (IV.76), Aulaces (IV.77), Cúrio (IV.78) e Dictaleon (IV.79).

Apuleio dirige-se ao conclave reunido, começando por elogiar a proximidade de Viriato em relação aos seus soldados, por compartilhar a dureza das suas condições de vida, sendo semelhante até no trajar, e por ouvir «a qualquer pessoa em qualquer hora» (IV.23.8). Todos foram testemunhas do que Viriato afirmou; por isso, Apuleio declara que irá cantar as glórias lusitanas. O pretor Caio Vetílio vence os dez mil soldados lusitanos que invadiram a Turdetânia. Vetílio concentra os vencidos e crê que eles estão completamente à sua mercê. Viriato, porém, sobe a uma pedra com a espada na mão e dirige-se aos seus companheiros (IV.29). As suas palavras, «patética oração» como a denomina Samuda, foram rapidamente silenciadas pela aclamação dos seus companheiros como general supremo, Pai e Defensor da Pátria (IV.30.6-7). Viriato abandona essa praça com mil cavaleiros, conseguindo que Vetílio vá em perseguição com cólera. Aplicando a tática dos Horácios e Curiácios, Viriato afasta os Romanos dos seus companheiros,

afasta-os também uns dos outros, alongando a sua linha de ataque, e monta uma emboscada. Apuleio compara o ataque lusitano a uma torrente que cai com violência das montanhas. Vetílio sente que lhe está a acontecer uma desgraça semelhante ao dilúvio de Deucalião e ao nascimento de guerreiros a partir da própria terra. Nesse encontro morrem quatro mil Romanos, pagando o pretor Vetílio pela crueldade do pretor Sérvio Galba.

Tendo sobrevivido à carga da cavalaria lusitana, Vetílio chega a Tartesso e convoca os seus aliados celtiberos. Estando em campo raso, presume-se forte. Invade a Carpetânia, destruindo os campos e as vidas humanas que encontra. Perante o comportamento deste comandante romano, Apuleio sublinha, por contraste com Vetílio, a sobriedade de Viriato, elogiando o facto de este nunca ficar com mais despojos do que qualquer um dos seus soldados.

Este momento da guerra mostra as qualidades militares de Viriato. Sabendo retirar-se quando era necessário, Viriato tirava partido da inferioridade numérica dos seus homens e da menor qualidade das suas armas em relação às dos Romanos. O sucessor de Vetílio, C. Pláucio envia um corpo de quatro mil homens em perseguição de Viriato. Este acaba por os aniquilar a todos. Pláucio retira-se envergonhado pela derrota, mas um novo agrupamento de tropas romanas prepara-se para atacar o quartel-general dos Lusitanos em Mons Veneris (Monte de Vénus). O ataque romano não corre bem perante a resistência dos Lusitanos. Os Romanos retiram-se em pleno verão para os seus quartéis de inverno. A fuga de Pláucio é um sinal eloquente do terror que sentia devido aos Lusitanos. A notícia da fuga foi imortalizada por escritores latinos que se ocuparam do tema, como Apiano, e Samuda não se esqueceu dela. Esta série de vitórias gloriosas atinge o seu ponto alto com a derrota do pretor Cláudio Unimano na Hispânia Citerior em 146 a.C. Apuleio louva mais uma vez o génio militar de Viriato. Contra Unimano, Viriato divide os seus batalhões, dando ao adversário a esperança ilusória de que será fácil vencer tropas em número tão pequeno, mas atacando depois a partir de várias posições. Unimano foi completamente vencido e apenas escapa à morte devido à generosidade de um soldado lusitano.

Com a entrada em cena do pretor C. Nigídio, em 145 a.C., a reputação de Viriato antecede todos os seus movimentos. O novo pretor, conhecedor dessa reputação, permanece nas trincheiras com medo. Apesar de conhecer o estado de espírito de Nigídio, Viriato não descarta a prudência tática. Observa o terreno e o carácter do inimigo. O desejo de vitória não o leva a descuidar a sua gente. Quando Nigídio abandona sem glória o campo de batalha, em primeiro lugar, e depois a Ibéria, revela-se todo o receio romano perante as técnicas

militares dos Lusitanos. Estes sucessos criam uma onda inesperada de apoios. Os Túrdulos passam para o lado dos Lusitanos e, como diz Apuleio, Viriato «de uma vitória faz dobre vitória» (IV.53.8).

C. Lélío ocupa o posto de Cláudio Unimano. Sendo mais ponderado e astuto do que o seu antecessor, estabelece-se no seu quartel-general, enquanto Viriato continua a destruição. Perante este descalabro, o Senado romano decide enviar um cônsul para a Hispânia. Fábio Emiliano, porém, foi vencido mais pela reputação de Viriato do que pelas suas ações. Emiliano considera Viriato «mais que humano» (IV.57.5) e teme enfrentá-lo. Como não se decide pelo combate, acaba por perder cidades e por sofrer a destruição dos campos. A imagem assustadora que os Lusitanos tinham junto dos Romanos era a do destino cruel que lhes ceifava a vida, sendo eles «Da Parca horrenda a fúnebre gadanha» (IV.59.8). Fábio Máximo não enfrenta Viriato com resolução, e só permite aos seus homens escaramuças breves. O Cônsul parece ter compreendido a técnica guerrilheira de Viriato e começa a responder-lhe na mesma moeda. Viriato, por seu lado, recusa participar nas escaramuças «mil vezes» (IV.61.7). Os Romanos cansam-se de esperar, pressionados pelo receio de Roma, e recorrem ao assalto inesperado. O Cônsul ordena um ataque noturno. Os Lusitanos, apesar de terem sido apanhados desprevenidos durante o sono, reagem rapidamente e matam muitos atacantes romanos. Viriato, general prudente, ordena a retirada, mas a coragem dos seus homens era tão grande que eles continuam a combater. Viriato acaba por cancelar a ordem de retirada e enfrenta o Cônsul, acabando este por bater em retirada.

A guerra na Ibéria espalhou-se por muitas áreas. Ao mesmo tempo que Emiliano lutava contra os Lusitanos, mais a Norte, entre Douro e Minho, Lúcio Hostílio Mancino atacava os povos locais. Chega entretanto o pretor Popílio, mas não tem melhor sorte. O herói valente mata-lhe muitos dos seus homens (IV.68.3). Com a pressão crescente de novos comandantes romanos que trazem tropas frescas, Viriato atravessa a Ibéria à procura de aliados. Os povos que recusam a aliança são considerados inimigos, se bem que Viriato não tenha muito tempo para os enfrentar porque rapidamente se perfilam novos comandantes romanos, como Q. Pompeio e C. Quíncio. Estes, revelando ousadia e sabendo que Viriato é mais vulnerável em campo aberto e em combate frontal, organizam uma batalha na planície. Viriato, fiel ao seu sentido tático, ordena uma retirada prudente porque «há tempo em que é vitória a retirada» (IV.72.8).

Apuleio termina a sua intervenção junto do Conselho Militar dos Lusitanos com um incentivo ao combate, lembrando as muitas vitórias passadas e o facto de, sendo eles os mesmos e os inimigos também os mesmos, não haver razão para não vencerem de vez os Romanos.

Minuro intervém no Conselho, recomendando a retirada dos campos de batalha e a suspensão dos combates até que haja novas tropas ao lado dos Lusitanos. As palavras de Minuro são deliberadamente ambíguas. Por um lado, o seu apelo a que se espere que haja «fresca gente» é um sinal de prudência; por outro lado, defender o aumento do número de combatentes faz temer a perda de coragem dos combatentes que existem. Samuda nada diz sobre a eventual futura traição de Minuro, um dos nomes associados pela tradição à morte de Viriato. Tântalo, um dos heróis cuja vida amorosa é muito importante nas *Viríadas*, apoia a prudência de Minuro, não vendo falta de coragem na retirada. Aulaces, outro dos comandantes associados pela tradição à futura traição a Viriato, também intervém, defendendo as virtudes guerreiras do desprezo da morte e da busca da glória. Cúrio, por seu lado, apela à coragem e posiciona-se no debate afirmando que os Lusitanos nunca fraquejam por estarem inativos. Dictaleon, diferentemente, advoga a continuação da guerra no momento em que Viriato regressa do seu passeio ao templo. Como sempre, a sua intervenção derradeira no Conselho revela a sua prudência. Ordena o envio de espiões e incentiva todos para o combate a qualquer hora contra os Romanos.

Enquanto isto acontecia, Juno e Minerva observam com preocupação os desenvolvimentos na Lusitânia. Juno confessa que procurou que Viriato se apaixonasse por Ormia e suspeita, infelizmente, que Afrodite da Bela Forma tenha ordenado a Cupido que não desse essa mulher ao chefe dos Lusitanos. Minerva surpreende-se que Juno procure o auxílio de Cupido para contrariar a intenção de Afrodite. Para a deusa da sabedoria esse auxílio não é necessário devido à grande beleza de Ormia, a mulher lusitana (IV.97). Falando de mulheres, contudo, Minerva conclui o seu pensamento com a afirmação de que o amor de Viriato à sua pátria é superior ao amor que possa ter por qualquer mulher. Tratando-se de uma escolha do coração, Viriato não deixará de preferir uma mulher lusitana (Ormia) a uma mulher romana (Fúlvia). Este raciocínio de Minerva abre as portas a uma nova direção para a narrativa amorosa das *Viríadas*. Como Viriato ama acima de tudo a sua pátria, o seu coração nunca estará totalmente junto ao de uma mulher. A questão da nacionalidade das mulheres também não se coloca, seja devido à proverbial cegueira do coração, seja devido à influência que o amor pela pátria exercerá sobre a preferência de Viriato.

A narrativa amorosa da epopeia detém-se neste momento para uma reflexão sobre um dilema curioso. Por um lado, o amor pela pátria retira intensidade ao papel do amor na vida do chefe dos Lusitanos; esse nunca será o assunto decisivo do seu pensamento. Por outro lado, a escolha de uma mulher lusitana reforça a sua capacidade guerreira, porque Viriato estará a lutar pela sua pátria e pelo seu

próprio lar. Se a sua mulher fosse romana, como Fúlvia, e se ele continuasse a combater os Romanos devido ao amor pela pátria, o comandante estaria dividido entre duas fidelidades. A sequência da narrativa amorosa encontrará uma solução para este dilema. Os deuses entregarão Ormia ao guerreiro Tântalo e mantêm o amor que Viriato sente por ela. Esta nova situação irá aumentar o dramatismo de todo o poema porque faz surgir o perigo de Viriato vir a descobrir o amor entre a sua escolhida e um dos seus principais guerreiros.

Como se todas estas preocupações não fossem já suficientes, Juno toma conhecimento que Roma pediu auxílio a Micipsa, rei da Numídia. O receio da deusa não reside na valentia dos Lusitanos, superior à de qualquer dos adversários. Juno teme a reação dos cavalos lusitanos perante os elefantes do exército que vêm do Norte de África. Como os cavalos nunca viram elefantes anteriormente, poderão abrir brechas nas linhas lusitanas. Juno recorda a este propósito muitas batalhas da Antiguidade em que aconteceu precisamente isso, como a batalha de Heracleia entre Pirro e Levino, e a guerra dos Macabeus entre Judeus e Gregos. Para Juno, o melhor que poderia acontecer seria que os elefantes morressem afogados quando passassem do Norte de África para a Lusitânia. Para isso acontecer, Juno tem de assegurar o auxílio das divindades marinhas para afundar os navios que transportam os elefantes.

Este diálogo com Minerva parece ser interrompido pela chegada de Diana (Ártemis). O texto tem elementos contraditórios. No verso 83.4 afirma-se que «No claro Olimpo Juno poderosa / Com discreta Minerva conferia», enquanto no verso 95.1 toma a palavra a ‘bélica Astrateia’. Se se ler o manuscrito como uma cópia fiel dos apontamentos de Samuda ou um autógrafo do próprio Samuda, é necessário explicar o epíteto ‘Astrateia’, habitualmente atribuído a Ártemis. Esta leitura não será de todo implausível. De facto, como se viu até este momento, as *Viríadas* têm uma construção que se poderia caracterizar como cinematográfica, isto é, tendo um grande respeito pela separação das cenas, é muito dinâmica e com uma sucessão rápida de episódios. Como a guerra lusitana é muitas vezes um pretexto para a evocação dos esplendores de Grécia e de Roma, Samuda parece lutar contra as limitações da linguagem. Um modo de conciliar a infinitude do que *poderia* ser dito com a finitude do que *pode* ser dito é pontuar a sucessão de cenas de ação militar com quadros de maior quietude, seja a descrição da arte dos templos, seja o acompanhamento da vida amorosa de Ormia e de Tântalo, seja a reunião dos deuses a preparar as suas intervenções na história humana. A intervenção de Diana (Ártemis), por conseguinte, significa o início de uma ação rápida, em oposição ao momento de reflexão que Juno manteve com Minerva, a deusa obviamente mais adequada à ponderação sábia.

Esta linha de interpretação implica a suposição de que o manuscrito está perfeito, o que, tendo em atenção o facto óbvio de estar inacabado, é inaceitável. O copista do manuscrito poderia ter confundido o epíteto de Ártemis com um dos muitos epítetos de Atena. Por razões rítmicas e silábicas, esse epíteto de Atena poderia ser, por exemplo, ‘Panachaea’, que significa a deusa de todos os Aqueus. Este epíteto estaria em consonância com a forma de tratamento que recebe de Hera no verso 84.1, o de ‘sábua Aqueia’. Esta leitura é mais simples do que a anteriormente proposta e adequa-se à continuação da narrativa. Assim, já no Canto seguinte, Atena é nomeada através de outros dos seus epítetos, como o de Agoreia, isto é, a protetora dos espaços públicos e das assembleias (V.1.3), o de Higia, a de boa saúde (V.2.1), o de Asséssia, devido ao seu culto em Assessos (V.23.1), e o de Areia, um epíteto relacionado com o papel da deusa no funcionamento do Areópago (V.23.7).

Um verso no final do Canto V, contudo, parece impossibilitar esta última leitura. Depois de uma comitiva composta por Vénus, Minerva e Cupido ter ido visitar o palácio do Sono para lhe pedir que interviesse na vida amorosa de Ormia, a comitiva afasta-se e chega Ártemis Láfrica para lhe pleitear outra coisa: «Tanto que Arginis parte, Láfrica chega, / Ao Sono o que deseja comunica. / Se um tremendo perigo cauto nega, / Outra anelante intrépida suplica» (V.101.1-4). Como Samuda não entra no detalhe do que é solicitado por Ártemis Láfrica, só pelo seguimento da ação é que se descobre o que foi demandado.

A solução deste impasse hermenêutico reside no facto de alguns epítetos serem comuns a vários deuses. O verso V.101.1 refere-se de facto a Atena. Apesar de Láfrica ser um dos epítetos mais usados para designar Ártemis, era também um dos epítetos de Atena (e.g. Lycoph. 356). Um erudito classicista como Samuda conhecia perfeitamente as referências clássicas mais raras. O primeiro verso da estrofe seguinte confirma esta leitura: «Se Alcis já conseguido o que intentava / No veloz carro fêrvida corria» (V.102.1-2). Alcis, com o significado de forte, era um dos epítetos de Atena. Como se vê, o problema acantona-se agora ao verso 95.1, em que se menciona um dos epítetos de Ártemis, Astrateia. Na falta de melhor lição, por conseguinte, a interpretação a dar a este verso deverá ser a que acima foi avançada, a de um erro do copista que tomou um dos epítetos de Ártemis por um de Atena.

O Canto IV termina com uma reflexão que as deusas fazem sobre a natureza dos Lusitanos. Estes são descritos como um povo honrado, amante da liberdade, inimigo de tiranos, leal aos seus reis, capaz de se sacrificar, patriota e, sobretudo, muito corajoso (IV.94). Feita esta reflexão, Minerva equipa-se para o combate, toma o seu escudo com a égide aterradora, coloca o capacete na cabeça, e, fazendo uma vénia a Juno Cinxia, parte na sua quadriga alada.

Este encontro das deusas revela em que estado se encontra a política dos deuses em relação aos assuntos da Lusitânia. No início das *Viríadas*, Vénus conversa com Cupido; neste Canto IV, Juno mostra a sua preocupação a Minerva. Depois de conferenciar com Juno, Minerva equipa-se para a viagem e parte para a sua missão. Estando em Chipre, Vénus vê passar Minerva e convence-a a acompanhá-la ao Palácio do Sono. As duas deusas, juntamente com Cupido, dirigem-se à terra ciméria onde habitam os sonhos. Enquanto Vénus fala com o Sono, Cupido distrai Minerva com a sua pergunta sobre os sonhos do Palácio do Sono. Vénus convence o Sono e parte com Cupido. Minerva, entretanto, ficando a sós com o Sono, pede também a este um favor, talvez para realizar o plano de Juno. O poema, incompleto como está, ocupa-se apenas da realização do plano de Vénus e de Cupido, tal como havia sido delineado no Canto I (64-68): retirar Ormia a Viriato e dá-la ao guerreiro Tântalo. Porém, apesar de incompleto, o poema tem sinais de que o plano de Juno também se iria realizar, como se verá. O amor de Ormia por Tântalo foi induzido e manipulado pelos deuses e Viriato não chega a tomar conhecimento de que Ormia encheu o seu coração com amor por outro homem. Para todos os efeitos, Viriato ainda ama Ormia; não se chegará a saber, contudo, se esta acaba por ficar com Viriato ou com Tântalo.

CANTO V

Em Macária (Chipre), como se disse, Vénus vê passar Minerva a caminho da casa do Sono. Apesar de episódios passados terem envenenado a relação entre as duas deusas, Minerva recebe Vénus com cortesia, revelando a sua grande sabedoria ao mudar o seu espírito quando é necessário. Vénus convence imediatamente Minerva e ambas se dirigem para a casa do Sono, no país dos Cimérios, o reino dos mortos. Samuda faz uma longa descrição do lago Aorno, da terra da morte e do palácio do Sono. Um aspeto importante da paisagem é dado pela flora enteogénica que medra na terra dos sonhos. Aí estão em grande quantidade as plantas que fazem nascer visões, induzem sonhos de poder ou um sono invencível, como as cicutas, os solanos, os endros, as papoilas de ópio e os meimendros (V.7). No Palácio do Sono, as deusas veem os sonhos aparecer e desaparecer, semelhantes a bolas de sabão com que os meninos brincam: «Como espumosos globos cristalinos, / Assoprada e subtil fragilidade, / Passatempo agradável de meninos / Que em pouco se recreia a pouca idade» (13.1-8). Os sonhos são comparados com as lanternas máginas e com a projeção na *camera obscura*, instrumentos precursores do cinema (V.14).⁴

Morfeu, filho de Hipnos, o Sono, vê chegar as deusas e tenta acordar rapidamente o pai, mas não o consegue sem grandes dificuldades. Morfeu diz-lhe que chegaram ao palácio Atena, Afrodite e Cupido. Hipnos, assustado por ter ouvido o nome do perigoso deus do amor, desperta logo. O Sono, rei despótico, ordena que todos acordem e se organizem para o combate contra os visitantes. Enquanto a defesa é organizada, Hipnos confessa que tem medo da situação e censura-se por haver sido descuidado e preguiçoso. Acalmando-se um pouco, reflete na estranheza de uma visita que inclui Atena e Cupido. Acredita ele que, como a bélica Atena está presente, Cupido será menos perigoso. Dispõe-se, pois, a receber a comitiva e avança para ela ainda muito receoso.

Afrodite começa por elogiar Hipnos devido ao seu vasto poder sobre todos os viventes, «Da vida alento parecido à morte» (V.26.8). Logo de seguida, Afrodite

⁴ No prefácio ao *Sermão Fúnebre para as Exéquias dos Trinta Dias do Insigne, Eminente e Pio Haham e Doutor R. David Neto*, Samuda faz uma interessante comparação entre as imagens das pessoas virtuosas, a quem se dirige, com imagens de espelho, citando Descartes, Newton, Boerhaave e Gravesand (p. V).

desarma totalmente Hipnos com um pedido de ajuda. Este, surpreendido por uma deusa tão poderosa estar a solicitar a sua ajuda, concede-a imediatamente, afirmando que os desejos dela são ordens para ele (V.28). Afrodite avança com o seu pedido, recomendando segredo a Hipnos. Atena Apatúria, por nobreza de carácter, nada diz, e afasta-se um pouco. O pequeno Cupido acompanha-a, e, vendo o espetáculo dos sonhos à volta deles, pergunta a Atena como é possível existir um tão grande número de sonhos: «Como há de monstros tais tal cópia junta?» (V.30.8).

É neste momento que se inicia uma das páginas mais extraordinárias e imaginativas de toda a literatura portuguesa. No Palácio do Sono existem todos os sonhos que a humanidade já sonhou, todos os que irá sonhar e todos os que não se atreverá a sonhar. Os sonhos estão lado a lado na grande casa de Hipnos. São contemporâneos: os que encantaram ou atormentaram as pessoas do passado estão ao lado dos que ainda irão povoar o sono das pessoas que existirão no futuro. Luzes vagantes na obscura noite dos que dormem, nascem nas trevas e assemelham-se às ideias assustadoras dos homens cobardes que tudo temem.

O discurso de Atena sobre a terra onírica é uma viagem impressionante à vida mental das pessoas. A descrição dos sonhos que lá estão guardados é muito longa. Atena indica ao perigoso deus do amor os sonhos do que sonha vir a ser herdeiro e os sonhos dos lisonjeiros cheios de falsidade. Vê por lá também os do avarento, e os dos traidores de soberanos legítimos, e os dos usurpadores dos tronos. E eles são tantos! Os sonhos dos traidores parece que nunca mais acabam, e Atena cansa Cupido com o inventário interminável dos traidores romanos e bizantinos, como Diocleciano, Máximo, Graciano, Teodósio e Andragácio. A glória efémera destes usurpadores já passou e as suas vidas terminaram tragicamente, mas os sonhos que os assombraram, pagos pelo preço da traição, ainda existem no Palácio do Sono.

Os sonhos que motivaram Alexandre Severo, Maximino, Caracala, Macrino e tantos outros são como um grande navio engalanado que se afunda ao passar por baixios invisíveis (V.43-44). Esta representação do motivo literário e filosófico da instabilidade da sorte mostra como os sonhadores só repararam no navio engalanado, sendo completamente cegos para os baixios que os conduziriam à sua morte sem glória. O palácio vistoso e bonito transforma-se rapidamente numa torre obscura.

Mas não são apenas os sonhos dos traidores e usurpadores que habitam o palácio de Hipnos. Atena mostra os sonhos de monarcas poderosos que, tudo desejando, tudo acabam por perder, e os sonhos dos grandes que caíram em desgraça, como Mitridates e Cresos. As aspirações dos grandes deste mundo

também por lá andam. Os de Alexandre Magno estão ao lado dos de Aníbal. Os sonhos bravos que Cleópatra prometeu a Marco Antônio estão ao lado dos sonhos rápidos de Heliogábalo, dos sonhos torpes de Calígula e dos sonhos criminosos de Nero. Os tontos que sonham «ter constante a móvel sorte» (V.49.2) também lá têm os seus sonhos. Todos estes sonhos não estão parados como objetos em exposição numa vitrina. Atena chama a atenção de Cupido para o espetáculo de sonhos em luta contra outros sonhos (V.51.1).

Não são apenas os sonhos dos poderosos da terra que aparecem ao olhar de Atena. Os sonhos culinários e gulosos de Vitélio marcam presença, assim como os sonhos amorosos dos deuses, e até os sonhos do poderoso Apolo. Atena vê os seus próprios sonhos passarem à sua frente, assim como os sonhos de ter filhos que encantam todas as pessoas. Os sábios parecem padecer da doença do realismo e de não sonharem como as outras pessoas. Atena, porém, denuncia esta perspectiva porque vê à sua frente os sonhos de sabedoria dos grandes sábios. No Palácio do Sono estão os sonhos dos grandes filósofos pré-socráticos que criaram a filosofia e as ciências. Aí estão, nomeadamente, os sonhos de Anaximandro sobre o *apeiron*, os sonhos do sábio Parménides sobre a esfera do ser, e os sonhos de Anaxágoras sobre a natureza das estrelas do céu. Os sonhos do filósofo dos filósofos, o grande sábio Aristóteles, também lá estão como bolas de sabão com que brinca uma criança.

Os sonhos assombram todos os viventes sem exceção. Atena descobre sonhos comuns a gerações inteiras. O lodo tem o sonho de formar a delicadeza das aves que voam pelo céu. Quando a terra sonha, aumenta nos vidros e nos espelhos as suas imagens, tornando-se infinita. As sementes também sonham em vir a ser o que virão a ser. A madeira quando arde também sonha, assim como as folhas das plantas em busca de nutrição. Os peixes também sonham, tal como os animais que pastam e as aves adormecidas nos ramos.

Os sonhos dos grandes cientistas habitam o palácio do Sono poderoso. Estão lá todos os sonhos da ciência, desde os sonhos de Tales de Mileto para a primeira explicação racional do mundo, passando pelo já mencionado sonho de Anaximandro sobre o *apeiron* infinito governado pela necessidade e pelo seu sonho da clepsidra, o ladrão de água, até aos sonhos dos fundadores da ciência moderna, como o sonho de Galileu sobre a lei da queda dos graves, o sonho de Torricelli sobre o vácuo, e os sonhos de Robert Boyle sobre a pressão do ar (V.90).

Atena termina a sua exposição dos sonhos que vê acordada com a descrição dos sonhos que dão a vida durante o processo de digestão e o percurso do sangue através do coração. As palavras de Atena não poderiam ser

mais eloquentes. Tudo o que é animado tem um sonho na sua origem porque «é sonho a dita neste mundo» (V.54.8). Literalmente, a vida para Samuda é um sonho em que acontecem muitos sonhos. Como os sonhos que povoam a casa de Hipnos não são apenas dos homens, mas os sonhos das plantas e dos animais também lá estão, parece que o poeta tem uma conceção metafísica do mundo algo orientalista, até mesmo búdica, entendendo a realidade como um sonho infinito.

Enquanto Atena mostra a Cupido a realidade das ilusões da vida, o Sono aprecia muito estar com Vénus, e ele próprio sonha em falar amistosamente com ela para que possa ter um lugar glorioso no coração da deusa. Refém do seu sonho de amor, o Sono ordena aos seus subordinados Fântaso, Fobetor e Morfeu que sirvam Vénus em tudo o que ela quiser.

Como se viu acima, depois de Vénus partir com Cupido, Minerva também se dirige ao Sono para lhe pedir um favor. Este acaba por ceder, sem que se saiba o conteúdo do pedido de Minerva. Desconhecedor do que os deuses fazem a seu respeito, Viriato permanece vigilante no campo de batalha e planeia a sua próxima ação.

CANTO VI

Morfeu e os seus irmãos chegam à cidade de Afrodísea, presumivelmente o Monte de Vénus. Aproximando-se do sítio onde Tântalo estava a dormir, mostram-lhe em sonhos imagens falsas como se fossem vivas. Tântalo acorda de repente com o sonho que Fântaso lhe transmitiu. Considerando com atenção o sonho, percebe nele um enigma. Reconhece que o seu coração está alterado. A sua vontade e desejo foram arrebatados. Tântalo salta da cama com um desejo novo no coração. Excitado pelo sonho, só deseja encontrar Ormia.

Enquanto isso acontecia, a jovem Ormia dorme descansada. Morfeu aproxima-se transfigurado junto dela e, perante a sua beleza, acobarda-se ligeiramente. Fântaso e Fobetor começam a trabalhar nos sonhos de Ormia. Morfeu inicia uma sequência onírica segundo a qual Tântalo protege com grande coragem Ormia do ataque de uma fera. Fântaso, por seu lado, faz nascer em Ormia o sonho de uma casa a arder. Morfeu mostra a Ormia a coragem extraordinária de Tântalo a salvá-la do fogo.

Com tudo isto, a donzela Ormia acorda confundida e assustada pelo sonho do fogo, mas estranhamente feliz com a ação corajosa de Tântalo. Tendo ficado sem sono, levanta-se. Não se apercebe, contudo, da presença do sobrenatural à sua volta. Vénus também chega à cidade de Afrodísea com Cupido. Este deus estava decidido a que Ormia fosse de Tântalo, mas, ao vê-la, fica confuso com a sua beleza e esquece-se das suas obrigações. Tomado de desejo intenso, «quanto mais contempla, mais queria» (VI.19.2). Vénus pressiona Cupido para que dispare as flechas do amor contra Ormia e contra Tântalo. Cupido lá se decide, e dispara uma flecha para cada um deles. O pobre deus, falando para o seu arpão, diz-lhe que causará certamente menos fogo que o fogo que Ormia já lhe causou a ele (VI.24).

Um poema épico é parco na expressão dos sentimentos. Porém, Samuda dedica muitas estrofes à transformação que acontece numa pessoa quando é atingida pelo amor. Ormia estava como um passarinho nos campos. Antes de o amor chegar, a donzela vivia como se já estivesse no Paraíso, *sans souci*, sem cuidados, sem preocupações; depois, acontece-lhe algo semelhante à morte. O lirismo é eloquente. O amor é como o cheiro da casca dos frutos: cheira mais quando é cortada. A pederneira do fuzil só tem chama quando é tocada por uma pancada. Como Samuda era médico, não deixa também de notar as

alterações fisiológicas que o amor causa no organismo, como a aceleração da circulação do sangue. Os que padecem de amor são como os enfermos cheios de febre e agonizantes de sede. O tema camoniano das contradições do amor não é esquecido: o apaixonado deseja o refrigério mas acaba por beber fogo. Tântalo sofre de amor e «suspiros lança quando incêndios traga» (VI.30.7). A fala parece que se desarticula. Tântalo resolve dizer o que sente, mas não o consegue fazer. Quando finalmente o consegue, lá lhe saem umas palavras tontas em que confessa a Ormia o amor que sente por ela.

A donzela rubresce ao ouvir essas palavras. Samuda era um poeta e um médico; porém, sendo sócio da Real Sociedade de Londres, está dentro da ciência do seu tempo, participando, aliás, no processo de comunicação científica de descobertas novas. Ao descrever a alteração da cor do rosto de Ormia ao ouvir as palavras amorosas de Tântalo, Samuda compara esse rosto jovem a um prisma newtoniano que decompõe a luz (VI.40.1).⁵ A cara bonita da donzela é atravessada por vagas sucessivas de sentimentos contraditórios. Tântalo, enfermo de amor, não sabe como interpretar os sinais subtis do rosto da sua amada. Será um sinal de amor o que está a ver? Será outra coisa? A tempestade emocional em que se encontra Ormia tende para o seu desfecho. Causando uma dor grande junto de quem a ama, Ormia fala a certa altura com a voz de Cupido, de modo irritadiço, acusando Tântalo de ociosidade.

Mantendo tanto quanto lhe é possível a presença de espírito perante as palavras de que não estava à espera, Tântalo lá consegue dizer que se coloca ao serviço dela e declara-se sem forças para resistir à beleza que vê nela. Como sente que o seu destino é movido pelas estrelas e pela divindade, interpreta o encontro dos dois como uma ação da Providência. Ormia fica confusa com estas palavras e acaba por fugir. Tântalo, em desespero de amor, diz-lhe qualquer coisa para a deter. Grita-lhe que não há razão para ela fugir e que o cativo é ele, ela é que o mata de amor. Seja como for, as suas palavras são impotentes e ele acaba por deixar fugir Ormia.

O que se passa na mente de um apaixonado? Samuda dedica quatro estrofes a tentar descrever o turbilhão de sentimentos que se apossam de Tântalo. Todas as faculdades de um homem estão em alvoroço e parecem em guerra civil: «se a língua para, a mente gira / Rápidos atos no veloz conceito, / Rebelar-se a paixão, fogaosa atira / Ardentes raios, que lhe forja o peito; /

⁵ Este era um assunto importante para a ciência setecentista. Sinal disso, Samuda faz duas outras referências ao prisma de Newton que decompõe a luz branca no *Sermão Fúnebre para as Exéquias dos Trinta Dias...*, no contexto de alusões aos 'filósofos modernos' (pp. 8 e 10). A sua defesa da teoria newtoniana da luz está presente na crítica que faz aos Aristotélicos por considerarem a luz como um acidente, e não como uma substância luzente (p. 90).

Perturba-se a razão, cega delira, / Não pode ter comando, ou dar preceito; / Tudo quanto imagina vê presente, / O repugnante crê como existente» (VI.54). As contradições do amor são tantas que Tântalo prefere a sua vida anterior, mas sem sucesso. Já espreitou pelo buraco da fechadura do amor total e a sua vida já não pode ser a mesma como era antes, por muito que queira voltar atrás. Felizmente, toca nesse momento a trombeta da guerra para chamar os soldados lusitanos para o combate. Acompanhando os seus irmãos de armas, Tântalo está dividido entre Cupido e Marte, mas consegue participar na marcha dos soldados, qual enxame de abelhas a preparar-se para atacar um inimigo da colmeia. A disciplina militar afasta-o do seu tormento interior e ele consegue um pouco de calma.

Os Lusitanos transportavam armas novas, tendo trocado as suas antigas armas por outras mais sofisticadas. Confiavam mais no seu próprio valor do que no das armas, mas, mesmo assim, «antigo com moderno misturavam» (VI.60.4). Os guerreiros vestiam-se de ferro colocado sobre tecidos de linho. O seu cabelo estava atado. A sua espada era curta e mortífera, mas também tinham outras armas, como o arco, o carcás de setas, a funda e a maça. Os guerreiros a cavalo montavam uma sela sem arção e agarravam uma lança curta, a pelta. Se estes homens transportavam por fora todo este equipamento, por dentro o seu coração só tem a glória como único desejo (VI.62). Viriato a todos comanda montado no seu cavalo que tem uma estrela branca na testa.

Do lado do inimigo, o pretor romano ordena que a legião se formasse. Samuda mostra o seu completo domínio dos assuntos clássicos ao descrever com grande detalhe a organização interna da legião romana, semelhante a um jardim bem ordenado (VI.71). Lá estão as fileiras dos hastários, os príncipes no meio, mais armados e mais guardados, a retaguarda dos triários e dos veteranos, os pilanos com os seus escudos de couro com o umbo de ferro no centro, o porta-estandarte da legião, os prefeitos e os primipilos, os manípulos, os vexilários, os centuriões, os liber, os sucenturiões, os evocatos, a cavalaria, as décadas, os decúrios, os lugar-tenentes, os anéis de ouro dos soldados, os draconários, o cântabro, o trombeteiro, os lançadores de funda, os sagitários, os funditores, os acensos, os rorários, os ferentários, os vélites, a águia e a insígnia do pretor. Este reúne-se com os legados e faz revista à formação das tropas.

Depois de a tuba lusitana dar sinal para o início das hostilidades, responde-lhe a trombeta romana. A batalha começa, pois, no ar, entre duas tubas. O registo sonoro de uma batalha a começar é impressionante. Os gritos dos Lusos vencem os dos Romanos. Logo depois, começam a trabalhar os lançadores de funda e o ar fica cheio de pedras. Os lançadores de funda romanos fogem,

mas permanecem os orgulhosos cavaleiros. Os lançadores de lança também executam a sua arte bélica. Depois das ações à distância, os homens começam a lutar uns com os outros. Os soldados romanos mais jovens e inexperientes começam a fugir, dando um sinal do descalabro futuro da legião. O poeta toma partido claro pelos Lusitanos, vendo nestes os Portugueses: «Nas latinas fileiras ordenadas, / Faz valor português diversidade» (VI.113.5-6). A ação do Marte português (VI.131.3) parece a passagem de uma tempestade por um jardim, ou uma torrente que inunda os campos. A estrutura bem ordenada da legião fica em causa com a desenvoltura dos guerreiros lusitanos. A terra fica semeada de mortos e correm fontes de sangue (VI.132.7-8).

Apesar de tudo isto, o adversário é valeroso. Pompeio manda retirar os hastatos e faz avançar tropas mais frescas. Os Lusitanos têm, pois, uma nova batalha pela frente. Os guerreiros Apuleio, Dictaleon e Aulaces mostram o seu valor com a espada. Os povos que lutam ao lado dos Lusitanos, como os Tícios e os Belos, também se empenham no combate. A coroar e a comandar estes guerreiros, está Viriato. Para Samuda, ele é o general perfeito: está em todo o lado, é forte no braço como Palas, é sábio na boca como Minerva e é um destino cruel para os inimigos, como um Númen, ou entidade divina, que decide a vida deles (VI.115). Apesar de o pretor romano ser um bom general, começa a ficar temeroso com o desenrolar dos acontecimentos. Os triários da legião são os que mais resistem, bem como os evocatos. Viriato, vendo esta resistência, anima as suas tropas. A sua mensagem é clara. Afirma que o «envergonha a vitória dilatada» (VI.128.2), fazendo com que os seus homens lutem por um desfecho rápido do combate.

A guerra parece ser o campo das forças materiais. As armas estão contra as armas, e os exércitos contra exércitos. Porém, cada batalha tem uma parte simbólica muito grande. Viriato sabe isso perfeitamente e tenta apoderar-se da insígnia do pretor. Depois de matar um tribuno, um primipilo e um centurião que se opunham a que ele se apoderasse da insígnia, Viriato abate a águia romana e proclama a vitória. A morte simbólica da legião fez com que Quíncio ordenasse a retirada romana, quando já fugiam muitos soldados. Com quatro mil guerreiros romanos mortos sobre a terra ibérica, os Lusitanos alcançam a glória.

CANTO VII

Todas as guerras são injustas e não é fácil determinar quem são os reais vencedores de cada uma delas. Será possível vencer uma batalha perdendo-a? O Canto VII é especialmente eloquente sobre este aspeto paradoxal do conflito entre os povos. Os homens de Viriato têm uma batalha feroz contra os Romanos, depois de uma invasão da sua terra e depois de terem sido vítimas da crueldade romana durante o massacre de Galba. Os Lusitanos matam quatro mil soldados romanos e alcançam a glória, apesar do elevado número de mortes que também sofrem. Têm, pois, todas as razões para se entregarem a celebrações festivas que atenuem a memória da dor e façam esquecer as provações que ainda irão enfrentar.

Viriato realiza a festa da celebração da vitória em Évora. Samuda imagina uma Évora romana em que ainda existia em todo o seu esplendor o edifício que veio a ser conhecido mais tarde como templo de Diana. Viriato entra nesse templo e deslumbra-se com a arte do inimigo. É este o paradoxo da guerra que Samuda agarra com mestria. Os Lusitanos deveriam celebrar junto dos templos dos seus deuses, e não dos deuses do povo contra o qual lutavam. Nas celebrações da vitória, Viriato sacrifica cavalos a Mavorte (Marte) e a Árbio (Júpiter), deuses do inimigo. Esta ambiguidade é deliberada. Na longa série dos séculos, parece ser um detalhe irrelevante vencer ou perder uma batalha. Os Lusitanos perderam muitas e venceram muitas. Os Romanos perderam muitas e venceram muitas. Com o massacre de Galba, os Lusitanos perderam mas acabaram por vencer. Na batalha contra o pretor Pompeio, os Lusitanos vencem, mas, ao celebrarem junto dos símbolos da cultura riquíssima dos Romanos, vê-se que já perderam a batalha decisiva, a batalha pelo Espírito. Roma venceu.

É difícil avaliar o papel que o conhecimento erudito dos deuses pré-romanos desempenhou nesta decisão de Samuda de não incluir deuses lusitanos no seu poema. Apenas um século depois, já no século XIX, é que aparecerão as primeiras grandes investigações sobre os deuses do panteão lusitano, nomeadamente as que foram realizadas pelo doutor José Leite de Vasconcelos e que culminariam na grande obra *Religiões da Lusitânia*, começada a publicar em 1897. Como Leite de Vasconcelos demonstra, a notícia destes deuses locais estava muito difundida no início do século XVIII, tendo aparecido pelo menos uma memória académica sobre o deus Endovélico. Não se sabe se Samuda a teria lido. De qualquer modo, muito tempo antes, ainda no século XVII, Brás Garcia

Mascarenhas, na sua epopeia de assunto semelhante à de Samuda, publicada postumamente em 1699, já menciona esse deus (*Viriato Trágico*, V, 89-120).⁶ Samuda, como grande erudito que era, tinha indubitavelmente conhecimento das referências que os autores clássicos fizeram aos deuses locais; contudo, não poderia conhecer os resultados de investigações arqueológicas que apenas viriam a ser feitas muito tempo depois da sua morte. Supondo que nunca esteve ausente do seu espírito o facto de existirem deuses locais, a utilização de divindades greco-latinas é um exemplo do seu ecumenismo. Alguns aspetos dos ritos realizados dentro dos templos parecem não ser latinos, mas derivados de cultos locais, nomeadamente o sacrifício de prisioneiros de guerra, de cavalos e de porcos. As fontes sagradas parecem também ser um elemento local, se bem que fossem comuns às religiões da Antiguidade. Esta junção de elementos rituais locais com deuses greco-latinos está de acordo com todo o poema. Castro Sarmento, nas estâncias com que resolve terminar as *Viriadas*, compreendeu perfeitamente o espírito ecuménico de Samuda e realiza ele também uma aproximação entre panteões muito diferentes. Teria sido interessante ver no poema os deuses locais Endovélico, Trebaruna, Atégina, Bormânico, Návia, Runesocesius, as deusas-mães, e muitos outros, se bem que isso alterasse completamente a visão de Samuda. Se Viriato fosse celebrar as suas vitórias militares nos templos dos deuses lusitanos, não se veria como a guerra poderia terminar; indo celebrar nos templos dos deuses do povo contra o qual lutou, a mensagem é a de que o problema da guerra já foi ultrapassado e os povos são de facto irmãos.

A arquitetura do templo de Évora é descrita com grande detalhe, como se Samuda acompanhasse cinematograficamente os olhos de Viriato a mirarem cada peça de arte. A estátua dedicada a Júpiter é descrita com minúcia, bem como algumas outras que pareciam obras de Fídias, presentes das cidades de Corinto e de Élis. Os cavalos do templo pareciam os que eram utilizados pelos varões famosos e notáveis nas suas deslocações a Delfos. As pinturas são descritas e apreciadas, comparando-se os painéis com as pinturas do Pireu em Atenas. A madeira esculpida das molduras dos quadros é finamente analisada. Nos painéis aparecem todos os oráculos famosos da Antiguidade. Samuda, de facto, não está a descrever as obras dos inimigos, mas as obras de quem já venceu os Lusitanos de modo não militar. O apreço pelos testemunhos artísticos da grande civilização romana chega ao ponto de elogiar os inimigos, ao mencionar os «Gregos e Romanos deleitosos» (VII.13.3-4).

Toda a arte antiga parece estar em miniatura no templo visitado por Viriato. Representa-se as aves utilizadas pelos sacerdotes na adivinhação, as

⁶J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, p. 115.

mulheres dos oráculos antigos, a incubação pelos sonhos e a incubação em cavernas, os bosques onde se situavam os santuários gregos e romanos, as muitas festividades, como as Bufónias, os velhos reis de Atenas e do Lácio, etc. Roma chega a ser elogiada como “a grande Roma” (VII.72). A excelência da arte romana manifesta-se na transfiguração dos elementos naturais com que é feita. A pedra das estátuas parece animada como se tivesse vida dentro de si: «o fingido pelas regras da arte / Natural parecia em qualquer parte» (VII.9.7-8). Quando o pregoeiro do templo apela ao silêncio, Viriato cobre a cabeça. Diz Samuda, «Viriato por costume latino / A cabeça ornada cobre de véu fino» (VII.117.7-8). Os olhos de Viriato foram, pois, raptados pela beleza das obras de arte do inimigo contra quem combatia, e os seus cabelos foram cobertos por respeito para com um costume desses mesmos inimigos. Tudo isto é dito sem ambiguidade e sem ressentimento, depois de uma batalha sangrenta entre Lusitanos e Romanos.

Viriato luta contra Roma mas já foi conquistado por Roma. Viriato está em Évora, mas poderia estar na própria Cidade Eterna. O detalhe da arte que os seus olhos apreciam é o mapa do porvir que espera os Lusitanos. Está lá um rapaz em bronze a percutir um gongo para chamar as gentes à devoção. Estão lá os bosques onde se localizavam os oráculos antigos. Está lá o templo de Ámon, com a cabeça de carneiro, mostrando como o desejo humano de conhecer o futuro é tão grande «que inda se busca em risco de ser duro» (VII.22.7-8). Está lá também uma representação do monte Ida, em Creta, e da caverna onde adormeceu Epiménides. Os artistas do templo de Diana em Évora também não se olvidaram da cova de Pitágoras, nem das ninfas que cuidaram de Zeus em criança. Está lá a música dos Curetes, «música horrenda para ação piedosa» (VII.25.4), e também o altar de Pisa, os antigos reis e arcontes de Atenas, o herói Teseu, os nobres, as rainhas, as damas de companhia, as sacerdotisas, os sacerdotes especialistas em agouros, os hierofantas, os crentes e os suplicantes dos vários templos, as Apatúrias atenienses, o rito de introdução de uma criança na fratria em honra de Zeus Frátio, as Diássias, as Eleutérias, os reis lacedemónios, os juízes dos Jogos Olímpicos, as várias modalidades, como o pentatlo, a corrida, a luta e o lançamento do dardo e do disco. Nas representações das festas em honra de Dédalo, as Dédalas, vê oferendas de touros, bezerros e ovelhas. Os olhos de Viriato caem com atenção sobre os atletas vitoriosos dos jogos, cada um deles «forte no corpo e valente na alma» (VII.51.7).

Lá estava também a música, a poesia e o teatro. Os nomes de Xénocles, Eurípides, Empédocles, Heródoto e Górgias não são esquecidos. Os grandes valores não eram deslembados, como a memória que garante a identidade, a

liberdade e a glória. A sabedoria dos povos é recolhida em pérolas gnómicas. A mudança constante do mundo preocupou desde sempre os espíritos. Samuda afirma com sabedoria que «Varia cenas qual teatro o mundo, / Tempo, que tudo muda, leis altera» (VII.55.5-6). O juízo sábio não reside nos atletas magníficos que participam nos jogos, mas nas pessoas de grande memória que já muito viram e já muito viveram. O valor dos velhos é grande porque «tanto pode a força do juízo / Que traz deuses de Inferno a Paraíso» (VII.63.7-8). Poder-se-ia perguntar, qual é a sabedoria máxima que os homens podem alcançar? Será reconhecer que tudo muda e nada é permanente? A força do juízo que parece mover os próprios deuses está baseada em quê? O poeta não tem dúvidas, e afirma, a propósito das Sotérias de Sicónia, na Macedónia, que «o humano sem divino é nada» (VII.67.7). A arte do templo representa muitas formas de culto que mostram a ligação humana ao sobrenatural e a obsessão humana em manter essa ligação. O templo em que está Viriato não representa apenas o culto ao deus a que está consagrado. Cada deus é apenas uma pequena face de um assunto infinito. O culto a Sabásio não foi esquecido, nem os cultos messénios e milésios, nem as Lectistérnias, celebrações em tempos de dificuldade. Estão lá também as festas Itomeias, as festas Conceptivas, as festas Curálias, os agoureiros e arúspices romanos. O mundo vasto dos jogos circenses, que dão «ao povo desenfado, a Roma glória» (VII.87.8), está lá representado, com as corridas de quadrigas de diversas cores. Em templo romano não poderiam deixar de estar os Pontífices, o Lictor e o Flamen Dial. Viriato tem os pés em solo romano que foi consagrado, apesar de estar em terra ibérica. Uma imagem que os seus olhos veem no templo anuncia o futuro do seu povo. Vários povos juntam-se com amizade sobre o Monte Albano. O poeta faz um elogio surpreendente à «grande Roma», deixando no ar a ideia de que os Lusitanos poderão vir a ser mais um povo de mãos dadas aos outros povos no cimo do Monte Albano (VII.72.1).

Na parte final do Canto VII, Viriato ocupa-se dos sacrifícios de ação de graças pela vitória conseguida. Ouve-se o som das trombetas, e os touros e carneiros estão preparados para o holocausto. As insígnias conquistadas aos Romanos são levadas pelos Lusitanos. As armas apreendidas são transportadas em carros altos. Os troféus são mostrados, bem como o tesouro do saque.

Uma celebração de vitória não estaria completa sem prisioneiros. O cortejo dos prisioneiros romanos é uma lição sobre a insegurança do mundo e as vicissitudes da história. Onde antes tinham braceletes de ouro, têm agora algemas de ferro: «muda a metais, como a paixões, vitória» (VII.94.8). Caminhando sem brio, os prisioneiros ainda mostram alguns sinais de glórias anteriores. O cortejo de prisioneiros vivos faz com que os vencidos possam

ver os novos vencedores. Também aqui está presente a proximidade entre a Lusitânia e Roma, tal como na imagem dos povos reunidos no cimo do Monte Albano. A celebração de Viriato é semelhante em espírito a um triunfo romano. Estão lá os prisioneiros, os parentes e os filhos dos vencedores, que assistem a tudo; ouvem-se ovações e música triunfal, transportam-se insígnias. Falta, como é evidente, a voz que lembra ao vencedor que a glória é fugaz. Não há também entre os Lusitanos alguns chocarreiros para apupar os prisioneiros, nem pregoeiros da glória. A atitude de Viriato está mais próxima da devoção religiosa do que da pompa festiva. Em vez do louro com fios de ouro, são as folhas do carvalho que o toucam.

Viriato é recebido por um grande número de sacerdotes, dirigidos pelo Flamen Dial. Viriato banha-se, purificando-se, para que as lustrações fossem realizadas corretamente. O oficiante dos ritos também realiza a sua lavagem lustral. O pregoeiro do templo apela ao silêncio. Dando mais um sinal da aproximação entre os dois povos, Viriato bebe voltado para Nascente e vaza o resto sobre a cabeça do touro. Depois, coloca a *salsa mola*, feita de água, sal, cevada e incenso, na testa do animal. Retira pelo do touro e, juntamente com a *mola*, deita-o ao fogo. A rêz é degolada com a dolabra. Viriato ora enquanto o touro está ao lume, e ouve-se música de flauta doce. O número de animais oferecidos em holocausto é ímpar: três touros e sete carneiros.

Tudo isto é surpreendente depois de uma batalha contra os Romanos, e demonstra, mais uma vez, que a visão universalista do Doutor Samuda ultrapassa o dualismo pobre de vencidos contra vencedores. Os povos estão unidos no essencial. O general que venceu os Romanos desempenha tão bem o seu papel que o Flamen romano do povo vencido se mostra satisfeito (VII.118).

CANTO VIII

Depois dos ritos religiosos, segue-se o banquete da vitória. Os sacerdotes lavam-se para o banquete e o povo generoso também participa dele. Um nobre lusitano é o mestre-de-cerimónias e dispõe as pessoas pelos lugares. Numa mistura de guerreiros lusitanos com hábitos romanos, o banquete é claramente romano. Viriato transmite ao mestre-de-cerimónias o seu pensamento sobre a utilização de leitos às refeições. Para o general, no início dos impérios, todas as pessoas comem sentadas; só depois, com o aparecimento dos vícios, passam a comer deitadas. Viriato qualifica este procedimento como «próprio a preguiçosos» e uma peste que chega à Ibéria (VIII.9.1,7-8). Pensando filosoficamente sobre estes assuntos, o chefe lusitano interroga-se sobre os efeitos da importação de modas estrangeiras, e acaba por considerar mais perigoso o luxo que vem de Roma do que a guerra. O que podia tornar-se um incidente diplomático rapidamente desaparece. Contento por transmitir o seu pensamento sobre o hábito romano de utilização de leitos às refeições, Viriato cumpre com elegância protocolar as regras da casa onde está. O pensamento derradeiro que transmite ao mestre-de-cerimónias é o de que o vício é como uma hera que destrói um muro. Evitando com tato qualquer atrito com o chefe que acaba de vencer o exército do seu próprio povo, o mestre-de-cerimónias concorda com Viriato, e manda que os leitos sejam ordenados hierarquicamente, dando o lugar mais importante ao general lusitano. Para não ofender o pensamento de Viriato sobre o vício, o mestre-de-cerimónias verifica pessoalmente se as pessoas estão sentadas ou deitadas sobre os leitos, recomendando-lhes que não se inclinem para a esquerda e não se deitem sobre o peito.

Antes de começar a comer, Viriato faz uma libação aos deuses, como era costume em todos os povos antigos, nomeadamente na Grécia e em Roma. Depois de invocar os deuses e de derramar em sua honra um pouco da sua bebida no solo sagrado, Viriato faz passar o copo que estava na sua mão para os guerreiros que se encontram à sua direita. Durante a refeição, os comensais são adornados de flores, com braceletes, grinaldas e capelas. Os vencedores são como deuses na terra e, tal como os deuses do céu, também se adornam com flores. Para o poeta, as flores servem para exaltar os amigos ou para suprimir no silêncio o que não se deve dizer. Semelhantes, pois, aos deuses, os comensais dedicam-se à comida. Lá estão as carnes assadas, o tenro cabrito, alguns outros animais, incluindo o peixe e as aves gostosas.

Os guerreiros elogiados por Viriato retribuem, e não se esquecem os amigos que já partiram para sempre ou os que não estão presentes. As damas também são nomeadas. O número das letras do nome de cada uma era igualado em brindes.

Não há banquetes sem vinho. Apesar de os Lusitanos serem um povo que vivia maioritariamente do saque, Samuda compara os vinhos lusitanos com os mais famosos vinhos da Antiguidade. Como se compreende, este é um sinal simpático do processo de identificação dos Lusitanos com os futuros Portugueses. A qualidade multissecular da arte do vinho português é deslocada para o passado. O mesmo poderia ser dito da doçaria e da nobre arte da produção de sobremesas. É verdade que o momento em que os doces aparecem no banquete «imita a pérsica grandeza» (VIII.31.4), mas também é verdade que há desde sempre uma pérsica grandeza nas sobremesas portuguesas.

Os guerreiros cantam hinos de louvor aos deuses, sobretudo a Júpiter Salvador e Criador, enquanto os criados levantam as mesas. Viriato faz um brinde ao Bom Génio contra a bebedeira, e o copo corre novamente à sua direita. Tudo isto é acompanhado de música e de boa disposição. Há muito divertimento e adivinhas. Os mais bem sucedidos recebem grinaldas, enquanto os outros são forçados a beber vinho com sal. Viriato ainda toma a palavra para fazer uma reflexão sobre a sabedoria da gratidão e do favor, e faz-se um brinde pela saúde.

Como as pernas precisam de exercício depois de um grande banquete, começam as danças lusitanas. Uns querem e sabem dançar, outros não querem e não sabem dançar. Estes últimos preferem jogar ao cótabo. Neste jogo antigo tenta-se arremessar vinho e entorná-lo o menos possível. Não se procura o lucro mas apenas o carinho das senhoras. Este era o cótabo siciliano, mas havia uma outra modalidade em que se lançava o vinho sobre um prato e se batia na cabeça da estátua. Outros guerreiros dedicam-se a jogos de dados a dinheiro. Viriato, garante da integridade moral do seu povo, ao ver que alguns dos seus companheiros jogam a dinheiro, começa a falar. Começa por censurar Roma por permitir o jogo nas Saturnais. Não querendo que a festa se transforme em vício, Viriato lembra os Argonautas e o costume de queimar as línguas das rezes. Consciente da vida árdua que levam os seus companheiros, Viriato não suspende o jogo, mas pede aos seus companheiros que se dirijam ao templo para queimar

umas línguas de rezes, garantindo que as celebrações continuarão nos dois dias seguintes nos templos vizinhos. O próprio Viriato queima línguas no altar e ergue um copo de vinho a Júpiter. O banquete termina com muitos brindes.

A segunda parte do Canto VIII é completamente diferente. Tântalo, depois do banquete, volta ao sítio onde viu passar Ormia. Ao encontrá-la, abre o coração e testemunha-lhe a dor de estar longe dela. Ormia, como todas as mulheres que sabem que são desejadas, finge que não ouve Tântalo e os seus protestos de amor. Desvia o assunto e dá-lhe os parabéns pela vitória militar, incendiando ainda mais o amor de Tântalo. Os amantes entregam-se aos seus assuntos e, precisamente porque o fazem, descuidam-se dos perigos. Como rolas que, dedicando-se ao amor, são surpreendidas pelas aves de rapina, assim os amantes caem debaixo da atenção de Ate, a Discórdia, a pernicioso filha de Zeus.

Ate prometeu vingança por ter sido expulsa do Olimpo. Sendo uma deusa despeitada, afirma que, ao mover os interesses das pessoas, causará mais danos do que se movesse armas (VIII.68). Amaldiçoando Júpiter Tonante, declara que o Deus dos Deuses só venceu as suas batalhas passadas devido a ela. Convencida de que o seu poder se estende a todos os animais do mundo e que o seu estandarte bélico é seguido por todos os seres, Ate proclama que estende a sua guerra a todo o mundo. Convencida do seu poder, Ate lança a discórdia sobre todas as ordens de seres que existem no mundo. Empunhando a espada com fúria, repara a certa altura no casal de namorados que se dedicam ao jogo do amor lá em baixo, na Lusitânia.

Perturbada por ver a elegância do amor dos dois, Ate consulta o *Livro da Discórdia* para saber o que fazer nesse caso. Esse livro tem como título de capa *Amor, Governo, Proteção, Justiça*, mas o seu frontispício interior tem o título verdadeiro escrito a sangue: *Tiranía, Fação, Zelos, Cobiça*. Fingindo que lê o livro, olha de soslaio o par de namorados. O espetáculo do amor faz com que ela própria seja tomada de ciúmes, «como se amara» (VIII.78.1). O amor que une Tântalo a Ormia teve origem divina. Poderá uma deusa desfazer o que foi feito por outros deuses? O desafio é grande. Ate declara que a sua coroa de glória será terminar com o amor daqueles apaixonados. A sua lei é clara: não há festa sem discórdia, não há benefícios sem um custo a pagar (VIII.80). A madrugada faz com que tenha de se apressar, porque a luz do dia acorda os homens. Porém, num raro momento de ponderação filosófica, Ate detém-se ao reparar que não há razão para se apressar. Do seu ponto de vista, o génio dos seres humanos faz com que procurem sempre o mal, se bem que culpem a sua natureza e a fragilidade do barro com que são feitos. A sua história é um exemplo eloquente disso mesmo. A fealdade do seu barro é gritante: o seu

cabelo é uma teia de serpentes, os seus olhos são vesgos, cheios de lágrimas e mutilados, a sua boca tem beiços grossos e dentes amarelos, a sua pele é pálida, as suas pernas são tortas e a sua espinha está dobrada. Não foi devido a este barro que foi expulsa do Olimpo, mas devido às decisões da sua alma que estão na origem dos crimes (VIII.83).

Ate reclama com orgulho o seu papel em todas as discórdias, e faz uma lista muito longa de casos de amantes divinos em que teve influência na origem dos seus atritos. Orgulhosa dos seus feitos entre os deuses, Ate acredita que será fácil destruir o amor de dois banais seres humanos porque, afinal, «terreno e celeste iguala em dano» (VIII.96.3-4). Apesar de a Discórdia nunca ter produzido amor, ela queixa-se de ser injustamente acusada muitas vezes devido à falta de juízo dos seres humanos: «São nossas culpas suas imprudências» (VIII.97.4). Este desabafo tristonho é precioso. Se o comportamento humano não é, afinal, completamente determinado pelos deuses, há um espaço de liberdade nas decisões. Nem todas as discórdias se devem à obra da deusa da Discórdia, e há mais discórdias no mundo do que as que a deusa originou. Esta ideia continua o pensamento anterior da deusa quando repara que a chegada da aurora a obriga a apressar-se na sua intervenção junto do casal de namorados. Se não há razões para pressas porque o génio dos homens procura sempre o mal, boa parte da atuação dos seres humanos é livre, no sentido de que não é influenciada por poderes exteriores. Infelizmente, o desabafo da deusa mostra que, podendo atuar livremente, os seres humanos decidem com leviandade e, sobretudo, não se responsabilizam pelas suas próprias decisões. De qualquer modo, sendo autores de decisões imperfeitas, influenciados pelas paixões e atribuindo a outros a responsabilidade por elas, os seres humanos são livres. O pensamento da deusa parece ser este: os humanos são tontos, mas são livres.

Depois deste monólogo de Ate, os amantes têm de se separar devido à chegada do dia. Tântalo, ainda ao lado de Ormia, já sofre com o pensamento de vir a estar longe dela. Irado contra o dia que é responsável pela separação de ambos, Tântalo, em desespero, ainda pede às Luzes que se detenham. Ormia, por seu lado, guarda no seu peito a dor pela separação iminente. Pede a Tântalo para se ir embora, avança uns passos, mas acaba por parar. O laço que une os amantes parece ter uma materialidade metálica, semelhante à que irmana o ferro e o magnete. Não sabendo muito bem o que fazer, o coração de Ormia assemelha-se a uma «náutica agulha perturbada» (VIII.103.1). O dia, porém, é perigoso para os amantes, e eles acabam por se separar.

CANTO IX

O Canto IX continua o período do descanso dos guerreiros depois de uma batalha em que foram vitoriosos. No segundo dia de celebrações, Viriato e os seus comandantes militares montam a cavalo e são aclamados por uma multidão que os estima. Já fora da cidade, veem a beleza do campo lusitano. Viriato repara nos touros e nos rebanhos de carneiros que o povoam. As searas, uma «verde alcatifa deleitosa» (IX.6.1), alongam-se no horizonte. O vento, por seu lado, dá-lhes vida e movimento, fazendo com que pareçam um mar com as suas ondas. Este «vegetante mar de verde gai» (IX.9.8) tem praias nos pomares de fruta que os guerreiros veem por vezes. Aqui e ali passam por bosques, vendo lebres, galgos e caçadas a acontecer. O equilíbrio da natureza é garantido pelos lobos que perseguem os rebanhos. A terra tem serpentes no meio das searas e dos bosques. O ar está cheio de passarinhos. A água parece ser o encontro da terra com o ar. Este encontro é visto por Viriato e pelos seus companheiros sob a forma de garças brancas das lagoas e, infelizmente, no lodo que aprisiona os passarinhos. O ar do céu não parece perder a batalha bonita dos elementos no campo lusitano. O milhafre caça as perdizes e as cegonhas transportam serpentes no bico. A perfeição do ar é dada pelos bandos de rolas e pelas brincadeiras dos pombos.

Depois deste passeio pela planície alentejana, Viriato e os seus companheiros aproximam-se de um templo. Há nessa zona ribeiras frescas e cristalinas. Os jardins são ricos em hera cheirosa, em plátanos e madressilvas. O Poeta repara no cheiro do jardim do templo. Se os eflúvios deleitosos dessem vida, poder-se-ia viver nesse jardim para sempre: «Dessem, como por muitos celebrado, / Os hálitos das flores mantimento, / Aqui também do cheiro viveriam» (IX.36.5-7). Este jardim representa a riqueza da terra dos Lusitanos. Estão lá as rosas cuja beleza efémera é um aviso para os reis. Os cravos também marcam presença, bem como os narcisos, as perpétuas, os jacintos, as açucenas, as violetas, os goivos, os junquinhos, as íris, as tulipas, as margaridas, os amores-perfeitos, as peónias e as calêndulas. Os pássaros apreciam os jardins do templo e dão música ao ambiente. Estão lá os pintarroxos, os melros e os pintassilgos. Toda a natureza tem lições preciosas. Os amores-perfeitos, por exemplo, dão uma pérola de sabedoria ligada à mudança constante de todas as coisas, porque «a constância de maior valia / Tem por base o mudável do conceito» (IX.47.3-4).

O templo tem uma arquitetura jónica. À entrada estão estátuas de leões a puxarem carros. Os acabamentos de madeira transformam a pedra em jardim. As molduras têm vides, pinheiros e carvalhos. As pinturas são perfeitas. Estão lá as danças dos Coribantes, os tocadores de címbalo e muitas figuras dos mitos antigos. Os que dançavam como se tivessem sido mordidos por uma tarântula também lá estavam, assim como as Opálias das Saturnais, a troca de vestimentas nas Hilárias, as estações do ano, as constelações, as festas das Fordicídias com as virgens vestais, as festa das Parélias, das Robigálias, das Florálias, das Majumas, das Lucárias, das Furinálias, das Fontinálias, das Medritinálias, das Ageronálias, das Laurentálias, das Quirinálias, das Fornacálias, do Repifúgio, das Terminálias, das Crónias atenienses, e das Vestálias. Enquanto Viriato via com atenção as pinturas do templo, o sangue do touro pingava do taurobólio e realizavam-se sacrifícios de carneiros.

Num templo romano tem de estar presente o elogio a Roma. Este elogio é estranho tendo em atenção a história de Viriato, como é evidente. O olhar deste general denuncia-se aqui e ali, por exemplo no apreço pelo facto de as figuras femininas não aparecerem desnudadas, porque «abuso arreigado mal se doma» (IX.82.8). Este juízo moralizador relembra o discurso sobre a utilização dos leitos nos banquetes romanos. Ao lado do apreço pelo traje das figuras femininas, o encómio do carácter do povo do inimigo é também surpreendente. Samuda menciona um traço que lhe agrada especialmente, a memória que os Romanos guardavam da sua história, a memória que dá identidade e que dá sentido para o futuro: «atentos recordavam a memória dos claros fundadores» (IX.96.1-2). A cidade que teve uma «fundação soberba» (IX.79.6) está lá representada em todo o seu esplendor. As milícias romanas a desfilar depois de uma conquista bem sucedida aparecem adornadas com grinaldas e acompanhadas de trombetas. Muitos exemplos da força romana decoram o templo. Pompílio está lá, assim como os atletas e os gladiadores.

Samuda adota mais uma vez o seu ponto de vista supra-histórico. Viriato, falecido a 139 a.C., nunca poderia ter visto num templo romano da Ibéria uma representação do gladiador Espártaco (120-70 a.C.). O templo, com a imagem de Saturno e da melancolia, parece ser o lugar adequado para acontecer a superação dos detalhes cronológicos e para se promover a união de épocas

apartadas. O tempo deste templo é, pois, diferente do templo que Viriato e os seus companheiros encontraram ao passearem pelo campo lusitano. O tempo de Saturno parece que imitava o tempo dos Romanos, ou o que estes faziam parecia ultrapassar os limites do tempo. Referindo-se ao nome grego do deus, Cronos, o poeta afirma que era «Velho, curvo e decrépito fingia / A que o romano século imitava» (IX.71.1-2). Para um deus poderoso imitar o tempo de um povo humano, as ações deste povo deverão ficar escritas na eternidade. O tempo que Viriato vivia enquanto estava no templo era, pois, o «romano século».

Este templo tinha como sacerdote um lusitano de nome Arquígallo, o que representa bem a superação das hostilidades entre os povos e o futuro em que ficarão unidos (IX.117). O sacerdote é acompanhado por uma virgem vestal e ambos esperam Viriato à entrada do jardim do templo.

O ritual segue o modelo apresentado durante a visita ao primeiro templo. Viriato começa por fazer uma libação, sacrificando depois uma bezerra. Ao alimentar o fogo da deusa Rea, o general profere a sua súplica. Sacrifica-se de seguida um cordeiro, numa atmosfera carregada pelo vapor do vinho e pelo cheiro a incenso. Uma porca prenhe é também sacrificada. No final da sua súplica, Viriato retira o véu da cabeça, acende uma tocha e olha para Saturno, que por sua vez imita, como se viu acima, o século romano (IX.125). O sacrifício termina com um hino cantado pela Vestal e outro cantado pelo sacerdote, elogiando os benefícios que a Grande Mãe, Rea, outorga à agricultura.

Este sacrifício acontece em templo que tinha as portas fechadas porque Estíe e Lares são deuses domésticos. Num templo em que a Grande Mãe e Saturno dominavam, a escuridão é adequada. Porém, quando os guerreiros começam a comer, abrem-se as portas e passam-se longas horas a fazer brindes. Como a jornada a fazer era longa, esta festa termina ainda antes de o dia acabar.

CANTO X

O Canto X continua a história dos amores de Tântalo e de Ormia depois da ameaça de Ate, a deusa da Discórdia. Tântalo, medindo o tempo pelo relógio enganoso da intensidade dos seus sentimentos, «álgebra singular de namorados» (X.2.4), apressa-se a procurar Ormia. Ate não se esqueceu do casal de namorados, nem da glória que a espera se conseguir acabar com esse amor feito pelos deuses. Para realizar o seu plano, disfarça-se ela própria de Ormia, de modo a enganar Tântalo. Este, por seu lado, caminha com a esperança de encontrar a sua amada.

Quando Tântalo encontra Ormia, isto é, Ate disfarçada de Ormia, sente que é um sonho que está a viver. A pseudo-Ormia, porém, pronuncia o nome de Tântalo com desprezo, o que enche o jovem de indignação e raiva. A cólera apodera-se dele como se fosse um touro pronto a carregar, cheio de fúria. Sem se aperceber do engano, Tântalo toma a espada. A Discórdia repara na cólera de Tântalo e procede em conformidade. Lutam os dois com violência. Quando Ate se apercebe de que não o pode vencer, desaparece de repente, deixando Tântalo confuso e perturbado como um náufrago num mar de paixões. Embainhando a espada e ocultando a cara, o guerreiro corre sem sentido. Afasta-se para não fazer cair sobre si as atenções da vizinhança. Não chega a participar numa festa para que foi convidado, e, para pensar noutra coisa, vai para a floresta caçar.

No labirinto dos seus pensamentos e emoções desordenadas, Tântalo não consegue fazer nada na floresta e não chega a caçar. Parece que «vagava adormecido» (X.19.2). Com sede, resolve beber água, mas o espelho de água faz com que ele abra o seu coração e fale desordenadamente. Falando para a água, manifesta o seu desejo de que a água que bebe fosse a do esquecimento, de modo a que o amor e as suas chamas se apagassem. Deseja também que todas as suas memórias desapareçam.

A ingratidão de Ormia faz com que pense se estará louco (X.25). Num registo raríssimo da poesia portuguesa, notável a todos os títulos para a época, Samuda faz com que Tântalo elogie o sexo feminino, os seus paradoxos, os seus males e os seus bens:

«Oh! Sexo, por quem tanto suspiramos
Que nem contigo, nem sem ti vivemos.
Em ti vida mortal principiamos,
E por ti, quando grandes, nós morremos.
Como a centro parece te buscamos,
Gratos do bem, que infames recebemos,
Mas quanto em mães te adoças carinhoso,
Em damas te requintas enganoso.

«És rosa que em suave bizzarria
Picos esconde, se fragrância ostenta,
Sereia de quem perde a melodia,
Sol que muitas vezes queima, outras aguenta;
Tarântula que mata de alegria,
Estrela de Orion, que faz tormenta,
Império com grilhões de cativoiro
Peçonha disfarçada em grato cheiro. (X.26-27)

Vivendo debaixo de uma tempestade de emoções descontroladas, Tântalo chega ao ponto de desconfiar das suas evidências. Estava neste alheamento de si próprio até que ouve uma voz no meio da floresta, que o chama de volta à vida. Uma ninfa foge aos gritos de um tigre furioso. Com grande coragem, Tântalo corre para a fera e atira-lhe uma lança, matando-a de imediato. Depois, empunhando a espada, corta a cabeça do tigre, e, com isso, corta também o medo da ninfa.

Tântalo pergunta à jovem quem é, mas, reparando nos seus próprios sentimentos, vê o absurdo de ela fugir às feras mas de estar a caçar homens como ele próprio devido à sua beleza extraordinária. Este absurdo faz com que desconfie do que está a ver, desconfiança que não lhe tinha surgido, surpreendentemente, quando encontrou a Discórdia disfarçada de Ormia, mas que lhe veio quando as emoções o dominaram ao lado do espelho de água. Continuava, pois, a aprender a não confiar nos seus sentidos. Tudo indica, do seu ponto de vista, que se trata de uma deusa. A ninfa começa por agradecer o seu auxílio. Como estava para perder a vida, deseja ficar conhecida como filha do seu salvador, filha de Tântalo. Não dizendo o seu nome, coloca-se ao serviço do guerreiro que a salvou.

Depois de uma tempestade noturna, o céu abre-se e vê-se a Lua. Chegam, entretanto, sons de vozes femininas e de cães a ladrar. A ninfa corre para as suas companheiras e abraça-as. A sua alegria é enorme e a todas cumprimenta. Tântalo está rodeado de beleza feminina e cada ninfa parece mais bela e perfeita do que as

outras. Porém, tal como a rosa é a mais bela das flores, assim Cíntia lhe parece a mais bela das ninfas. Cíntia, por seu lado, com a sua perspicácia feminina sublimada pela condição divina, repara no desejo amoroso de Tântalo por ela. Dirige-se, receosa desse desejo, à ninfa Melissa, convencida de que «os prelúdios da vontade são já manchas na pura castidade» (X.44.7-8). Melissa responde-lhe, negando que Tântalo tenha «prelúdios da vontade». Afirmando-se devedora de quem lhe salvou a vida, proclama a coragem de Tântalo e conta a Cíntia o que se tinha passado. Quando passeava pelo crepúsculo, adormeceu no momento errado e não ouviu o chamamento das suas companheiras. Com a chegada da noite, Melissa não conseguiu encontrar as amigas. Ao chegar o dia, Melissa procura recuperar o tempo perdido. Ouve o som da trombeta e tenta aproximar-se das suas companheiras através de um atalho, até que se perde na floresta. A certa altura, tropeça e cai à água. Lutando para não morrer afogada, consegue agarrar-se a um ramo. Com o esforço para se salvar, perde a aljava com as flechas. Consegue chegar a terra e o sol seca a sua roupa. Pensando ter-se livrado do perigo, logo outro se apresenta. Um tigre feroz ataca-a, e teria acabado com a sua vida se não fosse a coragem de Tântalo.

Cíntia, a outra ninfa, reconhece que avaliou mal a situação devido à estima que nutre por Melissa. Dirigindo-se a Tântalo, trata-o como herói e diz-lhe que de facto salvou, não uma, mas duas vidas, e que ele tem agora duas ninfas que tudo lhe devem.

Tântalo responde a Cíntia, reconhecendo a divindade da sua interlocutora, afirmando que não poderia deixar de auxiliar ao ver uma mulher em perigo. Tornando eloquente pela presença de deusas tão bonitas, explica-se dizendo que muito se faz habitualmente para salvar meras imitações da verdadeira beleza. Como o ouro mais puro é uma imitação pálida da cor dos cabelos da ninfa que ele viu em apuros, ele não poderia fazer outra coisa que não salvá-la. Quanto mais descreve Melissa, mais belezas lhe encontra.

Cansado com a situação que acabou de viver, perde o alento ao tributar alento à ninfa. É um Tântalo fragilizado que se dirige à deusa, confessando-lhe que ela nunca suspeitaria de quanto ele é maltratado pelo amor. Ele facilmente trocaria com ela o seu destino. A deusa não reconhece a bondade deste sofrimento e diz-lhe, aliás, que foi bom que ele se tivesse desenganado cedo do amor, o tirano; deste modo, está na situação de quem abandona a mesa de jogo enquanto não perde mais ainda. Os que sofrem tormenta no mar devem desembarcar no porto. Recomenda a Tântalo, por conseguinte, que se emende nas coisas do amor, vendo nele um enganador (X.72). Cíntia recorda que o amor é um perigo maior que os monstros marinhos Cila e Caríbdis. Perante este perigo, Tântalo deverá, do seu ponto de vista, ter cuidado no mar das paixões.

O grupo das ninfas volta com os seus cães à caça. Melissa, a ninfa que tinha sido salva, pede a Tântalo licença para seguir o grupo das suas companheiras. Tântalo, confuso como os peregrinos que em Delfos ouvem a Pitonisa, deixa-a partir. O encontro com as ninfas deu-lhe, contudo, uma lição preciosa. Todo este episódio reforçou o amor que nutre por Ormia. Não se tendo desenganado da jovem apesar do espetáculo de beleza hipnotizadora que teve à sua frente, Tântalo monta a cavalo e inicia o regresso ao acampamento. O amor não morreu e a paixão parece ter sido amansada pela força da razão.

Enquanto isto acontece, Viriato ainda está a viver na zona de Évora dias de descanso e de celebração da vitória frente aos Romanos. Assim sendo, dirige-se a um pequeno templo dedicado a Hermes. Mais uma vez, Viriato depara-se com muitas representações de cenas míticas. Este templo, porém, sendo pequeno, é também perfeito (X.95.6). Encontram-se aqui muitas alusões à sabedoria. Logo à entrada, Viriato encontra um pensamento sobre o conhecimento correto. Para o Poeta, «a ciência no sólido fundada / É só digna do nome e da valia» (X.96.3-4). As letras são mais elogiadas do que as armas. Viriato, guerreiro cuja vida está totalmente ligada ao domínio das armas, lê o conselho de que é pela língua que vamos ao Paraíso ou ao Inferno (X.104.8). No templo encontra também uma recomendação sobre as artes da paz para os povos. Se em tempo de guerra o dever é a conquista, em tempo de paz o dever é o comércio, isto porque a «alma de império é mercancia» (X.101.2).

A visita de Viriato ao templo não poderia decorrer sem um sacrifício de ação de graças. Um bezerro é sacrificado. O chefe lusitano faz orações enquanto o lume queima as entranhas do bezerro. Quando, depois da refeição, principiam os jogos, chega subitamente a notícia de que fugiu um tigre, e muitos temem que alguém perca a vida devido à fera. Solidário com o seu povo em todos os momentos, logo que ouve a notícia Viriato levanta-se para prestar socorro, afirmando que, se forem negligentes no auxílio, não estarão a prestar culto mas uma ofensa ao deus ctónio. Recorda-se nesse momento que o seu amigo e companheiro de armas, Tântalo, foi à caça, e pode, pois, estar em perigo. Empunha uma taça, faz o último brinde, e parte rapidamente para o auxílio.

CANTO XI

Regressando da floresta, Tântalo passa por uma fonte. Detém-se ao ver uma bela cavaleira junto dela. Os seus pensamentos vão todos para Ormia, mas Tântalo continua confuso com todas as aventuras que acabou de viver. A «linda equestre» (XI.3.1) não se apresenta, mas o guerreiro sabe que tem à sua frente uma deusa devido à sua beleza preternatural, «pois formosura com benignidade / São composto só próprio à divindade» (XI.8.7-8). Vénus promete que Tântalo verá Ormia na fonte clara, à distância, porque, como afirma, «confusa anda a verdade» (XI.5.7). Cansado e quase sem fôlego, o guerreiro ganha um novo alento ao ouvir estas palavras.

Vénus ordena então que a maga Circe trabalhe a sua magia e faça levantar os oito ventos. A deusa do amor, por seu lado, desenha no chão muitos traços de geometria perfeita. Convocando também Hécate, Vénus opera magicamente sobre a água da fonte. Esta começa a ferver e parece que toma vida sob a forma de um monstro. A mistura da água com a arte mágica da deusa forma na fonte a casa onde vive Ormia. Tântalo começa por ver o interior da casa da sua amada. O detalhe da representação é perfeito, em tudo indistinguível da própria casa. Vê-se a lareira e a luz interior da casa. Estão lá os caseiros e os cozinheiros. Veem-se os sinais do culto doméstico dos génios tutelares. Como o povo está em guerra, Marte é tido como o protetor da Lusitânia (XI.34.7).

Na visão da fonte aparece Ormia inquieta e a suspirar, dizendo muitas vezes o nome de Tântalo. Está a chorar. Nesse momento, Fúlvia entra no quarto e pergunta-lhe porque chora. Ormia começa a desabafar, e diz a Fúlvia que, apesar de ela ser romana, não são inimigas mas sim grandes amigas. Revelando o seu amor intenso por Tântalo, Ormia conta à sua amiga a razão da sua angústia. Ela sabe que o seu apaixonado saiu a cavalo para o bosque e que, nessa mesma manhã, o seu tigre fugiu da jaula. Teme, pois, o pior. Não se contentando com a situação, diz a Fúlvia que se irá armar para ir procurar Tântalo no bosque, não lhe importando o facto de ser mulher.

Fúlvia ouve-a até ao fim. Começa por lhe dizer que, apesar de ser escrava e de não estar na sua terra, está de facto numa «pátria renovada» (XI.42.5). Com tato e amizade, recomenda a Ormia que não revele ainda os seus sentimentos por Tântalo, sobretudo devido ao pai dela, porque, justifica, «Se não temes da fera, a pai tem medo» (XI.43.8). Como se estes dois perigos não fossem

amplamente suficientes, Fúlvia acrescenta que Viriato, o chefe de todos os Lusitanos, já contemplara a beleza de Ormia. Se ele tomasse conhecimento do amor que ela sente por Tântalo, o seu sangue começaria a ferver. Além disso, dissuadindo-a de se pôr a caminho da floresta, Fúlvia informa-a de que Viriato acabou de sair com muita gente para procurar o amigo.

Tântalo deleita-se a contemplar a visão que aparece no espelho de água da fonte. A um sinal de Vénus, porém, a maga Circe funde a visão nas águas. Vénus diz a Tântalo que acabou de ver a verdade e que a visão noturna havia sido uma falsidade criada por Ate, a Discórdia.

Estavam nesta conversa quando Vénus pressente que se aproximam homens armados. Correram ambos pela campina ao encontro do bando, mas foi Viriato o primeiro que viu Tântalo. O chefe dos Lusitanos fica muito feliz com o encontro. Com a chegada do resto do bando, Tântalo conta a todos a história de como salvara uma donzela e matara o tigre que a perseguia. Ficam todos felizes com esta história, e, aproximando-se o fim do dia, os cavaleiros regressam à cidade a transmitir a boa nova. Tântalo, pelo seu lado, está feliz como um passarinho a quem os pais dão alimento (XI.64).

De regresso ao povoado, cai uma tempestade pavorosa que testemunha a fúria de Éolo. Apesar da água que lhe cai em cima, Tântalo ferve interiormente com o segredo de amor que transporta. Como não pode dizer nada, ronda a casa de Ormia à espera de uma oportunidade para falar com ela. A tempestade que cai expressa bem a tempestade interior do guerreiro enamorado.

Ormia ouve-o suspirar do lado de fora da sua casa, e abre uma janela para poderem falar, protegidos pelo som dos trovões. Os dois abrem o coração um ao outro. Tântalo proclama o seu amor a Ormia, sentindo que está como um marinheiro num navio a arder. Ormia responde-lhe que teme que só venham da língua as palavras que ouve, e não do coração. Temendo que o amor de Tântalo não seja constante, menciona muitos exemplos de mulheres que tiveram problemas com os seus amantes. Os verdadeiros sentimentos não são, porém, os que pairam nas palavras de Ormia. Como mulher que é, revestiu o seu amor em trajes de ciúme e em falsa ironia. Esta é uma jogada política «em que o gosto dissimula / O mesmo afeto que impugnado adula» (XI.77.7-8).

Tântalo não se vai abaixo e aceita o jogo do amor. Propõe a Ormia que o teste, que ponha à prova o seu amor por ela. Como se fora um filósofo da linguagem cheio de subtilezas, nota que as palavras tanto podem ser veículos do verdadeiro quanto do falso, porque «é desgraça que o falso e verdadeiro / Não tenham de explicar-se diferença, / Que seja a língua sem diversidade /

Pincel do falso e chave da verdade» (XI.78.5-8).⁷ A malícia inocente do amante é evidente. É verdade que as palavras dão para tudo e que não há forma de, através delas, identificar os que têm intenções puras. Porém, se o teste do amor não pode ser feito ao nível das palavras, só poderá ser feito ao nível dos factos. Para se fazer o teste do amor é necessário amar. E é isto que verdadeiramente quer o que ama.

Ormia luta entre paixões poderosas como se fosse uma bússola suspensa entre o norte magnético e um pedaço de metal que a perturba. O seu dilema é cruel: retira-se com medo ou enfrenta o amor? Está, por conseguinte, como uma delgada folha de ouro ao vento. Os termos do dilema, porém, têm um elemento comum. O medo do amor e a coragem para enfrentar o amor compartilham, precisamente, o amor. Rompe-se o coração da donzela, e esta acaba por dizer o que lhe vai na alma. Declarando o seu amor a Tântalo, diz-lhe que o quis procurar quando o soube em perigo, mas que receou o seu próprio pai.

Tântalo desculpa-se por não ter visto o amor de Ormia na fantasia enigmática que teve porque aí só viu «nebulosos desdéns» (XI.90.4). Nesse momento, contudo, sente que nasceu de novo o Sol e que desapareceu a obscuridade. Agradece à donzela ter-se preocupado com a sorte dele quando o tigre fugiu. Dá-lhe, de seguida, o seu primeiro presente, um fio de ouro, uma «nobre cadeia do metal potente» (XI.93.3). Ormia aceita o presente e declara que lhe basta saber que o amor de Tântalo é firme para que possa morrer feliz. Corre a chama do amor pelos braços deles, apesar de parecerem congelados. Tântalo acaba por beijar a mão de Ormia.

O dia, porém, tem uma lógica impiedosa, e os amantes começam a sofrer por saber que se irão apartar de novo. Soa a trombeta de guerra para que os guerreiros se apressem a reunir. Tântalo despede-se de modo patriótico, dizendo à sua amada que luta pela liberdade da terra que é deles. Ormia, em registo idêntico, apoia-o, afirmando que Tântalo perderia valor aos seus olhos e que não mereceria o seu amor se não lutasse pela terra de ambos. Separando-se do seu companheiro, Ormia, com água no rosto e fogo no peito, pede aos deuses que possa voltar a vê-lo.

⁷ O *Sermão Fúnebre* mostra o gosto de Samuda pela reflexão sobre a linguagem, nomeadamente sobre a etimologia. Propõe um lugar central para o hebraico no vocabulário de muitas línguas posteriores, e oferece um exercício ilustrativo disso mesmo com uma análise da proveniência da palavra 'Érebo'. Do seu ponto de vista, a palavra deriva do latim, que por sua vez deriva do grego, que por sua vez deriva do fenício, que, sendo vizinho da Palestina, deriva do hebraico. Muitas outras palavras hebraicas chegaram, pois, às línguas modernas «com mais ou menos corrupção ou diferença» (p. 94).

Este Canto XI é um exemplo eloquente de como a arte poética de Samuda recorre ao seu amplo conhecimento científico, médico e matemático. Assim, ao descrever o cansaço de Tântalo quando chega à fonte, afirma o poeta que estava «exausta um pouco a máquina boyleana» (XI.6.2), aludindo aos pulmões e às investigações de Robert Boyle (1627-1691) com a câmara de vácuo e a bomba de ar.⁸ Depois que Vénus pede à feiticeira Circe para exercer a sua magia, desenha no chão figuras geométricas perfeitas. A descrição dos desenhos é a de um grande conhecedor de Trigonometria. Samuda alude a círculos concêntricos e excêntricos, a senos e cossenos, a triângulos isósceles e escalenos, a paralelogramas e a figuras cónicas, a hipérboles e aos sólidos perfeitos (XI.14-19). A fonte mágica de Vénus é comparada ao telescópio e à câmara obscura (XI.28.1, 5). Mostrando o conhecimento que um médico deve ter de química, menciona o óleo de vitríolo anglicano (XI.22.1). Mostrando que é um *fellow* da Royal Society com amplos conhecimentos da melhor Física da época, alude às investigações óticas de Isaac Newton, nomeadamente aos cristais que decompõem a luz (XI.47.5). As observações que faz sobre a natureza moralmente ambígua das palavras revelam que acompanhava o debate setecentista sobre a linguagem. Estes traços de reflexão filosófica estão também presentes no que diz respeito à metafísica, fazendo Ormia declarar a Tântalo que nunca viu efeitos sem causa (XI.88.3).

⁸ No *Sermão Fúnebre para as Exéquias dos Trinta Dias...* Samuda menciona por duas vezes a máquina boyleana e até mesmo um trabalho de Boyle publicado nas *Philosophical Transactions* (*Pneumat. Phys. Mech. Exper.*) (p. IV, 100).

CANTO XII

Viriato avança para Sul a caminho da Andaluzia. Pompeu, o general romano, foge aos combates e desampara os amigos. Viriato, sem adversário à sua altura, estuda a conquista da cidade de Utica. Os Latinos que aí vivem, confiados na proteção dos muros da cidade, são insolentes. Viriato não responde aos insultos, contentando-se com ridicularizar a valentia romana, afirmando que os que o insultam têm mais valor na língua que nas mãos (XII.6). Defende-se, porém, da acusação de que é ladrão, reclamando a justiça dos seus atos. Afinal, foi «por justiça, e não furto, ao que primeiro / Despojou sem justiça, despojava» (XII.75-6).⁹ Do seu ponto de vista, a grandeza de Roma estava baseada no sacrilégio, na violência, no rapto e no engano.

Tendo mostrado o seu gênio no combate frontal e na guerra de guerrilha, Viriato mostra que sabe como proceder durante um cerco. Ordena aos seus homens que levantem o acampamento e que finjam que se afastam com medo. Os Romanos acreditam totalmente no que eles próprios estão a ver e saem da cidade em perseguição. Os Lusitanos voltam às hostilidades no preciso momento em que os

⁹ A imagem de Viriato como ladrão tem uma longa história. Tito Lívio resume tudo desta forma: «*ex pastore venator, ex venatore latro, mox iusti quoque exercitus dux factos* [de pastor a caçador, de caçador a bandido e logo depois tornou-se chefe do seu merecido exército]» (*Periochae*, 52). Sobre o conceito romano de ladrão e a perseguição que os Romanos tiveram de Viriato, ver Brent D. Shaw, «Bandits in the Roman Empire», p. 36.

Durante a Idade Média essa foi a memória dominante, como se pode ver pela descrição que sobre ele faz a *Crónica Geral de Espanha de 1344*: «avendo seis centos e seis anos que fora Roma pobrada, levantou-se em Spanha huu peon que avya nome Viaraço e era natural de Lucena. E fora pastor de gaado e era muy ligeyro e muy valente e muy ardido. E huu tẽpo fora teedor de camynhos. E por sua bondade juntou a sy grã companha de gentes de pee e andava descubertamente, fazendo mal e roubo contra Romaãos e contra todos aquelles que tiinham sua voz. E entrou muytas villas, dellas per força e dellas per furto, e outras aseytava por algo. E, as que entrava, roubavaas, assy que enriqueceu tã muyto elle e os seus que se fezerom muy grã companha de pee e de cavallo. E tanto mal e dampno fazia aos Romaãos que se sentirom muyto delle mais que doutro que em aquella sazõ ouvesse ê Espanha contra ellese envyaron cõtra elles dous juizes com gram poder. E Vyriaço sayu a elles e pelejou com elles e vencehos e matouhos ambos e outros muytos que com elles hyam e outros muytos prendeu e levou delles grande algo.» Edição de Luís Filipe Lindley Cintra (Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951), vol. II, p. 100. A fonte desta parte da *Crónica de 1344* é a *Estoria de Espanna* de Alfonso X, rei de Castela e Leão. Como se compreende, Samuda não subscreve de modo nenhum esta teoria de 'Viaraço, o ladrom', nem a ideia de que Viriato não era generoso para com o seu próprio povo, como também afirma a *Crónica de 1344*: «Este Vyaraço, quantas riquezas gaanhava na sua parte, scondyaas, andando pellos motes, ê covas» (vol. II, p. 101).

cavaleiros romanos descansavam à noite. Viriato começa por posicionar com génio militar os seus homens debaixo da proteção da noite. Os Latinos que saíram da cidade em perseguição são atraídos para um bosque. Viriato dá aos seus homens, logo de seguida, ordem para se deterem na fuga fingida. Ao verem isto, os Romanos ficam surpreendidos e chegam a pensar que as árvores do bosque se metamorfosearam em homens. Cai de repente sobre os Romanos uma tempestade bélica de que não estavam à espera. Tentam fugir a coberto da noite, mas, não conhecendo o terreno e não conhecendo as posições dos Lusitanos, acabam por ser chacinados. Alguns tentam escapar pelas lagoas e atoleiros, mas o seu destino é ainda pior. Lutam com o lodo para sobreviver. Os que estavam mais armados são também os que são mais pesados; no lodo, o seu destino tem o desfecho mais rápido e mais cruel.

Os Romanos são rodeados assim como uma montaria de caça faz aos lobos, e são mortos de fora do cerco para dentro. Viriato, tendo resolvido com o lodo o encontro com os cavaleiros romanos, volta-se de novo para a cidade de Utica. Compreendendo o que os esperava, agora que não tinham a proteção da cavalaria romana, os embaixadores da cidade abrem as portas e pedem misericórdia. Viriato mostra-se magnânimo e recebe aplausos dos habitantes da cidade.

Entrando na cidade como um conquistador generoso, Viriato ordena de imediato que se façam sacrifícios a Baco no dia seguinte. O templo do deus é descrito com grande detalhe. Está lá a figura do deus do vinho e da alegria, bem como as Ménades a transportar a cabeça de Penteu; os observantes das orgias; as Medusas; as festas das Nictélias, das Arqueoteras, das Arcádias, das Ambrósias, das Jobáquias, das Pagcládias dos Ródios, das Fagésias, das Agriónias, das Laríssias, das Thias de Élis, das Ascólias, das Lamptérias, das Antestérias, dos Cristros, das Lerneas dos Argivos, das Liberálias, das Brumálias, das Adriádneas de Naxos, das Orcofórias, das Paneias e das Parténias de Atenas, e das Lupercálias; estão lá as estrelas da constelação de Touro; Pã e a bela Eco não deixam de marcar presença; o mundo dos pastores rústicos, com o seu queijo e o seu mel, está lá; estão lá também as ninfas Napeias, as Limoniádes, as Dríades, as Hamadríades e as Jónides; as influentes profetisas da Antiguidade não foram esquecidas; e muitos outros motivos.

Viriato sacrifica uma cabra e atira ao fogo ramos de figueira. Depois de terminado o banquete, o chefe dos Lusitanos ouve os pedidos dos habitantes das cidades conquistadas durante a campanha da Andaluzia. O canto termina com a receção dos embaixadores dessas cidades.

CANTO XIII

Continuando a sua campanha na Andaluzia, Viriato ataca os Sidónios que tinham entrepostos comerciais no Sul da península. A Sidónia terá sido fundada pela distante Síria para dominar as riquezas da Ibéria. Terá sido também aos Sírio-Fenícios que se deveu a fundação do imponente templo de Hércules em Gades (Cádiz). O Poeta alonga-se na descrição da extraordinária estátua, começando por notar que todas as outras estátuas da Antiguidade são pálidas em comparação com esta. Esta descrição não é feita por um beletриста mas por um médico. Os termos da descrição da musculatura saíram diretamente dos tratados médicos de Anatomia e da prática profissional de Samuda em Londres. A descrição da base da estátua dá lugar à descrição do templo contíguo à estátua.

São muitas as pinturas do templo. Se não fossem as batalhas militares, a Ibéria de Samuda é o mais perfeito dos jardins de Arcádia. Ao longo de todo o poema épico viu-se como o conflito militar foi sublimado num entendimento escatológico da história humana, uma reunião de todas as perfeições possíveis num dado momento. O templo de Gades é mais uma manifestação de que o futuro reunirá todas as pequenas perfeições que foram surgindo ao longo dos séculos. Nas suas paredes aparecem muitas cenas de Arcádia, mas também cenas da luta contra as Amazonas, o touro de Diomedes, e, adequando-se a uma geografia que na mente antiga irmanava a Ibéria com os limites do mundo conhecido, aparecem imagens de Cérbero, o cão do Inferno.

Alguns dos sacerdotes do templo realizam libações e comem as vítimas dos holocaustos; outros abrem livros, e outros ainda lançam sortes. Todo o templo está repleto das oferendas que as embaixadas dos vários povos ofertaram ao deus a quem é dedicado esse solo sagrado. Viriato dirige-se ao templo logo que chega à terra dos Sidónios, e aí realiza o sacrifício de leitões, cordeiros e bezerras. Como guerreiro que acaba de vencer os seus adversários, Viriato coloca na sua cabeça uma grinalda feita de ramos de azinheira e nas fontes folhas de choupo branco.

ESTÂNCIAS DE CASTRO SARMENTO

O manuscrito tem uma observação no final da oitava 57 deste canto. A legenda é precisa: ‘Aqui acabou o autor original’. Esta legenda é o problema mais complicado deste poema. Pensando contrafactualmente, se a legenda não estivesse presente e se Jacob de Castro Sarmiento não tivesse acrescentado estâncias de sua autoria, as *Viriadas* pareceriam um poema épico indubitavelmente acabado nas suas linhas principais.

O herói do poema, que foi vítima de uma injustiça com a matança de Galba, é aclamado como comandante dos Lusitanos e enfrenta com sucesso os Romanos. A história do herói lusitano é contextualizada na história multissecular do Mediterrâneo, do Norte contra África, do Levante contra o Ocidente, e vice-versa. Cada momento do conflito militar é acompanhado por visitas a templos e por ações de graças aos deuses. As oposições que apartam os povos com violência são recusadas e toda a história humana é perspectivada do ponto de vista do final dos tempos, quando já não existirem motivos para conflitos. Como Viriato assumiu o comando dos Lusitanos depois de um momento especialmente cruel e de um desastre militar, é natural que o poeta desejasse terminar a sua narrativa com um ponto alto na carreira do protagonista. Deste ponto de vista, não falta nada às *Viriadas*.

Talvez se pudessem ter desenvolvido as histórias paralelas de que é composto este grande poema, nomeadamente a história dos amores do lugar-tenente de Viriato por Ormia. As intrigas dos deuses poderiam talvez ser mais desenvolvidas com uma hipotética descrição do deus que terá vencido a batalha de influência sobre os assuntos ibéricos. A referência a Fúlvia, uma escrava romana de grande beleza que habitava na casa da donzela Ormia, também poderia ter sido desenvolvida. O ciúme de Viriato ao tomar conhecimento do amor que unia Tântalo a Ormia também poderia ter sido explorado. Como é evidente, a morte por traição de Viriato é a peça dissonante entre as *Viriadas* e a representação comum da história do guerreiro lusitano. Samuda nada diz sobre este tema, e idêntico silêncio é guardado por Jacob de Castro Sarmiento. Todas estas linhas hipotéticas de desenvolvimentos do poema épico poderiam ter sido realizadas. Não há dúvidas sobre isso. O problema é o de que também não há qualquer documento que permita apoiar essa conjectura. Algumas estâncias do manuscrito estão factualmente incompletas e não são oitavas bem formadas. Este é um indício claro de que o poema está por terminar. Porém, as oitavas incompletas apenas

transmitem informação sobre o poema que existe, e não sobre desenvolvimentos possíveis das muitas narrativas do poema.

A legenda é, pois, um problema. A conjectura menos onerosa em termos de pressupostos é a de que Castro Sarmiento teria acompanhado a escrita do poema pelo seu amigo Samuda. Com a morte deste, precoce ou não, terá organizado os papéis de modo a categorizá-los por assuntos e por cantos. Pode ter acontecido que, encantado com essa tarefa e com a junção contraintuitiva de talento poético com conhecimentos históricos, literários, médicos e científicos, ele próprio decidisse fazer alguns exercícios poéticos para completar o poema épico. Castro Sarmiento não desenvolveu de facto nenhuma das linhas de ação hipotéticas acima mencionadas, nem iniciou qualquer linha narrativa da sua própria lavra. Castro Sarmiento limitou-se a acrescentar estâncias sobre o templo de Cádiz e sobre o encontro de Viriato com os sacerdotes do templo. A benefício da justiça, cumpre afirmar que o ponto final que Castro Sarmiento resolveu atribuir ao poema está no espírito de Samuda, oferecendo uma visão universalista das diferentes religiões, sem atritos entre elas, e olhando para todas de um ponto de vista superior. De facto, é toda uma filosofia da religião o que Castro Sarmiento oferece para encerrar a história das aventuras épicas do guerreiro Viriato contra um império que não poderia ser detido por qualquer povo ou exército da época.

Nas cinquenta e uma oitavas finais com que Jacob de Castro Sarmiento tenta terminar o poema épico do seu colega e amigo, da 58 à 108, aparece uma visão religiosa da Europa. Nessas oitavas, Viriato celebra as suas vitórias depois de uma campanha militar pelas cidades da Turdetânia, a futura Andaluzia. Tendo sido bem sucedido nessa campanha, vai até Cádiz prestar culto no templo de Hércules que tinha sido erigido pelos Sírios-Fenícios. Um velho sacerdote mostra-lhe todas as estátuas de divindades que lá se encontram, provenientes de muitos povos antigos. Está lá a estátua de Baal e de muitos mais deuses. Sublinhe-se que este encontro surpreendente, desassombrado na sua análise das religiões que dividem os povos, aconteceu *depois* de uma campanha militar. Os campos e os afetos estão extremados devido ao conflito. O velho sacerdote, porém, ultrapassa todos os conflitos que antagonizam os povos da terra, incluindo os religiosos.

Castro Sarmiento descreve, pois, nas suas cinquenta e uma estâncias com que contribuiu para as *Viríadas*, uma comunidade de cultura e civilização em

que diferentes povos se encontram e superam as suas diferenças. É indubitável que apreendeu com precisão o espírito das *Viríadas* e que, na figura do velho sacerdote, representa também mais uma manifestação da ideia de Arcádia, o Paraíso na terra.

Não se sabe se estas estâncias foram escritas logo depois da morte de Isaac Samuda, se muito tempo depois, já na velhice do próprio Jacob de Castro Sarmento. Não existe base documental para decidir a este respeito. É significativo, porém, que esta obra a duas mãos tenha começado com a voz de um homem a dirigir-se ao seu conselho militar e que tenha terminado com um diálogo entre dois homens sobre assuntos de sabedoria, um dos quais, o general mais novo, ouve o velho sacerdote de uma religião que não é a do próprio, nem dos outros povos, mas uma religião superior a todas as religiões e às guerras que apartam os povos.

Este diálogo sábio é um exemplo da civilização europeia que nasceu na Grécia. É um exemplo do encontro dos povos que aconteceu no Mediterrâneo. É um exemplo da Ibéria em que tantas tribos deram origem a pátrias de grandes destinos, como Portugal. É um exemplo da Europa em que existem muitas nações que dependem umas das outras. É um exemplo de como todos os grupos humanos poderiam viver num jardim semelhante a Arcádia. É um exemplo do que se fará quando acabar no futuro a história humana e já ninguém tiver aventuras a viver à procura de nada e à procura de tudo. Se o assunto do diálogo entre os dois homens é Deus, por que não dizer que as *Viríadas* terminam com uma reflexão sobre Deus, e que, de facto, o assunto dominante do poema é o olhar que o divino tem da história humana? Como é esse olhar? Os dois médicos com um amor vasto pelas letras clássicas não podem saber como é que Deus olha para os assuntos humanos. Porém, a sua melhor aposta é a de que Deus conseguirá reunir todas as perfeições que alguma vez existiram na terra. Deus é a Lusitânia que já sonha com Roma. Deus é a Lusitânia que virá a ser Portugal. Mais do que um Palácio do Sono, em que ainda há memória dos sonhos inúteis que aconteceram, Deus é o jardim perfeito em que nada está a mais, em que não há guerras, e em que dois homens podem conversar e pensar.

III

UM AUTOR IMPROVÁVEL E O SEU AMIGO

O autor das *Viriadas* é Isaac de Sequeira Samuda. As cinquenta e uma estâncias que completam o poema são da autoria de Jacob de Castro Sarmento. Não há certezas sobre as datas principais da vida de Isaac Samuda, o mesmo não acontecendo com as datas de Jacob de Castro Sarmento. Samuda parece ter-se formado em Medicina a 21 de maio de 1702; há notícia de que teria sido admitido no College of Physicians em 1722, em Londres; e que foi Fellow of the Royal Society of London a 27 de junho de 1723, sendo, aliás, um dos primeiros cientistas portugueses a fazer parte dessa prestigiosa instituição. Ao que parece, terá falecido sem deixar descendência direta, se bem que, do lado de um irmão, terá tido sobrinhos cuja descendência se notabilizou no século XIX na Engenharia dos caminhos de ferro ingleses.

Os poucos autores que mencionam Samuda não estão de acordo entre si a respeito das datas biográficas mais importantes. Porém, como se verá, há acordo na relação das obras manuscritas e publicadas de Isaac Samuda. Mais importante do que tudo, os autores mais recentes têm acesso a registos documentais que os autores mais antigos desconheciam. Tanto quanto é possível demonstrar com base documental, é hoje possível ter uma ideia da vida de Samuda no que aos grandes momentos diz respeito.

Inocêncio, no seu sempre útil *Dicionário Bibliográfico Português*, não se compromete com datas precisas, mencionando por alto que Isaac de Sequeira Samuda foi um médico português que viveu no último quartel do século XVII e no primeiro quartel do século XVIII. Inocêncio reconhece a importância da obra não publicada de que dá o título correto: *Viriadas do doutor Isaac de Sequeira Samuda, Médico lusitano, e Sócio da R. Sociedade de Londres. Obra póstuma, digesta, corrigida, e conclusa pelo doutor Jacob de Castro Sarmento, médico lusitano, etc., que a oferece ao maior protetor das letras, o muito alto, e poderoso senhor D. João V, rei de Portugal*. A informação de Inocêncio é correta; notam-se apenas dois pequenos detalhes dignos de menção.

O primeiro detalhe diz respeito à acentuação da palavra ‘Viríadas’; Inocêncio não acrescenta um acento na antepenúltima sílaba, o que não está no original mas que pode ser necessário. Esta questão é, contudo, muito importante e merece uma reflexão. A confirmar-se a conjectura de alguns autores de que o título teria sido formado tendo como modelo *Os Lusíadas*, de Camões, seria

necessário acentuar a antepenúltima sílaba: *Viriadas*. Esta conjectura baseia-se no precedente ilustre e na regra linguística da formação dos gentílicos e dos patronímicos em português. Estas razões fazem com que seja mais plausível do que a conjectura que vê a palavra como tendo sido formada a partir do nome de Viriato, não tendo, por conseguinte, necessidade de acentuação: *Viriadas*. É verdade que esta segunda conjectura tem, contudo, apoio indireto no conteúdo do poema. Os patronímicos formados a partir do sufixo *-iades* significam ‘descendentes de’. Por exemplo, *Enéiadas*, descendentes de Eneias, ou Priâmide (Πριαμίδης), filho de Príamo. O conteúdo das *Viriadas*, ao contrário do conteúdo d’*Os Lusíadas*, não se ocupa dos *descendentes* do herói epónimo; ocupa-se do *próprio* herói epónimo, o que é muito diferente. O poema de Camões não se ocupa de Luso, mas da gesta portuguesa das Descobertas, em particular da descoberta do caminho marítimo para a Índia, isto é, ocupa-se das obras extraordinárias dos descendentes de Luso. Não se pode invocar facilmente, por conseguinte, a regra da formação dos patronímicos em português. Seria possível, por exemplo, considerar o facto de as *Viriadas* serem um poema incompleto para sustentar que, se estivesse concluído, perceber-se-ia que aborda especialmente a história dos descendentes de Viriato, e que os treze Cantos que se conhecem são apenas uma longa introdução a essa história. Esta é uma hipótese claramente fantasiosa porque a identificação que o poema faz entre os Lusitanos e os Portugueses presume que os descendentes de Viriato são estes últimos; os Cantos em falta ocupar-se-iam, por conseguinte, de episódios da história portuguesa. Não há nada nas linhas narrativas dos treze Cantos que indicie essa possibilidade.

Como se vê, o caso é complicado. O paralelo com a *Iliada* pode atenuar a dificuldade. O poema de Homero não se ocupa de Ilo, o fundador mítico de Ílio ou Ílion (Troia), nem em geral dos seus descendentes, mas de um pequeno período final do conflito entre Aqueus e Troianos, cerca de duas semanas de ação narrativa no contexto de uma guerra de dez anos.¹⁰ Ocupa-se, em particular, da ira de Aquiles. Esta linha de comparação afigura-se muito mais plausível. As *Viriadas* também não se ocupam dos descendentes de Viriato, mas de um período relativamente pequeno do conflito entre os Lusitanos e os Romanos, a aclamação de Viriato como chefe dos Lusitanos, depois do massacre de Galba, e as suas primeiras vitórias contra os legionários. Recorde-se que até mesmo um dos momentos que ficou mais marcado na lenda viriatina, a morte devido à

¹⁰ O cálculo do tempo da ação narrativa é feito por Frederico Lourenço, na Introdução à sua tradução da *Iliada* (Lisboa, Cotovia, 2005), pp. 9-10.

traição de alguns dos seus chefes militares, industriados pelos Romanos, não é abordado no poema. A *Iliada* é, aparentemente, um modelo para a construção do neologismo ‘Viríadas’.

É curioso verificar, contudo, que o precedente ilustre de Camões deve ser invocado ainda por uma outra razão. Como já vários estudiosos observaram, a palavra ‘Lusíadas’, criada por André de Resende em 1531, nunca aparece no corpo do poema épico de Camões, tal como a palavra ‘Viríadas’ nunca aparece no corpo do poema épico de Samuda.¹¹ A palavra aparece exclusivamente no frontispício, escrita em maiúsculas, o que justifica a falta de acentuação mesmo que fosse esse o desejo do autor. Esta coincidência só pode ser significativa, e manifesta, talvez, o desejo de Samuda de se aproximar do grande bardo, atendendo às vidas sofridas de ambos, às viagens ao estrangeiro, e ao amor profundo que tinham pelas letras clássicas. A estas aproximações entre os dois poetas, indubitavelmente frágeis, é necessário acrescentar a questão mais geral da acentuação do português. Desde o tempo dos textos mais velhos que se conhecem em língua portuguesa, a *Notícia de Fiadores*, de 1175, e dois documentos do início do século XIII, a *Notícia de Torto*, e o *Testamento de D. Afonso II*, as palavras são acentuadas. Para distinguir as homografias, a tipografia portuguesa usou acentos desde o século XVI, sempre que havia disponibilidade dos caixotins dos tipógrafos.¹² Na falta de melhor lição, deverá acentuar-se, por conseguinte, a palavra que dá título à obra do Doutor Samuda.

O segundo detalhe diz respeito ao ‘etc.’ com que Inocêncio resume a informação que está no frontispício acerca de Castro Sarmento. O que de facto consta é o seguinte: *Médico Lusitano do Real Colégio dos Médicos de Londres e Sócio da Real Sociedade*. A informação sobre o número de cantos (13) e de estâncias (1465) está correta, o mesmo acontecendo com a observação que acompanha a estância 58 do último canto, ‘Até aqui o autor’. Inocêncio menciona os dois únicos manuscritos que conhece: um pertencia na época ao Duque de Palmela, e o outro estava na coleção de Francisco de Paula Ferreira da Costa. O verbete de Inocêncio termina com uma menção ao *Sermão Fúnebre*, de 1728, identificando Monsenhor Hasse

¹¹ Sobre a história do vocábulo ‘Lusíadas’, ver Virgínia Soares Pereira, «Lusíadas», in Vítor Aguiar e Silva, coord., *Dicionário de Luís de Camões* (Lisboa, Caminho, 2011), pp. 489-490.

¹² O testemunho dos lexicógrafos e gramáticos é eloquente a respeito da necessidade de acentuação das palavras em português. Veja-se, por exemplo, Bento Pereira, *Regras gerays, breves, & comprehensivas da melhor orthografia ...* (Lisboa, por Domingos Carneyro, 1666), pp. 57-64; Padre Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez & latino...* Tomo I (Lisboa, na Officina de Pascoal da Sylva, 1720), p. 67-68; João de Moraes Madureira Feijó, *Orthographia* (Lisboa, Off. de Miguel Rodrigues, 1734), pp.13-18; etc.

como um dos proprietários deste livro raríssimo, exemplar que terá passado para a Biblioteca da Universidade de Coimbra. Esta informação é correta e, de facto, este livro encontra-se na Biblioteca Geral dessa universidade, o que faz estranhar a observação de Rómulo de Carvalho quando afirma no seu estudo «Portugal nas *Philosophical Transactions*, nos séculos XVII e XVIII» que «não conseguimos encontrar ... qualquer obra de Samuda nas bibliotecas de Lisboa e Coimbra que consultámos».¹³ Como se vê, a informação que Inocêncio transmite continua a ser de confiança.¹⁴ Apenas o número certo de estâncias está ligeiramente incorreto; esse número é de facto o que consta se se seguir a numeração das estâncias do poema, não relevando o facto de essa numeração saltar a sequência por duas vezes. Pode concluir-se que, ou Inocêncio viu pessoalmente um ou os dois manuscritos, ou baseou-se em alguém que o tenha feito. É claro que em qualquer dos casos isso não passou de uma vista de olhos apressada e que de facto ninguém leu os manuscritos com atenção de modo a reparar que a sequência da numeração tinha problemas.

O grande erudito Israel Solomons fez a 15 de março de 1915 uma conferência com o título «David Nieto and Some of His Contemporaries» na Jewish Historical Society of England; esse texto foi publicado muito mais tarde, já em 1931, nas *Transactions* dessa sociedade. O que se sabia sobre Samuda no início do século XX? A conferência de Solomons mostra sem ambiguidade o estado da investigação da época. Samuda teria obtido o bacharelato em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1702; foi admitido pelo Real Colégio de Médicos de Londres em 1722 como licenciado com habilitação para exercer a profissão médica; tornou-se sócio da Real Sociedade a 24 de outubro de 1724, desaparecendo em 1731 o seu nome da lista dos sócios dessa agremiação. Solomons conclui com a citação do *Dicionário* de Inocêncio.

Augusto da Silva Carvalho, o grande historiador da Medicina portuguesa cujas obras ainda se leem com gosto e admiração, dedica alguma atenção a Samuda. Infelizmente, a entrada correspondente da sua pequena enciclopédia dedicada a *Médicos e Curandeiros*, de 1917, está com as datas erradas. É difícil determinar se isso se deveu a uma deficiente correção das provas tipográficas ou se se deveu às fontes utilizadas. Nessa obra, Silva Carvalho afirma que Isaac de Sequeira Samuda nasceu em Lisboa em 1738 (*sic*). Esta conjectura é baseada pelo autor numa carta que António Nunes Ribeiro Sanches, um outro grande nome do Iluminismo português, terá recebido em 1782. Para Silva Carvalho, o pai do

¹³ *Revista Filosófica*, 5 (1955), p. 245, n. 33.

¹⁴ Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1859), pp. 233-234.

nosso poeta Samuda, de nome Simão Lopes Samuda ou Manuel de Samuda Leão, teria chegado a Londres antes de 1742. Um documento da *Coleção Pombalina* afirma que este tal Samuda chegou a Londres muito rico, com quarenta mil cruzados. Silva Carvalho baseou-se na *The Jewish Encyclopedia* para afirmar que Samuda estudou durante dois anos Medicina em Bordéus e durante três anos em Leiden, onde recebeu o grau de doutor a 31 de agosto de 1758.¹⁵ Estabelecendo-se em Inglaterra, teria ingressado no Royal College of Physicians a 25 de março de 1771. Segundo este verbete fantástico, Samuda terá morrido em Londres já no século XIX, em novembro de 1816.

Silva Carvalho não se apercebe da impossibilidade manifesta destas datas. Ao citar a obra do professor Joaquim Mendes dos Remédios, *Os Judeus Portugueses em Amsterdão*, refere que o livro encomiástico que Samuda dedicou ao rabino David Neto, o *Sermam Funebre para as Exequias dos Trinta Dias do Insigne, Eminente e Pio Haham e Doutor R. David Netto, Composto pelo Dr. Ishac de Sequeyra Samuda, Medico do Real Collegio de Londres, e Socio da Real Sociedade*, foi publicado em 1728.¹⁶ Como é evidente, se Samuda nasceu a 1738, não poderia ter publicado um livro dez anos antes de ter nascido! Com um tempo de vida de 78 anos, não se compreende que a sua maior obra literária tenha ficado incompleta, e não se compreende também que o seu colega e amigo Jacob de Castro Sarmento a tenha concluído depois da morte de Samuda. De facto, se Castro Sarmento morreu a 1762, não se compreende que tenha concluído a obra de um homem que teria alegadamente morrido em 1816. No verbete que dedica a este médico na mesma obra, Silva Carvalho não entra em grandes detalhes biográficos, só mencionando a data da publicação de uma obra médica de Castro Sarmento em Londres em 1721. Como se compreende, para Castro Sarmento completar o poema de Samuda depois da alegada morte deste em 1816, ter-se-iam passado 95 anos depois da publicação dessa obra médica. Vê-se, por conseguinte, que a informação em que se baseou Silva Carvalho está totalmente equivocada.

¹⁵ Avaliando a presença da Samuda nas grandes enciclopédias de estudos judaicos, poder-se-ia afirmar que está a desaparecer da memória histórica judaica. A grande *Encyclopaedia Judaica*, de 22 volumes, na sua segunda edição de 2007, não lhe dedica qualquer entrada nem referência. O vol. 17 (*Ra-Sam*) é estranhamente omissivo. Curiosamente, o mesmo não acontece com Castro Sarmento, que tem um verbete assinado por Cecil Roth e Yom Tov Assis no vol. 4 (*Blu-Cof*), pp. 519-520, e uma menção no vol. 13 (*Lif-Mek*), p. 728. A *The Encyclopaedia of Judaism*, na segunda edição de 2005, não tem qualquer referência a estes autores.

¹⁶ O exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cota R-42-23, NR 37776) tem, de facto, uma outra data no frontispício: 'Em Londres, 5488. Crm. 1724 Chr.' Trata-se, em princípio, de galha porque o ano judaico de 5488 equivale ao ano de 1728 do calendário gregoriano.

O que teria estado na origem deste equívoco surpreendente num grande mestre da história da Medicina portuguesa? Vejam-se com atenção os detalhes do seu verbete. Silva Carvalho apoia-se na *The Jewish Encyclopedia* para escrever sobre Isaac de Sequeira Samuda. A edição que terá lido é a que foi publicada de 1901 a 1906. O volume XI, *Samson-Talmid Hakam*, publicado em 1905, tem uma entrada dedicada à família Samuda (p. 4) e outra dedicada ao doutor Isaac Henrique Sequeira, um outro médico judeu português de Londres (p. 200). Estes dois verbetes foram escritos pelo rabino Goodman Lipkind, B.A., de Nova Iorque.

A entrada da *Jewish Encyclopedia* sobre a família Samuda ocupa-se dos vários membros da família, sobretudo os que alcançaram grande fama no século XIX devido a trabalhos em caminhos de ferro. A parte que agora interessa é a seguinte:

Old Spanish, and Portuguese family, identified for some generations with the communal affairs of the London Jewry. The first member to settle in England was the physician and scientist Isaac de Sequeyra Samuda. In 1728 he pronounced a funeral oration over the grave of Haham David Nieto. In the records of Bevis Marks he is described as “Medico do Real Colleges de Londres” and “E. Socia da Real Sociedade.”

Este texto só parece errado no facto compreensível de um estrangeiro escrever com pouca precisão expressões em português. Como é evidente, os registos a que se alude deveriam grafar “Médico do Real Colégio de Londres” e “Sócio da Real Sociedade”. Silva Carvalho faz uma paráfrase desta entrada, mas acaba por afirmar que está errada.

Sobre o apelido Samuda *The Jewish Encyclopedia* informa que pertence a uma família espanhola e portuguesa que durante muitas gerações está identificada com os negócios comerciais da colónia israelita em Londres. O primeiro membro desta família que residiu em Londres foi o nosso doutor Sequeira a quem designa por *o médico e sábio* e a propósito do qual fala no sermão dito em 1728. Deve ser errada esta informação: o primeiro foi o pai de Isaac de Sequeira Samuda, médico também como seu filho. Foi aquele que já chegou rico a Londres (p. 183).

Por que razão Silva Carvalho afirma que é errada a informação? Para compreender este enigma, é necessário verificar o que afirma sobre Isaac de Sequeira Samuda:

... dar por boa a informação de *The Jewish Encyclopedia* de que Sequeira Samuda 'estudou literatura e filosofia com os padres oratorianos, corporação de homens instruídos muito popular em Portugal'.

Refere a mesma *Encyclopedia* que, escolhendo a carreira médica, estudou dois anos na universidade de Bordéus, passando depois para Leyde, onde depois da residência de três anos exigida pelos estatutos da universidade, recebeu o grau de doutor a 31 de agosto de 1758. Estabeleceu-se em Londres, sendo admitido como licenciado do Royal College of Physicians a 25 de março de 1771. Começou a praticar sob a direção de seu tio ... Dr. de la Cour (*sic*) que pouco depois se retirou para Bath.

Silva Carvalho não se terá apercebido de que esta entrada não corresponde a Isaac de Sequeira Samuda, nem consta no verbete da *Encyclopedia* sobre a família Samuda, mas aparece num verbete dedicado a Isaac Henrique Sequeira. Veja-se a origem do seu texto:

SEQUIRA, ISAAC HENRIQUE. English physician; born at Lisbon 1738; died in London Nov., 1816. He came of a medical family, his grandfather, father, and two uncles having all been physicians. He was instructed in general literature and philosophy by the Fathers of the Oratory, a body of learned men then highly popular in Portugal. Having chosen medicine as his profession, he was sent to the University of Bordeaux, France, where he remained for two years. He then removed to Leyden, and, completing the three years' residence which the statutes of the university required, received his M.D. degree Aug. 31, 1758. Eventually he settled in London, was admitted a licentiate of the Royal College of Physicians (March 25, 1771), and was introduced into practise by his uncle, Dr. de la Cour, who soon after withdrew to Bath.

Sequeira gained a high reputation among his countrymen resident in England. He held the honorary appointment of physician extraordinary to the Prince Regent of Portugal, and was physician to the Portuguese embassy at the Court of St. James. He lived to an advanced age, and at the time of his death was the oldest licentiate of the Royal College of Physicians.

O rabino Lipkind recorreu indubitavelmente ao livro de William Munk, *The Roll of the Royal College of Physicians of London*, de 1891, como aliás se verifica pela bibliografia do seu verbete. Veja-se o texto do próprio Munk:

ISAAC HENRIQUE SEQUIRA, M.D., was born at Lisbon, of an Esculapian family, his grandfather, father, and two uncles having been all physicians. He was instructed in general literature and philosophy by the Fathers of the Oratory, a body of learned men then highly popular in Portugal. Having chosen medicine as his profession, he was sent to the university of Bordeaux in France, where he remained for two years. He then removed to Leyden; and having completed the three years' residence which the statutes of that university required, he proceeded doctor of medicine 31st August, 1758 ... Eventually he settled in London; and was admitted a Licenciate of the College of Physicians 25th March, 1771. Dr. Sequira attained to great reputation among his countrymen (p. 245).

O erro de Silva Carvalho foi ter confundido as duas entradas sobre pessoas diferentes de épocas diferentes. Pensando que se estava a referir a Isaac de Sequeira Samuda, referia-se de facto a um médico com um nome algo semelhante, Isaac Henrique Sequeira. O retrato deste clínico foi pintado por Thomas Gainsborough na segunda metade do século XVIII e pertence às coleções do Museo del Prado, de Madrid. A hermenêutica dos documentos é um assunto muito complexo e não há garantia infalível de que se conseguiu a interpretação correta e última de um determinado assunto. Silva Carvalho parece ter ficado muito impressionado com o documento n.º 671 da *Coleção Pombalina* da Biblioteca Nacional que, do seu ponto de vista, «parece escrito por quem residia em Londres». A verdade é que a informação que Munk obteve deriva de pessoas que também viviam em Londres e de instituições com livros de registos muito detalhados; por conseguinte, o que Munk relata está correto, porque baseado em documentos. Não se esperaria outra coisa de uma obra que apenas recolhe a informação que consta nos *Anais* do Real Colégio de Médicos.

A entrada de Munk sobre o autor das *Viriadas* é a seguinte:

ISAAC DE SEQUEYRA SAMUDA, M.B. – A Portuguese and a bachelor of medicine of the university of Coimbra, of 21st May, 1702; was admitted a Licenciate of the College of Physicians 19th March 1721-2. His name has disappeared from the College list in 1731 (p. 73).

Mais recentemente, em 1964, Edgar Samuel voltou a este assunto no artigo «Dr. Meyer Schomberg's Attack on the Jews of London, 1746», a propósito de um manuscrito de um médico alemão residente em Londres que

era contemporâneo de Samuda e de Castro Sarmiento, de nome Schomberg.¹⁷ Este doutor Schomberg era inimigo de Jacob de Castro Sarmiento, sem que se conheçam as razões dessa animosidade. Samuel reproduz textualmente as atas do processo de obtenção da licença de Schomberg para exercer Medicina em Londres. Curiosamente, os dias das provas médicas do médico alemão coincidem com os de Isaac Samuda.

O corpo de avaliadores (*Censors*) das provas médicas era constituído por *Sir* Hans Sloane, que presidia, e pelos doutores Chamberlen, Barrowby, Hulse e Wadsworth. Samuda, tal como Schomberg, teve de prestar provas para obter uma licença que lhe permitisse exercer Medicina de modo legal num país que não era o seu. Nos *Annals of the Royal College of Physicians*, o registo do dia 5 de janeiro de 1722 tem a seguinte anotação:

Mr. Simon Lopez Samuda having had leave to be examined for a licenciate, he produced a diploma for the Degree of Batchelour of Physick in the University of Conimbra, dated 21 May 1702. He was examined the first time, and desired to take his second examination next Censors Day (VIII, 1710-1721, p. 194).

Cerca de um mês e meio depois, a 20 de fevereiro de 1722, observa-se o seguinte a respeito de Samuda:

Mr. Samuda was examined the second time in *pathologica parte*, he was approv'd, and desired to take his third examination next Censors Day (ibid., p. 201).

A surpresa maior surge no registo do terceiro dia das provas médicas, a 19 de março de 1722:

Mr. Samuda Licenciate. Mr Ishac de Sequera Samuda was proposed as a licenciate, balloted, elected, gave his Faith, and admitted (IX, 1721-1732, p. 2).

Veja-se como o enigma do nome original de Isaac de Sequeira Samuda fica solucionado com a análise destes registos. A mudança de nome dos judeus portugueses exilados em Londres não é nada de novo. São conhecidos muitos

¹⁷ Este ensaio foi reeditado no seu livro de 2004, *At the End of the Earth*, pp. 313-350.

casos de pessoas comuns e de pessoas célebres. O amigo de Samuda que tentou terminar o manuscrito das *Viriadas* depois da morte deste, Jacob de Castro Sarmiento, também mudou de nome quando chegou a Inglaterra. O registo dos três dias de provas reúne o nome português por que era conhecido Samuda, talvez por ser esse que constava no diploma que ele tinha trazido de Coimbra e que mostrou aos avaliadores. O terceiro registo grafa a nova condição de licenciado pelo Real Colégio de Médicos para exercer Medicina em Londres. É natural que Samuda aproveitasse o facto para registar o seu novo nome profissional.

Quem é, pois, este Simão Lopes Samuda que foi para Londres e mudou o nome para Isaac de Sequeira Samuda? O arquivo da Inquisição de Lisboa, à guarda da Torre do Tombo, oferece indicações preciosas.¹⁸ O processo de Simão Lopes Samuda data de 15 de maio de 1703 e é composto por 106 folhas (Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 2784). Simão Samuda, médico na cidade de Lisboa, tinha na altura 22 anos e era solteiro. João de Sousa de Castelo Branco, deputado da Inquisição de Lisboa, nomeou o licenciado João de Morais e Castro como curador de Samuda por este «ser menor de vinte e cinco anos e não poder estar em juízo», sendo necessário que o licenciado «lhe emprestasse sua autoridade para fazer atos válidos» (fl. 21). Era filho de Rodrigo de Siqueira (ou Sequeira), natural de Lisboa, e Violante Nunes Rosa, natural de Beja. Este médico foi preso a 23 de agosto de 1703, acusado da prática de Judaísmo. Cinco testemunhas declararam ao tribunal que o «réu Simão Lopes Samuda se achou em certa parte com certa companhia de sua nação, onde ele réu e a dita certa companhia entre práticas que tiveram se declaravam, e deram conta como criam e viviam na lei de Moisés para salvação das suas almas, e por observância da mesma disseram que guardavam os sábados de trabalho como se fossem dias santos, principiando a guarda deles da sexta-feira à noite, vestindo então camisa lavada, e faziam os jejuns do Dia Grande que vem no mês de setembro e o da Rainha Ester, estando em cada um deles sem comer nem beber senão à noite, ceando então coisas que não eram de carne» (fl. 44). A sentença determinou que Simão Lopes Samuda fosse condenado a auto de fé no ano seguinte, a 19 de Outubro de 1704. Esteve, pois, nesse auto de fé com uma vela acesa na mão, abjurando *de*

¹⁸ O processo de Simão Lopes Samuda é o PT-TT-TSO/IL/28/2784; o de sua mãe, Violante Nunes Rosa, n.º 7733; e o de sua irmã, Maria de Melo Rosa, n.º 998. A Torre do Tombo guarda os processos da Inquisição de Lisboa relativos a um outro ramo da família Samuda: Clara Henriques (PT-TT-TSO/IL/28/25), Custódia Henriques (PT-TT-TSO/IL/28/1390), Isabel Henriques (PT-TT-TSO/IL/28/1830), Pedro Lopes Henriques Samuda (PT-TT-TSO/IL/28/2792), Manuel Samuda de Leão (PT-TT-TSO/IL/28/7178), Violante Nunes Rosa (PT-TT-TSO/IL/28/7733), Guiomar Maria Henriques (PT-TT-TSO/IL/28/8247), João Esteves Henriques de Samuda (PT-TT-TSO/IL/28/8337) e Catarina Henriques (PT-TT-TSO/IL/28/25).

vehementi. Foi também condenado a cárcere ao arbítrio dos Inquisidores, a instrução na fé católica e a penitências espirituais. Num detalhe tragicamente kafkiano, foi também condenado ao pagamento das custas do processo.

O texto da abjuração *de vehementi* é o seguinte:

Eu, Simão Lopes Samuda, perante vós, Senhores Inquisidores, juro nestes santos Evangelhos em que tenho minhas mãos que, de minha própria e livre vontade, anatematizo e aparto de mim toda a espécie de heresia e apostasia que for ou se levantar contra nossa Santa Fé Católica e Sé Apostólica, especialmente estas que agora em minha sentença me foram lidas, de que me houveram por *de vehementi* suspeito na Fé. E juro de sempre ter e guardar a Santa Fé Católica, que tem e ensina a Santa Madre Igreja de Roma, e que serei sempre muito obediente ao nosso santo Padre, o Papa Clemente Undécimo, nosso Senhor Presidente na Igreja de Deus, e a seus sucessores. E confesso que todos os que contra esta Santa Fé Católica vierem são dignos de condenação, e prometo de nunca com eles me ajuntar, e de os perseguir, e as heresias que deles souber as descobrir aos Inquisidores, ou Prelado da Santa Madre Igreja. E juro e prometo quanto em mim for de cumprir a penitência que me é ou for imposta. E se em algum tempo (o que Deus não permita) tornar a cair nestes erros, ou em outra qualquer espécie de heresia, ou não cumprir a penitência que me é ou for imposta, quero e me praz que seja havido por relasso, e castigado conforme o Direito, e me submeto à correição e severidade dos Sagrados Cânones. E requiero aos Notários do Santo Ofício que disto passem instrumentos, e aos que estão presentes sejam testemunhas, e assinem aqui comigo.

Samuda foi também obrigado a assinar um Termo de Segredo sobre tudo o que se tinha passado consigo enquanto esteve nos cárceres da Inquisição:

Aos vinte e um dias do mês de outubro de mil seiscentos (*sic*) e quatro anos em Lisboa, nos Estaus e Casa do Despacho da Santa Inquisição, estando aí em audiência da tarde os senhores Inquisidores, mandaram vir perante si, do cárcere da penitência a Simão Lopes Henriques (*sic*) R. pres. contido neste processo, e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs a mão, e sob cargo dele lhe foi mandado que tenha muito segredo em tudo o que viu e ouviu nestes cárceres, e com ele se passou acerca do seu processo, e nem por palavra, nem escrito o descubra, nem por outra qualquer via que seja, sob pena de ser gravemente castigado, o que tudo ele prometeu cumprir, e sob cargo do dito juramento, de que se fez este termo de mandado dos ditos senhores.

Se a data do diploma de Samuda que consta nos registos do Real Colégio for correta, Samuda teve um processo contra si cerca de um ano depois de se formar em Coimbra. Note-se que este Simão Lopes Samuda tinha o mesmo nome e a mesma profissão médica que o seu avô materno, como se pode ver pelo processo da sua mãe (Inquisição de Lisboa, proc. 7733). A sentença de Dona Violante foi especialmente cruel: auto de fé a 6 de setembro de 1705, confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo sem remissão, com insígnias de fogo, degredo para São Tomé por sete anos, e penitências espirituais.

É verdade que o Tribunal do Santo Ofício parecia ter o registo de uma terceira pessoa de nome idêntico. (Como se verá à frente, esta hipótese não se confirma porque o velho doutor Simão Lopes Samuda casou-se duas vezes, primeiramente com Leonor da Silva, avó do poeta, e de seguida com Isabel Henriques, mãe de Manuel.) Este outro Simão Lopes Samuda era esposo de Isabel Henriques, e pai de Clara Henriques, Custódia Henriques, Pedro Lopes Henrique Samuda, Guiomar Maria Henriques, Catarina Henriques, João Esteves Henriques de Samuda e de Manuel Samuda de Leão. Este Manuel era médico, cristão-novo e solteiro, de 26 anos, e foi também acusado de Judaísmo. A prisão de Manuel Samuda de Leão foi a 16 de março de 1703, tendo sido condenado a auto de fé de 12 de setembro de 1706, a confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, instrução na fé católica e a penitências espirituais. No dia 20 desse mês, o réu foi advertido a não cometer as mesmas culpas, cumprindo o que prometeu na abjuração, sob pena de ser gravemente castigado.

Como se pode ver pelo processo de Isabel Henriques, este Simão Lopes Samuda, seu esposo, também era médico e faleceu antes de 5 de novembro de 1667, data da prisão de Isabel Henriques, em cujo auto consta como viúva. Como Isabel foi presa com 23 anos, se o Simão tivesse pelo menos a idade dela, teria de ter nascido em 1644. Como o pedido de licença para exercer Medicina feito ao Real Colégio dos Médicos de Londres data de 1721, este Simão teria na altura 77 anos. Como se compreende, seja pela notação de que Isabel Henriques era viúva, seja pela idade hipotética de 77 anos em 1721, é impossível que o Simão Lopes Samuda que requereu a licença fosse o esposo de Isabel Henriques.

Como já tinha visto Silva Carvalho, as opções parecem ser entre o Simão Lopes Samuda, filho de Rodrigo de Siqueira e de Violante Nunes Rosa, e Manuel Samuda de Leão, filho de Simão Lopes Samuda, já falecido há muito tempo à data em que Manuel foi preso, março de 1703, e de Isabel Henriques. Como Silva Carvalho baseou a sua reflexão sobre os verbetes da *The Jewish Encyclopedia*, não tinha acesso a qualquer documento que pudesse decidir a questão. Os *Anais* do Real Colégio de Médicos de Londres permitem hoje estabelecer que Isaac de

Sequeira Samuda tinha em Portugal o nome de Simão Lopes Samuda. É verdade que não existe qualquer indício que permita saber o que fez este Simão Lopes Samuda entre 1703, data em que foi preso, e 1722, data em que obteve a licença para exercer Medicina em Londres. É provável que tenha estado em Portugal até 1705, data do auto de fé da sua mãe. Como Dona Violante foi condenada a sete anos de degredo em S. Tomé, é provável que o filho tivesse esperado por ela, o que dá uma hipotética permanência em Portugal pelo menos até 1712. Seja como for, como não há base documental para estas conjeturas, também é possível que ele tenha escapado de vez ao longo braço da Inquisição em Outubro de 1704 e ido até Londres, aí se mantendo sem registar a sua profissão durante muitos anos. De qualquer modo, é pouco provável que tenha abandonado o país antes de 30 de junho de 1709, data em que aconteceu o auto de fé que matou a sua irmã mais nova, Maria de Melo Rosa.

Ainda numa época em que havia pouca investigação sobre os judeus portugueses que foram para Londres, o doutor Augusto D'Esaguy foi o primeiro erudito a dedicar uma atenção séria a Isaac Samuda, o médico com gostos literários clássicos. D'Esaguy recusa totalmente a lição de Silva Carvalho que propunha que a formação médica de Samuda tenha acontecido em Bordéus e em Leiden. Baseado em documentação portuguesa, propõe que Samuda tenha concluído a sua formação médica na Universidade de Coimbra a 21 de maio de 1720. Repare-se que a data que consta nos *Anais* do Real Colégio é muito semelhante a esta: 21 de maio de 1702. Será este caso um erro simples de gralha? O que é certo é isto: se a data da formatura em Coimbra for a de 1720, Isaac Samuda não poderia ser o português Simão Lopes Samuda que já era médico quando foi preso, nem poderia ser alguém que fez o curso *depois* de ter passado por uma prisão e por um auto de fé, cenário este completamente impossível. Por outro lado, não se conhece nenhum outro processo da Inquisição que tenha envolvido um Samuda entre maio de 1720 e janeiro de 1721. Parece pouco provável que alguém que se tenha formado em Coimbra na primavera de 1720 já se tenha exilado em Londres no inverno seguinte. Por conseguinte, tudo parece apontar para o facto de D'Esaguy ter registado mal a data da formatura em Coimbra. D'Esaguy concorda que Samuda teria sido admitido no College of Physicians a 19 de março de 1721, e na Royal Society a 24 de outubro de 1724. O seu nome foi retirado da lista dos membros vivos em 1731.

Dois detalhes sobre datas merecem comentário. O primeiro diz respeito à data de 1721. A razão para D'Esaguy considerar que a admissão ao College of Physicians aconteceu a 19 de março de 1721 e não de 1722 deve-se ao sistema de

notação que foi utilizado nos *Anais* do Colégio. Este documento grafa as datas de modo sequencial, com os anos apartados por uma barra: 1721/2. As páginas que se referem aos processos de avaliação dos doutores Meyer Schomberg e Simão Lopes Samuda, depois Isaac de Sequeira Samuda, iniciam-se a 1 de dezembro de 1721, data em que Schomberg realiza as suas primeiras provas; as segundas provas de Schomberg e as primeiras de Samuda acontecem, evidentemente, no mês seguinte, a 5 de janeiro de 1722; as terceiras provas de Schomberg e as segundas provas de Samuda aconteceram a 20 de fevereiro desse ano, tendo sido ambos aprovados; a decisão sobre a atribuição a ambos de uma licença acontece a 19 de março. Apesar de a grafia das datas ser ambígua nos *Anais*, vê-se pela sequência das datas que se trata do ano de 1722.

O segundo detalhe diz respeito à data da formatura em Coimbra. Uma visita ao Arquivo da Universidade de Coimbra é suficiente para acabar com a ambiguidade que o artigo de D'Esaguy faz nascer. Esta ambiguidade esteve na origem de muitos erros em que outros autores incorreram por se terem baseado em D'Esaguy. Assim, por exemplo, o importante livro em dois volumes que Harry Friedenwald dedica à Medicina judaica, com o título *The Jews and Medicine*, de 1944, continua este erro por o autor se ter baseado no referido artigo.¹⁹ Rómulo de Carvalho, como se verá a seguir, baseou-se igualmente em D'Esaguy e dá a mesma data de formatura.

Esta propagação do erro poderia ter sido evitada porque a prestigiosa Universidade de Coimbra mantém o registo da formação académica de Samuda. Assim, Simão Lopes Samuda, natural de Lisboa e filho de Rodrigo de Sequeira, estudou Medicina nessa universidade. Há registo das suas várias matrículas anuais, das suas provas de curso, da sua formatura e da sua aprovação final. Existe hoje a possibilidade de se ter acesso a dados mais informativos do que a mera data da formatura em que se baseia D'Esaguy. Assim, Samuda matriculou-se pela primeira vez a 1 de outubro de 1696, matriculando-se também no mesmo dia e no mesmo mês dos anos até 1701. A primeira tentativa das suas provas de curso aconteceu a 21 de maio de 1700; a segunda tentativa aconteceu uma semana depois. A sua formatura tem a data de 21 de maio de 1701, e a sua aprovação final aconteceu a 23 de maio do ano seguinte.²⁰ Antes de ter estudado

¹⁹ Os dados que o texto de Friedenwald oferece foram retirados claramente do artigo de D'Esaguy: «*Isaac de Sequeyra Samuda*, of Portugal. He studied medicine at Coimbra where he took his degree in 1720. In 1721 his name is found as Licenciante of the Royal College of Physicians of London. He was admitted as F.R.S. in 1724. His contributions were chiefly astronomical» (vol. II, p. 757).

²⁰ Arquivo da Universidade de Coimbra, Provas de Curso 1700-1702, vol. 51, AUC-IV1ª D-1-5-35, folha 322.

Medicina, Samuda teve uma formação geral em Artes, como era normal na época. Conseguiu o grau de bacharel em Artes em 17 de abril de 1697 e o de licenciado em 18 de maio desse ano. Foi também nesse ano que publicou o opúsculo *Coronam physicam novem gemmis splendide imbutam* em que defendeu nove teses metafísicas. (Ver *infra* secção IV)

A dúvida sobre a data avançada por D'Esaguy está, pois, resolvida com base documental. A semelhança de nomes de vários médicos formados por Coimbra é um dado já conhecido. A Universidade mantém, obviamente, o registo da formação médica do avô materno de Samuda, de quem este recebeu o nome. Este outro Simão Lopes Samuda era natural de Beja e realizou a sua primeira matrícula a 22 de outubro de 1654, e a última a 23 de dezembro de 1660. A memória vasta da Universidade regista também a formação de Manuel de Samuda Leão, natural de Lisboa e filho de Simão Lopes Samuda, avô. A fazer fé nos registos universitários, este Manuel de Samuda Leão matriculou-se em Medicina exatamente nos mesmos dias, meses e anos que o poeta e futuro médico Simão Lopes Samuda! Apenas as datas das provas de curso são diferentes. A primeira tentativa de Manuel de Samuda aconteceu a 19 de maio de 1700; a segunda a 25 desse mês. As datas de formatura e de aprovação final são exatamente as mesmas que as de Simão Lopes Samuda. Como se vê, os dois foram colegas de curso durante seis anos, de 1696 até 1702. Neste cenário, é muito provável que ambos tivessem conversado sobre o facto de Simão Lopes Samuda ter o nome exatamente igual ao do pai de Manuel de Samuda Leão, também ele médico. Se a isto se acrescentar que o avô materno de Simão tinha esse nome e também ele era médico, vê-se que muito haveria a conversar sobre esta aparente coincidência.

De facto, como já se aludiu atrás, não era nenhuma coincidência porque o avô materno de Simão Lopes Samuda, o médico de quem ele herdou o mesmo nome, era também o pai de Manuel de Samuda Leão. O avô materno de um e pai do outro casou-se com Leonor da Silva, com quem teve Violante Nunes Rosa, mãe do autor das *Viríadas*, e, mais tarde, em segundas núpcias, com Isabel Henriques, com quem teve oito filhos, um dos quais o Manuel. Como Violante era meia-irmã de Manuel, os dois estudantes de Medicina em Coimbra eram familiares: Manuel era tio unilateral de Simão e este era sobrinho unilateral do primeiro.

Como é evidente, a Universidade de Coimbra guarda registo da formação médica do pai de Manuel de Samuda Leão. Estar-se-á perante uma confusão de arquivistas confrontados com pessoas com o mesmo nome e com a mesma formação? Será que o pai de Manuel de Samuda se formou noutra

universidade? Sendo improvável que a Inquisição se tivesse enganado, poder-se-á perguntar, mesmo assim, se está correto o registo da profissão do pai de Manuel de Samuda que consta no processo do filho. A primeira página do processo desfaz a ambiguidade porque utiliza a palavra ‘também’: «Processo de Manuel de Samuda Leão, cristão-novo, médico, solteiro, filho de Simão Lopes Samuda, *também* médico, natural e morador nesta cidade de Lisboa» (Torre do Tombo, PT-TT-TSO/IL/28/7178). A profissão do pai surge também nos processos dos irmãos de Manuel de Samuda, nomeadamente Catarina Henriques (de 36 anos), Guiomar Maria Henriques (de 30 anos), João Esteves Henriques de Samuda e Branca Lopes Henriques (ambos de 28 anos, talvez gémeos), Pedro Lopes Henriques Samuda (de 25 anos), Clara Henriques (de 23 anos) e Custódia Henriques (de 18 anos). Como os registos universitários são muito exaustivos e como a Inquisição não parece ter sido uma instituição propensa a enganos, resta a hipótese de o pai de Manuel ser a mesma pessoa que o avô de Simão.

De volta à reflexão de Augusto D’Esaguy, no seu trabalho «Breve Notícia sobre o Médico Português Isaac de Sequeira Samuda», publicado n’*O Instituto*, em 1934, aparece uma reprodução do frontispício das *Viríadas* que é graficamente diferente do frontispício do manuscrito Stanton da Universidade de Toronto. Sendo o conteúdo do texto quase idêntico, é uma pena que a reprodução de D’Esaguy não tenha indicação da proveniência. A única diferença entre os dois frontispícios é a de que a reprodução de D’Esaguy grafa ‘D. João O Quinto’, e o manuscrito canadiano grafa ‘D. João o V’. Esta reprodução não aparece também na tradução para inglês do trabalho de D’Esaguy que apareceu em 1936 no *Bulletin of the Institute of the History of Medicine*. Teria o doutor D’Esaguy visto pessoalmente um segundo manuscrito das *Viríadas*? Como só se conhecem dois manuscritos, a ilação óbvia é a de que se trata de uma reprodução do manuscrito Ferreira da Costa. Não se sabe, e pode acontecer que ele apenas tenha transcrito o conteúdo do frontispício deste manuscrito; como é evidente, também pode acontecer que não seja relevante a diferença da grafia do nome de D. João V.

Pertence ao Doutor Augusto D’Esaguy a honra de ter sido o primeiro a dedicar um artigo a Samuda, como se viu. Há um detalhe enigmático nesse texto. D’Esaguy afirma logo na primeira página que Samuda era médico, astrólogo e poeta. Já se sabe que a primeira e a terceira palavras estão corretas. Não se sabe, contudo, por que razão D’Esaguy atribui a Samuda a atividade de astrólogo. Tratar-se-á de uma confusão, como é provável, com a palavra ‘astrónomo’, devido ao papel de Samuda na transmissão de eventos astronómicos observados por

Jesuítas? Seja como for, a palavra manteve-se na tradução desse texto para inglês dois anos depois. Como não há nenhuma base documental que indique qualquer conexão de Samuda com o mundo da astrologia, só resta concluir que se trata de uma confusão simpática de palavras.

Rómulo de Carvalho, o grande professor de Física, notável historiador das ciências portuguesas e poeta ele próprio com o pseudónimo de António Gedeão, fez um estudo importante sobre os portugueses ligados às ciências que foram viver para Inglaterra. No seu estudo «Portugal nas *Philosophical Transactions*, nos Séculos XVII e XVIII», de 1955 e 1956, defende que Isaac Samuda nasceu em 1696 e faleceu em 1730. Do seu ponto de vista, Samuda teria concluído a sua formação em Medicina na Universidade de Coimbra em 1720. Já em Inglaterra, foi eleito sócio da Real Sociedade de Londres a 27 de junho de 1723. Rómulo de Carvalho discorda das datas apresentadas por Augusto D'Esaguy, nomeadamente a data da sua entrada na Real Sociedade e a das comunicações que foram publicadas nas *Philosophical Transactions*, o periódico dessa sociedade científica. A primeira comunicação de Samuda teria sido de 1724. As comunicações de Samuda à Real Sociedade informavam a comunidade científica europeia das descobertas astronómicas feitas pelos Jesuítas em todo o mundo, nomeadamente na China. Samuda receberia estas preciosas observações científicas através do jesuíta napolitano João Batista Carbone (1694-1750). Carbone veio para Portugal em 1722 e aqui viveu durante 28 anos. Foi íntimo de D. João V e chegou a ser reitor do Colégio de Santo Antão. Carbone recebia as observações feitas em Pequim pelo jesuíta alemão Inácio Kögler, e transmitia-as a Samuda.

Estas datas são trágicas, a serem verdadeiras. Apenas dez anos depois de se formar, a morte de Isaac Samuda aos 34 anos foi indubitavelmente um golpe violento e inesperado. A glória de ter sido um dos primeiros cientistas portugueses a fazer parte da prestigiosa Real Sociedade é pálida quando se lê o manuscrito da sua epopeia. Seja a obra considerada concluída nas suas linhas gerais, seja considerada apenas como o início da que poderia vir a ser uma das maiores epopeias em língua portuguesa, as *Viriadas* mostram-nos um poeta raro. À sensibilidade poética, o poema acrescenta um conhecimento impressionante das letras greco-latinas, da história antiga, de Medicina e de Ciências Naturais. É surpreendente que um poema vasto como este tenha sido escrito, como é provável, entre a data da sua formatura em Coimbra e o falecimento dez anos depois. Esta década assistiu também à sua fuga da Inquisição, à mudança de país, à entrada numa sociedade com língua e costumes diferentes, e à participação nas atividades de duas das mais importantes sociedades científicas da Europa da

época, o Colégio dos Médicos e a Real Sociedade de Londres.

As datas que Rómulo de Carvalho atribui a Jacob de Castro Sarmiento são mais unânimes. Terá nascido em Bragança em 1691 ou 1692. Estudou na Universidade de Évora, tendo aí obtido o grau de Mestre em Artes, em 1710. Estudou Medicina na Universidade de Coimbra, obtendo o grau em 1717. Deixou Portugal em 1721. Já em Inglaterra, tornou-se membro do Colégio Real dos Médicos de Londres, e a 22 de janeiro de 1730 foi eleito sócio da Real Sociedade de Londres. Em 1739 fez parte do corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Aberdeen, na Escócia. Uma das datas mais decisivas de Castro Sarmiento terá sido a de 1728, quando abandonou o Judaísmo e abraçou o Anglicanismo. Faleceu em Londres a 14 de setembro de 1762.

Estes dados biográficos que Rómulo de Carvalho dá a respeito de Castro Sarmiento podem ser confirmados com base documental e não enfermam da ambiguidade que assombra a data da formação de Samuda. Os registos da Universidade de Coimbra atestam, de facto, a formação em Medicina de Henrique de Castro Sarmiento, filho de Francisco de Castro e Almeida e natural de Mértola. Henrique de Castro terá sido o nome português anterior à mudança de nome que teria acontecido em Inglaterra. As suas matrículas aconteceram a 1 de outubro de 1711 e no mesmo dia e mês do ano seguinte, a 6 de dezembro de 1713, a 10 de novembro de 1714, e novamente a 1 de outubro de 1715. A primeira tentativa das provas de curso aconteceu a 29 de maio de 1716, e as segundas a 11 de junho desse ano. Formou-se e foi aprovado a 21 de maio e a 18 de novembro de 1717, respetivamente.²¹

O estado da investigação mais avançado sobre a biografia de Samuda encontra-se no importante *Oxford Dictionary of National Biography*, da Oxford University Press. Na edição de 2004 desta obra de referência, que substituiu e ampliou significativamente o anterior *Dictionary of National Biography*, surge um verbete assinado por Edgar Samuel. A qualidade óbvia desta obra sem par exige que se analisem atentamente os dados que lá constam, muitos dos quais são surpreendentes e dissonantes em relação ao que se sabia anteriormente. Antes de mais, cumpre verificar as fontes do verbete. Samuel recorre aos processos da Inquisição, nomeadamente ao processo de Simão Lopes Samuda; aos arquivos da Congregação dos Judeus Portugueses e Espanhóis; aos arquivos da Royal Society; a um trabalho de D'Esaguy já mencionado, o «A Short Note...»; e a estudos publicados pela Jewish Historical Society of England.

²¹ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Provas de Curso 1715-1717*, vol. 65, AUC-IV1ª D-1-5-49.

Edgar Samuel começa por precisar a grafia do nome. Do seu ponto de vista, a grafia correta é a de Isaac de Sequeira Samuda; o primeiro nome também surge como 'Ishac'. A surpresa deste estudo biográfico começa pela afirmação de que Isaac Samuda teve anteriormente o nome de Simão Lopes Samuda, e que este foi batizado em Lisboa em 1681 e falecido em Londres em 1729. Com 48 anos de vida, estas datas, a serem verdadeiras, alteram significativamente a imagem que Rómulo de Carvalho pressupõe, a do poeta jovem que sofreu uma morte tragicamente precoce. Para Samuel, Samuda foi o segundo filho de Rodrigo de Sequeira, mercador, e de Violante Nunes Rosa. Recebeu o nome do seu avô materno, Simão Lopes Samuda, um médico de Lisboa. A formação em Medicina teria acontecido em 21 de maio de 1702. Teria sido preso a 23 de agosto de 1703, tendo sido torturado e condenado *de vehementi* por judaizar, num auto de fé em Lisboa a 19 de outubro de 1704. Uma segunda condenação implicaria a morte, como terá acontecido com a sua avó materna e com a sua única irmã, Maria de Melo Rosa, em 1706 e 1709, respetivamente. Samuda, a sua mãe, um tio e cinco tias fugiram para Londres ao encontro de Abraão de Almeida (Gaspar de Almeida de Sequeira). Integrou a Sinagoga Portuguesa e Espanhola de Londres em outubro de 1709, e teria sido nessa altura que mudou o nome para Ishac de Sequeira Samuda.

Para Samuel, foi em março de 1722 que Samuda foi admitido no Real Colégio de Médicos. A entrada na Real Sociedade aconteceu a 27 de junho de 1723, proposto por James Jurin e apoiado por *Sir* Hans Sloane. Samuel menciona alguns trabalhos de natureza científica. Ainda antes de entrar na Real Sociedade, Samuda traduziu para essa instituição a descrição de uma baleia presa no Tejo que apareceu num jornal português. Em abril de 1724 fez uma comunicação sobre a epidemia de febre-amarela que devastou Portugal em 1723. Samuel menciona também as seis comunicações sobre astronomia, publicadas nas *Philosophical Transactions*, que derivaram dos contactos entre Samuda e os Jesuítas portugueses de Lisboa, Roma e Pequim. O número das comunicações não é correto porque se conhecem, de facto, oito em que consta o nome de Samuda.

São as seguintes:

1º *Observação do mesmo Cometa pelo Ilustríssimo Senhor Francisco Bianchini, realizada em Alba no mês de outubro, 1723, e pelo mesmo enviada para Lisboa ao Padre João Batista Carbone, da Companhia de Jesus. Isaac Samuda, M.D. Col. Med., comunicou.*

2º *Diferença dos Meridianos de Lisboa, de Paris e de Londres a partir da carta do Ilustríssimo e Doutíssimo Varão Reverendo Padre João Batista Carbone, da Companhia de Jesus, para Isaac Sequeira Samuda, M.D., Col. Med.*

3º *Observações Astronómicas realizadas em Lisboa no ano de 1725 e na proximidade de 1726 pelo Reverendo Padre João Batista Carbone, da Companhia de Jesus, que comunica a Isaac Sequeira Samuda, M.D., R.S.S.*

4º *Eclipse da Lua observado em Roma, junto ao sopé da colina do Quirinal, na noite seguinte ao dia 31 de outubro, 1724, por meio do Ilustríssimo Varão Francisco Bianchini, a partir da carta do Reverendo e Ilustríssimo Varão João Batista Carbone, da Companhia de Jesus, para Isaac Sequeira Samuda.*

5º *Observações Astronómicas realizadas em Lisboa no ano de 1726 pelo Reverendo Padre João Batista Carbone, da Companhia de Jesus, que comunica a Isaac Sequeira Samuda.*

6º *Observações Astronómicas transmitidas pelo Reverendo Padre João Batista Carbone, que comunica a Isaac de Sequeira Samuda, M.D., R.S.S. & Coll.*

7º *Observações Astronómicas realizadas no Observatório de Bolonha no ano de 1727 pelo clérigo Eustáquio Mansredi, R.S.S., a partir da carta de João Batista Carbone dirigida a Isaac de Sequeira Samuda, M.D. Coll. Med. L. & R. R.S.S.*

8º *Observações Astronómicas realizadas em Pequim pelo Reverendo Padre Inácio Kögler, tribuno da Campanhia de Jesus, matemático que preside na China, a partir da carta do Reverendo Padre João Batista Carbone dirigida a Isaac de Sequeira Samuda, R. S. S.* ²²

Estes dados biográficos surpreendentes são completados por

²² Os títulos latinos originais são os seguintes: 1º «Observatio Ejusdem Cometae ab Illustrissimo Domino Francisco Bianchini Habita Albani Mense Octobri, 1723. & ab Eodem Ulyssipponem missa P. Joanni Baptistae Carbone Soc J E S U. Commuicavit Isaacus Samuda, M. D. Col. Med. Lond. L. S. R. S.», *Phil. Trans.*, 33 (1724), pp. 51-53. 2º «Meridianorum Ulyssipponensis, Parisiensis & Londinensis Differentia, ex Literis Clarissimi Doctissimique Viri, Reverend. Patr. Johannis Baptistae Carbone Soc. Jes. ad Isaacum Sequeyra Samuda M. D. Coll. Med. Lond. Lic. S. R. S.», *Phil. Trans.*, 33 (1724), pp. 186-189. 3º «Observationes Astronomicae Habitae Ulyssipone, Anno 1725, & Sub Init. 1726, a Rev. P. Johanne Batista Carbone, Soc. Jes. Communicante Isaaco Sequeyra Samuda, M.D. R.S.S. Coll. Med. Lond. Lic.», *Phil. Trans.*, 34 (1726), pp. 90-101. 4º «Eclipsis Lunae Observata Romae, ad Radices Collis Quirinalis, Nocte Sequenti Diem 31. Octobris, 1724. Per Clarissimum Virum Franciscum Blanchinum. Ex Epistola Rev. & Cl. Viri, Johannis Baptistae Carbone, S. Jes. ad Isaacum Sequeyra Samuda, M. D. R. S. S. Coll. Med. Lond. Lic.», *Phil. Trans.*, 34 (1726), pp. 174-176. 5º «Observationes Astronomicae Habitae Ulyssipone, Anno 1726. a Rev. P. Joh. Batista Carbone, Soc. Jes. Communicante Isaaco Sequeyra Samuda, M. D. R. S. S. & Coll. Med. Lond. Lic.», *Phil. Trans.*, 35 (1727), pp. 408-413. 6º «Observationes Astronomicae a R. P. Joh. Batista Carbone Transmissae, Communicante Is. De Seguera Samuda, M. D. R. S. S. & Coll. Med. Lond. Lic.», *Phil. Trans.*, 35 (1727), pp. 471-479. 7º «Observationes Astronomicae Habitae in Observatorio Bononiensi Anno 1727, a Cl. Eustachio Mansredi, R. S. S. Ex Epistola J. Baptistae Carbone ad Isaacum De Sequeyra Samuda M. D. Coll. Med. Lic. & R. S. S.», *Phil. Trans.*, 35 (1727), pp. 534-535. 8º «Observationes Astronomicae Pekini Habitae a R.P. Ignatio Kogler Soc. Jesu Tribun. Math. in Sinis Praeside. Ex Epistola R.P. Joh. Bapt. Carbone ad Isaacum de Sequeyra Samuda, R.S.S. &c», *Phil. Trans.*, 35 (1727), pp. 553-556.

informação sobre a produção literária de Samuda. Samuel afirma que Samuda já teria uma reputação sólida nesta área em 1720. Nessa data, é dele o poema inicial para a obra *Espelho Fiel da Vida*, de Daniel Lopes Laguna; em 1724 teria escrito as ‘Viridiadas’, com 415 estâncias (*sic*). Para Samuel, Castro Sarmiento acrescentou 50 estâncias ao poema depois da morte de Samuda, e teria sido por iniciativa sua que o manuscrito foi apresentado a D. João V, tendo passado posteriormente para a biblioteca do Duque de Palmela. Ao que parece, o manuscrito foi comprado nos anos de 1960 pela empresa A. Rosenthal L.td, de Oxford, e de novo vendido. Samuel nada diz sobre o comprador. Tudo indica que fosse o Prof. Stanton. Samuel menciona também um outro manuscrito, ainda não publicado, que seria uma resposta polémica a uma tentativa de reduzir os Judeus ao Cristianismo. Samuel acrescenta uma quarta imprecisão às do número de comunicações nas *Philosophical Transactions*, do nome da epopeia e do número de estâncias, o desconhecimento da localização destes dois textos, quando, de facto, os dois manuscritos das *Viríadas* e o manuscrito da polémica estão perfeitamente localizados.

Samuel acrescenta informação preciosa sobre o património e sobre a morte. Ao que parece, Samuda era o rico proprietário de um número significativo de ações do Banco de Inglaterra. O inventário publicado por J. A. Giuseppi dos proprietários de ações desse banco é muito minucioso e corrobora as afirmações de Edgar Samuel. Aí se regista que Ishac de Sigueyra Samuda, *Doctor in Physick*, abriu a sua conta a 14 de agosto de 1714 e encerrou-a a 9 de janeiro de 1723, sendo proprietário de um património de 500 a 2000 libras.²³ Não há registo dos dividendos que essas ações terão produzido, nem de que Samuda ou alguém em seu nome se tivesse apresentado para os receber. Como Samuda faleceu sem se casar e sem filhos, a administração deste património ficou a cargo do seu tio do lado paterno, Joseph Rodrigues (anteriormente André de Sequeira), com o acordo do seu tio do lado materno, o Dr. Abraão Samuda (anteriormente António Manuel Henriques), e de cinco tias. Samuel determina com grande detalhe o local e a data da morte de Samuda, baseado presumivelmente nos registos do cemitério dos Judeus portugueses de Londres: 20 de novembro de 1729, na paróquia londrina de São Botolfo.²⁴

²³ J. A. Giuseppi, «Early Jewish holders of Bank of England stock...», p. 162.

²⁴ «He died unmarried on 20 November 1729, in the parish of St Botolph without Bishopsgate, London, and was buried in the Portuguese Jews’ old cemetery at Mile End Road, Stepney, Middlesex».

A terminar, Samuel menciona o facto mais significativo da carreira científica de Isaac Samuda, o de ter sido o primeiro judeu a entrar na Real Sociedade de Londres numa época em que, por razões óbvias, não era nada fácil isso acontecer.

O que pensar desta entrada do prestigioso *Oxford Dictionary of National Biography*? Quatro imprecisões são claras, mas não é nada evidente que se possa generalizar a partir delas para o resto. A benefício da verdade, o tempo de vida aproximado que Samuel atribui a Samuda é muito mais razoável, dando tempo suficiente para que se formasse um leitor extraordinário de textos das letras gregas e latinas, como é claro para qualquer leitor das *Viriadas*. O que é difícil de aceitar é a informação retirada do processo da Inquisição. Recorde-se que o esforçado Augusto da Silva Carvalho já tinha equacionado este problema no seu *Médicos e Curandeiros*: «houve em Lisboa no princípio do século dezoito dois médicos judeus com o mesmo nome, um filho de Rodrigo de Sequeira e nascido em 1681, outro muito mais velho, pois já tinha morrido em 1706, deixando pelo menos dois filhos, um dos quais nesta data tinha 31 anos». Para Silva Carvalho, os dados documentais apenas permitem inferir o seguinte dilema: «Ou Simão Lopes Samuda ou Manuel de Samuda Leão deve ser o médico Samuda a que se refere um manuscrito de 1742 ... que parece ter sido escrito por quem residia em Londres». Com base neste documento da *Coleção Pombalina*, Silva Carvalho conclui que «a expatriação do pai de Isaac de Sequeira Samuda deve ter sido algum tempo antes de 1742, data do manuscrito, portanto quando este tinha muito poucos, menos de quatro anos». Como se vê, Edgar Samuel e Silva Carvalho apenas concordam no facto de Isaac de Sequeira Samuda ter tido em Portugal um nome diferente.

Existem alguns outros autores que mencionam rapidamente Samuda, nem sempre com correção factual devido ao estado da investigação da época em que os respetivos trabalhos foram publicados: a *The Jewish Encyclopedia* já mencionada, mas também os estudos eruditos de Moses Bensabat Amzalak, António Alberto Banha de Andrade, Joaquim de Araújo, José Lúcio d’Azevedo, Joseph Rodríguez de Castro, Paul Emden, Costa Ferreira, Julius Fürst, Moses Gaster, Albert M. Hyamson, Ricardo Pinto de Matos, Álvaro Neves, Joaquim Mendes dos Remédios, Giuseppe Carlo Rossi, António Ribeiro dos Santos e de Wolfio.

Alguns destes autores merecem uma análise mais cuidada. Contemporâneo de Samuda, Johann Christoph Wolf (1683-1739) inclui uma entrada sobre o médico lusitano na sua imponente *Bibliotheca Hebraea* de quatro grossos volumes. O último destes volumes foi publicado em 1733, quatro anos apenas depois da morte do autor d’*As Viriadas*. Wolf menciona apenas o *Sermão*

Fúnebre dedicado à memória do rabino David Nieto e o epitáfio que lhe dedicou.²⁵

O erudito Joseph Rodríguez de Castro menciona Samuda por quatro vezes no primeiro tomo da sua *Biblioteca Española*, de 1781. Castro regista o soneto e umas oitavas em língua portuguesa no volume em honra de Daniel Lopes Laguna, o epitáfio para o sepulcro de David Nieto ben Pinhas e a oração fúnebre em honra do mesmo rabino.²⁶

Ainda no século XVIII, António Ribeiro dos Santos refere Samuda no contexto das suas memórias académicas sobre a literatura sagrada dos Judeus. Na *Memória IV*, de 1793, Ribeiro dos Santos refere-se apenas ao *Sermão Fúnebre* em louvor do rabino David Nieto (p. 322), citando os dois últimos versos da oitava do epitáfio que Samuda lhe dedica (p. 337). Nenhuma alusão é feita às *Viriadas*.

Ricardo Pinto de Matos menciona Samuda no seu *Manual Bibliográfico Português de Livros Raros, Clássicos e Curiosos*, de 1878, uma obra que foi valorizada por um prefácio do genial Camilo Castelo Branco. Pinto de Matos não avança com grandes dados biográficos e refere-se apenas ao *Sermão Fúnebre* e aos proprietários conhecidos de exemplares desse livro: «ISAAC DE SEQUEIRA SAMUDA, judeu português do qual se imprimiu um sermão para as exéquias dos trinta dias do R. David Neto ben Pinhas. Deste *Sermão*, diz Inocêncio que tinha um exemplar Ribeiro dos Santos. No Porto possui outro o sr. Joaquim T. de Macedo. Tem o título: *Sermão fúnebre para as Exéquias dos Trinta Dias do Insigne, Eminente e Pio Haham e Doutor R. David Neto*. Composto pelo Dr. Ishac de Sequeyra Samuda. Londres 5488. (de C. 1728). 4.º» (p. 629).

Na *Biblioteca Espanhola-Portuguesa-Judaica* de Mayer Kayserling, de 1890, apenas aparecem referências à profissão médica e à ligação à Real Sociedade. No que concerne à obra literária, apenas se menciona o *Sermão Fúnebre* de 1728, e alude-se ao manuscrito desaparecido da *Resposta*, documento que aparece referido num catálogo do livreiro Salomo Jesurun, de Amsterdão, do distante ano de 1811. Em 1895, João de Saldanha da Gama, bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fez a apresentação de um terceiro exemplar conhecido do raríssimo *Sermão Fúnebre* para o catálogo de uma exposição. A entrada n.º 106 do seu catálogo apoia-se em Inocêncio e também alude ao manuscrito das *Viriadas*.

²⁵ A entrada 1250e do quarto volume afirma o seguinte: «R. ISAAC de SEQVEYRA Samuda, Doctor Medicinae & Collegii Medicorum Londinensis, Regiaeque Societatis membrum. Exstat ejus sermo Lusitanicus funebris in memoriam R. Davidis Neto, Archisynogi quondam inter Judaeos Londinenses. Londini 488.C.1728.8, pp.118», *Bibliotheca Hebraea*, IV, p. 885. Ver *infra* a reprodução que Wolf fez do epitáfio que Samuda dedicou a David Neto.

²⁶ Joseph Rodríguez de Castro, *Biblioteca Española*, pp. 503, 608, 804 e 829.

Joaquim de Araújo publicou em 1901 na vila de Famalicão umas notas bibliográficas com o título *Os Judeus Portugueses*. Tendo sido escritas com o fim de enriquecer as referências que Inocêncio e Brito Aranha fazem a autores judaicos no seu *Dicionário*, bem como a *Biblioteca Espanhola-Portuguesa-Judaica* do grande erudito alemão Meyer Kayserling, este pequeno trabalho de quinze páginas é importante porque publica um soneto e quatro oitavas que Samuda dedicou ao poeta judeu Daniel Israel Lopes de Laguna (Portugal, 1635 - Jamaica, 1730) e que apareceram no início da obra mais importante deste poeta, o seu *Espelho Fiel de Vidas, que Contém os Salmos de David em Verso, Obra Devota, Útil e Deleitosa* (Londres, 1720).²⁷ Apesar da admiração que o escritor e bibliófilo nortenho Joaquim de Araújo tinha por Kayserling, atreve-se a corrigi-lo numa imprecisão que tem a ver com a língua utilizada por Samuda nos versos dedicados a Laguna: «Kayserling menciona a maior parte desses trechos, mas, certamente por não ter visto o livro (a que dá o formato de 8.º) chama versos latinos às ... composições de Isaac Sequeira Samuda, que de resto escreveu em português o *Sermão Fúnebre* ... como o douto alemão comprova na competente referência» (p. 6).

O soneto encomiástico de Laguna que aparece no n.º 4 da lista de livros judaicos de Joaquim de Araújo, o *Espelho Fiel de Vidas*, é o seguinte:

Com dilúvios de harmónica afluência
 Dispense sacra Musa sonora
 De metros graves cópia magestosa
 Mares de graça em mares de cadência.²⁸

Requinta-se a poética excelência
 No canoro da música gostosa,
 Discreta melodia, arte engenhosa
 Sobe o louvor, se humilha a penitência.

Desta angélica Musa recebeste
 Seráfica influência soberana
 Emação de espírito celeste.

²⁷ O patrocinador da obra foi Mordecai Nunes d'Almeida; o desenhador for Abraão Lopes de Oliveira; para além de Samuda, os panegiristas foram Abraão Gomes Silveira, Manuel Fonseca Pina, Manuela Lopes d'Almeida e Jacob Henriques Pimentel.

²⁸ Gralha provável no original: 'dilúvios *do* harmónica afluência'.

Com loquela divina em voz humana
Tão genuínas traduções fizeste
Que hebraico fala a língua castelhana.

As oitavas são especialmente importantes porque revelam a forma poética mais utilizada por Samuda. As quatro que dedica a Laguna são as seguintes:

De frase hebraica em frase castelhana
O melífluO Psaltério transformaste,
Mas na beleza da cadência hispana
A gravidade hebraica lhe deixaste,
O sacro estilo, a graça mais que humana,
Os idiomas mudando, não mudaste,
Que imóvel no sublime, obra divina,
Tem língua natural na peregrina.
Como lago argentado, centro undoso,
Claro arquivo de línguas transparentes,
Qual teu nome é teu livro proveitoso
Lago, ou tesouro de mentais correntes,
Fontes que são com fluido caudaloso,
Por dez bocas, de graça dez torrentes,
Rios que guardam na versão mais pura
Das próprias fontes natural doçura.

Doçura traduzida e não mudada,
Que o sal da graça original reserva,
Sal que tendo virtude redobrada
Em duas línguas um sabor conserva,
Luz permanente inda que transmigrada,
Dote, que útil e doce junto observa,
Sacrifício e manjar tão bem composto
Que a devoção convida pelo gosto.

Como fulgente Sol reverberado
Em cristal puro as plantas mais alenta,
Celeste influxo de anjos derivado,
Nesse ESPELHO reflexos acrescenta,
Que às almas dando espírito dobrado

Da penitência os frutos lhe aumenta,
Frutos que em permanência sempiterna
Serão de vida e glória em vida eterna.

Joaquim de Araújo não faz qualquer referência às *Viriadas*, nem menciona a oitava em louvor do rabino David Neto que surge no *Sermão Fúnebre*. Baseando o seu juízo apenas nos poemas de encómio a Laguna, Joaquim de Araújo lamenta que o nome de Samuda ainda não esteja inscrito no Parnaso português: «Não há dúvida que era um poeta elegantíssimo o autor desses versos cujo nome acaso se não acha inscrito no Parnaso português». A avaliação rápida dos poemas termina com uma curiosa aproximação formal à poesia de um poeta posterior: «É um precursor da sonora forma bocagiana». Este juízo de Joaquim de Araújo revela que não conhecia pessoalmente as *Viriadas*; se conhecesse esse poema, é evidente que a aproximação a fazer cairia necessariamente sobre Camões ou sobre a rica tradição de versos épicos em língua portuguesa. Seria improvável, neste caso, que se mencionasse um poeta como Bocage, com uma obra poética muito diferente da de Samuda.²⁹

Também Joaquim Mendes dos Remédios, na sua obra *Os Judeus Portugueses em Amsterdão*, de 1911, refere apenas o *Sermão Fúnebre* e a *Resposta*, dando, todavia, o título completo desta: *Resposta do Dr... Vizinho de Londres ao Livro intitulado "Diálogos Teológicos" que compôs um Autor Anónimo Cristão para Reduzir aos Judeus ao Cristianismo*. Mendes dos Remédios chegou a conhecer pessoalmente o velho bibliófilo que possuía este manuscrito, David Montezinos, e que o legou, juntamente com a sua valiosa biblioteca, ao Seminário Português-Israelita (Portugees Israelitisch Seminarium Ets Haim), a atual Ets Haim Bibliothek Livraria Montezinos, de Amsterdão. Mendes dos Remédios dá informação sobre o seu tamanho: um volume de 59 folhas (p. 125). Este manuscrito de Samuda ainda não foi publicado mas pode ser consultado em Amsterdão.³⁰

Mendes dos Remédios não faz, infelizmente, nenhuma menção às *Viriadas* nem ao conteúdo especialmente polémico do manuscrito da *Resposta*

²⁹ Joaquim de Araújo era ele próprio poeta, o que supõe sensibilidade para avaliar a poesia de outros autores. Ver algumas das suas obras poéticas que foram publicadas na revista *O Instituto*, nomeadamente «Misteriosa», XXI (1875), p. 270; «Destroços», XXII (1876), p. 246; «*In Extremis*», XXII (1877), p. 247; «Revelação», XXVIII (1881), p. 187; bem como *Lira Íntima* (Lisboa, Empresa das Horas Românticas, 1881).

³⁰ O manuscrito tem a cota AMST EH 49 B 16. Em trabalho separado será publicado este texto pela primeira vez.

do Vizinho. Também não se ocupa da questão da identificação do autor dos tais *Diálogos Teológicos*, obra que terá estado na origem da *Resposta do Vizinho*. Samuda não avança com o nome do autor, mencionando apenas que é um livro anónimo que possui. Esta não é uma questão menor porque a identificação do autor e da obra que justificou a posição de força da *Resposta* pode auxiliar a reconstruir as leituras do médico e poeta. Para além do livro anónimo, o texto polémico de Samuda revela um conhecimento profundíssimo da tradução bíblica de Cassiodoro de Reina e Cipriano de Valera. A designação ambígua de *Diálogos Teológicos* poderia referir-se à obra com o mesmo título de Frei Marcos de Moura (c. 1600-1611), mas seria improvável que Samuda tivesse em Inglaterra uma cópia de um manuscrito não publicado de um frade português.³¹ Poderia também estar a referir-se aos *Diálogos Teológicos de Los Triunfos de la Verdad*, de Tirso de Molina, um texto literário de 1632 que coloca em diálogo Simão Mago, o Apóstolo Pedro, um velho filósofo de nome Clemente, Áquila e Nicetas.³² Finalmente, poderia estar no seu espírito os *Diálogos Teológicos* de Abraão Gomes Silveira, também manuscritos, com quem Samuda colaborou no volume de homenagem a Daniel Israel Lopes Laguna.³³ Contudo, nenhum destes três autores é visado aparentemente pelos argumentos de Samuda. O livrinho que motivou a sua revolta intelectual é indubitavelmente o *Diálogo entre Discípulo e Mestre Catequizante*, publicado em Lisboa na oficina de Geraldo da Vinha, em 1621.³⁴

³¹ Sobre os *Diálogos Teológicos* de Fr. Marcos de Moura, ver Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo III (Lisboa, na Oficina de Inácio Rodrigues, 1752), p. 410; e Fr. Jerónimo de S. José, *História Cronológica da Esclarecida Ordem da S. Trindade*, tomo II (Lisboa, na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794), pp. 27-28.

³² Tirso de Molina, *Diálogos Teológicos y Otros Versos Diseminados*, edição, introdução e notas de Luis Vázquez (Kassel, Edition Reichenberger, 1988). Ver igualmente Tirso de Molina, *Lunes por la Mañana*, in *Obras Completas*, II, *Deleitar aprovechando*, ed. Pilar Palomo e Isabel Prieto (Madrid, Fundación José Antonio de Castro / Turner Libros, 1994), pp. 267-500.

³³ *Silveyradas Diálogos Theológicos en versos jocoserios, para deleitar aprovechando...* (Ets Haim 48 B14). Sobre este e outros manuscritos, ver Kenneth Brown e Harm den Boer, *El Barroco Sefardi: Abraham Gómez Silveira* (Kassel, Edition Reichenberger, 2000).

³⁴ Do frontispício consta o seguinte: *Dialogo entre Discipulo, e Mestre Catechizante, Onde se resolvem todas as duuidas, que os Iudeos obstinados costumão fazer contra a verdade da Fé Catholica: Com eficacissimas razões, assi dos Prophetas santos, como de seus mesmos Rabbinos*, Dedicado a S.C.R Magestade del Rey Philippe IIII das Espanhas. Traduzido mui fielmente da Escritura, & Rabbinos Por Ioam Baptista d'Este, com licença do Santo Officio, Ordinario, & del Rey. EM LISBOA. Por Geraldo da Vinha. Anno 1621. Com Privilegio Real.

O manuscrito holandês de Samuda é composto por quatro capítulos: um longo capítulo inicial, «Em que se mostra que Deus é um Simplicíssimo Ente, e não Trino e Um, como afirmam os Cristãos»; o capítulo segundo, com o título «Em o qual se trata e refuta a Encarnação do Verbo Divino e Messiado de Jesus Cristo»; o capítulo três, «Do qual se trata do Batismo e Imagens»; e o capítulo final que se ocupa «Da Eucaristia dos Papistas». Os títulos dos capítulos bastam para se perceber que se trata de um poderoso texto argumentativo contra os fundamentos do Cristianismo. A análise que o autor faz dos dogmas da Trindade, da Encarnação do Verbo, do Batismo e da Eucaristia é exaustiva e revela um espírito muito interessado no fenómeno religioso e com gosto pela polémica doutrinária. O interesse pela religião é comum às descrições de rituais religiosos gregos, latinos e lusitanos que aparecem nas *Viriadas*. O gosto pela polémica não é, contudo, visível nem no poema épico, nem no *Sermam Funebre para as Exequias dos Trinta Dias*. Se Castro Sarmiento compreendeu corretamente o que Samuda queria para o seu poema, é possível acrescentar que a polémica religiosa está totalmente nos antípodas do espírito ecuménico que encerra o poema e que atravessa muitos dos seus cantos.

Para decidir com segurança a inclusão da *Resposta do Vizinho* nas obras de Samuda seria necessário um critério decisivo. Infelizmente, o manuscrito não está assinado com a bonita e enigmática assinatura de Samuda, conhecida desde o processo da Inquisição do jovem médico Simão Lopes Samuda, e confirmada pelo autógrafo de Isaac de Sequeira Samuda que permanece na Royal Society of London, nomeadamente o documento em que se comunicam observações meteorológicas realizadas em Lisboa de outubro a dezembro de 1724, um documento datado de Londres, no quinto dia das Nonas do mês de março de MDCCXXV, isto é, o dia três de março de 1725.³⁵ O processo da Inquisição tem mais de uma dúzia de assinaturas de Simão Lopes Samuda com a letra final do apelido a alongar-se até assumir a forma de um peixe, de uma baleia ou de uma

³⁵ O manuscrito está catalogado com o título *Weather observations from Lisbon for October to December 1724 by Isaac Sequeira Samuda* e tem a cota da Royal Society CL.P/5/34. Para além deste autógrafo, a Royal Society tem os seguintes documentos relativos ao fellow português: *Description of a large fish seen off the coast of Lisbon sent by Samuda* (21 de janeiro de 1723), *Anatomical observations from Antonio Monrava communicated by ... Samuda* (1724), *Concerning the differences in the meridian of Paris, London and Lisbon sent by John Baptiste Carbone to ... Samuda* (1725), *Astronomical observations by John Batista Carbone, dated at Lisbon, to ... Samuda* (1726, 1727 e 1728), *Joseph Israel Carrillo, physician to the King of Tunis, to ... Samuda* (25 de agosto de 1728), *Translation of part of a letter of Joseph Israel Carrillo, physician to the King of Tunis, to ... Samuda* (1728), e *An account of an uncommon phaemomenon of the Verbascum in flower being part of a letter from Jos. Israel Carrillo physician to the King of Tunis to ... Samuda* (1730).

foca.³⁶ A assinatura do documento da Royal Society de Isaac de Sequeira Samuda tem exatamente o mesmo arranjo gráfico para a vogal final do apelido. *Simão Lopes Samuda é Isaac de Sequeira Samuda*. Este facto está provado documentalmente.

A caligrafia do texto de polémica também não parece ser semelhante nem ao manuscrito que Castro Sarmiento preparou para ofertar a D. João V, nem ao documento *Observationes meteorologicas Ulissipone in fine anni 1724*. O texto de Amsterdão tem uma caligrafia ostensivamente inclinada para a direita; o documento londrino tem uma caligrafia ligeiramente inclinada para a esquerda. Forma e conteúdo combinam-se, por conseguinte, para justificar a crença de que a *Resposta do Vizinho* não é aparentemente um texto do Doutor Samuda. Não havendo certezas a este respeito, é necessário, contudo, respeitar a tradição que atribui esse texto ao médico que também era poeta. Como o texto não está finalizado, é possível que se trate de apontamentos e recolha de citações bíblicas a serem trabalhadas noutra ocasião em caligrafia mais cuidada. O assunto está, pois, em aberto.

Dois anos depois de Mendes dos Remédios, em 1913, Álvaro Neves, bibliotecário da Academia das Ciências de Lisboa, inclui o *Sermam funebre* na sua *Bibliografia Luso-Judaica*. Curiosamente, a entrada n.º 32 deste catálogo grafa o primeiro nome do poeta com a letra ‘Y’: Yshac de Sequeira Samuda. Não se alude a mais nenhuma obra nem se acrescenta qualquer comentário.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Biblioteca de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa publica o livro de Herculano Amorim Ferreira dedicado às *Relações Científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*. Este estudo inclui um capítulo em que o apelido Samuda aparece no título, nomeadamente o capítulo IV, «Relações científicas no século XVII e no princípio do século XVIII. A família dos Samudas». Amorim Ferreira baseia-se em Inocêncio, Silva Carvalho, Mendes dos Remédios e Augusto D’Esaguy. A respeito das *Viríadas*, apenas refere que a portada do poema é reproduzida no artigo de 1934 deste último. Como se vê, não se trata de investigação original mas de uma visão panorâmica muito bem conseguida do tema que dá título ao estudo. Seis anos antes, em 1937, o pequeno livro de Fran Paxeco abordava um tema semelhante, com o título inglês *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*, mas não menciona sequer a figura do Doutor Samuda. É, pois, curioso reparar como os dados relevantes para a compreensão da obra de Samuda estavam disponíveis desde os anos trinta e quarenta do século XX mas não parecia haver

³⁶ De facto, contam-se dezanove assinaturas claras de Simão Lopes Samuda no Processo n.º 2784 da Inquirição de Lisboa.

interesse em explorar o que os eruditos e bibliófilos haviam descoberto. Amorim Ferreira fez o trabalho honesto e meritório de reunir a informação disponível à época, sublinhando a formação médica de Samuda em Coimbra, a admissão ao Real Colégio dos Médicos e à Sociedade Real, o encontro no tempo e no espaço londrino de Fernão Mendes (1687-1724), Samuda e Castro Sarmento, a passagem de dois anos de Ribeiro Sanches por Londres, e, obviamente, a notícia de um poema épico de que apenas se conhecia o frontispício. Além disso, Amorim Ferreira leu os *Médicos e Curandeiros* de Silva Carvalho mas não confunde Samuda com Isaac Henrique Sequeira, um distinto médico português contemporâneo de João Jacinto de Magalhães (1722-1790) em Londres. Mesmo a estimativa da data da morte de Samuda é surpreendentemente precisa para o que se sabia nessa época: «Isaac Samuda faleceu por 1730». ³⁷ É provável que as dificuldades de acesso aos dois manuscritos do poema sejam a causa para que ninguém tivesse avançado com o seu estudo e edição.

Cerca de quarenta anos depois, o estudioso português Pinharanda Gomes alude duas vezes a Isaac Samuda na sua obra *A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, de 1981, o primeiro volume da sua grande *História da Filosofia Portuguesa*. Pinharanda Gomes apenas refere o texto panegírico em memória de David Neto e, baseado em Joaquim Mendes dos Remédios, a obra *Resposta ao Livro Intitulado Diálogos Teológicos*. Esta obra é, como se disse, manuscrita, e nunca foi publicada. Como Mendes dos Remédios, na sequência da sua viagem à Holanda, apenas transmite informação bibliográfica sobre o manuscrito e como Pinharanda Gomes apenas leu essa referência, nenhum dos dois autores efetivamente o leu e estudou.

Num pequeno artigo de 2004 sobre a inclusão dos primeiros sócios da Royal Society no *Oxford Dictionary of National Biography*, Anita McConnell apenas menciona a data de entrada do ‘poeta e médico’ Isaac Samuda na Royal Society em 1723, sublinhando que foi o primeiro judeu a ser eleito para essa instituição, facto que se terá devido a ele ser um «meio de acesso útil às notícias científicas que vinham de Portugal».

No ano a seguir, em 2005, Geoffrey Cantor, no seu livro *Quakers, Jews, and Science*, reconhece que Samuda foi o primeiro judeu a fazer parte da Real Sociedade de Londres, logo seguido dos doutores Castro Sarmento e Meyer Schomberg. Cantor oferece uma razão para a entrada destes três médicos numa agremiação de natureza científica e não clínica. O Real Colégio de Médicos autorizou-os a exercer Medicina em Londres (*licensed*) mas impediu-

³⁷ H. Amorim Ferreira, *Relações Científica entre Portugal e a Grã-Bretanha*, p. 10.

-os de pertencer ao Colégio (*fellowship*). Ficaram, pois, impedidos de aceder à instituição médica mais poderosa de Londres e de recorrer ao patrocínio e às benesses que essa ligação proporcionava. Para Cantor, por conseguinte, a entrada na Real Sociedade foi, pois, a segunda melhor oportunidade de obter os contactos profissionais e pessoais que desejavam. Apesar de Cantor reconhecer que as razões de Samuda para entrar na Real Sociedade são de facto desconhecidas, presume que isso se terá devido mais ao desejo de patrocínio do que a um interesse genuíno pela ciência. Esta opinião de Cantor não tem fundamento, o que não surpreende devido ao facto de ele não indicar nem mencionar as comunicações de Samuda à Real Sociedade que foram publicadas nas *Philosophical Transactions*. O interesse pela ciência é também claramente discernível no *Sermão Fúnebre* e, obviamente, nas *Viríadas*, textos que Cantor não refere.

O caso de Jacob de Castro Sarmento é totalmente diferente devido ao seu papel na divulgação da obra de Isaac Newton e na reforma do ensino universitário em Portugal. As suas datas biográficas são, de um modo geral, aceites unanimemente pelos investigadores. O doutor Augusto D'Esaguy dedicou a Castro Sarmento uma monografia muito completa, publicada em Lisboa em 1946, o livro *Jacob de Castro Sarmento: Notas Relativas à sua Vida e à sua Obra*. A ênfase de D'Esaguy é colocada no papel que Castro Sarmento desempenhou na história da Medicina portuguesa, assunto em que os médicos judeus portugueses brilharam por toda a Europa devido à sua excelência. Para D'Esaguy, Castro Sarmento é um expoente trágico do conjunto de ouro da grande Medicina portuguesa que os governantes da época expulsaram do seu país devido a alegados crimes de heresia. Esse conjunto de ouro incluía Manuel Brudo, Garcia Lopes, Tomás da Veiga, Rodrigo de Castro, Jorge Henriques, Zacuto Lusitano, Elias Montalto, Estevão Rodrigues de Castro, João Batista da Silva, António Nunes Ribeiro Sanches, Amato Lusitano, Daniel Rodrigues e, obviamente, Isaac de Sequeira Samuda. Este livro muito importante inclui uma relação das obras publicadas por Castro Sarmento, mas, curiosamente, não menciona a colaboração com Samuda nem as estâncias com que as *Viríadas* terminam.

Do conjunto de estudiosos que referem a obra literária de Samuda, Richard Barnett merece uma análise mais cuidada. Este distinto curador das Antiguidades Asiáticas Ocidentais do Museu Britânico publicou em 1982 um importante estudo sobre Jacob de Castro Sarmento baseado em documentos dos arquivos judaicos ingleses. Este estudo, com o título «Dr. Jacob de Castro Sarmento and Sephardim in Medical Practice in 18th-Century London», é de

facto uma biografia detalhada do grande médico português. Para Barnett, a questão do nome deve ser esclarecida deste o início. Henrique de Castro mudou o seu nome em Inglaterra, passando a ser inicialmente Jacob de Castro e, mais tarde, Jacob de Castro Sarmento. Este médico teria nascido em 1691 ou, mais acertadamente, em 1692. Existe um documento a atestar que se terá recasado a 10 de março de 1721 segundo o rito judaico. Este médico com inclinações literárias deu vários sinais do seu gosto pela literatura ainda antes de ter tomado sobre si a tarefa hercúlea de concluir as *Viriadas*. Em 1724 parece ter publicado uma paráfrase em verso do *Livro de Ester*, com o título em espanhol *Extraordinaria Providencia que el Gran Dios de Israel usa con su escogido pueblo en tiempo de su major aflicción*. Barnett reconhece que não há nenhum exemplar conhecido deste trabalho e tem dúvidas sobre se teria sido publicado de facto.

Para Barnett, as *Viriadas* foram escritas em 1724. Com a morte de Samuda em 1730, Castro Sarmento decidiu-se a concluir o poema épico com 50 estâncias. Barnett afirma que o poema teria 13 cantos e 415 estâncias. Este número de estâncias só pode ser, obviamente, uma gralha. Este investigador afirma que o manuscrito nunca foi publicado e acrescenta, de modo enigmático, que esse facto revela sabedoria («perhaps wisely», p. 87). Em registo mais pessoal, acrescenta que teve a grande sorte de ver em 1961 a cópia da biblioteca do senhor Duque de Palmela. Apesar de Barnett não saber português, afirma que nessa altura lhe pareceu ver ataques muito explícitos à fé católica debaixo das alusões a Baal. Como as únicas alusões a Baal que aparecem nas *Viriadas* surgem no Canto XIII e nas estâncias que foram alegadamente escritas por Castro Sarmento, é provável que se estivesse a referir à parte final do poema. De qualquer modo, a apreciação que Barnett faz do poema está totalmente equivocada. Barnett afirma que o poema que viu é uma paráfrase em língua portuguesa do *Livro de Ester* (*sic*). Recorde-se que Barnett também afirma que o alegado livrinho de Castro Sarmento com o título *Extraordinaria Providencia que el Gran Dios de Israel...* também era uma paráfrase ao *Livro de Ester*.³⁸ Parece ser seguro concluir que

³⁸ Como estas afirmações são manifestamente estranhas, aqui se cita o texto do próprio Barnett: «He was something of a poet, like his friend and colleague Dr. Isaac Sequeira de Samuda, and when the latter died in 1730, leaving unfinished a long poem entitled *Viriadas* written in 1724 in Portuguese, in thirteen cantos and 415 stanzas, de Castro Sarmento took it upon himself to finish it, contributing fifty further stanzas. But even so, it was (perhaps wisely) never published. I was fortunate to be shown in 1961 a ms copy of this work, from the Duke of Palmella's library, and found it (if I remember rightly) to be largely a paraphrase of the *Book of Esther*. I also observed what I took to be some not very covert attacks on what could only be the Roman Catholic Faith and the Inquisition, under allusions to the worship of Baal» (p. 87). Anteriormente, Barnett faz uma afirmação idêntica sobre o outro hipotético livro: «The same year (1724) is also said to have seen another religious

Barnett estava indubitavelmente a ver em excesso o *Livro de Ester*.

A estranheza das afirmações deste investigador atinge o ponto mais alto ao afirmar que é irónico que um poema com um assunto que interessa especialmente aos Marranos fosse dedicado ao rei de Portugal, e que este o tivesse recebido tão bem. Esse assunto que alegadamente interessaria em particular aos Marranos é o *Livro de Ester*, cujo assunto se adequa a um povo que vive no exílio da sua pátria. Como é evidente, as *Viriadas* não têm absolutamente nada a ver com o *Livro de Ester* nem com as mágoas de um povo que vive no exílio.³⁹ O único indício de que percebeu alguma coisa do que viu do manuscrito que teve à frente é a sua reflexão sobre o título. Para ele, segundo lhe disseram, a palavra 'Viriadas' teria sido *aparentemente* moldada à luz da palavra 'Lusíadas', e o assunto teria *muito provavelmente* a ver com o grande herói Viriato.⁴⁰

Estas afirmações de alguém que não conhece a língua portuguesa são indubitavelmente estranhas. De um modo mais positivo, Barnett contribui para a reflexão sobre o poema chamando a atenção para um detalhe que, de tão óbvio, pode passar despercebido. Como as *Viriadas* não foram publicadas na altura, a dedicatória do *manuscrito* a D. João V é surpreendente. Se o poema tivesse sido publicado, essa estranheza seria menor. A dedicatória de um *manuscrito* é que merece reflexão.⁴¹ Como organizador do poema e como autor final de cinco dezenas de estâncias, Castro Sarmento é que decidiu a inclusão dessa dedicatória. Se Samuda era amigo íntimo de Castro Sarmento, como tudo indica, é improvável que a dedicatória do poema fosse feita sem Castro Sarmento conhecer a opinião de Samuda a esse respeito. Neste caso, a intenção de dedicar o poema a D. João

contribution from the young but learned doctor's pen; it was a quasi-theological work, this time in Spanish, a paraphrase in verse of the *Book of Esther* entitled *Extraordinaria Providencia*» (p. 86).

³⁹ Para que não se falte à verdade, este é o texto de Barnett: «It is ironic that such a work, on such a subject and of a character chiefly of interest to *marranos*, should have been dedicated to the king of Portugal and should have been so well received by him» (p. 98, nota 41). Para se compreender qual é a obra cujo assunto interessa especialmente aos Marranos, tenha-se presente o que diz Barnett sobre o livro de Castro Sarmento cujo paradeiro ainda não se conhece, o *Extraordinaria Providencia*: «Such a work can only have been intended for the consumption of *marranos* or those recently escaped, among whom the *Book of Esther* was understandably popular» (p. 86).

⁴⁰ «The title *Viriadas* in its form apparently is modelled on that of the famous *Lusíadas* of Camoens; it most probably alludes to Viriato, the great hero of Portuguese history who resisted the Romans in the Serra de Estrela» (p. 98, nota 39).

⁴¹ O caso não é único. Os dois manuscritos de Castro Sarmento da Biblioteca Nacional têm dedicatórias: a tradução da *Chronologia Newtoniana Epitomizada* (cota F.R. 1417) foi dedicada a D. José, na altura príncipe herdeiro do Brasil, e a *Nova Descrição do Globo* (cota F.R. 1022) foi dedicada à Real Academia de Lisboa.

V seria dos dois. Por que razão dedicariam um poema épico precisamente ao rei do país que, através da Inquisição, esteve na origem das suas vidas atribuladas? Como é que exilados dedicam o melhor do seu génio poético a um monarca que foi cúmplice dos torcionários homicidas do Santo Ofício? Na biografia de Castro Sarmento, a única que se conhece bem, há indícios muito frequentes do desejo desse exilado em reforçar a sua ligação a Portugal. Ao longo dos anos, Castro Sarmento manteve relações com personalidades influentes nos assuntos da Corte Portuguesa, como o Marquês do Alegrete, o Conde da Ericeira, o senhor Marco António Azevedo Coutinho, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, o Conde de Monsanto, e o Marquês de Cascais. A estas relações haveria que acrescentar a oferta de um microscópio à sua *alma mater*, a Universidade de Coimbra, os seus negócios com o medicamento Água de Inglaterra, e a sua rede de contactos com os Jesuítas, que esteve na origem das comunicações que ele fez à Real Sociedade sobre eventos astronómicos na China e no Paraguai. Tudo indica, pois, que a dedicatória do frontispício terá sido uma decisão do próprio Castro Sarmento. A data em que Castro Sarmento se terá dedicado às *Viriadas* só poderia ser, naturalmente, posterior à morte de Samuda. O frontispício do manuscrito dá uma sugestão mais precisa. A descrição que faz da atividade profissional de Castro Sarmento inclui a ligação à Real Sociedade. A sua candidatura foi rejeitada em dezembro de 1729, mas acabou por ser eleito em 3 de fevereiro de 1730. A avaliar pelo frontispício, o trabalho sobre as *Viriadas* teria que ter acontecido pelo menos depois dessa data.

A investigação que Barnett fez junto dos arquivos da comunidade judaica portuguesa de Londres permitiu também obter dados fidedignos sobre outros aspetos da vida de Castro Sarmento. Os dois filhos que teve com Rahel morreram ao nascer, causando-lhe uma grande dor, e foram enterrados a 28 de outubro de 1724 e a 31 de dezembro de 1725. Os nomes dos filhos que teve do seu terceiro casamento estão definitivamente estabelecidos. As crianças chamavam-se Henry e Charles. Castro Sarmento morre em 1762 e o seu funeral aconteceu a 20 de setembro desse ano.

O estudo de Barnett é especialmente surpreendente no que diz respeito às *Viriadas*. Segundo a investigação que este autor desenvolveu, Isaac de Sequeira Samuda era, de facto, o Dr. Manuel de Samuda, filho do Dr. Simão Lopes Samuda, que esteve preso pela Inquisição de Lisboa, tendo sofrido uma penitência forçada no auto de fé de 12 de setembro de 1706, juntamente com as suas irmãs e família. Depois de ter fugido para Inglaterra, passou a ser conhecido como o Dr. Isaac de Sequeira Samuda, e também como Simão Samuda. Ao que parece, o nome português e os nomes ingleses do nosso poeta foram definitivamente

provados com a descoberta do seu testamento.⁴² Porém, quando se verificam as fontes a que Barnett recorre, o seu caso fragiliza-se imediatamente. Barnett refere o trabalho que Arthur P. Arnold, M.A., fez de recolha dos testamentos de judeus registados no Principal Probate Registry, Somerset House, em Londres, publicado no volume coletivo de Hyamson, Rubens e Arnold, *Anglo-Jewish Notabilities*, de 1949.

O trabalho de Arnold nada diz para fundamentar a conjetura que afirma que o nome português de Isaac de Sequeira Samuda era o de Manuel de Samuda. Pelo contrário, na sua lista de testamentos registados em notário, encontra-se, na entrada do apelido Sequeira, o nome de 'Isaac de Samuda or Simon. 1730'. Isto significa que foi registado um testamento de alguém que era conhecido por Isaac de Sequeira Samuda e também por Simão Samuda. Arnold não menciona de todo o nome de Manuel de Samuda Leão. Como se vê, este documento notarial corrobora a lição dos *Anais* do Real Colégio de Médicos de Londres, reforçando a ligação entre o doutor Isaac de Sequeira Samuda e Simão Lopes Samuda, filho de Rodrigo de Siqueira e de Violante Nunes Rosa. No estado atual do conhecimento, é possível afirmar com segurança que são a mesma pessoa, isto é, que Simão Lopes Samuda mudou o seu nome ao chegar a Londres, sendo todavia conhecido também pelo seu nome português anterior, porque, obviamente, a comunidade marrana de Londres era maioritariamente composta por judeus portugueses que falavam entre si português e se conheciam bem uns aos outros.

A data da morte de Samuda é, para Barnett, a que consta do registo notarial do testamento recolhido por Arnold, o ano de 1730, mais precisamente março desse ano. No «Plan of a Dictionary of Anglo-Jewish Biography», de Albert M. Hyamson, publicado no mesmo volume das *Anglo-Jewish Notabilities*, consta igualmente 1730 como data da morte de Samuda.⁴³ Esta lição tem sido repetida várias vezes, sempre com este fundamento, a que se acrescenta o facto, notado por Munk desde o século XIX, de o nome de Samuda deixar de aparecer a partir de 1731 das listas dos médicos do Real Colégio.

⁴² Arthur P. Arnold, «Wills and Letters of Administration», in Albert M. Hyamson, Alfred Rubens e Arthur P. Arnold, *Anglo-Jewish Notabilities* (London, Jewish Historical Society of England, 1949), p. 214. O texto de Barnett, por conseguinte, não tem fundamentação na própria referência que disponibiliza: «Apparently the same person as Dr Manoel de Samuda, son of Dr Simão Lopes Samuda, who was imprisoned by the Inquisition in Lisbon and penanced in the *auto-da-fé* on 12 September 1706 with his sisters and family, but escaped and was known in England as Dr Isaac de Sequeira Samuda, alias Simon. (This alias is disclosed by his will ...).», p. 96, n. 6.

⁴³ *Anglo-Jewish Notabilities*, p. 60.

O problema é o de que a única notícia conhecida da morte de Samuda foi publicada pelo *The London Magazine* (vol. XII, abril, p. 205) de 1743. O texto dá notícia da morte do «Dr. Samuda, an eminent Jew Physician».⁴⁴ Não existe nenhuma razão para não se considerar este documento como válido. Os insuspeitos bibliotecários da Royal Society consideram, aliás, que este obituário se refere ao *fellow* que foi o primeiro judeu eleito para a *Fellowship*. É o que consta da ficha deste membro da academia científica mais antiga em contínua atividade. De facto, a indicação que a mesma revista dá da morte de Castro Sarmento está correta: «1762. *Death*. Sept. 14th. Dr. de Castro Sarmento, an eminent physician and F.R.S.». A data do registo de um testamento pode não coincidir com o ano em que a pessoa falece. Não há nada de anómalo no facto de Samuda ter feito um testamento treze anos *antes* de falecer. A confirmar-se a data de 1743, Samuda terá morrido com 62 anos, fazendo fé que o registo do seu batismo em 1681, que consta do processo da Inquisição de Lisboa, coincida com o ano do seu nascimento. Este tempo de vida afigura-se muito mais razoável do que qualquer outro anteriormente proposto. Não sendo uma idade muito avançada, permitiu que Isaac Samuda tivesse tempo para adquirir uma sólida cultura clássica sem a qual não poderia ter escrito as *Viríadas*. O facto de o seu nome ter desaparecido desde 1731 da lista dos médicos registados no Real Colégio, como observa Munk, não é decisivo. Nessa data, Samuda estaria com 50 anos de idade, não era casado e não tinha descendência. Há indicações de que Samuda seria um homem rico com ações do Banco de Inglaterra; um qualquer problema de saúde, ou de outra natureza, poderia ter feito com que, nessas condições, Samuda deixasse de exercer Medicina. A surpreendente dedicatória do manuscrito das *Viríadas* a D. João V não fica também em causa com esta nova data para o falecimento. El-Rei morreu em julho de 1750. Mesmo que Castro Sarmento tivesse pegado no manuscrito do seu amigo depois da morte dele na primavera de 1743 (recorde-se que a notícia do *The London Magazine* é de abril), teria muito tempo para organizar o material de Samuda, escrever cinquenta e uma estâncias e fazer um frontispício com dedicatória real. Sete anos seriam mais do que suficientes para tudo isso.

Apesar da plausibilidade deste argumento racional, a confirmar-se a morte em 1730, o mínimo que se poderá dizer é que se tratou de uma coincidência horrível. Recorde-se que Castro Sarmento foi aceite como sócio da Real Sociedade em fevereiro de 1730; a alegada morte de Samuda logo no mês a seguir, em março, constituiria uma sucessão improvável de eventos. Como se afirmou

⁴⁴ *Ibid.*, p. 232.

acima, Edgar Samuel avança com uma data ligeiramente diferente destas: 20 de novembro de 1729. Esta proposta de Samuel adequa-se bem à observação de Munk mas não explica por que razão a notícia no *The London Magazine* estaria errada. Será possível que o registo do cemitério em que se baseou Samuel se refira a um familiar de Samuda, tendo este tratado de todos os assuntos relacionados com o funeral, passando inadvertidamente como defunto? Este cenário é indubitavelmente mais provável que considerar que o *The London Magazine* publicou uma notícia errada; de facto, mesmo que o tivesse feito, a notícia poderia ser corrigida em números posteriores, o que não aconteceu. Um registo obscuro feito num cemitério não tem leitores em grande quantidade, se de facto tem algum, e não é habitualmente desmentido. Pelo contrário, as notícias de uma revista são lidas por muitas pessoas e podem ser corrigidas em números seguintes. Se Samuda tivesse morrido em 1729 ou em 1730, seria caricato mencionar a morte na secção de obituários em 1743; se Samuda morreu depois de 1743, teria achado muita graça ao facto de ser dado como morto, acontecimento que, pela sua própria natureza, teria deixado rasto documental. Bem vistas as coisas, tratava-se de um médico rico, FRS, médico do representante de Portugal em Inglaterra e um dos poucos que fazia parte do círculo mais próximo do grande rabino David Neto e que teve o privilégio de publicar sobre ele um sermão elogioso. Se aparecesse publicada sem fundamento a notícia da sua morte, é provável que a revista se retrataria com um pedido de desculpas.

Os dados documentais que existem acabam com qualquer dúvida. A publicação do registo de cemitério dos judeus portugueses e espanhóis de Londres feita por Richard Barnett não permite interpretações alternativas. A entrada n.º 911 desse registo indica a campa do Dr. Ishac de Sequeira e a data precisa da sua morte: domingo, 20 de novembro de 1729 (28 Hesvan 5490).⁴⁵ A notícia do *The London Magazine* não se refere ao médico e poeta Isaac Samuda mas a Abraão Samuda, também médico, com grande probabilidade seu tio e herdeiro. Tudo indica, por conseguinte, que a data proposta por Edgar Samuel está correta.⁴⁶ A confirmarem-se estes dados, o médico e poeta Samuda morreu com quarenta e oito anos de idade.

A ficha de *fellow* da Royal Society of London acrescenta um detalhe muito interessante. A última quota que Samuda pagou à Sociedade como membro aconteceu a 9 de novembro de 1727, pouco mais de dois anos antes da morte. É implausível que Samuda deixasse de pagar as quotizações devidas pela pertença a

⁴⁵ R. D. Barnett, «The burial register of the Spanish and Portuguese Jews...», p. 26.

⁴⁶ Agradeço ao Doutor Edgar Samuel ter partilhado comigo a sua vasta erudição a respeito deste assunto, em comunicação privada de 27 de setembro de 2011.

uma agremiação científica que lhe abria as portas aos melhores contactos sociais da época sem que uma razão de força maior o impedisse de exercer o seu ofício. Tudo indica, pois, que no outono de 1727 se terá declarado a doença prolongada que irá culminar em 1729.

As páginas das revistas da época são importantes para a história do poema *Viriadas* ainda por uma outra razão. É difícil ter uma noção precisa da importância da publicação de uma revista no século XVIII. Um episódio da vida de Castro Sarmento é eloquente a este respeito e dá a perspectiva correta a ter na questão da interpretação da notícia da morte de um médico chamado Samuda. Foi a uma revista que Castro Sarmento recorreu quando quis tornar conhecido o seu afastamento da comunidade judaico-portuguesa de Londres. Um ato público com este dramatismo não teria sido realizado se as revistas não fossem importantes para a vida social da época. Não é crível que Castro Sarmento publicasse uma carta que iria alterar imediatamente e para sempre as suas relações com a comunidade onde vivia, a sua *nação* em Londres, se tivesse na memória alguma lembrança de que a notícia da morte de Samuda em 1743 era falsa e que não se podia confiar nas revistas conhecidas por todos. A carta que Castro Sarmento publicou em 1758 no *Annual Register* é um documento raro e perturbador porque mostra os tormentos religiosos que terá vivido desde que chegou a Londres: nascido e educado como cristão-novo em Portugal, a ida para Londres e o restabelecimento de relações com o Judaísmo implicaram que fosse circuncidado já adulto, como relembra Matt Goldish no seu artigo «Newtonian, *Converso*, and Deist», de 1995. Essa página única da história privada dos intelectuais portugueses é a seguinte:

Cavalheiros,

A diferente opinião e sentimentos que tenho mantido desde há muito tempo, em tudo discordantes dos da Sinagoga, não me permitem manter por mais tempo a aparência de membro do vosso corpo. Despeço-me por conseguinte de vós, renunciando expressamente por este meio à comunhão na qual fui considerado um de vós. Contudo, não renuncio às relações que eu possa ter convosco na sociedade geral de homens de honra e de probidade, de cujo carácter conheço muitos de entre vós, e a quem, como tal, eu sempre estimarei. Enviei a chave da minha gaveta, para que possam dispor do meu lugar.

J. DE CASTRO SARMENTO.⁴⁷

⁴⁷ *The Annual Register, or a View of the History, Politics, and Literature, for the Year 1758*, 9ª ed. (Londres, J. Dodsley, 1795), p. 113. Matt Goldish cita parcialmente este texto, em «Newtonian,

O verbete que Cecil Roth e Yom Tov Assis dedicam a Castro Sarmento na importante *Encyclopaedia Judaica* recolhe a melhor e mais recente informação disponível que se pode ter sobre Castro Sarmento, não considerando os dados preciosos dos processos da Inquisição Portuguesa, só acessíveis a quem leia português. Castro Sarmento nasceu em Bragança em 1691, filho de Francisco de Castro Almeida e de Violante de Mesquita. Estudou os Clássicos e Filosofia na Universidade de Évora, e Medicina na Universidade de Coimbra, terminando este curso em 1717. Já em Londres, voltou a casar-se com a sua esposa Rahel, agora segundo o rito judaico, em 1721. É sócio da Real Sociedade de Londres em 1730. A sua obra científica é ampla, destacando-se os estudos sobre a varíola, as marés e a Água de Inglaterra, um derivado do quinino que lhe deu grandes proventos. Em 1735 publicou a sua obra científica mais completa e célebre, a *Materia Medica*. Obteve o seu doutoramento em Medicina na Universidade de Aberdeen, na Escócia, em 1739, sendo o primeiro judeu a consegui-lo no Reino Unido. Roth e Assis mencionam o seu casamento infeliz. Os dois filhos que teve de Rahel morreram em 1724 e 1725. Casou-se novamente com Sarah, que faleceu em 1756. Depois da morte desta, casou-se com uma mulher cristã, de nome Elizabeth, que lhe deu dois filhos. Castro Sarmento cortou os laços com a comunidade judaica e converteu-se ao Anglicanismo em 1758. Roth e Assis acrescentam, de modo enigmático, que Castro Sarmento «também escrevia poemas», mas nada dizem sobre a sua participação nas *Viríadas* como organizador e como continuador do poema. Faleceu em 1762.

António Júlio de Andrade e Maria Fernanda Guimarães fazem uma referência a Samuda no seu livro com o título *Jacob de Castro Sarmento*, de 2010. Este livro tem um título enganador porque, de facto, ocupa-se mais dos processos inquisitoriais dos membros da família de Castro Sarmento do que do próprio médico; a biografia deste último ocupa menos de um terço da obra. De qualquer modo, os autores mencionam o relacionamento que Castro Sarmento manteve com Isaac Samuda. As datas de nascimento e morte que os autores atribuem a Samuda são as de 1696 e 1730. Como já se viu, estas datas derivam do artigo do Professor Rómulo de Carvalho e são incorretas. Surpreendentemente, os autores afirmam sem qualquer fundamento que o poema épico *Viríadas* foi *publicado* por Castro Sarmento: «até depois da morte do Dr. Samuda a colaboração existiu, com o Dr. Sarmento a continuar a escrita de um livro de poemas que o outro

Converso, and Deist», p. 657, não transcrevendo contudo o parágrafo sobre a chave e a gaveta, um por menor pragmático mas absurdo no contexto de uma carta tão importante; a referência ao detalhe da circuncisão de um homem adulto, indubitavelmente sensível, aparece na p. 653.

tinha iniciado e que ele publicou com o título *Viríadas*» (p. 22). Não se sabe o que terá levado os autores a afirmarem semelhante coisa. O grande interesse deste livro não está, como se vê por estes dois detalhes, no aumento do conhecimento dos dois médicos, o que não acontece de todo, mas na interessante reconstituição das relações familiares dos membros da família de Castro Sarmento e do sistema de denúncias humilhantes através do qual os presos pela Inquisição denunciavam outras pessoas. Apesar de não contribuir para o avanço do conhecimento das duas figuras, este livro mostra que elas não foram esquecidas pelos investigadores portugueses. Este é um resultado feliz.

Existem alguns outros autores que têm mencionado Samuda de passagem. O mero facto de Samuda ter sido um dos primeiros portugueses a fazer parte da Royal Society of London bastaria para que não fosse jamais olvidado como símbolo, mesmo que não se conheça com detalhe a sua vida e que ninguém se tenha preocupado em ler o que escreveu. O prefácio de Carla da Costa Vieira ao livro de António Júlio de Andrade e Maria Fernanda Guimarães menciona-o (p. 12). O mesmo acontece com Jorge Martins, no primeiro volume da sua importante obra *Portugal e os Judeus*, de 2010, se bem que apenas se aluda ao apelido que se tornou célebre no século XIX devido aos trabalhos de engenharia dos descendentes de um familiar (p. 149). José Pedro Sousa Dias transmite informação já muito conhecida sobre Samuda nos seus estudos sobre Castro Sarmento, de 2005. As datas de nascimento e morte que lhe atribui (1696-1730) são as de Rómulo de Carvalho, e são insustentáveis, como se viu. Ao mencionar o fim da colaboração de Castro Sarmento com a comunidade marrana de Londres, Sousa Dias volta a aludir a Samuda: «Este ciclo, de participação intelectual na comunidade judaica, viria a encerrá-lo em 1730, ao terminar o poema *Viríadas*, do então falecido Isaac Sequeira de Samuda. Este poema, inspirado simultaneamente nos *Lusíadas* e no *Livro de Ester*, foi dedicado a D. João V» (p. 58). Como se vê, todos estes dados foram recolhidos em Richard Barnett e não têm qualquer base de apoio. É duvidoso que Samuda tenha falecido em 1730; é completamente inaceitável que o *Livro de Ester* tenha alguma coisa a ver com o poema épico; não há base documental para aproximar esse poema dos *Lusíadas*; não há certeza alguma na acentuação a dar ao título do poema; a única afirmação verdadeira é a da dedicatória a D. João V.

Em 2011, o prestigioso *Palgrave Dictionary of Anglo-Jewish History*, organizado por William D. Rubinstein, Michael Jolles e Hilary L. Rubinstein, dedica uma entrada a Samuda. As datas de nascimento e de morte são surpreendentes e só podem ser consideradas lapsos infelizes: 1702-1728. O pequeno verbete afirma que o médico e poeta Samuda se formou em

Medicina em Coimbra em 1702; como é evidente, não poderia ter nascido no ano em que concluiu o curso. Acrescenta os dados já conhecidos de que foi membro da Real Sociedade e que foi autor do epitáfio para a pedra tumular de David Nieto. O verbete termina com a afirmação de que o poema *Viriadas* foi completado em 1730 por Castro Sarmento. Nada se diz que prove esta data, nem se explica como um poema que chegou até nós incompleto pôde ter sido terminado ainda no século XVIII. Não se compreende por que razão uma obra de 2011 não tomou em consideração a investigação já disponível. A bibliografia do verbete está manifestamente desatualizada, e limita-se a Munk e a Hyamson.

Nesse mesmo ano, Carlos Fiolhais, um distinto professor de Física da Universidade de Coimbra com gosto pela erudição, organizou uma importante exposição sobre os membros portugueses da Royal Society e coordenou os textos para o bonito catálogo que foi publicado nessa altura. O nome de Samuda surge na contracapa do mesmo e são-lhe dedicadas duas páginas. Infelizmente, as fontes a que se recorre estão claramente ultrapassadas. Trata-se dos artigos de Augusto D'Esaguy e de Rómulo de Carvalho. O catálogo transmite a informação duvidosa, acompanhada de pontos de interrogação, de que a Samuda foi um médico que viveu apenas trinta e quatro anos, de 1696 a 1730. Nada se diz sobre a obra literária mas enfatiza-se oportunamente o conhecimento pessoal que Samuda teve de Isaac Newton.

Estes avanços e recuos no conhecimento de Isaac Samuda são surpreendentes. Este médico foi uma figura de grande relevo na Inglaterra da primeira metade do século XVIII. O documento *The Establish'd State of the Publick Offices under His Majesty King George II* (Londres, 1728) é o inventário completo de todas as pessoas influentes do reino britânico. O nome de Samuda aparece duas vezes nesse documento, nomeadamente no catálogo dos *fellows*, candidatos e licenciados do Real Colégio de Médicos, e na lista dos membros da Real Sociedade. É digno de nota que um nome judeu e português esteja ao lado dos nomes dos membros do Conselho Privado do Rei, de toda a aristocracia inglesa, das autoridades eclesiásticas, e da elite intelectual que incluía Cavendish, Cheselden, Halley, Sloane, Nicholas Saunderson, um extraordinário professor cego de física ótica da Universidade de Cambridge, e muitos outros nomes que pontificam num dos períodos mais criativos da ciência moderna. Newton tinha falecido em 1727. A ligação ao Real Colégio e à Real Sociedade permitia-lhe aceder ao conhecimento de vanguarda da Inglaterra jorgiana. Um sinal eloquente disso é o facto de o seu nome aparecer como subscritor de várias edições. A tradução inglesa da

História do Japão, do holandês Kaempfer, realizada por J. G. Scheuchzer, um colega que Samuda tinha nas duas instituições científicas, conta com o seu apoio ostensivo. No ano seguinte, em 1728, esse apoio é dado à *Cyclopaedia, or an Universal Dictionary of Arts and Sciences*, de Ephraim Chambers, e a uma obra de Henry Pemberton sobre o maior físico inglês de sempre, *A View of Sir Isaac Newton's Philosophy*. É provável que a obra de Desaguliers, *A Course of Experimental Philosophy*, de 1734, também tenha tido o seu apoio. A lista dos subscritores menciona um “Samuda – M.D.” que pode ser o nosso poeta ou, como já se viu, o médico seu familiar falecido em 1743. O facto de anteriormente Samuda ter patrocinado outras edições faz com que seja muito forte a hipótese de que também tenha apoiado esta edição de um colega da Real Sociedade.

IV

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE ISAAC SAMUDA

Desde o primeiro trabalho que publica, Samuda revela interesse por questões filosóficas muito complexas sobre a história humana. As *Viriadas* são o culminar de uma reflexão que se iniciou em Coimbra, se manifesta no manuscrito romano da *Fábula de Píramo e de Tisbe*, e se desenvolve no *Sermão Fúnebre* em honra do rabino David Nieto.

As teses que defendeu para obtenção do grau em Artes foram efetivamente publicadas no opúsculo com o título latino *Coronam physicam novem gemmis splendide imbutam* [Coroa Física Incrustada de Nove Esplêndidas Gemas], publicado em Coimbra, na oficina de João Antunes, em 1697. É surpreendente que nenhum dos grandes eruditos (Inocência, D'Esaguy, Rómulo de Carvalho, etc.) que referem Samuda tenha aludido a esta obra. Este texto de apenas cinco páginas tem uma estrutura e um conteúdo claramente académicos. O tema ocupa-se de problemas metafísicos tradicionais, a respeito dos quais Samuda formula nove questões e dá uma resposta breve a cada uma, explicando o seu pensamento num curto parágrafo organizado por pontos. O elenco das questões e das respostas é muito interessante para se conhecer este período da formação de Samuda. Assim, a Primeira Gema pergunta se «a geração, pela qual acontece a mudança, incluirá essencialmente a supressão?», respondendo de seguida «Negativo». A Segunda Gema questiona se «é possível que a Primeira Matéria seja mais nobre do que outra forma corpórea substancial», respondendo afirmativamente. A Terceira Gema indaga se «a paixão pode ser criada por ação divina?», pronunciando-se de modo positivo. A Quarta Gema procura saber se «a causa correta e exatamente em comum dividir-se-á em material, formal, eficiente e final?», decidindo negativamente. Do mesmo modo responde à interrogação da Quinta Gema sobre se «a causa material, que seja verdadeira, é uma causa rigorosa?» A Sexta Gema explora o problema da autonomia do criado, formulando a dúvida sobre se «as criaturas conseguiriam conservar-se por si próprias?», avançando com uma solução negativa.

Samuda enfrenta de seguida dificuldades metafísicas que vêm do tempo de Parménides, de Zenão de Eleia e de Melisso de Samos. Questiona, pois, na Sétima Gema, «se o contínuo permanente subsistirá com as bases indivisíveis?», inclinando-se para a resposta positiva, tal como dará à Oitava Gema, onde procura compreender se acaso existe «um intermediário (*Angelicum*) que ocupe o espaço divisível, que seja indivisível?» Finalmente, a Nona Gema aborda a ques-

tão aristotélica de saber se «o movimento local distinguir-se-á da mobilidade?», pronunciando-se negativamente a seu respeito.

Este opúsculo tem mais interesse do que à primeira vista se poderia esperar de um trabalho académico padronizado. A escolha do assunto filosófico permite compreender o gosto pelo tema que Samuda revela ao longo de todo o *Sermão Fúnebre* e do Canto V das *Viríadas*. Sendo habitual na época o domínio do latim, o título e a organização do texto revelam uma sensibilidade estética apurada. A estrutura do trabalho causa surpresa pela junção de um assunto filosófico muito abstrato e eventualmente árido com imagens claramente literárias que amenizam a aridez das questões (coroa, incrustação, gemas). Estas imagens denunciam a personalidade do jovem bacharel coimbrão. A pessoa que entende as questões metafísicas elevadas como pedras preciosas que estão incrustadas numa coroa coloca-se, obviamente, num plano muito distante das preocupações quotidianas da vida concreta. Retirando às palavras o seu significado político e preservando a sua essência grega, Samuda revela neste seu primeiro trabalho publicado uma atitude aristocrática. Esta atitude nunca desapareceu da sua biografia conhecida: o gosto pela erudição, os temas das suas grandes obras literárias, como a *Fábula de Píramo e Tisbe* e as *Viríadas*, a relação com a vanguarda do conhecimento científico da sua época, o elogio raro que faz à alma grande de David Nieto, a força da convicção que se manifesta na defesa das suas crenças religiosas na *Resposta do Vizinho de Londres*, o modo de assinar o seu nome durante o processo inquisitorial, o silêncio eloquente com que cumpriu o termo de segredo que o obrigava a não relatar o que se passou durante os meses em que esteve preso, etc.

Um detalhe de natureza conceptual e outro de natureza formal mostram a importância deste opúsculo para a compreensão do pensamento e da vida do bardo português. Começando pelo primeiro, as *Viríadas* têm um pensamento filosófico sobre a história humana. Ninguém sabe se o que acontece no mundo é meramente possível, se é totalmente necessário ou se é uma junção destas duas formas de interpretar os eventos. A representação da Lusitânia como jardim de momentos históricos perfeitos e a visão do Palácio do Sono em que existem todos os sonhos possíveis à humanidade mostram que Samuda pensou de modo muito profundo o problema filosófico da modalidade, isto é, da existência do possível e do necessário.

A Segunda Gema das teses que defendeu para a obtenção do título de bacharel em Artes é especialmente reveladora dessa reflexão mais filosófica do que literária, ou, dizendo de outra forma, de uma filosofia que auxilia a compreender a literatura. Os dois últimos pontos da sua argumentação em torno

dos modais são a chave para entender, por exemplo, a morada de Hipnos: «9. As formas modais nem por ação divina podem existir separadas das suas realidades; podem, contudo, ser criadas». A coexistência de todos os sonhos possíveis a cada homem viola o disposto na primeira parte deste ponto porque as formas modais dos sonhos habitam um sítio em que estão separadas da realidade a que dizem respeito, os seres humanos concretos, os deuses e até a natureza como um todo. Curiosamente, a segunda parte permite a criação de possibilidades. Estas podem ser criadas pela imaginação modal dos seres humanos e dos deuses. A literatura é um modo privilegiado de representar mundos possíveis. O jardim da Lusitânia e a mansão dos sonhos são uma ilustração conspícua de realidades que podem ser pensadas mas que não parecem poder existir separadas das realidades a que dizem respeito.

Os tempos de estudante de Coimbra terão sido muito diferentes dos tempos que passou nas celas da Inquisição e dos tempos em que Samuda assistia em Londres às reuniões da elite intelectual de Setecentos. O pensamento modal do escritor médico do Tamisa parece ter evoluído significativamente em relação ao pensamento do estudante do Mondego. As *Viríadas* defendem a tese extraordinária que até a natureza sonha, isto é, representa cenários possíveis e afadiga-se a concretizar sonhos. Como se compreende facilmente, os sonhos dos seres humanos têm uma importância diferente dos sonhos quasi plenipotenciários dos deuses pagãos e dos sonhos criadores da natureza ou até de Deus Criador. Como Samuda não enfatiza a questão do Criador, é interessante aproximar as intuições modais do estudante coimbrão da hipótese que defende que a natureza sonha. Se a natureza sonha, então produz mundos possíveis. Contudo, esses mundos possíveis terão de ser diferentes dos mundos possíveis sonhados pelos seres humanos porque a natureza como um todo tem uma criatividade que faz empalidecer o conjunto completo de manifestações da criatividade humana. Além disso, a natureza pode bem ser a totalidade do que existe, ou seja, não há nada mais fora da natureza. Segue-se que os sonhos possíveis da natureza poderão existir, como afirma a Esplêndida Gema, separados das suas realidades. Samuda aceita que podem ser criados. Contudo, os sonhos possíveis de um sonhador plenipotenciário como a natureza terão de ter uma perfeição acrescentada à mera possibilidade. A única perfeição que se pode acrescentar ao que é possível é a existência, como S. Anselmo explicou no seu *Proslógion*. Os sonhos da natureza deverão ser, pois, possibilidades concretizadas, isto é, tão existentes quanto qualquer outra coisa que existe de facto.

Permanece ainda, contudo, uma questão a compreender mais profundamente. É esta: alguma coisa terá de diferenciar as realidades produzidas *de facto*

pela natureza dos sonhos *possíveis* da natureza, que, como se viu, têm a perfeição acrescentada de existirem. O Palácio do Sono parece ter sido descrito por Samuda com uma tripla missão. O objectivo intelectual que esteve na origem da sua criação contribui para enriquecer a sua essência literária e a sua vocação sapiencial. O último ponto da Gema descreve este excesso ou enriquecimento: «10. Numerosas formas podem ser criadas, ou ser prontamente criadas pela mesma ação». Dizendo de outra forma: o modal ultrapassa sempre o existente. O Palácio é um exemplo disso: lá existem todos os sonhos que povoaram o desejo e a mente dos seres humanos, dos deuses e da natureza, e mais os sonhos que nunca virão a ser concretizados. Os sonhos que se concretizaram na vida de Júlio César ou de Viriato coexistem lado a lado com os seus sonhos que nunca se irão realizar. Como a hipótese de não realização ou de não existência efetiva denuncia uma imperfeição da maior parte dos sonhos do Palácio do Sono (não se esqueça que o modal ultrapassa o existente, havendo sempre mais sonhos possíveis do que sonhos realizados), e como nada se diz sobre a imperfeição de uns em relação aos outros, segue-se que todos os sonhos do Palácio deverão existir necessariamente em algum lugar. A resposta de Samuda está dada: existem lado a lado na casa de Hipnos. Esta grande casa é maior do que a natureza e do que o poder dos deuses; assim sendo, e recordando a primeira parte do ponto 9, como as formas modais não podem existir separadas das suas realidades, a lição profunda do Palácio do Sono é a defesa da existência real de todos os mundos possíveis. Samuda parece acreditar que todos os sonhos se realizam de alguma forma. Há um mundo real em que Viriato venceu efetivamente Roma. Esse sonho possível dos Lusitanos foi concretizado em alguma parte do “undoso Oceano deste mundo”, como se expressa gnomicamente no *Sermão Fúnebre*.

O último detalhe é de natureza formal. As capas são como o vidro das janelas: são tão evidentes que não se repara nelas. O frontispício escolhido por Samuda para capa da *Coroa Física* é uma gravura em talhe-doce assinada no canto inferior direito por Clemente Bilingue (Clemte. B.). Cada estudante poderia escolher a seu gosto os motivos decorativos dos seus opúsculos; vendo trabalhos semelhantes de colegas de Samuda, tem-se rapidamente noção de que a escolha dos motivos estava relacionada de algum modo com os interesses futuros de cada um na carreira eclesiástica, na vida académica ou no mundo da política, por exemplo. Esta folha de rosto grafa a legenda «Serenissimae / Augustissimae ac Potentissimae / Catharinae / Magnae Britanniae / Franciae et Hiberniae / Reginae». O dativo latino é claro: a legenda é de facto uma dedicatória à Sereníssima, Augustíssima e Potentíssima Rainha Catarina da Grã-Bretanha, da França e da Irlanda, senhora de origem portuguesa e filha de D. João IV. Tudo indica, por conseguinte, que Samuda já tinha intenção de emigrar para Inglaterra desde os

anos de estudante de Coimbra.

A dedicatória não tem nada a ver com o assunto do opúsculo nem com nenhuma relação conhecida dos Samudas com a realidade inglesa. Samuda tinha, como se viu, uma irmã, mas também um meio-irmão de nome Gaspar de Almeida, um filho ilegítimo de Rodrigo de Sequeira que nasceu antes do casamento com Dona Violante. Segundo declarações do médico António de Mesquita, uma das testemunhas de acusação do processo inquisitorial de Samuda, este irmão Gaspar partiu para Inglaterra em agosto de 1702. Esta dedicatória de 1697 parece sinalizar a intenção dos irmãos Samuda de partir para Londres quando Simão terminasse os estudos. Um ano depois de acabar o seu curso de Medicina, Samuda seria detido pela Inquisição, bem como a sua mãe e a sua irmã. Desconhece-se o que terá levado a família a partir numa data diferente da de Gaspar, decisão que teve consequências trágicas.

Apenas um ano depois da publicação do artigo já comentado de Rómulo de Carvalho, o distinto lusitanista italiano Giuseppe Carlo Rossi publica na *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Hernâni Cidade* o texto «Un poema portoghese inedito in un manoscritto romano del secolo XVIII», de 1957. Este contributo para o conhecimento de Samuda é surpreendente por várias razões. Estas *brevi note*, como Rossi as caracteriza modestamente, informam sobre a existência de um poema de Simão Lopes Samuda, com o título *Fábula de Píramo e Tisbe*, num grande manuscrito que se encontra no Fundo Antigo da rica e obscura Biblioteca Angelica di Roma, *Poesias Diversas feitas por Diversos Autores e Escritas por Rodrigo da Veiga*, de 1713. Dando crédito a quem o merece, Rossi acrescenta que este manuscrito de 576 páginas foi identificado pelo Prof. Francesco Ugolini, da Universidade de Turim e que chegou a ser objeto da tese de licenciatura (*tesi di laurea*) da sua estudante Maria Ferrari Acciaioli.

Rossi não reparou na importância do texto que resume nas suas grandes linhas. Descrevendo os passos do seu processo heurístico, informa que compulsou os dicionários bibliográficos portugueses mas que apenas conseguiu *pochissimi dati* sobre Lopes Samuda e que nenhum deles faz referência ao manuscrito em questão. Olhando retrospectivamente para a investigação de Rossi, é surpreendente que *não* tenha identificado Simão Lopes Samuda com Isaac de Sequeira Samuda e que não tenha associado a *Fábula* às *Viriadas*. Em 1957 seria certamente difícil aceder ao conteúdo do *opus magnum* de Samuda, mas a descrição da mera estrutura formal dos dois poemas bastaria para estabelecer algum tipo de relação entre eles. A *Fábula* ocupa dois quintos das *Poesias Diversas* e tem uma organização por cantos. O Canto I tem 138 oitavas, os Cantos II e III têm 122 e o Canto IV tem 111. Esta relação não foi estabelecida porque Rossi, suspeitando

que a *Fábula* foi escrita por um escritor muito jovem no início dos seus exercícios poéticos, não conhecia de todo Isaac Samuda.

No entanto, os grandes motivos da *Fábula* anunciam os desenvolvimentos que acontecerão nas *Viríadas*. Sendo verdade que a história da jovem da Babilónia cujo sangue cobriu as amoras surge apenas numa referência breve no pórtico do poema épico (I.11.8), há muitas semelhanças entre as duas obras. No Canto I da *Fábula*, o início do amor de Píramo e de Tisbe acontece na primavera tal como o início das *Viríadas*. Além disso, a terminar o canto, o bardo alonga-se em reflexões sobre o dever de obediência dos filhos em relação aos pais, tema abordado nas palavras de Fúlvia a Ormia sobre o temor que deverá ter pelo seu pai (127-138). O Canto II tem uma descrição admirável do lugar em que os jovens combinaram encontrar-se, trecho que anuncia o cuidado com que Samuda descreve a paisagem lusitana. A fuga apavorada de Tisbe quando se depara com a leoa tem muito de comum com a fuga da ninfa Melissa no bosque em que Tântalo a irá salvar do tigre. (O género dos dois animais é feminino porque Samuda, baseado nas convenções da poesia épica, nomeia a fera como ‘a tigre’.) O Canto III representa a leoa que está na origem do equívoco de Píramo que, ao ver a fera e o véu ensanguentado da sua amada, e pensando que esta foi morta, se mata de imediato. Tisbe, ao regressar, vendo o seu amado em agonia, também se suicida, unindo-se o sangue dos dois jovens na terra que testemunhou o seu amor. Esta união do sangue e a longa dissertação sobre a crueldade da morte serão temas a que Samuda voltará na descrição do massacre de Galba, em que o sangue do velho lusitano se une ao do soldado romano. O Canto IV descreve a viagem subterrânea das almas dos jovens até ao Além, motivo que será amplamente explorado no Canto V das *Viríadas*, na viagem das deusas em direção ao Palácio do Sono. Muitos habitantes da terra das sombras surpreendem-se com a beleza de Tisbe. Tântalo, um dos arquétipos do sofrimento eterno, ao ver a beleza da jovem, afirma que «à Tisbe vendo mais queria / Do que água, o fogo abraçando muito, / Tinha a sede na vista desafogo / Não hidrópica d’água, mas de fogo» (IV-23.5-8). É provável que a origem do nome do guerreiro principal de Viriato derive desta cena da *Fábula*.

Os dois poemas têm, pois, semelhanças na forma e no conteúdo. Rossi, desconhecedor da obra literária e científica de Samuda, não teve oportunidade de explorar esses paralelos. A erudição das referências clássicas é comum às duas obras, bem como o apreço pela vanguarda seiscentista e setecentista da ciência natural. Em duas oitavas da *Fábula* é feita a aproximação entre o amor dos jovens e a luz que dá vida aos espelhos, um motivo que antecipa as muitas referências que o *Sermão Fúnebre* e as *Viríadas* farão às investigações óticas de Isaac Newton.

E como dois espelhos transparentes,
Em lugares fronteiros, e encontrados
Nos cristalinos vidros refulgentes
São ambos mutuamente retratados,
Dos centros para os frisos reluzentes
Na formação e número aumentados ...

Tal estes dois amantes tão queridos
Nos diamantinos peitos refletiam
Também opostos, quando mais unidos
A cópia de finezas se faziam,
Com penoso desvelo enternecidos,
Porque em si mesmos mútuos produziam
Finezas de finezas, que em maiores
Finezas refletiam seus amores. (III.84-85)

Rossi pontua as suas breves notas com observações muito interessantes sobre a erudição do jovem autor, a natureza propedêutica destes exercícios poéticos, o uso encadeado de metáforas e a qualidade da sua inspiração. Tentando fazer a avaliação possível do longo poema, Rossi sublinha como aspetos menos conseguidos do mesmo a utilização de um tema com grande notoriedade e o gosto amplo pelas referências eruditas. A inexperiência artística do poeta não precisa de ser denunciada porque o próprio a confessa várias vezes, quando afirma, por exemplo, «que inda que era já na arte doutrinado / exercício não tinha, e facilmente / é o erro primeiro desculpado» (IV.108.1-3); ou ainda, «o grave metro, e mais ciente, / não é parto do engenho experimentado / mas de noticioso e eloquente, / o que – ai de mim! – me falta!» (IV.8.4-7). Rossi acrescenta imediatamente vários aspetos positivos como o facto de o jovem poeta compartilhar do *pathos* do infeliz episódio amoroso, parecendo acompanhar as suas próprias personagens, um bom sentido de proporção estética, uma vasta capacidade descritiva e uma grande intuição psicológica.

Este estudo de Giuseppe Carlo Rossi é um grande contributo para o conhecimento das *Viriadas*. Apesar de o autor confessar com honestidade que não sabe se o tal Lopes Samuda acabou por desenvolver a sua vocação poética, a *Fábula* obriga a refletir sobre muitos problemas de forma e de conteúdo. Como exemplos dos mesmos, repare-se nos seguintes. Rossi presume que o organizador das *Poesias Diversas* tenha sido um monge agostinho, de nome Rodrigo da Veiga. Dá que pensar que um nome tão ostensivamente português e aparentemente ju-

daico tenha sido monge de um convento italiano. (Recorde-se, por exemplo, que um segundo primo de Samuda tinha esse nome: Rodrigo José da Veiga, preso pela Inquisição em 1757, era filho de Francisca Soares da Veiga que, por sua vez, era filha do seu tio paterno André de Sequeira.) A data do florilégio é também surpreendente. Samuda libertou-se da Inquisição em 1704, mas é provável que tenha ficado em Portugal até aos desfechos trágicos dos processos inquisitoriais da sua mãe (1712) e, sobretudo, da sua irmã (1709). A recolha dos poemas para o florilégio deverá ter levado o seu tempo; avançando com uma conjectura minimalista, é provável que um volume de mais de quinhentas páginas tenha levado pelo menos um ano a ser composto e copiado à mão, isto é, 1712. Apesar de o tema da *Fábula* ser trágico, é difícil imaginar que o seu autor tenha tido cabeça para a escrever durante os anos em que a sua mãe esteve presa pelo Santo Ofício e a sua irmã encerrada em masmorras, acabando por ser executada. Como antes delas o próprio Samuda teve de passar pelo tormento do potro e pelo teatro absurdo do processo inquisitorial, a época mais provável para a composição da *Fábula* parece ter sido o tempo de estudante em Coimbra. Talvez resida aqui a conexão com o convento italiano. Depois de lhe ser apresentado o libelo acusatório, o réu Samuda defende-se com a indicação de vários clérigos que afirmaram que ele era um bom católico. É provável que algum deles tenha ficado com esse poema desde os tempos de Coimbra e que o tenha feito chegar mais tarde a Itália. Como se compreende, na falta de base documental, estas são meras conjecturas.

O livro que Isaac Samuda dedicou ao rabino David Neto (1654-1728) mostra alguns aspetos da conceção que tinha da história humana e do papel que os indivíduos nela desempenham. O elogio fúnebre do grande mestre da comunidade judaica de Londres é um documento importante para se apreender alguns dos traços mais marcantes do pensamento de Samuda. Um elogio tem na luz o que se diz e na sombra o que não se diz e poderia ter sido dito. No que Samuda efetivamente diz sobre David Neto há a presença indisfarçável de temas recorrentes nas *Viriadas*.

O epitáfio de David Neto foi escrito por Samuda e está reproduzido no *Sermão Fúnebre*. Apenas cinco anos depois, Johann Christoph Wolf reprodu-lo nas páginas da sua *Bibliotheca Hebraea*.⁴⁸ Trata-se de uma oitava a acrescentar

⁴⁸ J. C. Wolf, *Bibliotheca Hebraea*, IV, pp. 809-810. Moses Gaster, na sua história dos duzentos anos da Sinagoga de Bevis Marks, *History of the Ancient Synagogue of the Spanish and Portuguese Jews*, regista com imprecisão o último verso: «Que é muito e pouco, em morte há pouca terra» (p. 115). Esta não é a única imprecisão do livro a respeito de Samuda. Referindo-se ao volume em honra de Daniel Laguna, afirma que o «Dr. Jacob (*sic*) de Sequeira Samuda, who hereafter was to write the Latin inscription on the tombstone of H. H. Nieto» (p. 118). Não há nenhuma indicação de que o epitáfio tenha sido escrito em latim.

às das *Viriadas* e às que foram dedicadas ao poeta Daniel Lopes Laguna. Nesse poema estão elencadas algumas das maiores tarefas que um homem pode realizar em vida:

Teólogo sublime, sábio fundo,
Médico insigne, astrónomo famoso,
Poeta doce, pregador facundo,
Lógico arguto, físico engenhoso,
Retórico influente, autor jucundo,
Nas línguas pronto, histórias noticioso:
Posto que tanto em pouco aqui se encerra,
Que o muito e pouco em morte é pouca terra.⁴⁹

David Neto compartilhava com Samuda a paixão pelas letras greco-latinas. Todo o *Sermão Fúnebre* é um testemunho eloquente dessa afinidade eletiva comum. As referências clássicas são em número elevado. Aí encontram-se alusões a Homero, a Hesíodo, a Diógenes Laércio, a Plutarco, a Valério Máximo, a Cornélio Nepos, a Salústio, a Heródoto, a Diodoro Sículo, a Plínio, a Justiniano, a Cícero, a Marco Veleio Patérculo, a Apiano, a Ovídio, a Lucrécio, a Séneca e a muitos outros autores clássicos.

A história humana parece um cemitério de atos inconsequentes em que muito do que acontece não conduz a nada. Esta verificação terrível atravessa todo o *Sermão Fúnebre* porque é o elogio de um homem grande que naufragou

⁴⁹ José Ramón del Canto Nieto, «*Natura naturans y natura naturata* en Spinoza y en David Nieto, Haham de la comunidad sefardita de Londres a principios del siglo XVIII», p. 166, n. 4, oferece uma tradução em espanhol baseada na tradução para inglês de 1931 de Israel Solomons, na sua biografia de David Nieto, «David Nieto and some of his contemporaries», acima citada; porém, a referência de Canto Nieto está incorreta porque afirma que o original desta oitava foi escrito em espanhol, e não em português, como é correto. A tradução espanhola é a seguinte: «Sublime teólogo, sábio profundo, distinguido médico, astrónomo famoso, dulce poeta, elegante predicador, sutil lógico, médico de ingenio, ágil orador, autor ameno, experto en lenguas, versado en historia, esto y mucho más yace enterrado en tan poco espacio: en la muerte, un pequeño pedazo de tierra retiene lo que es mucho y es poco».

Israel Solomons regista a versão inglesa do epitáfio: «Sublime Theologian, / profound Sage, / distinguished Physician, / famous Astronomer, / sweet Poet, elegant Preacher, / subtle Logician, / ingenious Physicist, / fluent Rhetorician, / pleasant Author, / expert in Languages, / learned in History: / Since so much is here, enclosed within so little; / In Death a little earth holds what is much and little» (p. 61). O Rev. D. Bueno de Mesquita informa que esta tradução para inglês da oitava de Samuda foi feita por Lionel D. Barnett, «The Historical Associations of the Ancient Burial-Ground of the Sephardi Jews», p. 247. Ver, igualmente, J. Mendes dos Remédios, *Os Judeus Portugueses de Amsterdão*, p. 120; e Richard D. Barnett e Abraham Levy, *The Bevis Marks Synagogue*, p. 15.

no oceano do tempo para sempre. Diz Samuda que «a História é um teatro de mortes, uma narração de falecimentos, e uma memória de enterros» (p. 23). Olhando para os antepassados míticos e históricos da terra lusitana, não é isso que se encontra também? A guerra lusitana, que tanto sangue fez correr, é um horrível teatro de mortes em que nem os vitoriosos nem os derrotados escaparam ao tempo. A vida das pessoas singulares é assim, tal como a vida dos povos. Onde no *Sermão Fúnebre* aparece o teatro de mortes, nas *Viríadas* aparece o Palácio do Sono. O traço comum é a inutilidade da ação humana.

Esta dureza na reflexão sobre o que as pessoas e os povos andam a fazer no tempo curto que têm para viver não faz esquecer a obrigação de reparar na grandeza do que existiu de modo efêmero no teatro do mundo. Para Samuda, esta é a maior virtude da inteligência: aguentar a dureza de se saber a caminho da morte e do nada, mas, apesar disso, ainda exaltar a excelência do que aconteceu no mundo contra tudo o que era previsível. Nas suas palavras, «tributar decoros a defuntos, sendo fazer muito, do que já consideramos como nada, é, porque pura glória, virtude pura» (p. VII). A redação de um poema épico sobre coisas que parecem ter já passado é, deste ponto de vista, o ponto mais alto da ética, uma virtude intelectual pura. Nada há a ganhar, nada há a perder. O ato de escrever dá corpo às coisas que, tendo já passado, ainda habitam a memória humana. É uma glória tentar compreender as outras glórias que iluminaram o mundo no passado. É como se a vida humana, a pessoal e a que acontece na história dos povos, fosse dupla. Por um lado, como náufragos no oceano do tempo, nada há a esperar de bom como consequência do que se faz. A morte é o ponto final que irmana o corajoso Viriato, o pérfido Sérgio Galba, o extraordinário David Neto e os milhões de homens que não deixaram nome na memória dos outros homens. Samuda repara nesta vida dupla no caso do rabino David Neto. Pergunta-se ele, pensando no grande polímata, quem, «entre as flutuantes maretas do undoso Oceano deste mundo, goza da imóvel, segura e deliciosa habitação do outro?» (p. 31). A resposta nunca poderá ser dada com antecipação, nem ao mesmo tempo em que cada um faz a sua vida. Não há certezas. Num mundo totalmente dominado pelo «trance infalível da morte» não pode haver certezas (p. 33). Não se pode apelar a nenhum conhecimento privilegiado, a nenhum sábio, porque, «na mesma árvore em que Deus pôs a ciência, ajuntou a morte» (p. 36). Em todos os assuntos da vida é possível recorrer ao apoio dos que sabem, e a sua sabedoria é um lenitivo precioso para as dores que sofrem no mar undoso da vida. Porém, a vida de cada um e a totalidade das vidas humanas reunidas na História não têm forma de aceder à sabedoria que as pode explicar e que lhes poderá dar o sentido das coisas que vão acontecendo. Quanto mais se sabe, menos se percebe o que

se passa com cada pessoa e com o mundo. Esta é a equação trágica que nunca poderá ser analisada pelos sábios das Reais Sociedades deste mundo: «desde o princípio do Mundo o mesmo é saber que morrer» (p. 37).

Poder-se-ia perguntar, o que vale, então, a vida dos naufragos do mar undoso, ou a vida das sombras oníricas que habitam o Palácio do Sono, todas inconsequentes, todas luzes pequenas numa noite demasiado escura? A resposta terrível é a de que não há valor. Cada um é nada. Todos os seres humanos são nada. A história humana é nada. Samuda não é ambíguo a este respeito. Como médico não o poderia ser. Como perseguido pela Inquisição não o poderia ser. Como familiar de pessoas que foram mortas por terem a religião errada não o poderia ser. Como apreciador da grande literatura do passado não o poderia ser. Como sobrevivente dorido da morte de um grande homem como David Neto não o poderia ser. Como homem a quem não se conheceram mulher e filhos não o poderia ser. Como filósofo da história também não o poderia ser. O seu pensamento é dolorosamente cristalino a este respeito: «hoje somos o que ontem fomos, e não sabemos, porque nos reputamos presentes, quando somos passados. O ente do nosso hoje não difere da privação do nosso ontem. Oh, que engano temos na vida! Conjuga o desejo dela o futuro pelo presente e, nessa fragilidade, o presente pelo pretérito! Como em cada instante perdemos o que somos pelo que não somos, nunca somos» (p. 43).

Seria possível ler nestas palavras o eco longínquo do filósofo grego Heraclito, príncipe de Éfeso. A imagem do mar undoso que representa a ascensão e a queda rápida das ondas, dos sonhos humanos e das vidas das pessoas na história é dominante no *Sermão Fúnebre*. Samuda chega a falar de modo enigmático do «primitivo mar» de onde todos procedemos (p. 42). A ideia parece ser a de mostrar que a vida humana que acontece na história tem formas que vão emergindo a toda a hora mas que estão ligadas por um elemento comum em mutação constante. O mar é o Palácio do Sono e o panteão de todos os deuses da terra de que falava o velho sacerdote com que conversa Viriato no fim da epopeia. Os sonhos de glória que inspiraram e atormentaram os heróis do passado são todos diferentes nos seus conteúdos e todos iguais no seu destino, exatamente como as vidas humanas. Samuda agarra esta suspeita cruel de que tudo na vida está em devir, de que tudo mascara com a sua diferença uma identidade comum, através da imagem heraclitiana das águas que passam. Sem ambiguidade, Samuda afirma que «ainda que semelhantes, não correm pelos arcos da ponte nesta hora, neste momento, as mesmas individuais águas que antes passaram. Apelida-se o homem pelo mesmo nome, parece o mesmo, quando, pelo muito que em cada momento muda, o não é» (p. 39).

Samuda já denunciou a vanglória dos sonhos humanos, aí incluindo a crueldade da Inquisição portuguesa no seu tempo de vida ou o massacre de Galba dos Lusitanos indefesos, e aí incluindo também o amor que anima as pessoas de hoje assim como animou Tântalo e Ormia. Se o bem e o mal compartilham o mesmo destino, não tem sentido valorizar um e censurar o outro. No mar das coisas, tudo passa, e todos parecem hipnotizados por um futuro em que já não existirão. A vida humana não é real; parece uma sucessão inconsequente de imagens que rapidamente se desvanecem na sombra. Talvez não haja nada a fazer quando se compreende esta verdade. Talvez seja devido a isto que Samuda não se casou e não teve filhos. Para quê dar-se ao incómodo? Foi perseguido como se fosse um cão por detalhes absurdos no mar infinito e indiferente das coisas, como a sua raça e a sua crença. Viu os seus entes queridos serem queimados no Rossio de Lisboa por nada, por totalmente nada, por rigorosamente nada. Num mundo com este grau de insanidade, o que se deve fazer? Protestar contra a ordem do mundo? Não vale a pena. Alterar a ordem das coisas humanas? Só as crianças em assuntos políticos tentarão fazer isso porque a sua inocência as protege da visão da História, o mar em que tudo já foi tentado e em que tudo acaba em nada. Chorar, talvez? Samuda afasta a perspectiva da criança que se aflige, bem como das crianças grandes, que são todos os homens, que também se afligem pelo estado do mundo. Pergunta-se ele, «Porque nos afligimos? Por nada? Reprendemos o menino porque chora por pouco, e nós choramos por menos que nada? ... Reprovamos meninos, quando fazemos rapazias?» (p. 66).

O que devemos, então, fazer durante a vida que temos para viver? Esta pergunta é cruel porque acaba com o modo inocente de se viver. Não se sabe por que razão a pergunta nasce na vida de alguns e não na vida de todos, se todos vivem no mesmo mundo em que nada é igual ao que já aconteceu antes. Seria fácil para todos os seres humanos repararem no diagnóstico filosófico que o médico Samuda faz da condição humana: «Ainda que o navegante faça milhões de viagens pela mesma rota, jamais pelo mesmo individual caminho, porque nunca torna a cortar as mesmas águas ou dividir os mesmos ares. Quem jamais tornou a passar os mesmos dias que lhe têm passado? Parecem o mesmo, quando sempre diversos» (p. 48). É difícil explicar o que faz com que nem todos os homens vejam como a ordem das coisas é injusta para a vida de cada um. Um médico olharia para o assunto do ponto de vista da etiologia, e não já do diagnóstico. Um filósofo faria o mesmo. Qual é, pois, a causa da cegueira humana frente à ordem injusta do mundo?

Utilizando uma palavra perigosa, Samuda atreve-se a nomear o fator causal da cegueira humana: a ilusão. A palavra é perigosa porque denuncia uma imperfeição na maior parte da humanidade e reclama um lugar especial para os que não estão aparentemente iludidos, para os que não estão cegos, para os

que compreendem a ordem das coisas e a posição do homem nessa ordem. A uns, chama-se iludidos; a outros, chama-se sábios. Descrevendo os iludidos e assumindo o seu destino, Samuda afirma que, «no mesmo afeto com que amamos temos a ilusão com que nos confundimos. Não somente cegos, não vemos que somos pó; mas surdos, não ouvimos que somos mentira» (p. 100). É difícil descrever o ponto de vista dos sábios, tanto mais que a ordem do mundo não abre qualquer exceção a homens privilegiados e todos naufragam no mar inconstante que não respeita cuidados humanos.

A sabedoria é, pois, inútil no mundo tal como é, e pode acontecer que os preceitos dos sábios não sejam mais do que ilusões sofisticadas, mas sempre ilusões. A sabedoria pode ser uma forma de entretenimento. Os sábios não saem da ditadura do tempo, e também eles passam, também eles são navegantes no mar das coisas. «Adormecido, ou vigilante, sentado, ou andando, sempre anda o navegante. Nos descansos da noite, nos trabalhos do dia, nas suspensões da cama, nas delícias da mesa, nas comédias, nos jogos, nos jardins, nos passeios, passatempos buscando, como o tempo passamos. No passeio e carreira igualmente corremos. Em casa, ou navio, sempre navegamos» (p. 48). Também os sábios sempre navegam. Se isto é assim, o que fazer? O que recomenda Samuda que se faça?

O médico, poeta e filósofo Samuda dá para todo o sempre um exemplo eloquente de qual poderá ser a resposta a estas questões cruéis. Se se juntar o que fez e o que não fez, o que escreveu e o que não escreveu, teremos uma recomendação de um modo de vida. Qual é ela? É esta. Auxílio aos outros através da sua profissão médica, tentando diminuir o sofrimento no mundo. Afastamento das terras absurdas em que acontecem homicídios em fogueiras que são vistas pelo Rei de Portugal, pelos senhores cardeais e bispos e pelas pessoas bonitas da Corte, depois de uma procissão pelas ruas, e antes de irem beber refrescos, ver uma tourada ou dedicarem-se a algum amor rápido e inconfessável atrás das cortinas do Paço ou num vão de escada. Não se dar ao aborrecimento de denunciar os assassinos que ocupam os tronos de países simpáticos como Portugal, herdeiro dos atos corajosos do honrado Viriato. Não ser cúmplice da ordem essencialmente maligna das coisas, não contribuindo para colocar mais seres humanos na roda do sofrimento, não se casando e não tendo filhos. Para os tempos livres, recomenda-se que se faça uma ou várias visitas diletantes aos Palácios do Sono deste mundo, lendo os grandes livros da Grécia e de Roma. Não colocar uma ênfase excessiva nos assuntos religiosos, porque a Inquisição Portuguesa e outras instituições semelhantes já tinham mostrado que esses assuntos não existem de todo e mais não são do que a arena romana em que gladiadores e feras entretinham multidões que não sabiam o que fazer das suas próprias vidas. Ter uma relação simpática com o conhecimento

científico, auxiliando no que for possível, sem excessos e sem cansaços inúteis, a divulgação do conhecimento alegadamente novo e alegadamente importante, comunicando, por exemplo, notícias de observações astronómicas feitas na China e no Paraguai a pessoas que vivem numa Inglaterra em que as nuvens não deixam ver o céu. Escrever um poema épico único na língua dos que mataram o seu próprio povo, brincando com a erudição e com a história, assim como as crianças brincam com os brinquedos. Finalmente, não se dar ao incómodo de concluir a epopeia, nem de a publicar, porque mais um sonho no Palácio do Sono não irá acrescentar rigorosamente mais nada ao que o mundo já conhece.

Esta é a recomendação que Samuda dá a todos os que vivem atormentados por esta pergunta: como viver? Se esta recomendação fosse levada às últimas consequências, nada haveria a dizer e não se conheceria o nome do médico judeu e português que escreveu uma epopeia nas terras frias de Álbion. Talvez haja ainda espaço para a inocência da esperança. O problema é apartar a esperança pura e inocente da esperança que mais não é do que um sonho que se levanta no Palácio do Sono. Samuda tem consciência de que não há forma de garantir que a esperança não seja mais uma rapaziada ou mais uma vanglória ou mais um sonho que acabará em nada. Como médico, conhecia a complexidade dos seres humanos. Chega a afirmar que «somos verdadeiros microcosmos semelhantes aos planetas» (p. 96). Como astrónomo amador e sócio da Real Sociedade, Samuda sabia perfeitamente que os planetas não têm luz própria e são vagabundos na noite do cosmos. Irmanar as pessoas a objetos sem luz própria não é uma analogia inconsequente. A dança dos planetas é semelhante às vagas do mar undoso. Consciente disto mesmo, Samuda junta a morte à esperança inútil da glória. A frase final com que conclui o *Sermão Fúnebre* é o testamento que coroa o que se sabe da sua vida e da sua obra: «morreremos como todos na terra, mas com mais privilégios que a Fénix; renascemos, como escolhidos, na Glória».

As *Viríadas* são uma manifestação dessa Glória. Os que morreram na Antiguidade estão juntos na memória dos que vieram a seguir. Já não há guerras. Já não há religiões tontas que apartem os homens. Já se compreendeu que o amor é uma ilusão com que os deuses brincam com as pessoas. Já se sabe que tudo é ilusório e que uma ilusão não é melhor do que a outra. A terra parece um jardim. Os Invernos são passados a visitar os amigos. A vida é um diálogo perfeito. É isto a Lusitânia. É isto Roma. É isto o Mediterrâneo. É isto a Europa. É isto o Ocidente.

V

PENSAMENTO E SABEDORIA

As *Viriadas* são um quadro vasto do mundo antigo que foi pintado por um médico interessado na vanguarda da ciência do seu tempo. Ao lado de alusões mitológicas e de narrativas da história dos povos da Ibéria e do Mediterrâneo, encontram-se referências a grandes cientistas modernos. Esta riqueza do poema é, aparentemente, paradoxal. O amor intelectual pelos assuntos antigos parece apontar para uma direção, e o amor intelectual pelas descobertas científicas dos séculos XVII e XVIII parece apontar para uma direção diferente. Esta impressão de paradoxo na escolha dos grandes temas do poema é um dos seus atrativos. As *Viriadas* não são uma obra puramente literária, no sentido pobre da palavra 'literatura', em que a forma e os conteúdos procuram apenas um objetivo estético. Os muitos Cantos desta obra literária são atravessados por aforismos, por ditos sapienciais, e por recomendações de atitudes a tomar na vida das pessoas. A visão do mundo do Doutor Samuda revela-se em muitos versos gnómicos, como se tentasse resumir a sua experiência de vida e o seu pensamento sobre a ordem do mundo, e o lugar do ser humano nessa ordem, em pequenas pérolas de sabedoria que podem ser facilmente guardadas na memória e no coração. É esta visão do mundo que dá unidade ao poema.

Castro Sarmento foi o primeiro leitor conhecido das *Viriadas*. O copista do século XIX foi o segundo (ver *infra* A Transmissão Manuscrita). Entre estes dois leitores aconteceu uma transformação muito significativa da mentalidade das pessoas. Castro Sarmento não conhecia apenas as referências eruditas; conhecia também a visão do mundo que dá unidade ao poema. O copista está numa situação diferente. As muitas centenas de referências literárias e míticas não faziam grande sentido para ele, como se verifica pela cópia que fez do manuscrito, e, sobretudo, pelos comentários finais que acrescenta. Mesmo que conhecesse a maior parte das referências, faltou-lhe a apreensão da estrutura de pensamento que dá harmonia ao poema. Como é evidente, não se espera de um copista, talvez um profissional desse ofício, uma grande finura de interpretação. Os comentários que ele faz são, contudo, um sinal de que se perdeu qualquer coisa na formação intelectual das pessoas entre a época de Castro Sarmento e a morte do Duque de Palmela. Para esse escriba anónimo, o distinto médico apenas tratou de colecionar de modo cansativo muitas centenas de referências eruditas. Nada poderia estar mais longe da verdade. Essas referências materializam um pensamento que, na

falta de melhor rótulo, poderia ser entendido como uma reflexão sobre a condição humana. Em certo sentido, as *Viríadas* são um poema filosófico que reflete sobre a grande teia das relações humanas. É o pensamento que dá a chave de leitura que permite interpretar as muitas referências e alusões. É possível perguntar, por exemplo, por que razão o Doutor Samuda faz um catálogo tão vasto dos cultos da Grécia e de Roma, como se estivesse a fazer uma enciclopédia. Esta questão só poderá ser respondida se se conhecer o seu pensamento sobre assuntos religiosos. Castro Sarmento, o primeiro leitor, compreendeu isto muito bem. As estâncias que acrescenta ao Canto XIII mostram que ele não continuou apenas a coleção de referências eruditas mas apreendeu o pensamento que lhes deu origem. Qual é esse pensamento? Num resumo rápido, é este: os seres humanos são produtores compulsivos de representações do sobrenatural, e, curiosamente, colocam-se a eles próprios no nível mais baixo da hierarquia do mundo. Imaginam que têm muitos deuses acima de si, como se projetassem nessas figuras ilusórias o que querem para as suas vidas.

Uma leitura contemporânea das *Viríadas* tem de trilhar os dois caminhos. Por um lado, tem de identificar o código simbólico das referências e alusões. Por outro lado, tem de apreender o pensamento do Doutor Samuda que confere unidade ao documento literário. Nenhuma destas tarefas é fácil. A segunda delas tem, contudo, uma importância especial porque coloca na perspetiva certa o que parece a um leitor apressado uma mera coleção de entretenimentos literários com motivos clássicos, como aconteceu, aparentemente, com o copista do século XIX.

Um poema épico não é um ensaio filosófico em que o seu autor tem de dar argumentos para defender uma determinada visão do mundo. Utilizando os limites formais das oitavas que burilou, Samuda cristaliza num verso ou dois a sua reflexão. Seria possível defender a ideia de que qualquer pensamento filosófico é expresso através de limites formais, quaisquer que eles sejam (diálogo, tratado, carta, aforismos, etc.), e que existiram obras literárias em todas as épocas que serviram fins filosóficos, desde os poemas de Parménides e de Empédocles, passando por Lucrécio, até Nietzsche, com o seu grande poema épico *Assim Falava Zaratustra*. O Doutor Samuda não se reclama filósofo nas *Viríadas*, se bem que pareça ser um filósofo da cultura em sentido lato, tal como parece claramente um filósofo da religião no manuscrito holandês sobre os *Diálogos Teológicos*, em que discute os conceitos de Trindade, de monoteísmo e de politeísmo (a confirmar-se que o ‘Vizinho de Londres’ é de facto Samuda), e um filósofo da história no *Sermão Fúnebre*. É inútil procurar no poema épico sinais ostensivos que permitam classificá-lo como filosófico. O que é possível afirmar com propriedade é que muitos versos das oitavas abordam assuntos tradicionalmente filosóficos.

Como não é possível encontrar a prosa onde terá justificado os seus versos mais reflexivos, é necessário reuni-los a todos para se conseguir aceder à harmonia dos temas recorrentes da sua reflexão.

O catálogo das reflexões do médico e poeta é muito rico. Uma leitura atenta dos Cantos que chegaram até nós rapidamente descobre o seu pensamento sobre a força e as contradições do amor, o papel importante das emoções na vida humana, a inevitabilidade do conflito e da violência, o papel da sorte e do acaso na ordem do mundo, o que deve ser uma educação, a essência da vida política, o perfil correto do estadista e do comandante de homens, o processo da crença religiosa, etc. Em especial, o Palácio do Sono, no Canto V, é uma reflexão poderosa sobre o sentido da vida humana e a natureza última dos eventos históricos, e as visitas de Viriato aos templos, que culminam com a visita ao templo de Hércules em Cádiz e com o diálogo com o seu velho sacerdote, são reflexões profundas sobre o fenómeno religioso e o afã humano de representar o sagrado.

Se há um pensamento que dá unidade estrutural a este poema vasto, é oportuno tentar precisar qual é a sua natureza. A formação médica, os gostos literários, a paixão pelos detalhes eruditos, a curiosidade continuada pelo avanço das ciências, e, sobretudo, a sua experiência de vida de português perseguido pela Inquisição não poderiam construir uma visão do mundo que não se caracterizasse pelo amor incondicional pela razão humana. Neste sentido, o pensamento do Doutor Samuda, tal como se expressa na *Viriadas*, pode ser facilmente classificado como iluminista. A fonte do conhecimento seguro só tem uma localização: é a razão humana. A descrição do papel que esta faculdade da mente deverá ter na vida é eloquente: «Seja tua razão monarca inteiro, / Que a seus vassalos o poder limita, / De rebeldes paixões não sofra agravos, / Castigue seu furor como de escravos» (X.77.5-8). Este monarca não tem adversário à sua altura, e merece, por conseguinte, a honra de ser comparado ao Sol (X.76.1-2). Só não se pode considerar como absoluto devido à finitude da condição humana.

As palavras que a ninfa Cíntia diz a Tântalo na floresta, depois do salvamento de Melissa do tigre que a perseguiu, testemunham uma teoria iluminista do amor. As luzes da razão deverão apagar a chama do amor logo que esta apareça. A razão deverá ser um monarca cioso que abata imediatamente todas as veleidades das outras faculdades. Estes conselhos, vindos de uma voz grata, são indubitavelmente estranhos. Por um lado, derivam de uma tradição muito antiga de preceitos sapienciais contra o império das paixões e o dano que estas causam ao discernimento racional; por outro lado, são sinais de uma época que valoriza acima de tudo os ditames da razão. A deusa, qual filósofo-

-rei, permite-se a ditadura da razão devido ao perigo das paixões. É em nome de um bem maior que defende o domínio da razão sobre tudo o resto da vida das pessoas. Os exemplos dos males são conhecidos. Para ela, o amor é como o fígado de Prometeu que só cresce para ser de novo devorado (X.79), isto é, todos os prazeres ligados ao amor têm à espera a dor insuportável. A lista de heróis míticos que morreram devido ao amor e aos seus perigos é muito longa, e uma pessoa racional deverá pensar nela muitas vezes, para evitar aumentá-la.

As paixões não são os únicos obstáculos ao domínio desejável da razão. O lugar das paixões pode ser ocupado por muitos outros aspetos da vida humana, todos eles merecedores de serem castigados como escravos: as tradições, as superstições, as crenças, as instituições políticas, etc. É surpreendente que um poema que recorre tão amplamente à riqueza das tradições humanas não reconheça o seu valor enquanto meio de conhecimento. O pensamento de Vico ainda estava longe. Se Samuda elogia várias vezes a abordagem racional, mas recorre às tradições humanas, aparentemente pouco racionais, estas deverão ser interpretadas do ponto de vista da sua filosofia da história. O que são elas de facto? Nada mais do que pequenas vagas do mar undoso das coisas. O pensamento que identifica a natureza profunda das tradições, instituições e eventos é racional, mas tudo o que acontece no mundo é ilusório. Samuda não parece reparar na dimensão trágica desta racionalidade. O poder de resistir à força hipnótica do que acontece no mundo, à sua aparência de realidade, ao seu chamamento, faz com que a razão não possa ser neutra. A razão resiste à ilusão, e, precisamente porque resiste, combate-a. Não pode, pois, ser um espelho neutro do mundo. Há uma paixão secreta que move uma razão que denuncia a ilusão inconsequente das coisas mas que, estranhamente, só recorre a essas coisas para transmitir o que pensa sobre o mundo. A geometria que a deusa desenha no chão, quando permite a Tântalo ver através do espelho de água o que se passa ao longe no interior da casa da donzela, poderia substituir as tradições do mundo e os eventos ilusórios da história. O Doutor Samuda poderia escrever um poema épico com geometria, álgebra ou análise; é digno de nota que o não tenha feito. O ideário racional não é, pois, cumprido na íntegra; talvez não o possa ser, de resto.

A denúncia que o médico de Bevis Marks faz do papel prejudicial das paixões excessivas, não temperadas pela avaliação racional, cai igualmente sob este paradoxo. Se as paixões são excessivas, por força serão ilusórias; neste caso, não se compreende que um ser racional lhes dedique tempo ou que as estude cuidadosamente para as reunir num poema épico. Ainda assim, se fossem só as paixões e as tradições históricas a serem denunciadas, estaríamos bem. A razão poderá acalmar as primeiras e tentar melhorar as segundas, se bem que não se

compreenda por que razão o faria, já que, num mundo ilusório, uma ilusão melhorada pela razão não deixa de ser o que é fundamentalmente, uma ilusão. A sabedoria de Samuda discerne muitos outros problemas, sabendo perfeitamente que a sua atividade é inútil, porque esses problemas não irão desaparecer. Repare-se, por exemplo, na denúncia que faz da fragilidade dos sentidos humanos: «aos sentidos por suspeitos julga / Da paixão testemunhas subornadas» (X.93.5-6). Esta denúncia é reiterada várias vezes, generalizando-se a fragilidade dos sentidos a outros aspetos da mente humana. Atenua-se, deste modo, a responsabilidade da paixão intensa. Mesmo sem paixão, os sentidos não são fiáveis. Diz desalentado o poeta que «tão confusa anda a verdade / Que inda no ouvido e visto há falsidade» (XI.5.7-8). Repare-se igualmente na triste condição de não se poder confiar na própria evidência, porque «é cega a vista onde a paixão domina» (X.29.4), e, continua, «em zelos cega, inda o que vê não via» (VI.62.8). Se o amor e o ciúme conseguem fazer com que se não veja o que se vê com toda a evidência, esta visão cega é, afinal, normal, porque nenhuma pessoa pode afastar a possibilidade de uma emoção estar a toldar o mais frio dos juízos. Afinal, generalizando essa possibilidade perigosa, «é paixão sempre enganosa» (IV.92.5). Para não censurar excessivamente o amor e as outras emoções, cumpre informar que o discernimento parece muitas vezes ser especialmente recetivo aos interesses, às peitas e aos subornos. Quem nunca reparou, pergunta-se Samuda, que «sempre a vontade fica escrava, / Quando um grande presente recebido» (IV.90.3-4)? A denúncia destes problemas não acabou com os problemas; foi inconsequente. Assim, vendo como a razão também tem uma história das suas próprias denúncias que não conduzem a nada, pelo menos desde os Gregos, segue-se que é uma tradição no meio de outras tradições. Dizendo com mais propriedade: é uma ilusão impotente na ordem geral do mundo.

O amor que Samuda tem pela racionalidade não se manifesta em elogios intensos e vagos dessa instância da mente humana, mas na observação atenta do que ela é capaz, no estudo do seu alcance em várias situações da vida. Repare-se no embaraço da razão ao ver-se condenada a interpretar palavras, que tanto podem ser verdadeiras quanto falsas, sem ter um modo privilegiado de aceder à verdade que não seja acompanhado da cansativa atividade da interpretação. A desgraça humana de o falso e o verdadeiro não terem de explicar o que os diferencia leva a que a razão seja menos soberana do que parece. Tem de trabalhar esforçadamente para distinguir um do outro, como se estivesse condenada a uma escravidão perpétua. A denúncia desta limitação só se compreende depois do elogio à capacidade quase mágica de a língua, isto é, as palavras, conseguir representar conceitos abstratos sem o auxílio da muleta

das figuras visuais: «língua sem figura a clara mente, / Quais sons, ideias forma diligente» (IX.120.7-8).

Não está em causa qualquer menosprezo das imagens, tanto mais que as *Viríadas* atribuem um papel extraordinário às mesmas. Poder-se-ia mesmo dizer que é um poema mais visual do que rítmico. Viriato discursa aos seus comandantes descrevendo imagens de épocas passadas e de conflitos militares; o Palácio do Sono mostra o império que as imagens falsas têm sobre a vida humana; o episódio mais problemático da relação amorosa entre Tântalo e Ormia deriva das imagens falsas que a Discórdia fez nascer no espírito do apaixonado, e a resolução do problema também se deveu às imagens do interior da casa da jovem que uma deusa fez nascer no espelho das águas de uma fonte; as visitas do general lusitano aos templos são todas elas espetáculos vastos do poder das imagens.

O que está em causa é o pensamento de Samuda sobre a arquitetura da mente humana. As faculdades importantes não podem deixar de ser nomeadas porque é com elas que se desenrola a vida das pessoas e a história dos povos. Por isso, é também quase mágica, ou mesmo magia completa, a capacidade de a fantasia representar com imagens o que não existe. Por aumentar o tamanho do mundo, o poeta descreve-a como «mágica sem feitiço, a Fantasia» (VI.55.1). Este não é um poder menor, mas dos mais importantes da vida, porque «tanto nos delude a fantasia» (V.3.7-8) que consegue tornar aceitável o inaceitável. Diz o poeta de forma trágica mas saborosa que «tanto engana errónea fantasia, / Que à tenra agrada o duro que doía» (XII.70.7-8). Se as imagens fantasiosas que as pessoas alimentam acordadas têm um poder sobre a vontade que parece escapar à razão, as imagens noturnas revelam como a faculdade da Fantasia é um poder autónomo, um poder totalmente imune aos ditames da razão. As imagens oníricas têm o dom menor de criar uma aparência de realidade, e o dom maior de, por vezes, apontar para uma realidade muito mais verdadeira. Samuda afirma o seu espanto perante as imagens oníricas ao afirmar repetidamente que «há nos sonhos enigma» (VI.6.1), e que «há mistério nos sonhos» (VI.57.5).

O elogio da razão e a consciência de que essa razão é profundamente limitada pelas outras faculdades do espírito são motivos que atravessam todos os Cantos do poema. Esta limitação não é, infelizmente, apenas derivada de causas humanas. Os poetas, desde o tempo dos Gregos, representaram as emoções humanas como um assunto que é facilmente manipulado pelos deuses. No início da *Iliada*, Agamémnon, dominado pela ira de ter perdido Briseida do seu quinhão do saque, puxa da sua espada para enfrentar Aquiles. Ao aperceber-se da sua loucura ao tentar enfrentar o melhor guerreiro de sempre, o pastor de tropas atribui a sua precipitação a Ate, a pernicioso filha de Zeus, isto é, à Discórdia

personificada. A razão é vista pelo Doutor Samuda de um modo semelhante. As emoções são sentidas pelas próprias pessoas, mas, quando alguém está debaixo de uma tempestade de ira, as emoções parecem vir de fora. A razão tem uma organização semelhante. Veja-se como.

A razão verifica que a alma determina o comportamento do corpo; diz o poeta que «obra o corpo passivo ao que a alma ensina» (VIII.96.5). Que instância da mente humana pode fazer esta verificação? O corpo não o pode fazer, e, obviamente, a alma também não. No meio de ambos parece existir um espectador que assiste a esse teatro de modo impotente porque não consegue explicar como é que uma influencia o outro. Neste sentido, a origem do movimento e a determinação do comportamento humano parecem também vir de fora. Essa aparência de exterioridade é dada pela alma, a «sublime raiz do movimento» (X.32.2). A razão *não* é a alma, e Samuda não acrescenta nada que possa explicar se, do seu ponto de vista, a primeira é uma parte da segunda, ou se a segunda é radicalmente diferente da mente humana racional. Se Samuda fosse um filósofo profissional, teria aqui uma equação difícil a resolver. A determinação da ação humana parece vir de cima, da alma; parece também vir de fora, dos deuses que se imiscuem nos assuntos humanos; parece também que umas partes da mente dão às outras os motivos que as conduzem à ação, tal como a memória faz em relação à decisão, e tal como «o gosto é sempre espora da vontade» (VI.1.8).

O que se passa na alma de todos os seres influencia as suas decisões e os seus corpos. Ate, a Discórdia, dá voz ao pensamento de Samuda sobre problemas filosóficos intemporais, como o da influência das paixões sobre o comportamento, o da fraqueza da vontade durante as decisões racionais e o da causalidade mental sobre o corpo e o comportamento. A comitiva divina que foi ao Palácio do Sono implorar o auxílio dos obreiros dos sonhos e das fantasias acredita também que a influência sobre uma pessoa acontece ao nível da alma. O amor intenso que une Tântalo a Ormia nasceu de uma ação divina sobre a alma dos amantes. Para desfazer este amor, Ate raciocina de modo semelhante: se o amor nasceu devido a uma ação na alma, acabará de modo idêntico. Vê-se aqui, por conseguinte, mais uma manifestação do conceito que Samuda tinha da mente humana, algo que se poderia denominar a sua teoria filosófica da mente.

A reflexão sobre as emoções não se limita à denúncia do seu papel sobre os sentidos, a vontade e a razão, seja por obra humana, seja pela intervenção de outros poderes. As emoções são a terra do amor. As *Viríadas* são especialmente ricas na reflexão que fazem sobre o tema perene do amor e das suas inconstâncias. Ninguém sabe por que razão os seres humanos amam, quando poderiam

ser maravilhosamente insensíveis, como as pedras. A escravidão do amor é enigmática porque os escravos desejam essa escravatura, e «ninguém, se pode, falta ao que deseja» (VIII.79.8).

Este é um assunto imune à lógica, e seria impossível descrevê-lo com detalhe porque é tão vasto que se confunde com a própria natureza humana. O distinto médico não o tenta fazer, mas, com o seu olho clínico dedicado à literatura, oferece, aqui e ali, alusões à natureza surpreendente do amor. O amor é inconstante, mas também é verdade que a «inconstância extingue amor constante» (I.67.8), como se pudesse existir no mundo a fortaleza de um amor imutável. Afinal, se o amor constante é fraco, então não durará; mas também é verdade que «afeto mais forte menos dura» (V.21.4). O amante deseja que o objeto do seu desejo esteja próximo. A loucura interna ao amor é a de que «ganha supresso amor mais crescimento» (VI.64.4). O diagnóstico do médico sobre o amor é claro, descrevendo a doce doença, mas não se atrevendo a dar uma explicação: «foi sempre o desejo mais ativo, / Quando procura a cousa mais negada, / E perde estimações oferecida, / Inda a mesma beleza apetedida» (IX.39.5-8). Não há forma airosa de sair dos paradoxos do amor. Samuda compreende que, se o amado está longe, mais se alimenta o amor; mas, se está perto, «inda Amor queima a quem fogo socorre» (X.81.6). A situação é tão dramática que «o carinho que ampara também dana» (X.62.5). O registo do tempo amoroso é também contraditório. O amor exige urgência porque não consente sono ou demora (X.2.8), mas parece só se dar através das artes morosas da sedução, porque só «a indústria, mais que a força, amor submete» (X.102.6). Sendo a dádiva total de si mesmo ao outro, a generosidade pura do amor é, estranhamente, avara. Diz Samuda que «afeto alta espécie é de avariza / Que ávido mais reserva o que mais preza» (X.62.7-8). Apesar de todas estas contradições, inseguranças e danos causados pela inconstância do amor, ninguém deseja viver sem ele, e cada pessoa «teme a falta de amor mais que a da vida» (XI.82.2).

Tomando o amor como um exemplo do conjunto das emoções, conclui-se rapidamente que, se contradições semelhantes existirem nas outras emoções, é pouco provável que se consiga deslindar esse enigma. O mundo das emoções é muito vasto e seria difícil fazer o catálogo completo das que definem, encantam e atormentam os seres humanos. Não é esse o objetivo do Vizinho de Londres. Ao lado do amor, coloca nas suas páginas o ciúme, que tolda o discernimento, como se viu, mas também a inveja e a tristeza. A melancolia é um assunto velho na Medicina. Ciente disso, é descrito o efeito paralisante da tristeza, como se fosse uma remora tão grande que atrasa todas

as ações humanas: «o tempo parece que em tristeza / Remora própria embarga a ligeireza» (IX.69.7-8). O mais duro dos heróis temperados pela adversidade da vida não consegue aguentar a tristeza da passagem cruel dos anos, devido ao «tempo, que inda ao mais duro atroz consome» (VI.71.5).

As *Viriadas* dedicam um grande cuidado ao velho tema do desconcerto do mundo e da surpresa constante que é a vida. As observações de Samuda mostram as suas amplas capacidades analíticas da sociedade humana. A coleção de situações absurdamente normais é grande. Samuda repara em como o que faz mal prospera facilmente: «os vícios deleitosos / Passam logo ao vizinho mais chegado» (VIII.9.3-4). O perigo da propagação do vício é maior do que o da própria guerra. Os Lusitanos podem ser mais facilmente vencidos por Roma com o luxo do que com a espada (VIII.10.7-8). A volubilidade dos compromissos entre as pessoas e os povos é um espetáculo especialmente difícil de aceitar, mas não é possível deixar de reparar nele: «como é vário o peito dos humanos, / Pelejam contra o que antes socorriam» (III.15.1-2). Nas relações mais próximas é de esperar que a fidelidade não seja tão forte quanto parece, advertindo o sábio médico que «inda olhos todo é vigilância pouca / Contra a traição» (X.105.3-4). A surpresa deriva do facto de a banalidade da traição não ser advertência suficiente para o futuro. Se sabemos que «sempre houve mudanças nos humanos» (III.68.4), ninguém deveria confiar excessivamente nas virtudes da fidelidade.

Esta alteração vertiginosa nos corações humanos não é explicada. O que mais se aproxima de uma teoria é a descrição das vidas paralelas, ao modo clássico, da volubilidade dos compromissos humanos e da capacidade de a ordem do mundo surpreender constantemente, tão constantemente que não deveria haver qualquer justificação para a surpresa. O mundo ultrapassa a capacidade humana de o compreender e antecipar. Dando um exemplo disso, exclama o bardo «Quantas vezes, não cuidando, achamos / Melhor sucesso do que imaginamos!» (I. 87.7-8). As surpresas que a vida causa são cegas, e não se pode discernir nelas apenas a oportunidade para o sucesso. O malogro também é filho das grandes surpresas que o mundo origina a todo o momento, e facilmente «perde-se um reino por perder-se uma hora» (V.17.8). O drama interno a esta situação nasce quando se repara na pequenez inaceitável do que causa a derrocada do que existe a certa altura. Se a causa fora grande e momentosa, facilmente se aceitaria. Samuda vê com perspicácia que muitas vezes o fator decisivo que deita tudo a perder é tão pequeno que se torna invisível: «no mundo o nada de acidente, / Altera troncos, como muda gente» (VI.59.7-8). Infelizmente, da pequenez do acidente não se pode concluir da pequenez do resultado. Num mundo histórico tão

surpreendente, é impossível grafar leis que controlem a possibilidade do acidente e imunizem contra a surpresa. Não existindo essas leis, por muito intenso que seja o desejo que as pessoas têm delas, o Doutor Samuda consegue ainda afirmar, ao modo de lei provisória, que «o acaso faz milagres não pequenos» (XII.83.5).

Os heróis lusitanos podem, como qualquer outra pessoa, tentar atenuar a vertigem da insegurança. As crenças numa ordem providencial do mundo nunca desapareceram. Contra as expectativas mais dolorosas, nascidas da inconstância da sorte e do fado atroz, muitas pessoas, ou talvez todas, acreditam secretamente que «há sorte boa inda no adverso estado» (II.118.6). O rosto concreto dessa sorte depende da criatividade dos povos. Os crentes romanos diriam que «nunca Jove aos ingratos deu favores» (II.80.8), acreditando assim que o que se passa no mundo é ponderado pelo divino, e que a ordem sobrenatural se interessa, de alguma forma, pela ordem de seres infinitamente menores que nela acredita. Outros crentes diriam qualquer outra coisa que desse um rosto humano à infinidade que nunca se poderá compreender.

Os indivíduos julgam discernir sinais de que existe uma tendência para o bem na ordem das coisas que acontecem. Uma e outra vez, parece identificar-se uma tendência geral fundamentalmente benigna porque «sempre mistura em seus primores / Útil com deleitoso a natureza» (V.83.3-4). Não há forma de provar que se trata de um fenómeno de materialização do desejo das pessoas e da sua projeção para o mundo, ou que se trata de uma avaliação justa do que acontece. A sabedoria providencial da ordem do mundo não se manifesta apenas nos assuntos da natureza, mas também nos assuntos humanos: «um mau fim volta em sonho aos bons destinos» (V.61.8), e parece existir um «segredo fado» que subjaz ao que acontece aos indivíduos (II.54.3). Samuda dá voz a uma esperança que não se pode provar, e que diz mais sobre a condição humana do que sobre as coisas exteriores, quando afirma que «a natureza / À proteção do belo é comovida» (X.65.3-4). Sobre os assuntos humanos, o bardo poderia acrescentar que os maus destinos serão punidos e os justos serão vindicados. Como poeta elegante que é, o ilustre membro da Royal Society passa generosamente por alto os muitos exemplos de destruição do belo pela natureza, e os muitos mais exemplos de aparente felicidade dos destinos injustos que nunca são punidos, e que violam, aparentemente, a certeza da queda e da punição do que sobe alto de modo injusto, a certeza de que «nunca se eclipsa a Lua se não cheia» (XI.75.4). A conclusão a retirar parece limitar-se a uma mera verificação de que «Sempre o novo medonho é mais horrendo, / Do inexperto receia inda o valente» (IV.88.1-2).

A visão do mundo de Samuda recomenda aos leitores do seu poema uma luta constante contra a adversidade, manifestando desse modo a crença na

bondade fundamental do que acontece. A dureza da vida é constante, e tudo tem um preço elevado. Lapidariamente, como se fosse Xenófanes de Cólofon a conformar-se com o facto de que, «se deus não tivesse criado o louro mel, os homens achariam os figos bem mais doces» (frag. 38), o bardo médico proclama que «mal gosta o doce quem recusa amargo / quer Fortuna a quem sabe defendê-la» (I. 83.5-6).⁵⁰

A pergunta que se pode colocar a Samuda é esta: qual é o doce que justifica o preço elevado do amargo? Num poema épico a resposta não pode ser outra que não a glória. Em certo sentido, a lição que as *Viríadas* transmitem é independente do registo épico. Está em causa uma reflexão sobre a natureza humana profunda. A glória é apenas uma manifestação do desejo que cada ser humano tem de continuar a ser e de prosperar e de ser feliz. Num mundo em que há poucas certezas, a existir alguma, os heróis deste poema desejam o reconhecimento através da imortalidade do seu nome. Cada um deles, seja lusitano, seja romano, «mais ganhar nome que ter reinos ama» (II.32.3). A glória parece ser a única forma de vencer o tempo e a sua crueldade cega: «inda que o tempo atroz tudo consome / Da empresa heroica se eterniza o nome» (II.61.7-8). Quantificando esta relação precária entre o tamanho da glória e a derrota do tempo, os heróis de Samuda não querem apenas glória — querem *cada vez mais* glória. Mesmo os erros deverão ser grandes, porque a má sorte parece perseguir os que, sendo nobres, cometem erros pequenos. A sua obrigação é a de ter uma vida maior do que a própria vida, em que tudo seja grande, sucessos e fracassos, vitórias e derrotas. A pessoa que decidiu viver heroicamente a sua vida apouca a dificuldade das tarefas, e todas lhe parecem demasiado pequenas, porque «inda o grande a herói sempre é pequeno» (XIII.39.8). Um homem de armas, por exemplo, não cumprirá as exigências da nobreza do seu cargo e não conseguirá imitar a beleza do seu modelo épico se ficar aquém da grandeza que poderia alcançar, porque «sempre motivou fúnebre luto, / Que um general pecasse em diminuto» (VI.69.7-8).

Como os heróis não nascem apenas nos campos de Marte, e existem muitos tipos de heroísmo, alguns dos quais silenciosos e invisíveis aos melhores bardos filosóficos com olho clínico, poder-se-ia perguntar como é que se poderá pecar em diminuto sendo uma heroica mãe solteira, por exemplo, ou um universitário que arrisca a sua carreira à procura do heroísmo de uma descoberta original? Samuda não precisa de esgotar o mundo com todos os casos possíveis.

⁵⁰ G.S. Kirk, J.E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, 5ª ed. Trad. Carlos A. L. Fonseca (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005), p. 185.

Nas páginas de uma epopeia estão sempre os modelos perfeitos da humanidade em que cada indivíduo, vivendo uma vida pequena e pecando sempre em diminuto, pode encontrar conforto e orientação. A épica tem um *ethos*. É este: viver grandiosamente, nunca pecar em diminuto, aguentar a adversidade, lutar pelos ideais, alcançar a glória, e ter a esperança que tudo não seja um sonho sem sentido ou, pior ainda, uma farsa maligna dos poderes que regem a vida humana.

A recomendação de uma forma épica de se viver tem dificuldades filosóficas. Vejam-se algumas. O desejo de glória é acompanhado por uma estranha cegueira perante a inutilidade da ação heroica num mundo em que ninguém pode escolher o lote da sua fortuna. Se isso pudesse acontecer, talvez a glória não fosse tão meritória. O herói épico vive num mundo sem rede, sem garantias. É claro que, se não há certezas, tudo o que se faz pode ser inútil e patético. O Doutor Samuda não parece ter a esperança de Platão numa vida depois da morte em que o guerreiro Ájax escolhe a vida seguinte indignado por não ter visto o seu valor reconhecido durante a vida anterior. O heroísmo das *Viríadas* é do tipo mais duro, o que não tem a segurança de um Além redentor. O velho lusitano que enfrenta o legionário romano com uma criança morta ao lado não tem nada que o redima. Só a terra espera o seu sangue e os seus ossos. A perenidade do nome é também ilusória porque «a glória / É toda, por mundana, transitória» (V.56.7-8). Se o sábio compreende que a glória irá desaparecer como tudo o resto, adjetiva-a de vã (VI.100.6), e denuncia-a como fonte das desgraças e da crueldade inumana (III.85.5, IX.93.8). Falta, como é evidente, reparar que ela é também a fonte da grandeza humana, uma fonte enigmática porque, residindo no peito humano, faz com que os bravos sejam escravos de uma parte de si mesmos que não inventaram. Descobriram no seu peito um desejo, assim como os Europeus descobriram tabaco ao chegar à América ou impalas grandiosas nas savanas angolanas. O desejo de glória é um objeto que, diferentemente destes objetos exteriores, está no sujeito para ele eventualmente descobrir; dir-se-ia que não é um objeto objetivo, mas um objeto subjetivo. Poder-se-ia acrescentar, utilizando uma categoria a que recorre várias vezes Samuda, que é o fado dos bravos que colocou no seu peito a vontade corajosa, mas um pouco insana, de entrar no fogo para salvar uma pintura (X.65.7). Sim, pode ter sido o fado ou qualquer outro agente que dê nome ao desconhecido; mas o que se sabe de ciência certa é que nenhum ser humano inventou essas coisas que descobre dentro do peito e que, num ato de insanidade normal, considera como parte da sua alma.

A glória, ou o desejo de reconhecimento, que será para Hegel uma categoria política fundamental, mostra um autor profundamente interessado nos processos que determinam a ação humana. Não é de surpreender que um

dos aspetos mais ricos da reflexão que atravessa os treze Cantos seja de natureza política. Samuda tem muito a dizer sobre a esfera da atividade política, nomeadamente sobre o que motiva os comandantes de homens e de povos, a natureza do conflito e da violência, o problema do mal político e da tirania, e a essência da própria política. Estes temas são ao mesmo tempo muito velhos e muito importantes. Vejam-se alguns indícios do pensamento político do Doutor Samuda.

A origem do conflito político reside na surpreendente facilidade de uns homens tomarem partido de outros homens. Samuda vivia numa época em que os eruditos gostavam de contar a história da humanidade desde o momento em que Deus criou o Céu e a Terra, descrevendo a sucessão de reinos até à época do respetivo escritor. Newton dedicou-se a esse exercício, tal como Castro Sarmento na sua tradução da *Cronologia Newtoniana Epitomizada*, da primavera de 1737.⁵¹ Numa cultura com estas características, não seria preciso imaginar, ao modo hegeliano, um combate primordial em que se apurariam os senhores e os escravos. Samuda não identifica uma coragem fundadora que aparte os que não têm medo da morte dos que têm medo da morte. O processo mais antigo que parece estruturar a ordem política é a capacidade de engano de uns homens pelos outros. Samuda não parece ter-se esquecido em Londres do adágio da sua terra portuguesa que afirma que anda meio mundo a enganar o outro meio. O seu verso de diagnóstico filosófico é claro: «são fáceis de enganar sinceros peitos» (III.99.5). Acrescenta ainda que «no mundo jamais néscios faltaram» (XII.8.3). Não há nenhuma indicação sobre o que origina a credulidade das pessoas. Não se explica por que razão outras pessoas, talvez tão crédulas quanto as primeiras, procuram vantagens dessa credulidade. Mais dramático ainda, nada se diz sobre o estranho problema da continuação do logro; um primeiro engano seria fácil de explicar; que o engano continue de forma permanente é muito mais difícil de compreender.

O logro primordial de uns homens pelos outros foi alimentado pela cobiça e pelo desejo intenso de glória. O conflito humano não é excepcional. Samuda, talvez baseado na sua experiência de judeu perseguido pela Inquisição, tem uma visão amarga dos assuntos humanos. Toda a Inquisição foi uma guerra civil permanente. O conflito não se limita aos confrontos militares, formais como as guerras púnicas, mais informais como as guerras lusitana e numantina. Pior

⁵¹ Sobre o trabalho de Newton, ver Jed Z. Buchwald e Mordechai Feingold, *Newton and The Origin of Civilization* (Princetown NJ, University Press, 2013). Estes autores não mencionam o manuscrito de Castro Sarmento.

ainda do que isso. Samuda utiliza, de modo surpreendente, a palavra 'festa', uma das palavras que menos se espera no contexto de uma reflexão sobre o conflito, quando diz que «festa sem discórdia há raramente» (VIII.80.4). Se a violência é própria da natureza humana, nada há a fazer para acabar com ela. O problema não tem solução; só se pode administrá-lo e aprender a viver com ele. É verdade que o Doutor Samuda não entende o conflito permanente como uma tempestade que vitimiza os humanos que nada podem fazer para se protegerem dela. Propõe uma localização para a fonte dos conflitos. A violência não está nas mãos nem nas palavras; está no estranho lugar, difícil de precisar, da alma. Não há ambiguidade na localização, se bem que possa haver ambiguidade no significado: «da alma, e não matéria, o mal depende» (VIII.82.2). Esta localização parece indicar apressadamente que há uma responsabilidade humana no assunto, que há uma capacidade para se viver de forma diferente. O clínico londrino menciona ostensivamente a parte que cabe à decisão livre dos homens, ao afirmar que «a culpa temos da cobiça» (VIII.88.7). Representando a escolha livre do ponto de vista simbólico dos fins últimos do homem, Samuda afirma com ênfase o papel da decisão livre. Poderá existir o fado atroz que menciona várias vezes, mas defende que, precisamente porque os seres humanos podem escolher, «a Tártaro, ou Elísio, a língua guia» (X.104.8). Esta é uma forma elegante de dizer que uma boa parte do céu e do inferno das vidas humanas é feita pelas palavras que saem da boca de cada um.

O problema é o de que não há forma de viver de um modo em que o conflito não exista. Isso já não seria a natureza humana tal como a conhecemos. O que positivamente se sabe é que o interesse pode muito na determinação da ação e no aproveitamento das fragilidades dos outros. Lembrando-se da sabedoria popular, o bardo fixa o seu pensamento sobre o papel do interesse: «sempre a quem cresce o pão, crescem parentes» (V.66.8). Se esta é a regra habitual, é provável que aconteçam excessos por vezes. Diz o sapiente médico que «monstros gera no ingrato o benefício» (II.37.6); mas num mundo em que há discórdia até nas festas, qual dos participantes nessas festas não é ingrato, não é excessivo, e não é interesseiro? É a prossecução dos interesses individuais que permite a organização das sociedades, nomeadamente a emergência da organização política e das estruturas do poder. Com perspicácia, Samuda verifica que «força e negócio juntos crescem» (III.3.2). A personalidade eticamente vertical e emocionalmente sensível poderá protestar, de modo muito literário, «Oh quanto cega a humana conveniência, / Nome de infâmia é timbre de excelência!» (VI.39.7-8). O problema é o de que, se a conveniência, ou o interesse, ou qualquer outro rótulo que se atribua, é parte da natureza humana, é tão caricato protestar contra a

cegueira da conveniência, quanto protestar contra a cor vermelha do sangue, ou contra a chuva que cai do céu. O protesto é bonito, é literário, é nobre, e é inconsequente; falta saber se é verdadeiro. Num mundo em que o «interesse em todos predomina» (IX.61.6), é improvável que o protesto seja verdadeiro. Pode acontecer que, se de facto há interesses em todos os homens, o próprio protesto seja a reclamação de um direito e a manifestação de um interesse. Como as pedras não ouvem e como os humanos são a parte interessada, só resta a ordem do sobrenatural. Talvez os seres humanos façam literatura para protestar contra os deuses, ou protestem de modo elegante para terem bons motivos literários. Em qualquer dos casos, não será também isso uma busca de glória?

O pensamento político é muito desenvolvido nas *Viríadas*. Samuda pronuncia-se sobre alguns grandes temas como a legitimação política, a relação entre governantes e governados e a responsabilidade dos estadistas e chefes. A fonte da legitimidade política reside no trabalho conjunto do direito e da força: «é direito sem força vã potência» (II.51.8). Noutras passagens, contudo, Samuda precisa o seu pensamento a respeito destes dois fatores, inclinando-se para o ascendente do direito sobre a força, porque ainda que «à força de armas soberanos, / O governo sem trato é sem valia» (X.101.3-4). A força não consegue legitimar o poder a longo prazo. Este é um dado curioso, tão curioso, pelo menos, quando o facto de Samuda não aludir a uma fonte sobrenatural para a legitimação do poder de governar. A existir um fundamento para a legitimação do poder, este parece residir no apreço que as sociedades têm pela ordem manifestada em leis, uma ordem que imita de certo modo a ordem da natureza, também ela um pouco caótica como a sociedade humana, mas organizada em leis que a ciência consegue esforçadamente inventariar ao longo do tempo. Nas palavras do bardo, «tanto no mundo a lei se estima, / Que a mesma natureza legitima» (VI.40.7-8).

O estudo das campanhas militares antigas, de que as *Viríadas* dão amplo testemunho, terá reforçado a convicção de Samuda que a inteligência tem um papel decisivo na ordem política, tal como na estratégia militar. Não se trata aqui, pois, de uma dada preferência filosófica; trata-se de explicitar um aspeto da natureza humana. O resumo do que está em causa é simples: se há afeto dos homens pelas leis, se a natureza se organiza em leis, se o conflito militar demonstra que a ponderação inteligente é mais bem sucedida do que a força bruta, e se o próprio amor prefere a sedução cheia de subtilezas industriais à sexualidade mais obscena, só se pode concluir que a ordem política é determinada pela racionalidade. Nas palavras mais eloquentes do exilado português, «império alcança inda a grandeza / Melhor que a força uma subtil destreza» (XII.13.7-8). Com palavras mais populares, a conclusão é semelhante: «inda os fortes são fracos sem cabeça» (III.19.2).

O afeto é um complemento interessante ao papel do direito e da força. A lição política originou-se muito provavelmente nos campos da guerra. Um comandante que não seja amado pelos seus homens dificilmente poderá vencer batalhas, porque «povo mal afeto, mal peleja» (II.52.2). Este afeto é retribuído pelo governante sob a forma da responsabilização pelos que comanda, já que «dos reis culpas são dos povos danos (II.41.6)». Como é evidente, só se encontra no poema uma formulação incipiente do conceito de responsabilidade dos governantes. A organização política que despreza aparentemente todo o afeto e toda a responsabilização é uma violação da ordem do político, tal como os monstros são uma violação da ordem da natureza. Esta violação não pode ser permanente e revela uma deficiência fundamental que Samuda não se cansa de denunciar: «sempre onde há tirania houve fraqueza» (II.72.8). A produção de abortos, bastardos ou monstros políticos manifesta-se na ação do tirano, porque, «elevando o poder, fez desumanos» (III.45.4). A tirania poderia conseguir um equilíbrio duradouro de interesses, sabendo-se que, para Samuda, todos os homens têm as suas conveniências e os seus desejos. Este é, contudo, um caminho impossível. Não é aceitável uma vida inteira a respirar uma atmosfera saturada: «tirano efeito / Vontade oprime, como ar crasso ao peito» (II.110.7-8). Numa época em que era difícil encontrar apoiantes para uma vida política não dominada por tiranos, Samuda revela uma grande intuição política ao reparar na fragilidade intrínseca ao poder absoluto.

Esta lição de filosofia política ultrapassa o mero pensamento de base estritamente racional. As *Viriadas* estão cheias de pérolas sapienciais sobre muitos aspetos da natureza humana. Algumas delas têm uma base indubitavelmente popular; outras parecem derivar da vida atribulada de Samuda; outras ainda parecem subverter o bom senso. Este conjunto de observações sapienciais contribui para formar uma ideia de vida sábia. Viriato não é apenas um chefe militar extraordinário para Samuda, mas um homem sábio em todos os palcos que pisa. É sábio no campo da guerra, mas também no banquete e no templo. Neste sentido, a figura do comandante lusitano é um modelo de vida perfeita, uma recomendação sobre como se deve viver. A imitação deste tipo de modelos deve ser incentivada, tanto mais que «imitar nobres sábios causa gosto» (VI.76.2).

No assunto infinito e nunca resolvido da forma correta de cada um viver a sua vida, muito há a dizer. As *Viriadas* começam pelos mais jovens, porque «douto ensino estrada é para acerto» (II.119.6). Os jogos infantis são apreciados por darem uma lição preciosa que os ultrapassa, recomendando como máxima para a vida humana o desapego e a leveza, porque, afirma o Vizinho de Londres, «em pouco se recreia a pouca idade» (V.13.4). A utilização judiciosa do tempo deve

ser aprendida desde cedo, evitando-se o dano causado pela indolência. O perigo é claro, e Samuda alerta várias vezes para ele quando afirma que «o livre ócio a anos tenros arruína» (X.98.8), que «abuso arreigado mal se doma» (IX.82.8), e que «em princípios se corta a força ao dano» (V.18.2). A recomendação para a infância reitera-se no homem adulto, já que o «uso de passatempos molifica, / Como uso de trabalhos endurece» (III.67.3-4). Nestas reflexões sucintas sobre a educação e a ocupação do tempo há claramente a influência de uma ética do trabalho. O elogio à capacidade que este tem de transmutar as situações é feito de um modo entusiasmado, apropriadamente épico: «Muito pode o trabalho! Com porfia / Vence, inda o que impossível parecia!» (X.55.7-8). Com um toque de sabedoria, Samuda reconhece que a vida não pode ser só dedicada ao trabalho e que, numa justa medida, o lazer tem um papel positivo porque o «vigor cresce em descansos, se alternados» (VIII.55.6). O trabalho e o descanso não são uma província isolada da vida humana. Qualquer excesso numa atividade humana é prejudicial, sendo necessário aprender desde cedo a regra de vida que afirma que «o excessivo sempre foi vicioso» (X.83.4).

A vida sábia para Samuda não se limita à distinção judiciosa dos tempos certos para fazer as coisas da vida de cada um. Por muito prudentes e doutas que as pessoas fossem nessa tarefa, ficar-se-ia sempre refém do tempo presente. Há muitas observações do Doutor Samuda que apontam para o fim último da vida sábia. Não é fácil representar o que é viver feliz no mundo e o que justifica, em última análise, o trabalho e a luta contra a adversidade. Samuda esboça por vezes a figura da pátria, não como lugar político que se tem a obrigação de defender, mas como um dos rostos mais concretos da ideia de lar, o sítio onde está o coração de cada um, o sítio onde se está bem, o sítio onde cada pessoa se sente em casa (II.128.8).

Este é um lugar talvez impossível de encontrar. Tudo na vida do poeta desaconselha essa esperança. Ser cronista épico de batalhas antigas em que tantos milhares de pessoas perderam a sua casa e a sua vida, ou ser vigiado como inimigo público no seu próprio país, terá feito com que a ideia da terra a que se pode chamar lar seja muito problemática no pensamento de Samuda. Seguindo os modelos clássicos, a terra de Viriato é descrita como um jardim perfeito onde se poderá viver como os antepassados da Idade de Ouro. Numa terra de pomares em que a natureza dá os seus frutos mais doces, a vida perfeita poderia ser vivida *sans souci*. Há uma dificuldade intrínseca, contudo, que envenena toda a ideia de lar e todo o projeto de construir uma pátria ou de viver numa Arcádia. A realidade parece ao Doutor Samuda como uma coleção infinita de fantasmas e de ilusões. As páginas mais eloquentes das *Viriadas*

são talvez as que descrevem o Palácio do Sono. Todas as empresas humanas parecem ter uma loucura inerente, uma fragilidade constitutiva que não pode ser melhorada. A questão do lar, da pátria e da construção na terra de um jardim perfeito não depende de nenhum cânone estético. O que está em causa é de natureza metafísica. O pensamento de Samuda sobre a natureza última da realidade é terrível. Não pode haver segurança última no mundo. Ninguém conseguirá realizar os seus sonhos neste mundo. Cada pessoa e cada coisa do mundo estão a todo o momento a ser consumidas pelo tempo (XIII.3.2). É uma ilusão esperar que o tempo pare de consumir, como um cancro, as esperanças das pessoas: «sempre da vida a duração minora, / Inda que mais no império se avançasse» (V.48.5-6). O Palácio do Sono não representa uma região longínqua e fora deste mundo. O que está em causa é uma alegoria da condição humana. Os guerreiros, pintores e estadistas que povoam a casa de Hipnos somos nós. Os sonhos deles são os sonhos de todas as pessoas. A coleção completa dos sonhos humanos parece constituir um teatro sem fim em que as cenas estão sempre a mudar: «Varia cenas, qual teatro, o mundo. / Tempo, que tudo muda, leis altera» (VI.55.5-6). Num mundo assim, é impossível fundar um lar.

Como se vê, a metafísica das *Viríadas* é para espíritos fortes. Um pensamento exclusivamente racional não pode propor esta visão geral da existência humana no mundo. Samuda, como pessoa conhecedora dos métodos do inquérito científico, e conhecedora, como vítima, dos métodos do inquérito inquisitorial, também ele muito racional, distingue muitas vezes a ciência da sabedoria, como se estivesse a fazer uma reflexão epistemológica sobre os diferentes tipos de conhecimento e o alcance de cada um. A fonte do melhor conhecimento é a ciência. Por várias vezes, o médico e poeta aborda a questão do conhecimento. Avaliando o conhecimento do ponto de vista da sua força e resistência, afirma que «a ciência no sólido fundada / É só digna do nome e de valia» (X.96.3-4). O conhecimento válido é também o que está mais próximo da realidade, e o que menos passa pela opinião das pessoas: «em ciência inda a um bom rio excede a fonte» (VI.36.8).

A opinião das pessoas é relevante, e uma das fragilidades que Samuda se atreve a apontar à ciência, que indubitavelmente amava, é o facto de não fazer desaparecer de modo instantâneo as falsidades. Mesmo que a ciência fosse vasta e sólida, ainda assim a superstição tem espaço para se desenvolver: «inda onde a ciência reluzia / Cega superstição tanto podia» (XII.37.7-8). Esta é uma insinuação subtil porque atinge não apenas a pessoa sem conhecimentos, mas também o douto: «embuste crido sobe a milagroso / E inda que o falso em sábio ouvido o soa / Convence a devoção quanto arrazo» (XII.46.6-8).

É uma pena que não tenha sido desenvolvida e explicada. Seria interessante, por exemplo, saber por que razão a superstição falsa é preferida muitas vezes à verdade científica.

O conhecimento humano poderia culminar na ciência, baseada nas boas fontes e no alicerce mais sólido possível. Samuda acrescenta, contudo, uma imagem do conhecimento humano que amplifica o problema: «somente em perpendicular há verdade, / Porque em reto não se acha falsidade» (V.75.7-8). Esta é uma analogia indubitavelmente estranha. Parece estar em causa uma vida no caminho do reto; se Samuda afirma que aí não há falsidade, pode concluir-se que esse é o caminho correto para a vida humana. Mas abordar perpendicularmente as coisas parece que possibilita que não só se deixe de encontrar falsidades, mas algo mais importante ainda, possibilita a descoberta da verdade. Nos versos de uma oitava não é possível um desenvolvimento amplo desta subtil questão epistemológica. Samuda não explica que faculdades humanas estão envolvidas no conhecimento ‘reto’ ou no conhecimento ‘perpendicular’. Não há qualquer base documental para atribuir à razão uma forma de conhecimento e à intuição a outra. É tentador ver no conhecimento a noventa graus um corte axial do conhecimento que já existe, o sinal de uma faculdade humana diferente da razão, dos sentidos, da memória, da vontade, da fantasia e da intuição. Aqui e ali, Samuda menciona rapidamente algo que poderia ser caracterizado como a forma de conhecer do coração: «troca por compaixão tanta aspereza / Terás génio divino em ser humano; / Vê que na condição benigna e pura / Consiste a mais plausível formosura» (XI.72.5-8). Outra possibilidade é a de ver no acesso perpendicular um golpe de atenção, um ato de consciência, uma antecipação cuidadosa que atenua a desatenção com que habitualmente as pessoas vivem a vida que têm o privilégio de viver: «somos todos, se inatentos, cegos» (III.33.8), ou, ainda, «triunfa do engano o precatado» (XI.48.8).

A interpretação possível desta passagem está, pois, em aberto. Impõe-se reconhecer que *ignoramus et ignorabimus*. Uma conjectura plausível é a de ver na analogia dois modos de aceder à verdade das coisas. Reconhecendo o valor da ciência e do seu caminho reto sem falsidades, Samuda parece aceitar um modo extraordinário de conhecer. Na falta de melhor rótulo, a possibilidade distante de um conhecimento complementar, ou alternativo ao científico, poderá ser denominada sabedoria.

A religião é o assunto que mais revela o pensamento de Samuda e que mais desafios colocou ao seu ideal de sabedoria. Compreende-se porquê. Esta é uma área especialmente sensível para alguém que passou pelas masmorras da Inquisição por razões religiosas. A visão do mundo baseada na racionalidade tem

também uma grande dificuldade em entender a ânsia religiosa que é comum a todos os povos da terra. A coerência das passagens em que este assunto se aborda revela a cuidada ponderação que mereceu. A sabedoria venceu. Veja-se como. São vários os aspetos abordados na que poderia ser denominada a questão teológica das *Viriadas*: a crítica às superstições, as relações do homem com o sobrenatural e a identificação da entidade suprema, a ser possível.

A crítica às superstições e à diversidade de cultos é poderosa e repete-se várias vezes. A lista é longa, mas bastará indicar que, para Samuda, a crença religiosa parece espalhar-se como uma doença, uma curiosa antecipação de futuras interpretações médicas do fenómeno religioso, como o paralelo que Ribeiro Sanches estabelece entre a propagação da tuberculose e a vida conventual na sua *Dissertação sobre as Paixões da Alma* (1753), ou como o materialismo oitocentista de um Bombarda, que chegou a inventar a pseudo-doença psiquiátrica da loucura jesuítica. Canta o aedo londrino, com perspicácia, que a «superstição, que o mundo corre, / Nunca em povo onde nasce fica e morre» (IV.16.7-8). A natureza intrínseca da superstição religiosa é a falsidade: «o torpe vulgo entende por sagrado / Inda ao falso, em mistério disfarçado» (XII.77.7-8). Os diretores de culto e os crentes têm interesses na difusão dos cultos: «do caviloso é capa o reverente, / Finge culto, dá mostras de humildade» (III.23.5-6). Justo é acrescentar, contudo, que a sua obra de engano só é possível devido à natureza do espírito humano, propensa a tomar falsidades como verdadeiras. Samuda reconhece que a devoção, isto é, o sentimento religioso dos crentes, é genuína; a falsidade, a existir, reside no próprio conteúdo da crença, no credo de cada culto: «com devoção, se ao falso, verdadeira» (XII.63.5).

Como pessoa versada no método científico, o *fellow* da Real Sociedade sabe que o sentimento não é verdadeiro nem falso. O conteúdo da crença e o que esta afirma sobre o mundo é que poderão ser eventualmente confrontados: «em tudo fabuloso erra o Pagano, / Porque enganos sucedem sempre a engano» (XII.83.7-8). Indirectamente, é possível ver como o conteúdo da crença religiosa está errado em determinados casos concretos. Por exemplo, as mudanças de nome de uma divindade não significam a mudança da sua essência, o que justifica a denúncia imediata de que «é tão cego o ego religioso / Que em mudança de nome crê mudança» (XII.40.3-4). Também é caricato ofertar presentes aos deuses segundo o alegado valor dos próprios deuses, dando rezes menores a deuses menores (XIII.55.8). As palavras com que os povos designam os deuses e a qualidade das oferendas que lhes dedicam diz mais sobre os próprios homens do que sobre os seres divinos, a existirem.

A grandeza do pensamento do Doutor Samuda deriva do facto de, depois de denunciar as muitas superstições das sociedades antigas, ainda ser

capaz de reconhecer a fome do divino como uma força importantíssima da vida humana. A distinção é clara. As representações do divino podem ser criticadas, mas o desejo de acreditar no divino não pode ser apoucado. Samuda afirma com força, e várias vezes, a importância da procura do «deus desconhecido» (VI.23.8). Por que razão essa procura é importante? A resposta deriva da finitude humana. Diz o Vizinho de Londres que «o humano sem divino é nada» (VI.67.7) e que «mortal, seja escravo, ou com domínio, / Deve a seu Salvador seu patrocínio» (VIII.36.7-8). Seria interessante ver como é que este médico, ou por escrito, ou em conversa com Castro Sarmiento, contornaria o problema de justificar o patrocínio sobrenatural se, de facto, são falsas todas as representações que as sociedades fazem do divino. O problema não reside apenas na quantificação universal: que *todas* sejam falsas. Pode acontecer que algumas sejam verdadeiras, ou até só uma. O problema é este: se todas as representações são falsas, não existe mais nenhuma forma de acesso ao divino para justificar o patrocínio que este dá aos viventes. Não há indicações nas *Viríadas* de que Samuda tenha acreditado em algum culto particular cujas representações do divino possam ser consideradas verdadeiras. Neste poema, o bardo confessa apenas que reconhece a existência de uma entidade divina, mas declina pronunciar-se sobre as suas características: «Conheço Númen, mas quem seja ignoro» (VI.46.8).

Teria sido difícil encontrar concepções do sobrenatural tão próximas quanto as de Samuda e as de Castro Sarmiento. As estâncias com que o amigo do poeta procurou finalizar a epopeia dão conta dos temas principais do pensamento teológico de Samuda. O velho sacerdote que mostra o templo de Hércules a Viriato, um *alter ego* do descobridor da Água de Inglaterra, é perspicaz e reparou que a diversidade aparente dos deuses tem muito que se lhe diga. A lista dos deuses antigos é muito vasta, mas, depois de a ouvir, fica-se com a ideia que todos os povos têm os mesmos deuses, nomeados, é certo, de modo diverso. Do seu ponto de vista, «faz novo deus quem faz nova cidade» (XIII.61.8). Está aqui toda uma teoria sobre o aparecimento dos deuses e uma explicação para a diferença entre panteões. Ao modelo de Samuda da propagação das superstições, claramente influenciado pela Medicina, Castro Sarmiento substitui um modelo mais sociológico.

As religiões não estão todas ao mesmo nível para este velho sacerdote cheio de espírito. A diversidade religiosa não é, pois, horizontal. Castro Sarmiento denuncia o absurdo dos rituais de muitas religiões. Alguns deles parecem ser mais acertados do que outros; o culto que Judá prestou a Molech é para ele, aliás, um exemplo eloquente de uma religião que «envergonhava a natureza» (XIII.68.8). Comentando as práticas dos sacerdotes de um dado culto, afirma

que «creem com modos à razão contrários» (XIII.70.3). Além disso, considera que alguns cultos são de tal forma grotescos que acabam por impedir o acesso à prática religiosa dos seus seguidores: «porque onde há fé tão dura como cega / De humano foge, quem se ao sacro chega» (XIII.89.7-8).

Do lado dos deuses também parece que nem todos têm o mesmo nível. Dirigindo-se a Viriato, o sacerdote gaditano repara no que poderia ser denominado o paradoxo do monoteísmo, como o fará Henry Corbin, o distinto orientalista francês, e surpreende-se com a existência de deuses que ocupam todos os escalões que medeiam entre os seres humanos e a divindade. Este é o contributo mais eloquente de Castro Sarmento para a reflexão teológica das *Viríadas*. A sua surpresa por o ser humano se ter a si próprio colocado tão abaixo dos deuses que inventou expressa-se com indignação: «nota quão baixos nesta série achamos / Aos que sublime culto humildes damos!» (XIII.99.7-8, e também XIII.104.7-8). Esta não é uma surpresa derrotista ou desesperada, mas criativa, porque conduz Viriato a refletir sobre a distância que há entre todos estes deuses e o deus verdadeiro (XIII.106.2). Impressionado por o velho se recusar a falar deste deus que está para além das representações humanas, Viriato agradece-lhe tudo o que disse sobre o que «à mente se mostra, à vista esconde» (XIII.108.3). A distância dos deuses em relação aos homens, e a posição subserviente destes em relação aos primeiros, pode fazer com que se pense que Castro Sarmento descarta como falso tudo o que tenha a ver com a religião. Contudo, tal como havia feito Samuda, Castro Sarmento afirma o patrocínio do divino em relação ao humano, criando, protegendo e regendo o destino de todos os seres humanos, e, a existirem, de outros seres sobrenaturais: «Único excede aos muitos que aclamamos, / De todos causa, a todos nos protege, / Potente assiste e soberano rege!» (XIII.106.6-8). Este é um deus que, sendo desconhecido, se manifesta no auxílio.

O poema épico, e o contributo de Castro Sarmento para ele, termina com um convite de Viriato ao velho sacerdote para que o visite na Lusitânia durante o inverno, a época do ano em que os povos antigos não tinham habitualmente atividades militares. Viriato convida o velho sacerdote para que possam juntos continuar a pensar nessas coisas. Como diz o chefe lusitano, «Faremos reflexões no que disseste» (XIII.108.6). Um convite para o diálogo reflexivo é uma manifestação de sabedoria.

VI

A TRANSMISSÃO MANUSCRITA

Este poema épico nunca foi publicado anteriormente, facto que não deixa de causar surpresa. Esta é a primeira edição deste monumento literário do século XVIII português e europeu. A presente *editio princeps* é feita sobre o manuscrito da colecção Ralph G. Stanton, de Winnipeg, no estado canadiano de Manitoba, agora na Biblioteca Thomas Fisher de Livros Raros da Universidade de Toronto, no Canadá. Não há registos detalhados sobre a história deste manuscrito. O frontispício do manuscrito canadiano (MS 08.021) tem o monograma do Duque de Palmela (1781-1850), com a coroa ducal em cima e as letras do nome num elegante arranjo gráfico em baixo. Desconhece-se quais as razões que terão levado Stanton, um professor de Informática, a adquirir ao longo de quarenta anos uma valiosa coleção de quatro mil manuscritos e livros portugueses raros. É provável, como se verá abaixo, que o manuscrito tenha sido comprado à empresa A. Rosenthal L.td, de Oxford, nos anos de 1960.⁵² Esta empresa estaria na época a comercializar partes da grande coleção da biblioteca do Duque de Palmela. O professor Stanton foi aconselhado por um dos melhores conhecedores de livros antigos do século XX, o Dr. Maurice L. Ettinghausen, da empresa livreira Maggs and Bernard M. Rosenthal Inc. Este grande especialista da história do livro já tinha colaborado com o senhor D. Manuel II durante o seu exílio em Inglaterra, nos anos 20 e 30. A relação entre ambos é relembada com apreço no livro de memórias de Ettinghausen, *Rare Books and Royal Collectors: Memoirs of an Antiquarian Bookseller*, de 1966. O senhor D. Manuel II recorreu a Ettinghausen para o aconselhar na localização e compra dos tesouros da história da edição portuguesa por toda a Europa, como se vê pela correspondência entre os dois, publicada num volume da Fundação da Casa de Bragança com o título *Correspondência de El-Rei D. Manuel II com o Dr. Maurice L. Ettinghausen sobre os 'Livros Antigos Portugueses'*, de 1957. O professor Stanton não poderia ter tido um melhor conselheiro nas suas compras de joias do livro português.

O manuscrito está magnificamente encadernado. A caligrafia é elegante e são muito raros os casos de leitura difícil ou ambígua. O longo poema que

⁵² Richard D. Barnett numa conferência de 1978, depois publicada em artigo em 1982, afirma que a empresa livreira já tinha vendido o manuscrito nessa data, não guardando registo da identidade do comprador, «Dr. Jacob de Castro Sarmiento and Sephardim in Medical Practice in 18th-Century London», p. 98, notas 39 e 40.

consta do manuscrito não está completamente terminado, se bem que sejam em pequeno número as indicações de correções a fazer. Alguns versos estão rasurados e corrigidos, a numeração de algumas estâncias foi alterada, e, dentro de algumas estâncias, a ordem dos versos também foi algumas vezes corrigida. As indicações que alteram o que se pode considerar como uma primeira versão não criam ambiguidade ou dificuldades de leitura; não se sabe, porém, se as pequenas correções que constam do próprio manuscrito são erros de cópia de um hipotético manuscrito original ou se são indicações de trabalho a realizar por Samuda ou por Castro Sarmiento. A beleza da caligrafia, do manuscrito como um todo e da encadernação faz com que ele seja um objeto digno de um rei ou de ser dedicado a um rei, como de facto aconteceu.

Desde Inocêncio que há notícia de um segundo manuscrito que terá pertencido eventualmente ao grande colecionador Francisco de Paula Ferreira da Costa (1788-1859).⁵³ A localização desse segundo manuscrito foi conseguida. Encontra-se no Rare Book Room da biblioteca do Jewish Theological Seminary de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América (MS 3689, SHF 1545:28). As diferenças entre os dois manuscritos dão lições muito preciosas para se conhecer melhor o enigma que tem acompanhado este poema épico da língua portuguesa.

Só se conhecem estes dois manuscritos com o texto das *Viriadas*. O manuscrito autógrafo pertenceu ao Duque de Palmela, tendo entrado posteriormente na posse de uma empresa livreira inglesa, sendo vendido de novo ao Professor Ralph Stanton, passando por legado deste à Universidade de Toronto, em 1988. Neste momento da investigação não há dados para reconstruir o percurso do manuscrito entre a morte de Castro Sarmiento e algum dos vários períodos em que o Duque de Palmela foi embaixador de Portugal em Londres.⁵⁴ Desconhece-se igualmente o percurso do manuscrito entre a venda de livros realizada pela Casa de Palmela e a compra pela empresa livreira A. Rosenthal Ltd, de Oxford.

Richard Barnett testemunha dois pormenores importantes: o primeiro é o de que viu pessoalmente o manuscrito em 1961; o segundo é o de que, como é habitual nos negócios deste tipo, descobriu em contacto particular que a empresa livreira afirma não guardar registos da venda do manuscrito. Não é claro se Barnett viu em 1961 o próprio manuscrito da biblioteca do Duque de Palmela ou se viu uma cópia desse exemplar. É provável que tenha visto o exemplar do Duque de

⁵³ Francisco de Paula Ferreira da Costa, *Memórias de um Miguelista, 1833-1834*. Prefácio, transcrição, atualização ortográfica e notas de João Palma-Ferreira (Lisboa, Presença, 1982).

⁵⁴ O Duque de Palmela (1781-1850) serviu Portugal como embaixador em Londres por diversas ocasiões, nomeadamente em 1812, 1816, 1825 e 1838.

Palmela, e que uma cópia manuscrita já estivesse em Nova Iorque nessa altura.⁵⁵ Como se vê, esta informação é muito lacunar; contudo, é surpreendentemente rica para o padrão habitual da história dos manuscritos de preço muito elevado no mercado de livros raros.

O manuscrito de Toronto parece ter vindo diretamente das mãos de Jacob de Castro Sarmiento. A comparação entre a caligrafia elegante desse manuscrito e a caligrafia do manuscrito *Resposta do Vizinho de Londres*, atualmente na Biblioteca Ets Haim da Universidade de Amsterdão, mostra que, a confirmar-se que Samuda é o autor deste último manuscrito não assinado, o último escritor das *Viriadas* teria sido Castro Sarmiento. Os manuscritos autógrafos de Castro Sarmiento que se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa permitem que se afirme que a mão que escreveu esses dois manuscritos é com grande probabilidade a mão que escreveu a versão do poema que consta no exemplar das *Viriadas* da Universidade de Toronto. A caligrafia dos três manuscritos é elegante e muito semelhante. A assinatura de Samuda que se encontra no seu processo da Inquisição é graficamente muito bonita e algo imaginativa, como se viu acima. Tendo em atenção que se trata apenas de uma assinatura, é difícil compará-la com a escrita da *Resposta do Vizinho* e com a escrita do manuscrito de Toronto.

Na ausência de melhor lição, os dados atuais são os seguintes: Castro Sarmiento terá organizado os apontamentos de Samuda, como consta do frontispício do manuscrito de Toronto; o manuscrito de Amsterdão parece ser uma versão preliminar de um texto de polémica sobre a questão teológica da Trindade e outros dogmas do Cristianismo, um texto que parece não ter recebido o seu título definitivo, pois o que atualmente existe afigura-se ser uma mera descrição feita por um bibliófilo do conteúdo; a caligrafia dos manuscritos de Lisboa de Castro Sarmiento assemelha-se ao manuscrito de Toronto. A conclusão óbvia deste estado do conhecimento atual é a de que não existe o manuscrito autógrafo das *Viriadas* pelo seu autor original, Isaac Samuda. Castro Sarmiento limitou-se com generosidade a organizar o material de Samuda e a acrescentar algumas estâncias para tentar concluir o poema. Poderiam ter sido razões estéticas a motivar estes atos, reconhecendo Castro Sarmiento o valor do poema de Samuda. Poderia tratar-se de um gesto de agradecimento ao colega e amigo médico que o auxiliou à sua chegada à cidade de Londres. Poderia tratar-se de um desafio para as horas vagas. De facto, na falta de documentos, não há qualquer

⁵⁵ As suas palavras são ambíguas devido aos significados que a palavra inglesa 'copy' pode assumir, o de cópia e o de exemplar: «I was fortunate to be shown in 1961 a ms copy of this work, from the Duke of Palmella's library, and found it (if I remember rightly) to be largely a paraphrase of the *Book of Esther*» («Dr Jacob de Castro Sarmiento and Sephardim...», p. 87).

possibilidade de saber o que levou Castro Sarmento a guardar, a organizar, a completar e a ofertar a D. João V o poema de Samuda. É possível que se venha a descobrir no futuro algum apontamento ou missiva particular que permita decidir estes pontos. Com o que se sabe atualmente, o manuscrito de Toronto, não sendo com grande probabilidade um autógrafo de Samuda, mas apenas de Castro Sarmento, é o manuscrito de referência.

O Jewish Theological Seminary of America, de Nova Iorque, tem um manuscrito das *Viriadas* que enriquece a história fascinante do poema de Samuda. Este manuscrito de Nova Iorque é surpreendente por várias razões. As indicações manuscritas à margem do poema são ricas em informação. Observa-se que se trata de uma cópia manuscrita do exemplar do Duque de Palmela que terá sido realizada em 1851. O papel é de pouca qualidade e a tinta de uma página é claramente visível no verso. Esteticamente é também muito inferior ao manuscrito de Toronto, seja na caligrafia, no número de estâncias por página, na disposição gráfica ou na encadernação. Há indicação de um eventual proprietário do período compreendido entre a morte de Castro Sarmento e a compra em Londres pelo Duque de Palmela: ‘Amzalak 1769’. Há aqui um problema. O copista do século XIX apenas copiou o texto da biblioteca do Duque de Palmela, aparentemente para seu uso particular. Este último texto não tem nenhuma indicação sobre Amzalak. É interessante saber como é que esse copista descobriu um proprietário do manuscrito anterior ao Duque de Palmela.

Existe também uma referência a um leilão de livros de Merello, um famoso colecionador lisboeta e grande bibliófilo, realizado em 1898. Numa primeira análise, nada há que permita decidir se esta referência ao leilão de 1898 concerne ao manuscrito de Toronto ou à cópia desse manuscrito feita no século XIX. Contudo, existem indícios que permitem responder a essa questão. O prefácio do catálogo do leilão, assinado por Teófilo Braga, um dos poucos investigadores que conhecia a riqueza extraordinária da colecção de Agostinho Vito Pereira Merello, informa que a colecção de manuscritos e livros de Francisco de Paula Ferreira da Costa foi comprada por Merello. A entrada no catálogo afirma o seguinte: «4-b SAMUDA (Dr. Isac de Sequeira) – Viriadas. Obra póstuma, concluída pelo Dr. Jacob de Castro Sarmento. Lisboa (sem data) – 1 vol., 4º, meia enc. (*Manuscrito*)».⁵⁶ A descrição física do manuscrito e a aquisição da biblioteca de Ferreira da Costa permitem afirmar com segurança que o lote 4-b do capítulo «Catálogo dos Poemas Portugueses e Espanhóis» do Catálogo da Colecção Merello era a cópia realizada no século XIX pouco depois da morte do Duque de Palmela.

⁵⁶ Júlio Roque Pereira Merello, *Catálogo das Obras mais Raras, Valiosas e Estimadas*, p. 281.

O *ex libris* do exemplar de Nova Iorque é do senhor Louis M. Rabinowitz, que o terá ofertado ao Jewish Theological Seminary. Louis M. Rabinowitz (1887-1957) foi um grande empresário, colecionador e filantropo norte-americano, nascido na Lituânia, que financiou generosamente os Estudos Judaicos. Não existem mais documentos conhecidos sobre o percurso destes dois manuscritos.

O interesse do manuscrito de Nova Iorque não termina aqui. O copista, que não se identifica, acrescenta cinco páginas à sua cópia em que descreve a sua tarefa e a sua opinião sobre o poema. Estas cinco páginas são muito interessantes porque cada uma das suas frases revela aspetos pouco óbvios da obra de Samuda. Essas cinco páginas são de facto o relatório do copista. O autor desta cópia manuscrita do poema épico não explica por que razão se deu ao incómodo de realizar essa tarefa. Teria sido por gosto literário e para uso particular? Teria sido uma encomenda de um erudito, de um colecionador ou de um comerciante? Teria sido por preconceito antisemita, procurando indícios da forma de pensar dos autores judaicos? Como se afirmou, fica por responder a questão importante de saber por que razão alguém se dá ao incómodo de copiar à mão um poema épico tão grande. Esta lacuna é amplamente compensada por detalhes sobre o modo como decorreu a tarefa.

O copista confirma que realizou a cópia a partir do exemplar da biblioteca de D. Pedro de Sousa Holstein, 1º Duque de Palmela. Do seu ponto de vista, parece-lhe um autógrafo dos poetas originais, e não distingue entre a caligrafia de Samuda e a de Castro Sarmiento. O copista assevera que o manuscrito foi comprado pelo Duque de Palmela em Londres, se bem que não indique o ano preciso em que isso aconteceu. Este detalhe é precioso porque permite enriquecer o nosso conhecimento sobre o percurso do manuscrito no período que vai da morte de Castro Sarmiento até chegar à posse da empresa livreira e à recomendação que Maurice Ettinghausen terá dado ao Professor Stanton para que o comprasse. Não há nenhuma palavra sobre a estranha proximidade temporal entre a morte do Duque de Palmela, ocorrida a 12 de outubro de 1850, e a operação de cópia do manuscrito em janeiro de 1851. Por que razão a cópia não terá acontecido durante a vida do senhor Duque? Não se sabe, mas a proximidade temporal parece ter um significado interessante.

A operação de cópia é descrita com grande detalhe, o que não deixa de surpreender. Afirma-se que a operação decorreu entre 5 e 16 de janeiro de 1851, ocupando sete a oito horas de trabalho por dia. Este pormenor parece apontar para uma contabilidade de horas, como se o serviço tivesse sido feito por encomenda de alguém a quem se terá de apresentar um preço pelo trabalho realizado. Infelizmente, a informação sobre os dias e as horas de trabalho é dissonante com

outros dados. O copista afirma que, a pedido do seu amigo Manuel Bernardes, emprestou o próprio autógrafo a José Maria da Costa e Silva.⁵⁷ Estes dados são preciosos porque indiciam que alguns dos maiores eruditos portugueses de meados do século XIX tinham interesse pelo manuscrito do Doutor Samuda. O amigo Manuel Bernardes só poderá ser Manuel Bernardes Branco, autor de obras de referência sobre a história das ordens monásticas e sobre a época de D. João V, obras que ainda hoje são apreciadas.⁵⁸ Os temas clássicos da epopeia poderiam ter captado de imediato o seu interesse, em particular o canto III, que aborda a guerra entre Cartagineses e Romanos, e muitas outras passagens sobre a fundação de Roma. Como tradutor de Tito Lívio e autor de um estudo sobre os cinco primeiros livros da *História Romana*, Bernardes Branco teria gostado certamente de ver o tratamento que Samuda deu a esse tema.⁵⁹ É provável que nessa época estivesse a recolher materiais para esses dois livros que viriam a ser publicados alguns anos mais tarde.

A pessoa a quem o manuscrito foi emprestado, Costa e Silva, era um importante autor da época. A sua obra em dez volumes sobre a história da literatura portuguesa, o *Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses*, é uma vasta coleção de biografias de grandes escritores que anuncia as grandes histórias da literatura portuguesa que apareceriam com Teófilo Braga e outros autores da segunda metade do século XIX. Como o copista realizou uma cópia do manuscrito do Duque de Palmela, é digno de nota que não tenha emprestado a sua cópia mas o próprio autógrafo. Ao emprestar o que lhe tinha sido emprestado estaria a cometer, indubitavelmente, uma falta ética. Ao que parece, não foi a primeira vez que emprestou autógrafos a Costa e Silva, que deles necessitaria para a escrita do seu *Ensaio* de que, nessa altura, já tinham sido publicados dois volumes, tendo o terceiro aparecido nesse mesmo ano de 1851,

⁵⁷ José Maria da Costa e Silva (1788-1854) foi um autor prolixo, tradutor, e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. A sua obra mais famosa é a coleção de dez volumes do *Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses* (Lisboa, Editor João Pedro da Costa, na Imprensa Silvana, tomo 1, 1850-tomo 10, 1855). Tinha o pseudónimo literário de Elpino Tagídio.

⁵⁸ Manuel Bernardes Branco (1832-1900) foi um grande erudito que pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa, Classe de Letras. Das suas muitas obras, destacam-se os títulos *A Crucificação entre os Antigos* (Lisboa, Tip. Castro Irmão, 1878), *Portugal e os Estrangeiros*, 3 tomos (Lisboa, Livraria de A. M. Pereira Editor, 1879-1895), *Portugal na Época de D. João V* (Lisboa, Livraria de António Maria Pereira-Editor, 1885) e *História das Ordens Monásticas em Portugal*, 3 tomos (Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso e Irmão, 1888).

⁵⁹ Tito Lívio, *História Romana*, trad. Manuel Bernardes Branco (Porto, António José da Silva, 1861). O estudo é o *Subsidio para Inteligência dos Cinco Primeiros Livros da História Romana de Tito Lívio* (Porto, Cruz Coutinho, 1859).

com grande probabilidade em meses posteriores a fevereiro desse ano.

O empréstimo a Costa e Silva aconteceu entre a data em que terminou a cópia, 16 de janeiro, e 3 de fevereiro. Este tempo parece ter sido suficiente para Costa e Silva se inteirar da natureza do poema e para o integrar no seu *Ensaio*, nomeadamente no capítulo que dedica ao autor de um outro grande poema épico em língua portuguesa, o *Viriato Trágico*, de Brás Garcia Mascarenhas. Costa e Silva nota a apropriação que Samuda e Garcia Mascarenhas fizeram da figura de Osmia, a lusitana que terá cortado a cabeça a um oficial romano depois de este a ter desonrado. Para Costa e Silva, o nome da donzela Ormia das *Viriadas* teria derivado do nome de Osmia, se bem que nada diga sobre a diferença entre uma lenda violenta que envolve uma violação e uma decapitação e o relato simpático e amoroso de Samuda. Para o biógrafo literário, «esta Lucrecia lusitana, modelada pela romana, e quanto a mim tão fabulosa como aquela, tem no *Viriato Trágico* o nome de Ormia, assim como no poema das *Viriatas* do Doutor Samuda, em vez do de Osmia, sem que se saiba o motivo, ou razões, em que se funda esta mudança de nome» (*Ensaio*, VII, 193). É digno de registo a grafia do título do poema. ‘Viriatas’ parece indicar que Costa e Silva terá lido na diagonal o poema em cópia manuscrita. A propósito do nome da donzela romana, Costa e Silva nada diz também sobre a peça de teatro *Osmia*, de Teresa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro, nem aborda a pequena polémica em torno da autoria desta peça de teatro, preferindo alguns autores tomar Dona Catarina, Viscondessa de Balsemão, como autora da mesma (Inocência, VI, 329).⁶⁰ Do mesmo modo, Costa e Silva parece desconhecer que o Plutarco português, Francisco Soares Toscano, dedicou uma das suas vidas paralelas a Lucrecia e a Ormia, nos seus *Paralelos de Príncipes e Varões Ilustres Antigos*.⁶¹

O copista alude a uma outra razão que terá justificado o interesse de Costa e Silva pelo poema do Doutor Samuda. O historiador da literatura colaborou com António Maria do Couto, um professor lisboeta de grego, na tradução da *Iliada* de Homero, de que apareceu apenas o primeiro canto.⁶² Costa

⁶⁰ Theresa de Mello Breyner, *Osmia, Tragedia de Assumpto Portuguez em Cinco Atos coroadada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 13 de maio de 1788*, 3ª edição (Lisboa, na Typografia da mesma Academia, 1835).

⁶¹ Francisco Soares Toscano, *Paralelos de Príncipes e Varões Ilustres Antigos a quem muitos da nossa Nação Portuguesa se assemelharam em suas obras, ditos e feitos* (Lisboa Ocidental, na Oficina Ferreiriana, 1733, 2ª ed. [Évora, por Manoel Carvalho, 1623]), pp. 389-390.

⁶² António Maria do Couto (1778-1843) foi Professor Régio da Língua Grega no Real Estabelecimento das Aulas Públicas do Bairro de Belém, e é autor de uma tradução da *Batrachomyomachia, ou A Guerra dos Ratos e das Rãs, Poemeto Herói-Cómico* (Lisboa, na Tip. de R. D. Costa, 1835), e parece

e Silva tinha, pois, uma curiosidade natural pelo mundo clássico e pela poesia épica, para além da literatura portuguesa. O copista atreve-se a opinar sobre a questão de Costa e Silva mencionar ou não no seu *Ensaio* a sua atividade de tradutor de poesia épica clássica, dando a entender que o historiador da literatura estaria nessa época especialmente predisposto a esse tipo de trabalhos porque «já não existe o triste flagelo seu, e de outros, J. A. de Macedo».⁶³ Este é um indício de que não se trata de um mero profissional de cópia de textos que desconhecia o mundo literário português e alguns dos seus protagonistas.

A curiosidade de Costa e Silva tê-lo-á levado a pedir emprestado o manuscrito do poema. Nada há de surpreendente nisto. O que é surpreendente, e chocante, é a acusação que lhe faz o copista. Afirma este que reparou que dois versos do canto XI, estância 6, foram acrescentados durante o tempo em que Costa e Silva teve o manuscrito na sua posse, nomeadamente os versos «Que ele sôfrego aspira satisfeito, / E nova vida lhe introduz no peito». A ser verdadeira, esta é uma acusação muito grave. Seria possível ter uma noção sobre a veracidade desta acusação através de uma análise à tinta desses dois versos. A diferença das características químicas entre a tinta do manuscrito e a desses dois versos poderia talvez indicar épocas diferentes. Como se compreende, essa diligência seria excessiva para o que está em causa, podendo danificar os manuscritos. A análise caligráfica parece apontar, de facto, para uma ligeira diferença desses dois versos em relação à caligrafia do resto do poema. A escrita dos dois versos parece mais compactada que a caligrafia larga do poema. É verdade que só se repara neste detalhe quando se está de sobreaviso. A diferença entre os estilos de escrita não é, pois, tão grande que se torne conspícua. Seja como for, o manuscrito de Nova Iorque não regista esses dois versos. A ser

ter colaborado numa tradução da *Iliada* de Homero com José Maria da Costa e Silva, da qual apenas se publicou o Canto I, a que se faz referência no texto (Lisboa, na Impressão Régia, 1811).

⁶³ José Agostinho de Macedo (1761-1831) foi um escritor que se dedicou a muitos géneros literários e que esteve no centro de muitas polémicas da sua época. A referência que se faz no texto à veia cáustica do Padre José Agostinho é justificada pela sua vida literária e política. É digno de nota, porém, que o termo 'flagelo' não parece ter sido usado com propriedade no caso em apreço porque a edição da tradução portuguesa do primeiro canto da *Iliada*, de 1811, é precedida de um «Parecer que deu o Padre José Agostinho de Macedo sobre o Merecimento de Homero». O tom deste parecer é elogioso, sublinhando as qualidades do tradutor, Costa e Silva, e o grande serviço que ele prestara às letras lusas. Com rara honestidade, o Padre José Agostinho confessa que não pode avaliar a qualidade da tradução do grego por desconhecer essa língua: «eu não entendo grego, nem uma palavra só desta língua me é conhecida, entendo pessimamente francês, mediocremente italiano, e perfeitissimamente latim» (p. 5). Apesar do tom do parecer, a relação entre os dois deveria ter conhecido muitos atritos porque em 1851, vinte anos depois da morte do Padre, Costa e Silva afirma no terceiro tomo do *Ensaio* que «José Agostinho foi um infame caluniador» (p. 255).

verdadeira a relação que o copista faz no final do seu trabalho de cópia, esses dois versos terão sido acrescentados por Costa e Silva.

O copista faz também observações sobre o conteúdo do poema. Estas observações têm alcance diverso. Em primeiro lugar, o copista nota aspetos óbvios do poema, nomeadamente a falta de alguns versos e os erros na numeração sequencial das estâncias. O registo dos versos em falta que terá feito para seu uso particular é o seguinte: ao Canto VI faltam versos nas estâncias 24 e 39; ao Canto XI faltam versos às estâncias 6, 59, 81 e 83. Os erros de numeração são exemplificados com a falta das estâncias 35 no Canto VII e no Canto VIII. Como o copista registou estas faltas, é provável que se tenha apercebido do que se passou com a estância 6 do Canto XI. Como ele emprestou o que lhe tinha sido emprestado, o que eticamente não deveria ter acontecido, tornou-se corresponsável por esse acréscimo delituoso. Será esta a razão que o teria levado a denunciar o facto nesta crónica manuscrita que acompanha a sua cópia? Teria sido uma animosidade pessoal contra Costa e Silva? Teria sido uma tentativa de diminuir o valor do poema, lançando a dúvida sobre a autenticidade de alguns dos seus versos? Nada se pode afirmar a este respeito sem mais dados documentais. Há aqui um problema fascinante. A operação de cópia acaba por danificar a credibilidade do manuscrito original. Uma cópia só se realiza se há interesse da parte de alguém; o pedido de empréstimo também só acontece se há interesse de alguém. Tudo deveria ter acontecido de forma satisfatória. A suspeita que é lançada sobre a honorabilidade de Costa e Silva acaba por prejudicar o próprio autógrafa. É verdade que isso acontece a propósito de dois versos; seja como for, a integridade do manuscrito foi comprometida em dois versos pelo menos.

Um problema mais complicado é o da indicação que o copista faz dos versos em falta. Como se viu acima, o copista afirma que faltam versos na estância 39 do Canto VI. A sua cópia, em conformidade com esta afirmação, não tem o último verso da oitava, «Tinha a razão a pintar a liberdade», terminando no verso sétimo, «Filho do pensamento e da vontade». Como interpretar esta situação? O verso VI.39.8 também foi acrescentado por Costa e Silva? Teria sido acrescentado pelo próprio copista? Tratar-se-á de uma distração do copista, isto é, o verso está no manuscrito de Toronto mas o copista não o viu? Afinal, o copista é humano e pode enganar-se. A sua cópia do verso XI.83.6 trocou a última palavra do verso: onde coloca 'constante' deveria colocar 'possante'. Como 'constante' é a última palavra de XI.83.4, vê-se claramente que se trata de um erro de simpatia que é habitual em processos desta natureza. São muitas, por conseguinte, as questões sem resposta. Uma análise superficial da caligrafia desse verso parece apontar para uma escrita ligeiramente mais compactada do que a dos outros versos da oitava,

característica comum aos dois versos que alegadamente teriam sido acrescentados por Costa e Silva.

Algumas observações de natureza formal apontam para o pensamento do copista sobre o poema épico. Qualquer leitor das *Viríadas* tem de se perguntar sobre o tamanho do poema que estaria inicialmente na mente de Samuda. A estimativa do copista é a de que os doze cantos e meio (ao Canto XIII há que descontar as estâncias de Castro Sarmento) parecem ser menos de um terço do que poderia vir a ser quando terminado. Depois de várias estimativas, acaba por descrever a situação como a de um ‘meio poema’. Esta estimativa é um indício do que o copista pensa sobre o conteúdo. Há aqui muitas surpresas. O tom geral é o de uma crítica terrível e brejeira sobre as qualidades do poema. Este tom é dissonante com a manifestação de interesse que a operação de cópia manifesta. Talvez se possa inferir daqui que o trabalho tenha sido encomendado por alguém da comunidade hebraica de Lisboa, por um colecionador ou por um alfarrabista.

O pensamento do copista sobre o poema é pautado por observações antissemitas desagradáveis. Para o copista, o poema tem uma parte histórica imperfeita, o desenvolvimento dos assuntos está por terminar, há uma abundância exagerada de referências mitológicas, o tamanho dos cantos é muito desigual, a integração de assuntos científicos é sinal de uma mania sem sentido. A crítica mais demolidora é a da falta de harmonia nos conteúdos dos cantos, uma falta de tal modo grande que não pode ser compensada pela imaginação do leitor. O copista concede que algumas imperfeições poderiam ser melhoradas, se bem que, do seu ponto de vista, as alterações já efetivamente feitas no manuscrito não indiquem que esse processo viesse a ser continuado ou que poderia melhorar o texto de que atualmente dispomos.

As observações sobre a raça judaica dos autores são acompanhadas por interpretações tendenciosas e brejeiras de alguns versos, interpretações sem qualquer fundamento se se tiver em atenção a sequência narrativa em que se inserem os versos.

A repugnância do copista pelo poema é tão grande que ele próprio oferece três estâncias obscenas que ridicularizam o poema. Mais uma vez, há que responder à questão do sentido. Se o copista não gosta do poema, por que razão se deu ao incómodo de o copiar em tantos dias de trabalho? Se não se revê nos conteúdos e os interpreta mal, por que razão macaqueia de modo obsceno as estâncias? Estas contradições e ambiguidades poderão ser consideradas como sinais de uma relação de amor e ódio pelo poema. Amor devido à vastidão do seu escopo e à facilidade de improvisação e de construção de rimas que nele vê. Ódio, talvez, devido à raça e à religião dos seus autores.

É muito provável que nunca se venha a deslindar o sentido destas cinco páginas surpreendentes de um copista que, na sua ausência, teria passado despercebido. A lição a retirar parece resumir-se ao facto elementar de existir em Lisboa, em meados do século XIX, um grupo de pessoas que se interessou pelo poema épico do Doutor Samuda. Para além da história dos empréstimos do manuscrito, o copista afirma que fez indagações sobre o poema, querendo saber, por exemplo, se ele teria continuidade para além dos treze cantos conhecidos. Indagações junto de quem? Quando menciona a facilidade de construção de rimas e de improvisado que o poema revela, censurando esse sucesso e atribuindo-o maldosamente à disponibilidade de dicionários de rimas no século XVIII, o copista confessa que já ouviu desculpar os judeus em questão. Os que desculparam teriam que ter conhecimento de causa, obviamente. Temos, pois, aqui um grupo muito interessante de pessoas com conhecimento do poema: o copista, Costa e Silva, Manuel Bernardes Branco, a pessoa que geria a biblioteca do falecido Duque de Palmela, as pessoas junto de quem o copista fez indagações e as pessoas que desculparam os autores médicos das alegadas faltas de facilidade em rimar e em improvisar. Esta meia dúzia de pessoas interessadas nas *Viriadas* e conhecedoras do assunto numa época tão recuada, anterior ao movimento das grandes histórias da literatura portuguesa, é a maior surpresa que o manuscrito de Nova Iorque nos oferece.

A questão da identidade do copista talvez nunca venha a ser deslindada. Terá sido algum colecionador da craveira de um Francisco de Paula Ferreira da Costa, de um Inocêncio ou de um Merello? Terá sido a consciência atormentada do próprio Costa e Silva? Terá sido um copista profissional que se lembrou de fazer umas observações no final da encomenda que terá recebido? Não sabemos, e talvez nunca venhamos a saber. A confiar na indicação de Inocêncio de que um manuscrito das *Viriadas* se encontrava na biblioteca de Ferreira da Costa, é muito provável que o copista estivesse a trabalhar para este colecionador, seja por encomenda direta dele, seja com a intenção de lhe vender a cópia. Com a morte do erudito miguelista amante de livros e manuscritos no último dia de dezembro de 1859, a biblioteca do melhor amigo de José Agostinho de Macedo foi vendida ao desbarato e acabou por se dispersar, acabando por partes importantes dela terem sido compradas por Merello, como se viu acima. A ironia desta história é a de que, como informa Teófilo Braga, a biblioteca de Costa e Silva também foi comprada por Merello.

O percurso aventuroso desta cópia oitocentista é, pois, relativamente claro. O manuscrito do Duque de Palmela foi copiado e foi emprestado a Costa e Silva que poderá ter feito ou não uma outra cópia. Descartando a

hipótese de uma segunda cópia, de que não há qualquer indício, sabe-se que as coleções de Ferreira da Costa e de Costa e Silva acabaram por ser compradas por Merello. Este corretor da bolsa de origem italiana teve o seu momento de glória financeira, podendo alimentar uma paixão por livros que terá começado em 1844. Teófilo Braga relata que uma das tragédias da vida do bibliófilo financeiro foi a de não dar pelos furtos domésticos dos seus próprios criados, «desaparecendo-lhe assim uma boa parte da coleção impagável dos livros dos Judeus Portugueses». ⁶⁴ Não se sabe se Merello também terá comprado o próprio manuscrito do Duque de Palmela, ficando assim com os únicos exemplares do poema. Desconhece-se igualmente se, de entre os livros furtados se incluía algum manuscrito de Samuda ou algum exemplar do raro *Sermão Fúnebre*. O certo é que uma cópia passou a ter um interesse que, de outro modo, não teria pela sua própria natureza. O mínimo que se pode dizer sobre este conjunto de cinco páginas finais do manuscrito de Nova Iorque é que se trata de um documento feliz.

⁶⁴ Júlio Roque Pereira Merello, *Catálogo das Obras mais Raras, Valiosas e Estimadas*, p. VI.

VII

NÓTULA SOBRE OS CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

O objetivo da presente edição crítica é o de fixar o texto do poema épico. Para a sua realização confrontaram-se os dois manuscritos conhecidos. Como o manuscrito de Nova Iorque (**Ny**) é acompanhado de um cólofon muito informativo do copista do século XIX, considera-se que apenas o manuscrito de Toronto (**T**) pode ser considerado como tendo sido escrito pelos autores. Na falta de apoio documental, tudo indica que a responsabilidade final de **T** é de Castro Sarmento. A caligrafia de **T** é conspicuamente diferente da do manuscrito holandês do Vizinho de Londres, atribuído a Samuda, e ligeiramente diferente da dos manuscritos de Samuda à guarda da Royal Society of London. Não é relevante comparar a caligrafia de **T** com a assinatura de Samuda que está no seu processo da Inquisição de Lisboa. A escrita limita-se à assinatura e é necessário tomar em consideração a passagem pela tortura. Também não é relevante comparar com a caligrafia do manuscrito romano da *Fábula de Píramo e de Tisbe*, atribuída a um tal de Rodrigo da Veiga. (Não é de afastar a hipótese, contudo, que as *Poesias Diversas* sejam um caderno de apontamentos literários de Samuda. O nome que ostentam poderá ser ficcional. Além disso, há semelhanças pontuais entre a caligrafia do manuscrito e a assinatura do poeta.) Tendo isto presente, considera-se **T** como mais importante do que **Ny**. Contudo, o cólofon lança dúvidas sobre alguns versos de **T**, o que faz com que a sua lição seja muito relevante.

O objetivo principal de uma edição crítica – fixação do texto segundo os manuscritos existentes – foi alargado de modo a permitir uma leitura agradável por parte de leitores do século XXI. Como se trata também de uma *editio princeps*, julgou-se acertado oferecer um texto que respeite a intenção de Samuda e que seja acessível a leitores que não dominem a cultura clássica. Em conformidade com isto, a ortografia foi atualizada segundo o mais recente Acordo Ortográfico, de 1990. As notas ao texto e as notas complementares registam a ortografia de **T**, de **Ny** e, em alguns casos, as principais variações da grafia dos termos comuns e dos termos próprios.

A pontuação foi totalmente reformulada. Não se seguiram as lições de **T** e de **Ny** a este respeito. O discurso direto foi indicado por aspas, o que não consta de nenhum dos manuscritos, e as expressões enfáticas foram ocasionalmente apartadas por travessões de modo a que tivessem destaque.

A acentuação é fundamental na métrica da poesia épica. O número

elevado de termos novos que Samuda introduz na língua diretamente do grego e do latim e as referências incontáveis a figuras pouco conhecidas da história antiga e dos panteões mediterrânicos faz com que a acentuação se pudesse tornar mais um obstáculo à compreensão. Tomou-se, por conseguinte, a decisão difícil de só alterar a acentuação dos termos quando interfere diretamente com a rima (e.g. «Titânia zomba, citaredo chato, / Como os debuxa o filho de Euristrato», V.70.7-8).

A onomástica foi atualizada ortograficamente mas não foi alterado o espírito das opções de Samuda. Por exemplo, o seu Phantasos foi atualizado para Fântasos, mas a forma Fântaso, que se considera a mais correta hodiernamente, surge nas notas complementares e no Índice Onomástico. A Sphinges foi grafada Sfinges mas observou-se o uso corrente de Esfinge. Seguiu-se a lição dos *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos* de Maria Helena Ureña Prieto, João Ureña Prieto e Abel do Nascimento Pena sempre que não alterasse significativamente T. O muito útil *Vocabulário da Língua Portuguesa*, de Rebelo Gonçalves, foi também tomado como referência. A grafia original é quase sempre indicada nas notas complementares; apenas nos casos de figuras muito conhecidas é que se não indica a lição dos manuscritos (e.g. Apolo, Ninfas). Corrigiram-se as gralhas evidentes e notaram-se as dissonâncias entre T e Ny. Samuda aportuguesou alguns nomes (e.g. Torricélio) mas manteve-se próximo da grafia grega e latina em muitos outros (e.g. Eurysthenes para Eurístenes, Scipiam para Cipião).

Nenhum editor pode ter a certeza absoluta de ter compreendido a intenção do autor. Pensando em termos lógico-modais, é possível que o autor tenha um significado secreto para cada grafia que elege. A escolha da grafia mostra o génio do poeta. A ortografia d'*As Viriadas* é esteticamente tão criativa quanto a assinatura misteriosa do processo da Inquisição e dos manuscritos da Royal Society. Não é de descartar em absoluto a hipótese remota de que Samuda, tendo vivido num mundo em que a Cabala era amplamente respeitada, tivesse uma aritmosofia associada à grafia dos nomes. Não há nenhuma indicação disso, de facto; pelo contrário, todo o seu pensamento é claramente iluminista. O seu racionalismo e o seu amor pela ciência moderna atravessam todo o poema, desde o verso da primeira estrofe em que afirma, de modo surpreendente para o cânone épico, que não precisa de Musa («Me impele o génio que sem Musa cante», I.1.8), ao contrário do que fez na *Fábula de Píramo e de Tisbe* (agora «Musas minhas vos invoca / quem não tem de Aganipe inda gostado» (1.8.1-2). Contudo, esta e outras hipóteses hermenêuticas deverão estar no espírito como medida de prudência. É necessário contrariar a tentação de melhorar o poema debaixo da justificação de que se está unicamente a atualizar a ortografia. O cólofon do copista do século XIX indica casos em que alguns leitores

oitocentistas procuraram ‘melhorar’ ilegitimamente o manuscrito do Duque de Palmela e a sua própria cópia revela, aqui e ali, que sucumbiu à tentação de atualizar e melhorar (e.g. a grafia de ‘dous’ foi muitas vezes substituída por ‘dois’). Procurou-se, por conseguinte, um equilíbrio entre a lição científica contemporânea e o respeito pelas opções do autor (qualquer que tenha sido a justificação para as mesmas). Uma edição crítica não é um acórdão judicial e o autor original não está em juízo; pelo contrário, qualquer edição crítica deverá ser um trabalho científico neutro.

Entendeu-se por bem incluir no Índice de Assuntos Seleccionados uma entrada para os termos novos que Samuda introduz na língua e para os termos que, tendo sido alguma vez dicionarizados (por exemplo, nos dicionários do século XVIII ou do século XIX), são hoje de utilização muito rara. Estes termos são uma das maiores riquezas d’*As Viriadas*. A língua portuguesa vê a sua capacidade expressiva ser significativamente alargada. Um leitor desprevenido poderá não reconhecer de todo esses termos da sua própria língua, e muito menos reconhecer as palavras criadas por via erudita. Mais uma vez, seguiu-se a regra de procurar ser fiel a **T** e a **Ny**. Esta não foi evidentemente uma tarefa fácil. Alguns desses termos foram dicionarizados muito tempo depois da obra de Samuda (e.g. bárbito, clâmide, libame, simposiarca, sissícia); nestes casos, manteve-se a grafia original (bárbiton, clâmis, libamen, simposiarco, sissítia). Reconhecem-se muitas palavras de origem grega (e.g. stádion para estádio); contudo, Samuda fez uma transposição direta do grego em muitos termos sobre atividades e objetos que são hoje conhecidos por outras palavras. São muitos os casos. Veja-se, por exemplo, a família de palavras ligada às modalidades olímpicas: discos para o lançamento do disco, e não para o plural de ‘disco’; pale ortia para a luta; dromos para a corrida; pigmicê para o boxe; ripsis para o lançamento do dardo; e toksikê para o arco; etc.

Olhando para o conjunto de termos novos que o génio logotético de Samuda introduziu na língua portuguesa, é possível verificar que não seguiu uma regra determinada. Algumas vezes faz a transposição a partir do nominativo (e.g. diaulos, dromos); outras vezes recorre ao tema do genitivo (e.g. falaride, gobites). É possível identificar ainda outros modos de transposição (e.g. em vez de pilos, as lanças dos legionários romanos, forma a palavra portuguesa a partir do plural neutro do *pilum* latino). Por vezes, Samuda recorre a epênteses, isto é, acrescenta ou inclui uma letra ou sílaba, sem valor determinado, no meio de uma palavra. Veja-se a introdução de consoantes (e.g. culsitra por culcita) e de vogais (e.g. itiafálico por itifálico). Além disso, altera por razões fonéticas algumas letras da palavra original: forma, por exemplo, ‘Brachionistes’ a partir de *brakhionistêr*.

A métrica obrigou o médico e poeta a realizar a contração de algumas palavras. Samuda não recorre, contudo, ao apóstrofo. Tomou-se a decisão de recorrer ao apóstrofo não apenas no caso de vogais suprimidas mas também no caso das consoantes (e.g. c'os para com os, c'roa para coroa, de' scopo para de escopo, simple' stádio para simples estádio).

As notas ao texto e as notas complementares têm o objetivo de tornar o poema épico transparente ao intérprete. Todavia, este objetivo não se realizou totalmente porque mesmo a mera fixação do texto exige uma atividade de interpretação. *As Viriadas* são ricas em referências enigmáticas de termos comuns e de termos próprios. O melhor que se conseguiu fazer a este respeito foi apresentar conjecturas justificadas das lições possíveis. Pense-se nas referências a Athon, a Chrisopsales, a Cileu, a geretas, a Othros ou a Scythes. É proposta uma determinada interpretação a respeito de cada uma destas palavras e são elencadas outras leituras possíveis.

Concluindo, esta não é uma edição popular nem de divulgação. Sendo uma edição crítica e uma *editio princeps*, claramente destinada a um público académico, aspira, contudo, a contribuir para que a obra extraordinária de Samuda seja conhecida e amada. Só o tempo dirá se este objetivo foi alcançado.

VIII

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

I. Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Processos da Inquisição de Lisboa, PT-TT-TSO/IL/28/2784; PT-TT-TSO/IL/28/25; PT-TT-TSO/IL/28/1390; PT-TT-TSO/IL/28/1830; PT-TT-TSO/IL/28/2792; PT-TT-TSO/IL/28/7178; PT-TT-TSO/IL/28/7733; PT-TT-TSO/IL/28/8247; PT-TT-TSO/IL/28/8337; e PT-TT-TSO/IL/28/25.

Biblioteca Angelica di Roma

Poezias diversas feitas por diversos autores, Ms. 416.Ms.

Biblioteca Nacional de Portugal

Chronologia Newtoniana Epitomizada, Ms. F.R. 1417.

Nova Descrição do Globo, Ms. F.R. 1022.

Ets Haim Bibliotheek Livraria Montezinos, de Amsterdão

Resposta do Dr Sequeira Vezino de Londres ao Livro Ititulado Dialogos Theologicos, que compôs hum Author Anonimo, Cristão, para reduzir aos Judeos ao Cristianismo, Ms. Portugees Israelitisch Seminarium Ets Haim 49 B 16 f 38706.

Jewish Theological Seminar of New York

Viriades, MS 3689, SHF 1545: 28.

Royal Society of London

Processo do Fellow Isaac de Sequeira Samuda, docs. CI.P/5/34, CI.P/15i/73, EL/C2/61, EL/C2/62, EL/C2/83, EL/C2/84, RBO/12/23, RBO/12/36, RBO/13/35, RBO/14/118.

Processo do Fellow Jacob de Castro Sarmiento, docs. EL/C3/4, IM/000754, MM/4/58, RBO/15/58, RBO/16/3.

Manuscripts Department & Institute of Microfilmed Hebrew Manuscripts, The National Library of Israel, Jerusalém

Resposta do Dr Sequeira Vezino de Londres ao Livro Ititulado Dialogos Theologicos, que compôs hum Author Anonimo, Cristão, para reduzir aos Judeos ao Cristianismo, Ms. 49B16.

Viriades, Ms. 3689 F 29494.

The Thomas Fisher Rare Book Library at the University of Toronto

Viriades, Ms. MSS 05074.

II. Fontes Impressas

LAGUNA, Daniel Israel López de, *Espejo fiel de vidas que contiene los psalmos de David en verso, Obra devota, Util e Deleitable compuesta por...* Londres, 5480.

SAMUDA, Dr. Ishac de Sequeyra, *Sermam Funebre para as Exequias dos Trinta Dias, do Insigne, Eminente, e Pio Hahan e Doutor, R. David Netto*. Londres, 5488 (Crm), 1724 (Chr).

SAMUDA, Simon Lopes, *Coronam physicam novem gemmis splendide imbutam, praeside R.P. ac S.M. Iosepho de Almeйда Societatis Iesu, propugnabit Simon Lopes Samuda In Aula Regali Artium Collegij Conimbricensis. Integra die 1 Martij Quaestio Problematica: Vtrum Detur forma Corporeitatis? Negativè. Conimbricae Superiorum Gratià. Apud Ioannem Antunes Anno Domini 1697.*

SARMENTO, Jacob de Castro, *Sermam Funebre as Deploraveis Memorias do muy Reverendo, e Doutissimo Haham Asalem Morenu, A.R. David Netto; Insigne Theologo, Eminente Pregador, e Cabeça da Illustre Congrega de Sahar Hassamaym, Composto pello Doutor...* Em Londres, Anno 5488.

III. Obras de Referência

COSTA, Manuel Freitas e, *Dicionário de Termos Médicos*. Porto: Porto Editora, 2005.

GONÇALVES, F. Rebelo, *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

GRANT, Michael, e HAZEL, John, *Who's Who in Classical Mythology*. New York: Routledge, 2002.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Lisboa: Difel, 1992.

KAYSERLING, Meyer, *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica. Dictionnaire bibliographique des auteurs juifs, de leur ouvrages espagnols et portugais et des oeuvres sur et contre les Juifs et le Judaïsme*. Strasbourg: Charles J. Trubner, 1890.

KESSLER, Edward, e WENBON, Neil, eds., *A Dictionary of Jewish-Christians Relations*. New York: Cambridge University Press, 2005.

MATOS, Ricardo Pinto de, *Manual Bibliográfico Português de Livros Raros, Clássicos e Curiosos*. Pref. Camilo Castelo Branco. Porto: Livraria Portuense, 1878.

MUCZNIK, Lúcia; TAVIM, José Alberto da Silva; e MUCZNIK, Esther, *Dicionário do Judaísmo Português*. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

NEUSNER, Jacob; AVERY-PECK, Alan J.; e GREEN, William Scott, eds., *The Encyclopaedia of Judaism*, 2ª ed. 4 Vols. Leiden: Brill Academic Publishers, 2005.

PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña; PRIETO, João Maria de Teves Costa Ureña; e PENA, Abel do Nascimento, Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

ROTH, Cecil, *Magna Bibliotheca Anglo-Judaica: A Bibliographical Guide to Anglo-Jewish History*. London: Jewish Historical Society of England, 1937.

RUBINSTEIN, William D.; JOLLES, Michael; e RUBINSTEIN, Hilary L., eds., *The Palgrave Dictionary of Anglo-Jewish History*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

SINGER, Isidore, ed., *The Jewish Encyclopedia: A Descriptive Record of the History, Religion, Literature, and Customs of the Jewish People from the Earliest Times*. Vol. XI, *Samson-Talmid Hakam*. New York: Funk & Wagnalls Co., 1905.

SKOLNIK, Fred, e BERENBAUM, Michael, eds., *Encyclopaedia Judaica*, 2ª ed. 22 vols. Farmington Hills MI: Thomson Gale/Macmillan Reference USA. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd., 2007.

IV. Estudos

Castro Sarmento

ANDRADE, António Júlio de, e GUIMARÃES, Maria Fernanda, *Jacob de Castro Sarmento*. Lisboa: Nova Vega, 2010.

D'ESAGUY, Augusto, *Jacob de Castro Sarmento: Notas Relativas à sua Vida e à sua Obra*. Lisboa: Ática, 1946.

D'ESAGUY, Augusto, «Une lettre de Manuel Teles da Silva, Marquis d'Alegrete, secrétaire de l'Académie Royal portugaise, à Jacob de Castro Sarmento, médecin et membre du collège royal de Londres», *Revue d'histoire de la médecine hébraïque*, 36 (juillet 1957), pp. 71-76. (Reimpr. in Gad Freudenthal e Samuel S. Kottek, eds., *Mélanges d'histoire de la médecine hébraïque*, Leiden, Brill, 2003, pp. 237-242.)

DIAS, José Pedro Sousa, «Jacob de Castro Sarmento», in Clara Pinto Correia, coord., *Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde, Opuscula Officinaria*, 1 (2005), pp. 55-80.

DIAS, José Pedro Sousa, «Jacob de Castro Sarmento e a sua fuga para Londres em 1721», *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 5 (2005), pp. 53-61.

GOLDISH, Matt, «Newtonian, *Converso*, and Deist: The Lives of Jacob (Henrique) de Castro Sarmento», *Science in Context*, 10: 4 (1997), pp. 651-675.

SAMUEL, Edgar, «Dr. Meyer Schomberg's Attack on the Jews of London, 1746», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, XX (1964), pp. 83-100.

Estudos Clássicos

- ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*. 3ª Ed. Lisboa: Verbo, 1983.
- APIANO, *História das Guerras da Ibéria*. Intr. António de Sousa Araújo; trad. José Cardoso. Braga: Sep. de *Itinerarium – Revista Quadrimestral de Cultura*, 37: 139 (1991), pp. 3-122.
- AVIENO, *Orla Marítima*. Trad. José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1992.
- BAËNA, Miguel Sanches de, «O Armamento dos Lusitanos nas Campanhas de Viriato», in António Ramos dos Santos e José Varandas, coord., *A Guerra na Antiguidade II*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006, pp. 207-238.
- BUXTON, Richard, *Forms of Astonishment. Greek Myths of Metamorphosis*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CARDOSO, José, *A Geografia da Ibéria segundo Estrabão*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1994.
- GORGES, Jean-Gérard; D'ENCARNAÇÃO, José; NOGALES BASARRATE, Trinidad; e CARVALHO, António, eds., *Lusitânia Romana: Entre o Mito e a Realidade. Atas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2009.
- GORGES, J.-L., e NOGALES BASARRATE, T., eds., *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana. IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Junta de Extremadura, 2000.
- MENDES CORREA, A. A., *Os Povos Primitivos da Lusitânia (Geografia, Arqueologia, Antropologia)*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, 1924.
- OVÍDIO, *Metamorfoses*. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.
- RESENDE, André de, *As Antiguidades da Lusitânia*. (Portugaliae Monumenta Neolatina, III.) Trad. R. M. Rosado Fernandes. Estabelecimento do texto latino Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- RICHARDSON, J. S., *Hispaniae: Spain and the Development of Roman Imperialism, 218-82 BC*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- RODRIGUES, Adriano Vasco, *Os Lusitanos. Mito e Realidade*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1998.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel, *Historia Antigua de España*. I, *Iberia Prerromana, Hispania Republicana y Alto Imperial*. Madrid: Universidad de Educación a Distancia, 2001.
- SILVA, Pedro, *História dos Lusitanos*. Lisboa: Prefácio, 2006.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*, Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.

Estudos Judaicos

- ARAÚJO, Joaquim de, *Os Judeus Portugueses: Notas de Bibliografia*. Famacião: Tipografia Minerva, 1901.
- BARNETT, Richard D., «The burial register of the Spanish and Portuguese Jews, London 1657-1735 (with some later entries)», *Miscellanies of the Jewish Historical Society of England*, VI (1962), pp. 1-72.
- BARNETT, Richard D., «Diplomatic Aspects of the Sephardic Influx from Portugal in the Early Eighteenth Century», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, XXV (1977), pp. 222-232.
- BARNETT, Richard, «Dr. Jacob de Castro Sarmiento and Sephardim in Medical Practice in 18th-Century London», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, Sessions 1978-1980, vol. XXVII (1982), pp. 84-114.
- BARNETT, Richard D., e LEVY, Abraham, *The Bevis Marks Synagogue*. S.l.: Society of Heshaim, s.d.
- BROWN, Kenneth, e DEN BOER, Harm, eds., *El barroco sefardí: Abraham Gómez Silveira, Arévalo, prov. de Ávila, Castilla 1656–Amsterdam 1741*. Kassel: Edition Reichenberger, 2000.
- CANTO NIETO, José Ramón del, «*Natura naturans y natura naturata en Spinoza y en David Nieto, Haham de la comunidad sefardita de Londres a principios del siglo XVIII*», *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, Vol. 27 (2010), pp. 165-188.
- CANTOR, Geoffrey, *Quakers, Jews, and Science. Religions Responses to Modernity and the Sciences in Britain, 1650-1900*. New York: Oxford University Press, 2005.
- CARO BAROJA, Julio, *Los judíos en la España moderna y contemporánea*, vol. III. Madrid: Istmo, 1986.
- CASTRO, Joseph Rodríguez de, *Biblioteca Española*, tomo I. Madrid, en la Imprenta Real de la Gazeta, 1781.
- DECTER, Jonathan P., *Iberian Jewish Literature. Between al-Andalus and Christian Europe*. Bloomington IN: Indiana University Press, 2007.
- EMDEN, Paul H., *Jews of Britain: A Series of Biographies*. London: S. Low, Marston & Co., 1944.
- ENDELMAN, Todd M., *The Jews of Britain, 1650 to 2000*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- FRIEDENWALD, Harry, *The Jews and Medicine. Essays*. 2 Vols. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1944.
- GASTER, Moses, *History of the Ancient Synagogue of the Spanish and Portuguese Jews, the Cathedral Synagogue of the Jews in England, situate in Bevis Marks. A Memorial Volume Written Specially to Celebrate the Two-Hundredth Anniversary of Its inauguration, 1701-1901*. London, 5661-1901.

- GOMES, Pinharanda, *A Filosofia Hebraico-Portuguesa. História da Filosofia Portuguesa*, 1. Porto: Lello & Irmão, 1981.
- HILTON, Claire, «St. Bartholomew's Hospital, London, and Its Jewish Connections», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, XXX (1989), pp. 21-50.
- HYAMSON, Albert M.; RUBENS, Alfred; e ARNOLD, Arthur P., *Anglo-Jewish Notabilities. Their Arms and Testamentary Dispositions*. London: The Jewish Historical Society of England, 1949.
- KAYSERLING, M., *Sephardim. Romanische Poesien der Juden in Spanien. Ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der Spanische-Portugiesischen Juden*. Leipzig: Hermann Mendelssohn, 1859.
- KAYSERLING, M., «The Jews in Jamaica and Daniel Israel Lopez Laguna», *The Jewish Quarterly Review*, Vol. 12, No. 4 (Jul. 1900), pp. 708-717.
- KAYSERLING, M., «Zur Portugiesisch-Judischen Literatur», *The Jewish Quarterly Review*, 15: 1 (Oct. 1902), pp. 112-114.
- KEREM, Yitzhak, «Nieto, David (1654-1728)», *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; doi:1 0.1093/ref:odnb/20188.
- LANGHAM, Raphael, *The Jews of Britain. A Chronology*. Houndmills UK: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTINS, Jorge, *Portugal e os Judeus*. Vol. I, *Dos Primórdios da Nacionalidade à Legislação Pombalina*. Lisboa: Nova Vega, 2010.
- MESQUITA, Rev. D. Bueno de, «The Historical Associations of the Ancient Burial-Ground of the Sephardi Jews», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, X (1924), pp. 225-254.
- REMÉDIOS, J. Mendes dos, *Os Judeus em Portugal*. Coimbra: França Amado Editor, 1895.
- REMÉDIOS, J. Mendes dos, *Os Judeus Portugueses em Amsterdão*. Coimbra: França Amado Editor, 1911.
- ROTH, Cecil, «The Religion of the Marranos», *The Jewish Quarterly Review*, N.S., 22: 1 (Jul., 1931), pp. 1-33.
- ROTH, Cecil, *A History of the Marranos*. Skokie Ill.: Varda Books, 2001.
- RUDERMAN, Daniel B., *Early Modern Jewry. A New Cultural History*. Princeton NJ: Princeton University Press, 2010.
- SAMUEL, Edgar, *At the End of the Earth: Essays on the History of the Jews in England and Portugal*. London: The Jewish Historical Society of England, 2004.
- SOLOMONS, Israel, «David Nieto and Some of His Contemporaries. Paper read before the Jewish Historical Society of England, March 15, 1915», *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, 12 (1931), pp. 1-102.
- SWETSCHINSKI, Daniel M., «The Portuguese Jews of Seventeenth-Century Amsterdam: Cultural Continuity and Adaptation», in Frances Malino e Phyllis Cohen

Albert, eds., *Essays in Modern Jewish History*. East Brunswick NJ: Associated University Presses, 1982, pp. 56-80.

WOLF, Johann Christoph, *Bibliotheca hebraea: sive, Notitia tum auctorum hebr. cujuscuque aetatis, tum scriptorum, quae vel hebraice primvm exarata vel ab aliis conversa sunt, ad nostram aetatem deducta. Accedit in calce Jacobi Gaffarelli Index codicum cabbalistic. mss. quibus Jo. Picus, Mirandulanus comes, usus est*. Hamburgi & Lipsiae: impensis Christiani Liebezeit, 1715-1733.

Estudos Setecentistas

ANDRADE, António Alberto de, *Vernei e a Cultura do seu Tempo*. Coimbra: por ordem da Universidade, 1966.

CARVALHO, Rómulo de, *A Astronomia em Portugal no Século XVIII*. (Biblioteca Breve, 100.) Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

História da Medicina

CARVALHO, Augusto da Silva, *Médicos e Curandeiros*. Trabalho publicado n'*A Medicina Contemporânea*, revisto e aumentado. Lisboa: Tipografia Adolfo de Mendonça, 1917.

CARVALHO, Augusto da Silva, *A Medicina Portuguesa no Século XVII. Memórias*, Classe de Ciências, tomo III. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1941.

PINA, Luís de, «Medicina e Médicos na História da Filosofia em Portugal», *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo 11: 3-4, *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia* (Jul.-Dec. 1955), pp. 416-454.

Inquisição

CAMPOS, João Correia Aires de, «Documentos para a história do Santo Ofício em Portugal», *O Instituto*, IX (1861), pp. 298-300, 310-317, 379-385; X (1862), pp. 130-134; XI (1863), pp. 221-224; XII (1865), pp. 47-48, 71-72, 94-96, 261-262; XIII (1866), pp. 159-168, 211-216; e XIV (1871), pp. 94-96.

MARCOCCI, Giuseppe e PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa: 1536-1821*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2013.

Manuscritos e História Literária

AMZALAK, M. B., pref., *Correspondência de El-Rei D. Manuel II com o Dr. Maurice L. Eittinghausen sobre os Livros Antigos Portugueses*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1957.

- CIDADE, Hernâni (1981). «Épica», in Jacinto do Prado Coelho, dir., *Dicionário de Literatura*, 3ª ed. Porto: Figueirinhas, pp. 291-294.
- ETTINGHAUSEN, Maurice L., *Rare Books and Royal Collectors. Memoirs of an Antiquarian Bookseller*. New York: Simons & Schuster, 1966.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *A Épica Portuguesa no Século XVI*. Gaia: Edições Pátria, 1932.
- FOLEY, John Miles, ed., *A Companion to Ancient Epic*. Malden MA: Blackwell, 2005.
- GAMA, João de Saldanha da, *Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Tip. de G. Litzinger & Filhos, 1895, pp. 277-278.
- MERELLO, Júlio Roque Pereira, *Catálogo das Obras mais Raras, Valiosas e Estimadas da Livraria do Bem Conhecido e Afamado Bibliófilo Agostinho Vito Pereira Merello*. Prefácio de Teófilo Braga. Lisboa: Tip. da Companhia Nacional Editora, 1898.
- NARDUCCI, Enrico, *Catalogus codicum manuscriptorum praeter graecos et orientales in Bibliotheca Angelica olim Cenobi Sancti Augustini de Urbe, Romae*, Typis Ludovici Cecchini, 1893.
- NEVES, Álvaro, *Bibliografia Luso-Judaica. Notícia Subsidiária da Coleção de Alberto Carlos da Silva*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.
- OLDFIELD, Philip, «Gift of a major collection of Portuguese literature», *The Halcyon: The Newsletter of the Friends of the Thomas Fisher Rare Books Library*, 2 (November 1988), pp. 4-5.
- PAXECO, Fran, *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*. Lisboa, 1937.
- ROTH, Cecil, «The Marrano Typography in England», *Library*, série 5, XV: 2 (1960), pp. 118-128.
- SANTOS, António Ribeiro dos, «Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses, desde os primeiros tempos da Monarquia até os fins do Século XV», in *Memórias de Literatura Portuguesa*, tomo II. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792, pp. 236-312.
- SANTOS, António Ribeiro dos, «Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses, no Século XVI», in *Memórias de Literatura Portuguesa*, tomo II. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792, pp. 354-414.
- SANTOS, António Ribeiro dos, «Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses, no Século XVII», in *Memórias de Literatura Portuguesa*, tomo III. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792, pp. 227-373
- SANTOS, António Ribeiro dos, «Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no Presente Século», in *Memórias de Literatura Portuguesa*, tomo IV. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793, pp. 306-338.

SANTOS, António Ribeiro dos, «Ensaio de uma Biblioteca Lusitana Anti-Rabínica, ou Memorial dos Escritores Portugueses que escreveram de Controvérsia Anti-judaica», in *Memórias de Literatura Portuguesa*, tomo VII (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1806), pp. 308-377.

Royal Society of London

CARVALHO, Rómulo de, «Portugal nos *Philosophical Transactions*, nos séculos XVII e XVIII», *Revista Filosófica*, n.º 15 (Dez. 55), pp. 231-259, e n.º 16 (maio 56), pp. 94-120.
FERREIRA, H. Amorim, *Relações Científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1943.

FIOLHAIS, Carlos, coord., *Membros Portugueses da Royal Society / Portuguese Fellows of the Royal Society*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2011.

MUNK, William, *The Roll of the Royal College of Physicians of London; compiled from the Annals of the College and from Other Authentic Sources*. Vol. II, 1701 to 1800. London: Longman, Green, Longman, and Roberts, 1891.

SALAMAN, Redcliffe N., «The Jewish Fellows of the Royal Society. Paper read before the Jewish Historical Society of England, 15th December 1947», *Miscellanies of the Jewish Historical Society of England*, 5 (1948), pp. 146-175.

Samuda

CURADO, Manuel, «Os Lusitanos como Heróis Judaicos na Londres do Século XVIII», in Cristina Álvares, Ana Lúcia Curado e Sérgio Guimarães de Sousa, orgs., *Figuras do Herói: Literatura, Cinema, Banda Desenhada*. Famalicão: Húmus. Braga: CEHUM, 2012, pp. 241-258.

CURADO, Manuel, «Um Cólono Enigmático do Século XIX Português: *As Viriadas*, o Maior Poema Épico da Sefarade», in Virgínia Soares Pereira e Manuel Curado, orgs., *Judeus Portugueses no Mundo – Medicina e Cultura*. Famalicão: Húmus. Braga: CEHUM, 2014 (no prelo).

D'ESAGUY, Augusto, «Breve Notícia sobre o Médico Português Isaac de Sequeira Samuda», *O Instituto*, vol. 87, n.º 3, IV série, n.º 16 (1934), pp. 262-269.

D'ESAGUY, Augusto, «A Short Notice on Isaac de Sequeira Samuda», *Bulletin of the Institute of the History of Medicine*, 4: 9 (Nov. 1936), pp. 783-788.

GIUSEPPI, J. A., «Early Jewish holders of Bank of England stock, 1694-1725», *Miscellanies of the Jewish Historical Society of England*, VI (1962), pp. 143-174.

Lista das pessoas que sahiram, condemnaçoens que tiveraõ, & sentenças que se leraõ, no Auto publico da Fé, que se celebrou no Rocio desta cidade de Lisboa, em Domingo dezanove de Outubro de 1704: sendo Inquisidor Geral o Illustrissimo Senhor Bispo D. Frey Joseph de Lencastro, do Conselho de Estado de Sua Magestade, & seu Cappelão mór. S.l.: s.n., 1704 (?).
McCONNELL, Anita, «OxDNB welcomes new old Fellows», *Notes and Records of the Royal Society of London*, 58: 1(2004), pp. 97-99 [doi: 10.1098/rsnr.2004.0229].

ROSSI, Giuseppe Carlo, «Un poema portoghese inedito in un manoscritto romano del secolo XVIII», in Vitorino Nemésio et al., *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Hernâni Cidade*. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957, pp. 368-379.

SAMUEL, Edgar, «Samuda, Isaac de Sequeira (bap. 1681, d. 1729)», in *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004; online ed., Jan 2008 [doi:10.1093/ref:odnb/71570].

Viriato

ALBERTO, Paulo Farmhouse, *Viriato*. Mem Martins: Inquérito, 1996.

BRAGA, Teófilo, *Viriato. A Epopeia Lusitana: Narrativa Histórica*. Sintra: Zéfiro, 2009.

MACHADO, José Leon, *O Mito de Viriato na Literatura Portuguesa*. Braga: Projeto Vercial, 1999.

MASCARENHAS, Brás Garcia, *Viriato Trágico em Poema Heroico*. Ed. José V. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

MUÑOZ, Mauricio Pastor, *Viriato. O Herói Lusitano que lutou pela Liberdade do seu Povo*. Trad. Luís Santos. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

SÁNCHEZ-MORENO, Eduardo, «Viriatus, dux of the Lusitani», in A. Coskun, ed., *Amici Populi Romani. Prosopography of the Foreign Friends of Rome*. Waterloo (Canadá): WIHS, 2010, pp. 259-261.

SCHULTEN, Adolf, *Viriato*. Trad. Alfredo Ataíde. Pref. Mendes Corrêa. Porto: Renascença Portuguesa, 1927.

SHAW, Brent D., «Bandits in the Roman Empire», *Past & Present*, 105 (Nov. 1984), pp. 3-52.

SIGLAS

T – Manuscrito de Toronto

Ny – Manuscrito de Nova Iorque

ac – ante correctionem

corr. - correxi

om. - omisi

(Página deixada propositadamente em branco)

AS VI
RÍAS
DAS

DO DOUTOR SAMUDA

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
PRIMEIRO



(Página deixada propositadamente em branco)

1
Armas presentes e varão famoso,
Da pátria escudo, timbre lusitano,
A Espanha grato, a Itália temeroso,
No Ocaso, ocaso do poder romano,
Raio animado, assombro vigoroso,
Herói sublime, humilde soberano,
De ações filho, no próprio mais brilhante,
Me impele o génio, que sem Musa cante.

2
Do régio Admeto o nobre Pastor Louro
Já nos celestes campos tem deixado
O benigno Carneiro e falso Touro,
Breve rebanho, mas sublime gado,
Nítidos brutos, cujo etéreo couro
É com manchas de estrelas salpicado,
Já nos filhos de Leda majestosa
Ostenta alegre a pompa luminosa.

3
Quando prudente intrépido Viriato
Junto a Pomarés forças alistava,
De peles duras veste hercúleo fato,
Comprida espada rígido vibrava;
Bravo entre quintas, como bravo em mato,
Não muda alento, se lugar mudava,
Em qualquer parte, sem diversidade,
Protege a pátria, busca a liberdade.

4
Era o plausível sítio um vale ameno,
De fecundos pomares circundado,
Proveitoso lugar, fresco terreno,
Da natureza emprego sublimado,
De lucro grande, campo não pequeno,
Com plantas cheio, casas adornado,
Mostra num tempo, em bela compostura,
De alheio e próprio, mista formosura.

5
Protógenes celeste o Sol pintava
Com nítidos pincéis de resplendores,
As primitivas frutas que formava,
De gosto à vista, e gosto nos sabores,
Cerejas de vermelho salpicava,
Às frescas ginjas dá purpúreas cores,
Nos damascenos com tintura loura,
Quando o verde lhes cobre ardente os
[doura.

6
Vegetantes pirâmides figura
Em várias formas sábia a Natureza,
Expande com sublime arquitetura
Centro florido em pompas de grandeza.
Mostra o citrino pomo formosura,
Entre espinhos, costume da beleza,
Com flor e frutos limoeiros doces,
Dando esperanças, seguravam posses.

1.4 ocaso T o ocaso Ny

7

Pendentes limas, quando vestem de ouro,
Nos jardins das Hespérides famosas,
Podem ser transplantadas por tesouro,
Na cor ricas, no gosto deleitosas:
Misturavam maçãs vermelho e louro
Que as de Hipómanes eram mais vistosas,
Sobe o flavo quilates nas toranjas,
Passa de vinte e quatro nas laranjas.

8

Por quem Baco Sicites foi chamado,
E na carreira impulso de temores,
Liceu por mãe querida transformado,
Ostenta frutos sem que mostre flores,
Produz fecunda em tempo duplicado,
Faz, sem promessas, dádivas maiores,
Patenteia em primeiras mais grandeza
Que os donativos crescem na presteza.

9

A por Carço Duro apelidada,
Com mais asseio em natural poeira
Prezando a pátria, era Reinol chamada,
Mostra-se lusitana verdadeira.
Oval saragoçana celebrada,
Prova nativa, posto que estrangeira,
Crescem diversas roxas, cai a loura,
Quando Ortígio abrasado o Nemeu
[doura.

7.7 Sobe Ny Sóbe T | quilates T quilate Ny

10

A que tem nome hebraico em lusitano,
Púnica fruta de rubis tesouro,
Fresco produto de árido africano,
Na flor traja de grã, touca de louro;
Mostra o pomo em diadema o soberano,
Abre purpúreo coroado de ouro,
Rompe limites régia propriedade,
Que amplificar-se incumbe à majestade.

11

Reverdecia a planta declarada,
Quando proposto o enigma de três cores,
Que em Glauco emenda a sorte
[desgraçada,
Mostra em Poliídio do saber primores,
Froncosa ostenta a fruta delicada,
Que em Babilónia transmutou candores,
Sangue de bela imita e de fermosa,
Faz Tisbe a amora, como Idália a rosa.

12

Cheirava o louro pomo apelidado,
Por cândida penugem, que se cobre,
Havendo-lhe outro nome acrescentado,
Sobre o de Cídon, e Corinto dobre:
O venenoso em Pérsia reputado,
Qual pérsea que Egito exalta a nobre,
Apreços logra, posto que estrangeiro,
Deleita em gosto, vivifica em cheiro.

11.7 fermosa T formosa Ny

13
Da humilde planta ao termo da eminência,
Vide ascendente ao longo ulmeiro abraça;
Foi sempre lisonjeira a dependência,
Cortejos grandes para subir traça;
Mas carece de amor conveniência,
Parece adora, quando firme enlaça,
Pendem-lhe os cachos cujo sumo ardente
Alegra o coração, disturba a mente.

14
Prepara Dafne transformada em louro,
Prémio sublime a vencedor romano,
Ostenta glória mais prezada que ouro,
Por Tito, Augusto César e Trajano:
Tanto alcança quem foge de um desdouro
Tanto no virtuoso há soberano;
Da morte emblema agudo ciparisso,
Nela apontava se olhe o Paraíso.

15
Despida, mas toucada, aos céus subia
Grossa palmeira, que alta se elevava,
De prados de esmeraldas parecia
Que a campos de safiras transmigrava;
Que em vagas nuvens palmas escondia,
Que sobre elas vapores exalava,
Que abóbadas etéreas fixa Atlante,
Animado padrão, mudo gigante.

16
De Vénus monte é junto asilo forte,
Contra inconstâncias do mudável Fado,
Padrasto à glória da romana sorte,
De Lusitanos natural sagrado;
Da vida escudo, obstáculo da morte,
Por trincheiras seguro, mãos guardado,
Inacessível mostra em qualquer parte
Obras da natureza, invenções da arte.

17
Neste monte Viriato cuidadoso,
De assaltos repentinos se guardava,
Igualmente advertido, e valoroso,
Escolhia ocasiões, tempos marcava;
De auxiliares socorro numeroso
Sábio procurava, servido esperava,
Concorrem Lusitanos cada dia,
Grato os recebe, perspicaz revia.

18
No mesmo tempo o grande pequenino,
Doce, tirano, rigoroso, terno,
Velho na idade, nas ações menino,
Glória na vista, vê na ausência inferno,
Duvida se era acerto, ou desatino,
Se governo do mundo, ou desgoverno;
Sendo timbre de amor paixão constante,
A Psique desprezar, ser de Ormia amante.

19

Tanto a beleza de uma o persuadia,
Quanto o respeito de outra o demorava.
Se Ormia o forte desejo promovia,
Psique a móvel vontade retardava.
Pela humana atraído já corria,
Pela deusa embargado já parava,
Entre amor e respeito não se entende,
Quer, não quer, determina, e se arrepende.

20

Como baixel do leme defraudado,
E maretas opostas combatido,
Movendo poupa, e proa, lado a lado,
Fica suspenso quando promovido;
Tal se acha amor de amores obrigado,
Por diversos motivos comovido,
Quer resolver-se, no que faz repara,
Afeto novo o move, antigo o para.

21

Quando amor dúbio Vénus cuidadosa
Admira, e teme a força lusitana,
Do grande general glória famosa,
Receia eclipse o lustre da romana:
Sente-se amante, observa-se zelosa,
Não sofre mais que Itália soberana,
Projetos forma, ao que pratica apela,
Vacila, inventa, finge se desvela.

22

Já sepultava o Déléfco Luzente
Sua pomposa cópia de fulgores,
Nos túmulos vagantes do Ocidente,
Que na morte das Luzes trajam cores;
Quando saudosa de seu filho ausente
Misturava desejos com temores,
Treme por Roma, sente amor não venha,
Anela chegue, exclama se detenha.

23

Cada momento um século imagina,
Que sempre tarda o bem que se deseja,
Já de muito apreçada se crimina,
Já cuida que paciência lhe sobeja,
Já ficar, já buscá-lo determina,
Manda que o carro preparado seja,
Ligam-se as pombas, aves cujo pranto
Os de Ligúria reputavam canto.

24

Tão bela, como em fresca madrugada,
Aparece em florente primavera,
No carro volitante reclinada,
Vinha baixando da terceira esfera,
Formosa, sem melindres de afetada,
Grave, sem asperezas de severa,
Branca, sem artifícios de pintura,
Gentil, sem invenções de compostura.

25

Uma ponta do manto ao braço presa,
Outra pela cintura traz cingida,
Se adonde nua ostenta candidez,
Airoso garbo mostra onde vestida;
No que cobre, e descobre, tem beleza,
Melhor parece quando mais despida,
De graças naturais se adorna tanto,
Que é mais decência do que alinho o manto.

26

Dos crespos fios de ouro mal atados,
Ondas volantes lhe tremula o vento,
Nos soberanos olhos requebrados
Gera um Cupido cada movimento;
Por entre os lindos beijos nacarados
Exala aromas respirando alento.
No mais ostenta com beleza pura
As trinta perfeições da formosura.

27

Em Vulcano e Mavorte transformava
Paixões que noutra tempo produzia,
Quem zelos padecia, contente estava,
Triste quem sempre amado se entendia;
Um, que terna o visita, imaginava;
Outro, que irada o deixa, presumia,
Causando em céus, e promovendo em
[terra,
Fogo em Vulcano, se em Mavorte guerra.

28

Já tem despido o traje variegado,
De luzes pobre o fúnebre horizonte,
Quando Acidália em Chipre tem chegado,
Ao cume ameno de alto Idálio monte;
Gostavam relva as aves, que mudado
Foi Cigno enternecido por Faetonte,
Beijavam-se as que em fresca primavera
Se transforma entre flores Peristera.

29

Tal êxtase de amor fixa a Cupido,
Que a cândida Afrodite não pretende,
Parece o sensitivo adormecido,
Nos raptos de elevado inteligente;
De Pafia a voz, dos cisnes o ruído,
Firme ideia lhe agitam de repente,
Na mãe repara, alegre-se com vê-la,
Corre a buscá-la, voa a recebê-la.

30

Dionia abrindo os delicados braços
Recebe-o, aperta e beija carinhosa,
Cupido em laços reduplica laços,
Prende preso, comprime a mãe formosa;
Multiplicam-se abraços sobre abraços,
De beijo a beijo alternância gostosa,
Se um finezas tributa, outro lhas paga,
O filho a amima, quando a mãe o afaga.

31

“Não te admires”, lhe diz, “filho querido,
De buscar-te ansioso meu cuidado,
Porque peito materno inda ofendido,
Passa de afetuoso a desvelado;
Como tem negligências de esquecido,
Devendo-me finezas de lembrado,
Quem paga pontual, ser pago espera,
Quanto mãe faz, filho remunera.

32

“Se vendo-me correste diligente,
A prender como joia de meu peito,
Porque tardo, não voas, quando ausente,
Como em saudade vives satisfeito?
Afeto só mostrado a quem presente,
Não se lhe chame amor, mas sim respeito,
Que segue com mutável permanência,
A duração do medo, ou dependência.

33

“Antes ingrato, carinhoso agora?
Oh! Como te conheço lisonjeiro!
Quantas dessa voz falsa, enganadora,
Crédulas, te reputam verdadeira;
Mas desengano sem remédio chora,
Passarem como o vento mais ligeiro,
Os requebros, desvelos, rendimentos,
Promessas, confissões, e juramentos.

34

“Quantas, digo outra vez, ambiciosas
Da fantástica glória de aplaudidas,
Perecem como cegas mariposas,
Em patéticas flamas consumidas;
Cândidas açucenas, brancas rosas,
Pouco prezadas, quando já colhidas,
Porque a posse é doença da beleza,
Mais contrária que as contra a natureza.

35

“Não me respondes? Calas suspenso,
Sem dúvida te aflige algum cuidado,
Tira-me dele, que o pesar temido
Antecipa o sentir multiplicado.
Fala, que de um conselho prevenido,
Remédio encontra o mal comunicado;
Diz, que se embaraça o mais astuto,
Sem que um terceiro o faça resoluto.

36

“Relata-me se altivo, ou poderoso,
Alguém teve a soberba de afrontar-te,
Porque contra o mais forte, e mais famoso,
Tenho seguro quem nos tome a parte;
De agradar-me e servir-me desejo,
Obrará tanto o furibundo Marte,
Que do remoto dessa quinta esfera,
Aos reinos de Plutão por mim descera.

37

“Se padeces de Psique horríveis zelos,
Observa o génio, a modos não atende,
De índole boa, ou má, podes colhê-los,
Porque a virtude ou vício dela pende;
Muda conceito, se não queres tê-los,
Que erra quem não duvida no que entende;
Pinta suspeitas de agradáveis cores,
Donde antes zelos, acharás amores.

38

“Nunca julgues de ações indiferentes,
Nem colhas de aparências a verdade.
Vi muitas castas, puras e inocentes,
Nos riscos da plausível liberdade;
Quando outras provam falsas,
[delinquentes,
Na afetada, e suposta, honestidade;
Porque adonde há temor sempre há cautela,
Mas quem não usa mal, não usa dela.

39

“Se à suspeita confirma inteligência,
Nunca um dito só creias de ligeiro,
Examina o sujeito com prudência
O como, o quando, adonde o viu primeiro:
Se caráter merece de evidências,
Se tem reputação de verdadeiro,
Que ódio não seja a zelo parecido
Dito falso de inveja proferido.

40

“Porque falo de Psique te enterneces?
Teu segredo nas faces tens pintado,
Quanto sentes revela o que pareces,
Mostras no rosto o peito trasladado:
Diz-me porque causa te entristeces,
Conta-mo, que te aumenta meu cuidado,
Acaba, satisfaz meu desejo,
Fala com tua mãe, não tenhas pejo.

41

“Se cobarde te faz minha presença,
Ou te intimida o veres-me agastada,
Meu terno excede inda a maior ofensa,
Vence a paixão materna a de agravada:
Amo-te, filho, como mãe.” Suspensa
Lhe fica a voz nos beiços mal formada,
Patética ternura o peito move,
Razões lhe embarga, e lágrimas comove.

42

“Não te alteres, senhora”, diz Cupido,
“Que nem zeloso estou, nem afrontado,
Em confusas ideias divertido,
Pequei por cuidar muito, em descuidado;
Por dar-te sentimento estou sentido,
E por me dares queixas, obrigado;
Que é branda repreensão grata doutrina,
Carinhosa insinua, doce ensina.”

43

Isto dizendo, ao colo deleitoso
Da mãe sentida terno se enlaçava,
Ora o discurso segue, ora amoroso,
As palavras com beijos misturava:
Com seus purpúreos beijos carinhoso,
As lágrimas nos olhos lhe alimpava;
Porque é causa do choro, o choro bebe,
Beijos dava, se lágrima recebe.

44

“Em Lusitânia, segue, decantada,
Sabes vive Ormia, assombro de beleza,
De graças como nossas adornada,
Nos limites de sua natureza:
É tanto em seus requintes sublimada,
Mostra de perfeições tanta grandeza,
Que se ostenta discreta, linda, e pura,
Timbre gentil de humana formosura.

45

“Louvo, senhora, sem pedir licença,
As grandes prendas deste objeto raro,
Porque suposto o faço em tal presença,
As descrevo somente, e não comparo;
Referir perfeições não causa ofensa,
Sendo a pintura com civil reparo,
Porque só néscia a vã, brava a zelosa,
Pode agravar-se de outra ser formosa.

46

“Permite-me que seja comparada,
Há vivo assombro, há pasmo, se escultura,
Há composta de muitos, de um formada,
Por meu avô mulher, meu pai, figura,
Porque se humano a faz menos prezada,
Excede em lograr dotes sem mistura;
No garbo, discricção, graça e beleza,
É Pandora, mas só da natureza.

47

“Seria, não duvido, se nascida,
Quando ao falso Alexandre deste Helena,
A lusitana à grega preferida,
Páris gozara prémio, sem ter pena;
Não fora a grande Troia consumida,
Nem degolada a linda Polixena,
Nem tivesse Pirisoo desventura,
E deras mais sublime formosura.

48

“Se pode transmutar-se um inconstante
De seu mudável génio a ter firmeza,
Somente alteraria ao do Tonante,
Deste portentoso a singular beleza;
De Maia e Danae não seria amante,
Não prezara de Europa a gentileza,
Juno teria mais ciúmes dele,
Que por Calisto, Io, Leda, ou Sémele.

49

“Nunca em Ténédos vi tal formosura,
Na Hípera, ou Cálcis da cortada Eubeia,
Jamais, se pasmo, ornou forma tão pura,
De Aríston mulher bela, que antes feia;
Calipso e Cenis vence na candura,
Atalanta, Amarílis, Panopeia,
Maior emulação sua conquista
Dera aos nobres de Grécia que Agarista.

50

“Quando a contempla amante meu desejo,
Em seus formosos olhos retratado,
Alvo e frecheiro me pressinto, e vejo
De amor rendido, se de graça armado;
Com tanta força contra mim pelejo,
Que com razão me observo duplicado,
Nesse vistoso negro em que me pinto,
Me vejo com luto, quando em gosto sinto.

51

“Se o poder da beleza é tão patente,
Sem que dissesse tanto abri meu peito,
Julga, se julgar podés totalmente,
Da formosura o portentoso efeito;
Não sabe inda que influi, quem não sente,
Práxis é, mais que teoria do conceito,
Sua excessiva e singular potência
Nunca se observa sem experiência.

52

“Fora impossível, sem julgar-me fera,
Admirando-a isentar-me de ternura,
Sem querer cego e surdo me entendera,
Ouvindo a graça, e vendo a formosura.
Quem força tanta resistir pudera,
Não tendo o coração de pedra dura?
Vacila o gosto onde o maior lhe toca,
Se ouvir-lhe a fala, ou contemplar-lhe a boca.

53

“Mas como ingrava afeto verdadeiro,
Hábito forte, inclinação potente,
Não se extingue a tintura do primeiro,
Contra segundo é sempre renitente;
No tenro imprime golpe inda o ligeiro,
Cresce no fruto a marca permanente,
Pende a planta que em branda foi torcida,
Sempre houve cicatriz, donde ferida.

54

“Se Ormia adoro, também Psique venero,
Se vacilo confuso, elejo amante,
Posto que novas graças considero,
O primitivo sempre vai diante;
Porque amei firme, incontrastável quero,
Inda Ormia não derroca amor constante,
Titubeia a balança, porém para,
Contrapesando a antiga prenda cara.

49.1 Ténédos Ny Penedos T || 50.3 pressinto
corr. : persinto T Ny || 51.6 Práxis corr.: Praxi
T Praxe Ny

55

“Para Viriato Juno ma pedia,
Na instância com que roga o zelo cresce,
Nem retê-la, nem dá-la me atrevia,
Que em meu génio a razão mal se conhece;
Posto a não quero ter, dar não queria,
Que é sempre avaro amor do que apetece;
O receio somente de perdê-la
Parece que de novo a faz mais bela.

56

“Cípria, diz quantos falsos pensamentos
Sobre ideias fantásticas formamos
Conforme as paixões fazem movimentos,
Assim, nas conjeturas variamos:
Entendemos segundo os sentimentos,
Mal, se o tememos, bem, quando o
[esperamos;
Julguei por tristes mágoas de ofendido,
Ternas demonstrações de agradecido.”

57

“Faz-me gostosa o conhecer-te amante,
Da que imóvel te guarda em firme peito,
Que acreedor de constância é quem
[constante
Remunera respeito com respeito;
Mas vê prudente, observa vigilante,
Não mova essa lindeza teu conceito,
Porque o novo enfeitiça, o vazio agrada,
E inda a mais bela muito tempo, enfada.

58

“Sabendo que de mim foi perseguida,
Por queimar-te com vela mal segura,
A que grandes perigos constringida,
Por raiva fera, e por vingança dura,
Que inda a mesma Proserpina temida
A mandei procurar-me formosura;
Podes colher quando ta recomendo
De que à justiça, e não respeito, atendo.

59

“Lembrado estás que nesse grande
[empório,
Assento de celestes moradores,
Em convocado e pleno consistório
Foi sublimada a perfeições maiores;
Autorizado o nobre desposório,
Licitados teus célebres amores;
Com que motivo, pois, lei, manha ou arte,
Podias do repúdio desculpar-te.

60

“Ormia formosa guardo na memória,
Como beleza grande rubricada,
De amor sublime a julgo meritória,
Mas como a Psique estimas, rejeitada
Fora a Viriato bravo doce glória;
Porém de Hera a tenção vem mascarada,
Contra Roma projeto novo intenta,
Porque cauta, inimiga, astuta inventa.

60.6 a tençam T atenção Ny

61

“De ímpia Discórdia a fera atrocidade,
Nas bodas de Peleu nos fez contrárias,
Duas palavras, porque de vaidade,
Nos voltaram de amigas a adversárias;
No maior parentesco inimizade,
É móvel de paixões mais temerárias;
Porque sempre nas partes mais chegadas
Há maior repulsão, quando apartadas.

62

“Sabes quando em Dardânia me encontrava,
Quanto a meu filho Eneias perseguia,
Incita a Amata, a Turno vigorava,
A sorte com Lavínia lhe impedia;
Pois nunca satisfeita segue brava,
Contra o poder de Roma inda porfia;
Vendo a desgraça de Ílion persevera,
Como uma se abrasou, que arda outra espera.

63

“Procurando extinguir gente latina,
Pretende que Viriato Aníbal seja,
Temo-o; que muito, quando predomina,
Força lhe sobra, astúcia lhe sobeja:
Tem valor nobre, sábia disciplina,
Prudente cuida, intrépido peleja,
Se um meio lusitano pode tanto
Que eu tema a inteiro não motive espanto.

64

“Se Albana o julga de Ormia namorado,
Façamo-lo, tirando-lha, zeloso,
Será de guerra em campo descuidado,
Se for de guerra em peito cuidadoso:
Por Briseis cessa Aquiles retirado,
Já não se move ao bélico estrondoso,
Se alento ferve, o zelo queima lume,
De ira se aguenta, mas se abraça em ciúme.

65

“Se Argiva teme, em Fúlvia soberana,
Contra Viriato, a força da beleza,
E mais que Roma toda uma romana,
Sem resistência o prenda, quando presa;
Entende o que eu dispunha, não se engana,
Sabe o que impera tua fortaleza,
Contra meu golpe se arma prevenida,
Que adivinhar parece uma advertida.

66

“Se amor na Apúlia ao Peno não rendera,
Teria Roma a sorte de Cartago,
Ao que Anteu não suprime, ou vence fera,
De Iole efeminou plácido afago,
De Sifax peito Sofonisba altera,
Volta de Hespéria auxílio a ser estrago,
De Frígio afeto guerra finaliza,
Segue, porque ama, quanto Piéria avisa.

62.1 quando corr.: quanto T Ny

67

“Privemo-lo, pois, de Ormia portentosa,
Tenha no zelo seu primeiro dano,
Perderá Fúlvia a graça de formosa,
Competindo este objeto soberano.
Nunca indústria será tão poderosa
Que mude um firme peito lusitano,
Somente ingratidão julgo bastante
Porque inconstância extingue amor
[constante.

68

“Façamos logo a Tântalo ditoso,
Consiga-a por segundo em dignidade,
Se um terá menos, porque mais famoso,
Outro por menos, mais felicidade.
Se ardente efeito de ânimo zeloso
Neles se acende, ativa inimizade,
De meu projeto intento mais afina,
Que onde houve divisões, sempre há ruína.

69

“E se o projeto mais premeditado
É quase sempre o menos sucedido,
Ou de acidentes novos embargado,
Ou porque descoberto prevenido,
Seja nosso desígnio executado,
Antes que o claro Délio aparecido;
Vamos à Lusitânia, amem-se logo,
Sintam primeiro que o do Sol, teu fogo!

70

“Porque embargos não venham com
[demora,
Sem perder tempo à pressa caminhemos,
Vamos à casa donde o Sono mora,
Vamos ligeiros, não nos descuidemos,
Antes que saia a rubicunda Aurora,
Consiga efeito quanto resolvemos,
Principiem, se afirmes destinados,
Amantes rudimentos desvelados.

71

“Tanto Calva se mostra diligente,
Quanto Eros frouxo em responder tardava,
Um sim profere tão indiferente,
Que negação parece articulava;
É prova em peito, se na voz consente,
Dentro impugna, o que fora declarava;
A Ormia protege amor, mas honra a Psique,
Não permite um se cale, outro se explique.”

72

“Sim”, disse, prosseguiu, “mas considero
Que obro contra a que estimo inimizade,
Se forte a obriga de ouro arpão severo,
Lhe tiro o doce bem da liberdade;
Aclamando-me brando, serei fero,
Obrarei duro infanda atrocidade.
Oh! Não me façam não torpe tirano!
Geraste-me divino, e que’s-me humano?”

72.8 que’s-me corr. : quesme T quer-me Ny

73

“Que disse? Humano! Bruto me cuidara,
Se Viriato a tivera já ferida,
De quantas penas causa me julgara,
Se amante de outrem fora constrangida;
Sabes que um poderoso não repara,
Tendo a vontade em zelos acendida,
Porque farei, se teu projeto sigo,
Do mesmo jato, amantes, e inimigo.

74

“Não reprovos senhora, mas reparo,
Falta ao sincero quem sagaz reserva,
Sendo Ormia bela doce emprego caro,
Expô-la temo a quanto a mente observa;
Que a estimo, que a amo, que a venero é claro,
Posto que a Psique firme amor conserva,
Se erro, culpa terei sobre desgosto,
Mágoa no coração, vergonha em rosto.

75

“Faz-me ter medo o ver-me criminado,
Pelo que nunca tenho cometido,
Por genérico nome apelidado,
E singulares vícios contraído.
Amor se chama sensual pecado,
Bruto incesto, adultério aborrecido,
Apelida-se amor qualquer desejo;
De chamar-me Cupido tenho pejo.

76

“Reputa-se a lisonja amor constante,
Encobrimo no doce amargo horrendo,
Mostra-se o vingativo de honra amante,
De ira somente bruto arrojo sendo;
Ambicioso se arrisca o navegante,
Porém que ama a família vai dizendo;
Chama-se, usando engano, e tirania,
Amor dos Deuses falsa hipocrisia.

77

“Nunca feri Pasífae para um touro,
Ou fiz lasciva a Mirra incestuosa,
Não minha seta bracelete de ouro
A mulher de Anfiarau fez criminosa:
Sua causa de Tereu mostrar desdouro?
De Clitemnestra ser falsa aleivosa?
De que a Ninias Semíramis amasse?
De Minos filha a Hipólito incitasse?

78

“Foi minha força, ou sua conveniência,
Namorar Jason falso a atroz Medeia?
De rico velocino alta excelência,
Faz que se adore inda a mais néscia, ou feia,
Tivera Ariadna a Fedra precedência,
Nunca em Naxos clamara sobre a área,
Se de ouro fio sempre conservasse,
E Teseu labirintos encontrasse.”

79

Pondera em tanto Arginis pensativa,
Ter visto ao filho inquieto, e perturbado,
Quanto beleza tal doce cativa,
E move o coração mais sossegado;
Teme da formosura a força ativa,
Receia que Eros falte ao protestado,
Responder-lhe suave acha prudência,
Que Amor raio se aumenta em resistência.

80

“Ser”, disse, “entendo contra a Liberdade,
Que a amar promovas renitente peito,
Mas se nunca observastes igualdade,
A afeto, e não justiça, tens respeito;
Usar todos de um modo era equidade,
Mas fazer distinções de amor efeito,
Se a Peneia feristes vingativo,
Porque Ormia só reservas compassivo?”

81

“Que Viriato a tivesse já ferida,
Também te acordo que terrível fora,
Porque sente a vontade enternecida,
Motivar pena, quando amante adora;
Mas sabes que numa alma esclarecida,
Se ardente afeto abraça, alta honra mora;
Presumes se despose torpe amante,
Com quem se há de aclamar de outrem
[constante?”

82

“Se o provável, bem creio, me embargara,
Nunca o possível me detivera,
Jamais no mundo ação se executara,
Se a leves circunstâncias se atendera:
Tem dúvidas a causa inda mais clara,
Quem muito empr’ende, obstáculos espera,
Sobre o cavalo, que tomou na fonte,
Nunca montara audaz Belerofonte.

83

“Se o Granico a Alexandre fora embargo,
Jamais chegara a ter glórias de Arbela,
Corta nó górdio, se apertado, ou largo,
Não conta multidões em Gauganela.
Mal gosta o doce quem recusa amargo,
Quer Fortuna a quem sabe defendê-la,
Hipoctono entre nós não se veria,
Se em receios ligasse a valentia.

84

“Se antes que a famosa Argos fabricasse
Na fecunda Tessália Jason forte,
Como dificuldade imaginasse,
Que uma tábua separa vida e morte;
Entenderias nela se embarcasse?
Ou de Colchos dragão teria o corte?
Se por riscos Sesóstris se embargara,
Nunca tanta coluna levantara.

82.6 empr’ende corr. : emprende T Ny

85

“Porque se tão fraco humano em natureza,
Que um bagulho sufoca a Anacreonte,
E tem breve cabelo tal grandeza,
Que à vida impede que mais horas conte;
Deve fugir-se de agradável mesa,
De gostar leite, ou de beber na fonte?
Porque a famoso Zêuxis mata o riso,
Severidade chamarei juízo?”

86

“Se mães por filhos morrem de alegria,
Inda que deles morte as não matava,
Se Filémon perece quando ria,
Sófocles quando em glória se enlevava;
Se Talna acaba em gosto quando lia
As novas que o Senado lhe enviava,
Devemos temerosos da incerteza
Do recreio fugir, buscar tristeza?”

87

“Pinta Nealces, quando risca em mente,
Espuma forma quando esponja tira,
Se pretende riscar pinta acidente,
Risca, e não pinta, se a pintar aspira.
Não se tema ou se espere o contingente,
De raiva em gosto a sorte a cena vira,
Oh! Quantas vezes, não cuidando, achamos
Melhor sucesso do que imaginamos!”

88

“Não me crimines tema”, o Cíprio disse,
“Sempre quem mais venera é mais medroso,
Seja sólido apreço, ou vã louquice,
É causa forte, móvel poderoso;
Tem pavor semelhança com doudice,
Melancólico finge o temeroso,
Nego, acordo, consinto, me arrependo,
Obediente serei, mas não me entendo.”

89

Cnídia tanto ouviu ter consentido,
Larga rédeas ligeiras às aves belas,
Que Hípio transforma o filho combatido
Nos Frígios campos junto às Dardanelas,
Voa o carro com Vénus e Cupido,
É nas pombas subir, baixar de estrelas,
Tão rápido parece o movimento,
Que só pode excedê-lo o pensamento.

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
SEGUNDO



(Página deixada propositadamente em branco)

1
No tempo que, em Meionis, Citereia
Contra Viriato astuta projetava,
Como valente peito nunca arreia,
Em dar nova batalha cogitava;
Prudente o cuida, porém não receia,
Suposto que o socorro lhe faltava,
Não lhe permite alento sublimado
Que inativo ficava entrincheirado.

2
Da brava soldadesca portuguesa,
General vigilante fez revista,
Nos que arte observa, ou nota fortaleza,
Atento em livro de memória alista;
Ponderando o valor, vendo a destreza,
Não só defesa empr'ende, mas conquista,
Quer veja Quíncio sabe um Lusitano
Ceder, porque melhor vença ao Romano.

3
Sente, mas não crimina a retirada
Por ser culpa das tropas auxiliares,
Bravas sem disciplina experimentada
Se as conta afetas, nunca as julga pares;
Reprovando-lhes pressa inordinada
Juntas forma, exercita singulares,
Chama seus capitães, propõe conselho,
Observa ao moço, inda que atenda ao velho.

4
Ajuntaram-se os cabos prontamente
No grande templo a Vénus dedicado
Apuleio feroz, Cúrio valente,
Tântalo por fortuna sublimado
Dos Tícius bravos Dictaleon regente
Dos Belos fortes Aulaces prezado
Dos Vaceus capitão grave Minuro
Presidente Viriato fala duro.

5
“Chamo-vos”, disse, “aliados vigorosos,
Convoco-vos patrícios aplaudidos
Porque juntos façamos animosos
O que nunca faremos divididos.
Aclamam-se os Romanos gloriosos,
Supõem contentes que nos têm vencidos,
Quando, inda que me pese o retirar-nos,
Foi para iguais num modo exercitar-nos.

6
“Posto que Hispanos todos nos chamemos,
Com diferente astúcia pelejámos,
Porque houve divisão, campo perdemos,
O que nela se encontra, logo achámos;
Porém, se agora uns de outros aprendemos,
Se à nossa custa nos exercitámos,
Veja Pompeio ufano com vanglória,
Tem de faltas, não peitos, só vitórias.

2.6 empr'ende corr. : emprende T emprehende
Ny || 3.1 crimina T cremina Ny

7

“Se até agora somente os Lusitanos
Se aclamaram contínuos vencedores,
Tendo junto o socorro dos Hispanos,
É razão nos creiamos superiores.
Oh! Se todos contrários dos Romanos
Uniformes juntássemos furores,
Cumulando vitórias a vitória,
Fora de Itália opróbrío, Ibéria glória.

8

“Direi quem fomos, quantos nossos feitos;
Fortes antecessores contemplemos;
Espelhos vivos sejam mortos peitos;
Vendo quanto fizeram, nos veremos;
Dão-nos, se mudos, rígidos preceitos;
Se herdámos sangue, alentos imitemos.
Oh! Não se diga que degeneramos;
Bravos fizeram, férvidos façamos.

9

“Dizem que Tubal neto vigoroso
Do que Noah primeiro foi chamado,
De vir fazendo culto religioso,
Jain mostrando o vinho celebrado,
Em galerim cortando o golfo undoso,
De Ataf, Banhíla e Baxhalim cercado,
Entrou valente pelo oceano fundo,
Cetubala fundou no fim do mundo.

9.3 vir corr. : Sir T s’ir Ny

10

“Lá de Ibéria por montes guarnecida,
Entre Cólquide e Albânia colocada,
De Sarmátia, por Cáucaso partida,
De Arménia por Moschicos separada,
Do caudaloso Ciro dividida,
De Artanissa e de Armáctica adornada,
Chegava gente a quem Nimrod fez dano,
Que houve logo desterro, onde tirano.

11

“Porém, se fogem tristes, perseguidos,
Desse filho de Cush a tirania,
Sendo por Tubal sábio recebidos,
Transmutam pena em glórias de alegria;
Conformam-se prudentes, advertidos,
Às leis que em verso o Rei lhes proferia,
E porque distinções mal não causassem,
Fez que aos Iobelos Iberos chamassem.

12

“Como ao povo, a seu filho Ibero chama,
Que filho e povo iguala o Rei prudente,
Quais se gerados todos reto os ama,
Porque é pai terno o Príncipe excelente.
Como em ter mais vassallos mais se aclama,
Procura em seus domínios ter mais gente;
Com mais braços mais cresce a fortaleza,
Inda a cópia de pobres faz riqueza.

11.6 lhes Ny lhe T

13
“No Sacro Promontório a sepultura
Lhe dão seus povos quando o lamentavam,
Que inda que viva muito, pouco dura,
Pela conta do afeto com que amavam.
Segue o filho regendo com brandura,
Do pai virtudes génio lhe ilustravam,
Lá donde Ibero undoso ameno corre,
Inventa a pescaria, e brando morre.

14
“Se Britomartis teve aplauso tanto,
Pelas redes que inventa para a caça,
Que Ibero o goze, não motive espanto,
Porque um como outra incauto bruto enlaça,
De Britone, a Dictina, a exalta o canto,
Inda Fílix por glória o nome abraça,
Logrem pois ambos, no diverso, pares,
Fama, se ela por terra, ele por mares.

15
“Sucede-lhe Iubalda, filho honroso,
Porém dos nossos pouco venerado,
Que ausente rei faz povo desgostoso,
Vista do soberano causa agrado;
Dos céus mais que da terra cuidadoso,
Em Iubalda contempla retirado;
Lá nos montes levou da Parca o corte,
Porque tudo é planície para a morte.

16
“Observou sábio, como Atlante observa
As sete filhas, de Oríon perseguidas,
Electra, que de Troia horror conserva,
Taígete, Alcíone e Maia esclarecidas,
Mérope bela inda que a luz reserva,
Astéropo e Celeno mais luzidas,
Que se um Pléiades olha em Mauritània,
Outro a Tauro e mais signos vê na
[Hispânia.

17
“Seu filho Brigo, herdando-lhe a bondade,
Não polícia, virtude só lhe herdava
Aqui pondo cidade, ali cidade,
Ilustra o povo, que civilizava;
O rústico mudando em gravidade,
Donde choupanas, casas ordenava,
Castelo na bandeira representa,
Mostra na insígnia o que no peito intenta.

18
“Como de Ínaco antigo o filho amado
Aos vagantes Pelágios civiliza,
De nómadas formando régio estado,
Que em Foronico vivam, sábio avisa,
Ou qual Cécrops segundo que levado
Junto onde Asopo Acaia fertiliza,
A áticos moradores em choupanas,
Faz que habitem cidades por cabanas.

14.1 Britomartis T Britomatis Ny || 15.6 Iubalda
corr. : Iubelda T Ny

19

“Grande co’ mesmo génio o filho Tago,
Dá nome a rio, e vilas multiplica,
De que herda tanto reino, como afago,
Mostra Beto, que casa significa;
Povoa adonde o Gaditano Lago,
Passando hercúleo, Ibérico amplifica,
Do apelido feliz, deixa com glória
Em rio e terra célebre memória.

20

“Como o toante do Pindo despenhado,
De Aqueloo rei de Etólia se apelida,
Caico do filho de Ocirroes chamado,
O donde Astreu sentido perde a vida,
O claro Arcturo, Fásis nomeado,
Pelo que foi da mãe torpe homicida,
De Asopo o que na Beócia a Tebas chega,
De Ínaco, o que Argia amena undoso rega.

21

“Como de Fénix, que a Agenor sucede,
Foi soberba Fenícia apelidada,
De Pelasgo, que de Ércio alto procede,
A famosa Pelásgia nomeada;
De Ashur, que antiga história nos concede,
Assíria de poder grande chamada,
De Nabaiot na Arábia Nabateia,
De Heleno, Hellas, de Edom ruivo, Idumeia.

21.8 Heleno corr. : Hellena T Ny

22

“Mas se a dita, qual sombra segue o dano,
Perdendo o filho de Orma a perde a terra,
Com progénie de Tubal soberano,
Acaba a doce paz, vem dura guerra:
Na Eritreia Gerião bravo, tirano,
Gente e desígnio caviloso encerra,
De Beto aguarda a lamentável morte,
Crê no mudar de assento, mudar sorte.

23

“Iunonia deixa, a Lusitânia passa
Aos que antes rouba, agora presenteia,
Sempre no mundo o liberal se abraça,
Cobre a dádiva a falta inda mais feia,
Com novos ritos corações enlaça
Que em fingidos mistérios fé se ateia,
Crê-se estupendo o raro peregrino,
No humano encanta, cega no divino.

24

“Porque era em Lusitânia poderoso,
Se faz de Ibéria toda soberano,
Que ao corpo sempre foi mal perigoso,
Da regente cabeça o grave dano;
Mas como a posse é mostra do enganoso,
Contra os que o fazem rei se fez tirano,
Tira o rico metal, que a mina encerra,
De gados despoja homens, de ouro a terra.

23.6 rasurado T || 24.7 rasurado T

25

“Não sofrem tanto jugo peitos fortes
Que antes viveriam com felicidade
Expõem-se a guerras, nunca temem mortes
Em defesa da cara liberdade.
Ou perder vidas, ou mudarem sortes,
É para ânimos bravos igualdade.
Como do grande Osíris soa a fama,
Da Bética fecunda o povo o chama.

26

“Este por muitos de Argos rei chamado,
De Níobe e de Jove filho querido,
Se de outros por Dionísio perfilhado,
Mas de Saturno e Rea precedido;
Saturno, digo, o Báquico malvado,
Pelo filho de Âmon Líbio vencido,
Do pai não segue a rígida fereza,
Que educação transmuta a natureza.

27

“Já Licurgo na Trácia tem defeito
Que infeliz sempre acaba a tirania
A Macedo na Edónia deixa eleito
A Busíris Fenícia concedia,
Na Líbia pondo-a antes de forte peito
Bravo ganhava, e nobre repartia,
Quando na parte onde Ana alaga a terra
Aos vícios de Crísio declara guerra.

26.6 Âmon corr. : Hamon T Ny

28

“Acompanhado vem do claro Apolo
Que o bélico e sonoro misturava
Trazendo a prenhe aljava a tiracolo
Doce alaúde harmónico tocava;
Dispara flechas e recita solo
Música com zunidos alternava
Por vários modos ondulando os ares
Causa recreios e produz pesares.

29

“Em doce coro aumentam companhia
Essas nove Meónides famosas
Que ajuntando ciência e melodia
Cantam gratas doutrinas proveitosas,
Sábio discurso, plácida harmonia,
Glória é no inferno de armas belicosas
Alternam-se os assentos, e os horrores,
Soam cadências, ouvem-se clamores.

30

“Diabo se fia em povo lusitano,
Tanto em nós se acha de fidelidade
Contra o bem que evitara nosso dano,
Inda a guardamos como propriedade;
Mais rei nos move, que ofendeu tirano,
Mais pesa a fé, que incita a liberdade,
Posto admirem triunfantes inimigos
Não mudam génio, ou fogem de perigos.

30.1 Diabo corr. : Deabo T Ny

31

“Prontos investem, crescem-lhe os alentos
Repulsados pelejam mais constantes
No forte assombros, no esgrimir portentos,
Mestres parecem, não principiantes;
Sente África de Ibéria os rudimentos,
Teme lhe apague as glórias rutilantes;
Porém, morto Gerião, se muda a sorte
Tanto de um general faz vida, ou morte.

32

“Mas como o grande Júpiter se aclama
Só pelas glórias, não pelos domínios,
Mais ganhar nome que ter reinos ama,
Faz bem público objeto em seus desígnios.
De Ernea, onde fugidos, doce chama
Os três gentis, se tímidos Lomínios;
Se antes severo, agora generoso
Lhes dá suave, o que alcançou famoso.

33

“Geriões tratava, como foi tratado,
É somente dos vícios inimigo
Contra o pai combateu, porque malvado,
Mas não guarda ódio, inda que dá castigo,
Como o régio Cambises decantado
Foi do pai matador do filho amigo,
Sublime em guerra e paz Baco segundo
Destroçou bravo, e promoveu jucundo.

34

“Cresce neles c’os anos tiranias
Mas no aumento do crime o medo avança
Temem do bravo Osíris valentia,
Que o dar castigo aos maus nunca aos
[bons cansa,
Quanto devem num reino é sem valia
Comparado a ofender com segurança
Ter morto ao peregrino referiam
Do pai se lembram, pátria se esqueciam.

35

“Já de Zeroastes filho poderoso
Na Itália havia os grandes castigado,
Já donde o Nilo inunda proveitoso
Chega, para que morra sossegado;
Quando os Geriões, projeto escandaloso,
C’o bruto irmão lhe haviam maquinado,
Ambição de reinar lho facilita
Nos três vingança num desejo incita.

36

“De Tífon duro Anteu fação seguia,
Que um gigante protege outro gigante,
Aumenta fero o horror da companhia,
Lastrigon, de Saturnia dominante,
Tífon menor, que em Tróade regia,
Cruel Busíris, pérfido arrogante,
Há quasi vinte mais dos inumanos
Que sempre para o mal se unem tiranos.

37
“Ligam-se uns noutros por embaixadores,
Expandem-se o perverso malefício,
Movem-se uns, porque vêm de outros
[temores,
Fazem causa comum ao próprio vício;
Conspiram, porque todos devedores;
Monstros gera no ingrato o benefício.
Oh! Mistério da sorte alto, e profundo,
Porque era contra o bom, se armava o
[mundo!

38
“Perece numa caixa sufocado
Quem na Ásia, África, Europa respirava
Fenece como humano limitado,
Posto que tanto mundo governava
Em partes vinte e seis despedaçado,
Donde vivo girou, morto rodava,
Não somente o destroça, mas desterra,
Que a tirania a um morto inda faz guerra.

39
“Ouve Ísis triste a horrível desventura
Corre indecisa, busca-o vigilante,
Sabe que por tenítica abertura
Era no Interno Mar boia vagante,
Primeiro que a vingança, a sepultura
Acha ser próprio desse um peito amante,
Lá junto a Biblos, que Malcander rege,
De homens ludíbrico uma árvore o protege.

40
“Já contra Tífon pugna Oro valente
Dá-lhe na Arábia a merecida morte
Posto que bravo, acaba o delinquente,
Tem no remorso o primitivo corte.
Já contra Anteu caminha diligente,
Peleja corpo a corpo o mata forte.
Nada o protege inda que agigantado
Parece que o derruba seu pecado.

41
“Já contra os Geriões na Ibéria entrava,
Que os Béticos dão porta aos Africanos,
Mas frente a frente no campo os
[encontrava
Grande cópia de bravos Lusitanos;
Prudente o líbico Oro ponderava
Que dos reis culpas são dos povos danos
Quer-se expor só; Lomínios desafia,
Aceitam, que não cede a valentia.

42
“Qual propõem Mésio, que para evitar
[deseja
Em chegados parentes tanta morte
Que entre poucos combate único seja
De Roma, ou de Alba a decisiva sorte;
E três com três formando abria peleja,
Sentem ferida, quando imprimem corte,
Já dos Horácios restou'm só debate
Três separando, a todos três dá mate.

42.7 restou'm corr. : resto hum T Ny

43

“Tal propunha Oro, que o mais forte
[valha,
Mas se num ponto iguala, noutro excedia
Porque Sussétio aponta, e não batalha,
Quando Hércules oferece, e combatia;
Sem duro peito, nem tecida malha
Na trincheira valente aparecia,
De Lomínio a Lomínio avança irado
Iguais por natureza, iguala em fado.

44

“De Ibéria os Coriáceos já vencidos,
Porque vontades firme templo funda,
Muitos devotos, muito suspendidos
Observam ritos com paixão jucunda.
Ali, dizem, que os deuses divertidos
Celebram festas, quando o Sol se inunda,
Que ajuntada a celeste bizzaria,
De obscura noite fazem claro dia.

45

“Já contra os Lestrígonos caminhava,
Iguais penas lhes dá, se iguais traidores.
Sente Enátria do braço a fúria brava
Que em maior resistência há mais
[horrores.
Hispalo em tanto Ibéria governava,
Segue-o Hispano ambos claros benfeitores;
Tanto se estima uma ínclita bondade,
Que um deu nome a província, outro
[à cidade.

45.3 Oenatria T Ocnatria Ny

46

“Qual Creta fértil de Crés rei primeiro,
Ou por mulher de Âmion foi nomeada,
De Trax, filho do Númen mais guerreiro,
A belicosa Odrisse apelidada;
E se o reporte antigo é verdadeiro,
A Sarmácia de Sarmate chamada,
Deserta Arábia de imperante Arabo,
Petreia de Petreio; se a Felix de Sabo.

47

“Qual Nínive por Nino se proclama,
Cápua grande por Cápis se nomeia
Por Filho de Ápis, que sublima a fama,
Argos antiga de cavalos cheia;
Por Delfo, adonde Cármió a Pítia inflama.
Por Samar corte junto a Galileia.
Por Corinto, Corcira deleitosa
Por Nicanor, Seleucia populosa.

48

“Porque sem rei ficava a hispana gente,
Volta Oro velho, tanto a patrocina!
Se a Tusco bravo em Cítia faz potente
Lhe deixa Ausónia, donde predomina.
Fortifica cidades prontamente,
Como guardasse um reino sábio ensina;
Solícito o examina, atento o corre,
Mas como tudo acaba, Hércules morre.

46.2 Âmion corr. : Hamon T Ny

49

“No Sacro Promontório sepultado
Exalta morto o que sublima vivo;
Por Menas, divindade proclamado,
Corre de Egito a Ibéria o respetivo.
Frequentam sempre ao templo sublimado
De vizinhas nações povo excessivo
Da baixa Ogígia ali culto floresce
Quando em Miara avançava, entre
[nós cresce.

50

“Héspero, atento capitão famoso,
Por rei da grande Hispânia deixa eleito,
Remunera serviços, generoso,
Que tanto paga grato um régio peito,
Mostrando-se do povo desdenhoso;
Era dos Lusitanos mal aceito,
Que só lhes move as mãos, lhe alegre a face
Rei que os regesse, pai, que os animasse.

51

“De Hespéria a Hespéria a nova já corria,
Ouve invejoso o irmão mais velho Atlante
Numa parte de Itália não cabia
Podendo ser de Hispânia dominante;
Corre ligeiro, em divisões se fia
Porque inda o fraco é nelas mais possante,
Armado alega de anos precedência
Que é direito sem força, vã potência.

52

“Pretende Héspero opor-se-lhe arrojado
Mas povo mal afeto, mal peleja,
Vê-se, porque soberbo, destronado,
Dá sem reino lição, se antes inveja.
O feliz de infeliz fica avisado,
De um má regência, faz que outro bem seja,
Contente o povo a tudo se oferece
Mais por amor que forças se engrandece.

53

“Qual dizem que Sabázio perseguido
De Nino fero, como Belo iroso
Deixando a Arménia, onde era exaltado
Na Itália se recolhe temeroso
Pois sempre vive em risco, aborrecido
De monarca tirano, e poderoso,
Receio abate acrescentar distância,
Não basta em perto a humana vigilância.

54

“Tal Héspero do reino despojado
Porque emende fortuna a Itália passa,
Que segue às vezes por secreto fado
À mudança da terra, a da desgraça.
Por sábio em paz e guerra imaginado
Já seu governo toda Etrúria abraça
Enquanto a Jano lhe faltava idade
Lhe deram da regência a potestade.

49.8 Miara corr.: Miára **T**Ny || 50.3 sílaba medial de *serviços* é acrescento supralinear em **T**

55

“Bem como o mesmo saga engrandecido
Por Vandimon, que Hespéria governava,
No reino de Argos Dánao exaltado
Quando Egito de Aeria o despojava,
De alto Peleu Pátroclo recebido
Onde o famoso Aquiles se educava
De Argia e Deífila têm régias meiguices
Bravo Tideu, valente Polinices.

56

“Ouve Atlante, e pondera judicioso,
Que inda na Itália rege um grande estado,
Teme, que se conhece o criminoso,
Político receia o que agravado,
Exército prepara cuidadoso.
Diligente se entrega ao mar salgado
Mas no Tirreno, sibilante vento
Lhe embarga, se não tira o grande intento.

57

“Arribado a Tinéria, espera a gente
Que nas ondas dispersa lhe vagava,
Teme Héspero, suposto que valente,
Dos peitos lusitanos se lembrava,
Pazes propunha, empate de prudente,
Mas tudo lhe derroca a morte brava.
Bastou dos nossos a primeira vista
Para sem darem golpe ter conquista.

58

“Entra bravo Kitim, fértil Gomora
De Camboblasco é já tutor chamado,
Com filha Electra o casa sem demora,
Porque com ligas cresce apotestado.
De Hespéria tanto o bem sábio melhora
A Aborígenes mostra tanto agrado
Que para eternizá-lo mais na fama
De Italo, Itália a Ausónia já se chama.

59

“Porque a corrente de Albula prezava,
Uma cidade forma no Aventino;
Outra onde a filha Roma colocava
No terreno do monte Palatino.
Com nossa soldadesca as segurava,
Põe freio ao natural c’o peregrino.
Oh! Nunca adverso o fado atroz destine
Que a mesma que fundámos nos domine.

60

“Morto Italo, foi Roma governante
Da que agora cresce com tal valia,
Lusitana mulher foi só bastante
Para a que tanto a sorte erguer queria.
Não se conhece altiva a dominante,
Oprime à que, se grata, ampararia.
Demonstremos-lhe, pois, c’o peito forte,
Que se lhe demos nome, damos corte.

61

“De Italo filho Ibéria governava
Sic Oro, que na paz só teve a glória.
Vivia onde Sícoris terras lava,
Nome do rio é livro de memória.
De Sic Ano que o segue alta ação brava,
Ana e Sicânia clamam como história;
Que inda que o tempo atroz tudo consome
Da empresa heroica se eterniza o nome.

62

“Porque Tebas na Beócia era chamada
Como Tebas no Egito exaltada,
Do sábio Cadmo a origem foi julgada
Se por modo das letras presumida;
E porque Nisa a Nisa assemelhada,
De Quiropsales glória conhecida,
Telemónico porto é monumento
Que de Aeson filho se entregasse ao vento.

63

“Já na Itália a tutora lusitana
Tem metido na posse a irmão Morgete
Que nobre aborrecendo ação tirana
Chama a Córito, porque lhe compete.
Já de Tusco e de Roma soberana
Em Lácio novo reino se intermete
Porque o filho Ramesso de alto peito
Foi dos Romanos rei primeiro eleito.

64

“Este é sua secreta divindade,
Somente aos sacerdotes descoberta.
Este invocam, se atroz necessidade
O sossego do povo desconcerta.
Não receemos, logo, inimidade
Que o reto não se altera pela oferta.
Inda na apoteose soberano
Se lembrará do sangue lusitano.

65

“Este só por Saturno conhecido
Hispanos e Aborígenes regia
Quando um povo contra outro enfurecido,
Em bandos diferentes competia.
Não sofre o Lusitano que, oprimido,
Lhe imponha leis soberba tirania,
Mostra seu génio, posto que estrangeiro
Não perde transplantado o verdadeiro.

66

“São povos Aborígenes chamados
De Itália os primitivos moradores,
Creem-se, por mais antigos, mais prezados
Porque em posse a adventícios superiores
Julgam-nos muitos Citas já parados,
Parte dos que antes foram corredores,
Alguns de Arcádia, se outros de Fenícia,
Que é confusa de origens a notícia.

62 e 63 estâncias trocadas em T ordem corrigida
em Ny || 62.6 Chiropsales T Ny

64.5 receemos corr. : receyemos T Ny || 64.7 apo-
teose corr. : apotheosis T Ny

67

“Mas ou sejam de Enotro conduzidos
Ou Ham, Saturno egípcio, os convocasse,
Suplicam Lusitanos sentidos
Que Sic Ano valente os castigasse.
Não guarda embaixadores suspendidos,
Manda que logo a armada se ajuntasse
Pronto dá à vela, tem vento sereno,
Chega às praias, que banha o mar Tirreno.

68

“Apenas desembarca, já castiga.
Tomar terra e vencer foi juntamente,
Presídio aumenta, que só força obriga
A humilde submissão soberba gente.
Manda o génio que avante inda prossiga,
A Sicília navega prontamente.
Derroca o povo que aos humanos come
Segura a Ibérios, deixa à terra nome.

69

“Como, antes por Pelágia conhecida,
De Arcas sublime Arcádia foi chamada
De Lido filho de Átis se apelida
Meónia pelo Pactolo celebrada,
Egialia por rios dividida
Pelo que Xutuo gera nomeada,
Por Téssalo a que Hémon recorda
[Hemónia,
Por Bitínio, Bébrices ou Migdónia.

67.1 Oenotro T Ny || 69.5 Egialia corr. : Ægialea
T Ny || 69.7 Hémon corr. : Æmon T Ny | Hemó-

70

“Volta à pátria onde teve o final corte.
Sucede-lhe Sic Caleu vigoroso;
É como o pai valente o filho forte,
Gera-se de leão, leão forçoso,
Se herda domínio, herdou valor e sorte.
Sente-o Itália igualmente poderoso.
Oh! Por que em nossas terras receamos
Aos mesmos que nas suas subjugamos?

71

“Já Camboblasco morto, competências
Entre os dois filhos na Tirrénia havia,
Tem Jasio, por mais velho, a precedência,
Mas Dárdano o supera em valentia.
No que tem mais justiça há mais urgência,
Pede socorro, embaixador envia,
Sic Celeu pronto à pressa se prepara
Que empresa grande sempre ao nobre é
[cara.

72

“Porque a demora não motiva dano
Manda à gente de Roma o socorresse.
Não falta diligente o Lusitano
Que inda em retiro ao rei sempre obedece.
Já chega a Itália o tio soberano
Já Dárdano confuso se estremece,
Cede à força o que encontra a natureza,
Sempre onde há tirania houve fraqueza.

nia corr. : Æmonia T Ny || 71.2 dois Ny dous T

73

“A Sic Celeo se mostra submissivo;
Obedecer-lhe em tudo protestava.
Perdoa-lhe, que o nobre é compassivo,
Do parentesco amor raiva abrandava.
Não cortou mares, porque vingativo,
Mas sim porque a justiça o amparava,
Dispondo tudo como anela em peito
Dar volta à pátria intenta satisfeito.

74

“Mas como de traição nada há seguro,
Triste sucesso ao Lusitano embarga,
Dárdano, contra a fé, perverso e duro,
A Jasio destroçou com morte amarga.
Foge a Apenino como a forte muro,
Aborígenes busca, Tuscos larga,
Contra os que antes sentiram, favor roga,
Sem razão tem razão, porque ódio advoga.

75

“Exército governa numeroso,
Mas tudo em balde contra a força hispana,
Quanto mais se reputa poderoso,
Sendo vencido, mais se desengana;
Em batalha e trincheiras perdidoso,
Julga a Ibéria invencível soberana.
A Samotrácia foge diligente,
Que é pouco asilo todo o continente.

76

“Põe Sic Celeo no trono a Coribanto,
Porque filho de Jasio, reto herdeiro,
A Aborígenes maus destroça tanto,
Que segura o monarca verdadeiro;
Mas tanta glória se transmuta em pranto,
Chegando a vida ao termo derradeiro;
Enfermo o recomenda a Luso forte,
Que o grande em vida se confirma em
[morte.

77

“Vendo o filho ao parente sossegado,
Volta, da amada pátria desejoso;
Como nunca por guerras disturbado,
Transmuta ócio nocivo em proveitoso;
Era ao culto dos deuses aplicado,
Em fabricar cidades cuidadoso,
Tanto amor para os nossos lhe admiraram,
Que Lusitanos dele nos chamaram.

78

“Quais Teutiscos que um corpo só faziam
Quando primeiro de Asquenaz trazidos
Por Tuíscón nobre ou Mano se regiam
Ao mesmo império todos submetidos;
Mas na terras diversas que assistiam
Foram por filhos deste repartidos
Nos Hermiones guerreiros, Ingevones,
Em Bastarnos, Vindilos e Istevones.

73.6 amparava T protestava Tac | protectava Ny
|| 74.3 fé Ny fee T | perverso Ny preverso T

85

“Mas como nunca para herói famoso
Que altas empresas move no conceito,
Posto que o livrar Roma o faz gostoso,
Jamais fica de glória satisfeito.
De Hispanos na Taiquetra cuidadoso,
Nobre piedade lhe comove o peito,
Donde o rio Timeto as praias rega
Cortando os mares diligente chega.

86

“De altos Ciclopes monstruoso bando
A Arimaspos nos olhos parecidos
C’os feros Legistrones concordando,
Eram brutos com brutos confundidos.
Contra estrangeiros sempre conspirando,
Eram nossos Hispanos perseguidos;
Mas tanto que Sic Ulo lhes faz guerra,
Bravo os derrota, servido os desterra.

87

“Já dos campos messénios repulsados,
No monte Etna inda temem cuidadosos,
Nas terras catâneas destroçados
Além das siracúsias vão medrosos;
No promontório Odíssia clausurados,
De Orino jamais passam receosos;
Porque alento brutal se extingue cedo,
Reinando fúria, logo impera medo.

88

“Mas como a nobre herói jamais agrada
Tenha ato grande as faltas de imperfeito,
Fazendo à pátria pronta retirada,
Teme recobre alento o bruto peito.
Sem praças gente crê sempre arriscada;
Mura algumas, forma outras no conceito;
Mas pondo embargos sorte enfurecida
Lhe deixa em povo o nome, e tira a vida.

89

“Como os que antes de Celta apelidados
Por Gálates seu nome transmutaram.
Os donde inunda o Melas colocados
De Misraim Egípcios se chamaram.
Os que Etérios primeiro nomeados
De Etióps fogoso Etióps ficaram.
Os que Paflagon muda entre os Galates
Rifáteos, nos princípios por Rifates.

90

“Tanto lamenta o povo lusitano
A triste morte deste herói famoso
Que impugnando estrangeiro soberano
Em democracia é rei somente idoso;
Se entre os Béticos Testa, alto africano,
Os rege, sábio manda poderoso.
Nosso amor tanto aos próprios reis abraça,
Que ou sem príncipe, ou só de Luso a
[raça.

91

“Posto que a Testa Romo sucedesse,
Nada a nossa constância comovia.
Quem sincero respeita nunca esquece,
Inda um século é tempo sem valia.
Neste governo livre permanece,
Campos arava, gados conduzia,
Quando Baco, envolvendo-lhe o conceito,
Lhes volta a mente, mas não muda o peito.

92

“Já de Sémele o filho vigoroso,
Com multidões de gente acompanhado,
Atravessando Ibéria poderoso
Aos campos junto de Ana tem chegado.
Quando os nossos com peito alto, e brioso,
Lhe têm do rio os passos embargado,
Crendo-o tirano, se lhe opunham fortes,
Bravos procuravam liberdade, ou mortes.

93

“Agrada-se Leneu da valentia,
Brandura acha mais própria que violência.
Sileno caviloso astuto envia,
Porque é mais forte que armas a eloquência.
Diz-lhes que em Lísias Luso lhes trazia
Que em mortais vaga a que imortal potencia;
Doutrina de Pitágoras explana,
Propondo enleia, disputando engana.

94

“Divide-se o Conselho Lusitano,
Como entre os Teucros quando Sínon fala;
Um protestava que era arguto engano,
De outro a vontade – um, ‘Pode ser!’ –
[Lhe abala;
‘Finge’, este diz, ‘mistérios quem tirano,
‘Devoto chega, mas perverso escala’.
‘Oh!’ Responde-lhe aquele, ‘E se for Luso?’
Treme o conclave; aceita, inda confuso.

95

“Tendo a Lísias no trono colocado
Valente Brómio para Itália parte,
Que em delícias não para sossegado
Sublime peito donde impera Marte.
É por rei grande o filho venerado,
Por génio logra o que ganhou em arte.
Tanto a Luso o julgámos parecido
Que seu nome formou nosso apelido.

96

“Morto Lísias, Licínio entra regente.
O que antes foi valido era tirano!
Estribando o soberbo no valente
Quer fazer-se de Ibéria soberano.
Guarnece de armas férreas nossa gente,
Aumenta peso ao braço lusitano,
Dá-lhe arte, se antes tinham fortaleza,
Porque bélicos são por natureza.

97

“Nesse tempo Palatuo valeroso
Não somente na Bética regia,
Mas na Hispânia Citerior poderoso,
Ao baleárico mar reino estendia.
Deu-lhe batalha Caco vigoroso.
De Romo o filho bravo resistia,
Tanto mais pugna a valentia hispana
Quanto mais cresce a glória lusitana.

98

“Foge triste Palatuo destroçado,
Faz-se tirano Caco presumido.
Que o mais grande mais vaga desgraçado,
Ímpio mais tiraniza, mais subido;
Insulta ao mesmo povo que, obrigado,
Sempre ingrato motiva arrependido.
Negam-lhe pouco a pouco obediência,
Era de um perda, noutro mais potência.

99

“Mas como sempre a sorte do tirano
Para em ruína, quando vacilante,
No mesmo tempo de Hércules Tebano
Chegava a Spânia o peito dominante.
Não se descuida o perseguido hispano,
Manda refrescos, faz visita amante,
Conta seu caso, basta ouvir-lhe a sorte
Para em tudo ampará-lo Alcides forte.

100

“Ou fosse porque Euxínio clausurado
Quando Eeta despachou filho pequeno,
Anceu, que a Tífis segue precatado,
Buscou não trácio, mas cimerieno;
Pela Meótis e Tanais engolfado,
Vendo amante Delfim sobre o terreno,
De rio a rio fez que a nau passasse
E sobre ondas viventes navegasse.

101

“Ou sem romper do Norte os frios mares,
Do Egeu por tempestades impelidos,
Na Tritonides donde creem pesares,
São por Trítion dos riscos advertidos.
E celestes notando em sublunares,
Por Quirónica Esfera dirigidos,
Até que em Gades, donde repousaram,
Velas ergueram e âncoras baixaram.

102

“Salta em terra o famoso Macistano,
Os príncipes que a vida repartiram,
O que a Pélias sentiu como tirano,
Os que olhos de Marpessa preferiram;
Meleager que de amores sofre o dano,
Os Volantes, que Harpias perseguiram,
Anfidamas, Acasto, Admeto, Bianto,
Corono, Astérion, Clítio, Peleu, Canto.

101.6 Quirónica Esfera corr. : Chironica Sphera
T Ny

103

“Dois Ífites e Íficles animosos,
Linceu forte de vista penetrante,
Butes, Falero e Ergino valorosos,
Oileu potente em Lócris dominante;
Tenareu, Náuplias e Equión vigorosos,
Palemónio, Hilas, e Áugias inconstante,
Sábio Orfeu com doçura e valentia,
Lança enristava, cítara tangia.

104

“Cresce o vigor na lusitana gente
Dos bravos Argonautas socorrida,
Que anima o patrocínio do potente,
Com general melhor se crê mais vida.
Vindo de várias partes diligente
É de Palatuo a força engrandecida;
Tanto os Gregos aos nossos admiravam
Que inda que ajudam, dizem, sobejavam.

105

“Anfiarau confirmou certa a vitória
Que Ídmon declara, e Mopso prometia.
‘Sem que adivinhe’, disse Argos, ‘creio a glória,
‘Pois ver tal gente é clara profecia!’
‘Foge’, Leódoco exclama, ‘da memória!’
A dúvida, notada a valentia,
Etáldes também diz não temera
Inda que o dom da Fénix não tivera.

103.1 dois Ny Dous T || 103.3 Falero corr.: Phaleto T Ny

106

“No monte, Cauno aguarda prevenido
Com muita gente o filho de Vulcano.
Em sítio forte, e exército escolhido,
Bravo confia o pérfido tirano.
Mas suposto que de armas guarnecido,
Reconhece em batalha o desengano;
Por mais que astuto ordene, e avance forte,
No braço adverso vê contrária a sorte.

107

“Bravo Canópio com vigor tremendo,
A dura clava ativo manejava,
E como javali bosques rompendo,
De um lado e de outro em terra derrubava.
Por fortes combatentes passa horrendo,
Abrindo a larga estrada, que entulhava,
Porque se entre viventes a fazia
C’os mesmos já defuntos a cobria.

108

“Como se fora contra Laomedonte,
Télamon fero imita Alexícaco,
De exangues corpos forma Zetes monte,
Segue Cálais quem foge ao bosque opaco.
O que no Anauro foi de Hoplósmia ponte,
Rompendo batalhões buscava o Caco,
Tálao peleja, imprime Cefeu corte,
Eribotes destroça, Anfíon dá morte.

107.1 Canópio corr.: Conopio T Ny || 108.5 Hoplósmia corr.: Hophismia T Ny

109

“Palatuo ativo mostra no animoso
Que o reino por que pugna merecia
A qualquer dos heróis no vigoroso,
Exemplo dava, emulação fazia.
Ostentasse Euridamas valeroso,
Qual raio Polifemo combatia,
Astério se assinala, Êurito avança,
Oenides move espada, Eurítion lança.

110

“Tímido já Licínio por vencido
Para Saturnia foge arrebatado
Onde nunca de vício arrependido
Que Hipódoto o matasse ordenou Fado.
Palatuo por vitória exaltado
Fica no régio trono sublimado;
Respira Ibéria, que tirano efeito
Vontade oprime, como ar crasso ao peito.

111

“Calinico que em nobre pensamento
De promessas lembrança não consome,
Porque Argeu morte leve ao pátrio assento,
Entrega o corpo ao devorante lume.
Em nova forma, novo monumento
Transmuta pena em glória por costume,
Porque os graus do desdouro, ou da valia,
Pendem de uso, que aplaude a fantasia.

112

“Depois que festas várias celebraram,
Pelo sucesso da feliz vitória,
No oráculo vagante se embarcaram,
Tão cheios de presentes, como glória.
A Palatuo não só reino deixaram
Mas de tais benfeitores a memória,
Que o nobre agradecido não se esquece,
Graças confessa, afetos reconhece.

113

“Na Bética já Palatuo sepultado
Eritreio, seu filho, governava
Quando na Lusitânia sublimado
Melícola, por mel, reino imperava;
Tanto invento era então remunerado,
Tanto a nova doçura se estimava,
Que não somente foi por nós eleito,
Porém de Ibéria qual rei grande aceito.

114

“Que muito a rei, se a sacro sublimaram,
Pilomno sábio, que a pisar ensina,
Se ao nobre Triptólemo veneraram,
Porque deu vago de lavrar doutrina.
Se pelo mel e azeite imaginaram
De Aristeu natureza o ser divina,
Ísis por sementeiras, Jano chaves,
Pã, se disformes, por cadências graves.

115

“Qual com Rómulo, Remo vigoroso,
Tirano Amúlio os fez lançar no rio,
Tímido Acriso com Perseu furioso
Lhe deu caixa entre as ondas por navio;
Laio do infante Édipo temeroso,
O manda expor no bosque à calma, e frio;
Tiestes lascivo contra Egisto irado,
Que alvo e produto faz do seu pecado.

116

“Tal Górgoris que a filha vê prenhada,
Fosse como Ília, Dánae, ou Pelopeia,
Tanto que mãe podia ser chamada,
Tirar-lhe o doce filho não receia;
Sem que o comova prenda tão chegada,
Já manda pôr no bosque, já na areia,
Busca imitando-os juntos no tirano,
Fereza em brutos, e nas águas dano.

117

“Porém como aos Quirites loba cria,
Cabra ao neto de Pélops alimenta,
Envergonhando a humana tirania,
Ao tenro infante cerva cara alenta.
Entre os veados rápido corria,
Ligeíreza o costume lhe acrescenta;
Que o na infância tomado pode tanto
Que móvel rege, e predomina encanto.

118

“Como Perseu na pesca, este na caça
Entre enganosas redes foi tomado;
Se um Díctis prende, outro monteiro
[enlaça
Para melhora do mudável Fado.
De ambos se emenda o triste da desgraça,
Que há sorte boa inda no adverso estado;
Se aquele Polidectes patrocina,
Avó já terno ao bruto neto ensina.

119

“Tal Melícola de Abidis silvestre,
Qual Príamo com Páris descoberto,
Muda-lhe em galas o saial campestre,
Ordena que em palácios viva perto.
Que o duro montanhês lime um bom
[mestre,
Pois douto ensino estrada é para acerto;
A carinhoso passa de tirano,
Com tenro duro, mas com bruto humano.

120

“Inda Górgoris sábio governava
Quando rompendo o pélagos profundo
De Ítaca o rei prudente navegava
Pelo termo de Ibéria, Europa e mundo.
Já donde o Tago sai, alegre entrava
De praia amena, respira ar jucundo
Gosta do rio, agrada-se das terras
Com fruta em vales e com caça em serras.

118.3 Díctis corr. : Dictyx T Ny

121

“Já contra Ulisses Górgoris irado
As lusitanas tropas conduzia
Mas de Anticleia o filho sublimado
Com razões, não com lanças, resistia.
Pelas armas de Aquiles decantado
Nunca tanto falou como dizia;
Nunca, levando a Príamo embaixada,
Retórica expressou tão concertada.

122

“De seus perigos faz sucinta história
Porque compunge o ver sábio em desgraça;
Conta naufrágio, relatando glória,
Que sempre a sorte o gosto e pena enlaça;
De Cila e de Caríbdis faz memória
Do que Ácis fere e Galateia abraça,
Dos Lestrigões, Cicónios, Lotófagos
De Circe encantos, de Calipso afagos.

123

“Bem como Arete, Górgoris movido
De Nausícaea agrado lhe mostrava.
Foi-lhe o murar cidade permitido,
Fundar templo famoso a Palas brava.
Mas nunca de Penélope esquecido,
Para Dulíquia amante se embarcava,
Lá sempre móvel lhe dispunha a sorte
Num filho proteção, se noutro morte.

124

“Ali nos deixa muita companhia
Que no porto e terreno se recreia;
Mostra experiência terem mais valia
Que o doce loto as frutas de Ulisseia.
Lembrança de infortúnios lhes fazia
Estimar como própria a terra alheia;
Que é natural, se amado, o que estrangeiro
O benquisto, patricio verdadeiro.

125

“No mesmo tempo pelo Mínio entrava
Bravo Diomedes contra os deuses forte,
Que inda em quem tanto pode, se mostrava
A grande força da mutável sorte,
Sente Éolo quem Vénus encontrava,
Neptuno o que inda em Marte imprime
[corte,
Donde Nébis brotando, terra inunda
Dos Gruios Tude por memória funda.

126

“Recorda em nome o de seu pai famoso
Porque Tideu lembrar-se merecia.
Muito obrou forte o capitão brioso
Quando aos bravos de Tebas desafia.
Lá donde o Dórias entra exterior undoso
Porto Graio com muros guarnecia;
Põe dos que ama apelidos igualmente,
Porque, se estima o pai, prezava a gente.

126.5 exterior corr. : Exterio T Ny

127

“De Egíale amante busca Etólia cara
Que tarde se ouvem faltas de consorte;
Nunca de Spânia a Grécia navegara,
Se entendera que a Dáunia o leva a sorte,
Nunca Arpi lá na Apúlia edificara.
Tivera em Diomedes triste morte
Se tedioso não fora a um fatigado
Buscar distância achando em perto agrado.

128

“Quasi no mesmo tempo a Ibéria chega
O Telamónio Teucro, destro archeiro,
Donde Terebris fresco os campos rega
Vem c’os bravos Mirmídones primeiro;
Depois, que o belicoso não sossega,
Passa ao lugar do mundo derradeiro;
Vago de terra em terra navegava
Porque adonde está bem pátria chamava.

129

“A que deixasse a própria era impellido
Porque não vingou de Ájax bravo a morte,
Que é já velho no mundo, e sucedido,
Por faltas de outrem sofre dura sorte.
Aos Ártabros doutrina esclarecido
Dá-lhe leis sábio, se armas mostra forte
Mas se os pule, os deixou, que determina
Haja em Pafiena nova Salamina.

128.2 Telamónio corr. : Telomonio T Ny || 129.7
pule corr. : pole T Ny

130

“Também por tempestades repulsado
Menesteu vinha da troiana guerra;
Junto a Gadiva em porto celebrado
Imprime nome, quando pisa terra.
Oh! Faça reflexões nosso cuidado
Veja que Hispânia muito Jónio encerra,
De antiga inimizade nos lembremos,
Contra Dardânios, Gregos pelejemos.

131

“Morto na Menor Frígia, infelizmente,
O que Hesíone pede a Alexícaco,
De Troia a Itália passa muita gente,
Que escapou fogo, inda que sofreu sacco.
Parte em Lácio meteu varão potente
Que é por Cápis bisneto de Assáraco.
Estes clamam por ser progenitores
Da fera Roma altivos senadores.

132

“Sucede em reino a Górgoris famoso
Abidis nos costumes transmutado.
Brotta de um génio agreste um deleitoso,
Do mais rústico, o mais civilizado.
Multiplica cidades cuidadoso,
Quer goze o povo o bem que havia
[achado,
No alto monte de Scalabis fez corte,
Toma recreio, donde teve sorte.

133

“C’os Iones de Olissipo conferia
Que o rei que ama conselho glória exalta;
Unir gentes sem leis dano seria
Na mais grande cidade maior falta.
Enchendo, sábio, o povo de alegria
Com nobre fama grande nome esmalta.
Quando fechado o céu, se aberta a terra,
Na paz com fome lhe declaram guerra.

134

“Fugindo horrores de esterilidade
O lusitano povo transmigrava,
Porque a fome inda é mais que a liberdade;
De uma império faz, de outra a força escrava,
Mas tanto que faltou serenidade
Que inda o belo, se em tempo impróprio,
[agrava,
Não só patrícia gente vem ligeira
Mas para ser patrícia, a que estrangeira.

135

Da própria Gália Céltica chamada,
Entre Aquitânia e Bélgica estendida,
Por Sequana e Garuna separada
Por Matrona e Gebena dividida,
Até Ródano e Reno dilatada,
Em si mesma por Ligeris partida,
Dos Celtas quantidade numerosa
Fez transtagana terra populosa.

136

“Vinham juntos Tricássios e Senones,
Vadicasses, Lexóbios, Segusianos,
Curiosolites, Éduos e Redones,
Andegavos e Aulercos Cenomanos,
Diablintas, Ebuovices, Turones
Osísmios do terreno dos Britanos,
Unelos e Carnutes com topetes
Os Vénetos, Parísios e Nanetes.

137

“Ou destes, ou do resto dos Comatos,
Porque a uns se davam de outros apelidos,
Como os mais Transalpinos, ou Bracatos,
Por Galocitas junto confundidos
Quais para Itália uns foram ser Togatos
Porque nos seus limites constrangidos;
Outros na Ibéria, adonde Ibero, correm
Com nome simples nascem, nisto
[morrem.

138

“Oh! Se os bravos Celtiberos famosos
Dos antigos princípios se lembrassem,
Para os seus, mais que estranhos, carinhosos,
Não duvido que aos nossos se juntassem!
Mostremos, pois, com peitos vigorosos
Que adonde o sangue pula, alentos nascem!
Façamo-los despertos por vitórias,
Logo serão parentes, se houver glórias!”

137.8 simples Ny simplex T | nisto corr. : mixto
T misto Ny

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
TERCEIRO



(Página deixada propositadamente em branco)

1
“Da cidade em Fenícia Sor chamada,
Porque do peixe Sarra se apelida,
Se entre Gregos por Tiros nomeada,
E no mundo por tinta conhecida,
De alto Abibalo em reino levantada,
Quando Sídon famosa suprimida;
Sírios a Ibéria vêm buscar tesouro,
Que inda a mais longe puxa a atração de
[ouro.

2
“Desse, que os Pirenéus montes correram,
Quando num grande incêndio se
[abrasaram,
Pelas galas sarronas, que venderam,
Muita cópia para Ásia carregaram.
E com novas fazendas que teceram
Outra vez para Hispânia navegaram,
Porque formiga humana, astuto peito,
Volta constante adonde achou proveito.

3
“A nobre ilha de Gades fortificam
Porque força e negócio juntos crescem
Protegendo-se mútuos, se amplificam,
De um grandezas nas de outro se conhecem.
Templo a Rinocolustes edificam
Se ambiciosos, devotos aparecem;
O forte protetor querem propício
Porque inda no seu cão têm benefício.

4
“Já crescendo a soberba com riqueza,
Vício comum, se falta entendimento,
Aos Béticos obrigam com dureza
A cavar minas no seu mesmo assento.
Fazem-nos miseráveis na grandeza
É seu próprio tesouro seu tormento.
Armas tomam, recurso de agravados,
Pelejam fortes por desesperados.

5
“Os Sírios a Gadir fogem vencidos,
Inda sendo o mar fosso, temerosos;
Porém, de Atenienses socorridos,
Com novo alento pugnam vigorosos.
Béticos com Celtiberos unidos,
Outra vez se lhes opunham valerosos
Mas sentem de que a grega disciplina
Com força de arte, em força inda domina.

6
“Aos Celtas Lusitanos recorrendo
Foram Siro-fenícios destroçados,
Quantas terras e praças têm, perdendo,
Só na Eritreia ficam clausurados;
Lá queriam mostrar-lhe o braço horrendo,
Com que fossem de todo repulsados;
Mas por templo em discórdias divididos
Nossa contenda é muro dos vencidos.

5.6 lhes corr. : lhe T Ny

7

“Tanto que os bravos Celtas se retiram,
A Argantónio os Tartéssios escolheram,
Dele os Fenices pazes conseguiram,
E na Ibéria outra vez se intermeteram.
Muito do tempo as circunstâncias viram,
Aos mesmos que opugnaram, defenderam,
Se em Gades, por soberbos, castigados,
Em Tiro, porque aflitos, amparados.

8

“Já dos sábios caldeus trono ocupava
Nabucodonosor, príncipe altivo,
De quem sente Necheptos fúria brava,
Joaquim misto de irado e compassivo,
A Tiro forte rígido cercava,
Mas de balde se empenha no ofensivo,
Porque iguala, valente diligência,
À força externa, interna resistência.

9

“Cuidadosos da pátria, os Gaditanos
Socorro dos vizinhos suplicaram.
Junto os Béticos vão c’os Lusitanos
Numa potente armada que ajuntaram.
Já Babilónios temem dos Hispanos
E duro sítio à pressa levantaram;
Já voltam nossos publicando glória,
Porque o retiro aclamam por vitória.

10

“Mas como ódio renasce em vingativo,
Volta Assírio nas forças recobrado,
Contra Eliaquim mostrando o
[incompassivo,
Jeconias furor, Vafres o irado,
De Jerusalém famosa destrutivo,
Da vista a Sedecias tem privado,
E a Tiro, sem vizinho que lhe assista,
Muita gente perdendo, enfim conquista.

11

“Em grande armada embarca poderoso,
Com multidões de gente, em que imperava,
Junto Nabuzardan, cabo horroroso,
Como lugar-tenente comandava.
Donde entra o Rubricato o lago undoso
Com soldadesca as terras inundava,
Tarraconense Hispânia o golpe sente,
Mais de fúria soberba, que valente.

12

“Já muralhas de Gades investia,
Ataques sobre ataques redobrando,
Mostram cercados dura bizzarria,
Força com força bravos repulsando;
Mas como inda desmaia a valentia
Nos delíquios de assédio miserando,
A forte praça em cinzas acabara,
Se o braço lusitano a não livrara.

13

“Com fortes Celtas bravos Turdetanos,
Argantónio aos Assírios disturbava,
Dão rebate em rebate os Lusitanos,
Um começa, quando outro se acabava.
Cansa Nabuco já de sofrer danos;
O que tantos rendeu, rendido estava;
Teme perder-se, vê não logra intento,
Embarca, e segue direções do vento.

14

“Oh! Se contra este grande nomeado,
Que inda Nínive forte, bravo sente,
Na famosa Ecbatane venerado,
Imperador de multidões de gente,
Em Média e Palestina sublimado,
Na Cilícia, no Egito e Líbia ardente,
Só bravos Transtaganos resistiram.
Que tememos, se os Túrdulos se uniram?

15

“Mas como é vário o peito dos humanos,
Pelejam contra o que antes socorriam.
Pretendem grande soldo os Lusitanos,
Conceder-lho os Fenices não queriam.
Perdem campo num choque os Turdetanos,
Que os Béticos aos Sírios defendiam,
Mas voltando como ondas de altos mares
Os fecham nos aquáticos lugares.

16

“Turdetanos da Bética senhores
Diversas praças-fortes levantaram
Das vilagens abertas moradores,
Com cidades fechadas seguraram.
Oh! Que se naus tiveram, vencedores
Totalmente aos Fenícios destroçaram.
Tremem Sírios confusos nos perigos,
Chamam parentes, vão buscar amigos.

17

“Já Birsa em Zeugitana levantada
Pela filha de Metres poderoso
Que a Sicheu sacerdote desposada,
Pigmaleon duro priva de alto esposo.
Mais que um couro limita amplificada,
Na África estende império vigoroso,
Dos termos de Cirene ao grande Atlante,
Em trezentas cidades dominante.

18

“Enviam-lhe os de Gades mensageiros,
Dão socorro Africanos diligentes,
Mostram patricio, posto que estrangeiros,
Se ambição própria os não ligou parentes.
Porto de Menesteu tocam ligeiros,
Com forte Mezerbal, Penos valentes
Entram soberbos pela hispana terra
Fazendo os danos que origina a guerra.

19

“Báucio Capeto elegem Turdetanos,
Que inda os fortes são fracos sem cabeça.
Pronto ostentando alentos soberanos,
Acerto da eleição quer se conheça;
De repente acomete aos Africanos
Vitória, terra, e lauro alcança à pressa.
Mezermal destroçado com fugida
Deixa honra certa, busca incerta vida.

20

“Salvo cuida em destreza lusitana,
Teme de expor-se com tão brava gente,
Pedia paz, suplicava clemência humana,
Encontra dócil quem sentiu valente.
Depondo o fero, com brandura engana,
Acha astúcia, que força, mais potente.
Pouco a pouco metendo-se na terra,
Sobre amizade, maquinava guerra.

21

“Em várias praças-fortes já metidos
Com potência despertam Gaditanos;
Buscam remédio tardos advertidos
Quando o tempo incuráveis fez seus danos;
Combatem-nos, mas fogem rebatidos,
Porque neutrais se mostram Turdetanos.
Tanto aborrece a ingrato o nobre peito,
Que de outros vício os cega em seu
[proveito.

21.2 Gaditanos Ny Guaditanos T cf. *supra* 9.1

22

“Seguem vitória os Penos animosos
Mostram, cercando a Gades, bravo
[empenho,
Fá-los, com força de arte, poderosos
De arguto Pefasmeno o forte engenho.
Abre brecha nos muros vigorosos
Com cabeça de ferro o duro lenho,
Entregam-se os Fenícios mal seguros,
Que alentos caem derrocados muros.

23

“Já desperta em Turdeto a clara gente
Vendo nos Penos pérfida crueldade,
Intenta castigá-los diligente,
Mas a prende em grilhões sagacidade.
Do caviloso é capa o reverente,
Finge culto, dá mostras de humildade,
Afetando respeito ao Megistano
Faz de inimigo amigo o peito hispano.

24

“Não só consente, mas protege forte,
Quando o Cartaginês c'o Persa unido
Porque Xerxes na Grécia imprima corte,
Querem Gelo em Sicília suprimido;
Porém, como em poder domina a sorte,
Junto de Himera tudo foi perdido;
Himilcon morre, que comanda em terra,
Perece Amílcar que no mar faz guerra.

23.7 Megistano corr. : Macistano T Ny

25

“Como os males uns noutros se
[encadeiam,
Sente a grande Cartago novos danos,
Nas quebras do poder glórias se afeiam,
Querem reger regidos Tingitanos
C’os Getulos unidos não receiam
Pedir tributos dos antigos anos.
De Iarbas e Dido cantam grave história
Era interesse livro de memória.

26

“Em Gades Safo capitão prudente
Tropas cartaginesas governava;
Porque o dócil mistura c’o valente,
Aos fortes Turdetanos agradava.
Implorando socorros, prontamente,
Que aos Transtaganos venham, suplicava.
Chegando embaixador, foi logo aceito
Porque a aflitos protege o nobre peito.

27

“Já na África Menor desembarcados,
Os nossos Turdetanos se moviam
Junto c’os Cartagónios alentados
Libifenices bravos concorriam,
Cerofeus e Mampсарos ajuntados
Aos Gefes e Mímaces conduziam
Nigitimos, Usaras, Muturgures
Sigifósios, Cinítios, Astacures.

28

“A encontro se lhe opunham Mauritanos
Pela capital Tingis conhecidos
Nectiberes, Banjubas, Argaucanos,
Os Vacuatos pelo Agna divididos
Caunos, Verbices, Volubilianos
Bacuatos junto ao Focro intermetidos
Os Masices, Segênsios, Maconitas
Verves, Sucósios e Metagonitas.

29

“Em favor dos Maquinos agastados
Macries, Ozutos, Miédios e Midenos,
Samamícios na Sirtes colocados,
Lotófagos, Damênsios e Nigbenos,
Ampsaga e Rubricato já passados,
Junto a Bagradas creem domar terrenos;
Porém, tanto que os nossos se opuseram,
Mais depressa fugiram, que vieram.

30

“Já neutrais seguem bravos vencedores
Os Cirtésios, Nabatras, Cidamúsios,
Chituas, junto de Gulo moradores,
Banturaros, Macures e Nacmúsios
De entre Serpete e Savo habitadores;
Mancurebos, Banjueros e Macúsios,
Os donde Quilimate rega os terrenos,
Macunos, Acuênsios e Micenos.

28.4 pelo corr. : pela T Ny

31

“Como Anteu novamente reforçados
Muitas vezes soberbos investiam,
Mas dos nossos com força repulsados,
Se altivos chegam, trémulos fugiam.
Nem de Malvia, nem Subur resguardados,
Lá no pequeno Atlante se escondiam.
Oh! Se na terra estranha império demos,
Em nossa mesma pátria que tememos?

32

“Por nobre Safo os três primos famosos
Em Gades com prudência governavam;
De indagar novidades curiosos
Dois lusitanos costas navegaram.
De Hanon primeiro alentos vigorosos
Ao Sacro Promontório o directaram;
Tomando terra observa diligente
Glórias do sítio, inclinações da gente.

33

“Busca Himilcon, se deixa Hanon Curete,
Já do Senado sagaz desígnio,
Costeando Lusitânia, se intermete
No Tago, Munda, Dúrio, Vaca, Mínio;
Crê poder grande tudo lhe compete,
Nenhum termo supõe meta ao domínio.
Bracara funda, consentindo os Gregos,
Que somos todos, se inatentos, cegos.

34

“Em tanto Giscon Gades comandava,
Sucede-lhe Aníbal primo animoso,
Que em Lusitânia com prudência brava
Tomou terra, e deixou porto famoso.
Inda benquistu atento governava,
Na paz justo, na guerra vigoroso,
Quando o Bético oposto ao Turdetano,
Dando-lhe glória lhe motiva dano.

35

“Se um fala porque antigo presumido,
Outro, inda que estrangeiro, por valente
É Bético de Peno socorrido,
Turdetano de amigo e de parente.
Deste e de aquele exército movido,
Se encontraram num campo frente a frente,
Fuzila éter, mas pugnam sem desmaios,
Como os raios do céu, da terra os raios.

36

“Titubeia o sucesso vacilante,
Suspensa na batalha está vitória,
Mostra-se a sorte imóvel, se inconstante,
Nem de um lado, nem de outro quer dar
[glória.
Com sombra obscura a noite só montante,
Destroço embarga, mas deixou memória.
Oitenta mil levaram duro corte,
Teve Cartago perda, Aníbal morte.

31.5 Malvia corr. : Mahia T Ny || 32.4 dois corr.:
dous T Ny

37

“Magon que em Baleares governava
A Gades pronto mandou vir Senado,
Mas vendo que o destroço paz causava
Fica achando sossego, sossegado;
Mas dos bárbaros Sárrios fúria brava
Aos Celtas nesse tempo dá cuidado.
Correndo à pressa roubam toda a terra
Fazem com fuga mais terrível guerra.

38

“Turdetanos na Bética ofendidos,
E receosos de agravados Penos,
Dos nossos Turdetanos persuadidos,
Na Lusitânia vêm buscar terrenos.
Sempre os patrícios Lares são queridos,
Frutos mais gratos, campos mais amenos,
De antiga origem celebrada história
Corre de pais a filhos na memória.

39

“Aos Galos Lusitanos socorreram;
Bárbaros cercam de uma e outra parte;
Turdetanos que Celtas mais puderam,
Porque supera a força, engenho e arte,
Que em campo pelejassem comoveram,
Foi na batalha contra os Sárrios Marte,
Largando as armas, usam diligentes
Por clavas punhos, e por punhais dentes.

40

“Inda abrasava no Peloponeso
O fogo ativo de ateniense guerra
Que Arquidamo na Sparta deixa aceso.
Péricles move na Cefísia terra,
Quando Tinácia sente de armas peso,
Porque o mal só na Grécia não se encerra.
Egesta de Selino império acusa,
Leôncio e Catana culpam Siracusa.

41

“Contra esta Atenas forças enviava
Mas no eclipse da Lua sem valia,
Porque em Nícias, que as armas governava,
Superstição domina em valentia.
De Gilipo e Hermócrates fúria brava
Junto de Camerina os destruiu,
Temem de Siracusa os Egestanos,
Pedem socorro aos Tírios africanos.

42

“Mandam trinta mil homens animosos
Em que incluem três mil dos nossos bravos.
Vinga Aníbal com peitos vigorosos
Dos mortos tio e pai, velhos agravos.
Sentem Selino e Himera aos poderosos
Que a uns matam, se outros tomam
[como escravos.
Coube-nos muito de feliz vitória
Que foi de Acesta amparo, Enusso glória.

43

“Não só vencemos Sículos valentes,
Ou dos que Árquias transplanta, originados;
Mas de Corinto os naturais potentes,
Eleus fortes, Leucados arrojados,
Aos Fócios cavaleiros diligentes,
Beóticos duros, e Lócrios bem montados,
Ambraciotas, Megários e Sicónios,
Aqueus, Peleneus e Lacedemónios.

44

“Se inda em tanta aliança poderosos
Atenienses não foram vencedores,
Não somente os fizemos vitoriosos
Mas também seus vencidos protetores.
Plateus, Dórios e Sâmios animosos,
De Quio, Eubeia e Cária habitadores,
Lésbios, Jónios, Zacíntios arrogantes,
Messénios bravos, Corcireus possantes.

45

“Qual Fálaris e touro de Agrigento,
Gélon, Híero e Trasíbulo tiranos
Que de Acradine, Ortígia e Tique assento
Elevando o poder fez desumanos,
Dionísio imita horrível pensamento
Quebra as leis, que inda ligam soberanos,
Põe Léptines no mar, rege na terra,
Contra altiva Cenépolis faz guerra.

46

“Por socorro outra vez Cacabe envia,
Que o proveitoso é sempre desejado,
Voltar de Himileu a sorte já se via
Por nossos bravos Celtas ajudado.
Já Mago sobre o mar galés fundia,
Já Dionísio na terra está cercado,
Mas como não se entende o que celeste
Lhe salva o reino haver no reino peste.

47

“Depois que Hanon segundo vigoroso
Entre Iberos causou mortal destrago
Boodes c’os Turdetanos caviloso
Lacóbriga fundou, mostrando afago.
Maharbal sucede por civil ditoso,
Sem força aumenta império de Cartago.
Oh! Se afeto somente nos ligava,
Sejamos bravos contra fúria brava.

48

“Inda Almícar que o segue mais alcança
Porque ao bom termo ajunta casamento.
Cresce o poder na base da aliança,
É ligar-se de liga fundamento.
Adonde Ibero corre bravo avança,
Faz da velha Cartago o forte assento
E porque, tendo porto, melhor dome,
Ergue Barcino de seu próprio nome.

49

“Dos Béticos Focenses incitados
Os Vetones c’os Celtas competiram,
De Almicar Transtaganos protetados
Contra os outros, valentes investiram.
Mas Vetones de astúcia nova armados,
Carros cheios de lenha preveniram.
O choque aguardam, seco tojo acendem,
Os que antes eram bois, touros ofendem.

50

“Mais que os carros falcatos horrorosos,
Por fogo os mansos feras causam danos,
Quebram filas, separam temerosos.
Perturbam-se os confusos Africanos.
Entram brechas Vetones animosos;
Destroçam Lusitanos Lusitanos;
Férvido general Barcino corre,
Fere, encontra e derruba, porém morre.

51

“Fica o genro Asdrúbal de armas regente,
Mostra em perfídia o génio de Cartago,
Quebra a lei natural de toda a gente
Sobre trato de paz, destroça a Tago.
Morre alento com príncipe excelente
Dos Vetones ruína é seu destrago
Mas servo fidedigno Celta forte
Junto de altar vingou morte com morte.

52

“Não se glorie só povo romano
Do que intrépido foi matar Porsena,
Que o nosso vigoroso Lusitano
Sem que erre golpe, imprime justa pena.
Oh! Se inda um baixo servo transtagano
Expondo a vida uma traição condena,
Lembremos Galba, fortes pelejemos,
Por muitas mortes, muitas mortes demos!

53

“Já de Chartada Roma temerosa
Pela grandeza com potência hispana,
Procura astuta, busca vigorosa
Em Sagunto reter força africana.
De Massília amizade poderosa
Ao nobre povo, quando obriga, dana,
Porque de Aníbal grande suprimida,
Vítima se abraçou, não socorrida.

54

“Defende-se oito meses circundada,
Padrão sublime de fidelidade.
Embaixada mandou sobre embaixada
Mas não merece auxílio, se amizade.
Oh! Que inumana ação por Roma obrada!
Paga Edetano por credulidade.
Nunca admitamos, pois, tão maus amigos!
Linces nas glórias, surdos nos perigos!

55

“De quem, se o nome gozo, a glória brava
Férvido aspiro ter na Enótria terra
Dos Celtas que animoso governava!
Aníbal pede auxílio para a guerra;
Dá-lhe seguindo-o mais que desejava
Que se amizade tem, valor encerra
Não só contra Agerissa furibundo
Mas, se importara, contra todo o mundo.

56

“Pela Gália Bracata entra animoso
O Peno forte, contra Roma irado,
Concede passo o Volca temeroso,
Não se arma o Casserómio sossegado.
Mas passagem do Reno caudaloso
Lhe disputa Alobroge acompanhado
Por Cavaro, Anátilo e Tricasteno,
Sentio, Elicoco, Salice e Mimenno.

57

“Sagalauno e Comono os ajudavam,
O Vocôntio e Deciátio concorriam,
E num corpo em que todos se ajuntavam
Campo soberbo rígidos faziam.
Mas vendo como os nossos pelejavam
E destros Africanos combatiam,
A amantes se voltaram de inimigos
Dão passo Francos, dão sustento amigos.

56.7 Cavaro T Cascaro Ny

58

“Tendo os sublimes Alpes já descido,
Potente avança em Gália Cisalpina
Quando Cornélio Cípio presumido
Fazendo oposição sente ruína.
Quer Semprônio vencer pelo vencido,
Porém, vê que Aníbal firme domina,
Como em posto, em fortuna sem detença
Nos colegas iguala a diferença.

59

“Já com sangue dos míseros Romanos
Trébia por campos de Placência corre
Alvorota o pavor Circumpadanos
Nos Bechunos e Insubres valor morre;
Fogem Líbicos, temem Cenomanos
Submeter-se, o Ligústico discorre,
Os Oróbios, Salásios, Lepontinos
Caturiges, Centrones e Taurinos.

60

“Os Suétrios e Vendiôntios temerosos,
Segusianos, Nerúsios montanhesees,
Seguindo insígnias dos vitoriosos,
Se antes Romanos, são Cartagineses.
Já na Etrúria Afros mostram poderosos
Que a fortuna é propícia muitas vezes;
Sente Flamínio, junto ao Trasimeno,
A força horrenda do terrível Penno.

58.2 Cisalpina corr. : Cesalpina T Ny

61
“Com quinze mil Latinos que morreram
Na fúria horrível do fatal destrago
Desce o Cônsul também c’os que desceram
Do Perusino Lago a Stígio Lago,
Com tanta força os nossos combateram
Que a glória sustentaram de Cartago.
Bravo Mamerco fêrvido rompia
Mas cede à lusitana valentia.

62
“A Quinto Fábio Máximo prudente
Elegem ditador tristes Romanos;
Foi no mostrar-se tímido valente,
Faz sem batalha de batalha os danos.
Inativa perece a brava gente,
Era ócio peste para os Lusitanos
Mais forte é fortaleza exercitada
Que a força se enferruja como a espada.

63
“Suposto que abatidos, vigorosos
Na batalha de Canas foram raios,
Contra oitenta mil homens poderosos
Vinte mil pelejaram sem desmaios.
Intrépidos, terríveis e animosos,
Contam glórias passadas como ensaios
A quarenta mil dão sanguínea morte
A Equestres mate, a Senatórios corte.

61.3 Desce corr.: Descem T Ny || 63.8 mate T Ny
golpe Tac

64
“Viriato com veloz cavalaria
Volante pelejando não descansa,
A Servílio que bravo combatia
Trespasa o peito com pungente lança.
Não sofre Emílio Paulo a valentia,
Pelo nosso esquadrão fêrvido avança,
Contra Viriato investe de repente
Vinga ao Cônsul passado, o que presente.

65
“Mas junto Lúcio acaba quando mata
Da espada lusitana sente o corte.
Se Varro, que em vanglória se arrebatava,
Foge a Venúcia, maldizendo a sorte,
Bálaro em retaguarda o desbarata,
Mas não pode alcançá-lo para a morte;
Que adonde asas ministra horrível medo,
Quem segue, inda veloz, jamais vem cedo.

66
“Tremem do Peno Hirpinos e Campanos
Os Apúlios, Peucéticos e Vestinos,
Os Samnites, Pelignos e Lucanos,
Da agradável Calábria os Salentinos,
Caracenos, Pretútios, Ferentanos,
Dáunios, Pícnos, Brútios, Pícentinos,
Da Magna Grécia o povo, à mesma Roma,
Porque se veloz marcha, bravo a toma.

65.5 Bálaro T Baslaro Ny | 66.1 Hirpinos corr.: Irpi-
nos T Ny || 66.3 Samnites corr.: Vamnites T Tamni-
tes Ny || 66.5 Pretútios corr.: Prægutios T Ny

67

“Mas como em Cápua entre recreios fica
Da forte gente alentos entorpece,
Que uso de passatempos molifica,
Como uso de trabalhos endurece.
Em tanto Roma seu cuidado aplica,
Com poder novo cauta se enfortece,
E crescendo à Ibéria o braço de Cartago,
De uma ruína, julgam de outra estrago.

68

“Contra Asdrúbal, que Ibéria governava,
Mandam Gneio Cipião ferros Romanos,
Dos Celtiberos voltam cópia brava,
Que sempre houve mudanças nos humanos.
Não reparam que a terra fica escrava
Aumentando grandeza nos tiranos.
Em Barcino e Mandónio alcançam
[glórias;
Mas pagaram dobrado por vitórias.

69

“Cornélio Cipião chega de Roma,
De Cadmeia também Magon Barcino.
Inda o bando de Flora a sorte toma,
Vence ao Cartaginês duro Latino;
Mas chegando Gisgon potente o doma,
Dá-lhe, novo Asdrúbal, novo destino,
Do bravo Masinissa acompanhado
Fez de ambos Cipião luto o fado.

70

“Lúcio Márcio centúrio é substituto,
Até que Cláudio Nero entra na terra,
Circunda este a Asdrúbal, mas sábio, astuto,
Enganado o deixou na inculta serra.
Cipião de infeliz mostrando o luto
Segue de Ibéria a vigorosa guerra,
Furibundo assaltou Nova Cartago
Fez, ganhado o tesouro, mais estrago.

71

“Celtiberos tratando com favores,
Já pelejam valentes de seu lado.
Sente o Barcino da fortuna horrores,
Dando batalha, fica destroçado,
A Itália passa, onde sentiu rigores,
Que em Nero e Salinator mostra o fado.
A Gisgon, que ficou, deixava a sorte
Porque inda no mais bravo impera forte.

72

“Perseguido de Colca e de Silano,
Desempara de Hispânia a nobre terra,
Deixa estrangeira, vendo em própria o
[dano.
Contra África Cipião já move a guerra,
Vai-se Magon também, bravo africano,
Que em Gades, constangido, a gente
[encerra;
Ouve horrída batalha junto a Zama
Charchedon cede, Roma império aclama.

68.2 Scipiam T Ny cf. *supra* 58.3

73

“Sendo Acidino e Lentulo pretores
Fero jugo Ilergetes sacudiram
Mostra Endibil furor, Mandônio horrores,
Muito fazem, mas nada conseguiram.
Contra inumana fúria de traidores
Nunca, inda os mais valentes, resistiram;
Um morre pelejando, se outro entregue,
Porque a desgraça inda a retiro segue.

74

“Foram sempre por guerras disturbados
Élio, Stercínio, Lentulo, Cetego,
Que os bélicos Hispanos sublimados,
Nunca sofrem tiranos com sossego.
Tuditano, entre muitos, derrotado,
Termina a vida ministrando emprego,
Com Buteo e Termo tanto competimos,
Que em Roma aos Senadores aturdimos.

75

“Com grandes cópias mandam Censorino,
Porque menos de um cônsul não bastava.
Mostra Catão valente engenho fino
Grega Empúrias tomou com força brava;
Desta o medo fez noutras desatino,
Em muitas deixa a liberdade escrava.
Porém, da Lusitânia ouvindo a história,
Teme, se fizer guerra, perder glória.

76

“Depois de Paulo, Mânlio e Cláudio Nero
Foram Digício e Nasica pretores.
Se este já propretor sentimos fero,
Aquele em perdão padeceu tremores.
Pretende Lúcio Emílio aplausos de hero,
Na Bética intentou mostrar furores,
Mas se horrível terror dos Bastetanos,
Fraco despojo aos fortes Lusitanos.

77

“A Paulo, Macedônio apelidado,
Júnio Bruto seguiu, depois Catino,
Que Asta assaltando, morre desgraçado,
Quando vacila a sorte de Acidino.
Sentem Calpúrnio e Quíncio triste fado,
Porque juntos vêm Pison com Crispino.
Oh! Se ao vencer seguira o seguimento,
Não seguira de Roma o vencimento.

78

“Sucedem Longo e Varro, Mânlio e Flaco,
Muito os pretores contra nós perderam!
Ao mesmo posto vêm Postúmio e Graco,
C’os Lusitanos nunca se atreveram.
Julgando ao bracarense povo fraco,
De Cartago a progénie conheceram,
Pelejam bravos; porém vence Albino,
Tinham mais valentia, do que ensino!

79

“Tomam por general forte Apimano
Quando Marco Manílio comandava.
Vinga com força horrenda antigo dano,
É fogo e sangue tudo adonde entrava.
Cai a soberba do feroz Romano,
Na fugida o pretor só confiava;
Tanto a Roma da perda o medo toca
Que a comício veloz povo convoca.

80

“Calpúrnio Pison mandam por valente,
Mas foi, suposto fero, destróçado,
Perde a Varro questor com muita gente,
Medroso treme, foge envergonhado.
C’os Vetones o Brácaro potente
Cerca a Bastofenices arrojado,
Intrépido subiu no muro escada;
Porém, morto baixou de uma pedrada.

81

“Não desmaiamos, posto que sentimos
Que Hidra pula, cortada, a valentia,
Não sossegamos, quando deferimos
Anteus contra a romana tirania.
Césaron governando competimos,
Lúcio Múmio pretor nos resistia,
Titubeia a vitória, mas vencemos.
Muitos matámos, muitos mais rendemos!

82

“Num sublime real fortalecidos,
Inda a nossa arrogância os não deixava,
Pagámos pelo arrojo de atrevidos,
Porque é sem modo inútil fúria brava.
Césaron feneceu c’os destruídos,
Antes quer morte do que pátria escrava;
Férvido mostra, vigoroso ensina
Ter valor, se lhe falta disciplina.

83

“Quinto Fúlvio Nobilior cónsul bravo
Contra Segeda as armas conduzia.
Não sofre o Numantino a amigo escravo
Como Arevaco o mesmo se avalia.
Incita ao Belo ofensa, ao Títio agravo,
Caro elegendo fazem companhia,
Várias batalhas dão com vária sorte
Já têm vitória, já padecem morte.

84

“Elegem novo cabo os Lusitanos,
Que a nossa valentia nunca cessa
Contra o vigor dos pérfdos Romanos.
Natural de Olissipo foi cabeça;
Mostra Cancheno alentos soberanos,
Torrente de Ana férvido atravessa,
Cercando a Conistorgi em resistência
Engrandece o valor, mostra a potência.

80.1 Calpúrnio corr. : Calphurnio T Ny

85

“Submete bravo a guarnecida praça,
Intimida a romana valentia,
Intrépido aos perigos Bétis passa,
Donde marcha veloz forte rendia.
Mas tanta glória motiva desgraça;
Já na Ibéria seu povo não cabia,
Muitos na África buscam nova guerra,
Como se já segura a própria terra.

86

“Oh! Vede antigo, remarcai moderno,
Tanto os antecessores, que os parentes,
Na terra os tios, se os avós no Inferno
Correndo os campos dos heróis potentes.
Notai ser falta o brio sem governo,
Mas também que o pecado é de valentes.
Põem cerco a Ocile os poucos que ficaram
Muito perdem, se a muito se arrojaram.

87

“Num tempo sítio e sacos prosseguiam,
Batem muralhas, campos destroçavam,
Que Múmio à pressa venha não temiam;
Porém, chega primeiro que esperavam.
De Iberos e Romanos concorriam
Nove mil, que as partidas lhes cortavam
Perecem Lusitanos divididos,
Se antes tudo conquistam, quando unidos.

88

“Na Hispânia Ulterior Marco Atílio entrava
Só, glória julga, opor-se aos Lusitanos,
Porque a Bética frouxa, sendo escrava,
Faz de Latinos próprios soberanos.
Sobre nós como raio se empregava
Padece Ostrace efeitos desumanos
Nos bravos mortos, que louvar podia,
Quartos divide a infanda tirania.

89

“De horror, não medo, os Celtas
[comovidos
Em concertos de pazes acordaram;
Porém, nelas Vetones incluídos,
Outra vez nova guerra declararam.
De povo em povo os ódios acendidos,
Num corpo os Lusitanos pelejaram,
Receia Atílio, enfim, manchar governo,
Fechado em praça, era desculpa inverno.

90

“Lúcio Licínio Lúculo elevado
Ao consular governo promovido,
Segue a Cláudio Marcelo sossegado,
Pelo acordo em Numância concluído.
Do falso Sérvio Galba acompanhado,
Ficou na amena Bética detido,
Porque voltando a férvido Cancheno
Pretor somente é general pequeno.

91

“Havia o bravo capitão famoso
A Tingi conquistado em Mauritània;
Porém, da amada pátria cuidadoso,
Deixa a guerra da ardente Tingitânia.
Desembarca na Bética animoso,
Tudo abraça antes que entre em Lusitânia.
Opõe-se o cônsul com lugar-tenente,
Preciso é tudo contra a forte gente.

92

“Com pouca força bélico Cancheno,
De campo raso a monte excelso corre.
Teme inda o cônsul de poder pequeno,
Cujo valor de outeiro forma torre.
Prudente cerca o plaino do terreno,
Vacila em fome alento, mas não morre,
Rápido baixa o capitão volante,
Rompe, fere, destroça e passa avante.

93

“Convoca Galba os rígidos soldados;
Marcha antes da florente primavera,
Presumindo vencer-nos descuidados.
Rápido caminhando nada espera;
Diligentes, se bem não preparados,
Mostramos força brava à força fera.
Deu-se a batalha com furor tremendo,
Num lado e noutro era o destroço horrendo.

94

“Perdem campo os opressos Lusitanos,
Suposto que ordenados se retiram,
Deram-lhe alcance os fêrvidos Romanos.
Contra eles bravos, nossos fortes viram;
Sentem golpe final duros tiranos,
Com fúria horrível todos destruíram;
Só Galba astuto, com mui pouca gente,
Em Carmena se fecha diligente.

95

“Oh! Se atentos seguíramos vitória,
Nunca tanto infortúnio sucedera,
De Roma altiva a sublimada glória
Na Ibéria suprimida se abatera.
Oh! Nunca repetira a triste história,
Que inda um bruto Ciclope achara fera;
Ouvi sucesso para desengano,
Refleti quem será povo romano.

96

“Deixámos guerras, por colhermos trigos.
Oh! Que caro pagámos por sustento,
Não vemos danos junto de perigos,
Cegou-se com vitória entendimento.
Damos tempo a reforço de inimigos,
Sobre nossa omissão revive alento,
Tem Galba vinte mil; donde entra, arrasa;
Fero derroca, furibundo abrasa.

97

“Incautos se confundem Turdetanos,
A pazes como auxílio recorreram,
Segue o resto dos povos Lusitanos,
Que uns só pelo bem de outros se moveram.
Vem Numantino e Belo com Romanos
Que Arevacos e Títios se renderam
A Sérvio, nas promessas, generoso,
Tudo junto foi móvel poderoso.

98

“Não só pretor fingido astuto ascende,
Porém, graças e terras prometia,
Inda que simulado, era eloquente,
Muito a língua do peito diferia.
Sagaz convoca a mais notável gente,
Carinhos mostra, taxas não pedia,
Advogando por nós doce falava,
A guerra, que culpara, desculpava.

99

“Disse que nos supõe dessatisfeitos,
Porque em breves limites constrangidos,
E a quantos de mudar-se têm conceitos,
Protesta que serão bem recebidos.
São fáceis de enganar sinceros peitos,
Projetos de um traidor mal conhecidos,
Quem julgara que Roma em tal grandeza,
Cometera tão bárbara vileza?

100

“Com rosto alegre e peito sossegado
Nove mil Lusitanos concorreram,
Como por Sérvio horrível decretado,
Em três distintos vales se meteram.
Trazem mulheres, filhos, joias, gado,
Para as novas cidades se proveram.
De ouro à vista o rigor de Galba atíça,
Cresce a traição no aumento da cobiça.

101

“De vale em vale o Pérfido correndo,
Como uso, as armas, brando, suplicava.
Entregaram-nas todos, não temendo,
Que a ofensa, razão crida, nunca agrava.
Outra vez volta, e cerca. Oh! Monstro
[horrendo!
Velho, moço e menino destroçava,
Mata caduco e forte, torpe e bela,
Ao rígido varão, frágil donzela.

102

“Oh! Que abismos de vozes e ruídos,
Nas cavernas dos montes retumbavam,
Tristes lamentos, fúnebres gemidos,
Entre os gritos e choros se escutavam!
Sacras imprecações, rogos sentidos
Aos céus da terra aflitos levantavam,
Ouviam-se em confusas variedades
Os nomes de invocadas divindades.

99.1 dessatisfeytos T des-satisfeitos Ny

103

“Se um de joelhos férvido imprecava,
Que Bronteu sobre Roma chova raios,
Outro lânguido a Fébruo suplicava,
Que em Galba as Fúrias mostrem seus
[ensaios,
Castigos de Ramnúsia este implorava,
De Marte amparo aquele entre desmaios.
Oh! Velho grita, ‘Afogue-te Neptuno!’,
Oh! Velha exclama, ‘Te subverta Juno!’

104

“Inda animoso o que antes foi soldado,
Com duros punhos bravo resistia,
Lança arrebatada, por morrer vingado,
Mas se uma colhe, em muitas se metia.
Por longo pique corre atravessado
Moço forte, que a braços vir queria,
Contrário afoga, mas de sangue exausto,
Se destroça valente, acaba infausto.

105

“Um pela mesma espada que ferido,
Ferindo-se, mais vezes batalhava,
Forçando atira; porém já vendido,
Dá golpe, e morre ao tempo que matava.
Se outro já moribundo, enfurecido,
Os dardos que lhe arrojaram retornava,
Do corpo os saca e despedindo-os logo,
Vinhão de ferro, e voltam ferro e fogo.

106

“Vê sentido o constante namorado
Triste objeto, o que emprego foi jucundo,
Pálido, o belo rosto que encarnado,
O cândido pescoço, rubicundo;
Contra algoz fero se arremessa irado,
De tigre urso o comprime furibundo,
A alma lhe solta, quando o corpo enlaça
Sentindo a que abraçou, matando abraça.

107

“Outra vez corre a quem lhe despe a dama,
Que indecência não sofre honrado peito,
Em morta chama acende a viva chama,
Que agita o coração, move o conceito.
Voa-lhe em dardo volitante a flama,
Passando-o, passa a vida com respeito
Perto à que vivo quis, morto caía,
Ajuntou desunindo a tirania.

108

“Sobre o corpo de esposo agonizante
Dilúvios chora a lúgubre consorte,
Junto do rosto, que beijava amante,
De espada horrenda sente o duro corte.
Aos céus olhando velha suplicante
Da bela filha lamentava a morte,
Quando humano brutal, fero homicida,
Lhe enxuga o pranto com tirar-lhe a vida.

109

“Afaga terna mãe filho inocente
Que a seu cândido peito sustentava,
Mais do que a morte a despedida sente,
Chorosa abraça, fêrvida beijava.
Porém, contra o que julga, de repente
Tiro de lança junto os enfiava,
Retorna o sangue ao sangue mais chegado,
O que lhe deu natureza volve o fado.

110

“Com sago um velho tímido cobria,
De idosos glória, filho pequenino,
Mais por rapaz do que por si temia
Da horrenda Parca o fúnebre destino;
Mas de inocente Lince a tirania
Lhe tira, e mata à vista seu menino.
‘Oh!’ Disse o pai choroso. ‘Oh! Dura sorte!
Que tire a vida o retardar-se a morte!’

111

“‘Mata-me!’, exclama. ‘Oh! Fere! Oh!
[Bruto horrendo!
Como não vistes que nasci primeiro?
Por meu querido bem’, falei tremendo,
‘Fui por salvar mimoso’, lisonjeiro.
‘Oh! Chega, acaba, apreça-te correndo!
Só piedoso serás, sendo ligeiro.
Agora te arrependes de homicida?
Já, perdendo meu filho, perdi vida.

109.8 volve corr. : bolve T Ny

112

“ ‘Oh! Resolve, em demora mais tirano;
Se gostas sangue, sangue te apresento.
Oh! Se o não buscas, não serás romano;
Pois neles derramá-lo é próprio intento.
Inda que frio é sangue lusitano,
Que se a força perdeu, não perde alento!
Se não tiras, caduco hei de tirar-te,
Verás nesta muleta horror de Marte.’

113

“De ameaços zombando o bruto ria,
Mais no opróbrio a maldade acrescentava.
Já velho avança, já muleta erguia,
Já golpe horrendo com mãos juntas dava.
Estocadas recebe, mas porfia,
O bordão na cabeça lhe quebrava,
Da relíquia farpada a parte pouca,
Como punhal lhe mete pela boca.

114

“Cai o caduco, mas caiu valente:
Dos dois contrários corre o sangue junto;
Crê-se armado, por duro, mais potente;
Porém que pouco vale mostrou defunto.
Que vou dizendo? A morte em tanta gente
Dá, se funesto, dilatado assunto.
Calo, porque inda estou, caso estupendo,
Sem temer Roma, de o contar tremendo!

114.2 dois Ny dous T

115

“Com poucos Lusitanos escondido
Na gruta tenebrosa de um rochedo,
Do caso horrendo observador sentido,
Em fúrias brota, o que acabara medo.
Rompendo por terreno escurecido,
Nos deu porta outra boca do penedo,
Mas não deixámos, se deixámos vales,
De sentir mágoas, de chorarmos males.

116

“Fomos, porém voltámos cuidadosos,
Que um pesar grande arroja inda a perigos,
Cobertos c’os despojos mais preciosos.
Ao longe correm feros inimigos,
Entrámos pelos vales horrorosos,
Vendo parentes bons, caros amigos.
Um vivo em tanta gente não se via
Qual justa, iguala a injusta tirania.

117

“Aos altos céus primeiro as mãos erguidas
Pronta vingança a Olímpicos pedimos,
Supondo que mais movem mais ouvidas
Aos deuses nossas mágoas repetimos.
Metemo-las, depois, dentro em feridas,
Que em cândidas donzelas tristes vimos,
Por quantos Numes todo o globo encerra
Fixos jurámos contra Roma guerra.

118

“Que falo, guerra? Firmes prometemos
Vingar conformes sangues inocentes,
Que as duras armas nunca deixaremos
Enquanto as vidas forem permanentes.
Oh! De não ser perjuros nos lembremos,
Inda nos faltam muitos delinquentes,
Nunca daremos por completa a soma,
Enquanto há Lusitânia e manda Roma.

119

“Ânimos abatidos excitando
Diligente corri de terra em terra,
Em qualquer parte se incorpora bando,
Em qualquer parte se declara guerra.
Tanto horror mete o caso miserando
Que a campo sai inda o que mais se encerra
Empunhava este espada, aquele lança,
Todos gritando aos céus clamam vingança!

120

“Se muitos prontos vêm, não persuadidos,
Que o pintar-lhe o catástrofe era o rogo,
Tanto num corpo, como intento unidos,
À Carpentânia caminhámos logo.
Ardem terras, são povos destruídos,
É tudo, adonde entramos, sangue e fogo,
Não fica gado, não subsiste casa,
Quando a fúria derroca, a raiva abrasa!

121

“Com diversos despojos carregados,
Outra vez para a pátria nos movemos,
Donde todos num corpo convocados,
Altar sublime a Marte bravo erguemos,
Pelos próprios motivos incitados,
Novamente a vingança prometemos!
Oh! Não somente na paixão jurámos,
Mas com votos solenes confirmámos.

122

“De um cativo romano, por costume,
A horrenda mão direita foi cortada,
E em labaredas de volante lume
Ao bélico Mavorte dedicada.
Era já cinza, seu final resume
A que antes forte, pouco mais que nada!
Quando no corpo extispices olhavam,
Artérias notam, veias remarcavam.

123

“Sobre um cavalo junto oferecido
Sábias observações prontos fizeram,
Foi-nos sucesso alegre prometido,
Pelo futuro parabéns nos deram.
Oh! Que gosto, que vozes, que ruído
Quando ao povo os auspícios se disseram!
Se um ‘Viva a liberdade!’ proferia,
Outro gritava ‘Morra a tirania!’

124

“Nos peitos do cavalo e do cativo,
Já num, já noutra dentro as mãos
[metemos,
Contra alta Roma alento incompassivo
Pelos Manes dos mortos prometemos.
Toca o vingar defunto a qualquer vivo!
Se em guerras começamos, acabemos,
Não só porque é castigo de maldade,
Mas por vida, honra, pátria e liberdade!

125

“Mais já não digo, pois vos consta a
[história
Que tereis por mui fresca, mui presente.
Só lembro que a justiça com vitória,
Não tem feito partido diferente.
Olhai que o pedir paz mancha é na glória,
A perda certa, o lucro contingente!
Não persuado, recordo razão tanta.
Sós, cuidai! Respondei!” Diz. Se levanta!

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
QUARTO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Já passeando o general famoso,
Do grande templo os lados circundava,
Pinturas nota, cuida belicoso,
Amores vendo, guerras ordenava.
Se observa em Vénus rosto carinhoso,
Recorda em Marte valentia brava,
C'o vago pensamento não descansa,
Ora se emprega em vista, ora em lembrança.

2

Qual vemos levantar-se no horizonte
Entre espumoso mar, nítida estrela,
De imitado composto claro monte,
É base ao corpo de Afrodite bela,
Nua a metade da cintura, a fronte
É quanto da arte o engenho deixou vê-la,
Cobre o resto em seu berço inda escondido
De fofa espuma cândido vestido.

3

Se a estátua obra de Fídias parecia
De Andróbio, Lala e Antífilo as pinturas,
De peixes, plantas e aves cópia havia,
Nos labores das célebres molduras.
Vê-se a rosa em botão, rosa que abria
De amantes pombos cândidas figuras,
Falaride mostrava o bico estreito,
Cortando as águas com plumoso peito.

3.2 Lala corr. : Lela **T Ny**

4

Da ápuia, filha da espuma reputada,
Nadam várias espécies no entalhado,
A branca verdadeira desprezada,
Argênteo hepsêto em bandas só raiado,
A redonda gobites salpicada,
Encrasícolo amargo onde aguçado,
Oleosa falérica aterina
Cor de ouro, e prata membras pequenina.

5

Também conchas de Vénus aparecem,
Nas preciosas molduras, esculpidas,
Essas que entre univalves se conhecem,
Pelos Negros, mais que ouro, apetecidas.
As que em figura oval lustrosas crescem,
As por coradas linhas divididas,
A manchada, a vistosa, pelo louro,
A gibosa onde anel tem cores de ouro.

6

Nestas e noutras mais ricas molduras,
Em que a florida murta faz ramagem,
De festas várias célebres pinturas,
Eram centros da nítida folhagem.
Parece que o pincel gerou figuras
Mostrando ao vivo inda a mais ténue imagem.
Há, vista a natureza em qualquer parte,
Das regras direção nas regras da arte.

4.4 hepsêto corr.: Hepheto **T Ny** || 4.6 aguçado
Ny agussado **T** || 5.3 univalves corr. : univalvas
T Ny

7

Sacrificavam nobres Cinirados
De Cípria bela cíprios sacerdotes,
Por sangue de Cíniras sublimados,
Reconhecidos por seus próprios dotes;
Porque nativos são mais do que herdados,
Ninguém direta da fortuna os lotes;
E por que o ministério se conheça,
Têm pés descalços, murta na cabeça.

8

Dos que Afrodísias festas celebravam,
As prezadas moedas recebiam,
Se outros, fingindo que remuneravam
Do aquoso sal, medidas repartiam.
Sobre altar porca inteira estes queimavam,
Se aqueles pernas de animais traziam;
Na loura chama do fingido lume
Pomba nevada o cândido consume.

9

Nos carpóseos de Amato só constantes,
Um frutas punha, se outro vinho lança.
Viam-se de Córcira as habitantes;
Porque inda a génio tal devoto alcança.
Fingem de alegres Délias observantes
Diversos giros na gerancia dança;
Como quem volta num lugar sucinto,
Recordavam de Creta o labirinto.

10

Das Anagogias de Érix reverentes
Indicam gosto na festividade,
Mostram quanto o amoroso afeta a ausentes,
Quanto comove a férvida saudade.
Junto aparecem de Argos assistentes,
Fazendo Histérias com celebridade,
É da festa holocausto verdadeiro,
Animal que na Grécia ardeu primeiro.

11

Também cabras e lebres corredoras,
Sacrifícios de Argivos engrandecem,
Da Genetulis férvidas cultoras,
Sobre altares cadelas oferecem.
Da Tila cordiais observadoras,
Com presentes favores agradecem.
Nas Vinálias de maio aparecia
Da grande Roma nobre companhia.

12

Qual Vénus popular, não só é querida,
Mas também como Urânia celebrada,
Em pintura diversa é conhecida,
Por sóbrio modo com que festejada.
De Atídios doutos cópia esclarecida,
Era em graves Nefálias debuxada;
Tributam no holocausto a mesma glória
Que a Aurora, Ninfas, Sol e Memória.

12.6 debuxada corr. : dibuxada T Ny

13

Do rico preferículo somente
Ténue água-mel nas libações corria;
De Êuchion alegre o líquido potente
Nos pequenos símpulos não se via.
Em seca murta sobe o fogo ardente
No sacro altar que a verde guarnecia.
Não se observa, entre a lenha, a da
[amoreira,
Volúvel parra, ou ríspida figueira.

14

Vê-se em braços de Vénus desmaiada
De Mirra o filho à morte já rendido,
Da bela cara adorno nacarado
Falta nos beijos, sobra no vestido,
Quando se em peito, em rosto
[assemelhada
De Cípria o rubro, em pálido escondido,
Mas lânguida mostrava tais primores,
Que inda em delíquios, forte agita a amores.

15

Aparecem não só Graios lutosos
Adónias funestas celebrando,
Mas de Biblis Fenícios pesarosos
Com cabeça rapada estão chorando;
Parece tocam gígrias lamentosos
Tristes gígrantas baixo modulando,
Devoto bate em peito masculino,
Lúgubre se arrepele feminino.

15.7 peito corr. : peytos T Ny

16

De Adónis morto e Idália enternecida
Patenteiam nas mãos tristes pinturas
Qual se a Tamuz chamara voz sentida
Notam-se as aflições, veem-se as ternuras.
De cientes Caldeus cópia luzida,
Mostra penosa as mesmas amarguras;
Porque superstição, que o mundo corre,
Nunca em povo onde nasce fica e morre.

17

Noutra pintura, como noutro dia,
Gígres querido está ressuscitado,
De Inferno obscuro, adonde residia,
Aos ares por Sotira levantado.
É canto e dança o que antes Adónia,
Doce liro-fenício era tocado,
Parece que a sambuca tons formava
Bárbiton se ouve, trígono soava.

18

Se a Cípria as Horas num painel vestiam,
Noutro as sublimes Graças a toucavam;
Aquelas gentis amas pareciam,
Estas formosas aias se inculcavam.
Posto que em três e três se repartiam,
Como em número, em prendas se igualavam.
Não vencem no requinte de excelências,
Do nome ou ministério as precedências.

18.2 Graças corr. : graças T Ny || 18.4 aias corr.
: dyas T Dias Ny

19

Atenienses de Horas observantes
Do sol remarcam diferentes metas,
Em sessões várias férvidos constantes,
Tributam frutos nas apoforetas.
Não têm demora os bons gratificantes,
Mais prontas devoções criam mais retas,
Em todo o tempo é tempo o seu governo
Na primavera, estio, outono, inverno.

20

Ostentam das carísias reverentes
Festivas danças plácida alegria;
Um que excede em mais tempo aos
[permanentes,
O bolo piramou nas mãos trazia.
Grave orquéstica alguns dançam contentes,
Mostravam garbo, inculcam bizzaria;
Vários bailam jocoso cordacismo,
Belas mulheres cómico mactrismo.

21

Carísias a seu modo têm Romanos
Porque a amizade é digna de lembrança;
Guardaram-se stativas muitos anos
Porque intrínseco amor não faz mudança.
Davam comidas, joias, sedas, panos,
Porque afeto em palavras não descansa.
Seguem Ferálias porque discursivos
Creem dos mortos desprezo, agravo aos
[vivos.

19.1 Horas corr. : Horeas T Ny || 19.4 apoforetas corr. : apopheretas T Ny || 20.5 orquéstica corr. : Orchestica T Ny || 21.6 descansa corr.

22

No tempo que Viriato valeroso
Do templo estátuas e painéis revia,
Apuleio facundo e vigoroso,
Tomando vénia a história prosseguia.
“Contou-nos”, disse, “o nosso herói famoso
De outros valor, sem própria valentia,
Não, porque a temos fresca na memória,
Mas por modéstia, em que sublima a glória.

23

“Bem sabeis que inda em posto exaltado,
General não difere de soldado,
O mesmo em trato, o mesmo no vestido,
Constante em tudo, nunca o vi mudado.
Inda no sono de armas guarnecido,
Faz dura terra deleitoso estrado;
Pronto na tenda, como pronto fora,
Ouve a qualquer pessoa em qualquer hora.

24

“Se quantos neste conclave assistimos,
Testemunhar pudéramos vitórias,
Mais certo nos moveram, porque vimos,
Que porque ouvimos célebres memórias.
Porém, se aliados novos conseguimos,
Escutem glórias, por que alcancem glórias;
Deem-me juntos licença a que prossiga,
Nosso herói cante, nossas obras diga.

descança T Ny

25

“Corria o tempo na primeira idade
Do círculo por ano instituído,
Aparecia a tímbrica claridade
Nesse bruto, que Ámon foi convertido,
Ou quando, exemplo de paternidade
Ou de pânico medo constrangido,
Vendo no claro Olimpo horríveis frentes
De organizados montes sobre montes.

26

“Quando já dez mil homens lusitanos
Béticas terras bravos destruíam,
Danos fazendo, não receiam danos,
Sem disciplina, intrépidos corriam.
Não perdem tempo os pérfidos Romanos,
Unidos com dispersos combatiam;
Marco Vetílio pronto em qualquer parte
Alentos superou com forças de arte.

27

“Viriato companheiro unicamente,
Dar-lhe ordens necessárias não podia,
Mas viva rocha em bélica torrente,
Posto que não rendesse, rebatia;
Com pouca, embarga multidões de gente,
Igualava prudência a valentia;
Ganhando tempo, nos suspende a morte,
Fecha-lhe as portas numa praça-forte.

28

“Investe o Pretor sábio aos recolhidos,
Mas cauto se retira repulsado;
Reconhecendo entrarem desprovidos,
No impedir-lhes socorros põe cuidado;
Sem que gente perdesse os crê rendidos,
Vigilante se guarda entrincheirado;
Cresce a fome, amotina-se a cidade,
Por comprar vidas, vendem liberdade.

29

“Pazes propunham quando o herói famoso,
Brandindo a espada olhava furibundo,
Numa eminência sobe vigoroso,
Patética oração disse facundo:
‘Já bravo’, exclama, ‘o que tremeu medroso
Cara triste, era já rosto jucundo!’
‘General’, todos gritam, ‘seja eleito!’
Supere em mando o que supera em peito!’

30

“‘Se a paz’, disse um, ‘somente era querida
Por não morrer famintos nesta praça,
Quando engenhoso nos prometes vida,
O que julgámos bem, cremos desgraça.
Nossa vontade à tua submetida,
Qual Pai da Pátria e Defensor te abraça.
Por general supremo te aclamamos,
Conhecemos, seguimos e juramos!’

31

“Com cavaleiros só dez vezes cento
Sai Viriato em forma de batalha.
‘Romanos’, ordenou Vetílio atento,
‘Enrista um lança, se outro veste malha!’
Ataque esperam, remarcando alento,
Tendo qualquer pavor, ninguém se espalha;
Ganha tempo em demora infantaria
Salva-se à pressa, rápida corria.

32

“Fazendo escaramuças precatado
A Tribola Viriato se retira,
Segue-o Vetílio em cólera abrasado,
Mas dano encontra nos arrojos de ira;
Conhece que um correr desordenado
Jamais pode alcançar glória a que aspira;
Ligeiro passo retardou prudente,
Mas de vagar marchou com toda a gente.

33

“Tem notícia Viriato que o seguia;
Forma-lhe em duras serras emboscada,
De um vale ameno agreste cerco enchia,
Bélica gente em ramos clausurada.
Já no plaino Vetílio alto fazia,
Descansa a soldadesca desarmada,
Quando, ouvido o sinal, sem que haja
[ensaaios,
Chovem das penhas mais do que homens,
[raios.

34

“Qual despenhada a montanhês corrente
Nas repentinas chuvas furibunda,
Rompendo embargos, baixa diligente,
Respirantes afoga, terra inunda;
Tal de altas brenhas férvida torrente,
Donde ira espuma, a valentia abunda,
Sobre os Romanos cai, arrasa forte
Rápida em passo, vigorosa em corte.

35

“Que outro Deucalião no monte havia,
O Romano confuso imaginava
Pois cada tosca pedra parecia
Que num vivente humano se mudava;
Mas vendo armas, notando valentia,
Que Cadmo novos dentes semeava,
Não de irmãos bravos, duros inimigos,
Mas por mortos irmãos dando castigos.

36

“Pelos três vales cheios de inocentes,
Sobre um morreram quatro mil culpados,
Só numero Romanos delinquentes,
Não conto os ignorantes aliados.
Quer salvar-se o pretor c’os diligentes;
Porém, faz companhia aos destroçados.
Por falsário pretor, pretor já paga,
Não cura Adrastia, mas mitiga a chaga.

37
“C’os poucos, que não sentem mortal corte,
Fugitivo o questor chega a Tartesso;
Crê, porque escapa sempre, fixa a sorte,
Celtiberos convoca de ira aceso;
Em campo raso se presume forte,
Que inda oca a presunção tem grande peso.
Investindo a Viriato, acha que o Fado
Só para dobre perda o tem guardado.

38
“Entre onze mil soldados, com que avança,
Pagava morto a culpa de atrevido,
Todo o que empunha espada ou move
[lança,
Fica preso, defunto, ou mal ferido.
No herói, virtude é móvel de balança,
Dá generoso, toma comedido;
Posto que mais no cargo e mais no arrojo,
Nunca excede a soldado no despojo.

39
“Tanto que o Cileu gira em primavera,
Por Carpentânia entrava poderoso,
Que o belígero alento nunca espera,
Quando o tempo licita ao vigoroso.
Sentem de Roma amigos paixão fera,
Que Ibero por Latino é criminoso,
Com tropas separadas em partidas,
Abrasa campos, e destroça vidas.

40
“Sabe Pláucio que andava dividido,
Corre à pressa, acomete de repente,
Fica herói firme inda que surpreendido,
Forma ligeiro, ostenta-se valente.
Teme-o Gaio, suspende-se aturdido;
Retira-se Viriato diligente,
Porque há tanto em saber ganhar vitória,
Como, em não tendo forças, manter glória.

41
“Igualando à prudência a ligeireza
Impede a Gaio de o seguir formado;
Porém, não que enviasse com presteza
Corpo de quatro mil menos pesado.
Mostra o sublime herói pronta viveza;
Fazendo alto os cercou com tal cuidado
Que Pláucio inda com passos excessivos
Acha defuntos quantos mandou vivos.

42
“Retira-se o Pretor falto de alento;
Crê-se com pouca, tendo muita gente,
Motiva-lhe vergonha o vencimento;
Novas cópias convoca diligente.
Marcha a buscar-nos neste mesmo assento,
Donde Viriato nos guardou prudente;
Que o sábio general ditoso avança
Se exercita o valor com segurança.

39.1 Cileu corr. : Cilæo T Cilao Ny

49

“Tanto que o Pretor sabe que alentado
Outra vez contra a Bética marchava;
Temeroso, inda em praça clausurado,
De outra província auxílio procurava.
Entra Negídio em Lusitânia armado,
Que em fazer diversões socorro dava.
Seus limites transcende, porém sente
Valor diverso na diversa gente.

50

“Contra ele pronto o general possante
As bandeiras dirige sem detença;
Em tudo atento, em tudo vigilante,
Primeiro que a conquista, põe defesa.
Corre o nome antes de armas dominante;
Já ter vitória era mostrar presença;
Em trincheiras se guarda o Pretor quedo,
Porque suspende ações lânguido o medo.

51

“Observa atento o capitão famoso,
Dos fossos e valados a grandeza;
Via Negídio em medo poderoso
Com nome de real ter fortaleza;
Assédio julga assalto vigoroso,
Porque a fome é batalha à gente presa.
Se intrépido marchou, cuida prudente,
Busca vitória, mas preserva gente.

52

“Já Caio sustentar-se não podia.
Teme; porém, resolve dar batalha,
Na muita gente Quirinal se fia,
Deixa o que antes conserva por muralha.
Mas no campo vencido, conhecia
Ser fraco o escudo, ser ligeira a malha;
Porque do Lusitano o duro corte,
Rompendo as armas, lhe imprimia a morte.

53

“No tempo que os tremendos combatentes
Com fúria horrível fortes pelejavam,
E arrogantes Romanos renitentes
Do vencimento as glórias disputavam,
Num troço unidos Túrdulos valentes,
Guarnição das trincheiras destroçavam,
Tanto Viriato multiplica a glória
Que uma vitória faz dobre vitória.

54

“De campo a campo era eco a gritaria,
De campo a campo corre a mortandade,
Terror de uns, medo noutros produzia,
Faz destroço a destroço paridade.
Este morre, se aquele se rendia,
Raro conserva a vida, ou liberdade.
Negídio, transmutando em fuga arrojo,
Deixa a glória involuta no despojo.

55

“Ocupa Lélío o posto de Unimano,
Mais sagaz que animoso se ostentava;
Cauto, observa no heroico Lusitano
Valentia prudente, astúcia brava;
Não busca glória porque teme dano,
Encontros fuge, marchas evitava;
Inda incitado fica suspenso,
Sublime lauro crê não ser vencido.

56

“Enquanto o Pretor fica clausurado
No sítio forte onde a potência encerra,
Nosso herói bravo, nunca descuidado,
Lhe toma praças, lhe arruína terra.
Causa a nova debates no Senado,
Terror lhe imprime a lusitana guerra.
Mandar Cônsul potente premedita,
Que tanta urgência tanto necessita.

57

“Elegem contra nós Fábio Emiliano
Que herda de Paulo Emílio a valentia.
Como um na Macedónia é soberano,
Outro na Lusitânia ser queria.
Mas supondo a Viriato mais que humano,
Dar-lhe batalha pávido temia;
Com grandes cópias sofre hostilidades,
Vê queimar campos, vê render cidades.

58

“Na forte Orsona recolhendo a gente
A pagar devoções férvido parte,
Pede do Gaditano força ingente,
Quando Viriato sacrifica a Marte.
Que não pelejem, decretou prudente,
Teme força de alento, engenho de arte
Mas nosso herói, que os circundava atento
Procurando ocasião, derroca intento.

59

“De uma potente escolta conduzidos,
Uns ferrejavam, se outros cortam lenha,
Quando, por breve esquadra perseguidos,
Fizeram praça-forte de alta brenha.
Chega fresco reforço aos rebatidos,
Com nova gente nosso herói se empenha,
Acudiram Romanos por Romanos,
Cresce a batalha, vencem Lusitanos.

60

“Quantos mais repulsar-nos pretendiam,
Tantos mais suportavam duro corte.
Se antes de Orsona muitos concorriam,
Muitos voltavam como a praça-forte.
Feliz se julga o que fugir podia,
Nenhum resiste a quem não renda a morte.
É nossa espada em célebre façanha,
Da Parca horrenda a fúnebre gadanha.

61

“Chega o Cônsul, sucesso infeliz sente,
Nada encontra que a pena lhe alivie,
Desejava a vingança, mas prudente,
Erro reputa que em poder se fie.
Escaramuças breves só consente,
Um passo nunca dava sem que espie;
Mil vezes nosso herói lhe faz negaça,
Mas Fábio em ligas de temor se enlaça.

62

“Já noite obscura em nítida balança
Sublima a parte que antes baixa o dia,
Mais privação que luz no Arcturo avança,
Mais luz que privação no Austro se via
Quando o Romano de inativo cansa,
Receia a Roma, e nosso herói temia,
Contra o temor vergonha arma o receio,
A assalto recorre como a meio.

63

“Quando em noturna sombra o tempo
[obsuro
Com negro traje lúgubre girava
Proporciona pretérito a futuro,
Das trevas meio triste remarcava.
Rápida marcha ordena o Cônsul duro,
Pendões contra Viriato despregava,
Pronto investindo, férvido correndo,
Foi mais na pressa, que valor, tremendo.

64

“Sono, e vigor, num tempo confundia
Os valorosos peitos lusitanos,
Inda o sobressaltado não fugia,
Inda o falto de escudo causa danos;
Sem regra militar, força valia,
Morrendo matam muitos dos Romanos.
No triste abismo do combate forte
Entre horrores de sombras vaga a morte.

65

“Inda assaltado o general valente,
Cautos mostra a prudência costumada,
Receia perda na confusa gente,
Ordena que se toque a retirada.
Obedece o que bravo diligente;
Porém, largando o posto, vibra a espada.
Correm, mas param, dão, voltando, mates,
Viam-se numa marcha mil combates.

66

“Já sobre o sítio de Vecor, formado,
Mostra valente não fugir vencido,
Que se costas voltou, quando assaltado,
Cara a cara resiste prevenido.
Receia o Cônsul riscos de arrojado,
Elege antes ser frouxo, que atrevido,
Contra as praças perdidas cauto vira,
Temendo-o inda em retiro, se retira.

67

“Notai que não somente Emiliano
Contra nós furibundo pelejava,
Mas que entre Dório e Mínio ardor
[romano
Lúcio Hostílio Mancino exercitava.
Oh! Vede quanto pode o Lusitano,
Com quanta força ostenta a fúria brava,
Dois Cônsules num tempo remeteram,
Como se ao perto, ao longe nos temeram.

68

“Chega Popílio, mas Pretor somente,
Mais desgraça encontrou no menor cargo.
Em campo aberto nosso herói valente
Lhe volta o bravo arrojo em luto amargo;
Mata-lhe ativo multidões de gente,
Põe contra os fugitivos pronto embargo.
Entre horrores de golpes destrutivos,
Caem mortos, submetem-se cativos.

69

“Dobrememente feliz chamo a vitória,
Que grata promove nossa aliança,
De sublimes encômios meritória,
Quando nome eterniza, força avança.
Dá-nos maior poder, se nos deu glória,
De imitadores novos esperança,
De uns vontade produz noutros vontade,
É cara à pátria amada a liberdade.

70

“É-vos patente que esta primavera,
Viriato pela Ibéria andou vagante,
Para uns mostrando a Lusitânia fera,
Quando para outros Lusitânia amante.
Nos que obstinação dura não se altera,
Imprime golpe com valor possante.
Se os que aliados prontos se ajuntaram,
Viram carinho, urbanidade acharam.

71

“Sabendo que Pompeio se prepara,
Que contra a pátria amada move as gentes,
Juntos baixamos por lhe fazer cara,
Tão cuidadosos, como diligentes.
Não nos deteve, não, cobiça avara,
Lembram-nos casas, lembram-nos parentes,
Mais nos comove afeto, que despojo,
Asas Quíncio nos dá, mostrando arrojo.

72

“Nas vizinhas planícies encontrados,
Com bravo alento pelejámos fortes,
Vaga a vitória, transmutando lados,
De parte a parte se redobram cortes.
Como antes diferentes perturbados,
Na confusão sofremos duras mortes.
Atento o general toca a chamada,
Que há tempo em que é vitória a retirada.

67.7 dois Ny dous T || 68.5 altivo Ny activo T

73

“Se tanto herói nos manda, que
[aguardamos?
Que remora nos para? Que tememos?
Os mesmos que antes fomos, vivos samos.
Oh! Não pareça nos desconhecemos:
Com soberbos Latinos pelejamos,
Não diferem dos próprios que vencemos;
Inda têm nossos golpes na memória,
Será dar-lhes batalha o ter vitória.”

74

“Nenhum, creio, entre nós”, disse Minuro,
“Para ardente combate esfria o medo,
Mas cauto, entendo arrojado mal seguro,
Sem fresca gente pelejar tão cedo.
Vê-se incerto, inda o certo, no futuro,
Quem jamais penetrou da sorte enredo;
Não se arriscar com pouca fortaleza
Mais se julga prudência, que fraqueza.

75

“Posto que não vencidos, retirados
Nestas fortes trincheiras nos metemos,
Quanta impressão faria nos soldados
Sem nova experiência, não sabemos.
Receios perderão, se reforçados,
Dando-lhes gente, alentos lhes daremos;
Porque suposto o numeroso não valha,
A muito anima para dar batalha.”

76

“Já”, diz Tântalo, “a todos foi patente
O motivo da cauta retirada.
Regra, não quantidade, anima a gente
Sempre a vencer Romanos costumada.
Sabem que manda um general prudente,
Em quem nunca se viu fúria arrojada,
Que mimoso da sorte alcança dita,
Porque se empenha e não se precipita.”

77

Aulaces prosseguiu, “se a falta é nossa,
Será razão que a emenda também seja.
Sabendo a pronta disciplina vossa,
Não teremos desordem na peleja.
Inda que pouca, entendo, a gente possa
Sobejar para o bem, que se deseja;
Prática em militar de alento forte,
Estima a glória, desprezando a morte.”

78

“Todos nós”, disse Cúrio vigoroso,
“Suponho iguais no mesmo pensamento:
Dar tempo a quem se ideia vitorioso
Seria confirmar-lhe o vencimento.
Acabe em presunções de vanglorioso,
Se o levantou desordem, abaixe alento.
Oh! Não se cuide inda num breve engano,
Que inativo fraqueja o Lusitano.”

79

Dictaleon já rígido votava
Saísse a campo o Lusitano Marte.
Nenhum dos circunstantes lhe impugnava
Que pronto arvore o bélico estandarte,
Quando Viriato, entrando, perguntava,
“Se o conselho nos votos se reparte,
Ou se unânimes todos lhes parece,
Que à pátria glória, e a Roma golpe
[desse?”

80

“Somente eu”, respondeu pronto Minuro,
“Votava que a batalha se dilate,
Mas vejo o risco, onde entendi seguro,
Perde-se a força em dilatar-se o mate.
Muito tempo dobrado o ferro duro,
Entra menos direito no combate.
Deter batalha pode causar medo,
Será logo melhor quando mais cedo.”

81

“Que acordais vejo”, o grande herói dizia,
“De consistório tal tanto esperava,
Donde iguala o juízo à valentia,
Brilha atento vigor, prudência brava.
Diferença inda em muitos não temia,
Porque um glorioso intento vos ligava.
Contra Roma em qualquer pula a vontade
Da pátria afeto, amor da liberdade.

82

“Espias diferentes mandei fora,
Seu cauto informe vigilante espero,
Quando hei de acometer meu peito
[ignora,
Porque nunca apressado delibero.
Suponde a qualquer dia, a qualquer hora,
Tempo oportuno de combate fero.
Tenha-se limpa a espada, aguda a seta,
O resto vos direi só por trombeta.”

83

Se em forte Lusitânia e grata Arosa,
Viriato fala e Vénus persuadia,
No claro Olimpo Juno poderosa
Com discreta Minerva conferia.
Reparos excogita cuidadosa,
Precauções toma como quem temia,
Que ao frio peito, donde impera medo,
Inda auxílio veloz não chega cedo.

84

“Não só”, Gamélia disse, “oh! sábia Aqueia,
Aborreço a progénie de Assáraco,
Por voto sobre o pomo que houve em ceia,
Do nobre filho do prudente Éaco;
Mas sinto que a proteja Citereia,
Contra os que apelidou Filhos de Baco;
Quando os Romanos mais esclarecidos
São por Teucros de Hispanos procedidos.

85

“Se a Roma ampara pelo filho amado,
Antecessores recordar podia,
Pois quem de Ida e Scamandro foi gerado,
Só por filha a Batea possuía,
Que a Dárdano de Ibério originado
Deu com mando nas terras que regia,
E do filho Ericciónio poderoso
Foi Trós de Anquises bisavô famoso.

86

“Como sempre na amante cuidadosa,
A mente vaga, o peito se estremece.
Da beleza de Fúlvia receosa,
Intentei que Viriato Ormia tivesse;
Mas suponho que Morfo cavilosa
A Cupido ordenou que não lha desse,
Porque, ao negar-mo, tão confuso fica,
Que em modo explana, mais que em
[língua explica.

87

“Vem do refuso a pena acompanhada,
Porque em mágoas parece haver cadeia.
Me informam de que Roma envergonhada,
Do bravo herói confusa se receia;
Que a Mecipsa recorre precatada,
Que auxílios busca inda na Líbia área;
E em tristes pensamentos vacilantes,
Sem temer de homens, treme de elefantes.

88

“Sempre o novo medonho é mais
[horrendo,
Do inexperto receia inda o valente,
Temo que à vista do animal tremendo,
Se confunda inativa a brava gente.
Que um cavalo saltando, outro correndo,
Por filas rompam com destrago ingente,
Que em terror vagos, sem que o freio valha,
Seja a desordem perda na batalha.

89

“Valem-se do que foram destroçados,
Quando a Pirro feroz sentiu Levino,
Porque é raro encontrar tais arrojados,
Como a Eupator se mostra o Palestino.
Estimara que a brutos e soldados
Sepulcro dera o reino neptunino,
Que entre as maretas de apressado vento,
Com se fundirem naus, voasse intento.

90

“Qual no tempo que Eneias navegava,
Que Éolo me dê gosto não duvido,
Porque sempre a vontade fica escrava,
Quando um grande presente recebido.
Mas se Teménio rívido se agrava,
Nas altas ondas monta enfurecido,
Treme, se antes tremer fazia o vento,
Suspende a força, embarga o movimento.

91

“Somente consegui-lo poderia,
Se a Taraxipo o Sono adormecesse,
Para que à mesma noite, ou mesmo dia,
Hipótades seus reinos revolvesse.
Igualmente c’os dois me empenharia,
Se o refuso do Sono não temesse,
Mas como viu por mim Cuculo irado
Do mesmo não se fia o castigado.

92

“Como em tudo se vinga uma zelosa,
Fundir Meliano entre ondas procurava
Do Sono auxílio imploro cuidadosa,
Que adormecesse a Fílio desejava.
Ceguei-me, que é paixão sempre enganosa,
Não me sucede como imaginava.
Tanto Lucério férvido se irrita
Que ao Sono sobre os mares precipita.

93

“Mas se o refuso temo, se eu pedisse,
Não duvido o fará, se tu rogares.
O que em mim supusera meninice,
Em ti razão, se o caso lhe explanares.
Fora pânico medo, ou vã louquice
Se Hípio e Marnas julgara em mando pares.
Peço me ajudes neste grande intento,
Não por mim, mas por seu merecimento.

94

“Bem sabes que os famosos Lusitanos,
Honra estimando, prezam liberdade,
Que aborrecendo impérios de tiranos,
A seus reis servem com fidelidade;
Que sofrem fomes, que padecem danos,
Para à pátria alcançar felicidade.
Na própria bravos, se na alheia fortes,
Procuram glórias, desprezando mortes.”

95

“Não menos”, disse a bélica Astrateia,
“Amparo ativa a Lusitana gente,
Nela contemplo quanto me glorieia,
Génio sublime e coração valente.
Se em batalhas seu braço nunca arreia,
De aplicações jamais se cansa a mente.
Não causa logo nosso empenho espanto,
Porque excelências tais merecem tanto.

96

“Conhecendo a Viriato sublimado,
Não temo os elefantes do inimigo,
Que um general prudente e precatado
Mais se prepara no maior perigo.
Mas porque não te ofenda esse cuidado,
Sem mais detença teus preceitos sigo,
E antes que a Titon deixe a bela Aurora,
Baixarei pronta adonde o Sono mora.”

91.5 dois corr.: dous T Ny

97

“Me admiro que pedisses a Cupido,
Quando sobejam de Ormia os olhos belos;
Que arpão teria efeito tão subido,
Como olhos, dentes, mãos, talhe e cabelos?
Inda o que mais se eleva esclarecido,
Feliz se julgaria em merecê-los,
Procurando que um tenha de outro vista,
Sem que haja tiro, alcançarás conquista.

98

“Se julgas cuida o bravo herói de amores,
Posto que divertido em guerra dura,
Discreto elegerá dotes maiores,
De Ormia a vista, de Fúlvia te segura.
Mas se aplicado aos bélicos horrores,
Só da pátria o namora a formosura,
Nunca receies vencerá Romana,
Peito que não cedesse à Lusitana.”

99

Dizendo revestia égide belo,
Por destro Junonígena formado,
Se deve o nascimento a seu martelo,
A golpe dobre adorno duplicado.
Tem no peito o que a Górgona em cabelo,
Parece joia o que antes foi toucado,
Encaixa na cabeça o capacete,
Donde alta Esfinge era hórrido topete.

98.4 a vista **T** avista **Ny**

100

Embraça airosa escudo congelante,
Pela cabeça de Medusa feia,
Égide grave do feroz Tonante,
Obra rara da pele de Amalteia.
Empunha forte a lança penetrante,
Com que o tridente competir receia,
Parece armada, que socorre a Juno,
Dá nome a Atenas, raivas a Neptuno.

101

Já sobe o carro a bélica Ithoneia,
Em rosto doce, em vestimento dura,
Como de Ílion pisando a roxa areia,
Ostenta guerra e mostra formosura.
Da quadriga veloz rédeas mania,
Nos braços móvel, mas nos pés segura,
Faz vénia a Cinxia, rompe pronta os ventos,
Guia cavalos, como pensamentos.

101.1 Ithonea **TNy** cf. *infra* IX.16.6 e 73.1 || 101.3
areia corr. : area **TNy** cf. *infra* V.23.7

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
QUINTO



(Página deixada propositadamente em branco)

1
Já de Macária onde o ligustro cheira
Remontada Epitímbia volitante
Via a Agoreia em rápida carreira
Para a casa do Sono caminhante.
Baixa pronta a falar-lhe, lisonjeira,
Teme penetre intento, a abraça amante,
De Ida a contenda falsa dissimula,
Que o dependente, inda afrontado, adula.

2
Carinhosa a recebe Hígia ciente,
Porque a Discórdia vence o bom juízo,
Se antes crê pundonor ser competente,
Buscada, usar carícias lhe é preciso.
Sabe distinguir tempos quem prudente,
É próprio a doutos o mudar de aviso,
Nobreza, inda em maior inimizade,
Guardar decoros de civilidade.

3
Outra vez rédeas largam, fendem-se ares,
Têm brutos como raios diligência,
De velozes galés sobre altos mares,
Parecia dos carros competência.
Ambos caminham como singulares,
Não pode um ganhar de outro precedência.
Em balança a carreira, em voo briga,
No Etéreo e no Terreno igual quadriga.

4
Por conexões de ideias regulado
O que tempo reputa a fantasia,
Divide o movimento imaginado,
Porções iguais da Noite repartia.
Quando ao lugar do filho tem chegado,
Casa, onde apenas se conhece o dia,
Lá nos países dos Cimerienos,
Junto da boca de infernais terrenos.

5
Perto de Baías, donde em lago Aorno
Faetonte apaga de Vulcano ardores,
Inimigo das aves, vapor morno,
Lhes muda a vida em trágicos horrores.
Destila fontes subterrâneo forno,
Reveste peixe em denegridas cores,
Covas habitam para o dia cegos,
No roubo gaviões, no ver morcegos.

6
De nuvens densas, negras e pesadas
A atmosfera medonha se cobria;
Névoas contínuas, tristes e cerradas,
Perpétuo orvalho são da terra fria;
Árvores grossas, altas e copadas,
Muralha, adonde se embargava o dia;
Jamais Favónio brando ou forte vento,
Em seus troncos fazia movimento.

3.7 em voo corr. : e voo T Ny

7

Tecem mato cicutas venenosas,
Endros, solanos e mecónias flores,
As pitagórias ervas soporosas,
Com meimendros de hipnóticos vapores
Induzem sono Linfas vagarosas,
Que a pausas lança o reino dos horrores
Braço do Letes, que em sussurro lento,
Com movimento embarga movimento.

8

Parece o bosque fúnebre e noturno,
Sem ruído estrondoso, ou voz sonora,
Retiro de Angerona e de Saturno,
Donde a lasciva Nictímene mora,
Triste Ascálafo dorme taciturno,
Não garrula Corónis faladora,
Ganso não grita, galo não cantava,
Fera não brama e perro não ladrava.

9

Numa caverna lúgubre e sombria,
Gruta obscura de um monte levantado,
O palácio do Sono se escondia,
Adonde em sono vive sepultado.
Como noite passava a noite e dia,
De ruídos e luzes retirado;
Faz hábito de surdo, uso de cego,
Jamais cansado de buscar sossego.

10

Num salão grande em quadratura feito,
E colgaduras pretas guarnecido,
De évano fino aparecia um leito
Entre negras cortinas escondido.
Ali dormia, porque satisfeito,
Não revolve cuidados no sentido,
Que, a tê-los grandes, sono lhe faltara,
Inda que o seu poder todo empenhara.

11

Como levanta rápida corrente
Monte espumoso, se precipitada,
De inchados semiglobos cópia ingente,
Figura a Linfa de ares dilatada.
Ascende globo em globo inconsistente,
Água ténue sobre água remontada,
Máquina frágil, posto que arrogante,
Menos que enano em forma de gigante.

12

Tal nas fundas alcovas se encobriam
De sonhos cópia, em sonhos levantados,
Os que gigantes férvidos subiam,
Menos que enanos são precipitados,
Bem como bolhas de água confundiam
Os que antes representam separados,
Ora distintos, ora com misturas,
Proteus de ideias mudam de figuras.

10.6 Não revolve Ny Nam revolde T

13
Como espumosos globos cristalinos,
Assoprada e subtil fragilidade,
Passatempo agradável de meninos
Que em pouco se recreia a pouca idade;
Mostram volante pompa em corpos finos
Desfazem-se com suma brevidade
Assim mais altos, porque mais perfeitos,
Voam mais claros sonhos mais direitos.

14
Bem como falsa mostra em sala obscura,
Da mágica lanterna a prospetiva,
Sobre parede oposta alta figura,
Fantasma horrendo, ou serpe destrutiva;
Tais sonhos formam de ares massa dura,
Formigas, elefantes, morta, viva,
Lémures turbulentos, lâmias feras,
Manes, Faunos, Sfinges e Quimeras.

15
Morfeu que observa as deusas vir
[chegando
Voa ligeiro adonde o pai dormia.
“Tens visitas, Senhor!” , lhe diz gritando,
“Desperta já! Desperta!” , repetia.
Mas preguiçosos membros abalando,
Do tardo sono o Sono não movia.
Quando forte o sacode apenas fala,
Responde-lhe entre dentes, “Dorme!” , e cala.

14.1 corrigido T Como enganosa Tac versão cor-
rigida Ny

16
O filho de chamá-lo já cansado,
Grita, “Entram Palas, Vénus e Cupido!” ,
De cujo nome o Sono amedrontado
Num momento desperta estremeado.
Esfrega os olhos, ergue-se apressado.
“Cupido” , disse, “em casa, estou perdido!
O sossego acabou, que possuía,
Já não hei de dormir como dormia.

17
“Alerta! Alerta! Filhos, não durmamos!
Alerta! Alerta! Amigos, despertemos!
A defesa c’o tempo não percamos!
Quando um forte inimigo às portas temos,
O que devemos de fazer, façamos!
Em cuidar muito não nos descuidemos,
Que há grandes riscos na menor demora,
Perde-se um reino por perder-se uma hora.

18
“Vamos fechar-lhe as portas sem detença,
Que em princípios se corta a força ao dano!
Nas entradas convém fazer defesa,
Porque, em tomando posse, é soberano!”
Manda absoluto, ordena sem licença
Despótico monarca, rei tirano.
Quem nele se fiar terá má sorte,
Promete vida e paz, dá guerra e morte.

19

Isto dizendo, ativo e diligente,
Que o medroso se arroja perseguido,
Lança à direita aponta, à esquerda o dente,
Corre à porta, mas para suspenso.
Diz, “Triste o medo me disturba a mente,
Inda discorro como adormecido.
Se portais, e não portas, é que temos,
Como falei que as portas fecharemos?”

20

“Porque não fosse em sono perturbado,
Nem de portas ruído consentia.
Vede que frutos colhe um regalado,
Cujas delícias duram noite e dia!
Olhai que lucros tira um descuidado,
Que em deleites só fixa a fantasia!
Crê por futuro certo o bem presente,
Quando o mais grato é menos permanente!”

21

“Em tanto risco me envolveu preguiça,
Paixão mais enganosa na brandura
Que amor, zelos, inveja, ira ou cobiça,
Porque afeto mais forte menos dura.
Se ativo vento apaga, e manso atíça,
O sentimento que as percebe as cura.
Queimam, porém se apagam como lume,
Esta é lenta ferrugem, que consume.”

19.3 aponta Ny a ponta T | o dente corr. : a o dente T Ny

22

“Mas criminando agora a negligência,
Dobrada negligência cometemos.
De uma imprudência nasce outra
[imprudência,
Porque tempo em palavras despendemos.
Se por forças não temos resistência,
Com submissões defesa procuremos.
Passe a fraqueza por civilidade
Seja virtude o que é necessidade.”

23

“Sabendo vem de Assésia acompanhado,
Com provável razão menos temera,
Porque amor por discurso regulado
Em virtude sublime degenera.
Mas não gosto inda um plácido cuidado,
Qualquer estorvo um manso génio altera,
Conheço que, se Areia assiste pouco,
Num momento Cupido se faz louco.”

24

“Porém, vamos com pressa recebê-los
Vamos que já diviso a sábia Ergane,
Já de alva Gnídia vejo os olhos belos.
Vamos, quiçá que no temor me engane!”
Avança e para, exalta horror cabelos,
Teme inda que suponha Amor não dane.
Tanto subsiste a pânica tintura,
Que, inda que falte a causa, o pavor dura.”

23.1 Assésia corr. : Assisia T Ny || 23.7 Areia corr. : Area T Ny || 24.6 suponha corr.: suppunha T Ny

25

Capa do susto faz civilidade,
Disfarça a mágoa em máscara de gosto,
Vê Cípria afetações na urbanidade,
Reputa o comprimento por suposto.
Se não cuida o sincero em falsidade,
Quem desconfia a colhe em voz e rosto.
Com tremula enfiado se impugnava,
De falar modo encontra ao que falava.

26

Vénus lhe diz, “Monarca poderoso,
Que imperas sobre humano e sensitivo,
De cuidados encanto deleitoso,
De aflições trégua e dores lenitivo,
Calma serena em mar tempestuoso,
Que impulso de paixões promove ativo,
Igual conquistador de fraco e forte,
Da vida alento parecido à morte!

27

“Nunca entendi que em tal pavor te visse,
O mesmo fora crê-lo que embargar-me,
Não me viras, se tanto presumisse;
Venho a pedir-te queiras ajudar-me.”
“Pedir-me, tu? Pedir-me!”; o Sono disse.
“Quando o mesmo é pedir-me que
[mandar-me,
A tal beleza tudo se concede,
Os olhos mandam, quando a língua pede.

28

“Inda que a dormir tanto costumado,
Serei para agradar-te vigilante,
Meu natural remisso, e descuidado,
Para impedir-me não será bastante.
Manda, verás teu gosto executado,
Ordena a todos quantos vês diante!
Em te agradarem me terão respeito,
Será tua vontade meu preceito.”

29

Disse, e logo Ericina foi seguindo
No que pede o segredo encomendando,
Petição com mandato confundindo,
Imperante súplica em modo brando.
O Sono vendo o rosto, a graça ouvindo,
Não dorme, mas se encanta no admirando,
Já com novo temor mais receava
Da mãe beleza que do filho aljava.

30

Porque Arginis formosa se reserva,
Apatúria discreta se retira,
Que sábio – o nobre termo – nobre
[observa,
Nunca a inquirir segredo alheio aspira.
Cupido que amor terno inda conserva,
Não gostando o discurso, as costas vira.
Sonhos remarca, à Música pergunta:
“Como há de monstros tais tal cópia junta?”

31

“Estes”, pronta Gorgófora dizia,
“A quanto o mundo encerra parecidos,
São leves sonhos que arma a fantasia,
Delírios naturais de adormecidos.
Num tempo fazem noite, e pintam dia,
Homens, troncos e brutos confundidos.
Vês cidades, vês montes, vês castelos,
Mas nada vês, pois nunca podes vê-los!

32

“Como luzes vagantes aparecem
Na obscura noite aos olhos clausurados,
Que abertos num momento desvanecem
Seus fulgores nas trevas só gerados,
Ou como ideias dos que se estremecem,
Que homens vêm, sentem feras e ouvem
[brados;
A qualquer sombra têm por inimigo
Fogem sem risco, tremem sem perigo.

33

“Olha este que valente se defende
De fortes inimigos combatido,
Nem força o move, nem valor o rende
Suposto que de tantos perseguido.
Mata, fere, derruba, encontra, ofende,
Como irado leão, tigre ferido.
Mas quem dirá que em tão glorioso alarde
É como a história o sonho de um cobarde?

32.3 abertos **Ny** a abertos **T** || 34.5 nas corr.: nos
T Ny

34

“Pondera atento os de anelante herdeiro,
Que mal deseja ao que seu bem destina,
Sonha que morre o velho, mas primeiro
No sepulcro o castiga Lebitina.
Repara nas de um falso lisonjeiro,
Que enganar com palavras imagina,
Sonha que alcança a virgem, mas desperta
Vendo que honra e virtude a têm alerta.

35

“Observa estes pecados de avarento
Que por comer mais rico, morre à fome;
Vai juntando dinheiros cento a cento,
Para quem sem ter conta lhos consome.
Nascendo-lhe o faminto do opulento,
Tendo mais ouro, Midas menos come.
Da ambição sonhos dando morte explica
Tácio a Tarpeia, Breno a Demonica.

36

“Remarca atento os de hórridos traidores,
Que devem ser com tento remarcados.
Vê-lhes na boca riso, em língua amores,
Mas repara de que andam mascarados;
Como camaleões mudam de cores,
Têm no peito rigor, no rosto agrados.
Plausível superfície e negro centro,
Nuvem que embarga o divisá-los dentro.

35.1 pecados corr. : pesados **T Ny** || 35.8 Tarpeia
corr.: Trapeia **T Ny**

37
“Mas se a nuvem, tesouro de Vulcano,
Mais se despenha quanto mais pesada,
E raramente causa mortal dano,
Posto que atemorize em trovoadas,
Contra o por natureza soberano,
Só faz bulha a traição, mas para em nada.
Vê nos sonhos futuros Catilina,
Nota Vila Real, contempla em Cina.

38
“Vê Próculo, Bonoso e Saturnino,
Pelo sublime Probo destroçados,
Duros Pescênio Niger, Clódio Albino,
Por Sétimo Severo castigados;
Heracliano soberbo, ímpio Rufino,
De Arcádio e frouxo Honório derrocados,
Procópio morto como delinquente,
Se primeiro o temeu cruel Valente.

39
“Dá Filipe a Gordieno injusta morte,
Mas paga o filho em braços de Severa;
Imprime em Focas João Zimisces corte,
Porém veneno a atroz vida lhe altera;
Mata Aper fero a Numeriano forte,
Mas nome como ação mal considera,
Chamado Javali sente desgraça,
Do nascido em Diocleia a melhor caça.

40
“Com traição fera Máximo artiloso
Extingue a vida em cândido Graciano,
Mas do grande Teodósio poderoso,
Recebe a pena, que incorreu tirano.
Afoga-se Andragácio caviloso,
Como instrumento do perverso engano,
De Imperatriz fingindo o fogo terno,
Fogo na água acendeu, mas foi de inferno.

41
“Mas se qual reta Adrastia injusta a sorte,
Porque uns tenham castigo, outros
[ampara,
No mesmo tempo que os protege forte,
A merecida pena lhes prepara.
Dá Forbas a Maurício infanda morte,
Porém lhe extingue Heraclio a vida cara.
Mata a Constante o bárbaro Magnêncio
Mas foi seu próprio algoz, como Decêncio.

42
“Se a Alexandre Severo, Maximino
Por culpa de Mamea imprime a morte,
No cerco de Aquileia, seu destino
Lhe prepara igualmente o duro corte.
Se a Caracala extingue atroz Macrino,
Terá com Diadumeno a própria sorte;
Se a Décio mata Galo Triboniano,
Dobrará nele, e filho Emiliano.

37.8 Vila Real corr. : Villa-real **T** Villa-Real **Ny**
|| 38.3 Pescênio corr. : Pecennio **T** Pesennio **Ny**

42.8 Emiliano corr. : Amiliano **T** **Ny**

43

“Bem como baixel grande empavesado,
De flâmulas volantes guarnecido,
De alegres galhardetes adornado,
De bandeiras reais enobrecido;
De ouro, prata e diamantes carregado,
De vento favorável socorrido,
Largando o pano todo sem limite
Navega pelos campos de Anfitrite.

44

“Mas tão vistoso fausto pouco dura,
Se do baixo escondido leva corte,
Tais sonhos de validos sem ventura,
Num momento derroca instável sorte.
Muda-se de palácio a torre obscura,
Segue-se à pompa alegre, triste morte.
Do cego Belisário observa engano,
De Essex amado e de infeliz Sejano.

45

“Observa os de um monarca poderoso,
Que tendo muitos reinos, mais deseja,
Se o vizinho floresce, está zeloso,
Se o remoto enriquece, tem-lhe inveja;
Exército acumula numeroso,
Divide impérios antes da peleja,
Investe, dá batalha e tem vitória,
Mas acorda perdendo império e glória!

46

“Destes não só verás muitos passados,
Mas também muitos para reis futuros,
Que na fortuna incerta confiados
De bons princípios julgam fins seguros.
Olha os que param pelo Egito inchados,
Nas Termópilas como em fortes muros,
Os do grande Epirota que uma velha
Dissipa, sem mais armas que uma telha.

47

“Nota os do sábio e forte Mitridates,
Vencendo o Capadoce e Nicomedes,
Os do crédulo sâmio Polícrates,
Confirmando a fortuna pelas redes,
Os de quem divertindo o largo Eufrates,
Sagaz transcende as bélicas paredes;
Os do lídio opulento, altivo Cresos,
Primeiro que a Sólon tribute apreço.

48

“Contempla os de Alexandre quando chora
De que os possíveis mundos não gozasse,
Sem reparar que em trânsito de uma hora,
Pode ser que uma vila lhe faltasse.
Sempre da vida a duração minora,
Inda que mais no império se avance;
Porque a Cassandro crê, não crê no sonho,
Crê no gostoso, incrédulo ao medonho.

44.6 Segue-se a **T** Segue' á **Ny**

49

“Olha os deste que sexto conta a fama,
E sonha ter constante a móvel sorte,
Junto a Brundúcio seu favor proclama,
Em Dirráquio e na Espanha a julga forte;
Aos sonhos de Calpúrnia sonhos chama,
Mas vê, sonha em final sono da morte!
Mais fixa que a Fortuna acha em seu luto
Inimizade atroz de Cássio e Bruto.

50

“Vê sonhos de Aníbal adormecido,
E sonhos de Aníbal quando acordado,
Nos primeiros de Serpe conduzido,
Nos segundos de amores embargado;
Porque um crê, passa a Itália enfurecido,
Porque outros, para em Cápua descuidado,
Se em Canas sonha, em Zama está
[desperto,
Só na Bitínia vê qual sonho é certo.

51

“Vê sonhos contra sonhos quando entende,
Astíages romper sonho de Mandane;
De Podarces confuso quando empreende
Embargar que o sonhado a Frígia dane;
Desse Laio infeliz quando pretende
Que o filho ao régio e sacro não profane;
De Almicar que entra em Siracusa ativo,
Presume vencedor, mas foi cativo.

51.3 Podarces corr. : Podarces T Ny

52

“Que império, vê, promete em sonho bravo,
A Cleópatra régia António amante,
Como se o haver-se feito dela escravo,
O fazia do globo dominante.
Em si vinga de Octávio e Roma agravo,
Perto do final sono é vigilante;
Porque tanto em paixões dano se enfeita,
Que em toda a vida apenas faz suspeita.

53

“De Valeriano o sonho é tão pesado
Que só desperta quando Sapor pisa.
Joviano, inda na cama sossegado,
Da vida o fumo em fumo finaliza.
Maxêncio nos Pretórios confiado,
Não vê sonhando como tiraniza,
Tendo inda a Constantino frente a frente,
Somente acorda no quebrar da ponte.

54

“Como viste, os do filho os do pai nota,
Sonha elegendo a Cloro Maximiano,
Dobra o sonho se dobre intento brota,
Que em genro mais que em filho encontra
[o dano.
Desperta na paixão que ira alvorota,
Das sonhadas paixões Valentiniano;
Igualmente o Terceiro com Segundo,
Mostram que é sonho a dita neste mundo.

52.5 Octávio corr. : Octavia T Ny

55

“Sonham, posto que eleitos por Senado,
Pupieno, sóbrio Tácito e Balbino.
Vê desperto a Basílio por veado,
Caro em tormenta por fatal destino!
Augústulo do império despojado,
Morto por Diocleciano atroz Carino;
Porque um Gordiano acaba, outro se mata,
Que amor como infortúnio desbarata.

56

“Vê Galieno desperto por Marciano,
Michel, Glicério e Nepos já depostos,
Se com falsa Zoé sonha um Romano,
Chora outro cego por sonhados gostos.
Repara nos triunfantes de Aureliano,
Como tendo a Zenóbia os tem dispostos,
Mas fero Menesteu mostra que a glória
É toda, por mundana, transitória.

57

“De Vitélio, fantástico guloso,
Nota a sonhada glória entre manjares,
Peixes e aves procura cuidadoso,
De estranhas terras e distantes mares;
Qual se o custo aumentara o proveitoso,
Na ceia de iguarias singulares,
Ou se embargando a morte destrutiva,
Por ter comido a Fénix, Fénix viva.

58

“De Heliogábalo em luxo extravagante,
Muitos sonhos de um sonho vê nascidos,
Largas rendas de império tão possante,
Gasta em banquetes, festas e vestidos.
Chama-se próprio herdeiro, ou próprio
[amante,
Que são nomes somente confundidos;
Mas triste morte causa tal mudança,
Que em pouco tempo é nada a muita
[herança.

59

“De Nero observa aqui sonhos tiranos,
Que Heróstrato de Roma a queima
[horrendo,
Ao que muitos fizeram muitos anos,
Em breve noite há de abrasar tremendo;
Faz gostos próprios dos alheios danos,
Misantropo real, bruto estupendo;
Mas vê quando a si mesmo se derroca,
Que a tanto crime, tanto algoz só toca.

60

“Vê torpes sonhos de imperante horrendo
Que tem nome por bélico calçado,
No corpo e na razão monstro tremendo,
Porque num feio, noutra inordenado,
Monstro apetece ver monstro estupendo,
C'o uma garganta um povo dilatado
De um só golpe deseja que feneça,
Mas verá muitas mãos numa cabeça.

55.7 Gordiano corr. : Gordieno T Ny

61

“Vê sonho de Leon fixando o dia,
Em que a Michel decreta a dura pena,
Os de Andronico, infanda tirania,
Que a Isaac destina o mal, que a Aleixo

[e Xena

Olha a Dídio chorando o que avalia,
Por seu mesmo dinheiro se condena;
Nota observando Olíbrio, e Constantinos,
Que um mau fim volta em sonho aos

[bons destinos.

62

“Antémio sonha quando o genro estima,
Dá-lhe Ricimer fero injusta morte.
Ao Búlgaro, Bauduíno se aproxima,
Na sonhada ilusão de instável sorte.
Em falso amor Nicéforo se anima,
Consentindo Teofaina leva corte.
Crê Filípico bem glória primeira
Porém, somente cego vê cegueira.

63

“Mitológicos vê, donde advertido
Como entre amantes te acharás sonhado,
De Mercúrio e Diana aqui nascido
De Vénus e Mercúrio ali gerado;
Por filho de Mavorte conhecido,
Por triste ovo da Noite reputado!
Vê como Amor ser filho poderia
Do nada guerra, esquivo, ou mercancia?

62.2 Ricimer corr. : Rithimer T Ny

64

“Oh! Quantos parentescos tens com Celos!
Neto por Afrodite e por Vulcano,
Safo te julga como filho belo
Se és bisneto por Jove soberano.
É sonho inda que intentem defendê-lo,
Que Agus e Iana unidos façam Iano.
Não te merece o Nilo atenções poucas,
Pois lhe imputam mais filhos do que bocas!

65

“Em sonhos me achara também pintada,
De Hermes sábio, e seu pai sendo irmão
[dobre
De Mulciber, por filha reputada
De alva Titanis, e Corifa nobre
Parricida feroz representada.
Aqui sonho perverso me descobre
De que esfolei meu pai que visto a pele.
Arte ou força não há que línguas sele!

66

“Fazem meu filho ao Cíntio esclarecido,
Qual de Coribas, Magnes e Vulcano
Muitos desejam ter filho luzido,
Poucos impugnam deleitoso engano,
Triptólemo de Elúsio vê nascido,
De Tróquilo, Disaulas e Oceano;
Mas que muito, se rico por sementes,
Sempre a quem cresce o pão, crescem
[parentes.

65.2 seu corr. : teu T Ny

67

“Mas basta destes! Julga os estupendos
De sábios grandes, que esta alcova encerra,
Não como os outros Marciais tremendos
Somente crescem como toda a terra;
Porém de opiniões monstros horrendos
Com pena e tinta declarando guerra,
Transcendem céus e em voo temerário
Correm lá pelo espaço imaginário.

68

“Atende aos de princípios inventados,
Esse fogo de Heraclito choroso,
Essas linfas dos Jônicos prezados,
Ares de Anaxímenes tão famoso
Números pelo Sâmio concertados,
Do Milésio infinito portentoso,
De Zenon, sábio elemental quadriga,
Nunca em mistura unidos sem ter briga.

69

“Remarca as duras pedras inflamadas,
Que Anaxágoras toma por estrelas,
Todas do claro Apolo iluminadas,
Qual Metrodoro presumira delas;
Estas nuvens acesas, e apagadas
Como há de Xenófanes percebê-las,
Cravos fixos do que inventou quadrantes,
Pirâmides fogosos de Cleantes.

70

“Gira toda a cilíndrica figura
Que Anaximander toma pela terra,
Vê como Mitra claro e Cíntia pura
Parménides num cerco igual encerra;
A luz mental que em Trívia pouco dura
E própria lhe atribui Antifon que erra,
Titânia zomba, citaredo chato,
Como os debuxa o filho de Euristrato.

71

“Olha Sminteu, que a boca tem fechada,
Qual filho de Praxíades ensina,
Quando a diurna luz fica embargada,
Interpondo-se a nova Tergemina.
De outro Milésio vê porta cerrada
Nos eclipses da cheia Fascelina.
Censura como mede o de Agrigente
A distância entre Bendia e Grineu ardente.

72

“Da suposta região do fogo setas,
Ou faíscas, presume o Clazómeno
As que imitando formas de planetas
São momentâneas luzes de ar sereno.
Com barba, cola e crina esses cometas,
Mais tremendos ao grande que ao pequeno,
Julga cadeias de astros refulgentes,
Presos etéreos com grilhões luzentes.

70.7 zomba corr. : Yomba T Ny

73
“De áridas nuvens pompa luminosa
Heraclides arguto os reputava,
E por drago intentando honra gloriosa
No sábio e no divino igual sonhava.
De altas exalações cópia fogosa
O grande Stagirita os declarava
Quando a lei da atração rege os cometas
C’o mesmo curso e ordem que os planetas.

74
“A Astipáleo fulgente vê sonhado
Quando em seu nascimento o crês defronte
Da atmosfera sublime retratado
Se ostenta inda submerso no horizonte.
Mais alto menos finge o levantado,
Não se exalta, suposto se remonte
Sempre igual, desigual parece corre,
Nasce antes de nascer, já morto morre.

75
“Sonham que nasce oval, que oval fenece,
Mais levantado o limbo mais profundo,
Mas só por curvas refrações parece
Que perde em berço e túmulo o rotundo.
De ténue meio o visto em denso cresce,
Se ao contrário se estende para o fundo,
Somente em perpendicular há verdade,
Porque em reto não se acha falsidade.

76
“Vê gerações equívocas chamadas,
Donde impõem faltas, de saber defeitos,
Com partes necessárias e ajustadas
A animais vituperam de imperfeitos.
Completo as não têm mais delicadas,
Nota olhos, bocas, corações e peitos
Que nascem da água e sol num campo raso,
Criador fingira de precário acaso.

77
“Que sonho haver disposições no lodo
Para formar com tal delicadeza
Olhos de imundas aves, cujo modo
É privilégio da sábia natureza!
Por que objeto alto, ou baixo, vejam todo,
Que impedira de imóveis a firmeza,
Em lâminas convexas divididos
Milhares de olhos num têm repartidos.

78
“Como vidro que os corpos multiplica,
Donde aprendeu dióptricas a terra?
Sabe por que olhos oito reduplica
A quem Lafria no tecer fez guerra?
Porque ociosa Aracne com dois fica,
Se há de supor que em formaturas erra,
Quando o próprio ajustado c’o preciso
Publica as direções de alto juízo.

78.4 Lafria corr. : Laphyra T Ny || 78.5 dois Ny
dous T

79

“Sonhos iguais observa das sementes,
Entre as costas das folhas reservadas
Nos talos, e qual fumo só patentes,
Como por microscópios demonstradas.
Todas futuras plantas têm presentes,
Completas flores, posto que encerradas,
Tubos de ar, veias líneas e bexigas,
Em palha, palha, e na espiga, espigas.

80

“Das folhas também vê só querido ornato,
Sendo reparo à fúria dos ardores
Porque onde intensos, e verão têm fato;
Nas com frutas mimosas são maiores
Porque em mais duras há menor recato,
Em mais sombras refrescam mais vapores,
Donde olho brota, pé da folha para,
De orvalho concha não se fecha avara.

81

“Como o partido tronco em fogo ostenta
Clara linfa que às pontas se retira,
Tal vivo, reservando o que alimenta,
Pelas folhas quais traqueias resto expira.
Sempre em bosques caligem mais se
[aumenta,
Sempre em semente a pluma aos ares vira,
Qual se abaixa a raiz quando elevada,
Se exalta a pluma quando em chão voltada!

82

“Sonham que o brando suco nutritivo
No perecer das folhas se entorpece;
Quando o com folhas, no sem folhas, vivo,
Se enxertado, com verde pompa cresce,
Presumem que somente ascende ativo;
Porém, tão veloz sobe, como desce,
Se com vizinhas, ramo a ramo unida,
Vive a planta entre plantas suspensa.

83

“Olha a folhagem de agradáveis flores
Reputada por pompa de beleza,
Quando sempre mistura em seus primores
Útil com deleitoso a natureza.
Se mostra ornato nas vistosas cores
Ostenta em perianto fortaleza,
Se este é resguardo às só queridas sementes,
Folhas defesa às de ápices pendentes.

84

“Vê quem julgam nos mares de ar privado,
Quando por guelras, quais pulmões,
[respira,
Leve se exalta, abate-se pesado,
No fundo volta, em superfície gira;
Por bexiga ar comprimido ou dilatado,
Da linfa ao corpo as proporções lhe vira,
Sem que outro lastro tome, ou
[descarregue,
Nau vivente alta, e baixa rota segue.

83.6 perianto corr. : perianthio T Ny

91

“Nota o sonho de igual velocidade
Com que o peso em diversos tempos desce;
Quando sempre a cadente gravidade
Maior impulso mais baixando cresce;
Levanta triplicada quantidade,
Como em fiéis balanças aparece,
Se os mesmos nove termos tem passado,
Que singular para um, quatro a dobrado.

92

“Que o peso nos fluentes mal se apura,
Hidrostáticas leis dirão famosas,
Coluna perpendicular de altura
Balanceia inda ações tempestuosas.
De Oceano vastíssimo largura,
Nada acrescenta às forças vigorosas.
Os diques de Batávia experto atende
Verás como esta lei melhor se entende.

93

“Remarca o quilo ao figado levado,
Quando por lácteas primas caminhante,
Do linfático fluxo acompanhado
Pelas de ordem segunda passa avante;
No triple recetáculo engolfado,
Sobe a impulsos da artéria mais vibrante,
Do torácico ducto o longo ascenso,
Nas contrações por válvulas suspenso.

94

“Entra onde à porta a Délia se figura,
C’o vermelho das retas jugulares
E transversas subclávias se mistura,
Inchado c’o regato da sem pares,
Baixa por cava, onde excrescência dura,
Dirige o moto dos contrários mares,
Que da aurícula destra recebidos,
São no destro ventrículo impelidos.

95

“Compresso o sangue, as retrações
[suspende
Das tricúspides juntas o fechado
Já pela artéria pulmonar se estende,
Só por semilunares embargado,
Já por veias da orelha esquerda pende,
Já dela em seu ventrículo é forçado,
Já da ampla aorta corre o canal duro,
Quando as dobre mitrais são dobre muro.”

96

Posto que Vénus bela referia
Com lacónico termo o que intentava,
O Sono que em seus olhos se revia
Na resposta episódios misturava.
Mil perguntas supérfluas lhe faria
Porque vê-la mais tempo desejava;
Afeta decadências na memória
Para, em ter mais discurso, ter mais glória.

95.5 veias corr. : veas **T** vezes **Ny**

97

Mas temendo o repute impertinente
Fântasos, Fobetor e Morfeu chama.
Qualquer, porque mandado, vem contente,
Que dá gosto servir formosa dama,
Fila. O mais velho observa atentamente
E lá no peito, suspirando, exclama:
“Oh! Quantas vezes tu com fingida arte,
Por fazer-me negaças pintas Marte.”

98

“Inda que”, disse o Sono, “deputados
Só para os sonhos de altos superiores,
Não vos reputo como excetuados,
Quando se empenha a deusa dos amores.
O mesmo estimo seus recomendados,
Que príncipes, que reis, que imperadores.
Vinde, as ordens tomai bem de memória,
Servi com gosto, pois servis com glória!”

99

Apenas disse, chegam velozmente.
Dá-lhes instruções claras Pafia bela,
Com rosto alegre em modo reverente.
Mostra a cara o prazer de obedecê-la,
Confirma a língua o quanto o peito sente.
Com pronta ação seu gosto aprova sela,
Qual não que a pano solto desancora,
Abrindo as asas voam sem demora.

100

Dava Acidália em termo agradecido
Mil graças pelo bom recebimento,
Inda que contra gosto as dá Cupido,
Porque não falta o nobre ao cumprimento.
De Minerva sublime despedido,
Toma com mãe no carro o próprio assento,
A Agélia e Sono fazem vénias graves
Largando as rédeas sobem brancas aves.

101

Tanto que Arginis parte, Láfrica chega,
Ao Sono o que deseja comunica.
Se um tremendo perigo cauto nega,
Outra anelante intrépida suplica.
Pávido aquele seu perigo alega,
Quando esta não ter risco certifica.
Se ele muito repugna, ela mais pede,
Vence a eloquência ao medo, o Sono cede.

102

Se Alcís já conseguido o que intentava
No veloz carro férvida corria,
O Sono que repouso desejava,
No brando leito plácido dormia,
Que tanto a vigilância num se achava
Como noutra a torpeza aparecia,
Porque nativo génio impetuoso,
Pronto demonstra impulso vigoroso.

99.6 sela T sella Ny

103

Todo o tempo que as deusas têm passado
Por grato auxílio inquietas suplicantes,
Viriato experto, nunca descuidado,
Pronto examina espias vigilantes.
Já dar batalha havendo decretado,
De Áctio espera os prelúdios rutilantes,
Sem vantagem da noite, pretendia
Que o valor brilhe, quando brilhe o dia.

CANTO
SEXTO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Inda o pai louro do fulgente dia
Nos reinos de Neptuno descansado
De Tétis bela afagos recebia
Em seus cândidos braços reclinado,
Quando Morfeu com sua companhia
À cidade Afrodísea tem chegado.
Vêm, porque alegres, com velocidade
Que o gosto é sempre espóra da vontade.

2

Como de Ceis nas ondas submergido,
Voz, corpo, rosto e gestos imitando,
Pinta a Alcione em modo enternecido
O caso do naufrágio miserando.
Tal c'os irmãos penetra sem ruído
Onde Tântalo estava descansando.
Alteram cores, mudam perspetivas
Mostram falsas imagens, como vivas.

3

Representa Fântasos raio ardente
Que girando-lhe curvo a rica espada,
Ao ferro desvanece velozmente
Se a bainha preserva inalterada.
Tântalo acorda em susto de repente,
Crê verdadeira a vista imaginada
Do sonho cego lhe parece o via;
Que tanto nos delude a fantasia.

4

Reconhece-o por sonho e sossegado,
Porque o faz desengano, se adormece;
Na bela Ormia Morfeu transfigurado
Num jardim junto a casa lhe aparece.
Resplendor penetrante derivado
De seus formosos olhos reconhece,
Sente abraçar-lhe internamente o peito,
Não vê ferida, mas padece efeito.

5

Quer dizer-lhe a paixão que na alma agita
Mas tarda a língua em sono embaraçada;
Torpe articula, o coração palpita,
Vaga a mente em sopores engolfada.
Próprio despertador sofrendo irrita
Luz no romper de névoas disturbada,
Mas se, extinguindo-as, brilha rutilante,
Dormente obscuro é claro vigilante.

6

Que há nos sonhos enigma discursava,
Julga o primeiro emblema do segundo.
O que antes aparência reputava
Já cria aviso com mistério fundo.
Na fantasia o gosto se excitava,
Prognostica a vontade um fim jucundo;
Flutua o pensamento, ferve o peito,
Voa afeto nas asas do conceito.

2.1 Céix corr.: Ceys T Ny

7

Qual por diurno sono embarçado,
Quem tarde acorda aflito se estremece,
Seu tempo no descuido espediçado
Com ligeireza recobrar parece.
Da cama salta, veste-se apressado,
Sem que espere criados, sobe, e desce,
Crimina o sono, vitupera o ócio,
Não para até que acabe seu negócio.

8

Tal cuidadoso, Tântalo julgava
Mais que em sono, em letargo haver dormido;
Nunca a Ormia procurar, supor chamava,
Vê-la sem ter-lhe amor, não ter sentido.
De admirar sem querer, mais se admirava.
Porque suspende afeto suspenso,
Confuso se levanta velozmente,
Veste-se à pressa, corre diligente.

9

Como busca quem sonha haver achado
Rico tesouro a humanos encoberto,
Que à parte onde o supõe corre apressado
Tendo certo o trabalho pelo incerto,
Assim por sonhos Tântalo excitado,
A quem dormente viu, busca desperto.
Numa varanda espera poder vê-la,
Heliotrópio em jardim fixo em janela.

10

Gozava a formosa Ormia adormecida
Em suspensões de encanto deleitoso,
Da alma engano, que a Aurora esclarecida
Faz com choros de orvalho mais gostoso.
Tem sossego maior por despedida,
Descanso, como véspera ao penoso;
Deita a Fortuna o resto na doçura,
Dá recreio em prelúdio de amargura.

11

De ideias vagas como ramos tece
Vigilante Fântasos bosque horrendo,
Apenas luz nas sombras se conhece,
Tanto de fresco tem que de estupendo.
Tigre raivoso Fobedor parece,
Que investe irado com furor tremendo,
São negras manchas sobre louras cores
Como estrelas, cometas só de horrores.

12

Finge Morfeu que Tântalo a defende
E a fera irado valeroso chega.
Desperta Ormia, de que era sonho
[entende,
Um pouco se perturba, mas sossega.
Entre o confuso susto, que a suspende,
Ao sono doce quanto cuida entrega,
Dorme outra vez. Fantásios mostra logo
Na bela casa devorante fogo.

13

Figura-lhe Morfeu que a socorrê-la
Tântalo acode, sem temor da flama.
De fumo cego, não podendo vê-la,
Anda, busca, suspira, apalpa e chama;
Mostrando antes perder-se, que perdê-la,
Nadar parece em fogo, salta a cama,
Forte a arrebatada, foge diligente.
Desperta Ormia assustada de repente.

14

Fica tímida um pouco e receosa,
Entre pavor e gosto suspendida,
Do fogo treme, se da ação gostosa,
Venera o protetor que lhe deu vida.
Aplauda valentia generosa,
Que inda sonhada a deixa agradecida.
Admira-se que a mova paixão tanta,
Cuida, foge-lhe o sono, e se levanta.

15

Quando o mundo suspenso duvidava
Entre luzes e sombras confundido,
Se o princípio do dia começava
Ou se o termo da noite era finido,
Sobre Afrodísea férvido voava
O carro de Epitrágia dirigido;
Que ares rompendo e ventos encontrando
Do alto etéreo ao terreno vem baixando.

16

Como inocente a linda mariposa
Busca apressada a chama, onde perece,
À roda voa, chega-se animosa,
Na luz se mete e trágica fenece,
Anfítales buscando Ormia formosa
Antes que o carro baixe, veloz desce;
Ligeiro voa circundando a casa,
Adonde brilha a luz com que se abrasa.

17

Qual bisonho soldado que brioso
Blasona que não teme lança ou seta
Mas, no iminente risco temeroso,
Treme ao sinal da bélica trombeta,
Marcha com medo a passo vagaroso.
Para, se ordenam férvido acometa,
Lânguido o coração, pálida a cara,
Da carga foge e para o céu dispara.

18

Tal, posto que Amor tenha resolvido
Seja Tântalo emprego de Ormia bela,
Propósitos varia arrependido,
Tanto que lhe aparece na janela.
Para confuso, e treme suspendido,
Julga que é força amar chegando a vê-la,
Quebra resoluções, muda conceitos,
Esquece obrigações, falta a respeitos.

18.3 varia corr. : varea T Ny

19

Se atento a vê, perplexo a contemplava,
E quanto mais contempla, mais queria.
Os mesmos pensamentos que formava
Eram setas que ao peito despedia.
De' scopo o coração transcende a aljava,
Viva caixa de arpões já parecia.
Sem que arco vibre nele, pronto arroja
Volantes armas que na mente forja.

20

Eneis, que o filho observa perturbado,
Baixa ligeira e manda que tirasse.
Vê-se o rapaz Idálio embaraçado,
Não sabendo a que parte se inclinasse.
Porém, de honra, palavra e fé lembrado,
Teme que a mãe formosa se agastasse,
Receia um que se cuide, um que se diga
Que a mais no mundo que a virtude
[obriga.

21

Resolve-se! Uma seta de ouro aplica
À curva ebúrnea Lua. Mete-a à cara,
Para o peito de Tântalo a dedica.
Aponta. A corda puxa. Treme, e para.
Cai-lhe a seta. A mãe se mortifica.
Grita-lhe! A toma, aponta, enfim dispara.
Mas no momento que executa o tiro
Acompanhava a seta de um suspiro.

22

“Quem fora antes ferido, que ferira,
Mais Tântalo mortal, que deus Cupido,”
Disse aflito, e para Ormia os olhos vira,
Armando a Lua de outro arpão burnido.
Pálido geme, e lânguido respira,
Foge a vista, e fica suspenso,
Trémulo o braço acorda e seta abala,
Voa ligeira antes de dispará-la.

23

“Não vás arpão”, clamou, “não vás direito!
Teu movimento oblíquo ou curto seja,
Mas ai! que já feriste o brando peito,
Que o meu ferido possuir deseja!
Causas de um golpe duplicado efeito
No seu farás amor, no meu inveja,
Inveja digo, porque pesaroso,
De minha mesma ação fico zeloso.

24

“Por mais fogo que influas, te seguro,
Não será tanto como teu causado
Desse belo prodígio o rosto puro
Neste peito de amores abrasado.
Porém, vamos senhora, porque é duro
Que um zeloso a um rival veja estimado,
... as rédeas larga às aves belas
Que de entre flores vão buscar estrelas.”

20.8 a mais T amais Ny | a virtude T a Virtude
Ny

24.7 incompleto T espaço em branco Ny

25

Como o tenro e liberto passarinho
Dos bosques violim, dos prados lira,
Ramilhete cantor, vivo brinquinho,
Modula alegre e plácido respira,
No pomo pica, salta no raminho,
Até que a flecha o caçador lhe atira,
A melodia perde, a voz embarga
Transmuta a doce vida em morte amarga.

26

Tal bela Ormia na grata mocidade,
Com peito alegre e sossegada mente
Gozava o doce bem da liberdade,
Nos honestos limites do decente.
Colhia os frutos da jucunda idade
No Paraíso do viver contente,
Até que Amor a fere de tal sorte
Que das feridas se origina a morte.

27

Como a casca aromática cheirosa
Ostenta mais vigor quando atuada
E mostra ardente flama luminosa
A pederneira, do fuzil tocada;
Seta aguda com ponta perigosa
Nos ternos corações atravessada,
Volátil gera impulso comunica,
Do sangue o veloz giro multiplica.

28

Bem como enfermo que febricitante
No vigor da sezão mais abrasado,
Em delíquios de sede agonizante,
Bebe impaciente o líquido vedado;
Árido extingue quanto vê diante,
Posto que sabe o mal fará dobrado,
Ávido engole com desejo forte,
Entre fluído gosto, fixa morte.

29

Tântalo ardendo em grato incêndio ativo
Chamas de amor com chamas aumentava,
De Ormia presença crê gosto nocivo,
Porque tanto mais via, mais amava;
Porém de si contrário, e compassivo,
No remédio que busca se abrasava,
Da vista alívio é flama em peito, logo
Refrigério procura, e bebe fogo.

30

De atento contemplar não satisfeito
A seus olhos descanso não concede
Pelas óticas línguas do conceito,
No terno que olha, enternecido pede.
Eco da vista ardor fulmina o peito,
Bebe hidrópico sede contra sede,
Suspiros lança quando incêndios traga,
Toma veneno misto com teriaga.

31

Com desejo veloz, passo moroso,
Lento apressado ao pé vem da janela,
Que elevado horizonte é luminoso
De Sol vivente ou racional estrela.
Quer falar, mas se embarga receoso.
Tanto pode atenção! Teme ofendê-la,
De amor espora e freio de respeito
Lhe embarga a língua e lhe estimula o peito.

32

Resolve-se a dizer-lhe o sentimento
Que lhe motivam férvidos ardores.
Mas tropeçando em seu padecimento
São remora da língua seus rigores,
Como lânguido enfermo, cujo alento
Rendido à força de pungentes dores
Seu terrível penar sem voz o deixa,
Mostrando em não queixar-se maior
[queixa.

33

Mas, se entre paroxismos desmaiado,
É de estímulos novos combatido,
Ganha em segundo ataque recobrado
O que perde em primeiro emudecido.
Tântalo nobre que multiplicado
Sente afeto de afeto promovido,
Se em tormentos de amor languente cala
Desperto pelos mesmos pronto fala.

34

“Ormia sublime”, diz, “gentil portento
Do Sol inveja, emulação da Aurora,
Tanto elevas meu fixo pensamento
Que na alma imprime afeto, que te adora.
Tão grande amor não cabe em sofrimento,
Rompe ativo o silêncio, inunda fora,
A língua voa, chave do conceito
A faz para te abrir meu terno peito.

35

“Nele acharás tão rara formosura
De esmaltes naturais somente ornada,
Ver-te-ás nos rasgos de uma afeição pura
Mais por cego, que Apeles, retratada.
Policleto jamais fez tal figura,
De Apolónio outra igual donde
[engravada?
Sem pincel nem buril, se amor requinta,
Doce grava, alto esculpe e terno pinta.

36

“Como os raios da vista, de amor raios,
Créditos conseguiram de ligeiros,
Uns sem demoras, se outros sem desmaios,
Tiveram competência em ser primeiros;
Não deixa amor que faça à vista ensaios,
Entra sem que precedam mensageiros,
Tudo misto num tempo, senti logo,
Se nos olhos sem luz, no peito em fogo.

37

“Mil vezes te admirei, mas nunca amante,
Suspenso em ver-te, amar-te não sabia;
Mas para amar-te e ver-te em breve
[instante
Reservastes de prendas valentia.
Bem cuidaste em que um golpe era bastante
Para a mente, vontade e fantasia,
Julgaste era desdouro na grandeza
Pouco a pouco render tanta beleza.

38

“Se em tudo encantadora me encantaste,
Pois ver-te sem querer foi claro encanto
De um noutro portentosa me passaste,
Pois suspenso em te ver te adoro tanto,
Porque a força das prendas reservaste.
Passado choro, se presente canto,
Sinto que antes não fosse em grato emprego,
Porque cego em descuido, de amor cego.

39

“Oh! Não me culpes, não, de pouco
[atento,
Que merece desculpa amante rogo,
Minha língua não diz meu sentimento,
Somente amor se explica nas de fogo.
Se em momento nasceu, cresça em
[momento!
Na alma acendido, à boca sobe logo,
Filho do pensamento e da vontade
Tinha a razão a pintar a liberdade.”

39.8 apenas em T omite Ny

40

Qual luz por claro prisma separada,
Que em série mostra as deleitosas cores,
No mais alto remonta a nacarada,
Como a posto devido a tais primores;
Tal sobe em rosto de Ormia sublimada
Viva escarlata esmalte de candores;
Sobre campos nevados sem desmaios
De grã, raios pelejam contra raios.

41

E como os mesmos todos quando unidos
Claros demonstram nítida candura,
Porém cores primeiras divididos
Ou parte mistos de outras compostura;
Ormia que tem no peito confundidos
Os de raiva, vergonha e de ternura,
Exala de tal misto tal composto,
Que em marés de ondas lhe afetava o
[rosto.

42

Mas como é sempre amor desconfiado,
Sempre tem mais temor quem mais deseja,
Tântalo não se julga afortunado
Inda que em rosto de Ormia o rubro veja.
Duvida se aumentar-se o nacarado
Era estandarte com que amor peleja,
Se cor de raiva ou tinta de vergonha,
Se o gosto o cega ou na vontade sonha.

40.4 tais corr.: T Ny

43

Qual pião no horizonte inda escondido
De oblíquos raios forma precursores,
Claras boias do corpo submergido,
Tíbios sinais de ocultos resplandores.
De Ormia a língua exprimiu voz de
[Cupido,
Posto que atenta esconda seus ardores,
Responde entre o rigor de um modo iroso,
“Te cria ativo, mas te vejo ocioso!”

44

Tântalo argui, “Oh! Como ociosidade
Chamaste a impulso de paixão forçosa,
Amo obrigado, inda que por vontade,
Creio-me em sujeição, se bem gostosa.
É teu decreto minha liberdade,
Sempre escravo seguiu vitoriosa.
De ócio culpado só me presumira,
Se a tão bela senhora não servira.

45

“Sendo atrativo íman gentil beleza,
Não te admires que pronto me chegasse
Regendo amor, mandando a natureza.
Que força há que a tais forças encontrasse?
Que gênio? Que razão? Que fortaleza
Haverá que a tais ordens repugnasse?
Que vontade animada de um preceito
Falta na ação quando sobeja em peito?”

46

“Se de olhos belos móvel peregrino
Me rege o peito e me dirige a mente,
Posso certificar que a meu destino
Move de estrelas força refulgente;
Porém, mais alto inspira Autor Divino
Com graça singular paixão potente,
Oculto influxo, cuja causa adoro,
Conheço Númen, mas quem seja ignoro.

47

“Numa visão me foi manifestada
Tua perfeita e doce formosura,
Foi meu amor real, se tu sonhada,
De uma aparência tive afeição pura.
Venho donde te vi representada
Gozo de achar-te a pontual ventura.
É muito acaso! É claro para ser encanto,
Só providência grande rege tanto.”

48

Dizendo, Ormia discreta ressuscita
Lembranças dos sonhados fingimentos,
Vagas ideias cuidadosa agita,
Tudo são confusões, tudo portentos.
Admirada se eleva e precipita,
Flutua em vasto mar de pensamentos.
Se há de falar, duvida. Não responde.
Turbada cuida, rápida se esconde.

49
“Adonde foges?”, diz Tântalo, “Aguarda,
Que a senhora não foge do cativo,
Se triunfante venceste, escravo guarda,
Não desprezes rendido enquanto vivo.
Se castigas na ausência, ira retarda,
Porque ao nobre requinta o compassivo.
Não me condenes sem pesar meu erro,
Porque à morte me julgas, se a desterro.

50
“Enganas-te se à pressa vais fugida,
Porque da liberdade roubadora,
Não furta quem levou cousa perdida,
Não rouba quem da mesma era senhora.
Qual própria a chama, pois por ti rendida,
Sempre o despojo toca à vencedora,
Somente, contra gosto, levas gosto,
Que tiras, com tirar-me, o ver teu rosto.

51
“Se por matar de amores te retiras,
Aparece, e virás ressuscitar-me!
Pois, se a vida me dás quando ma tiras,
Em presença jamais podes matar-me.
Morte sem cura na saudade inspiras,
Só na ausência homicida há de acabar-me.
Volta a fazer de Fénix nova sorte,
Sol darás vida, quando Sol dás morte.

52
“Pois foges tão veloz como sonhada
Parece que meu sonho inda me dura,
Se antes, e agora, voas apressada,
Fazes que um fosse de outro igual figura.
Mas vê que amo efetivo a imaginada,
Não será sonho amor como é ventura,
Reputa ou não por falso o positivo,
Sonharei, mas querendo, enquanto vivo.”

53
Qual fugindo-lhe a caça que seguia,
O vigilante cão junto da toca
Atento espera e pertinaz vigia,
Guardando as portas da minada roca.
Se antes veloz latindo a perseguia,
Suspenso agora, mudo fecha a boca,
Tântalo fica junto da janela,
Por largo tempo muda sentinela.

54
Porém, se a língua para, a mente gira
Rápidos atos no veloz conceito;
Rebela-se a paixão, ferosa atira
Ardentes raios, que lhe forja o peito;
Perturba-se a razão, cega delira,
Não pode ter comando, ou dar preceito;
Tudo quanto imagina vê presente,
O repugnante crê como existente.

55

Mágica sem feitiço a Fantasia
Conforme as paixões movem corresponde.
Se o gosto excede, pinta-lhe alegria,
Ormia já lhe aparece, já responde;
Se o temor reina, foge quanto via,
Ormia já se estimula, já se esconde;
Muda-lhe os bastidores num momento,
Glória celeste, em mar de sentimento.

56

Fraqueja na demora a confiança,
Receia que não venha – se retira.
Engana-se o desejo na esperança,
Parece-lhe que volta – o rosto vira.
De lugar muda, em peito sem mudança,
Lento caminha, se veloz suspira;
A qualquer parte vai com seu cuidado,
Posto que solitário acompanhado.

57

De Ormia oculta o discurso, naufragava
Em mar que, abismo, dúvidas chovia,
Própria desconfiança lhe impugnava
O que estranha afeição lhe persuadia.
Que há mistério nos sonhos meditava,
Sem voto de seu pai querer temia,
Juntos pelejam no agitado peito
Desconfiança, amor, culto e respeito.

58

Já no forte arraial trombeta horrenda,
Vagos soldados, vívida convoca,
Redobra eco apressado em voz tremenda,
Compresso peito e dilatada boca.
Retumba ao longe, em perto estupenda,
Bélica incita, se agradável toca,
Harmónica e terrível faz mistura
De acento doce e consonância dura.

59

Como enxame de abelhas diligentes
Em melífluos trabalhos empregadas,
Que a um lugar por caminhos diferentes
Voam, do mesmo intento estimuladas,
Correm de várias partes combatentes
Onde, próprias insígnias arvoradas,
Tântalo ouvindo a tuba à pressa parte
Que inda atento a Cupido, segue a Marte.

60

Não tomam fortes Lusos paus tostados
Com que em primeiros tempos pelejavam,
Porque em contínua guerra exercitados
Antigo com moderno misturavam.
Mais no valor do que armas confiados,
As rutilantes brancas desprezavam:
Mostram com menos carga mais presteza,
Duplicam-se dobrando a ligeireza.

58.5 perto corr. : pertos T Ny

61

De panos sobre panos só cozidos
Os vigorosos peitos revestiam,
Sem fogos nem martelos, só tecidos,
Por ferros linhos com valor supriam.
Botas de hirsutos couros não curtidos,
Ócreas silvestres rústicos traziam,
Mostrando fortaleza sem vaidade
Rejeitam luxo, e prezam liberdade.

62

Ligam prontos cabelos dilatados,
Que em paz soltos traziam, guerra atavam,
Capacetes de palmas adornados,
Nas rígidas cabeças encaixavam.
Como tendo inimigos já domados,
Triunfante insígnia férvidos usavam;
Antes de ter combate creem vitória
Porque era o peito oráculo da glória.

63

Qual diligente intrépido cingia
Com ponta e dobres gumes curta espada,
Se breve adaga horrendo intermetia
No lado oposto, ou parte mais prezada.
Qual braço esquerdo cauto guarnecia
De pelta em centro aguda levantada,
Qual toma arremessam farpado e duro,
No entrar ligeiro, no prender seguro.

64

Qual na milícia antiga só versado,
Vibrante arco giboso em mão tomava
Longo carcás de setas recheado,
Por liga a tiracolo pendurava.
Qual de seixos roliços carregado
Funda comprida como cinta usava.
Qual dura maça levantando horrendo,
Mostra o robusto em vista do tremendo.

65

Qual, sem que estribo pise, em bruto
[monta
Que a sela, de arção falta, lisa enfeita.
Lança pequena, mas de aguda ponta
Vibra arrogante intrépida à direita.
Forte a cavalo, forte se desmonta,
Embraça a pelta só de nervos feita,
Fixo em joelhos salta sem receio,
Movendo as rédeas, manejava o freio.

66

Já nas verdes campinas espalhava
Nómio radiante candidatos fulgores,
Se estrelas nas safiras ocultava,
Sobre esmeraldas patenteia flores;
Por luzes agradáveis, que apagava,
Pinta com luzes deleitosas cores;
De uma o céu claro se vestiu sereno,
De muitas se adornou fresco o terreno.

66. 4 corrigido T cores Tac versão corrigida Ny

67

Quando pronto Viriato valeroso
De espada, pelta e capacete armado,
Em maça horrenda mostra vigoroso,
De tanto general bastão pesado;
Monta rápido em bruto tenebroso,
De estrela branca em testa só marcado,
Que a grato brio unindo ação ligeira,
Dança em passeio, voa na carreira.

68

Já tuba horrenda a marcha comovia
A brava soldadesca exercitada,
Demonstra o rosto em plácida alegria,
Que a batalha era em peito desejada.
Entoavam com bélica harmonia,
De péans vários música ordenada,
Notável gente que a arriscado posto
Donde outra vai com medo, ela com gosto!

69

Suposto que de espias informado,
Inda o Pretor da marcha duvidava,
Porque em vã glória altiva confiado,
A mais certa evidência disputava.
Mas se dúbio, contudo precatado,
Que as legiões se formassem comandava,
Pois sempre motivou fúnebre luto,
Que um general pecasse em diminuto.

70

Como em longas fileiras ordenadas,
E carreiras transversas repartidas,
Guardam distantes proporções quadradas,
As plantas que igualmente divididas
Formam ruas, por ruas separadas,
Sempre direitas, sempre intermetidas,
Demonstra a agricultura em qualquer parte
Obras da natureza em regras da arte.

71

Tais fileiras de Hastários arrogantes
Belígero pomar duros formavam,
Em quadro uns de outros só três pés
[distantes,
Compacta frente horrendos figuravam.
Longos piques de pontas penetrantes,
Nas fortes mãos ligeiros arvoravam,
Espadas cingem, vestem cassoletes,
Rodelas usam, trazem capacetes.

72

Em distâncias maiores separados
Os Príncipes no centro apareciam,
Mais temerosos, porque mais armados,
Renitentes couraças revestiam;
De largas cintas nos direitos lados
Espadas só de um gume lhes pendiam,
Como meio cilindro escudos feitos
Lhes cobrem braços, lhes defendem peitos.

73
Inda nas posições mais divididos
Na retaguarda os Triários se formavam.
Como mais veteranos, mais queridos,
Para o que outros não podem reservavam.
De couro e ferro junto revestidos
Com dobres pilas rígidos se armavam,
De bronze usam com plumas capacetes,
Fixos nas testas, móveis nos topetes.

74
Quais Príncipes, também fortes Pilanos
Braço esquerdo de escudo guarneciam,
Que os couros de animais de longos anos
Sobre dura madeira revestiam,
Não só para evitar, mas fazer danos.
Pungente umbo de ferro em meio erguiam
Que, se as barras nas bordas são de abrigo,
De ofensa horrenda o penetrante umbigo.

75
Não somente usam pilas dobradas,
Quais breves lanças de arremesso feitas,
Que inda por Mário atroz não reformadas
Se entram duras, conservam-se direitas;
Mas de curvas celtiberas espadas
Com ponta, inda que curtas, nunca estreitas.
No mesmo tempo Príncipes e Hastatos
São mais nas armas, como são nos fatos.

76
Qualquer legião direita em comprimento
Em frente, em centro, em retaguarda
[estava
Com dois lados num mesmo seguimento
De três classes duas ordens separava.
Insígnia de sessenta vezes cento
De ouro águia fulminante levantava,
Minotauro cruel, lobo horroroso,
Javali fero, drago temeroso.

77
Fixo a arvorava signifer horrendo
Com caveira de bruto em capacete
Que era, ajuntando o bravo c'ò tremendo,
Forte em peito, medonho no topete,
Da pele o rosto bélico estupendo!
Qual pálio hirsuto sobre os ombros mete,
No corpo humano, se em vestido fera,
Parece homem, leão, tigre, ou pantera.

78
Prefeito da legião próximo estava
Porque da insígnia a guarda lhe incumbia,
Se qual centúrio a vara manejava,
Qual primipilo a todos precedia;
Aos subalternos cabos pronto dava
As ordens, que aplicado recebia,
Na primeira centúria dos Pilanos
Rege a moços, comanda a veteranos.

76.3 dois Ny dous T

79

Com manípulos trinta só perfeita
Cada legião compunha a formatura,
No meio tem primeira a mão direita,
Faz segunda na esquerda só figura.
Centúria que a centúria antes eleita
Precede em posto na batalha dura;
Que inda entre horrores de tremenda
[morte
É ponto de honra mais, que o risco, forte.

80

Tendo o molho de feno já deixado,
Que os capitães de Rómulo levaram,
Quando por salvar Remo aprisionado,
Contra Amúlio valentes pelejaram.
Crescendo o luxo no crescer de Estado,
De um manípulo insígnia mão formaram,
Donde ervas, prata colocou a vanglória
Da pobreza, opulência era a memória.

81

Em levantada coroa intermetida
Inda insensível mérito indicava,
Porque suposto de armas desprovida,
Se não peleja, alentos ministrava.
Que outras obrassem manda emudecida,
O prémio que lhes toca lhes mostrava,
Senado e povo escrito em largo pano
Romano incita, no acabar romano.

82

Vexilário e centúrio duplicado
Em qualquer dos manípulos havia;
Qual no direito, qual no esquerdo lado,
Sobre a própria centúria presidia.
De vide a vara era bastão prezado,
Tanto a parra por Liber se avalia.
Dois subcentúrios um centúrio dobra
Que adonde cabos faltam risco sobra.

83

Os fortes Evocatos eminentes
Que haviam já servido legais anos,
Ou conseguindo prémios excelentes,
Eram beneficiários veteranos.
Em distância dos Príncipes valentes
São brava frente de hórridos Pilanos,
De insígnia consular guarda escolhida
Por salvar glória, sacrificam vida.

84

Era a pretória insígnia sublimada
Base vistosa de águia fulminante
De escudos com pinturas adornada,
Hasteia horrorosa, e pompa rutilante.
Vê-se Minerva, ou Juno, retratada
Segundo a devoção mais dominante,
Jove tremendo, furibundo Marte,
Tem Vénus bela inda em medonho parte.

82.7 Dois Ny Dous T | subcentúrios corr.: Suc-
centurios T Ny

85

Sobre um bruto espanhol ruço rodado
O Pretor valeroso comandava
De rutilantes armas adornado.
Calígulas belígeras calçava,
Pende-lhe espada no direito lado,
Parazónio no esquerdo reservava,
Comprido escudo oval maneja atento,
Se cobre, e mostra com paludamento.

86

Fazendo uso em direita de hasta pura
C'os anexos Legatos conferia
Porque inda em guerra crida a mais segura,
Conselho de prudentes se avalia.
Revê da civil gente a formatura,
Próprio observa, suposto que confia,
Trabalha se há de ter com pena, ou glória,
Culpa da perda ou prémio da vitória.

87

Em qualquer das legiões mandou ficassem
Os seis graves Tribunos competentes;
Porque em distintos comandassem,
Os coloca em lugares diferentes.
Encomenda que atentos governassem
Nas várias classes das guerreiras gentes,
Rúfulos nobres e Comitiatos
Entre os Pilanos, Príncipes e Hastatos.

88

Tendo corrido o meio, onde os Romanos,
Passa às alas, que os sócios figuravam.
Junto os Ítalos, Sículos e Hispanos
Auxiliares potentes se formavam.
Na espada e gálea, como os Lusitanos,
Os Celtiberos bravos se adornavam;
Têm véstias negras curtas e felpudas,
De peles feitas ócreas cabeludas.

89

Das alas pontas faz cavalaria
Em turmas diferentes separada,
Dividindo-se os trinta, que incluía
Em décadas, qualquer por dez formada;
Decúrio que primeiro se elegia
Manda os dois com potência sublimada.
Optiões têm todos, ou lugar-tenentes,
Subalterna excelência de excelentes.

90

Qualquer soldado anel de ouro mostrava
Como insígnia de Equestre esclarecido,
Porque inda então cavalo só montava,
Da nobre ordem patrício, que escolhido.
Se angusticlávio em Roma se ostentava,
Inda o parece com mudar vestido,
Pois tanto educação nos civiliza,
Que índex aponta e marca sinaliza.

89.6 dois corr.: dous T Ny

91

Qual de peles coberto o draconário
Era de infantaria horrenda parte;
Revestido o terrível vexilário,
Férvido arvora o bélico estandarte.
Nas armas duros, em traje temerário,
Parece que em Tricoso envolve a Marte;
De cruz formada em lança penetrante,
Pende o cântabro em quadro tremelante.

92

Como alferes vestido o trombeteiro,
Medonho traça e temeroso toma,
Misturando o sonoro c'ò guerreiro,
Era, se horrendo em testa, horrendo em boca.
Cerca-lhe o braço o prémio lisonjeiro,
Que orna a triunfante na Tarpeia roca;
Porque em terrores glórias intermeta
Mostra a coroa assoprando na trombeta.

93

Nas ilhargas das alas divididos
Sem forma correm destros Baleares,
Que com seixos e fundas guarnecidos,
Eram no tirar pedras singulares.
Funditores romanos escolhidos
Por certeza de emprego em giro de ares,
Com setas e arcos bando numeroso
É, posto que confuso, temeroso.

91.5 traje corr. : trajem T Ny

94

Não só nas alas junto aos Sagitários,
Os destros Funditores atiravam;
Porém, na retaguarda a Ferentários,
Com funda Acensos prontos se chegavam;
Em bandos divididos c'os Rorários,
Quais tropas reservadas se guardavam,
Sendo em misturas de armas e furores
Corpos vagos de bélicos terrores.

95

Na vanguarda os Vélites diligentes
Ânimo ajuntam com velocidade,
Força inda em força opor buscam valentes
Com poucas armas e com pouca idade;
Destros lançando arremessões pungentes
Ostentam bravos pronta atividade.
Numera, quem da espada sente os danos,
Conta de golpes mais que a conta de anos.

96

Já frente a frente o bravo herói famoso
As lusitanas cópias ordenava
Parte em quadrado corpo temeroso,
Com filas sobre filas vigorava,
Parte em partes diversas caviloso,
Porque unidos desunam, separava;
Fia-se em que uniforme bizzarria
Ajunta nas distâncias valentia.

95.3 Força Ny rasurado T Forçar Tac

97

Dá sinal forte a tuba lusitana,
Treme a atmosfera em bélicos tremores,
Retorna eco caverna transtagana,
Redobra o dobre som marciais terrores.
Crespo ondulava ríspido Guadiana;
De ar na água o tom parece imprime horrores;
Lúgubre ao fraco, ao válido jucundo,
Deprime e exalta acento furibundo.

98

Pronta lhe respondeu romana horrenda,
Corre ar terrível de uma e de outra parte;
De medonha retumba na estupenda,
Era ar contra ar pugnando etéreo Marte;
Se aquela toca forte, esta tremenda,
Move-se a natureza a impulsos da arte,
Com prelúdio da batalha em terra
Noutro elemento principia a guerra.

99

Retorna o Luso em junta gritaria
De estrondoso ar ferido tempestade,
Por montes e por vales retinia
De altas vozes confusa variedade.
Em contrários e amigos produzia
Medo no campo, susto na cidade,
Em pele crespa levantam pelos,
Tingem pálidas cores rostos belos.

100

Já destros tiradores Lusitanos
Fundas sobre cabeças rodeavam,
Fazendo estalos vésperas dos danos,
Com seixos ferem, sons atordoavam,
Correspondem Baleares e Romanos,
Pedras com pedras altas se encontravam.
Se antes só de ares principia a guerra
Sobre ares, dura, batalhava a terra.

101

Com pedras graves setas volitantes
Tanto os corpos, que os ares se feriam,
Grosseiras, rombas, finas, penetrantes,
Entram peitos, cabeças ofendiam,
Passam ligeiras pontas rutilantes
Membros, que opacos seixos abatiam,
Chovem dilúvios de tremendos riscos,
Caem nuvem de raios e coriscos.

102

Avançam Lusitanos cavaleiros,
Nos de arco e funda as lanças empregando,
Prontos fogem Romanos Balesteiros,
Segue-os de Baleares destro bando.
Opõem-se altivos Équites guerreiros,
Rédeas movendo e plumas tremulando.
No ardor dos brutos mais se acende a guerra,
Levantam fogo quando pisam terra.

103

Qual posto que a cavalo se intermete
Inda em pé não ficava repulsado
Era no breve tempo em que acomete
Équite vivo, morto desmontando,
Qual no fogo em que férvido arremete
De fogo contra fogo era gelado;
No momento que investe, e falecia,
Vívido alento inflama, morte esfria.

104

Qual contra o bravo Cúrio competindo
Antes que o golpe dê leva ferida,
Porta cruenta em boca lança abrindo,
Por donde expira alento, exala a vida,
Qual temerário a intrépido seguindo
Atrevido lhe arroja haste comprida
Mas quando em parma só ponta lhe
[embebe
Dura a contrária em coração recebe.

105

Qual com zelo romano ativo avança
Porque vingue ao patrício ou companheiro,
Porém, medindo lança contra lança,
Morre ligeiro, se correu ligeiro.
Num momento se move outro descansa,
Jaz no cavalo o que antes cavaleiro,
Deitando-o para trás golpe em topete,
De ancas espora é duro capacete.

106

Em corpo, que defende a vexilário,
Cúrio forte veloz se intermetia,
De brava roda centro temerário,
Toda a circunferência destruía.
Voltando pronto em giro necessário,
Aqui mata, ali fere, ali rendia;
Arrebatando o síparo volante,
Principia a batalha já triunfante.

107

Viam-se dos Romanos cavaleiros
Já menos a cavalo que por terra,
De mortos e de lânguidos guerreiros
Fúnebre cópia o largo campo encerra;
Quais fogem coxeando, quais ligeiros,
Quais inda desmontados fazem guerra,
Dragões modernos, sem causar-lhe abalo,
Brigam, se a pé, contendem se a cavalo.

108

Porém, de um modo ou de outro
[combatentes,
Levam dos Lusitanos duros cortes,
Que os modos de peleja diferentes
Não fazem distinções nas tristes sortes.
Tanto altos sobre os brutos diligentes,
Como baixos na terra encontram mortes,
Porque a feroso Lusitano Marte
Nem forma embarga, nem suspende e
[parte.

106.7 o síparo corr. : o Siparo T a Siparo Ny

109

Dos Vélites caterva numerosa
Pronta avança, entendendo protectá-los,
Mas de altos Lusos cópia vigorosa,
Mais pronta corre para repulsá-los.
Acende-se a batalha rigorosa,
Há destroço nos homens e cavalos.
Se uns caem mortos, ou caídos morrem,
Outros por mortos e caídos correm.

110

Temerosos da fúria lusitana
Fogem Vélites, fogem cavaleiros,
Porque tanto que o medo desengana,
Param mãos e usam pés fracos guerreiros.
Fazem, Vélites, quando a força os dana,
Com fuga próprio o nome de ligeiros.
Se incautos, porque moços, investiram
Moços em tudo rápidos fugiram.

111

Já do corpo maior gente horrorosa
Pronta avançando as ordens não retarda,
Chega a tiro, arremete vigorosa,
Frente a frente vanguarda com vanguarda.
De arpões volantes cópia numerosa,
Posto que momentânea em sombra os
[guarda,
Uns sobre outros caíam com tal pressa
Que um quando entrava em dois já se
[atravessa.

111.8 dois Ny dous T

112

Nos unidos Hastatos mais unidos
Arremessões farpados se empregavam;
Mais perecem por menos divididos,
Mais juntos por mais juntos acabavam,
Menos feriam do que são feridos,
Mais dardos recebiam, que atiravam.
Com tal pressa morrendo não pelejam
Que os sete em muitos todos lhes sobejam.

113

Como em pomar de plantas ordenadas
Aparece assoprando tempestade,
Que umas caídas, se outras destroncadas,
Fazem das que inda firmes variedade,
Nas latinas fileiras ordenadas,
Faz valor português diversidade.
Se a uns da morte inda em posto o Fado
[isenta,
Arroja outros por chão marcial tormenta.

114

No tempo que Apuleio vigoroso
Em frente governando pelejava,
Dictáleon prudente e valeroso
Na ala direita aos Tícios animava.
Se Aulaces bravo, rígido e fogoso
Na esquerda aos Belos férvido mandava,
Todos três combatendo sem receio
Fortes extremos são de forte meio.

115

Pronto Viriato em centro, em frente,
[em lados,
Tudo vê, tudo anima, e tudo manda,
Com palavras, com forças, com cuidados
Peleja na vanguarda, pugna em banda.
Em qualquer parte móvel dos soldados,
Fero destroça, e plácido comanda
Mostra de um Númen quanto a humano
[toca,
Palas no braço era, Minerva em boca.

116

Já Pompeio entre raivas e desgostos
Manda a Hastatos que prontos se retirem,
Mas que alterando sítios guardem rostos,
Que voltem passos sem que costas virem.
Que entre Príncipes tendo novos postos,
Com nova proteção de novo atirem,
Donde os manda o Pretor vêm todos cedo,
Move obediência, mas dá pressa o medo.

117

Vigoram-se os alentos dos Romanos
Que entre tantos que caem lhes caíam,
Mas nos que frescos pugnam frescos
[danos,
Os Lusos, não cansados, imprimiam.
Outra vez frente a frente os Lusitanos
Com Príncipes e Hastatos combatiam,
Sem que a latina resistência valha,
Nova glória lhes dá nova batalha.

118

Dando exemplo Apuleio vigoroso
Avança pelas filas do inimigo,
Que em mais risco, mais pugna o valeroso,
Coloca a glória em base do perigo.
De Lusitanos bando numeroso,
Que igualmente rompiam, traz consigo,
Sendo na fúria do tremendo ensaio
Entre duros coriscos forte raio.

119

Como em fúria, na forma inordenada
A Príncipe degola, fende a Hastato
Qual fouce roçadora a forte espada
Corta em cabeça como aquela em mato.
Com potente valor descarregada,
Abate escudos e penetra fato,
Por qualquer parte dá tão fundo corte
Que apenas sai o sangue entrava a morte.

120

Como em centro nas alas destroçados
Dos sócios grandes cópias pereciam.
Mostram-se os Belos férvidos soldados
Quando os Tícios não menos combatiam.
Se há muito fogo em meio, há fogo em lados,
Parece que uns nos outros refletiam,
Dos extremos vigor do central pende,
Porque de alento a vista alento acende.

121

Vendo o Pretor confuso e temeroso
Dos Príncipes e Hastatos mortais danos,
Porque alguns salve, manda cuidadoso
Se incorporem nas filas dos Pilanos.
Julga que em corpo denso e vigoroso
Melhor resistam contra os Lusitanos.
Pela romana astúcia entende valha
Três batalhas fazer de uma batalha.

122

Ordena que a mandar sobre os Prefeitos
Às alas prontamente vão Legados,
Que alentos dando com valentes peitos,
O vigor renovassem nos soldados.
Com promessas enchendo-lhes conceitos,
Falando corre em centro e corre em lados;
A toda a parte chega, a toda acode,
Como bom general faz quanto pode.

123

Viriato pronto, vendo que o combate
Era adonde os Celtiberos mais duro,
Porque a glória inda em lado não se empate,
Junto de Aulaces mandou vir Minuro,
Qual jogando o xadrez, por fixar mate,
Em frente e bandas junto o fez seguro;
Ordena astuto à reservada gente,
Que entrem lados por lados velozmente.

124

Tântalo ativo pronto obedecendo
Conduz ligeiro as tropas que mandava,
E na ala esquerda com valor rompendo,
Pelos Béticos sócios penetrava,
Forte corrobora rápido correndo,
Na direita arrojado se empregava.
Juntos sentem da guerra horríveis danos
Celtiberos, Ausónios e Sicanos.

125

Em toda a parte os Lusos animosos
Igualmente alentados combatiam,
Mas na frente os Triários vigorosos
Com veterana astúcia resistiam.
No resguardo e na ofensa cuidadosos,
Escudos movem, tiros despediam,
Arremessões com pilas se encontravam
Nos ares e na terra se empregavam.

126

Viriato atento à grande resistência
Que faziam valentes Evocatos,
À vanguarda passou com diligência
Sem distinções, sem medos, sem recatos.
Desprezando a latina competência,
Regula ativo os militares atos;
Com rosto irado a massa comovendo
Principia a falar, bravo dizendo.

127

“Que encanto vos suspende?

[Oh Lusitanos!

Que descuido? Que embargo?

[Que demora?

Porque é forte valor nos feros danos
Contrário freio mas nativo espora.
Quem vencestes vencei, pois são Romanos!
Os mesmos sois que fostes até agora,
Não se mostre cansado o que é brioso
Pois morre antes que canse o valeroso!

128

“Posto que o vencimento julgo certo

Me envergonha a vitória dilatada,

Que é para um bravo luso em guerra

[experto

Render moroso o mesmo que obrar nada.

Os tiros suspendei, chegai mais perto!

Esgrimi com vigor só dura espada!

Porém, se alguma causa vos impede,

Segui-me, e como vibro a maça vede!”

129

Férvido disse, e férvido arremete,

Esmaltando eloquência de ação brava,

Entre os duros Pilanos, que acomete,

Caminho rompe quando morte dava.

Nuns, golpe a prumo impresso em capacete

Ferro, e cabeça ovais, plainos formava;

Noutros, de ilharga só descarregado,

Mata de todo, se feriu de um lado.

130

Como por seara o rei dos segadores,

Entre os trigos estradas separando,

De hásteas, que o sol dourou com seus

[fulgores,

Vai feixes junto a feixes derrubando.

Viriato bravo em bélicos furores,

A muitos só de um golpe destroçando,

Larga estrada que intrépida fazia

Com valados de mortos guarnecia.

131

Como suspensa a rápida torrente

Que a cópias sobre cópias base funda,

Quando o obstáculo força diligente,

Não só corre em canal, mas campo inunda;

Mais grossa em frente a lusitana gente

Não só rompe em primeiros furibunda,

Não só por donde abriu Português Marte,

Mas por dentro e por fora em toda a parte.

132

Cruzam-se fundos cortes sobre cortes,

Cutiladas mais fendem cutiladas,

Multiplicam-se mortes junto a mortes,

Fuzilam fogo espadas contra espadas.

A escudos fortes partem ferros fortes,

São duras armas de armas destroçadas.

Corre sangue de fontes que abre a guerra

De mortos semeada inunda a terra.

130.4 feixes junto a feixes corr.: feixos juntos a feixos T Ny

133

Já penetrava intrépido Viriato
Donde a pretória insígnia aparecia
Sem que entre tantos rígido Evocato
Pudesse retardar-lhe a valentia.
Quando com grossa lança e duro fato
Bravo Tribuno rápido o investia,
Mas lhe repara, e dá golpe em tal pressa,
Que a um tempo lhe estalou lança e
[cabeça.

134

“Esta insígnia nos falta”, disse horrendo,
“Segui-me brava, oh! lusitana gente!”
Porque mostra falando e combatendo
Braço de forte e língua de prudente,
Chama a Gradivo, e com valor tremendo
Ao primipilo avança diligente,
Vibrando a maça e junto abrindo a boca
Marte parece quando a Marte invoca.

135

O primeiro centúrio vigilante,
Qual grosso muro opunha escudo forte,
E pronto erguendo espada rutilante,
Pancada espera, destinando corte.
Porém, do bravo herói força possante
A ação lhe embarga antecipando a morte,
De escudo e maça tendo ofensa dobre,
O que vivo o cobriu, defunto o cobre.

136

De primipilo em signifer causava
Que infeliz de infeliz sorte infausta herde,
Porque do horrendo golpe que lhe dava,
Com licor rubro mancha o campo verde.
Por contusão que o peito lhe amassava
A vida acaba quando insígnia perde.
Na Águia abatida voa de herói glória
Pisando-a bravo proclama vitória.

137

Quíncio, suposto atento, combatia,
Vendo a romana força destroçada,
Ordena ao mesmo tempo que fugia
Tocasse a tuba a pronta retirada.
Confusa a gente opressa obedecia,
Uma sobre outra vai precipitada,
Porque os obriga a se moverem cedo,
Mais que som de trombeta, horror de medo.

138

Entre os Lusos qual férvido picava,
No alcance de apressado fugitivo,
Qual com tiro inda a rápido passava,
Qual mão ata de lânguido cativo,
Qual no cavalo, que tomou, montava,
Qual despe a morto, qual despoja a vivo,
Qual liga trouxa, qual de armas braçado,
Mais de alheias que próprias carregado.

139

Em quatro mil Romanos que estendidos
No campo de batalha apareciam,
Como em defuntos sócios e feridos,
Armas faltavam, fatos não se viam.
Quando já Cíntios raios encendidos
Nas ondas do Oceano se metiam,
Deixando aos Lusitanos com vitória
Em morto dia eternizada glória.

139.5 Cinthios T Cinthyos Ny

CANTO
SÉTIMO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Posto que nos três dias subsequentes
Que glorioso Viriato em campo fica
Andaluzes cavalos diferentes
Ao rígido Mavorte sacrifica.
Escolhendo para Árbio outros presentes,
Cultos dobrando, graças reduplica,
Com vinte e sete insígnias apanhadas,
Faz troféus grandes, dádivas prezadas.

2

Se voa alegre nova da vitória,
Corre do general devoto intento;
O que em remoto, ouvido, causa glória,
Em próximo, só visto, complemento.
Convoca gente a fama meritória,
Adonde Évora a Xénio exalta assento,
Vê-se num dia com velocidade
De muitas vilas cheia uma cidade.

3

Como Roma inda infame parecia,
Quando os Consuales jogos decretados
Que de estranhos curiosa companhia
Enche do circo assentos levantados;
Évora populosa mais se via
Por cópias de vizinhos e afastados.
Não falta Ormia que a move em seus
[ardores
Mais que a vista do triunfo a dos amores.

4

De ordem bela coríntica pomposa,
Mostra o sublime templo formatura,
Duplica hipetres série deleitosa,
Dentro e fora em colunas pedra dura.
Se em roda de areostile majestosa
Avultadas se ostentam na grossura,
Tanto em pronaus se via de grandeza
Como ádito ocultavam de riqueza.

5

Em pé volante em nítida carroça
Júpiter Propugnator se mostrava,
Quadriga que espumosa se alvoraça
Com fúria ardente rápida puxava.
Dá-lhe a arte alento com que a pedra possa
Ao natural fingir quanto imitava;
Tanto no impulso exalta de excelência
Que, em falto o quieto, é móvel na
[aparência.

6

Na brava esquerda Mártio dominante
Vitória alegre plácido levanta,
Se na direita fêrvido Tonante
Com fortes raios furibundo espanta.
Sobre a cabeça em pompa rutilante
De iguais fulgores gira cópia tanta
Que herói régio que pugna sem desmaios
Da c'roa furne a mão que vibra os raios.

7

Sem matéria nem forma no excelente,
Sublime obra de Fídias parecia,
De bronze o popular, rico presente
Que Muso figurou, Corinto envia,
De Argeu perfeito, o de metal potente;
De Aristónomo o que Élis possuía
Se em testa e mão diverso nos primores,
Por vitória ave tem, por raios flores.

8

De Ageladas, se Drímnio é no perfeito,
Os cavalos não menos pareciam,
Por cola, clina, por cabeça e peito,
C'os famosos em Delfos competiam.
Do engenhoso Praxíteles conceito,
Como ação própria alheias exprimiam,
O que Dionísio forma entre os Argivos
Se crera morto, quando os quatro vivos.

9

Em meio e naves mostra com pinturas
Rico o teto, as paredes adornadas,
E a proporção do corpo nas figuras
Em diversos lugares colocadas.
Medindo em prospetivas formaturas
Se observam baixas, veem-se levantadas,
Porque o fingido pelas regras da arte
Natural parecia em qualquer parte.

10

Como no Pireu da sábia Atenas
Por Leocares foi Jove retratado,
Se via junto de aquilinas penas
Em quadros diferentes debuxado;
Já formaturas grandes, já pequenas
Mostra como o painel donde pintado,
Veem-se em debuxos, olham-se nas cores,
De Irene rasgos, de Paneu primores.

11

Com relevados altos nas molduras
Se acha perfeita inda a mais breve imagem,
De azinheira e carvalhos esculturas
Tece frondosa a plácida ramagem;
Águias de várias cores e figuras,
Entre folhas são mistos de plumagem;
Tem loura crisetos sem desmaios
Em curvas unhas columbrinos raios.

12

Aparece a valéria melenetos
Negra, de branco em costas salpicada,
A antiga Niso, aquática haliotos,
Por gordura na cauda celebrada.
Percnópteros Ægíptia ou cipaetos
Com pluma hirsuta em colo levantada;
Fene ossífraga além de oripelargo,
Cândida cígnea, a morfno, a pigargo.

11.1 relevados Ny relévados T || 12.3 antiga Ny
antigua T || 12.7 oripelargo corr. : Onipalargo
TNy

13
Viam-se ao vivo nos painéis pintados
Diferentes oráculos famosos,
Formas de antigos jogos decantados
Aos Gregos e Romanos deleitosos.
De festas várias ritos celebrados,
Por causas graves, factos estrondosos,
Que inda o pagano que a Deus falso adora,
No infeliz gratifica, adverso implora.

14
Donde com plumas negras vozes claras
Pombas tebanas voos suspendendo,
De vaticínios pregoeiras raras,
Já davam gosto, já pavor horrendo.
De Ámon e Dodoneu sublimes aras
Junto aos frondosos bosques se estão vendo,
Tespróticos oram, Líbios oferecem,
De uns pálios baixam, de outros mangas
[descem.

15
Somente por Beócio desprezadas
Se veem, chaves de oráculos, Tomuras,
Velhas sagazes, sábias arrugadas,
De idade tipos, de ilusão figuras;
Trajam nobre em muletas arrimadas,
Caduco afetam nos bordões seguras,
Estão Tomuros com desigualdade
Que em mundo sempre a fez parcialidade.

13.7 pagano T Pago Ny || 15.2 Tomuras corr. :
Tumuras T Ny

16
Promenia entre as Tomuras demonstrava
Por mais idosa o posto de primeira,
Timerete segunda ministrava,
Nicandra menos velha derradeira;
Hele ao povo suspenso declarava
A resposta medonha ou lisonjeira
Porque se o facto ao dito não seguia,
Destes falta, a de aquelas encobria.

17
Sobre peles no templo uns dormitantes
Revelações parece recebiam
Quando outros levantados vigilantes
Que os sonhos misteriosos referiam;
Alguns pelos carvalhos circunstantes
Dentro em vivas cavernas se escondiam
Fazendo crer o que o devoto encanta,
De homem a resposta, o oráculo da planta.

18
Como Tomuras cridas aparecem
As amas de Hies, Dodónides belas,
Mostram-nos dotes, com que se
[engrandecem
Celestes graças no brilhar de estrelas.
De Ambrósia e Tique as prendas
[resplandecem,
Veem-se os vestidos, notam-se as capelas,
Pesítioe sobe quando humilde implora,
Corónis, Plexature, Pito e Eudora.

17.7 crer corr. : crea T Ny || 17.8 homem a corr. :
home a T homem à Ny

19

Junto ao templo em colunas levantadas
Mostra obra rara fábrica pomposa,
De uma, rapaz de bronze com pancadas,
Noutra bate em caldeira sonora.
Do vento os ramos e hásteas agitadas
Compõem de sons mistura tormentosa,
De Corcireus fazendo alto presente
Horror no bosque, devoção na gente.

20

Excedendo ao de Olímpico famoso
Que em plácida Élis poucos anos dura,
Porque inda grande em templo
[sumptuoso,
A oráculos também rege a ventura,
Mostra em bosque concurso numeroso
Mais de homens que de plantas espessura
Porque a um tempo ao Pelásgico buscava
Quem de perto caminha e longe andava.

21

Dione porque junto venerada
No mesmo quadro em templo aparecia
Como origem de Vénus sublimada,
Beleza com beleza prometia,
Como luz de agradável madrugada,
Que agradável promete o claro dia,
Sendo como formosa precursora
De filha belo Sol, mãe bela Aurora.

22

Posto que o mesmo, em trajes diferente
De Ámon e Fegoneu se acha o retrato,
Ergue em testa o Marmárico potente
Pontas torcidas circular calato.
Sobre cabeça de carneiro ingente
Se ouve resposta horrenda ou dito grato
Que é tal desejo de alcançar futuro
Que inda se busca em risco de ser duro.

23

Junto ao templo sobre Ida remontado
De Creta antigo oráculo aparece,
Donde Minos com leis sendo ensinado
Vícios abate e glórias engrandece.
Dentro em caverna árqueion, recostado,
Discreto Epiménides se adormece
Para que erguesse altar quando em
[sentido
Desconhecido ao deus desconhecido.

24

Se na cova Pitágoras descia,
Grave Melisseu em templo se elevava;
Sacerdote primeiro ali servia,
Rei soberano fora governava.
Glória das filhas dentro em Dicte fria
Criando a Ideu recente se mostrava,
Dá-lhe Melissa mel, leite Amalteia
Ida abraços, beijinhos Adrasteia.

22.1 em trajes diferente corr. : em tragens diffe-
rente T emtrages diferentes Ny || 23.5 árqueion
corr. : Arkerion T Ny

25
Fazem juntos os Curetes apressados
Com dissonantes sons bulha estrondosa,
De tímpanos broquéis, armas e brados,
Música horrenda para ação piedosa;
Curam de Rea os maternais cuidados
Cobrem de Axur recente a voz chorosa,
Quando Saturno atroz não satisfeito,
Come dura abadir com duro peito.

26
Sublime altar de Pisa aparecia
Em que também Piseu respostas dava,
E quem do grave Jano procedia,
Os gratos sacrifícios ministrava,
Afetando em suposta profecia
Os oráculos dúbios, que intimava,
Porque quando a política reserva,
Cobre ignorância e crédito conserva.

27
De antigas Diipólias grata história,
Bufónias já num quadro se continha,
Taulon culpado em zelo ostenta glória
Mostra só criminosa a machadinha.
Mesa de bronze exalta por memória
De sacros bolos sublimada pinha,
E, de entre o gado que girante corre,
Boi que pronto comeu tão pronto morre.

28
Estão por sacerdotes retratados
De Atenas sábia os grandes reis famosos
Melântio, Codro, Oxíntes sublimados,
Os Pandiões e Cécropes poderosos,
Cranano, Anfíction e Erecteu prezados
Afidas e Timetes majestosos,
Menesteu, Ericciónio e Demofonte,
O que deu nome ao mar rodando o
[monte.

29
Teseu bravo inda alentos imperantes
Herói mostra, sem bélicos vestidos,
Que entre o fausto das roupas roçagantes
Pulam dotes marciais se esclarecidos.
Como arcontes por vida dominantes
Eram Medon e Forbas conhecidos,
Mégacles, Diogenete, Acasto, Arquipo,
Terpieu, Ésquilo, Agamestor, Tersipo.

30
Com domínio igualmente enquanto
[humanos
Fére clo, Arifrone, Alcméon potentes,
E, entre arcontes somente por dez anos,
Cárops, Apsandro e Clídico valentes,
Esimesdes e Erixias soberanos,
Hipómenes, Leócrates excelentes,
Viam-se junto os que cada ano eleitos
De sábias mentes e de fortes peitos.

28.7 Demofonte corr. : Demoophonte T Ny

31

Entre os nobres Cerices elevados,
Progénie de Cerdemoro e Pandrosa,
Claros Epimeletas sublimados,
No traje ostentam pompa aparatosa;
De altos reis substitutos decretados
Inculcam gravidade majestosa,
Mostrando em rosto, ações e vestimento
Tal cargo requerer tal suplemento.

32

No sacro grandes, no civil possantes,
Junto rainhas e sacerdotisas
Têm nas caliptras coroas rutilantes,
Mostram nas testas do poder divisas,
Usam pomposas, trajam roçagantes
Túnicas longas, mangas não concisas
De ampecones com gemas franjas descem
Metais brilham, diamantes resplandecem.

33

Ostentam pompa, mas subordinadas,
Geretas nobres damas escolhidas,
De encicliões majestosos circundadas,
De anabolês bordados revestidas,
De pedrarias nítidas toucadas,
De adornos sumptuosos guarneçadas,
Sem divisas reais mostram com gosto
Quanto de régio lhes permite o posto.

34

Vê-se nos agoureiros elevados
Obscura ciência em cândidos vestidos;
Olhando ao Norte reputavam lados
Do Ocaso maus, do Oriente apetecidos.
Tages, Parnasso, Car, Melampo ornados
Eram como inventores conhecidos,
Calcas, filho de Ampice, e Abante Heleno
Já tormenta anunciam, já sereno.

36

Todos procuram de Bouleu conselho
Porque é sempre em regência necessário,
Preciso em moço, proveitoso em velho,
E ato onde falta, arrojo temerário;
De entendidos solícito aparelho,
De acertos defensor, de erros contrário,
Só com Bouleu não sossega Arconte
Que em ciência inda a um bom rio excede
[a fonte.

37

Mostra Arquirosines rico vestido
Como aos mais hierofantas sublimado;
Se entre Eumólpidas nobres elegido,
De Eumolpo rei sublime originado;
De Osioteres diversos precedido,
De Neocoros vários circundado
Manda a Pritanos, rege a Agonotetas
Que julgam lutas e prescrevem metas.

34.7 filho corr. : Filhos T Ny || indicação da falta da oitava 35 T número 35 e espaço em branco Ny

38

Viam-se de Hecalésias observantes,
Dando honra a Hecale, se a Hecalésio glória,
De Teseu grato as atenções amantes
Recordam génio, quando o boi vitória;
Nas Memactérias prontos suplicantes
Mostram cuidado junto com memória,
No Memactérion tem Memactés rogo
Porque o sábio previsto não diz logo.

39

Nas Apatúrias mostra Atenas clara
Aplaudido a Melântio caviloso,
Que inda a horrenda traição, se própria é cara,
Faz justiça do injusto o proveitoso!
Morra Xanto, que em fé não se repara!
Chame-se Apatenor Jove enganoso!
Oh quanto cega a humana conveniência,
Nome de infâmia é timbre de excelência!

40

Qualquer das tribos com festiva ceia
Dia primeiro a Dorpia declarava,
No Anarrisis segundo se gloria
O que a Frátrios seus touros dedicava.
Já chamar filho ao filho não receia
Quando como patrício o declarava,
Porque tanto no mundo a lei se estima,
Que a mesma natureza legitima.

38.2 Hecalesio T Hecalesi Ny

41

No Coureotis já terceiro dia
Os mostram c'os cabelos aparados,
Porque em costumes há tanta valia,
Que inda os de vão momento são prezados;
A Amarísia meialogo oferecia,
Os presentes com peso mal pesados,
Que uma falta na cabra e nas cordeiras,
Inda às graves dá nome de ligeiras.

42

Nas Diásias caras prontos observantes,
De Meilíquio se mostram reverentes
Porque houve sempre do propício amantes,
De tristes males lânguidos tementes.
No Antestérion devotos vigilantes
Deprecações faziam diligentes,
Na primavera imploram com fervores
Porque é dos frutos bem, cuidado em
[flores.

43

Corre nas Eleutérias sublimado
De Plateias regente esclarecido,
Contra Mardónio atroz se mostra irado
E a Pausânias famoso agradecido;
Nos hábitos purpúreos adornado,
Como só nesse dia permitido,
Tocando ferro espada circungira
Brindando à liberdade o copo vira.

42.3 propício Ny prospicio T

44

Via-se em reis lacedemónios logo
Igualmente num tempo o sacro e nobre,
Manda Equéstrato ministrando fogo,
Mostram Cleombrotos ambos cargo

[dobre.

Lélex suplica, faz Eurotas rogo,
Em púrpura Anaxandre incenso cobre
Cinortas, Miles, Amiclas, Argale,
Lacedemon, Dorisse, Eunome, Ebale.

45

Leónidas, Orestes, Arquidamo,
Eurístenes, Labotas, Acrotate,
Teopompe, Sous, Nicandro, Zeuxidamo,
Leotíquides, Aríston, Demarate,
Agásicles, Areus, Anaxidamo,
Procles, Eurípon, Telecle, Euricrate,
Circundando tiaras com diademas
Mostram púrpura em roupas, fogo em

[gemas.

46

Se três Cleómenes e Ages aparecem,
De Agesípoles cópia igual se via,
Plistoanax e Prítanis oferecem,
Anaxandride libações vertia;
Pelas mãos de Alcâmenes fumos crescem
Por Carilai Licurgo inda supria,
Polidectes se postra, Leon rogava
Arquelau liba, Tíndaro incensava.

47

No bando de valentes e ligeiros,
Que ativos mostram nos Olímpios fogos,
Eram dez Helenódicos primeiros,
Árbitros graves dos sublimes jogos;
Estão como juízes verdadeiros,
Cegos para atenções, surdos a rogos,
Matam respeitos por justiça clara,
Sacodem peitas, maneando a vara.

48

Nos heróis do pentátlon se observava
Destreza em corredor, força em valente;
Quem na alma vence férvido saltava,
Posto o grava de halteres cópia ingente;
Quem na ripsis ligeiro arremessava
É no arco, funda, e dardo diligente,
Tanto no toksikê, como acontisma,
Inda o pintado deleitando abisma.

49

Quem no discos rolava vigoroso
Nos ares chato, em chão solo rotundo,
Quem na pale ortia estima poderoso,
Na área imprime a oposito furibundo;
Se de anaclínia o rígido gostoso
Crê pelejar deitado mais jucundo,
Brilha o forte, sublima-se o valente,
Combate um qual colosso, outro serpente.

48.4 halteres corr.: alteres **T Ny** || 48.7 toksikê
corr.: Toziké **T Ny**

50
Quem no dromos se ostenta exercitado,
Por simple' stádio férvido corria,
Ou voltando em ligeiro duplicado
O mesmo stádio em diaulos convertia;
Hoplitodromo leve, e carregado,
Plumas de armas parece que fazia;
Porque a arte tanto exalta a natureza,
Que o forte destro é dobre em fortaleza.

51
Quem pigmicê valente exercitava,
Com duros cestos cinge ativos braços,
De Âmico invento bravo ministrava,
Seus fortes punhos são nos golpes maços;
Se outro com bala armado os levantava,
Com freqüência nas mãos, demora em passos,
Na horrenda sferomaquia diligente
Obra firma, padece renitente.

52
Corebo, Dâmon, Gorgo, Demarato,
Xenofon, Agamedes, Mantinense,
Hipeno, Praxidamas, Euribato,
Polinices, Acanto, Hiperesiense,
Quíon, Teopompo, Diógenes, Sótrato,
Opuntio, Míron, Gláucias, Ateniense
Mostrando forte corpo e valente alma
Têm na cabeça coroa, na mão palma.

53
Pirro, Filetas, o Sibaritano,
Polícrates, que ardente chega à meta,
Ligdamis singular siracusano
Hipóstenes na luta forte atleta;
Na carroça Pagondas, o Tebano,
Onomasto com cesto, outro Egineta,
Coroados de hiperbório zambujeiro
Vencem no bravo, excedem no ligeiro.

54
Têm coroas sobre coroas retoucados
Clitómaco e Teágenes famosos,
Mílon transcende alentos decantados,
Supera a ativos, rende a vigorosos;
Mostrando forte os prêmios sublimados
Ostenta com romã dedos gloriosos,
Vence com punho, em punho não vencido
Bravo constringe, nunca constringido.

55
Se antes crime por lei, moda injucundo,
Que feminina em jogos estivera,
Mostra Cinisca alento furibundo
Tem glória em culpa de Calipatera.
Varia cenas qual teatro o mundo
Tempo, que tudo muda, leis altera.
Morto Arráquion com palma aparecia
Que inda expirando vence a valentia.

50.2 simple' corr.: simple T Ny || 50.4 diaulos
corr.: Diaylos T Ny || 50.5 Hoplitodromo corr.:
Oplitodromo T Ny

54.6 roman T romãs Ny

56

Era harmónico pausa de horroroso
Quando Equembroto as atenções convoca,
Sacadas nas cadências deleitoso,
Branda tibia modula em doce boca.
Cítara fina céfalo famoso,
Com grata melodia alegre toca;
No suave e feroz julgava a vista
De ações quedas, sons mudos a conquista.

57

Música ostenta em regras de poesia
Xénocles contra Eurípides prezado,
Sem canto deleitava a melodia,
Que inda o trágico alegre bem pintado;
A Empédocles Cleómenes repetia,
Conta história Heródoto sublimado;
Pronto Górgias parece ora verboso,
Há destro, bravo, doce e proveitoso.

58

Mostram bravos atletas fortes peitos,
Nos Eleutérios jogos aplaudidos,
Cada cinco anos em Plateias feitos,
E Aristides famoso introduzidos;
Eleutérias conservam nos conceitos
Porque a Eleutério sempre agradecidos.
Graças merece, e é digna de memória,
Da grata liberdade a doce glória.

59

Na fresca Alalcomenos celebrada,
Uma das festas Dédalas se via
De imagens vária cópia levantada,
A Dédalo em memória revivia,
Donde carne por corvo foi picada,
Se antes árvore, estátua aparecia;
Porque no mundo o nada de acidente
Altera troncos, como muda gente.

60

Noutra época a que vários povos
[concorriam,
E cada sessenta anos celebravam,
No altar que de quadrados paus erguiam,
As Dédalas catorze levantavam;
Ardem touros, que a Epístio ofereciam,
Bezerros, que a Pelásgia dedicavam,
Parva ovelha, mas grande em ser de pobre,
Que oferta cara é mais que oferta dobre.

61

Da que parece noiva precedida
Dédala veste adornos soberanos
Trajavam Queroneus pompa luzida
Tanágreos, Orcoménios e Tebanos;
De Labadeus e Téspios glória unida
Cresce no minorar de Plateus danos.
Lembram de Brunea o zelo, Célio o terno,
Pintam glórias de céu, penas de inferno.

56.2 Equembroto corr.: Echembroco T Ny || 56.3
Sacadas corr.: Secedas T Ny || 57.2 Eurípides corr.:
Euripedes T Ny || 58.5 Eleutérias corr.: Etheythe-

rias T Ny || 59.1 Alalcomenos corr.: Malcomenos
T Ny

62
Recordam tempo quando em clara Eubeia
Imbrásia fica em raiva permanente,
Despreza amor, castigo não receia,
Dura o enfado o caminho renitente.
Porém, notícia de casar Plateia
De inativa a transmuta em diligente,
Corre onde a estátua como dama cria,
Que em zelos cega, inda o que vê não via.

63
Se é rio Asopo, pai da Ninfa, espelho
Citéron monte de invenção memória,
Via-se o quanto vale prudente velho,
Quanto serve ao moral discreta história.
Inda Helicónio ganha em bom conselho,
Inda Cipra por sábio alcança glória;
Pois tanto pode a força do juízo
Que traz deuses de Inferno a Paraíso.

64
Junto há de hierogamos observantes,
Que arrufos fazem novo casamento,
É meio a divisão de unir amantes,
Ganha supresso amor mais crescimento.
Ginásticos atletas arrogantes,
Mostram nas Taledites vencimento
No tempo que a Taleus invocavam,
Dentes apertam, músculos inchavam.

63.1 Asopo corr. : Asopho T Ny || 64.1 hieroga-
mos corr. : Ieros-gamos T Ny

65
Celebram-se Homoloias por Tebanos,
Que o pacífico sempre foi querido.
Mostra Homoloia em modos soberanos
Que a Homoloios só tem peito rendido.
Cultores das Sabásias por enganos,
De Sabásio em Sabásia convertido,
Têm de ouro em peito cobra reluzente
Que inda a Inferno irá Prestes, se em
[serpente.

66
A Hecatonfonias vãos Messénios correm,
Porque voa a fumaça da vaidade;
Cem contrários mataram, cem bois
[morrem,
Julgam serviço como inimizade.
Creem Laríssio cuidar como discorrem,
Fazem números pesos de equidade,
Era igual quem destrói e lava a terra,
Da guerra glória, é contra os touros guerra.

67
Humilham-se habitantes de Siciónia
Nas Sotérias com graças e presentes,
Deposta a tirania macedónia,
Porque livres dão mostras de contentes.
A Arato, assombro de Lacedemónia,
Obrigados, se ostentam reverentes;
Mas como o humano sem divino é nada,
Guardavam festa a Soter consagrada.

65.6 em Sabazia T em Sabazio Ny || 65.8 Prestes
corr. : Præstes T Ny

68

Viam-se de Amalo Gregos cultores
Nas cândidas estolas adornados,
Túnicas que as queirides têm menores,
Eram seus quitoniscos branqueados.
De smíalios patenteiam resplandores,
Têm na cabeça squiádions encaixados,
Calçam pedilas, faros revestiam:
Nação descobre o como se cobriam.

69

No Dios Bous Milésios reverentes,
Único boi devotos sacrificam,
Largos nas graças, curtos nos presentes,
Inda com pouco, muito significam.
Noutro painel arquivos diferentes
A Ceneu culto em procissão publicam,
Sobre belos cavalos bem furnidos
Têm pompa em joias, garbo nos vestidos.

70

Nas gratas Itomeias disputava
De músicos gostosa companhia,
Em que a arte com tal graça se elevava,
Que inda muda deleita a melodia.
Abundante Clepsidra ali manava
Por tosco Itome alva corrente fria,
Nela Dicteu lavado inda menino,
Já mostra o grande quando pequenino.

71

Cria terna a Itomeu formosa Itome
E branca Neda, de excelências cheia,
Se uma a cidade, a rio outra dá nome,
Qualquer de tanto emprego se gloria.
Tempo, que inda ao mais duro atroz
[consome,
De um terno afeto o brando não varia;
Com leite e com carinho o peito amante,
Afeição cria, quando nutre infante.

72

Da grande Roma e muitas mais cidades
Se viam povos sobre o monte Albano,
Que em grato monumento de amizades
Férias latinas vêm fazer cada ano.
Pagando graças por felicidades,
Quando Tarquínio derrotou Toscano,
Entre os gostos de plácida memória,
Desprezando inventor, prezam vitórias.

73

Além do que oferece humilde, ou nobre,
Nas Conceptivas festas diligente
Em que por quatro dias rico, ou pobre,
A Latial venerado traz presente;
O grande sacrifício se descobre,
Que há relíquias para toda a gente,
Prezando entranhas mais que peças de
[ouro,
Levam migalhas do partido touro.

68.3 queirides corr. : Cheirides T Ny || 68.8 o
como T e como Ny

74

De oito graves Pontífices maiores
Aparece sublime companhia,
Pois dos sete, que Sula fez menores,
Inda a pompa em colégio não se via;
Entre os do povo e Numa superiores
O Máximo elevado presidia;
Mostra com respeitosa gravidade
Inda pintado a viva autoridade.

75

Primeiro em nome, se em poder segundo,
Manda o Rei sacrificulo pomposo,
Grata lembrança a título jucundo,
Deixa a memória, tira o poderoso;
Tanto aborrece um povo furibundo,
Tanto paga obrigado generoso,
Mostrando insígnias, porque se conheça
Tem régia toga a coroa na cabeça.

76

Qual grega Basilissa está romana,
Que imitar nobres sábios causa gosto.
Se em nome verdadeira, em mando engana,
Título ostenta, mas lhe falta o posto;
Com garbo airoso, e pompa soberana
Mostrava o cargo descobrindo o rosto,
Brilhante em joias púrpura trazia
Diadema a touca, pala a revestia.

74.1 oito Ny outo T

77

Flamen Dial de lictor precedido
Mostra em purpúreas roupas majestade,
Na ebúrnea tensa nobre exaltado
Concede a criminoso imunidade.
Globoso albogalero em testa erguido
Forma timbre à pomposa gravidade
De pele de animal sacrificado
Dobra o sacro duas vezes consagrado.

78

Ostentava a Flamínica excelente
O mesmo traje, porque o mesmo ofício;
Ambos tocavam fogo, pois somente
Se lhes permite usando-o em sacrifício;
Mostrava em roupa qual marido em frente
Férvidos raios do tremendo Elício,
A ela carvalho a touca, a ele oliveira,
Que ao posto coroa a ciência inda
[primeira.

79

Com Râmnios, Tácios e Lucerianos,
De Rómulo prezados agoureiros,
Se viam seis criados noutros anos,
Antes que Sula aumente os derradeiros;
De coroas se ornem como soberanos,
Curvos lítuos nas mãos voltam ligeiros,
Vestem trábeas, que mais que ouro e prata,
Púrpura inculca em misto de escarlata.

77.5 albogalero corr. : Albo-galero T Ny

80

Raios contempla, se trovões observa,
Dos nove congregados presidente;
De várias diras lúgubre caterva,
Remarca-o na arte etrusca diligente.
Do tripúdio mistérios não reserva
Pulário vendo em covão atentamente,
Áuspices dizem, ponderando as aves,
Óscines gratos, ou prépetes graves.

81

Um circumspecto em torre levantada
Cobre a cabeça com quadrada lena,
De corvo, pega ou mocho a voz formada
Prospício aprova, ou lúgubre condena.
De abutre fero ou de águia remontada
Voo observando, indica gosto ou pena,
Marca em transversa, curva, ou reta linha,
Lobo, raposa, lebre, asna ou doninha.

82

Ostenta o Cúrio magno entre fulgores
Grandeza de ápex sem candor de couro,
Levam nas mãos ligeiros precursores
Cândida tocha junto a verde louro;
Usam pomposos Curiões menores
Título erguido, ou baixa c'roa de ouro,
Revestem-se em pretexta esclarecida
Branca toga de roxo guarneçada.

83

Se o Magno só na plácida carpenta
Para o templo parece caminhava,
Parte dos cem menores representa,
Que nas sacras Curálias ministrava;
Quando outra parte em mesa, onde se
[assenta,
Que as festivas Ágapas celebrava,
Segue depois do sacrifício feito
Gosto na boca, a devoção no peito.

84

Viam-se em Lectisternias celebradas
Somente em tempos de calamidades,
Em cama e travesseiro recostadas,
Com Jove e Juno várias divindades;
Nas sumptuosas mesas dilatadas
Cobertas de gostosas variedades,
Eilapinistes mostra em cabeceira
Por primeira em convite honra primeira.

85

Esses inda varões sete chamados,
Quando Epulões já dez por César feitos,
Procuravam mordomos sublimados;
Que obras pintem dibuxos de conceitos,
Presos, soltos, contrários abraçados
Alteram sortes e transmutam peitos,
Já se lembra a amizade, olha a pobreza,
Porque obra o medo ações da natureza.

80.5 mysterios T myterios Ny || 80.8 gratos T
gatos Ny | prépetes corr. : Præpetes T Ny || 82.6
c'roa corr. : croa T Ny

86

Veem-se os Capitolinos deleitosos,
Jogos que Roma celebrou cada ano,
Antes que outros com nomes mais
[pomposos;
Cada cinco inventou Domiciano,
Lembrança dos furores horrorosos
Que ao Capitólio só deixam sem dano,
Nessa noite em que opõem Galos ferozes
De Mânlio os braços e de ganso as vozes.

87

Além destes somente dedicados
À crida glória de Capitolino,
Os Romanos circenses nomeados
Em pintura debuxa o pincel fino;
A Jove, Juno e Palas consagrados
No Circo grande por fervor latino,
Dão-se a Tarquínio Prisco alta memória,
Ao povo desenfado, a Roma glória.

88

Sete vezes as metas circundavam
No vale Múrcia as rápidas quadrigas,
Se as férvidas sejugas superavam
Voam correndo as vigorosas bigas;
Das quatro cores que somente usavam,
Nas pomposas librés se notam brigas,
Verde prásina excede à branca albata,
À azul véneta ou cor de grã russata.

89

Dão princípio ao triunfo glorioso,
Com que ao templo Viriato caminhava,
De trombeteiros corpo sonoro,
Que em finas tubas bélico tocava;
De vitimários bando vigoroso,
Que as enfeitadas rezes directava,
Mostrando os touros, vendo-se em
[carneiros
Fitas volantes, e cordões ligeiros.

90

Tendo, porque a celeste dedicados,
Os alvos pelos e alva lã nos couros,
Com branco natural de branco ornados,
Balam carneiros, quando mugem touros;
Se os duros semicírculos dourados
Dão medo agudos, dão recreio louros,
Nos retorcidos, e nos colos flores
Formam grinaldas, e matizam cores.

91

As vinte e sete insígnias aparecem,
Nas bravas mãos de fortes Lusitanos.
Vendo-as, no mesmo tempo se conhecem
Da guerra as glórias e da guerra os danos;
Crédito abatem, crédito engrandecem,
Timbre de Lusos, falta de Romanos;
Qual nos ares, na terra precedia
A que Roma levanta e Susa erguia.

90.7 retorcidos corr. : retrocidos T Ny

92

Em carros altos seguem levantadas
Fortes armas de lânguidos vencidos,
Que em composturas de troféus formadas,
São recreio da vista, horror de ouvidos.
Sobre várias andilhas adornadas,
Diferentes dinheiros repartidos
Nas mãos de homens por resto do tesouro
Vasos de prata e raridades de ouro.

93

Numerosos cativos maniatados
Faziam tristes pompa mais gostosa,
Ferros mostram, de ferros despojados,
Que tudo altera em cena vitoriosa;
Quantos de armilas de ouro antes
[ornados,
Prémio a nascido em Roma populosa,
Por braceletes têm de algemas carga,
Que a sorte muda a doce pela amarga!

94

Quantos primeiro usando áureas faleras,
Que dos colos nos peitos lhes pendiam,
Porque animosos nas batalhas feras
Como prémio estimado as mereciam,
Da Fortuna sentindo ações severas,
Cadeias negras, donde as louras, viam!
Suprem sinais de opróbrio a honras de glória
Muda a metais, como a paixões, vitória.

95

Quantos grandes c'ò prémio de hasta pura,
Porque o contrário acaba em desafio,
Pela vara, bordão lhes dá ventura,
Feridos vão sem força, andam sem brio!
Quantos veem que gozavam mal segura
A coroa do metal do Fásis frio,
Porque no triunfo, ou seja o frouxo
[ou bravo,
Não logra o píleo inda de um livre escravo!

96

Quantos de ouro sublime ou rica prata,
O prémio de colares mereceram,
Que por cadeia que pesada os ata
Não ser dita com dita conheceram!
Quantos de verde, azul, flavo, e escarlata,
Os bordados vexilos comoveram!
Que a glória dada a intrépidos furores
Não lhes traga a vergonha ao rosto em
[cores!

97

Vê-se entre escravos quem primeiro em
[muro
Coroa mural prezada horrendo ganha,
Tendo em círculo de áureo metal puro
Nas ameias padrões de alta façanha.
Vê-se o que em peito forte, em braço duro,
Por trincheira rompeu com força, e
[manha,
Sendo alta paliçada sobre a c'roa
Índice à vista do que a ouvido soa.

98

Não somente se via este animoso,
Que teve a sorte de a gozar castrense,
Mas, semelhante em facto vigoroso,
Outro, a quem valar coroa igual pertence,
Dava mostras de alento poderoso;
Um que em naval batalha ativo vence,
Tendo usado em rostrata as proas fortes
Que a navios dão furos, e homens mortes.

99

Qual na alegre ovação que alto Senado
Por vitórias menores concedia,
Por mais com graça que poder ganhado,
Ou por guerra que as formas requeria,
A pé caminha o vencedor prezado,
Ou num belo cavalo se movia,
Sem carroça, sem louro, e sem palmata,
Fazendo entrada nobre e pompa grata.

100

Tal Viriato a quem foram permitidos
Lustres de triunfo, a ser romana a terra,
Tanto por grande cópia de vencidos,
Como por forma de leis de justa guerra.
Deixa, aplicando ao sólido os sentidos,
A vã glória que o peito humano encerra;
Entra tão fixo em férvido cavalo
Que imóvel no mover não mostra abalo.

101

Mais seguindo ao devoto que ao pomposo,
De um só levado desprezou quadriga,
Porque inda heroico adjunto a vanglorioso
Qual de Camilo a censurar-se obriga;
Sem coroa, onde a loureiro deleitoso
Ouro em folhas adorna, em fios liga,
Carvalho o touca, porque em sacrifício
Terá por general primeiro ofício.

102

Sem que a prece por cívica estimada
A quem livra Romano concedida,
Tanto porque a Quirino dedicada
Como porque nutriu primeiro a vida;
A leva porque a Helénio consagrada,
Era em seus holocaustos requerida,
Só por fausto reputa ser desdouro,
De ovação murta, de triunfo louro.

103

Suposto que seria competente
Ao sacrificio a nítida palmata,
Que sobre o chão de púrpura excelente
Sublima de ouro bordadura grata,
Usa como precisa a cor somente
Sem palmas de ouro na encoberta prata,
Porque como a celeste oferecia,
Próprio a culto, e não pompa revestia.

104

Sem que leve em direita sublimada
Fresco ramo de plácido loureiro,
Ou noutra em cetro de Hera águia elevada,
Por Atou protetor, Leneu guerreiro,
Porque a planta a Erafiates dedicada
Recorda o triunfo que se viu primeiro,
Somente erguia no empunhar seguro
Ramo frondoso de carvalho duro.

105

De ovação junto à música gostosa
Os circunstantes peitos deleitava;
De triunfo a consonância temerosa
Com trombetas furores excitava;
Quando aquela recreia harmoniosa,
Tanto esta furibunda alentos dava,
Sempre uma em pausas de outra sucedendo
Forma o horrendo ao doce eco, o doce ao
[horrendo.

106

No lugar de parentes e chegados,
Que ao nobre carro plácidos seguiam,
De graves Senadores venerados
Que entre estes e milícia apareciam;
Quais filhos reputando seus soldados,
Têm junto ramos, vivas proferiam,
Fazendo com ruído e compostura
De vozes misto, e folhas espessura.

107

Bem como no princípio não precedem
Os lictores, que os Romanos só levavam,
Ao bando das insígnias não sucedem
Os rorários, que os carros diretavam;
Porque como altos mares não lhe
[impedem
A vista dos terrenos que ganhavam,
Sem cores, riscos, letras e esculturas,
São novos quadros, relações, figuras.

108

Não se ouve, como em Roma, chocarreiro
Que a herói louva e cativos ridicula,
Porque o sábio aborrece ao lisonjeiro,
Que falso exalta, e mercenário adula;
Nunca ofende com língua o que guerreiro
Só pela espada as vozes articula;
Nunca a aflitos aflige o peito nobre
Porque de um fado mau fora algoz dobre.

109

Pregoeiro juntamente não se ouvia,
Que a triunfante recorda horror de morte,
Pois como glória – e não vã glória – havia,
Mais vê mancha do humano em luz da
[sorte.
Quem lhe sustenha a coroa não se via,
Pois fora escravo mais do que herói forte,
Mostra Romano, sem que ideias una,
Que já lhe pesa a carga da Fortuna.

107.8 São novos corr. : Sam novas T São novas
Ny

110

Junto onde a larga escada sumptuosa
Do magnífico templo se elevava,
De sacerdotes cópia numerosa,
Pelo sublime herói pronta aguardava;
Tanto em vestidos mostra honra pomposa
Como aplausos nos rostos indicava,
Ostentando num tempo com grandeza
Decência, devoção, gosto e pureza.

111

Precede a todos, como mais prezado,
Flamen Dial com régia gravidade,
Toga purpúrea, fato nunca atado,
Arrastava com suma autoridade;
Globoso albogalero levantado
Com raios lhe descreve a dignidade,
Ligando-o em barba, de cair reserva,
Base de couro a ramo de Minerva.

112

Junto estava a Flamínica pomposa,
No traje rica, em garbo sublimada;
Veste purpúrea roupa majestosa
Com raios de ouro, nítida e bordada,
Por metais, nobre, pedras, luminosa,
Parece em seus adornos abrasada;
Carvalho a touca; em fogo não se perde
Porque em luz de piropos brilha o verde.

113

Posto que antes Viriato se banhasse
Nas puras águas de veloz torrente,
Pois se imunda em que o sangue
[derramasse,
Inda com justa causa, de atroz gente;
Para que as lustrações multiplicasse
No templo entrando, para reverente,
Atendendo a que em forma do prescrito
Se observe na água da pureza o rito.

114

Toma o ligeiro Flamen da grande ara
Com reverência grave tocha acesa,
E na amula extinguindo-a em linfa clara
Da água com fogo requintou pureza;
Para que do alto herói molhasse a cara
Pingando a tira e move com presteza,
O devoto acrescenta, ações triplica,
Três vezes na água a mete e três salpica.

115

Antes que principie as mãos lavava,
Mostrando que há de ter puro o conceito,
Porque o limpo de fora não bastava,
Se dentro imundo lhe ficasse o peito;
No altar pegado, humilde suplicava
Que fosse em graça o sacrifício aceito,
Porque de oferta pia a quantidade
Não mensura a grandeza mas vontade.

116

Não só pelo uso grego introduzido,
À virgem Vesta no princípio invoca,
Porque, como por Ásio concedido,
Lhe dão primeira parte, que lhe toca;
Mas também pelo em Roma instituído
De Jano o nome se lhe ouvia em boca;
Porque como discreto aborrecia
Segue o culto inda oposto à tirania.

117

Já no templo o pregoeiro em modo usado
Proclama alto que as línguas se calassem,
Insinuando com termo disfarçado
Que no profano ou impuro não falassem.
Já como por Eneias praticado,
Porque homens devoções não
[disturbassem,
Viriato por costume de Latino
A cabeça ornada cobre de véu fino.

118

Mostra-se em tanto o Flamen satisfeito
Vendo em completas rezes igualdade;
Não só próprio, remarca, mas perfeito
No aceno, cor, saúde, forma e idade;
Acha reto que oferta sem defeito
Compete à crida pura Divindade,
Pois nunca a lusitana parcimónia
No sacro culto foi lacedemónia.

119

Do longo preferículo formado
Qual jarro agudo, ou qual gomil torcido,
Simpúvio porque cheio coroadado
Tem de uva própria o líquido exprimido.
Tomando, o grave herói roga virado
Para a parte onde o claro Sol nascido,
Bebe, e dando a quem sacra roupa adorna,
Entre as pontas do touro o resto entorna.

120

Toma Viriato a salsa mola, feita
De água e sal com farinha de cevada,
Que em cúpula sustenta na direita,
O camilo que tem barba apontada;
Juntando incenso à massa já confeita,
Na testa do animal deixa pegada;
Imolação, que por primeiro medo,
Parte dá nome ao sacrifício todo.

121

Tira-lhe, quando já libação feita,
Da hirsuta testa pelo inda molhado
Que com parte da mola em fogo deita,
Por primeiro libamen celebrado;
E tomando secéspita em direita,
Faz risco em touro curvo e dilatado;
Porque atento a onde o Sol sobe o horizonte
Termina em cauda e principia em frente.

119.3 Simpúvio corr. : Simpurio T Ny

122

Tanto que acaba, férvido um cultrário
A dolabra empunhando a rês degola;
Porque a celeste, a espácio imaginário,
Virado o touro, o líquido transcola,
Recebendo-o em patela o vitimário.
No altar dedica e pronto ao bruto esfola;
Ancas divide, e põe no fogo intenso
De carvalho, azinheira, vinho, incenso.

123

Todo o tempo que a vítima abrasava
Entre cheiroso fumo, ativo fogo,
No altar que com verbenas se enfeitava,
Tendo Viriato as mãos fazia rogo.
De frutas doce música soava,
Como desde o princípio se ouviu logo;
Porque o culto misto de harmonia
Aumenta a devoção dando alegria.

124

Depois que em touros três, carneiros sete,
Porque a Olímpico usavam sempre
[ímpares,
O fogo, que entre as partes se intermete,
Orgânicas iguala a similares.
Entra Viriato onde compõem banquete
Os animais do mar, da terra e de ares,
Porque além do que resta do holocausto,
Se gosta mais comida e vê mais fausto.

122.3 espacio T espaço Ny

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
OITAVO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Qual de Ítalo invenção ceias prezadas
Que Licurgo ordenou, Mínos decreta,
Chamando-lhes com vozes duplicadas,
Se feidítias, Sparta, andreias, Creta,
São por público custo celebradas
Sem que outrem no dispêndio se

[intermeta;

Tal no banquete o povo generoso,
Não falta ao liberal tendo o gostoso.

2

Se a eilapine e éranos convidados
Só como tantas Musas se admitiam,
Igualando o ser de outrem regalados,
Ao que num corpo todos despendiam;
Sem número restrito, os convocados,
Quais nas sissítias públicas se viam,
Ostentam cabos, mostram sacerdotes
De Marte os lustres, de Minerva os dotes.

3

Inda que em claras águas se banharam,
Porque a holocausto atendam com pureza,
Por culto e por asseio as mãos lavaram,
Crendo tedioso o imundo e sacra a mesa,
Das opas cenatórias se adornaram
Tanto por fausto, como por limpeza;
Porque, como no Sol, na compostura,
Da mais bela é mais feia a mancha impura.

4

Qual grego simposiarcos cuidadoso
Por sortes ou por votos escolhido,
Que em banquetes procura caprichoso,
Ter tudo bem-disposto, e bem provido;
Tal lusitano férvido, e gostoso,
Anda com prontidão, vê com sentido,
Procurando na alegre mordomia
Que a grande ceia iguale ao grande dia.

5

Bem como a taxiarcos, juntamente
Por basileus e oftalmos nomeado,
Pois, qual rei poderoso, olho atendente,
Rege a bebida, e em modos tem cuidado,
Um nobre lusitano diligente
Que em volta de tésseras sobe o Fado,
Dispõe lugares por merecimentos
De cargos, qualidades e talentos.

6

Veem-se em triclínio as mesas só
[compridas,
Primeiro que as redondas inventadas,
Sem que as cubram toalhas estendidas,
Pelas fofas esponjas esfregadas,
De tricliniares leitos guarnecidas,
De um lado e de outro as camas têm
[quadradas,
Donde as culsitras, que enchem brandas
[flores,
Cobrem tapetes, que ornam lindas cores.

2.1 e éranos corr. : e Heranos **T** a Heranos **Ny** ||
3.5 cenatórias corr. : Cænatorias **T** Senatorias **Ny**

7

Viriato, cujo sólido conceito
Nota que em camas porta ao vício abria,
Mostrando em boca o que aborrece em
[peito,

Ao modimperador cauto dizia:
“Suposto é crido o reclinar-se em leito,
Ser mais glória da festa, honra do dia,
Não me persuado tenha Xénio em mesa
Maior culto em maior delicadeza.

8

“Assentados não só graves comiam,
Qual toda Europa, os Gregos e Romanos;
Mas inda na Ásia e na África se viam
Os próprios modos, porque os mesmos
[anos;

Seus vícios, como os reinos, não cresciam,
Ganham despojos sem trazerem danos;
Mas dos deuses e heróis passando idades
Majores do que impérios são vaidades.

9

“Este costume, próprio a preguiçosos,
Entre Medos e Assírios praticado,
Passa aos Jónios, que os vícios deleitosos
Passam logo ao vizinho mais chegado;
A uns Gregos vão seguindo outros
[gostosos,

É de Atenas em Roma transplantado,
Qual peste lá de Itália a Ibéria chega,
E inda no fim do mundo se nos pega.

10

“Se outros vários despojos de vitórias,
Porque estrangeiras modas, não trazemos,
Como as da mesa achamos meritórias,
Quando as menos nocivas não queremos?
Serão causas de mal, troféus de glórias,
Se, pelo que ganhamos, nos perdemos;
Pois mais receio à lusitana terra
De Roma o luxo que de Roma a guerra.

11

“Posto que obedecer-te me é preciso
Pelas leis praticadas num banquete,
Sendo para bem nosso o dar-te aviso,
Como a amante da pátria me compete;
Nem génio, nem modéstia, nem juízo
Têm poder quando o vício se intermete;
Como hera a muro pouco a pouco enlaça,
E mais derroca quanto mais abraça.”

12

“Te agradeço,” disse Árbitro, “a
[advertência,
Porque é público bem móvel primeiro
Quem, vendo-o em risco, incorre em
[negligência,
Inda no mudo falta ao verdadeiro;
Que dano ao rei fará de alta potência,
Se ao de um banquete ofende o lisonjeiro!
Seria agravo o não contraditar-me,
Obedecer-me fora deslustrar-me.

13
“Como inda em Roma ficaram sentados
Quais mulheres e moços nos convites,
E pelo uso de Atenas colocados,
Seguindo os cargos marquei limites;
Toros do meio não farei prezados
Como entre os Heracliotas, e Quirites,
Nem como em Pérsia o centro de alto
[leito,
Por lugar régio o posto mais aceito.”

14
Disse, e pronto ordenou com voz ligeira
Ao nomenclator que alto publicasse
Que no leito de cima em cabeceira
O grande Viriato se assentasse;
Que de uma noutra baixem por fileira,
E que à direita a esquerda se igualasse,
Que suposto inferior seja o segundo,
De extremos desiguais centro jucundo.

15
Porque a seu gosto comam também
[manda
Que três a três se assentem sobre os leitos,
Não se encostando para a esquerda banda,
Nem jazendo em princípio mais nos
[peitos;
Já de um lado, já de outro, com pressa
[anda,
Fazendo estimações, dando respeitos
E pedindo não se usem pulvinares,
De robustos encheu brandos lugares.

16
Já do ponto que Cíntio esclarecido
Com raios menos curvos alumia,
Por três horas baixando tem cumprido,
A que nona entre antigos se nomeia;
Quando lustra em cenáculo estendido
Com primeira coberta a nobre ceia;
Sendo no bem guisado e bem composto,
De agrado à vista e de recreio ao gosto.

17
Prelúdios da anteceia eram gostosos,
Do virgem mel misturas celebradas,
De ovos recentes pratos saborosos,
Mariscos, acepipes e saladas;
De ervas gratas, guisados deleitosos,
Vinhos ligeiros, frescas limonadas;
Agradando conforme às fantasias
No azedo ou doce as várias iguarias.

18
De puro vinho cheio um copo ingente
Viriato religioso na mão toma
E mostrando-se aos deuses reverente
Com grato modo disse, antes que coma:
“Não libo a Vesta por seguir somente
A costume de Grécia e uso de Roma,
Mas porque sendo origem do alimento
Impera graças quando dá sustento.”

19

Aos deuses liba de Hipodamia amante
Inda tendo à meia-noite embaixadores,
Na obscura cova do hórrido Gigante
O sábio Ulisses tributou louvores;
Disse alto, e baixo invoca suplicante
Erguendo o copo, que adornavam flores,
Parte provando, parte no chão deita,
De boca em boca passa a mão direita.

20

Depois que tanto em roda têm bebido,
Fazendo as cerimónias decretadas,
Como em proémio da ceia já comido,
As várias iguarias nomeadas,
De gentis moços bando esclarecido
Lhes trazem composturas celebradas,
Num misto de carvalho e flores belas,
Braceletes, grinaldas e capelas.

21

Qual mais que Prometeu preso se achava,
Na grinalda, que em tranças lhe pendia,
Qual mais que inventor Jano se adornava,
Porque os braços, cabeça e peito enchia;
Qual mais que Eirafiotos se mostrava,
Porque de flores cópia o guarnecia;
Em boninas e ramos juntamente
Festa expondo, e a tal festa o competente.

22

Sem reparo em virtudes aplaudidas,
Que Mnesteu louva e escreve Calímaco,
As grinaldas não vêm de hera tecidas,
Que por reparo e adorno inventou Iaco.
Qualquer fia em potências advertidas,
Melhor que no ametisto contra Baco;
Porque onde a sobriedade ações modera,
Prudência emenda quanto o gosto altera.

23

Tendo em memória a celebrada rosa
Que ao tácito Harpócrates deu Cupido,
Porque o culpado amor da mãe formosa
Ficasse no silêncio suprimido,
Lançando-as sobre a mesa deleitosa,
Era o segredo, vista a flor, perdido;
Porque se a festa o sócio a amigo exalta,
Ofende a amigo quem revela a falta.

24

Tendo os pratos com pratos simetria
Adorno com deleite ajunta a ceia,
À língua gosto, aos olhos alegria,
Dá mesa tão composta como cheia.
Dois sentidos recreia uma iguaria,
Para um, plausível, não para outro feia.
Mostram guisados, entre frescas flores,
Cheiro com vista e cheiro com sabores.

22.3 não vêm de hera corr. : nam tem de Hera **T**
não tem de Era **Ny** || 23.6 perdido corr. : pedido
T Ny || 24.5 dois **Ny** dous **T**

25
Compõem mesa não só partes assadas,
Relíquias dos Cerastes convertidos;
Ou como as do que entre ondas levantadas
São filhos de Nefele conduzidos,
Mas de tenro cabrito as delicadas,
Lusitanos manjares aplaudidos,
Membros diversos de animais suaves,
Prezados peixes, e gostosas aves.

26
Quando Viriato aos deuses invocava,
Ou brindes por bem público fazia,
Qual quiense ou tássio copo alto elevava,
E, gostando-o, à direita o transferia;
Mas se a um particular só nomeava,
Conforme a qualidade o preferia,
Pelo heraldo ao distante, e inda ao vizinho,
Como quem manda a paz mandando o
[vinho.

27
Em brindando este a aquele convidado,
É com medida igual correspondido,
Tendo qualquer seu copo separado,
Como em Lacedemónia instituído.
Amigo, inda que ausente, era lembrado,
Porque a afeto deslustra o que esquecido,
Regra da gratidão constante ordena
Querer no gosto a quem serviu na pena.

28
Qual a dama em saúdes recordando,
O descrever-lhe o nome parecia,
Porque as letras c'os brindes igualando,
De quantas se compõem, tantos bebia;
Qual, como em suma, prendas só notando
Por três Graças três copos repetia,
Qual pela descrição Musas contava
E ao número quadrando o triplicava.

29
Qual pelo vinho Massico estimado
Que Virgílio decanta e louva Stácio,
Bebe o puro vermelho desejado
Que peramanca brota em breve espaço;
Qual por grato Falerno celebrado,
Que Tibulo exagera, e exalta Horácio,
Gosta, aplaudindo a lusitana parra,
O branco Beja, o rubro Barra a Barra.

30
Qual melhor que o Fundano vigoroso,
E de Marcial nomeado, o Surrentino
De Tmolo excelso o Lídio generoso,
De Áulon fecundo o forte Calabrino;
De Cécubo, e de Sétia o poderoso
O lésbio de Metimna, e Mamertino,
De Ourém bebendo o grato rubicundo
O crê mais doce, o julga mais jucundo.

28.1 em T que em Ny || 28.7 descrição corr. : Dis-
criçam T Discrição Ny || 29.4 peramanca corr. :
Paramanca T Ny | espacio T espaço Ny

31

Posto que estão da ceia satisfeitos,
De novo comem vindo a sobremesa,
Que com doces vistosos e perfeitos,
Parece imita a pérsica grandeza;
Veem-se as conservas, acham-se os
[confeitos
Que a gula inventa e o gosto não despreza,
Sendo na sede o doce, o azedo em fome
Mais que acepipes de quem bebe ou come.

32

Satisfeitos, porém nunca esquecidos,
Aos deuses hino de louvor cantaram,
Donde por benefícios recebidos
As merecidas graças entoaram;
E depois que uns criados bem vestidos
As sumptuosas mesas levantaram,
Outros dando água às mãos com ligeireza
Fazem de asseio coroa à sobremesa.

33

Viriato um grande copo toma, e disse:
“Do Bom Génio é razão que nos lembremos,
Para que nos evite a bebedice
Em que indecências tantas cometemos.”
Dobre sendo esta efémera louquice
Que nos move a beber bebendo temos;
Gostando, entrega o copo ao que vizinho;
Corre, perdendo quantidade o vinho.

34

Depois que todo o alegre ajuntamento
De Menoles já tem licor tocado,
Da música suave o claro acento
Leva a ouvidos da língua o doce agrado.
Se primeiro em disfarces de alimento,
Em trajés de ar sonoro já mudado,
Ofuscando inda em clara fantasia
Do sabor gosto, o gosto da harmonia.

36

Se pelo uso ateniense entre a comida
Por copos moderados só beberam,
Outros tomando de maior medida,
Com vinho e linfa em grato misto
[encheram;
E a solene saúde instituída
A Soter, crido Júpiter, fizeram,
Pois mortal, seja escravo ou com domínio,
Deve a seu Salvador seu patrocínio.

37

Como em não-naturais tem precedência
Ar, suposto o mais húmido elemento,
Crendo em Plúvio, do Etéreo a alta
[regência,
Do mais com menos se insinua intento;
Fazem mediano emblema de excelência,
Que inda em baixo se exalta o pensamento,
Pedem que ar bom lhes dê, tire o nocivo,
Pois do humano inda alento é destrutivo.

34.5 primeiro corr.: primeiros T Ny || 35 indica-se a falta da oitava T número 35 e espaço Ny

38

Jocosos parasitas, que em banquete
Sem tésseira com peixes come ao grave,
Pois chocarreiros em festa se intermete,
Trazendo em dito para a porta chave;
Com micónio não só zomba, e compete,
Mas de todos chasqueia sem que agrave;
Porque uma graça, sendo com juízo,
Deleita ainda a quem pouco altera o riso.

39

Dão princípio ao subtil divertimento,
Em célebres convites praticado,
Propondo enigmas, donde o pensamento
Vaga em sentido obscuro embarçado.
Se um decifrando mostra atrevimento,
Outro inculca juízo sublimado;
Grinalda bela, o que acertou, recebe,
Se o que erra, vinho e sal com pressa
[bebe.

40

Não só propondo enigmas engenhosos
Se diverte a gostosa companhia,
Porém tira de grifos sentenciosos
Utilidade em misto de alegria;
Qual planeta com raios luminosos
Já sem névoa a sentença aparecia,
Se antes pérola em concha clausurada
Porque não descoberta, não prezada.

41

Se fora Nestor, tomou Viriato
Copo grande que a Hígia alta dedica.
“Ser”, disse, “o que saudável sempre grato,
O enfermo mais que o sábio o certifica.
Que idade, força, regra, arte, ou recato
À doença resiste, à morte implica?
É próprio, logo, que o favor busquemos,
Para o lucro que só na perda vemos.”

42

Quais copos grandes na Tessália usados
A nobre companhia alegre pede,
Porque é qualquer por ritos decretados
Mais quente em devoção que árido em
[sede;
Bebendo o herói, beberam convidados
Quanto de vinho puro o vaso mede,
Que ainda o sóbrio com muito, por virtude
Saudável julga o brinde da saúde.

43

Já deixando os assentos, principiam
Com rosto alegre as lusitanas danças,
Em que encurvados plácidos faziam
Por vários modos cómicas mudanças.
Se uns querer-se em chegar-se pareciam,
Outros ter nos retiros esquivações,
Ajustando-se em grato movimento
Pés deste, as mãos de aquele no
[instrumento.

44

Quais a jogo e não danças inclinados
Para o cótabo um pau reto elevaram,
E em balança dois pratos ajustados
Na vara horizontal dependuraram;
Pondo em vasos debaixo colocados
As Manes, que com linfa circundaram,
Tendo só fora a estátua não vagante
De bronze duro a testa ressonante.

45

O que joga de longe com destreza
Sobre um dos pratos vinho arremessava
E, fazendo-o baixar, com ligeireza,
Na cabeça da estátua golpe dava;
Não busca lucro, mas de amor fineza
Afeto por ruído mensurava,
Crê ter-lhe a sua dama mais carinho
Quem faz mais bulha, e entorna menos
[vinho.

46

Não somente a este cótabo jogavam,
Que Sicília inventou, Grécia aplaudia,
Mas de outro também crédulos contavam
Provas de amor por lances de alegria.
As vítreas garrafinhas que nadavam
Em vaso de água o vinho submergia,
Crendo o mais destro em jato mais
[jucundo
Ser mais amado, se mais leva ao fundo.

44.3 dois Ny dous T

47

Quais tanto por lição que desenfado
Têm no jogo marcial divertimento,
Que era de Palamedes reputado
De Quílon sábio, ou forte Pirro invento;
Em diversos quadrados num quadrado,
Aos latrúnculos davam movimento
Cedia o rei, que preso no combate,
Pois perder liberdade é levar mate.

48

Quais no pirgo chocalham quatro talos
Em que só quatro números se viam,
Mas sempre opostos mostram no contá-los
Que, como em dado, sete a soma enchiam,
Soando no trítulo e no arrojá-los
Quatro, ás, três, seis num tempo
[apareciam.
“Quem lança Vénus?” disse, e com presteza
Varre o dinheiro que guarnece a mesa.

49

Qual movendo a turrícula arrojava
Três tésseras marcadas por seis lados
E porque junto os seizes triplicava,
Por basilico lance louva aos Fados.
Se o que da orca três ases só deitava
Brama vendo a canícula nos dados;
Quem Sénio lança a Quíó precedia,
A Vénus cede, mas de Canis ria.

49.5 orca corr. : Ocra T Ny

50

Viriato, que em problemas divertido
Na ciência o gosto só perfeito cria,
Deixa inda o desenfado apetecido
Vendo que às áleas joga a companhia.
“Seja”, disse, “o que ao mal causa impedido,
Mancha o nome de vício ao de alegria!
Se mais paramos quando mais perdemos,
Séries de penas nos recreios temos.

51

“Acho razão que nunca deve usar-se,
Posto que estilo em célebre convite,
Porque ao que gera vício acostumar-se
Noutro tempo das leis passa o limite;
Consente Roma em Saturnais jogar-se
Sem ver, deixa raiz grato apetite,
Pois três dias em público admiti-lo
Em secreto é por muitos consenti-lo.

52

“Se em Grécia acaba, posto o Sol luzente,
O banquete depois do sacrifício,
Imitando-a em seu culto juntamente
De festa sacra não façamos vício.
Já vai finindo Actíaco fulgente
Na diurna carreira e claro ofício,
Ao templo vamos, línguas queime o lume,
Seja com devoção grato o costume.

53

“Por velha cerimónia pois sabemos
Que inda antigo Argonauta atento a usava,
Qualquer línguas das rezes que comemos
Como oferta a Acacésio se queimava.
Porque ser mestre da eloquência o cremos
Perdão do que mal dito se imprecava.
Mudo o instrumento em cinzas nos dizia
Se não diga o falado em companhia!

54

“Mas se inda a devoção c’o tempo altera
E sempre é preferido o mais potente,
Talésios por Mercúrio elege outra era,
Crê mais próprio o perfeito que o
[eloquente.
A Táureo Alalcómene considera,
Quando aparece, qual Mentor prudente:
Se uso e conselho o manda Enésio logo
Como em princípio, em fim se aplique o
[rogo.

55

“Sendo meu gosto o ver-vos tão gostosos
Por gosto não suspendo os desenfados,
Pois suposto vos quero cuidadosos
Nunca apeteço o ver-vos fatigados.
Contínua lida ofende inda aos forçosos,
Vigor cresce em descansos, se alternados,
A natureza mostra como juíza
Se falta o sono em noite ao sono em dia.

54.5 Alalcomene T Calcomene Ny || 54.7 Æne-
sio T Anesio Ny

56

“Como inda que primeiro a Herceu
[potente,
Só de um dia a Epinícia não faremos,
Aos dois vizinhos templos juntamente
Nos dois seguintes dias passaremos!
A Mercúrio e Cibele igualmente
As próprias rezes sacrificaremos
E em força até que Lício esteja posto
Nos darão longos dias, longo gosto!”

57

Disse, e outra vez ao templo recorrendo
Sobre redondo altar línguas queimava,
Quando um copo de vinho puro erguendo,
A Júpiter Talésios invocava.
Férvido orando e tácito bebendo
O banquete c’os brindes terminava.
Gostando-o todos tomam com bebida
No mesmo tempo o vinho e despedida.

58

No tempo que figuras luminosas
Mostram bordado o pavilhão celeste,
E a caligem de sombras temerosas
Ofusca vale ameno e serra agreste,
Junto ao meio das horas soporosas
Que em giro corre a máquina terrestre,
Tântalo aonde Ormia viu passando em dia
Com pressa corre e com vagar vigia.

59

Tão moroso esperava vigilante,
Como em chegando fala diligente,
Chovem protestações de terno amante,
Descreve mágoas de viver ausente,
Exagera firmezas de constante,
Pinta rigores de um penar ingente.
Tanta pena e saudade exagerava
Que o caos de amor caos de paixões
[brotava.

60

Ormia que finge acaso aparecia
Despreza afeto com prezar vitória,
Parabéns dá, louvores repetia,
Aplauda a ação de encómios meritória.
Porém muda ao que Tântalo quera,
Motiva inferno quando exalta glória;
Porque em seus modos mais tormenta
[encerra
De Amor batalha que de Marte guerra.

61

Mas como em triste dia carregado
Quando o Sol já caligens desvanece
Que um raio mostra só precipitado
E apenas visto, pronto se escurece,
Tal de Ormia afeto entre desdéns nublado,
No momento se esconde, que aparece,
Dito inda ambíguo era descuido logo
Do primeiro o segundo apaga o fogo.

56.3 dois Ny dous T || 56.4 dois Ny dous T ||

62

E quais rolas de amarem cuidadosas,
Mas sem cuidado no guardarem vidas,
Despojos tristes de unhas perigosas,
São de aves de rapina surpreendidas;
Tais só cuidando nas paixões gostosas
De amantes finos mentes divertidas,
Da atroz Discórdia assalto duro tendo
Passa a fineza doce a zelo horrendo.

63

Do infernal monstro de ferocidade
Era Ate brava horrenda companhia,
Porque a maldade sempre com maldade
Se ajunta por terrível simpatia.
Ver-se a Discórdia é ver-se a atrocidade,
O que era no que mostra denuncia
Mais Fúrias brota que o tremendo Averno
Viveiro de paixões móvel Inferno.

64

Do negro pelo os fios desatados
Parte divide, e parte enreda o vento,
Nos cintilantes olhos encovados,
Forja raios Vulcano o movimento;
Em círculo dos beiços mal corados
Brotam de espumas mar sanguinolento;
Evapora por entre os negros dentes
Eflúvios crassos, ares pestilentes.

65

Inda suspensa mostra que injucunda
Lhe inflama o peito a raiva de um desgosto,
Rugas encrespa em testa furibunda,
Levanta as sobrançelas, turva o rosto.
Sobre roupa vermelha rota, e imunda,
Tem manto desbotado e sujo posto;
Empunha archote e vibra sem preguiça
Se a espada não balança de justiça.

66

“Se fui,” clamou, “do Olimpo degradada,
E não serei jamais nele admitida,
Que não de esperar de uma desesperada
Pelo mesmo castigo enfurecida?
Se perdi glória porque desprezada,
A ganho em glória de me ver temida,
Farei, pois me lançaram para a terra,
Ruído, confusão, destroço e guerra.

67

“Serei cruel açoute e feroz raio
Praga, tormento, labirinto e peste;
Darei como já dei, que não desmaio,
Cuidado e medo a Júpiter celeste;
Intrépida e fogosa ao campo saio,
De meu valor meu peito se reveste;
Sem que gire montante, usarei manha,
Sem mais vitórias do que a força ganha.

68

“Não movendo mais armas que interesse,
Completo vencimento me asseguro,
Pelejará por mim quem me aborrece,
Achará brando ainda o que chamo duro;
Assaltará por lucro que apetece
Parapeito, trincheira, fosso e muro;
Justa ou não justa buscará vitória
Pelo ouro, cargo, título ou vanglória.

69

“Esse príncipe altivo, esse Tonante,
Que atroz me ofende, e ingrato me
[desterra,
Não se valeu de mim quando arrogante
Contra seu genitor fez dura guerra?
Nunca empunhara o raio fulminante
Por quem respeitos lhe consagra a Terra,
Não dividira impérios, não reinara
Se meu raio primeiro não vibrara.

70

“Que importariam fúrias de Belona,
Forças de Palas e invenções de Marte,
Que fariam trabucos de Agerona,
Sem mim, móvel somente de horrenda arte?
Mais raios do que o filho de Latona
Por todo o globo meu poder reparte
De pólo a pólo estendo minha guerra
No Olimpo, Ares, Inferno, Mar e Terra!

71

“Nas grandes covas dos profundos mares
Excito os peixes com vigor tremendo,
Nas largas salas dos etéreos ares
Agito as aves com destroço horrendo,
Nas duras serras, nos civis lugares
Homens e brutos, feras vou fazendo;
Uns por rapinas pelejando fortes,
Outros tiranos cometendo mortes.

72

“Se a máquina do globo se reparte
Em céu com terra, Inferno e mar profundo,
Não logre aclamações por breve parte
Quem só de excelso ostenta o furibundo;
Pondere que a meu bélico estandarte
Não segue um terço, porém todo o mundo.
Debateu com Ceráunio o Centimano,
Etia c’o Táureo, Ceres com Sumano!

73

“Retumbem logo os ecos estrondosos
De atabales, trombetas e tambores,
Voem setas e dardos perigosos,
Arvoreem-se bandeiras de mil cores,
Confundam-se alaridos temerosos,
Galopeiem cavalos corredores,
Cubra poeira ao Sol e sangue a Terra
Sinta o mundo a Discórdia, guerra,
[guerra!”

74

Disse, espumando o cálido fermento
Que das cruéis entranhas prorrompia,
Movido pelo génio truculento
Com que a volátil cólera fervia.
Num rápido e confuso movimento
A cintilante espada atroz brandia.
Com fúria olhando, em Tântalo repara,
Nota a Ormia, observa, escuta, enfia e
[para.

75

Irritada com ver tanta fineza,
Veneno atua no maligno peito,
Que se ofende a perversa natureza
Do mesmo que se admira num sujeito;
E sempre amor, constância e singeleza
Para maus na bondade tem defeito,
Que inveja é monstro enfermo que o bem
[come,
Mas sempre em mal converte e se consome.

76

Num livro, que a um processo traz atado,
Estuda normas, com que a raiva atiaça,
Por fora em letras de ouro tem gravado,
Amor, Governo, Proteção, Justiça,
Mas por dentro com sangue rubricado
Tirania, Fação, Zelos, Cobiça;
Diferentes capítulos encerra
De Litígios, Políticas e Guerra.

77

Suposto finge que aplicada lia
De ilharga vendo atenta reparava
Com pálio de vulpina hipocrisia
Ardente génio astuta sufocava;
Mas tal fumaça de paixão subia,
Que fogo entre fuligens exaltava,
Os beiços morde, cora, a tocha estende,
Fuma na boca o que no peito acende.

78

Como se amara, indica horrível zelo,
Convele-se em raivosos acidentés,
Afasta irada o sórdido cabelo
Negro inato de trágicas serpentes;
Que se antes enroscadas, crespo o pelo,
Larga a grenha, são fúnebres pendentés;
Compõem línguas farpadas comovendo
De ríspidos sibilos som tremendo.

79

“Se a glorioso vencer,” disse, “é mais glória,
Terei grande em finir glória de amores,
Por requebros terão minha memória,
Por finezas meus lúgubres horrores!
Se meu gosto é meu prémio, que vitória
Dê tanto gosto como obrar furores!
Pois me agrada, o farei, seja o que seja!
Ninguém, se pode, falta ao que deseja!

80

“Tanto os enredarei! Mas caminhemos,
Que aparece a Titana reluzente.
Homens diviso: pronto emprego temos,
Pois festa sem discórdia há raramente!
Que digo, festa? E dia? Em noite vemos
Que entre sombras nos buscam
[cegamente.
Para erro e vício ativos desvelados,
Sem pausas cuidam para ter cuidados.”

81

“Para!”, Ate disse, “Para quê apressar-nos
Se para mal seu génio é móvel forte?
Inda oculta no Inferno hão de buscar-nos,
Dos princípios da vida aos fins da morte.
Vêm com pronta vontade a procurar-nos
E chamam triste ao Fado e dura à Sorte;
Desculpam-se c’o frágil de seu barro
Sem lembrar-se da luz do solar carro.

82

“Que importa seja barro, ou fosse areia,
Se da alma, e não matéria, o mal depende?
Sem vária massa o génio lhes vareia,
Conforme este discorre, aquele entende.
Vê nos mais altos que obra prometeia
Que a paixão forte como humana ofende;
Corpo celeste que lhes significa,
Se ao justo, a que celeste não se aplica.

81.3 oculta corr. : ocultas T Ny

83

“Não fui de excelso Olimpo desterrada
Porque meu pelo é teia de serpentes,
Por vesga, lacrimosa e mutilada,
Por grossos beijos e amarelos dentes;
Por pálida, cambaia e alcorcovada,
Por nariz chato e olhos proeminentes;
Mas para em crime reservar direito,
Chamando nossa culpa ao seu defeito.

84

“Contra Úrano, o Aberides exagita
Não Discórdia, amor sim de majestade,
Pois tanto o gosto de ter reino incita,
Que não respeita inda a paternidade.
Nenhum termo a ambição régia limita
Até feroz se mostra na áurea idade;
No mundo infante é já varonil erro,
Antes que a prata e cobre mostra o ferro.

85

“Mas se filho pecou, filho o castiga,
Que se aclama de Témis instrumento,
Pois quer Justiça de que a pena siga
Conforme o crime tem merecimento.
Porém, como é de crer que a mesma obriga,
Que ordena, a estimar pais com
[rendimento?
Logo a feia ambição com roupa guapa,
Se a Justiça mostrou só foi na capa.

84.1 o Aberides corr. : a Abderides T e Abderides
Ny

86

“Deduz a prova pela consequência
Pois neto paga inda que avô vindique;
Porque não guarda a paternal decência
Ramnúsia manda que assustado fique;
Dá-lhe castigo em pô-lo em contingência
Em que o medo em Carneiro signifique
Pois como o crime é contra criminoso,
Sem raio, só trovão soa estrondoso.

87

“Traga seus filhos Cronos devorante,
Marnas engole inda mulher prenhada,
Terrível pai, marido fulminante,
Que de um bocado fez culpa dobrada;
Mas como Astrea é nas ações constante
Mete em comida a pena reservada;
Nasce Atena, que junta com Neptuno
Lhe dá trabalho, se vingança a Juno.

88

“A não ser de Briareu forte ajudado,
De Nereis e de Tétis socorrido,
Pagaria em cadeias seu pecado,
De irmã, filha e mulher quasi rendido.
Se agora nos castiga castigado,
Queixa-se pai, lamenta-se marido.
Se logo a culpa temos da cobiça
Porque a glória nos tiram da Justiça?

89

“Fez com Gábia a Chetono incestuoso
Nosso culpado influxo, ou seus ardores?
Transformámo-lo em pássaro enganoso?
Movemos de Austro os húmidos furores?
Fizemos céu do Cocito tenebroso?
Quem viu Discórdia produzir amores?
Mas se creem que os causamos, sejam
[retos,
Deem-nos também de Vénus epitetos.

90

“De adúltero desejo só movido
Em forte Anfitrión foi transmutado
Para a mulher de Tíndaro impelido,
Pela de Lico em sátiro mudado;
A Egina busca em fogo convertido,
De Agenor filha em touro transformado
Por seu gosto a Taigete, ou Torrebia, ama,
A Electra, Cirno, Laodamia ou Iodama.

91

“Acusamos Telquina, e não seus zelos,
Quando a move paixão desatinada,
Cário vencera com poder vencê-los,
Teleia se chamara bem casada;
Não ficara suspensa por cabelos,
Não seria por Quera apelidada,
Se em Canato lavara a fantasia
Não só Partenos, mas feliz seria.

89.5 do Cócito corr. : de Coccyx T do Coccyx Ny

92

“Quando na Eubeia se obstinou teimosa
Contra Agetor amante enfurecida,
Não move a petição mais amorosa
Não rende inda a fineza mais subida;
Mas da linda Plateia o ser zelosa
Não sofre inda que mais empedernida,
Fingido Elício é verdadeiro lume,
Bastou fantasma para haver ciúme.

93

“Por nossa culpa, ou seu terrível zelo
À crédula Sémele em velho engana?
Faz que antes nasça o filho de Stenelo?
Porque morra Tiríntio a Íficles dana?
Move ao Tricoso de comprido pelo
Que louco em filhos obre ação tirana?
A Meónio em Delfos que no sacrifício
Transmute sacro culto em torpe vício?

94

“Ate de ódio o mais torpe obra de inveja,
Nos fazem móveis de vanglória autores,
Porque o forte Dafneu melhor peleja,
Arde em raiva Cupido, e cansa ardores;
Porque Aracne ter mais glória deseja
Cabardiacensis lhe mostrou rigores;
Porque compete, Mársias arrojado
Fica, sobre vencido, inda esfolhado.

94.2 moveis Ny movens T

95

“Grave injustiça, hidrópica avareza,
Demonstra Asfálio contra Laomedonte;
De ânimo ingrato ríspida fereza
Moneco abrindo ao doce Lino a fronte;
De alta vanglória estúpida altiveza
Por nobre Épafo intrépido Faetonte;
De Cinxia irada rígida vingança
Que a Andrómeda inocente injusta
[alcança.

96

“Se tanto logo ofende a massa fina,
Como delinque o frágil barro humano,
Veja-se o quanto uma paixão domina,
Pois terreno e celeste iguala em dano.
Obra o corpo passivo ao que a alma ensina,
Tendo só no castigo o desengano;
Por simples deixa o que sincero aviso,
E mostra-se ignorante em ter juízo.

97

“Contra nós clamam! Quem jamais repugna
Fazer no que pratica as diligências?
Oh! Calúnia feroz! Queixa importuna!
São nossas culpas suas imprudências,
Temos a mesma sorte que a Fortuna,
Dela são faltas, de outrem negligências.
Mas vamos, que nos busca sem preguiça,
Um que estuda Direito sem Justiça!”

95.7 Cinxia corr. : Cinnia T Ny

98

Já no covó hemisfério a branca Aurora
Com fresco orvalho o prado humedecia,
Dos pássaros gentil despertadora,
Lhes promove a canora melodia;
Traz do Sol claro grata precursora
Libré de noite que guarnece o dia,
Do brilhante monarca alva porteira
Com trombeta de luzes preeira.

99

Entre eflúvios de raios misturava
Influxos de alegria deleitosa,
Mas porque Ormia discreta se ausentava,
Para Tântalo a luz foi tenebrosa;
Tanto mais cresce mais lhe acrescentava
Da próxima saudade a ação penosa,
Porque se aumenta em peito o sentimento
Mais veloz do que em vista o luzimento.

100

Como o magnete e ferro juntamente
Se aproximam segundo a quantidade,
Que em leis de ordem sublime e permanente
Entre ações e paixões guarda igualdade,
Sendo como o parado tão potente
O que movido ostenta agilidade;
Assim qualquer dos dois, em vários modos,
Tem de amor fino o doce influxo todo.

100.7 dois corr.: dous T Ny

101

Pois se Tântalo amante padecia
Porque a faoneia luz se aproximava,
Ormia bela, que o verem-na temia,
Não menos terna a mágoa suportava;
Mas quando aquele exclama contra o dia,
Esta no coração muda encerrava,
Porque de pena igual diverso efeito
Num mostra a língua, noutro guarda o
[peito.

102

Suplica Ormia licença de ausentar-se,
Mas triste sente o que medrosa pede,
Determina ligeira o retirar-se.
Porém, se o amante roga, amante cede;
Quando já principia de apartar-se,
Em lhe ouvindo os suspiros retrocede.
Se ir quisera, ficar mais estimara,
Tímida foge, enternecida para.

103

Como a náutica agulha disturbada
Por toque, sobre toque, diferente,
Que em voltar pedra, volta interpolada
De pólo sobre pólo a força ingente,
Já mostra de Ursa a cauda sublimada
Já do Dourado o peito refulgente,
Assim vira a Ormia amor, revira o medo,
Um lhe diz que é muito tarde e outro
[mui cedo.

103.6 Dourado corr. : Dorado T Ny

104

Como oposto à maré baixel com vento,
De ambos movido e de ambos repulsado,
Varia as propensões do movimento,
Ou mais de água ou mais de ares empuxado,
Até que Austro alcançando o vencimento,
É por sopros contra ondas directado,
Ormia que o medo impele, o amor parava,
Superando o temor, se retirava.

105

“Detém,” Tântalo diz, “pai da alegria,
Luzes, com que a meu gosto lhe anoitece,
Demora o dia que me embarga o dia
Com que Ormia bela clara me amanhece!
Lembre-te a dor por Dafne que fugia,
Comisera a quem pena igual padece!
Oh! Não te vejas neste espelho triste,
Porque a mágoa verás, com que te viste!

106

“Assim pare a Penea que seguides,
Éton, Eoo, Pirois e Flégon para!
Assim te deixe a Cliptia que fugires,
Me deixa um pouco minha prenda cara.
Mas ai! Que surdo estás para me ouvires,
Sempre em quem pede, pouco se repara!
Como sou pretendente, não me admira.”
Ansioso disse e pronto se retira.

CANTO
NONO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Já têm subido Lampon e Faetonta,
Bootes foge, Alcides se retira,
Vai-se o Centauro, Auriga se desmonta,
Corvo, Águia e Cisne voam, Serpe expira,
Passa Erídano, acaba a Triple Ponta,
A C'roa Gnossia, a Austral Crater e Lira,
Mergulha-se o Delfim, vai-se a Baleia,
Engolfando-se a Nau, luzes arreia.

2

Quando o forte Viriato diligente
Sobre cavalo férvido montado
Para onde Idea tem culto reverente
Caminhava dos cabos circundado,
Junto o seguia multidão de gente,
Tanto por devoção, que desenfado;
Porque concurso a mais concurso obriga,
Um parece que move a que outro siga.

3

Já fora do terreno da cidade
Cruzavam pelo meio de uns terreiros,
Alegres na florente amenidade,
Frescos pela abundância de ribeiros,
Que despenhados com velocidade
Ícaros cristalinos de uns outeiros,
São doces liras e harpas sonorasas
A consonância de aves deleitosas.

1.6 A C'roa corr. : Acroa T Ny

4

Dos brutos em que o filho de Saturno
Transformado roubou fenícia Europa,
E guardava a quem deu sono diurno,
De Hermes discurso mais que de ópio
[sopa,
Porque é loquaz cansando a taciturno
De hipnótico licor fornida copa;
Muitos pelem, muitos se lambiam,
Muitos pastavam, muitos remoíam.

5

Negro e branco matiz são dos terreiros
Ovelhas em rebanhos divididas,
Doces balidos dão tenros cordeiros,
Respondem-lhes como eco as mães queridas.
Pelem bravos férvidos carneiros,
Batem-se armas contra armas retorcidas;
Sendo qualquer na força da batalha,
No forte, e duro, aríete e muralha.

6

Entre a verde alcatifa deleitosa
Que ao prado ameno plácida cobria,
De espelhos naturais cópia vistosa,
Nas rotundas lagoas parecia,
De Pá querida a Ninfa desdenhosa,
Cada ano vegetante alta crescia,
Porque como se humilha a qualquer vento,
No submissivo adquire o crescimento.

5.6 retorcidas Ny retrocidas T || 6.8 submissivo T
submisso Ny

7

Qual já quebrando a consistência dura
Com que o gelo tem linfa a linfa atada,
Como alva Delos vaga na candura,
Branca neve de neve separada,
Tais móveis ilhas Álbions pela alvura,
Sensitivos cristais, neve animada,
Parecem na água com seus corpos belos
Os que giraram sete vezes Delos.

8

Essas que em Capitólio vigilantes
Dão rebate às dormentes sentinelas
São nas frescas lagoas navegantes,
Naus viventes com proas amarelas;
De Inacho e Tália as aves de água
[amantes,
E de Ísis sábia reputadas belas,
Batendo as asas formam branca espuma,
Movendo as pernas são galés de pluma.

9

Noto volante rápido movia
Em deleitosas vargens dilatadas,
Nos linhos, que a campina produzia,
Trémulas ondas verdes e douradas,
Maretas donde a vista se perdia
Entre cores no moto variegadas,
Engolfando-se alegre e sem desmaio
Num vegetante mar de verde-gaio.

10

Desse que Osíris ensinou cultura
Prudente Triptólemo fez lavoura,
Grata Hostelina nos princípios cura,
Propícia Patelina nos fins doura,
Volutina preserva na clausura,
Guarda Rubigo, e Ceres entesoura,
Os grossos molhos que formou Runcina,
Pilumno às eiras conduzir destina.

11

Não só plantas culmíferas famosas
De hástea vã folha aguda ali parecem,
Mas grandes cópias das leguminosas
Com flor papilionácea também crescem;
As várias umbelíferas vistosas,
De flor pentapétala reverdecem,
Que ajuntando as sementes sempre a pares
Dão fruto dobre, flores singulares.

12

Liga fecunda a planta capitata
Na fistulosa flor cópia de flores;
Opondo as folhas tem verticilata
Nos bens de Flora de Minerva horrores.
Radiando verde em círculo a estelata
Forma astros vegetantes sem fulgores;
Mostra em bonina, se advertindo se olha,
Quatro segmentos, mas singela folha.

7.2 que o gelo **T** o gelo **Ny** || 8.5 Tália corr. : Tathla **T Ny**

10.4 Patelina corr. : Patelana **T Ny** || 10.8 Pilumno **T Piluno Ny** || 12.3 verticillata **T venticillata Ny**

13
Também nas vasculíferas a unida
Tetrapétala à vista ser parece,
Se em várias desse nome dividida,
Pentapétala verdadeira cresce;
De única flor bage única saída,
Noutra monopétala reverdece,
Diversas curvas quando o tempo mata,
Pompa de cores na corniculata.

14
Pende em tetrapétala verdadeira
Longa bainha cheia de sementes
Da composta a paposa anda ligeira,
Fecunda polisperma as tem patentes;
É da bulbosa a folha mensageira,
Triplica em seu tesouro dividentes,
Capilácea raiz lhe fixa a bala
Na hástea eleva bonina hexapetala.

15
As perifólias de ordens alternadas,
Ou de folhas sem regra divididas,
Guardam quatro sementes reservadas
Com flor de pontas cinco repartidas;
Bacíferas das aves procuradas
Várias como imperfeitas presumidas
Copadas, corimbíferas, discosas,
Nascer frescas, florescem deleitosas.

16
Frutíferas muralhas de pomares
Terminam padrões verdes seus distritos,
Praias frondosas dos viventes mares,
Em largo semicírculo constrictos,
Termos amenos dos rurais lugares,
Donde Itónia exercita seus conflitos;
Teatros das tragédias de Belona
Circundados de arquivos de Pomona.

17
É meta inculta, limite frondoso,
Remate em parte do florente prado,
Um bosque ameno, centro tenebroso
De agreste caça e de ferino gado;
Natural labirinto, caos ramoso
De Vesta inculta pelo emaranhado,
Sombrio arquivo, que frescura encerra,
Ao Sol escudo, pavilhão da Terra.

18
De índole pia verdes monumentos
Filémon sobe, velha Báucis cresce;
Contra a arrogância de robustos ventos
Dríope em funda terra se enfortece.
Se antes ramos quebrou sanguinolentos,
Que os seus não quebrem defender parece,
Com tais apreços valentia move,
Que a estima Omestes, Reia, Sito e Jove.

19

Ácteon néscio, que veloz corria,
Foge dos cães com que antes se recreia,
Sobre abismos de matos parecia
Que nas pontas dos ramos galopeia.
Ligeira lebre rápida fugia
Dos secos galgos, que ao baixar receia,
De Hécuba ou Mera temem duras bocas
Os coelhos metendo-se nas tocas.

20

Terrível Lícaon busca cruento
Sensitivo tesouro de pastores,
De Erimanto destrago corpulento,
Irado mostra rígidos furores;
Grosso mato destroça truculento,
Espuma fero entre saliva horrores,
Aguça em verdes plantas brancos dentes,
Da pele enriça as máquinas pungentes.

21

O quadrúpede ovíparo manchado
Em verde alegre de funesto luto
Mostra o riso sardónico chamado,
Que era de Abas jocoso triste fruto.
Sente Aléctrión suposto que emendado,
Que em vigilante inda faz presa astuto;
Porque pasto a geneta afirma certo
Que o pio é sagaz ladrão do mais desperto.

22

A astuta digitata que em corrida
Com Lélape ficou pedra igualmente,
Pois Témis reta, posto que ofendida,
Inda a parcial vantagem não consente;
De lodo qual mortalha revestida,
No jazer morta era, no obrar vivente,
A incauto passarinho destra apanha,
Que inda em cadáver se figura a manha.

23

Centro breve de espira dilatada
De Hermíone a cabeça parecia,
Mas, ouvindo rumor, desenroscada,
Girante olhava, cuidadosa ouvia.
Sem pés saltando humilde e sublimada,
Medonha corre, ríspida assobia,
Mostra zunindo em língua a dobre ponta,
Faz peito base, e alta coluna monta.

24

Nadando em golfos de inconstantes ares,
Com plumíferas velas nau de prata,
Navega a branca garça etéreos mares,
Donde se funde, e donde se arrebatava.
Dedálion fero em plácidos lugares
É de baixel volante atroz pirata;
Corsário mostra ativo arrojo,
Faz de alvo enfeite lúgubre despojo.

24.7 Corsário corr. : Cossario T Ny

25

Peneira-se o milhafre volitante
Sobre a presa, que o medo precipita,
Nuvem de pluma em raio penetrante
Parece muda o que o furor lhe incita;
Num circunflexo voo trepidante,
Perdiz fugindo, trémulo palpita.
Que se homem viu dos homens o
[inumano,
Ave teme das aves o tirano.

26

Antígone em cegonha transformada
No longo bico tem longa serpente
Por diáfanos ares remontada,
Se veloz sobe, a larga diligente;
Baixando, embarga na asa encapotada
Do colubríno extremo o golpe ingente,
Do que montante usou tenaz engenha,
Dédalo voa, e Dédalo despenha.

27

Pigas sem ver pigmeus cópias formava
Que atento Palamedes marca astuto,
Junto às armas e às letras ensinava
Cinerício migrante, e resoluto.
Quem socorreu Corvino inda mostrava
Pela mãe de Esculápio o negro luto;
Lamenta a rola ausências do consorte
Sente saudade como sente morte.

27.1 Pigas corr. : Pygras T Ny

28

Se Combe em ramo embarga o volitante,
Cerambe em voos férvido porfia,
Confirma Astéria a Himétio de inconstante,
Tereu falso entre as folhas se escondia;
Tão doce pai, como marido amante,
Seu ninho em planta Pico suspendia;
Com pombo o torquaz pombo atroz peleja,
A consorte circunda, rula e beija.

29

Donde fresca ribeira cristalina
Em toscas plantas lisa se enroscava,
E pela transparência clara e fina
Os alvos seixos plácida mostrava,
A grande casa da alta Palatina
Com fausto nobre ativa se elevava,
Sendo pelo perfeito em qualquer parte
No bosque sem cultura assombro da arte.

30

Se pelo bem composta e bem fundada,
Como templo sumptuoso aparecia,
Por não ser de agouzeiros consagrada
De *ædes sacræ* só nome lhe incumbia;
Long' alameda era jucunda entrada
Alegre rua, e deleitosa via,
Da que entre o verde mostra em grata
[alvura
Do ameno sítio a plácida estrutura.

28.7 torquaz corr.: Troquaz T Ny || 30.5 Long' alameda corr. : Longa Lameda T Ny cf. *infra* 33.8

31

Cruzam reta em transversas deleitosas
Faetusa, Lampetia e Lampetusa,
Donde pelas Helíades frondosas
A seu pai mesmo a entrada se refusa.
Plantas de Alcides perto das chorosas
Figuram bosque em posição confusa.
De Alísio, o legação ramos enlaça
Que hera cheirosa não derroca, abraça.

32

Qual por quadra raiz cópias formadas
Em compridas fileiras paralelas,
Plátanos de ramagens dilatadas,
Parecem vegetantes sentinelas;
De verde e branco as folhas matizadas
Como de archeiros prospetivas belas,
Laços com folha e flor nas folhas tecem,
As madressilvas que cheirosas crescem.

33

Fine a sombria estrada em sítio ameno
Lugar plausível de jardim vistoso,
Que era num grande quadro do terreno
Da fábrica sublime átrio cheiroso,
Dando junto deleite não pequeno
Da natureza e da arte o primoroso,
Pois de ambas mostram claro benefício,
Jardim, bosque, alamedas e edifício.

34

Entre imagens nos quadros repartidas
Se admiram das que a Íficles deram glória,
Mostrando em dois leões graças fingidas
De Atalanta e de Hipómanes a história;
Conselheiras, suposto emudecidas,
Propõem caução com renovar memória,
Advertem racional já sem juízo
Que inda de brutos colhe o humano aviso.

35

Formava a planta que Acidália preza
Em justas simetrias mil labores,
Que entre dibuxos com delicadeza
São verdes guarnições de frescas flores
Que, ajuntando fragrância com beleza,
Dão gosto em cheiro, e dão recreio em
[cores,
Vagando a mente, porque pronta assista
A deleitoso olfato ou grata vista.

36

Se onde o rio por Físon reputado,
Que em monte de Languer tem
[nascimento
De Perseli, Semena e Kanda inchado
Rega do Mogol grande o rico assento,
Dessem, como por muitos celebrado,
Os hálitos das flores mantimento,
Aqui também do cheiro viveriam
E, sem Ganges, Gangarides seriam.

34.3 dois Ny dous T

37

De roçagante púrpura vestida,
Em trono de esmeraldas levantada,
De espinosos archeiros guarnecida,
Com diadema de ouro coroada,
Por rainha das flores conhecida,
Era a fragrante rosa venerada,
Mas dá com tanto fausto em brevidade,
Se exemplo ao belo, aviso à majestade.

38

De nácar fino, ou carmesi subido
Que a púrpura de Tiro precedia,
O rubicundo cravo revestido
Cheiroso rei das flores parecia;
Vegetante Proteu guapo, florido,
Em vários quadros vário se vestia,
Salpicos mostra em branca roupa bela,
Traja como de Orange ou da Rochela.

39

A esse amante de um tronco fugitivo
Segue amante uma flor agigantada,
Faz-se o tronco, por ser buscado, esquivo,
Fica a flor, porque busca, desprezada;
Pois foi sempre o desejo mais ativo,
Quando procura a cousa mais negada,
E perde estimações oferecida,
Inda a mesma beleza apeteçada.

40

Transformado mostrava ali Narciso
Que perdeu, por querer, sua figura,
Tal é da filáucia o prejuízo,
E tão depressa acaba a formosura;
Da morte inda a perpétua intima aviso
Pois nunca tanto como o nome dura;
E se do agudo mal de flor não morre
Do crónico a seu fim c'ò tempo corre.

41

Como de régio luto revestido
Por sua infausta morte lastimosa,
Se via em flor mudado o mais querido
Da que o Teucro julgou por mais formosa;
Sente infeliz Hiacinto convertido
Terrível fúria de paixão zelosa,
Cruel emulação amante inveja,
Que antes mata que entregue o que deseja.

42

Ostentando riqueza e formosura,
Faz patente a açucena seu tesouro,
Nas folhas traja nítida candura,
Ápices toucam de vistoso louro;
Mostra com pompa alegre, e graça pura
Conchas de prata abrindo, pendente ouro,
Era a angélica tenra, branca e bela,
Neve cheirosa, vegetante estrela.

37.1 roçagante corr. : rosagante T Ny

43

Entre o verde, a cardíaca violeta
Parecia esconder-se vergonhosa,
Mas inda que entre folhas se intermeta,
Oculta se descobre por cheirosa.
Com poucas folhas cândida a mosqueta
Não perde humilde o intitular-se rosa;
Porque posto não traje gala dobre
Conserva a qualidade inda que pobre.

44

Qual de alva neve as partes observadas,
Tem de estrelas radiantes a figura,
Do suave jasmim folhas nevadas,
Estrelas são na forma e na candura.
Saem junquinhos de hâsteas sublimadas,
Porque deve exaltar-se a formosura;
Fazem círculo ameno goivos belos,
Tristes roxos e alegres amarelos.

45

Como num verde campo, se orvalhado,
Terrena a celeste Íris aparece,
Qual fazendo de Argólica o mandado
De altas nuvens aos baixos prados desce;
Tal cerco de tulipas matizado
Taumância vegetante ali floresce,
Vendo-se nas que raíam várias cores,
Que uma flor veste as galas de mil flores.

45.6 floresce corr. florece T Ny

46

Do âmbar gris a resina preciosa
Que o voraz gosto da baleia incita,
Forte hálito de ambrieta deleitosa
Com fogo próprio, sem queimar-se, imita;
De odorífero falta, mas formosa,
Cheiro com forma supre a margarita,
Mostrando-se ao romper da madrugada
Terrena, com celestes salpicada.

47

Sem cheiro, mas com graça aparecia
Inda em flor já caduco o amor-perfeito,
Porque a constância de maior valia,
Tem por base o mudável do conceito.
No roxo, e no amarelo, que vestia,
A pena e zelo indica a amante peito;
Adverte a maravilha inda às maiores,
Que posto durem mais, perecem flores.

48

Na rubicunda flor de folhas cheia
Mostra a peónia imitações de rosa,
Porque com grande adorno patenteia
Se em grosso alinhó, trajem de pomposa.
De ranúnculos cópia ali recreia
A vista atenta em suspensão gostosa,
Tendo em belo matiz da natureza,
Com várias cores, vária gentileza.

46.1 Ambar T Amba Ny || 46.3 Ambrieta T
Ambréta Ny

49

Dava em folhas modelos a angerona,
O moço acanto de prosápia clara,
Convertido Amáraco em manjerona,
Guarda entornando o cheiro de Cinara.
Parece que do filho de Latona
Amaranto em veludos se repara;
Da calêndula o cravo ostenta em louro
De alexetéria flor vegetante ouro.

50

Se em jardim, quando o vento agita os ares,
Parece que Sabea expira aromas,
Hibla exala fragrâncias singulares,
Ou Leucótoe acende as ricas gomas;
Assoprando aos dois lados nos pomares,
Destouca as plantas das florentes comas,
Nelas Vertumno os frutos acrescenta,
Clóris prepara, mas Pomona aumenta.

51

Corpo invisível de húmido elemento,
Plumíferos Orfeus, tubas suaves,
Rompiam com volante movimento,
E deleitosa voz canoras aves,
Sendo vagante mensageiro o vento
De cores vivas de cadências graves,
Que são junto o matiz c'os sustentidos
Dos olhos gosto, encanto dos ouvidos.

49.1 modelos T modelo Ny | Angerona Ny
Agerona T cf. *infra* 95.2 || 49.8 alexetéria corr. :
alexiteria T Ny || 50.5 dois Ny dous T

52

Filomena gentil, que presidia,
A solfa natural lhes ensinava,
No contraponto harmónica subia,
Em doces quebros branda a voz baixava;
Já clarim volitante retinia,
Já falsas, já cadências redobrava,
Já garganteia em sustentidos tanto
Que parece encantar-se em próprio canto.

53

Cadência grave, acento sonoro,
O pintarroxo harmónico recita,
Com boca alegre e corpo tenebroso
Seu luto ao melro a música licita.
De outros pássaros canto deleitoso,
Momo das aves, o cochicho imita;
Canoro o pintassilgo num raminho
Desafiava a outro passarinho.

54

De ordem sublime jónica formado,
Sobe pomposo o plácido edifício,
Que era em três largas naves separado,
Belo por dentro, e belo em frontispício,
Qual se o messénio Damofon prezado
Na pedra pária exercitara ofício,
De Ópis imagem no lugar do meio,
Ostenta perfeição, publica asseio.

52.5 retinia corr. : retenia T Ny

55

Sobre alto carro trono sumptuoso,
Por leões cabeludos conduzido,
Ostenta Dâmia com primor frondoso,
Bosque florente em campo de vestido;
Ergue em toucado um forte vigoroso,
De bélicas ameias guarnecido,
A globo aponta com dourada chave,
Tímpano toca a um tempo alegre e grave.

56

Entre os termos de nítidas molduras
Onde a vide e carvalho com pinheiro
Tecem com ramo em ramo tais misturas,
Que enigma é ver-se o tronco verdadeiro,
Se admira no perfeito das pinturas
Como de ístmio Eufranor pincel ligeiro;
De Alcistene, ou de Lala Cizicena
Que destra pinta o que entendida ordena.

57

Junto a Rea aqui está Meno tirano,
Que sempre se aproxima o mais querido,
Sem fulgores de Sol brilhava humano
De hábito frígio em pastoril vestido;
No humilde inculca afeto soberano
Usa agudo bonete retorcido,
Se apenas chega a túnica aos joelhos
Baixam mais anaxirides que artelhos.

56.7 Alcistene corr. : Alcistere **T Ny** || 57.6
bonete **T bonet Ny**

58

A Papas seguem bravos Coribantes
Que assopram frautas, batem nos
[tambores,
De ocos címbalos vozes ressonantes
Sendo compasso de hórridos clamores.
Nove Telquínios de armas rutilantes
Pírrica dança fazem com furores,
Na arte e fereza a um tempo em jogo sendo
Medonho o grato, e deleitoso o horrendo.

59

Bem como o louco que agitou Selene
Sem barbas arquigalo aparecia,
Dançando segue a grave Dindimene
Túnica longa e manta revestia,
Lâmina onde gravada Sipilene
Sobre o peito em colar de ouro pendia
No braço ócabo tem, mão, pinha, cara
Ergue em cabeça a cândida tiara.

60

Com bonete menor Galos menores
Vestem com sangue as túnicas manchadas;
Batem címbalos, tocam nos tambores,
De adufes tangem partes duplicadas,
Quais ministros de Baal fazem clamores;
Dão-se inumanos feras cutiladas,
Pois dá bárbaro culto gosto em pena,
Move superstição mais que Asporena.

58.3 Cymbales **T Ny** || 559.1 Selene corr. :
Zelene **T Ny** || 59.7 ócabo corr. : Oeaboo **T**
Occaboo **Ny**

61
Bem como os da tarântula agitados,
Quando a música alegre é medicina,
De entusiasmo os Agirtas elevados
Dançam com vestidura feminina.
Se outros que ao lucro estão mais aplicados,
Porque interesse em todos predomina,
Com Pilena em jumento suplicantes
Se fazem ricos, porque mendicantes.

62
Sobre estrado em caverna suspenso,
Que era de cova em cova plai no teto
Faziam Metragirtas com ruído,
Do taurobólio vai rito completo;
Pingava, por buracos conduzido,
Sangue de touro cândido e seletto,
No que em caverna entende com simpleza,
Consegue em ter mais nódoas mais
[limpeza.

63
Como a grande Fasiana ofereciam,
A Átis também criobólio dedicavam,
E noutra funda cova apareciam
Metragirtas que alegres ministravam,
Caindo no que os cultos escondiam,
O sangue do carneiro, que matavam,
Pois crendo renascer taurobolino
De iguais no afeto espera destino.

64
Como em festas de Telus venerada
No castelo de Atenas sumptuosa,
Brilha de Áticos turba sublimada
Com grave adorno em compostura airosa;
Trajam cândida quítion dilatada
Era a mandias de cor capa vistosa
Usam, sem que vanglória lhes pareça,
Láucias nos pés, cróbilos na cabeça.

65
Nas saturnais Opálias têm cativos
Vestiduras de grata liberdade,
Porque pagam senhores discursivos,
Quanto lhes devem por fertilidade.
Como em prémio dos braços sempre
[altivos
Lhes punham na cabeça a gravidade,
Mostrando sábio o proceder romano
Que é gratidão, tributo soberano.

66
Das Hilárias alegres observantes
Trocavam trajes amas com criadas,
Arrastam servos togas roçagantes,
Usam tribunos capas remendadas,
Fazendo em vestimentas inconstantes
De sacras festas loucas mascaradas,
Porque inda que não têm coberto o rosto,
Parece farsa o que devoto gosto.

61.3 Agyrtas T Argyrtas Ny || 62.3 Metragirtas
corr. : Menagyrtas T Ny

67

Nos Megalenses jogos inventados
Quando a frígia Cimeris conduzida,
De Nasica com faustos sublimados
Foi de Pessino a Roma transferida.
Se via em seus adornos celebrados
A quirinal nobreza revestida,
Pois com tais lustres festejava a Enteia,
Que adágio à festa a púrpura nomeia.

68

Via-se a grande procissão pomposa,
Em que o dançar matrona é gravidade,
Porque inda sendo a devoção jocosa,
Parece não deslustra a autoridade.
De escravos companhia antes gostosa
Não se admitia na festividade,
Que a abril não chega o que dezembro
[ordena,
Se a um triste inda em ficção diverte a
[pena.

69

No altar da nave que ao direito lado
Tronco em tronco suspenso está Saturno
Sendo no arrimo o bruto que enroscado,
Réptil emblema do farol diurno;
Com scites junto aos pés de asas privado
Pinta o moroso, e indica o taciturno,
Porque o tempo parece que em tristeza
Remora própria embarga a ligeireza.

70

Não somente se admiram nas pinturas
Várias festas a Cronos dedicadas,
Mas porque tempo as célebres figuras
Com que são dele as partes retratadas.
De Asclepiodoro as gratas formaturas
Pareciam nos quadros debuxadas,
Vendo-se nos desígnios com primores
De Árdices linhas, Perifanto cores.

71

Velho, curvo e decrépito fingia
A que o romano século imitava;
Moça que de trinta anos parecia
A que a grega Genea figurava;
Menina que na mão paloma trazia,
Essa que a Pentetério debuxava;
Qual Zodíaco em signos se reparte
De Eniantos louro o oblíquo talabarte.

72

No céu nublado de painéis compridos
Mostram quatro sezões doze Consentes
Porque em ternos signos repartidos
Dividem tempo, e ostentam-se potentes
A outros deuses a tanto não subidos,
Na terra festejavam reverentes,
Que apontam dias por celebridades
Do giro de ano a duração de idades.

72.2 doze Ny doce T

73

Sobre Aries refulgente Itónia armada
Se Heles parece nunca temerosa,
No belo Tauro Morfo reclinada,
Se Europa em raptó é presa mais formosa,
Ambas no etéreo mar, cerúlea estrada,
Branças fendem com proa luminosa;
Leucádio entre os romanos protetores
C'roa com raios fraternais amores.

74

De essa deusa que sempre fugitiva
Deixou Pigmleon, Iarbas e Bato
E inda em Lácio à zelosa incompassiva,
Mostra em Numício o natural recato,
Gloriosa morta, e desgraçada viva,
No baixo do painel brilha o retrato,
Que é muitas vezes aloucada sorte,
Avara em vida e pródiga na morte.

75

Davam-lhe culto em festa desse dia
Que depois parricídio foi chamado,
Se Dolabela em nome de alegria,
Insta Cônsul se altere por Senado.
Em cabanas gostosa companhia
Junto ao Tibre a celebra em fresco prado,
E segundo as ideias, que concebe,
Mais anos anuncia quem mais bebe.

76

Junto Pales vestida de pastora
No rústico não perde a gravidade,
Mostra-se em traje humilde alta senhora,
Que o ornato interno é própria autoridade.
Usa cajado, de rebanho espóra,
Surrão, bandeira de sinceridade,
Contra o luxo arvorando-a em competência
Pelo antigo reclama a precedência.

77

Ostentavam-se rústicos pastores
Das Palídias devotos reverentes,
Saltavam sem temor do fogo ardores
Que entre chamas têm brios refulgentes;
Purificam seu gado em resplandores
De enxofre, e várias lenhas competentes,
Com perones sem fausto estão calçados,
Birros cobertos, cuculos toucados.

78

De Lictor precedida Vestal bela
Que em pilento honorífico montava
E a louro pelo que espiral se anela
Com branca fita cândida ligava.
Mostra as prezadas cinzas da vitela
Que em Fordicídias lume devorava,
E desgraçada inda antes nascida
Perde com terna mãe gostosa vida.

78.2 Pilento T Pileno Ny

79

As oblações de milho, leite e vinho,
Não só porque em Parílias ofertavam,
E os fogos de oliveira, louro e pinho
Nas lustrações com gados circundavam,
Mas da potente Roma caro ninho
A fundação soberba festejavam,
Acompanhando as danças dos pastores
Com doces frutas e hórridos tambores.

80

Com roupa verde, e limpa alva Rubigo
De espiga orvalho férvida enxugava,
Sem ferrugem, perfeito e belo trigo,
Por toucado em cabeça levantava;
Robigálias, por medo de castigo,
Cuidadoso o Romano celebrava
Subindo no holocausto o fumo e cheiro
De incenso, ovelha, cão, vinho e carneiro.

81

Doce emblema da alegre primavera
Num vistoso jardim Flora se via
Recebendo, mais branda que severa,
O cortejo que Zéfiro fazia;
Cópia de flores que inda o mimo altera
A cinge, a c'roa em tranças lhe descia,
Que parece desfolha a deusa grata
FACES de grã com beijos de escarlata.

82

Das Florálias cultoras, mais decência
Do que usam vivas mostram retratadas,
Que inda com tocha, em modos
[de impudência,
Não corriam das roupas despojadas.
Fez mais pintura, do que obrou regência,
Esconde uma ações de outra licitadas,
Permite-o Catão sério e honesta Roma,
Porque abuso arreigado mal se doma.

83

De Óstia aparece o plácido terreno
Donde festeja a quirinal nobreza,
Nas calendas de maio em campo ameno
As Majumas, Florálias de grandeza.
Com rosto mais alegre que sereno
Inda o Censor depunha a sisudeza,
Pois severo em jocosa companhia,
É como eclipse mancha de alegria.

84

Sagaz Mercúrio em Cancro revelava
Que ao contrário vão passos dos que astutos;
Jove em Leo dobrando horror mostrava
Que monta o rei dos deuses no dos brutos;
Ceres, mandando a Erígone, humilhava
Celeste ramo com terrenos frutos;
Ardendo em céu do figurado estio,
Mera abrasada, porque Icário frio.

85

Os que antes assustados já gostosos
Nas festivas Lucárias se ostentavam,
Mostrando a cova e sítios tenebrosos
Que Ália rega e arvoredos ocultavam.
Bosque adonde, fugindo temerosos
Da mortal sombra, o dia em sombra achavam;
Sendo asilos plausíveis, quando agrestes
De feras racionais, feras silvestres.

86

Outra cova aparece e bosque havia
Donde astutos ladrões dividem presas,
E a Furina entre raptos de alegria,
Com festas remuneram por destrezas;
Mostrando Roma no que consentia
Quanto a superstição move a simplezas,
Furinálias guardando, ri do Egito,
Que é mau, se alheio, e bom, se próprio,
[o rito.

87

Com Libra, Junonígena mostrava
Mais que em pernas na mão justa
[igualdade,
Sobre Scorpio, Bicrota acumulava
A atroz génio marcial ferocidade;
Com Sagitário, Jana figurava
Que em tiro ostenta mais velocidade
E, a etéreos brutos declarando guerra,
Era mestra no céu, se mestra em terra.

88

Como nas Fontinálias aparece
Nobre infância romana esclarecida,
Toga pretexta cândida lhes desce,
Com púrpura nas bordas guarnecida,
Bula etrusca que de ouro se enriquece
Lhes baixa do pescoço suspendida,
Grinaldas na cabeça e mãos mostravam,
Adornam fontes como se toucavam.

89

Romanos com vigores duplicados
Meditrinálias caras celebravam
Com vinho novo e velho misturados,
Antes que finalizem, começavam.
Bebem contentes, libam sossegados,
Pois remédio, os que parcos lhe chamavam;
Dizendo: “Novo e velho aqui bebemos,
Para que velho e novo mal curemos!”

90

Quirite alegre em produções de outono
Vertumnales celebra com festejo,
Que dos maduros frutos rico dano,
Não falta ao liberal tendo o sobejo.
De esquecimento ingrato o horrendo sono
Não lhe embarga os obséquios no desejo;
A Vertumno entre raptos de alegria
Graças dava, se frutas recebia.

89.2 Meditrinálias corr. : Medritinalias T Ny ||

90.2 Vertumnales corr. : Vertumales T Ny

91

Do Armilústriu romano a alegre vista
Brava milícia em Campo Márcio dava,
E como havendo feito já conquista,
De c'roas agradáveis se adornava.
Não só passa, formando-se revista,
Mas sacrifícios atenta dedicava,
Rompendo ares co'fogo crepitante,
Lítuo curvo e trombeta ressonante.

92

Em Capricórnio, Vesta certifica,
Que é silvestre da Terra a natureza.
Junto a Aquário, Prodrómia testifica
Que move chuva de ar delicadeza.
Neptuno em Pisces estender publica
Inda aos do céu marítima grandeza;
Mostrando todos três com seu governo,
A sezão triste do gelado inverno.

93

De Pompílio o decreto obedecendo
Se viam de Agonais graves cultores,
Com modo furibundo e ardor tremendo,
Fortes atletas, bravos gladiadores.
Ostentava arrogância Bato horrendo,
Mostra intrépido Spartaco furores;
Deleita-se em valor peito romano,
Era a glória a desculpa do inumano.

94

Os Eanos do Bifronte sacerdotes,
Que a bela Idália nunca nomeavam,
De puro vinho cheios ricos potes
Para oblações de Eano resguardavam.
Se outros Janes mostrando os mesmos
[dotes
No altar fumante incensos lhe queimavam,
Sal fresco e bolo de alvo pó, chamado
Novo, porque de novo peneirado.

95

De Quirites famosos larga soma
Fazendo Angeronálias aparecem,
Crendo a Angerona tutelar de Roma,
Com festas benefícios lhe agradecem;
Porque em gados cinanques árdua doma,
No templo de Volúpia lhe oferecem;
Ajuntam quem dá vida a quem dá gosto,
Que útil têm sempre em deleitoso posto.

96

Os Romanos, que atentos recordaram
A memória dos claros fundadores,
Se loba a Acca Laurentia apelidaram,
Prezam nas Laurentálias seus favores,
Porque os gratos nas faltas não reparam
Inda que tenham vício os benfeitores.
Junto do Tibre lhe consagram glória
Que é, vista do lugar, lição da história.

95.2 Angeronálias corr. : Ageronalias T Ny cf.
supra 49.1 || 95.5 árdua corr. : arduas T Ny

97

Não somente em Velabro os sublimados
Pontífices gostosos sacrificam,
Mas os Frates Arvales celebrados
Mostrando as brancas fitas cargo

[explicam.

De espigas proveitosas coroados,
Quanto obra um peito grato testificam;
Porque obriga inda a rei filho de Marte
A ser de onze, e onze tais dozena parte.

98

Tanto Rómulo mostra em Larentálias
Junto aos filhos de Fáustulo humildade,
Como ostenta adorado em Quirinálias
Sobre altar mais que humana gravidade.
Expia-se o que ignora em Fornacálias,
A que cúria pertence da cidade,
E na boca de forno que alumea
Com bolo ador não fez grata adorea.

99

Do Regifúgio a festa celebrando
Mostra satisfação rosto quirino
Porque da tirania o duro mando
É jugo que não sofre ardor latino.
Recordava-se o caso memorando
Que agita a Bruto e move a Colatino,
Porque a virtude inda na frágil sorte
Desperta o alento adormecido em morte.

100

Nas Terminálias por remate de ano
Inda a porca e cordeiro não se via
Porque, conforme a Numa, só paisano
A fruta e branco bolo oferecia.
Na alta Tarpeia templo soberano,
Posto que se elevava, não cobria,
Porque entendem que a Término
[agravassem,
Quando inda que termina o terminassem.

101

Porque em calendas tomam dignidade
Cônsul figura ao ríspido janeiro,
Da toga picta a nobre gravidade
Com lista de trábea usa ligeiro;
Leve em matéria, grave em quantidade,
Se peso o ofende, é peso lisonjeiro;
Toca-lhe ócreas, sobre ombro a volta dobre
Não lhe forma umbo, mas cabeça cobre.

102

Moça em túnica longa azul vestida
Ao triste mês da Februas debuxava,
Cintura breve em zona tem cingida,
Cântaro, peixe e pato em mão mostrava.
De uma pele de lobo ao corpo unida
Março arrogante fero se adornava,
Sustém bilha com leite e cabritinho,
Mostra a Progne já terna em caro ninho.

99.7 sorte corr. : forte **T** Ny || 99.8 o alento corr.
: á alento **T** à alento **Ny**

103

Toca, com véstia curta abotoada,
Crótalas e scabila, abril contente,
Perto de Idália em murta circundada
Nas mãos e pés sonoro juntamente,
De manga larga túnica adornada
Reveste maio com primor decente,
Tem de flores cabaz, cheira bonina,
Mostra a bela ave que ama Caprotina.

104

De Sol relógio junho contemplava,
Empunha fouce, move toca irado;
De amoras cesto julho presentava,
Pouco vestido, e requeimado,
Na esquerda bolsa cheia sustentava,
Se loura espiga em pelo açafroado;
Árido agosto abraça melancia,
De um largo vaso férvido bebia.

105

Setembro ornado em pálido volitante
A stela preso em largo fio volta;
De vindimas amigo, aves amante,
Mostrava outono lebre e capa solta.
Com ganso, cabra e sistro ressonante
Novembro de Ísis parecia escolta.
Tem dezembro brandão trémulo e bravo,
Qual senhor joga, e veste como escravo.

105.2 stela corr. : Stellaz T Ny || 105.7 brandão
Tac brandão Ny brandão Flambó T

106

Brilhava Hemera como o claro dia
De hiperiónios fulgores adornada,
Suposto que menino, Otros regia
Véu fugitivo, tocha alumiada.
Mesembria ardente anfiscia parecia,
De Sol como em zénite reto coroada;
Moço Héspero com véu sobre a cabeça
Mostra temer que cedo lhe anoiteça.

107

Numa grande carroça que tiravam
Qual fogo em fumo férvidos murzelos,
Que na ação raios mostram que os cerravam
Em pretas nuvens de luzentes pelos,
Cobria a Noite manto onde brilhavam
De estrelas claras resplandores belos,
Tendo, se em roupa sombra iluminada,
Na mão tocha, se cândida, apagada.

108

Atenienses das Crónias observantes
No crónio Hecatombéon nomeado,
Usam de ouro cicadas rutilantes
No longo pelo em bugles anelado,
Perone guarneçada com diamantes
E broche a clâmis no direito lado;
Nos braços trazem braquionistes grossos,
Áureos colares nos gentis pescoços.

108.6 E broche corr.: He broche T Ny

109

Qual mostrando em nefanda atrocidade,
Toas feroz potência soberana,
Chora estrangeiro em triste adversidade
Junto do altar da Táurica Diana;
Tal, se bem que em castigo de maldade,
Humano em Rodas sente obra inumana,
Lúgubre em festa, certo em morte incerta
Tempo termina quando ao tempo oferta.

110

Como escravos servidos por senhores
Na festa, que a Mercúrio Creta ordena,
Das Pelórias tessálicos cultores
Em Geréstion devotos de Troezena;
De Lous na Babilónia observadores
Creem nas saceanas, glória, se em Coos
[pena;
Assim nas Saturnais, não tendo agravos,
Servem senhores, têm domínio escravos.

111

Aparecia o Cônsul sem trabeia
Ditador sem toscana gravidade,
Se escravo a quem fantástico gloria
Usava píleo como em liberdade.
Todos contentes na gostosa ceia
Recordam de Ouro a primitiva idade;
Mas passa, que amor-próprio ao bem
[submete,
Cessando a devoção, cessa o barrete.

112

A filha Vesta, virgem decantada,
Na larga nave esquerda aparecia
Junto a altar donde flama levantada
Pirâmide em cilindro clara ardia;
Pende-lhe da cabeça sublimada
Vêu tremulante, que ao baixar subia,
Pintando qual de lume emblema o fato
A móvel natureza em leve ornato.

113

Não só como inventora nas pinturas
Estiea em casas dirigia obreiros,
Com justos riscos altas estruturas,
Sábua debuxa aos práticos pedreiros;
A alisar tábuas, a entalhar molduras,
Destra ensinava aos rudes carpinteiros;
Mas entre festas plácidas suave,
Mostrava alegre, sem que exceda grave.

114

De estieas sacras Gregos avarentos
Sós comem de holocaustos reservados,
Com manga curta e larga em vestimentos
Trajam guapos poderes dilatados.
Efestrídes volantes batem ventos,
Sumptuosos coturnos têm calçados,
De psélions de ouro mostram rodas pares,
De anéis brilhantes cingem polegares.

113.6 rudes corr. : rudos **T Ny** || 114.4 poderes
corr. : Poderes **T Ny**

115

Nas Vestálias devotas reverentes
Andam descalças cândidas Matronas
Com tarentinas roupas transparentes,
No garbo moças, no sesudo donas;
Da cabeça os amículos pendentes
São no ombro guarnições de alvas otonas;
Ata-lhes ceccrífalo o largo pelo,
Tremulante estandarte entre o cabelo.

116

Como pela lei Clódia instituído
Eleito em Roma o grego Brotígaro,
Que é sempre por mais digno presumido,
O que o unânime povo julga caro;
Com tiara de púrpura vestido,
Abraça o roxo, desprezando o claro;
Porque sem ter questões na antiguidade,
Não cuida em cores, cuida na dignidade.

117

Assim luso arquigalo em compostura
Púrpura veste, e leva alta tiara,
De véu tremula a nítida candura
Na mão pátera libações prepara;
Mostra no peito em nítida escultura
Átis sem barba, pessinúncia cara,
De grave templo adorno relevante
Saturno triste e Vesta rutilante.

118

C'ó sacerdote sábio, calvo e velho
Que de Aberides retas leis avisa,
Moça na idade e idosa no conselho,
Virgem pura a vestal sacerdotisa;
Tendo ordenado as formas do aparelho,
Na entrada do jardim, que ares suaviza,
Aguardando a Viriato cuidadosos
Se inculcam tão civis como gostosos.

119

Apenas chega o heroico lusitano,
Sendo ao grande edifício conduzido,
Do aquaminário o galo soberano
Lústrica toma, e observa instituído.
Pede Viriato, como reto humano,
O que acha justo seja concedido;
E onde em tribonos alto o fogo ardia
Nas três faces, três súplicas fazia.

120

Pondo a mão na que a pura Vesta toca,
Não só primeira libação dedica,
Mas, quando atento à Virgem grata
[invoca,
Parte de uma bezerra sacrificia;
E enquanto o fogo a carne em fumo troca,
Coberto o rosto, tácito suplica;
Pois língua sem figura a clara mente,
Quais sons, ideias forma diligente.

118.2 Aberides corr. : Abderides T Ny

121

E como em primitiva antiguidade
Antes que a carne em ceia fosse usada,
De ervas e frutos fresca variedade
Era somente aos deuses consagrada;
De pinhas verdes própria quantidade
Tomando, em face a Rea dedicada,
Fazendo vénia e proferindo rogo,
Entrega às chamas do vorante fogo.

122

Já perto da ara a um cândido cordeiro
Que triste ausência com balido expressa
Por leite maternal, golpe ligeiro
O priva da saudade e vida à pressa;
De epilénio o licor, Líbano o cheiro,
Viriato ajunta ao fogo com cabeça,
E exalta ativo o crepitante pinho,
Fumo de incenso no vapor de vinho.

123

Já porca prenha ao mesmo fado corre,
Oblação, que oblações várias encerra,
Própria à Fecunda por fecunda morre,
Sensível tipo de insensível Terra;
Junto do altar da deusa que orna torre,
Sente em gosto de festa horror de guerra;
Vista por rito, morta por costume,
Se antes filhos nutriu, já ceva lume.

122.5 licor Ny Liqueur T

124

Enquanto undosa a flama devorante
Fumos levanta, cinzas abatendo,
Música forte em solfa ressonante
Forma entre confusões concerto horrendo;
Parece que do teto retumbante
Baixava o som por queda mais tremendo;
Tangem-se adufes, batem-se tambores,
Tocam-se frutas, dobram-se clamores.

125

Tira o sublime herói véu da cabeça
Tanto que chega à face de Saturno,
Mais porque em culto o antigo se conheça
Que por servir mais claro ao mais
[noturno;
Mostra que antes que Eneias apareça,
Lácio venera a Cronos taciturno;
Que era o guardar-se em sacrifícios cego
Uso romano e não costume grego.

126

Como alterando o célebre Taciano
Da bruta Ausónia o bárbaro costume,
Em que ao feroz Saturno triste humano
Era vítima infanda em voraz lume;
Lançada estátua em Tibre emenda o dano;
Por carne cera a flama só consume;
Porque a tocha, a vivente parecida,
Figura, extinta, a morte; e acesa, a vida.

127

Tal, na devoção pio, o herói famoso
Ao triste Cronos branca tocha acende,
Mostrando no holocausto luminoso
Que o tempo e fogo inda ilustrando ofende.
Pela estátua lançada em rio undoso,
No fogo incenso então mais próprio entende;
Porque se árduo é mudar rito arraigado,
De emenda a emenda passa no emendado.

128

E depois que a gentil sacerdotisa
Canta no hino, em louvor de Vesta pura,
Quanto o sublime peito sinaliza,
Contra horrendos Titões na guerra dura;
E o outro celebra o bem que fertiliza
Por normas de Saturno a agricultura,
Da mãe grande exaltando os benefícios
Na forma usada acabam sacrifícios.

129

Como em templo que a Vesta ofereceram,
Tem do edifício as portas clausuradas,
Quando a vitela toda ali comeram,
Segundo o mesmo rito estão fechadas;
Porque a Estiea e Lares entenderam
Competir cerimónias reservadas;
Sendo deuses das casas observavam
Recato em festa, como em casa usavam.

129.1 templo corr. : tempo T Ny

130

Porém, portas abriram quando comem,
O que a alta Berecintia dedicado,
E brindes repetindo horas consomem,
Que as masca a pena, e as traga o desenfado;
Sem que mais tempo do que o próprio
[tomem
Inda o Sol visto era Hermes invocado;
Porque como jornada longa resta,
Antes que acabe o dia acaba a festa.

CANTO
DÉCIMO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Do ponto que ao torrão mais eminente
Baixa a noite em período terceiro,
Sem lhe ornar manto o corpo diligente,
Que inspira o globo quarto no primeiro,
De altas constelações brilha somente
Fulgor pouco se reto, e verdadeiro,
Das que Oceano embarga entrar seu lago,
Perseu, Noiva com Pais, Pégaso e Drago.

2

Quando Tântalo em fixos pensamentos,
De saudades peníveis agitados,
Media o tempo pelos sentimentos,
Álgebra singular de namorados,
Quais anos dias, quais dias momentos;
Reputando entre afetos desvelados,
Busca onde assiste a que constante adora,
Pois não consente amor sono ou demora.

3

Junto à porta a Discórdia fraudulenta
Como homem revestida está parada,
Quando Ate fera astuta representa
De Ormia bela a figura sublimada;
Engano a engano em voz ficta acrescenta
De hiena olímpica espécie requintada
Mostra carícias para obrar rigores,
Inimiga de amor fala de amores.

4

Qual densa nuvem que em serenidade
Com vivas cores plácida recreia,
No tempo que escondendo a falsidade
Agrados mostra de coriscos cheia,
Alegre à vista, fera tempestade
Das côncavas entranhas desenfreia;
Encapotado o céu sibila o vento,
Chovem raios e pedras num momento.

5

Tântalo que inocente imaginava
Ser pessoa que acaso se detinha,
Ou que rendido amante namorava
Alguma oculta e tímida vizinha;
Se triste de achar gente caminha
Da prenda amada satisfeito vinha,
Que adonde a fé na mente os olhos cega
Inda o que claro vê constante nega.

6

Um pouco avança, e quando chega perto,
A Ormia reconhecendo, se estremece,
Já se entende dormindo, já desperto
Num tempo lhe parece, e não parece,
Crendo a seus olhos o reputa certo,
Crendo a quem ama sonho o reconhece,
Suspendido e confuso não sabia
Se mais à vista fé que à fé daria.

7

Mas ouvindo que em glória do presente
Seu nome articulava com desprezo,
Qual crepitante fogo velozmente,
Lá no betume subterrâneo aceso
Forma vorante rápida corrente,
Rompe fumante montanhoso peso,
A cólera exaltando paixões fuma,
Cora, raiva, ameaça, queima e espuma.

8

Qual bravo touro em desumana guerra
Com fúria agreste em natural de monte
Medonho brama, rapa irado a terra,
Inclina furibundo a dura frente,
A pontaria toma, os olhos cerra,
Investe, e manda ao lago de Caronte;
Tal fulminando espada reluzente
Ligeiro avança Tântalo valente.

9

Porém, tão forte como cavilosa,
A Discórdia o recebe cara a cara,
Do fero golpe a força vigorosa
No duro ferro do broquel repara;
Já lhe rebate os talhos animosa
Já se avança atrevida, já se para,
Aumenta-se o furor na resistência
Renova-se o valor, cresce a pendência.

10

Qual Palas fera e truculento Marte
Outra vez mostram forças dobradas,
Golpes repetem de uma e de outra parte
Curvos, revezes, retas estocadas;
Ambos mostram valor nas regras da arte,
Relâmpagos fuzilam das espadas,
Raios fulminam nos tremendos cortes
Trovões retumbam nos encontros fortes.

11

Já a Discórdia, que junto pretendia
Com zelos e vergonha embaraçá-lo,
Achando na constante valentia
Escudo forte para suportá-lo,
Se oprimi-lo e rendê-lo não podia,
Confuso e perturbado quer deixá-lo;
Sagaz espera que vencido seja
Da zelosa paixão com que peleja.

12

Do rígido combate fatigada
Pouco a pouco voltando se retira,
Mas sempre destra, ativa e precatada
Os golpes recebendo talhos gira;
Até que sagaz, vendo-se apertada
Porque Tântalo a dar-lhe um corte aspira,
Correndo adonde a luz não se conhece
Veloz foge, e subtil desaparece.

13

Bem como venatório cão feroso
Que dentro da lagoa se arremessa
Seguindo o manso pato, que medroso
Debaixo da água esconde o corpo à pressa;
Ligeiro nada, o busca duvidoso,
Voltando a várias partes a cabeça;
Tântalo em mares de paixões nadando,
Vaga indeciso e busca vacilando.

14

Corre ali, presumido lhe aparece,
Aqui desenganado se retira,
Já numa parte sobe, noutra desce,
Nesta rua atravessa, aquela vira;
Não podendo encontrá-la, se enfurece,
Ferve de raiva, cólera respira,
Irritado se queixa, triste para,
Vê gente, cobre a espada e oculta a cara.

15

Prudente adverte que o feroz ruído
Em toda a vizinhança dava brado,
Que ouvindo-se o combate, e conhecido,
Seu motivo seria suspeitado.
Evita ofensa, posto que ofendido,
Parte de cavalheiro, e bem-criado,
Desejava esperar, mas não se atreve,
Que atenção tanta a uma mulher se deve.

16

Recolhe-se, e pondera discursivo
Como a seguinte festa assistiria,
Porque indicando mágoa o pensativo
Mais nota ao triste a alegre companhia;
Desculpa com recado submissivo
Manda, para escusar-se aquele dia;
Quer passar tempo, com que tudo passa,
Toma armas, e cavalo, e sai à caça.

17

Donde faz sombra amena a verde grenha
De alto cedro, que em ramos se dilata,
E por toscos rochedos se despenha,
Fugitivo ribeiro, que desata
Do cume excelso de fragosa brenha
Montes sonoros de espumosa prata,
Tântalo chega, mais de seu cuidado
Que de correr no bosque, fatigado.

18

Tanto na triste mente a mágoa abraça,
Como abraçara a causa do tormento,
Vagas ideias suspendido enlaça
Num labirinto, que ergue o pensamento;
Atende a mágoas, negligente à caça,
Retiro busca, e não divertimento,
Avaro de cuidados, por contrário
Reputa o que lhe impede o solitário.

19

Em tristes suspensões arrebatado
Parece que vagava adormecido,
Mas do rumor linfático acordado,
Nova ideia lhe dá novo sentido;
Beber procura, efeito costumado,
Da paixão, porque o sangue é comovido;
Pica ao desejo a vista, já se apeia,
Da mão faz taça, de água se recreia.

20

O leme, com que rege diligente
De Hipona o bruto, liga a verde planta,
Que foi de Átis figura subsequente
Quando incauto de Enteia ordem
[quebranta;
Pondo os olhos na líquida corrente
Do triste peito rouca voz levanta,
Já fala enfurecido, já suspira,
Brota golfos de amor em mares de ira.

21

Oh! Clamou: “Se quisera minha estrela
Que esta água desse a meu penar melhora,
E como a ardente sede extingue nela,
Gelara a cinza, que no peito mora;
Tivera bem dobrado no bebê-la
Se de tristes memórias Letes fora,
Causando esquecimento sempiterno,
Daria glória em parecer de Inferno.

22

“Como de Elísios celebrados creeria
Toda esta verde pompa de altas ramas,
Não com linfa, mas néctar entendera,
Que apagava de amor lânguidas chamas;
Mais que ambrósia a julgara, se pudera
Dissipar restos de caducas flamas,
Tíbias fuligens de apagada glória,
Cinzas que assopra o vento da memória.

23

“Oh! Peníveis lembranças matadoras!
Ecos que multiplica meu tormento,
De indomáveis paixões duras esporas,
Marés com que inunda o sentimento,
De martírios cruéis despertadoras,
Fumos tristes de um vão contentamento,
Espinhos duros de já secas flores,
Por manjar breve dilatadas dores.

24

“Se o gosto feneceu, morra a memória,
Se o bem me falta porque o mal me sobra,
Bastante mal seria não ter glória,
Sem ficar-me outro mal que o mal me
[dobra.
Dele não creio alcançarei vitória,
Porque tarde o doente se recobra,
Que enfermas recidivas tem consigo
E memórias serão para comigo.

25

“Que falei? Doudo fora se temera
Recaídas de amor com tal sujeito!
Uma ingrata! Uma bárbara! Uma fera!
Há de abrasar-me com ternura o peito?
Mais louco do que amante parecera,
Mais feitiço seria que no respeito,
De amor engano presumir engano,
Vista inconstância, ouvido desengano.

26

“Oh! Sexo, por quem tanto suspiramos,
Que nem contigo nem sem ti vivemos!
Em ti vida mortal principiamos,
E por ti, quando grandes, nós morremos.
Como a centro parece te buscamos,
Gratos do bem, que infames recebemos;
Mas quanto em mãos te adoças carinhoso,
Em damas te requintas enganoso.

27

“És rosa que em suave bizzarria
Picos esconde, se fragrância ostenta,
Sereia de quem perde a melodia,
Sol que muitas vezes queima, outras
[aqueita,
Tarântula que mata de alegria,
Estrela de Oríon, que faz tormenta,
Império com grillhões de cativoiro,
Peçonha disfarçada em grato cheiro.

28

“Mas oh! que injustamente criminamos,
Impondo a um sexo as faltas de um sujeito;
Como só contra os erros declamamos
Sem pesar das virtudes o respeito?
Por que o mal pelo bem não regulamos?
Por que abomina a língua o que ama o
[peito?
Sendo mal, por que tanto o prosseguimos?
Se bem, por que mal dele proferimos?

29

“Ou seja por razão ou por enleio,
Inda afeto a Ormia bela patrocina,
De meus próprios sentidos me receio
Que é cega a vista onde a paixão domina,
Por zeloso a mim mesmo não me creio,
Que evidência não vale quem desatina”.
Dizendo, ouviu na máquina frondosa
Entre rumor de folhas, voz penosa.

30

Os olhos volta onde o clamor ouvia,
Divisa entre nublados de aspereza
Ninfa gentil, que rápida corria
Com tanto de pavor, que de beleza.
Tigre medonha irada a perseguia,
Com tanto de furor, que ligeireza;
Turbada, a Ninfa temerosa clama,
Raivosa a tigre furibunda brama.

31

Corre ligeiro à fera embravecida,
E lhe arremessa um dardo penetrante,
Que chave à porta de purpúrea vida,
Treme languente a besta agonizante.
Tântalo pronto, se ela suspendida,
Veloz arranca espada rutilante,
Golpe tremendo imprime, e deixa à pressa
Sem medo a Ninfa, a tigre sem cabeça.

32

Cai o bruto já tronco, separada
A sublime raiz do movimento,
Que das relíquias da alma inda agitada,
Saltando nada em mar sanguinolento;
Rubicunda torrente derivada
Do palpitante corpo truculento,
Que entre espasmos medonho, em sangue
[imundo,
Na vida é fero, na morte furibundo.

33

“Quem és?” Tântalo diz, “Quem és
[senhora?
Que em suspensões plausíveis me
[embaraças,
Mais de homens, que de feras caçadora,
Trazes nos olhos redes donde enlaças;
Falta de armas com graças matadora,
De brutos foges, quando a humanos caças;
Dando em beleza doce e traje forte,
Se às feras ameaço, aos homens morte.

33.7 traje corr. : trajem T tragem Ny cf. XI.77.2

34

“De uns tímida, para outros valentia
Mostras nessa lindeza soberana,
Inflamando de amor com medo fria
No belo, deusa, no pavor, humana;
Ostentas com formosa bizzaria
De Vénus rosto em trajes de Diana.
Diz: quem és? Pois vejo se reveste
Paixão terrena de gentil celeste.”

35

“Eu sou”, responde a Ninfa, “quem pudera
Ficar por tua filha conhecida,
Pois no livrar-me dessa horrível fera
Me deste sem gerar-me nova vida;
Se mil juntas gozara, mil perdera
Por mostrar-te vontade agradecida,
Mas enquanto ocasião não move intento
Supra o desejo pelo pagamento.

36

“Declarar-te quem sou não significa
Até não me chamar desempenhada;
Em tanto por meu nome só publica
Qual próprio o apelativo de obrigada.
Se a sorte o que desejo me licita,
Verás tão grande ação recompensada
Como em bronze a terei fixa em memória,
Sendo o causar-te gosto o dar-me glória.”

34.6 trajes corr. : trajens T trages Ny || 34.7 Diz
corr. : Dize T Ny

37
Qual com Noto e trovões noite horrorosa
Encapota o convexo firmamento,
Mas corrida a cortina vaporosa,
Se muda a cena, quando muda o vento;
Aparece em campina luminosa
De estrelas coruscante regimento
A quem Selene de fulgores cheia,
Celeste coronel, capitaneia;

38
Tal precedendo vozes e latidos
Que entre ecos de buzinas se enfortecem,
Suspensões de olhos já, se antes ouvidos,
Cópias de cães e Ninfas aparecem.
Terrenos asterismos confundidos
Quais se Prociona e Astrea renascessem,
Esquadras venatórias que Ericina
Lua acompanha, e general domina.

39
Qual tenrinha cordeira quando sente
Da mãe saudosa o trémulo balido
Que à pressa busca, a Ninfa diligente
Corre onde ouviu das sócias o ruído.
Tanto move a saudade! A toda a gente
Motiva gosto achar-se o que perdido.
Às primeiras que encontra lança os braços,
Imprime beijos apertando laços.

38.6 Astrea corr. : Astreas T Ny

40
Como génio de gosto delicado,
Num salão grande arquivo de pinturas,
De imagens portentosas circundado,
Vaga indeciso à roda entre as figuras;
De uma atraído, noutra arrebatado,
Nota a beleza e marca as formaturas,
Já corre, já se vira, já se para,
Já mãos louvando, recomenda cara.

41
Tal na formosa coleção notava
Tântalo atento extremos de beleza,
Quando no rosto de uma contemplava
Ou promovia de outra a gentileza.
Já mãos, já graças, já feições prezava
Já cabelos, já garbo, já lindeza;
Girante a vista vaga duvidosa,
Crendo a que último vê por mais formosa.

42
Mas como excede entre agradáveis flores
Fragrante a rosa em púrpura e figura
Tal maior perfeição, graças maiores
Sublime ostenta a bela Cíntia pura
De natureza excelsa altos primores,
Indica o garbo e mostra a formosura;
Afável com plausível gravidade
Honesto com decente liberdade.

41.4 Ou promovia corr.: O promovia T Ny

43

De hábito venatório se reveste
Sem pompa de Argos que o vão luxo arrasta,
Sobre alparcas gentis pisa o terrestre
E no toucado meia-lua engasta;
Supérflua insígnia, pois fulgor celeste
Que o rosto emana por sinal lhe basta,
Dote supremo, elevação notável
Ao peito grato, aos olhos agradável.

44

Inda trémula em voz, pálida em cara
Se humilha a Ninfa a Nemorense Deia.
No rosto e no falar Cíntia repara,
De Tântalo, zelosa, amor receia.
“Oh Melissa!”, exclamou, “Detém-te, para!
Se pode comover-te Citareia,
Não chegues, que os prelúdios da vontade
São já manchas na pura castidade.”

45

“Antes”, Melissa diz, “perdera a vida
Que achar-me assim pintada em teu
[conceito
Porque a desconfiança é mais sentida
Quando sincero a não merece um peito!
Nunca seria casta, se oprimida,
Por meu génio é durável teu preceito;
Não julgues pois sujeito de incerteza
Composto de obediência e natureza.

46

“Sou devedora a quem presumes quero,
É discreto, gentil, belo e valente,
Salvou-me terno desse bruto fero,
Resoluto, animoso e diligente.
Vê quanto pode um peito, que severo
Inda a tais móveis fica renitente.
Oh! Como penha rígida me alista,
Pois ninguém rende ao que este não conquista!

47

“Ontem quando o crepúsculo noturno
Era monstro neutral de noite e dia,
Tão fatigada por calor diurno
Como por passatempos de alegria,
Caí rendida ao sono taciturno,
Pagando o feudo, que inda não devia;
Mas a falta de amores e cuidados
Lhe antecipa os tributos duplicados.

48

“Alegre, sã, cansada e satisfeita
Vê como dormiria docemente,
Sem cuidado, ambição, medo, ou suspeita,
Enfim ditosa, por viver contente;
Não reparo que seja a cama feita
De pluma branda ou lagem renitente,
Porque só quem mal dorme ou quem mal
[come,
Busca acepipes para o sono ou fome.

44.3 Cíntia corr. : Cyndias T Ny cf. *supra* 42.4 ||
44.6 Cytharea T Ny cf. *supra* II.1.1

48.4 Enfim corr. : Em fim T Emfim Ny || 48.6
lagem Ny Lágem T

49

“Tanto me encanta a glória soporosa,
Que insensível fiquei para a chamada,
Triplica sons buzina sonora,
Mas sono excede a força triplicada.
Expande a noite a capa tenebrosa
De sombria tinta e de fulgor privada,
Confusa acordo, triste me envergonho.
Já cuido, é facto; já presumo, é sono.

50

“De luz privada ao progressivo inerte
Me incapacita a sombra o procurar-te,
Quando forte o desejo aspira a ver-te,
Torpe a vista flutua para achar-te.
Cega e turbada temo de perder-te
Pelo mesmo caminho de buscar-te;
Imóvel fico até que o claro dia
É para os olhos tocha, e passos guia.

51

“Como o piloto inda que sabe o mapa,
Nas entradas do porto não versado
Porque o giro do globo a luz lhe tapa,
Espera atento e aguarda precatado,
Comprime as velas, boia tardo à capa,
Mais passeia que avança em mar salgado;
Mas vendo o Cínio, já traquetes volta,
Já cordas puxa e todo o pano solta.

52

“Tanto que observo a Cássio refulgente,
Veloz quero ganhar tempo perdido,
Qual tendo luzes voa prontamente
Açor que antes vendado é suspenso;
E como o galgo adonde o rasto sente
Corre inda no caminho repartido,
Vestígios busco, e livre de embaraços,
Meus passos movo ao móvel de teus
[passos.

53

“Ia seguindo-os, quando sou chamada
Por retumbantes ecos da buzina,
Que em sinais estrondosos da alvorada
Desperta para a caça matutina.
Ouço-a distinta, posto que afastada
Corro ligeira adonde o tom me ensina:
Norte o reputo, e dele só me valho,
Porém rodeio, presumindo atalho.

54

“Qual piloto apressado, que inexperto
Da rápida passagem de corrente
Se mete no canal donde mais perto
Que à roda o porto em carta está patente,
Da água expulsado vê seu desacerto,
Acha demora em moto diligente;
Tal deixando a carreira já trilhada
Fui deste rio cândido embargada.

53.1 Hia seguindo-os T Hia-o seguindo Ny

55

“Mas como junto à costa o navegante
Vai passagem de estreito procurando,
Por margem da ribeira caminhante
Em busca de uma ponte vou baixando,
Observo o que desejo se distante,
Mas diligência em perto o foi voltando.
Muito pode o trabalho! Com porfia
Vence, inda o que impossível parecia!

56

“Na ponte corro, mas a poucos passos
Tramoia da Fortuna a reconheço
Porque enganosa em mal seguros laços
Se ostenta arrimo para ser tropeço;
Precipita-me envolta em seus pedaços,
Que, se ligeira subo, à pressa desço
Entre ondas e ruínas submergida,
Bebendo morte e vomitando vida.

57

“Ministra-me o perigo fortaleza
Faz-me valente o ver desesperada
Que o resto lança opressa a natureza,
Põe mais forças de forças defraudada;
Estribando o socorro em ligeireza
Nado pronta, mas boio fatigada,
Pego-me a um ramo, que em veloz corrente
Foi viva amarra de baixel vivente.

58

“Qual mercador que embarca na esperança
De acumular riquezas, naufragante,
As por que entrou no risco em risco lança
No proceloso pélagos inconstante;
Tal na água arrojo, porque já me cansa,
Rica aljava com setas gravitante,
Porque a Fortuna vária em seus reveses
C’o defensivo ofende muitas vezes.

59

“Em terra salto quando Febo ardente
Mostrava o corpo com que anima o dia,
Se espíritos me exalta por fulgente
Por cálido me enxuga a roupa fria;
Brilhante e seco ampara do bremente,
Dá-me proveito e excita-me alegria.
Vaga inconstante a nunca firme sorte,
Já pinta vida, já decifra morte.

60

“Alegre contemplava em meu perigo,
Porque motiva gosto o mal passado,
Quando renova mostras de inimigo
Hídria de riscos meu contrário fado.
Na terra adonde entendo achar abrigo
Encontra novos sustos meu cuidado,
Como círculos na água a pedra aumenta,
Infortúnios a sorte me acrescenta.

58.5 cansa corr. : cança T Ny || 60.4 Hydra T Hyra
Ny

61

“Essa tigre feroz, que não temera
Se com setas ou dardos protegida,
No modo e natureza dobre fera
Me investe contra mansa, enfurecida;
Fujo, porque o temor jamais espera,
Corro, porque é ligeira a perseguida;
Porém, languente fora presa triste
Se Herói tão forte pronto não me assiste.”

62

“Basta”, lhe disse a alegre Segestana,
“Veloz se muda quem veloz suspeita!
Julgou-te amor, que facilmente engana,
E inda a mais firme com zelos não respeita,
O carinho que ampara também dana,
Confusa teme a que ama satisfeita,
Porque afeto alta espécie é de avareza
Que ávido mais reserva o que mais preza.

63

“E tu famoso herói de nobre peito,
Cobarde em língua em coração valente,
Fala animoso, chega satisfeito,
Publica ação que obriga doadamente
Salvando vida, que por minha aceito,
Duas tens devedoras juntamente
Porque de ânimo grato é reputada
Fineza própria a feita à prenda amada.”

64

Tântalo disse, “Oh! Sacra Divindade
Que irmã presumo do que rege o dia
E, ostentando celeste majestade,
Substituis regente em noite fria;
Não louves se é devida a humanidade,
Que vendo a humana em risco me incumbia,
Ser mulher sobejou para comigo
De meu socorro era ordem seu perigo.

65

“Quem deixaria tanta gentileza
Sem que arriscasse em defendê-la a vida,
Quando por nobre impulso a natureza
À proteção do belo é comovida;
Sente-se que o sublime da beleza
Como obra rara seja destruída;
No fogo entramos por livrar pintura,
Dentro em ruínas por salvar figura.

66

“Se a tanto move o que somente imita,
Que não faria original tão belo?
Se o metal louro a riscos precipita,
A que não promovera tal cabelo?
Quando se a vil cobiça a aquele incita,
Neste a nobreza inspira a defendê-lo,
Pois reina em sangue ilustre a paixão forte
Que entra por bela glória em feia morte.”

67

Como expirando a já gastada vela,
Acrescenta em delíquios mais fulgores,
Aumentava languente a Ninfa bela
Mais raros dotes perfeições maiores;
Trémula, porém, como luz de estrela,
Formosura esmaltava com temores,
Susto e lindeza envolve em tal enredo
Que sobe a graça por degraus do medo.

68

Entre sustos de pálida agonia
Requintes de beleza debuxava,
E em melhor prospetiva a descrevia
O medo forte que lhe a cor mudava;
Um não sei quê sublime lhe influía
Quando parece mais a aniquilava,
Porque mais enfiada é mais formosa,
Mais negligente corre mais briosa.

69

Como já desmaiada a candideza
Por fragrâncias que exala pelo vento
De aromática flor delicadeza,
Alento perde tributando alento;
Assim deste prodígio a gentileza
Quando entre horrores de final momento
Lânguida anima, fraca a força excita
Corações move, peitos ressuscita.

70

“Oh Deusa! Se me à sorte conheceras,
Se o quanto sou de amores maltratado,
Desconfiança tal nunca tiveras,
Pois jamais creras que seria amado!
E te embargara – oh Ninfa! – se quiseras
Mais que teu génio meu contrário fado,
Porque é tal minha estrela que imagino
Trocaria a teu gosto meu destino!”

71

“Festejo”, Lafria diz, “que o desengano
Nos enganos de amor tão cedo achasses,
Que a rosto descoberto a esse tirano
Sem máscara de afagos contemplasses.
Foi teu bem no princípio achar seu dano
Por que danos maiores evitasses,
Como sucede a quem perdendo logo
Lhe enfada o desenfado, e deixa o jogo.

72

“Se às vezes desembarca arrependido
O que sofreu tormenta inda ancorado,
E por risco no porto prevenido
É do naufrágio em mares preservado;
Espero que te emendes, advertido,
Pelo mesmo que foste maltratado,
Reputando a Amor golfo tormentoso
Com plausíveis bonanças enganoso.

70.8 Trocaria corr. : Troceria T Ny

73

“Nele Cilas verás mais arriscadas
Que a dura em fero mar siciliano,
Não com vozes caninas mal formadas,
Mas de Sereias deleitoso engano.
Atraído por Sirtes disfarçadas,
Em suave aparência acharás dano,
Por girantes Caríbdis envolvido
Ficará teu discurso confundido.

74

“Alerta, pois, sê teu piloto, alerta!
No leme da prudência tem cuidado,
Da precaução discreta escota aberta,
Sonda, e verás navegas enganado,
Vigia, que é tormenta Amor, desperta,
Recolhe o pano de seu vento inchado;
Porque inda que Favónio te parece,
Em te engolfando, em furação fenece!

75

“Sê como vigilante marinheiro
Que da nuvem distante se receia,
Antes que chegue ao risco o vê primeiro,
Na calma o vento, e na branda água a
[areia.
Foge, foge de mar tão lisonjeiro,
Ao porto volta, ancora, amaina, arreia;
Porque acharás, se incauto te engolfares
No mar de uma paixão, de paixões mares.

76

“Se em mundo humano breve, mas
[perfeito,
É lume a razão, qual Sol brilhante,
Extingue a chama, que inda te arde em peito,
Como apaga a da vela rutilante;
Volta em raios fulgores do conceito,
Seja em vontade o juízo fulminante;
A um desejo um discurso abata logo
Feneça um fogo as luzes de outro fogo!

77

“Usa prudência, não como chuveiro,
Que breve a um grande incêndio mais
[agita,
Porém como dilúvio, que ligeiro
Em cinza fria ao fogo precipita.
Seja tua razão monarca inteiro,
Que a seus vassalos o poder limita,
De rebeldes paixões não sofra agravos,
Castigue seu furor como de escravos.

78

“Enquanto não te mostro agradecida,
Com facto e gosto o empenho de ajudar-te,
Toma conselhos de reconhecida
Como princípios de patrocinar-te.
Recebe em tanto normas para a vida,
Que mais destroça Amor, que ofende
[Marte;
Duro este, mas ligeiro, a acaba logo,
No brando aquele duro, alento fogo.

76.2 lume a razão corr. : Lume da razam T
Lume da Razão Ny

79

“Obra como tirano que enfortece,
Para maior tormento, o condenado,
Revivente cardíaco parece
Quando aumenta o sintoma duplicado;
Seu bem, de Prometeu fígado, cresce
Para ser novamente devorado;
Como urso afoga quando terno abraça,
E como hera derroca quando enlaça.

80

“Jura Aníbal contra a romana glória,
É nos Alpes discreto, em Canas forte,
Mas deixando murchar fruto, a vitória,
De Amor despojo, injúria é de Mavorte.
Derroca a paixão força, arte e memória,
A quem tantos venceu, vence um só corte;
Não o embarga Sagunto ou para Alteia
Mas porque amante, em Cápua, a humilde,
[arreia.

81

“Mostra a Giges Candaules mulher que ama,
Porque ama, ostenta, e porque ostenta,
[morre;
Arde Leandro na água em viva flama,
Mas se apaga a de Amor da vida e torre;
Guarda chama a Piríssoo, e mata-o chama,
Que inda Amor queima a quem fogo
[socorre;
Pela filha de Crises ferve em pena,
Deidamia o para, corre a Polixena.

82

“Morta Virgínia, mata-se Cassino
De amor cativo a quis fazer escrava,
Por Lucrecia tem Sexto outro destino
Que o amor mais que a soberba a Roma
[agrava;
Por bela Ônfale fia o Tiburtino,
Meneia roca quem venceu com clava,
Dejanira bastou para rendê-lo:
Mais que Hidra, Serpe e Inferno pode o zelo.

83

“Deixa logo paixão, nunca prezada
Se não quando é loucura no extremoso,
Glória penosa, falta celebrada,
Porque o excessivo sempre foi vicioso.
Esta máxima guarda rubricada,
Seja farol de teu viver gostoso,
Nela atento medita noite e dia,
Porque receio falo em profecia.”

84

Disse, e voltando com ligeiros passos
Nos verdes ramos pronta se emboscava,
Abrindo com rumor frondosos laços
Dormentes feras válida acordava;
Movendo ativa os delicados braços,
Já tiros sobre tiros disparava;
A buzina retumba, os galgos correm
Setas plumosas voam, brutos morrem.

85

Como de abelhas bando sonoro,
Que diligentes vão seguindo a mostra,
Acompanhava exército brioso
De belas Ninfas a Amaríntia destra;
E como em semicírculo espaçoso
Se estende a armada em bélica palestra,
Formando-se em cordão junto se move,
Arco gentil que de arcos setas chove.

86

Ferve no bosque a caça perturbada,
Por vozes e ruídos aturdida,
Dos ecos das buzinas espantada,
Do rumor das folhagens comovida;
Pelos ligeiros galgos acossada,
Pelas formosas Ninfas perseguida,
Brama um bruto ferido, outro responde,
O forte investe, o tímido se esconde.

87

Qual no vale Gargáfio deleitoso,
Voraz Pânfagos, Dorceu vigilante,
Melanos preto, Aëlo proceloso,
Dromas ligeiro, Oribaso vagante,
Pintada Sticte, Asbolo tenebroso,
Hileu silvestre, Canache sonante,
Lacne peluda, Labros apressado,
Perseguem feros a Antoneu mudado.

88

Tal de valentes cães bando campestre,
A veloz gamo rápido seguia,
Ligeiro Omelímpo os ensinava mestre,
Precede capitão da companhia;
Nadar parecem sobre mar silvestre
Um gane, um ladra, um salta, um late,
[um guia,
Lânguida a caça já sem força corre,
Gemendo para, pelejando morre.

89

Esse que Meleager não receia
Inda que a toda Calidónia espanta,
Primeiro móvel do furor de Alteia
Quando objeto do golpe de Atalanta;
Já caía rendido sobre a areia,
Já mostrava de flechas cópia tanta,
Que assim como de sedas parecia
Que igualmente de setas se cobria.

90

Tanto que Upis formosa disparava,
Sem demora o fazia alva Crocale,
Ligeira Ranis dardo arremessava
Não se esquecia a plácida Firable;
Cândida Psecas pronta as imitava,
Nifé venábulo mete, lança Hiale,
Que é de Oreades tanta a disciplina,
Que todas ferem se feriu Priapina.

88.3 Omelímpo corr. : Omclímpo T Ny ||

90.6 venabulo Ny venablo T

91

Tendo a casta Melissa agradecido
A ação de estimações merecedora,
E com submisso termo repetido
Protestações de eterna devedora;
Pede licença a Tântalo sentido,
Para ir seguindo a Deusa caçadora,
Como nevada garça que ligeira
Segue entre o bando os voos da primeira.

92

Como em Delfos confuso o que recebe
A enigmática voz da Pitonisa,
E entre os ambíguos termos não concebe
Resposta certa de oração concisa,
Vacila dúbio, ignora o que percebe,
Mas comenta a seu gosto o que lhe avisa;
Tântalo amante não se desengana
Suposto que a Ormia ouviu, e ouça a
[Fasiana.

93

Como o juiz que seu voto não divulga
Sem prova clara em causas intrincadas,
A sentença contra Ormia não promulga
Sem que evidências tenha confirmadas;
Inda aos sentidos por suspeitos julga
Da paixão testemunhas subornadas,
Zelo fiscal se empenha a convencê-la
Mas advogando o gosto, amor apela.

94

Monta o bruto, em que Célio foi mudado,
E ganha opresso o sensitivo alento,
Engala airoso o colo sublimado,
E regula a compasso o movimento;
Já de acicate agudo molestado
Veloz imita na carreira ao vento,
Brotando um mar de espumas parecia,
Não só correr mas que nadar queria.

95

Enquanto pelo bosque deleitoso
Tântalo amante lúgubre vagava,
A uma edícula de Hermes caviloso
Viriato forte os passos directava.
Suposto que pequeno, sumptuoso
O perfeito edifício se elevava;
Porque arte com subtil delicadeza
No mais pequeno ostenta mais grandeza.

96

No meio sobre pedra alta e quadrada
De Hermes sábio a cabeça aparecia,
Porque a ciência no sólido fundada
É só digna do nome e de valia.
Breve pétaso que asa duplicada
De um lado e de outro extensa guarnecia;
Que onde um firme discurso é reto aviso
Guarda em voo igualdade alto juízo.

97

Nas quatro largas faces deleitosas,
Que a grande base cúbica formava,
Em quadro, quadros, lâminas vistosas,
Dobre moldura um friso separava;
Donde as beldroegas brancas, mas
[formosas,
Relevado perfeito levantava,
Ao Bocas que vozeia e não se enxuga,
Caduceu, bolsa, galo e tartaruga.

98

Nas lâminas ferentas aparecem
Arcádios de Argeifontes sempre amantes,
Cilénios de Élis, porque os gostos crescem
Vendo em patrícios dotes rutilantes;
Moços da clara Atenas não se esquecem,
Porque são férias gratas a estudantes;
Sós festejam com mestre, que os ensina,
Que o livre ócio a anos tenros arruína.

99

De Beócia os Tenagreos mostram
[contentes
Que Hermeias festejavam com cuidado,
Pois temendo da peste os acidentes,
De um cordeiro anda um moço carregado.
Como Crióforo fez, fazem prudentes,
Que é proveitoso bem sempre imitado,
Obrando como obrou lhe davam glória,
Porque era um facto de outro facto história.

100

De Aérea escravos, senhores nos vestidos,
Como a escravos mandavam seus senhores,
Que os domínios por festa convertidos,
De cativos fez culto superiores.
Mas quantos como Esopo esclarecidos
Mais que em tela sem saial mostram
[fulgores,
Que a sorte, se polir, fará brilhante,
Mas natureza só forma o diamante.

101

Nas Mercatórias férvidos Romanos
Mostram que alma de império é mercancia
Porque, inda à força de armas soberanos,
O governo sem trato é sem valia.
Quais bisonhos operam veteranos,
Se a paga falta, quando chega o dia;
Jamais reino se aumenta em própria terra
Ganhar de outros na paz, conquista em
[guerra.

102

Donde Nómio de Nómio os bois furtava
A Bato em pedra de tocar converte,
Porque inda ao que ladrão, perjuro agrava,
E ao vício alheio, o cego em próprio, adverte,
Donde inda infante a Idálio superava,
Que a indústria mais que a força amor
[submete,
A Vénus rouba quando a beija amante
Que é já mau génio num rapaz gigante.

100.1 Æria T Aria Ny || 102.7 a beija corr. : o
beja T Ny

103

Se aqui deixa a Fitálmio sem tridente,
De Britóvio ali furta a larga espada,
Com tenaz de Vulcano vai contente,
Porque a um grande ladrão tudo lhe agrada;
Tira o cetro de Horomesdes potente
Mas quando aos raios vê, faz retirada;
Que passa o roubador mais caviloso,
De ser muito atrevido a mui medroso.

104

Por letras, se armas não, sábio triunfante
Num carro é por dois galos conduzido,
Levando por cadeia áurea e brilhante
Na orelha preso a alegre suspendido;
Que da eloquência a força dominante
Cativa se deleita pelo ouvido;
Almas recebe e almas conduzia,
Porque a Tártaro, ou Elísio, a língua guia.

105

No tempo que pastor plácido toca
Verdugo acaba de Panoptos vida
Que inda olhos todo é vigilância po'ca
Contra a traição no gosto introduzida.
A Aglauros mostra feita em dura roca
Quando Herse nega, que antes prometida;
Porque a quem move lucro, e para inveja,
Faz que a pena do vário o fixo seja.

106

Se de Alcidâmia brilha a formosura,
Acacálide garbo patenteia,
Iguala Filodâmia o belo a alvura
Cleobula, Ocíroo, Issa, Eriteia;
A Ladónia entre as lindas se mistura,
Rionófila estar junto não receia,
Daíra o longo cabelo atenta enlaça
Dava Hiéria glória quando ri com graça.

107

Viriato apenas chega em rito usado
Molhando-o o hissopo, o imundo
[purifica,
Por mercurial bezerro examinado
A Harpedóforo astuto sacrifica,
Pondo a mão forte sobre altar quadrado,
Humilde implora e férvido suplica,
Enquanto incensos derretendo o lume
Moles entranhas rígido consume.

108

Tendo já, satisfeitos da comida,
Principiado os jogos, se reporta
Que de Évora uma tigre enfurecida
Aos bosques foge quando as grades corta;
Que muitos se temia percam vida,
A não ser com cuidado presa ou morta;
Porque no dar socorro a diligência
É mais que ao tarde a válida potência.

104.2 dois Ny dous T || 110.7 A Ctaro corr. : Actaro
T Ny

109

Viriato apenas ouve se levanta
E disse: “Contra a fera caminemos
Porque se o desenfado nos encanta,
Mais viciosos que bélicos seremos!
Não culto, ofensa, em negligência tanta
A Ctónio ativo lânguidos daremos;
Que o dar socorro é próprio a soberanos,
Dos deuses cargo, a proteção de humanos!

110

“Tântalo, forte amigo e companheiro,
Nos bosques anda divertido em caça,
E é tanta a glória de expirar guerreiro,
Como a de opresso fenecer desgraça!”
Disse, prudente, e em mão tomou ligeiro
De puro vinho cheia rica taça.
A Ctaro liba, e em termo de humildade
Faz brindes meta da festividade.

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
DÉCIMO PRIMEIRO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Já passa a linha que divide o dia,
Fulgente Alexíacos, quando chega
Tântalo amante adonde fonte fria
Cheirosas flores cristalina rega.
Vago em mar de paixões, falto de guia,
Descobre a Urânia como quem navega
Perdido o rumbo na tormenta forte,
Que entre o nublado reconhece o Norte.

2

Apenas a divisa que repara
No trajem novo e rosto peregrino,
Suspenso admira na formosa cara
Prerrogativas de fulgor divino;
Como aparece o Sol por nuvem rara
Disfarce porém véu só cristalino,
Mostra nas excelências da beleza
Em forma humana a de outra natureza.

3

Divertido na linda equestre sente
Menos rigor na força do tormento
Mas não total sossego, pois na mente
Fixo revolve o duro sentimento.
Era a ideia satélite fulgente
Que circunda com dobre movimento,
Como a um centro girando, outro rodeia,
De Ormia cuida, contempla em Citareia.

4

Qual Vénus mesma, quando no horizonte
De claros resplandores adornada,
Primeiro que sublime se remonte
Nasce de outro planeta acompanhada,
Tal junto brilha a irmã de alto Faetonte
Por fulgores paternos ilustrada,
Com tantas graças, tantas excelências,
Que é maga mais por dotes que por
[ciências.

5

“Para!”, Epitragia diz, “Tântalo para!
Porque suspendas teu penar tirano
Verás fundir-se nesta fonte clara
O duro peso de um zeloso engano:
Verás de Ormia discreta a bela cara,
Seu firme amor, seu peito soberano;
Verás que tão confusa anda a verdade
Que inda no ouvido e visto há falsidade.”

6

Qual lindo passarinho já languente,
Exausta um pouco a máquina boyleana,
Recobra novo alento de repente,
Se ar dá vontade sábia e não tirana,
Tal grato alívio Tântalo persente
De ar que articula boca soberana,
Que ele sófrego aspira satisfeito,
E nova vida lhe introduz no peito.

6,5 persente **T** presente **Ny** || 6,7-8 versos em
caligrafia diferente **T** omissão em **Ny**

7

Como na vácuca pompa escurecida
Luz de animais, ou troncos, desfalece,
Porém tanto que porta é concedida
Com primeiros fulgores resplandece;
Em Tântalo a alegria suprimida,
Na viveza dos olhos aparece;
Demonstra nas ações, na voz, no rosto,
Fogosos atos de um sublime gosto.

8

Tanto que a Vénus ouve, sem demora
Em terra salta com fervor ativo,
Que o gosto pica, mas suave espora,
Tão grata ao racional, que ao sensitivo.
“Publicas”, disse, “Oh! Cândida senhora,
Divino ser no belo e compassivo,
Pois formosura com benignidade
São composto só próprio à divindade.

9

“Peço-te que me ensines claramente
Porque em tudo me deixes satisfeito,
A quem devo obrigado eternamente
Alento, glória, amor, graça e respeito;
Para que obras e línguas juntamente
Publiquem mostras de um devoto peito,
Divulgando as ações, dizendo o canto,
Fineza tanta, se é que posso tanto.

10

“Não creio me supera na alegria
O condenado, que perdão recebe,
Nem sequioso que na fonte fria
A linfa deleitosa ávido bebe,
Ou quem vaga perdido, ausente o dia
Que da próxima vila a luz percebe,
No porto goza o laxo navegante
E na sombra o rendido caminhante.”

11

Caía a fonte em tanque dilatado
Que em várias pedras mostra várias cores
Sendo por simetrias matizado,
Obra gentil de rústicos pastores;
Pois não foge o bom gosto do cajado,
E no saial também se acham primores;
À roda e junto à branca e ruiva areia
Brotava seus cabelos Citareia.

12

Da afluência que undosa tresbordava
Se forma unida a cópia de um ribeiro
Que em moto serpentino se enroscava
Beijando as plantas como lisonjeiro;
Se como presumido caminhava
Para ser do Xarrama companheiro,
Donde involuto finaliza o nome,
Porque a um pequeno um grande lho
[consome.

12.1 tresbordava Ny tresbodava T

13
Chega Tântalo à fonte, Idália manda
A bela Circes que ligeira opere,
Vira-se a maga de uma e de outra banda
Que de oito ventos o favor requere:
Move a vara, Euro corre, e Favónio anda,
Noto assopra, Septêntrio veloz fere;
Comovem-se alternados seus vizinhos,
Formam-se espiras de redemoinhos.

14
Outra vez sobre o chão com pressa
[ingente
Negra vara em mão cândida meneia,
Ora a sobe, ora a baixa diligente,
Círculos gira em círculos na areia;
Donde forma secante faz tangente,
Concêntricos de excêntricos rodeia;
Mostra em raio de corda atravessado,
Tanto o seno direito que o virado.

15
Pinta ao cosseno reto a complemento
Que a retângulo banda quarta dava,
Dobrando diagonais forma com tento
Triângulos que opostos igualava.
Sobre bases do mesmo comprimento,
Símiles na área em paralelos cava,
Isóscele, escaleno, equimedido,
De ângulo obtuso, reto e constrangido.

16
Riscando diferentes quatro lados,
Feios trapézios linda mão fazia,
Como em sombra beleza põem quadrados,
Que uniformes inculcam mais valia;
Acrescenta romboides inclinados,
De um paralelogram' ordem incluía,
Fazendo rombos de ângulos quaternos
Pinta o signo de 'spíritos Avernos.

17
De farinhas com sucos amassadas
Compõe, ligeira, cónicas figuras;
De umas inteiras e outras separadas,
Guarnecia do tanque as pedras duras;
Círculos de áreas desassemelhadas,
Se à base paralelas, dão sisuras;
Donde o vértex por áxis dividia
Iguais gémeos triângulos fazia.

18
De lado a lado, oblíquo separando,
Elipses diferentes figurava,
De eles, se em paralelo vai contando,
Parábolas diversas debuxava.
Até base ao través golpe inclinado
A transcendente hipérbole formava;
Pronta descreve, mede sem preguiça
Ordinada, parameter, abcissa.

18.4 debuxava Ny dibuxava T || 18.6 hipérbole
corr. : Hyperbola T Ny

19

De equimedidos corpos, que juntava,
Regulares platónicos fazia,
Se triângulos quatro aproximava
Tetraedron pirâmide subia.
De oito iguais octaedron figurava,
Com vinte icosiedron parecia,
Faz que hexaedron de seis quadros goze,
Dodecaedron de pentagons doze.

20

“Hécate, Hécate”, disse, “não pretendo
Chama voraz de ardente Flegetonte,
De Hidra perversa o deletério horrendo,
Nem medonhos tormentos de Aqueronte;
Não peço de Megera ardor tremendo,
Mas poder com que brote nesta fonte
Entre aparências de uma falsidade
Com trajem natural puxa a verdade.”

21

Falando misturava diligente
Líquido cristalino na água fria,
Repentina brotou procela ardente,
Frio com frio em fogo se acendia;
Confusas ondas levantou fervente,
Caos de matéria vaga parecia
Donde subiam com presteza suma
Bolhas, fumo, vapor, limos e espuma.

22

Como óleo de vitríolo anglicano,
Quando frio com fria linfa unido,
É, para antiga ideia, desengano,
De frio, e frio só calor nascido.
Oh! Quanto ignora inda o que sábio
[humano,
Se por falsos princípios conduzido,
O de calcanto e tártaro o reporte,
De oricalco rasuras e água-forte.

23

Bem como fervem, quando misturados,
Os ácidos pungentes e alcalinos,
Que em turbulentos motos fermentados
Broquéis ocos absorvem dardos finos;
Dura a batalha até que, despenhados,
Cheios de azedos baixam coralinos,
Se antes vários tipos de cobiça,
Satisfeitos, emblemas da preguiça.

24

Como óleo de antimónio transparente
Quando junto com linfa cristalina
Que aparece de polme cópia ingente
De claro e claro o opaco se origina;
Tal na água pura e líquido fulgente
Se acha o denso nascer de fino e fina,
Filho de transparência e transparência
Fusco monstro, confusa quinta-essência.

22.3 antiga Ny antiga T || 22.7 O de TE de Ny
|| 24.8 Fusco T Tusco Ny

25

Mas como de sais vários saturada
A linfa turva, enquanto o ferver cresce,
Que abatendo-se o fogo, e recobrada,
Ao primitivo ser clara aparece;
De vagantes cristais cópia nevada
Tendente se une, gravitante desce;
Tal já o tanque em diáfano jucundo
Sumptuosa casa descobriu no fundo.

26

E como a ativa agitação nitrosa
Tem nas pratas unidas força tanta,
Que na água, com virtude portentosa,
Troncos, folhas e frutos alevanta;
Formando em prospectiva deleitosa
De Ilitia casta a metalina planta,
Tal por que Eeia opera alta, subia
A casa onde Ormia cândida assistia.

27

Tanto que se elevou todo o edifício
Ao protótipo nobre assemelhado,
Baixa ligeiro o belo frontispício
Mais por arte que peso derrocado;
Mostra um larário de vanglória indício
Tesouro adonde o luxo tem guardado
O que Fenícia tinge, em Paros cresce,
Na Pérsia se fabrica e Mênfis tece.

28

Bem como telescopo reflectente
Que em claro espelho de metal burnido
Mostra a remota estrela refulgente
Ao transverso, que o vidro é conduzido,
E pinta obscura câmara patente,
Oblíquo objeto aos olhos escondido;
Tal a fonte retrata a casa bela,
Distante céu de retirada estrela.

29

Vê-se exaltada em célebre larário
De Almon filha Larunda, a mãe dos Lares;
No modo lhe dá língua o estatuário,
Porque muda, tem vozes singulares;
Crimina a Elício em termo imaginário,
Louva seus frutos postos nos altares,
Mostra que o belo impera no castigo,
Que inda a algoz fero muda em doce
[abrigo.

30

A Lara cercam Prestites caseiros,
De cão têm pele, orelhas e focinho;
Se perros, protetores verdadeiros,
Que nem subornam, ou mudam o ouro
[ou vinho,
Compitálíos fiéis, não lisonjeiros,
Que a estranhos ladram, donos têm
[carinho;
De Rómulo os Grundiles amadores,
C'roava louro e revestiam flores.

30.4 subornam, ou mudam corr. : suborna, ou muda T Ny

31

Do áureo teto as alâmpadas pendentes
Davam luz grande às parvas esculturas,
Descobrimo os reflexos refulgentes,
Mais arte no mais fino das figuras;
De Lício ou Mícon, mestres eminentes,
Imitavam primor gratas pinturas,
Parecendo as imagens que dão culto,
Em lisa tábua levantado vulto.

32

Não somente aos caseiros tributavam
Secretas oblações de incenso e vinho,
Com parte das comidas que gostavam
Pois manjar só prezado dá carinho,
Mas porca em Compitálias abrasavam
Donde cruza um caminho outro caminho;
Porque uns públicos, se outros reservados,
Creem guardar casas, creem defender
[prados.

33

Se inda ao culto por Sérvio instituído
Com sacerdotes escravos atendiam
Do oráculo ao Soberbo proferido
Os terríveis decretos não se viam;
Mas qual por Júnio Bruto construído
Com vegetantes racionais supriam,
Cabeças por cabeças, que primeiras
São verdes alhos, brancas dormideiras.

34

Não só com bela Mania e gémeos Lares
Os penetrales deuses aparecem,
Mas Hípio, Anax e Vesta nos altares
Como próprios Penates se engrandecem;
E no meio dos génios tutelares,
Que a cidade e contornos reconhecem,
De Lusitânia protetor Mavorte,
Inda em figura parva ostenta o forte.

35

Vivente adorno de adornada sala,
Entre o belo aparece Ormia formosa,
Que ora em braço inclinada triste cala,
Ora se agita fêrvida e chorosa.
Já suspirando entre soluços fala,
Já Tântalo nomeia cuidadosa,
Já mãos unindo junto à boca, e seio,
Vaga inquieta num veloz passeio.

36

Com mãos e rosto em lágrimas banhadas
Parece inunda rosas e açucenas,
Às por Mémnon da Aurora derramadas
Se imita em formosura, iguala em penas;
Já sucessivas correm despenhadas,
Já pouco a pouco baixam mais serenas,
Quando Fúlvia, que lhe ouve o triste
[pranto,
Entra e pergunta porque chora tanto.

37
“Suposto”, Ormia lhe diz, “sejas romana,
Nunca em mim viste fúrias de inimiga,
Porque o cometer Galba ação tirana,
Contra inocente a só tirano obriga;
Teu modo te faz mais que lusitana,
És mais parenta, porque mais amiga,
Sobre todos te exalta meu conceito
Pois sabes meu segredo, e vês meu peito.

38
“Disse-te que esse herói, que me namora,
Sem notícia do que amo, amor conserva,
Que o quer minha alma, que meu peito
[o adora,
Que afeto cresce quando afeto observa;
Que é cauta ideia a me explicar demora,
Porque a vontade sente o que reserva,
Tanto a vergonha feminina embarga,
Tanto o costume faz ternura amarga.

39
“Não, creio, ignoras que hoje em
[madrugada
A cavalo saiu sem companhia,
E que rompendo grades alentada
Minha tigre fugiu nascendo o dia.
Vê quanto me terá sobressaltada
A que antes de recreio me servia,
Solta dá medo, se deu gosto presa,
Que inda em ter brutos, riscos têm
[grandeza.

37.4 tirano corr. : tyranna T Ny || 38.3 o adora
T adora Ny || 39.8 riscos T risco Ny

40
“Já que até agora estive emudecida,
Sem fazer confissões de quanto adoro,
Anelo por mostrar-me agradecida,
Tributando o que devo a seu decoro;
Irei buscá-lo de armas guarnecida,
Varonil me exporei se mulher choro,
Amores falarei quando sisuda,
Com retóricas mãos, se língua muda.”

41
“Teu bom génio, e não meu
[merecimento”,
Fúlvia disse, “me deu felicidade,
Porque infeliz só logra valimento
No virtuoso asilo da bondade;
Mudando em glória meu padecimento
Tive mais dita em menos liberdade;
Porque tua vontade compassiva
Mais senhora formou da mais cativa.

42
“Mas se a fineza é feita a uma obrigada
Que a dívida em memória fixa encerra,
Me reputo cativa, mais ferrada
Por forte obrigação que dura guerra;
Crê, pois, de escrava em pátria renovada,
Pois patrício é feliz na estranha terra,
Que reserva meu peito verdadeiro
Por téssera fendida afeto inteiro.

43

“Acerto carinhoso executaras
Em mostrar brava efeitos de ternura,
Mas se ao público amores revelaras
Foras público objeto de censura;
Deras desgosto ao mesmo que agradaras,
Porque alterar pode alterar ventura.
Cresce amor cultivado por segredo,
Se não temes da fera, a pai tem medo.

44

“Porque Viriato vendo tal beleza
No templo de Cibeles te admirava,
Que há de esperar-te entende com
[presteza
Como do peito o rosto aviso dava,
Sempre os velhos gostaram de riqueza;
Sempre impugná-los move a fúria brava,
Acenderias, se este amor presume,
Inda o vápido sangue em forte lume.”

45

“Que a Tântalo ache a tigre é contingente
E muito mais, se investe, o não matá-la;
No ânimo forte e no vigor potente
A heróis sublimes valeroso iguala.
Já Viriato saiu com muita gente,
Que afeto enternecido pronto abala;
Porque o patrício atua como amigo,
Se o que protege a pátria anda em perigo.”

46

Jamais Cefísio em fonte reclinado
Tão suspenso admirou gentil figura,
Como Tântalo na água arrebatado
De Ormia contempla a grande formosura.
Alegre, satisfeito e namorado
Louva de um firme amor doce ternura.
Mas Calva acena: funde a maga ativa
Da grata fonte a bela prospetiva.

47

Bem como íris de cores matizado
No miúdo chuveiro descendente
Que o troço de repuxo sublimado
Conserva erguendo a linfa transparente;
Quando oposto a cristal precipitado
Raios dirige Hilates refulgente,
Que em voltando-se a chave, num
[momento
Se dissipa o refrato luzimento.

48

“Viste, ó Tântalo”, diz Melanis, “Viste
Numa aparência, de outra a falsidade,
Que antes zeloso e cego presumiste
Ficção noturna por real verdade.
Sabe que é certo quanto agora ouviste,
Que a Discórdia inventou tanta crueldade,
De inimiga tão grande tem cuidado
Porque triunfa do engano o precatado.”

44.3 esperar-te corr. : esporarte T esperar-te Ny

49
“Vi”, Tântalo lhe diz, “clara senhora,
Vi tão contente como agradecido;
Contente porque achei quem peito adora,
Com peito forte e peito enternecido;
Grato, porque te devo, ó protetora,
Alvío moribundo, luz perdido;
Pois me deste em meu duro sentimento
Ao juízo advertência, à vida alento.”

50
Porque de amores mate Ormia formosa,
Basta o discreto, e sobra a gentileza;
Mas porque brilhe em tudo mais famosa
Faz de altas prendas timbre a fortaleza;
Hipsicracia constante, Harpe animosa,
Ostentando valor mostra fineza;
Cénis no lindo, mania em valentia
Inculca alento, exalta bizarria.

51
Fora imitando no viril Belona,
Contra as silvestres feras casta Alfea
Domando o bruto a quem governa Hipona,
Brava Marpésia, atroz Pentesileia,
Com belo rosto e peito de Amazona,
Forte Minítia, linda Galateia,
Lâmia formosa, Harpállice valente
Hipodamia gentil, Febo potente.

51.4 Marpésia corr. : Marsepia T Ny

52
Défile em cara, Otrera em fortaleza,
Quíone em garbo, Eríbie em valentia,
Lampedo em coração, Híera em beleza,
Martésia em peito, Tiro em bizarria,
Celeno em bravo, Ercília em gentileza,
Licaste em formosura, Argia em valia;
Quis, descobrindo a mão, mostrando o
[rosto,
Dar morte a brutos, quando a humanos
[gosto.

53
“Por princípio”, diz Cólías, “da verdade
Que admiraste suspenso nesta fonte,
De armada turba vasta quantidade
Já viu que baixa desse altivo monte;
De ilustre sangue a nobre gravidade
Nota em quadrilha que já tens defronte,
E irás, Tântalo, vendo sem demora,
Que Viriato te quer, se Ormia te adora.

54
“Oh! Seja a fonte a de Anapavomenos
Que a aceso apaga e que a apagado acende,
Do zelo acabem férvidos venenos,
À morta chama amor feroso emenda.
Não movam seus cristais como os Selemnos
Ou de Cocito que o amor terno ofende,
Cause uma como duas Beócia glória,
Ao zelo esquecimento, a amor memória.”

54.6 Cocito corr.: Cocico T Ny || 54.7 Beócia
corr. : Boetia T Ny

55

Disse; e juntos correram velozmente
Pela amena campina dilatada,
Como ouro e pluma descem igualmente
Na pneumática bomba de ar privada.
Aproxima-se já parte da gente,
Que a Tântalo procura desvelada;
Pronto Viriato o divisou primeiro,
Que Argos foi sempre o amigo verdadeiro.

56

Já pronto corre, já veloz chegava,
Já grita que o supunha, já que o cria,
Já ligeiro do bruto se apeava,
Já seu cuidado a Tântalo dizia;
Qual David vendo a Jónatas mostrava
Acates junto a Eneias parecia,
Búfago que a Teseu busca em perigo,
Dámon de Pítias verdadeiro amigo.

57

Donde o herói chega, muitos vão
[chegando,
Manda faça o sinal córnea buzina,
Retumba ativa os ares ondulando
Vagos convoca, direções ensina,
De um lado e de outro já se mostra
[bando,
Qualquer pronto primeiro ser destina;
Que pica a amparo a espora da amizade,
E é Dédalo veloz boa vontade.

58

Conta Tântalo em suma a grata história,
De como a tigre horrível destroçara,
E em prémio nobre de feliz vitória
Caçadora gentil pronto livrara.
Sempre deu gosto o ouvir do amigo a
[glória,
Em qualquer revelava ao peito a cara;
Se este louva o bizarro, aquele o forte,
Se um preza o brio, outro exagera o corte.

59

Já montado entre os bravos cavaleiros
Do torrão busca a deleitosa estrada,
Por donde precursores vão ligeiros
Dar na cidade a nova antecipada;
Que sempre a alegre brota mensagens
Se por génio amoroso cultivada.

60

Quando Alfeu parecia que apagava,
Em mares de águas, mares de fulgores,
E que em túmulo undoso sepultava
Plausíveis luzes com vistosas cores;
Do contrário horizonte se chegava,
A viúva que deixam resplandores
Órfã de claridade sombra fria,
Morte funesta em que expirava o dia.

59 incompleta T Ny || 60.1 Alfeu corr. : Albeo
T Ny

61

De nuvens densa máquina pesada
Era de astros cortina vaporosa
Com que a celeste abóbada cerrada
Parece de caverna tenebrosa;
Monstro informe de sombra agigantada
Sobe a vaporação caliginosa,
Confusa a vista nos objetos erra
Não vê luzes no céu, cores na terra.

62

Austro vagante rápido assobia
Donde comprimido elástico empuxava,
Nuvens pesadas válido impelia,
Chuvas sonantes rápido espalhava;
Ondas levanta, casas abatia,
Plantas humilha, torres açoutava;
Trovões bramavam, se gemia o vento,
Treme a terra, fuzila o firmamento.

63

Entre raios e chuvas confundido
Parece ardia e se apagava o mundo,
Éolo forte manda embravecido,
Fulmina irado Bronton furibundo;
Deucalião julgara suspenso
Que outra vez era a terra mar profundo,
Tremera Ixíon, sentira-se Faetonte,
Fugira Pirra ao celebrado monte.

64

Como trazendo o amante passarinho
A seus filhos sustento que respira,
Ao parvo inseto trémulo bichinho,
Que em bico preso a cauda e testa vira;
Se a quem teme vê junto ao caro ninho
Cobarde foge, porém terno gira,
Veloz circunda a planta onde há deixado
De gosto efeitos, causas de cuidado.

65

Assim Tântalo amante e carinhoso
Donde Ormia assiste diligente vinha,
Que excedendo ao noturno o desejoso,
Por baixo da água férvido caminha.
Porém, chegando, volta receoso,
Pondera que o segredo lhe convinha,
Teme a uma língua mais do que a uma
[espada,
Ronda a casa onde vive a prenda amada.

66

Qual recente cordeiro que balando
Pela amorosa mãe, quando perdido,
Vai com trémulo brado o sinal dando
Por natural instinto conhecido,
Tântalo patenteia suspirando
O quanto anela seja de Ormia ouvido,
Entre as pausas do vento ais misturava,
Gemidos com trovões interpolava.

67

Ouve-o gostosa a cândida donzela,
E mais de amor que compaixão movida,
Porque é piedade, e não carinho o tê-la,
Só querer por querer paixão subida.
Abre debaixo de arco uma janela,
Donde é logo de Tântalo sentida,
Conhece-a e fala, quando no ar turbado
Dá relâmpago luz, dá trovão brado.

68

“Amor saudoso”, disse, “em meu tormento
Mais forte no que mais agonizante,
Rompeu grilhões de um duro sofrimento
Para vir procurar-te vigilante;
Névoas, chuvas, trovões, raios e vento
Nunca embargo serão de um firme
[amante
Que buscando sossego não vá logo
Nadando mares, e pisando fogo.

69

“Desta grande tormenta em que parece
Que em chuva e raios baixa o céu desfeito,
Meu constante valor não se estremece
Se terno sinto a que comove o peito;
Maior seria, se morrer temesse,
Que um contingente risco um certo efeito,
Lágrimas, ais, fervores e desmaios,
São terremotos, ventos, chuva e raios.

70

“Se atemoriza fera tempestade,
Palácio forte, ou casa bem fornida,
Dando abrigo nos dá serenidade
Inda em lúgubre noite escurecida.
Mas donde hei de buscar seguridade,
Se em peito sinto a morte, e tenho a vida,
Qual navegante c’o navio ardendo
Que do mesmo que o salva está
[tremendo?

71

“Se aplaca muitas vezes com fulgores
Hipérion claro a fúria das tormentas,
Como imitando a Haleno em resplandores,
As fervorosas de meu peito aumentas?
Porque ajuntando prendas com rigores,
Amor e sensitivo me acrescentas?
Depõe a graça para ser irrosa,
Ou não sejas cruel, sendo formosa.

72

“Deixa logo desdém, deixa fereza,
Que o belo se desfeia por tirano;
Iguala o carinhoso a gentileza
Porque se esmalta o lindo pelo urbano;
Troca por compaixão tanta aspereza
Terás génio divino em ser humano.
Vê que na condição benigna e pura
Consiste a mais plausível formosura.

69.3 estremece Ny estromece T

73

“Se não podem mover-te meus amores,
Movam-te as penas que meu peito sente,
Não me pagues finezas com rigores.
Se a amante não te inclinas, sê clemente.
Verás, se é culpa amor, faltas maiores
Porque sou pecador impenitente.
Se me castigas, seja a custo pouco
Com fazer-me um favor me farás louco.”

74

Ormia diz, “Se não crera galanteio
Essa ardente constância encarecida,
Inda que atropelara a qualquer meio,
Fora como obrigada agradecida;
Mas se embarga a vontade no receio
Que seja só na língua proferida,
Sendo amor fogo, sempre o mais luzente
Arde em pábulo menos permanente.

75

“Se astro que veloz sobe veloz desce,
Julga prudente a que subtil receia,
Mais depressa termina o que mais cresce
Nunca se eclipsa a Lua se não cheia.
Temo que essa constância não fizesse
Fábricas inconstantes sobre a areia;
Que formadas por vago pensamento
Sejam tão móveis como o fundamento.

76

“Não se ama a Ariadna em sendo Fedra
[amada,
Deu Creta amores, mas desprezos Dia.
Vista Creúsa, é Medeia divorciada,
Que volta amor voltando a fantasia.
Querida a Argiva, Enone é desprezada,
Que amor de monte em corte é sem valia.
Ninguém se viu que a Dejanira iguale
Até que encanta Íole, ou rende Onfale.”

77

Disse, vestindo em grato fingimento
A amor perfeito em trajas de ciúme,
Veloz aura que agita o movimento
Do sempre cego e nunca visto lume;
Rede para colher mais rendimento,
Falsa ironia do que se presume,
Política em que o gosto dissimula
O mesmo afeto que impugnando adula.

78

“Galanteio!”, disse ele, “Lisonjeiro!
Apressada não dê final sentença,
Prova-me em qualquer risco, vê primeiro
Se executo o que ordenas sem detença.
É desgraça que o falso e verdadeiro
Não tenham de explicar-se diferença,
Que seja a língua sem diversidade
Pincel do falso e chave da verdade.

79

“Com palavra sincera te seguro
Imóvel afeição ternura amante,
Religioso o prometo, e nobre o juro,
Sobre altares que acende honra flamante;
Como o presente amor, será futuro,
Viverei firme e morrerei constante,
Desprezarei por ti ricas e belas,
Que há de ofuscá-las, Sol, posto que
[estrelas!

80

“Suposto que bastardos de amor forte
Os zelos são por filhos conhecidos,
Mas tão contrários como minha sorte,
Os vejo de rigores produzidos;
Cometas que entre luzes trazem morte
Espinhos que entre flores são nascidos,
Pérolas argentadas, amargosas
Com rosto humano, Sfinges monstruosas.

81

“Ponderas falsos, deixas verdadeiros,
Se ingratos nomeaste, conta amantes,
Faltam sinceros, porque há lisonjeiros?
Se pérfidos observas, vê constantes,
Que em mundo sempre foram companheiros
Por vício torpes, por moral brilhantes.

82

“Elege por Cornélia Graco a morte,
Teme a falta de amor mais que a da vida.
Bravo Numida acaba por consorte,
Porque preso de amor, solta a ferida,
Morta Orestila, mata a Pláucio forte,
Arde, antes que arda, em chama enternecida.
Deixa Pico porque ama a amor tirano,
Perdendo a humanidade, é mais humano.

83

“Mostra Ulisses, querendo, tal firmeza
Que a Penélope só venera amante,
De Calipso o não move a gentileza,
Que a tentações resiste amor constante;
A Maga rica e bela inda despreza
Que à mágica supera amor possante.”

84

Ormia confusa, atenta duvidava
Se o terno amor patente mostraria
Que a mulheril vergonha lhe embargava,
Quando o pueril amor lho persuadia;
Entre paixões contrárias pelejava,
Nem ser vencida, nem vencer podia,
Qual suspenso o marítimo compasso
C’o Norte de uma banda e de outra o
[aço.

79.8 ofuscalas T ofuscala Ny || 80.7 Pérolas corr.
: Pirolas T Ny || 81 incompleta T Ny

83 incompleta T Ny || 83.6 possante T constan-
te Ny

85

Bem como a folha de ouro, se agitada
Por tubo vítreo, que em fricções aquece,
Nos diáfanos ares remontada,
Veloz se chega, foge, sobe, e desce,
Tal por paixões bela Ormia conturbada
Se ágil se ausenta, pronta lhe aparece;
Entre Cila e Caríbdis vacilante
Se retira medrosa e volta amante.

86

Mas como ativo corpo luminoso
De um teto gravitante sufocado,
Perde um pouco da força, mas brioso
Do mesmo que o suprime é roborado;
Queima ligeiro, sobe vigoroso,
Em montes de si mesmo remontado,
Torre voraz, pirâmide fulgente,
Ígneo gigante, se obelisco ardente;

87

Tal, se antes por vergonha suprimido,
Ormia escondeu no peito o fogo amante,
De incêndios sobre incêndios promovido
Se ostenta não menino, mas gigante.
Do silêncio parece arrependido,
Troca em constante ardor desdém
[constante,
Pesa-lhe o que tardou, sente o que cala,
Rompe mina de amor, rápida fala.

88

“Serem filhos de amor bem proferiste
Os que também do Inferno, horrendos
[zelos,
Mas se efeitos sem causa nunca viste,
Pondera se, não tendo-o, posso tê-los.
Se for bastardo o nascimento triste,
Sem legítimo pai não pode havê-los.
Tenho-te amor, já muito significativo,
Julga o quanto será, pois que me explico.

89

“Quis buscar-te hoje, vendo-te em perigo,
Que ativa segue quem sentida geme,
E inda julgando em ti teu próprio abrigo,
Vacila a ideia, quando o peito teme;
Porém, receando a um pai mais que a um
[amigo,
De amor reto a política foi leme;
Batalhou com respeito a liberdade,
Mas pode a obrigação mais que a vontade.”

90

“Na”, diz Tântalo, “obscura fantasia
Que abismos sobre abismos cumulava,
Sol fulgente de amor não percebia,
Nebulosos desdém só contemplava.
Se alguma vez supus que me nascia,
Mil vezes presumi que me enganava,
Qual Tétis nova a sorte encantadora
Cri me embargava o Sol, mostrando
[a Aurora.

91

“Mas que grata inconstância!
[Que mudança!
Se em tão confusa sombra achei fulgores,
Numa tormenta plácida bonança,
Em duros picos agradáveis flores.
De triste Inferno falto de esperança,
A glória passo cheio de favores.
Perdi mágoa, encontrei felicidade,
Nasceu-me o Sol, fugiu-me a obscuridade.

92

“Pretendeste amparar-me, enternecida,
E inda que a não gozei, louvo a fineza.
Não perde estimações porque impedida
Na vontade nasces já com grandeza,
De amor matarás, defendendo a vida.
Palas no forte, Vénus na beleza,
Sentirá a fera, festejará o gosto,
Forças do braço, perfeições do rosto.”

93

Se atento fala, tira diligente,
Porque prenda de amor primeira seja,
Nobre cadeia do metal potente,
Que motiva ambição, promove inveja.
“Se escravo”, diz, “não sendo delinquente
Parece duro que em grilhões se veja,
Sendo ainda mais num preso por vontade,
Toma a cadeia, tendo a liberdade.”

94

Ormia diz, “Menos delas carecia
A quem melhor prendeu sua firmeza,
Que o mais duro metal não ligaria
Quanto me ata de amor branda fineza.
É no terno mais fixa a valentia,
No rendido mais alta a fortaleza;
Bastava o conhecer-te firme amante
Para, sem ter grilhões, morrer constante.

95

“Não presumas que intento refusá-la
Quando agradar-te em tudo amor deseja,
Por mais razões que houver contra aceitá-la,
Ser teu gosto é razão que me sobeja;
Grosseira me entendera em rejeitá-la,
Seja sinal de amor, seja o que seja.”
Pegou-lhe alegre, ele a mão toma, acende
Amor fogo que a um queima, outro
[suspende.

96

Qual de Erigdupo altivo a flamante ira,
De Hefestos sábio invento excogitado
Quando volante dois sujeitos gira,
Deixando a um suspenso, a outro
[abrasado;
E como para, de ouro a vaga tira
Tendo no vidro elétrico tocado,
Ormia que antes fugia, e se chegava,
Apenas toca a Tântalo, parava.

96.3 dois corr.: dous T Ny

97

Como a apagada vela fumegante
De outra acesa por fumo o fogo desce,
Tal pelo braço a Tântalo constante
Lhe corre flama que no peito cresce;
E como passa alento congelante
Por linha e cana ao braço que entorpece,
Se transplanta ao da cândida donzela
Amor que com virtude oculta o gela.

98

Contraí-lo parece não podia,
Enferma por doença que curava,
Pois causa amor no moto paralisia
Se alentos no sentido acrescentava.
Conturba-se a animal economia
Em Tântalo que ardente a mão beijava,
Contente afaga, enternecido toca,
Leva de olhos ao peito, e peito à boca.

99

Como num plaino entre campestres flores,
De rasa fonte nítida corrente,
Plácida vaga inunda sem rumores
Falta em sonoro, agrada em transparentes;
Tal de Tântalo a boca emana amores,
De expressões naturais clara torrente,
Ditos sem pompa, porém com doçura,
Patéticos na simples formosura.

98.3 paralisia corr. : parlesia T Ny

100

Se duvidosa a luz já mostra o dia
Dura a trombeta a marcha já tocava,
Quando uma reta os ares dividia,
Outra em curvo e direto os ondulava;
Se aquela move a efeitos de alegria,
A horrores de tristeza esta excitava.
Ter vista de Ormia motivava alento,
Mas chegar-se à partida sentimento.

101

Tântalo disse, “É força, amada prenda,
Seguir da guerra a dura atrocidade
Porque honra excita a bélica contenda,
Quando exclama da pátria a liberdade.
Não duvido que seja mais tremenda,
Que a mesma guerra, a guerra da saudade,
Mas temer seja escrava a própria terra
Impele a qualquer nobre a qualquer
[guerra.”

102

“De teu lustre”, Ormia disse, “te
[esqueceras
Se a tão precisa guerra te escusavas,
No carinhoso ingrato te fizeras
Se amor da pátria pelo meu deixaras;
E este mesmo em ficar não mereceras
Se a que tanto venero desprezaras;
Cuida em mim, mas cuidando sempre
[em glória,
Cupido e Marte ajunta na memória.

103

“Ponderar desta ausência os sentimentos,
Fora, quando é precisa, desvario;
Chorar desdouro de marciais alentos,
E inda cuidá-lo, mancha a heroico brio;
Que os deuses te concedam vencimento
Férvida peço, e ver-te inda confio.”
Severa disse, e pronta volta logo
Sem que em rosto a água mostre em peito
[o fogo.

CANTO
DÉCIMO SEGUNDO



(Página deixada propositadamente em branco)

1

Viriato já correndo a Andaluzia
A tudo quanto chega conquistava,
Donde em campanha opositos destruía,
Donde em praça fechados, derrocava.
Com tanta pressa rápido vencia,
Que o nome antes que o braço avassalava,
Era vitória porta de vitória
Antes que mova a espada, vibra a glória.

2

Pompeio em praça ao longe clausurado
Tem mais no medo que nas pedras muro,
Porque inda em forte, porque aproximado,
Temendo assalto, se não crê seguro;
Tanto perde um valor desconfiado,
Tanto guarda a memória a um golpe duro;
Receando perder mais, se faz mais cara,
Deixa a patrício, a amigo desampara.

3

Já Viriato prudente e vigoroso
De Utica forte os muros reconhece,
Marcando atento, e vendo cuidadoso
A parte que mais fraca lhe parece;
Que evitar perda é mais de vitorioso
Que a perda que em contrários
[engrandece;
Mas quando a praça gira, o campo observa,
Que à vigilância nada se reserva.

4

Os Latinos nos muros confiados
Passaram de soberbos a insolentes,
Porque atrevidos, quando protetados
Sempre em má-língua foram delinquentes.
Opróbrios não só dizem, mas com brados
Aumentavam seus termos impudentes,
Porque a garganta que ignomínias brota
É do mal não só porta, porém rota.

5

Viriato que discreto e valeroso
Como aos braços as línguas desprezava,
Quanto o heroico permite de jocoso
Na grave boca alegre articulava;
E apeando-se em prado deleitoso,
Donde o potente exército se achava,
Sobe no meio ao cume de um penedo:
De constância o rochedo num rochedo.

6

“Vede, ó Patrícios”, diz, “sempre estimados,
Notai, digo, a romana valentia,
Quando indignos do nome de soldados
Têm mais nas línguas que nas mãos valia.
Fogem baixos, blasonam levantados,
Sendo muro e não peito a bizzarria;
Mas que de breve nos marciais alardes
Mais pés que bocas usaram cobardes.

2.8 desampara Ny desempara T

7

“Ladrão me chamam, porque mais ligeiro
Parte do que era nosso recobrava.
Julguem pois quem ladrão foi verdadeiro:
Se o que rouba ou quem roubo lhes tirava?
Por justiça, e não furto, ao que primeiro
Despojou sem justiça, despojava;
Mais pirata é quem rouba mais potente,
Que ao crime não faz menos ter mais
[gente.

8

“Os que ladrão soberbos me chamaram,
Logo de seus princípios ladrões foram,
Pois no mundo jamais néscios faltaram,
Que de outros sabem, e a si mesmo
[ignoram.
Por furto de mulheres começaram,
Inventam festas com que amigos choram.
Oh! Vede o que aumentou povo romano:
Sacrilégio, violência, rapto e engano!”

9

Disse, e ordena decampem de repente
Afetando-se em pressa temerosos.
Creem-no os Romanos, porque
[prontamente
Sempre em seu favor creem vangloriosos.
Mandam que atrás saíssem velozmente
Seus nobres cavaleiros animosos.
Mas Viriato que rápido corria
Constante foge, até que foge o dia.

10

Já do Sol substitutas rutilantes
Claras estrelas plácidas brilhavam,
E na praça, rendidos caminhantes,
Os Equites romanos descansavam,
Quando os válidos Lusos vigilantes
Em contramarcha à mesma se chegavam,
E ocultando-se em bosque tenebroso
O tremendo escondiam no horroroso.

11

Já da alva Tia a rubicunda filha
Do querido Titono se apartava,
E só da obscura Noite a atroz matilha
No lúgubre horizonte levantava;
Que inda em sombra envolvida apenas
[brilha,
Ou submersa inda lânguida nadava,
Quando Viriato manda a alguns soldados
Que girem muros e atravessem prados.

12

Quais secos galgos que inda prisioneiros
Ao longe a veloz lebre divisaram
Latem furiosos, movem-se ligeiros,
Tanto que dos colares se livraram.
Tais, vendo aos lusitanos cavaleiros
Com ruído os Latinos se alteraram;
Que à pressa se abra a porta pretenderam
Prontos saíram, rápidos correram.

13
Vão-se afastando os Lusos valerosos
Para onde o bosque era frondoso mato,
Afetando procuram cuidadosos
Ganhar com mais retiro mais recato;
Que de modos valentes e ardilosos
Faz misto o sábio e válido Viriato,
Porque de império alcança inda a grandeza
Melhor que a força uma subtil destreza.

14
Num sítio onde lagoas e atoleiros
Entre a cidade e bosque apareciam,
Se de outro lado espessos azinheiros,
Vegetante muralha, o guarneciam.
Formando-se os valentes cavaleiros
Mostram que, se antes fogem, não
[temiam.
Dá Viriato sinal; vem de repente,
Qual grege de leões, do bosque a gente.

15
Já quem veloz seguiu, moroso arreia,
Sentem pena os que em glória se
[entenderam.
O que a fé lhes ditou, sorte vareia,
Medrosos creem mais que devotos creram.
Mirra, Filémon, Dríope e Peneia
Em várias plantas creem se converteram;
Mas tímidos agora imaginavam
Que as árvores nos homens se mudavam.

16
Em tudo ativa a lusitana gente
Lhes fecha os passos com velocidade,
E investindo animosa, destramente
Mostra tanto o valor que a agilidade.
Cai sobre os Romanos prontamente
De horrendos tiros dura tempestade;
Pois retumbando a bélica trombeta,
Parecia trovão, se raio a seta.

17
Mais valentes, por mais desesperados,
Os Romanos com fúria pelejavam,
Pois vendo a uns mortos, se outros
[destruçados,
Romper para salvar-se procuravam.
Mas Viriato e seus válidos soldados
Não só racionais muros lho embargavam,
Porém, dobrando corte sobre corte,
Fecham porta da vida e abrem da morte.

18
Com tanto mais furor pugnam Romanos
Quanto os Lusos subsistem mais seguros,
Pois fazendo trincheiras de seus danos
A vivos muros guardam mortos muros.
Sítio em sítio lhes punham Lusitanos
Dos que mais armas têm montões mais
[duros;
Porque fazendo a uns de outros embaraços,
Os que entendem ser chave impedem passos.

14.8 grege T grego Ny || 15.1,3,5 arrea / vareia /
Peneia T Ny hoje arreia / varia / Peneia

19

Já vendo que por campos não podiam,
Intentam por lagoas e atoleiros,
Mas cresce o risco onde o socorro criam,
Pois mais se encravam quanto mais ligeiros.
Como feras, que se antes competiam,
Já tímidas da fúria dos monteiros,
Das lanças fogem, mas a laços correm
Donde inativas só bramando morrem.

20

Qual mais fundido porque mais armado
Com defesa maior mais se ofendia,
Menos ativo, porque mais pesado,
C'o lodo e não c'os homens combatia;
Qual picando ao cavalo embaraçado
Batalhar só c'o bruto parecia;
Qual sacalando o freio fere a boca
Do que, se em campo é raio, em lodo é
[roca.

21

Qual por feridas tão veloz sangrava
Que, abrandando mais lodo, mais se
[funde;
Qual c'o mesmo parece que embargava
Que em lodo imundo em lodo não se
[imunde;
Qual próprio enterrador, mais se enterrava
Trabalhando que a terra o não circunde;
Qual dá queda, se em salto se arremessa;
Qual mostra meio corpo, qual cabeça.

22

E como os lobos quando clausurados
No círculo que forma a montaria
De tiros sobre tiros trespassados
Acabam vida antes que acabe o dia;
Tal parecem Romanos circundados
Da brava lusitana infantaria,
Que atira destra e arroja diligente,
Já seta aguda, já farpão pungente.

23

Tendo, sem perda, o bravo herói famoso,
Tanta vanglória em lodo submergido,
Contra a cidade marcha vitorioso,
De alentos cheio e glórias revestido.
Quando de Utica o povo temeroso
Embaixadores manda arrependido,
Abre portas, demonstra penitência,
Implora proteção, pede clemência.

24

Viriato, que piedoso, inda agravado,
Afável recebia embaixadores,
Mostra que mais conserva um doce agrado
Do que conquistam bélicos terrores.
Pronto ordena que seja castigado
Todo o que em praça executar rigores;
E ostentando carícias compassivas
Consegue aplausos e recebe vivas.

25
Bravo em campo, clemente na cidade,
Dobre aplauso alcançou por dobre glória,
Que unida a valentia com piedade,
Se aumenta digna, e exalta meritória.
Entra na praça com festividade,
Que aviva ao gosto haver de horror
[memória,
Por mais que louvem, não se creem sobejos
São tudo aclamações, tudo festejos.

26
E porque o povo alegre mais tivesse,
Logo decreta que ao seguinte dia
A Baco sacrifício se fizesse,
Na sacra casa, que em cidade havia,
Adonde o primor jónico parece
Que na Ásia estava inda na Andaluzia,
Porque o próprio mostrava sem disputas,
Na base scotias, capitel, volutas.

27
Qual de Índios frouxos férvido triunfante,
Entrava alegre em Nisa populosa
O filho tão valente como amante
De Niso bravo e Tione formosa,
O famoso Tebano dominante
Que de muitos roubou glória lustrosa;
Sobre carroça por que puxam feras,
Enfreia tigres e detém panteras.

28
Barba comprida em bugles separada
Ao peito adorna, ao rosto guarnecia,
De pontas duras máquina elevada,
Curva baixava, se' spiral subia;
Parra volúvel e hera levantada
Tecem coroa e servem de alegria;
Fazendo em tirso de Eleleu guerreiro
Que vista lança, como traja ulmeiro.

29
Qual, se o tebano Aristides pintava
Os quadros que as paredes guarneciam,
Ora em sombra confusa, ora em luz clara,
Paixões em cores tintas exprimiam;
De Bugenes famoso a história rara,
Festas, ritos e oráculos se viam;
Sendo à vista, e notícia juntamente,
De agrado aos olhos, de recreio à mente.

30
Como explicando a oráculo dobrado
Se ostentam sacerdotes de Anficleia,
Ouve-os suspenso o povo emborrachado
Que a fé torpe, qual vinho, a mente enleia;
Julgam remédios próprios no sonhado,
Quando são males da pesada ceia:
Porque às vezes sonhando a Medicina,
Que muito é, sonhe a fé que o mesmo
[ensina.

26.7 mostrava corr. : mostravam T mostravao Ny

31

Ménades loucas férvidas usavam
Solto o cabelo e as roupas desatadas,
Falo e pátera em mãos não só mostravam,
Mas pau donde há cabeças duplicadas;
De hera e cobras diversas se toucavam,
De sonantes crupezias só calçadas
E na dança cernóforo com pressa
Se uma ergue copo, inclina outra a cabeça.

32

Junto outras Mimalones aparecem,
As diotas com grinaldas enfeitando
De poejo e manjerona o ornato tecem,
Pinheiro, silva e nêveda ajuntando.
Dança termástris donde as fúrias crescem
Ou monga turbulenta estão dançando;
Uma ostentava de Penteu cabeça,
Que entre a festa não quer glória se esqueça.

33

Mais Tíades, tão bravas que harmoniosas,
Dobres címbales plácidas tangiam,
Se outras crótalas ocas e estrondosas,
No tempo que gritavam comoviam.
Grandes carquésios de asas espantosas
Muitas parece que nas mãos traziam;
Que bebem do Falerno, e Mamertino,
Ródio, Massico, Lésbio e Surrentino.

31.1 Ménades corr. Manades T Madanes Ny

34

Entre os que são das orgias observantes,
Grave epónimo arconte ministrava
Porque são devoções tão dominantes
Que inda imperam no mesmo que
[imperava.
Cópia de orgiastas de Mórico amantes
Segue ao Xeno que a branca roupa usava
E fazendo orgiofantas companhia,
O sacro lustra, se o civil luzia.

35

Licnoforos de parras guarnecidos
Ao místico guiam, fortes levavam
Perifálíos de peles revestidos.
De violetas e de hera se toucavam
Itiafálíos por momos conhecidos,
De hábitos femininos se adornavam
E ostentando em listado mais primores
Usam grinaldas, têm luvas de flores.

36

Canéforas donzelas vigilantes
Traziam cestos de ouro nas cabeças
Donde escondidas cobras sibilantes
No horror crescem mistérios das condessas.
Muitos tocam tambores ressonantes,
Se outros frautas já livres, já compressas;
Cega-rega este volta, aquele grita,
Que gosto e vinho tudo nos licita.

35.2 guiam corr. giam T Ny

37

Não só Dionísias que em famosa Atenas
No mês Elafebólion celebravam,
Mas qual das grandes mostras das pequenas
Nos belos quadros vivas cores davam.
De Omofagias que a humanos causam
[penas
Os duros sacrifícios se notavam;
Porque inda onde a ciência reluzia
Cega superstição tanto podia.

38

Com serpentes cabelos enlaçando
Sacerdotes Medusas pareciam
Que a Omestes com Neptuno equiparando
De um culto e de outro raiva confundiam;
E a Omófago em manjares imitando
Só carnes cruas com fervor comiam,
Bebendo tanto que seu modo ensina
Ser capa a devoção de Medicina.

39

Juram nas Arqueoteras aplaudidas,
Que em Limnas no Antestérion
[celebravam,
As catorze matronas escolhidas
Que os loucos ritos puras ministravam.
Cerimónias com luzes encendidas
Muito mais nas Nictélias se ocultavam,
Porque é tão forte a devoção com medo
Que inda em vinho loquaz guarda segredo.

40

Mas quem, se com Nictélio é misterioso,
Com Teoino em Teoinas de falar não cansa,
Porque é tão cego o ego religioso
Que em mudança de nome crê mudança.
Nas Arcádias com fervor gostoso
Um joga, um canta, um salta, um toca,
[um dança,
Porque dava inda o moço mais pequeno
Glória a Timóteo, fama a Filoxeno.

41

No Leneon de Ambrósias observantes
Férvido vinho férvidos gostavam,
E engrandecendo nomes como amantes
Às festas chamam como os reputavam.
Parece nas Iobáquias que exclamantes
As figuras sem voz *Iaco!* gritavam;
E que em Leneias são doutos poetas
De certâmen mental sábios atletas.

42

Fazem Pagládias Ródios diligentes,
Gratas vinhas solícitos podando,
Se Neoinas caras dores reverentes
Seus novos vinhos plácidos gostando.
Mostram-se os das Fagésias mais contentes
Porque vinho e manjares misturando,
Qualquer sequioso bebe, ávido come,
Mata com prazer sede e gosto fome.

43

Na obscura Agripnis firmes vigilantes
De Arbela os moradores pareciam.
Em Tirbe celebrada Aqueus amantes
Dos ritos de Briseu não se esqueciam.
Na Sciéria triste Arcádias arrogantes
Duros golpes pacíficas sofriam,
Enquanto a Perivónio em pompa nobre
Largo chapéu de sol sublime cobre.

44

Nas Agriónias mulheres cuidadosas
Que ao devoto solícitas se aplicam,
Ditirambo buscando fervorosas
Que entre as Musas se esconde testificam;
Propondo enigmas e questões gostosas
Com voz de letras judicioso explicam,
De Mínia as filhas mostram por memória
De Zoilo atrevimento e Hípaso história.

45

Nas Laríssias Lacónios aparecem
Já buscando a Milíquio em primavera,
Porque como bons vinhos apetezem
A vontade anelante nunca espera;
Podando em Cladeitérias oferecem
Faltos de parra, mas ornados de hera,
Que as Bisbeias não muda haver
[mudanças
Pois suprem faltas sobras de esperanças.

46

Mostram nas Tias de Élis assistentes
Vasos cheios de vinho deleitoso,
Provando os selos, e as diversas gentes
Que entraram sem liquor no cavernoso.
De Lieu prodígio o chamam reverentes,
Que embuste crido sobe a milagroso
E inda que o falso em sábio ouvido o soa
Convence a devoção quanto arrazoa.

47

De barbudo chibarro, que entre ardores
Foi parte sacrifício, e parte ceia,
Nas alegres Ascólias lavradores
Mostram pele de azeite e vinho cheia;
Donde saltando vários corredores,
Um dava queda, se outro titubeia;
Mas quem firme num pé remanecia,
Se chama vencedor, faz gritaria.

48

Festejando as Lamptérias rutilantes
Acaios de Pelene resplandecem,
E tendo brancas tochas radiantes
Como fulgente a Lampter reconhecem.
Do nascimento os raios fulminantes
As belas pompas lúcidas parecem,
E se houvera trovões não só se crera
Que Brómio nasce, mas que Brómio opera.

49
Cecrópio de Antestérias reverente
De vinho novo pipa cheia abria,
Parco indicando no provar somente
Que Évio, e não próprio gosto, o comovia.
Sendo em Pitoigia a devoção prudente
Maior realce do festivo dia,
Porque suposto a taça lhe é jucunda
Jamais primeiro consentiu segunda.

50
Mas como inda a virtude a vício passa
Era efímera breve a sobriedade
Porque, julgado o lustre por desgraça,
Mudar dia é mudar celebridade.
Seguia cheia taça a cheia taça
Em Coés segundo de festividade,
Ganhando quem mais bebe mais vitória
Porque o vício merece crido glória.

51
Pôr copo à parte qual bebendo
A Orestes lembra, a Pandíon recordava;
Quando deste o civil, de aquele o horrendo,
Brando recebe, fero destroçava;
Que se a vingança dá furor tremendo,
O nobre patrocina inda ao que agrava,
E o príncipe que ampara em seu distrito
Olha a pessoa, mas não vê delito.

52
Como em Quitros, terceiro nomeado,
Mostravam potes cheios de sementes
Que a Mercúrio infernal, Ctónios chamado,
Criam sacras devotos reverentes,
Alegrava-se escravo regalado
Entre os gostos tão pouco permanentes;
Porque inda o pouco alegre ao pobre o rosto,
Que por pobre em dinheiro é pobre em
[gosto.

53
Lerneias por Filámon decretadas
Os contentes Argivos festejavam,
E das brasas, que a P'ronia consagradas,
Parte a Lerna de Crátis transmutavam;
E posto que a Coopotes dedicadas
Com Micaléssia e filha veneravam
Pedindo em triplicado rendimento
Grata bebida e plácido sustento.

54
Protriges e Fitalmio em Protrígeas
São também numa festa venerados,
Quem rege parras, quem governa áreas,
Pelo vinho e pela água celebrados;
Que de um não suprem de outro adegas
[cheias
Simples queridos, mistos estimados;
Porque sobe Neptuno, baixa a chuva,
E por descer chuveiro se exalta uva.

53.3 P'ronia corr. : Pronia T Ny

55

Estão nas Bacanais loucas Bacantes
C'ò pelo solto e as tochas encendidas
Mínio e Herénio Cerínio, junto Evantes,
Requebram com doçura a enfurecidas;
Que há sombras nos fulgores rutilantes,
Mas são manchas nas luzes conhecidas,
Desejam filhos, satisfaz Pacula,
E vício em gosto dá mãe quando adula.

56

Nas Liberálias, de hera coroadas,
Velhas saltam com mais anos que pejo,
Que a idosas fazem gosto remoçadas
E inda caducas gostam de um festejo;
Protestavam-se a Liber inclinadas
Mas galhofa é deidade em seu desejo,
Porque nas mesas públicas contentes
Provam mais pratos do que mostram
[dentes.

57

Nas Brumálias do frio e dos ardores,
Que qualquer tempo é tempo para o gosto,
De Brumo alegre os férvidos cultores
Mostram geadas e patenteiam mosto.
Do trácio sacerdócio altos fulgores
Ostentavam Sabois no grave posto,
Se junto os Gregos Tias aplaudidos
Com verde em testas, branco nos vestidos.

58

A Ariadna bela na deserta Dia,
Coopotes namorado terno abraça
E, insinuando excessos de alegria,
Afável beija quando amante enlaça;
Porém, se a esquerda banda a comprimia
Grata a direita lhe ministra taça;
Porque só faz carícia a quem não come
Aquela pronta mão que mata a fome.

59

De Ariadneias em Naxos celebradas
Tristes se mostram lúgubres cultores,
Afetando entre ações representadas
Peníveis agonias, graves dores.
Que as mágoas de perigo acompanhadas
Sempre motivam paixões maiores,
E dando mais pesar, quanto mais penam
Mais Êuquio louvam, mais Teseu condenam.

60

Têm moços de Osofórias reverentes
Nas levantadas mãos ramos frondosos
Donde formavam trémulos pendentes
De uvas diversas, cachos deleitosos;
Mostravam-se dois rapazes diligentes
Nos femininos trajens enganosos,
Que é bem se lembre o que dá gosto em luto,
Pois nasce glória em morte de tributo.

55.3 Mínio e Herénio Cerínio corr. : Minio Herennio, e Cerinnio **T Ny**

60.5 dois **Ny** dous **T**

61

Vê-se premiado o corredor ligeiro,
Que a Sciras de Tauriceps tem chegado,
Porque da glória o gosto verdadeiro
Pela ciência é somente encaminhado.
Mostrava alegre o rápido primeiro
No vaso pentaploas levantado,
Porque a Ariadna e Limneu juntos
[respeite,
Vinho, queijo, farinha, mel e azeite.

62

Mãe de infeliz Carmone, Alexireia
Como dama querida aparecia.
Fiscoa a Nerceu por filho patenteia,
Quando com terno afeto amante o cria.
De amor e graças Ctonofile cheia,
Gostar de Fliunte as graças parecia.
Stáfila inda em parra mostra a sorte,
Porque se agrada em vida, agrada em
[morte.

63

De Cadmo a filha, de Evan mãe primeira,
Que um zelo é raio ardendo publicava
Mas que mui pronta em fogo mui ligeira,
Se Fénix morre, Fénix se elevava.
Com devoção, se ao falso, verdadeira,
Grego povo em Sémele a festejava,
Que se a um chegado em brindes
[intermete,
Faz no culto como usa no banquete.

62.6 Fliunte corr.: Phiunte T Ny

64

Viam-se entre amas Nisa desgraçada,
Hipa formosa e Mácris perseguida
Que de Eubeia por Cinxia desterrada,
Na cova foi por Feacos protegida.
Essa penosa mãe que arrebatada
A Learco imprime a morte, se deu vida,
Autónoe bela, carinhosa Agave
Que exalta o lindo em base do suave.

65

Mostravam claras filhas do alto Atlante
Na terra os lustres do celeste Touro,
Com rosto alegre e pompa rutilante,
Entre agrados de cores vistas de ouro.
Qual foge de Oríon, qual se chega a
[Hiante?
Ostenta Electra o branco, Maia o louro,
Brilha Sterope em resplendor sereno
Mérope, Alcíone, Taigete e Celeno.

66

Mostra lúcido Pá fulgor no feio,
Brilha corado, ostenta-se barbudo,
Bode inda em testa, sendo bode meio,
Pontas levanta em mato cabeludo;
De cabra orelhas tem, mas de homem seio
Donde ilhas breves são liso em peludo,
Com rosto alegre, posto que medonho,
Adoçava o tremendo c'o risonho.

67

Parece que Eco bela repetia
Quanto a Naida Pelárgia modulava,
Que em vento estrondo, em vento era
[harmonia,
Que de um gentil querida a um feio amava;
Pois muda tempo a móvel fantasia,
Quer linda a torpe, fala doce a brava.
Mostram Sinoe e Iringis com doçura,
Se a ama, o carinho, a filha, a formosura

68

Nessa húmida cidade vigorosa
Por Piso o filho de Afareu fundada
E de Endimiónia Pisa alva e formosa
Na grata Élide aquática morada,
Confusa gente escuta temerosa
Da resposta que Pá dava enredada;
Que crido mais mistério em mais obscuro,
Cego ao presente, cuida vê futuro.

69

Nas Paneias de Atenas assistentes
A embaixador Fidípides lembravam,
E do visto em Parténias reverentes
Com gosto e devoção festas guardavam.
Dão-lhe culto de Arcádia os impacientes,
Posto que com cebolas o açoutavam,
Sendo, que tanto a razão cega abraça,
Respeito em festa o que castigo em caça.

67.6 Quer Linda T Que o Lindo Ny || 67.8 Se a
Ama T Se ama Ny

70

A Liceu Lupercálias celebrando
Vagos lupercos doudos pareciam,
Porque peles de cabras manejando,
Loucos saltavam, férvidos corriam.
Crendo-os propícios, posto que açoutando,
Inda em mulheres golpes imprimiam,
Pois tanto engana errónea fantasia,
Que à tenra agrada o duro que doía.

71

Vê-se de um cão e cabras sacrifício
Que em Februaca faziam Quintilianos
De mancha testas, e de limpá-la ofício,
Nos dois risinhos plácidos romanos,
Porque alegres por crerem Pá propício
Consentem faca e lá que usam Fabianos.
O que fora imundície é sacro enfeite,
Manchava o sangue, mas limpava o leite.

72

Não só contentes rústicos pastores
Queijo fresco ou mel virgem dedicavam,
Mas confundindo agradados com rigores
Hinos entoam, golpes ministravam;
Que inda a açoutes reputa por favores
O torpe afeto com que a Ínuo amavam,
E a grave afronta por recreio passa
Em cego culto como alegre graça.

70.5 propícios corr. : prospicios T Ny || 71.2 Fe-
bruaca T Februcas Ny || 71.4 dois corr.: dous T
Ny

79

Homens de adornos bélicos vestidos
Ao templo em procissão vinham direitos,
Tendo a um tempo arrogantes e rendidos
Armas nas mãos e devoções nos peitos.
Se outro ganhando os prêmios merecidos
Porque é digno o valor de tais respeitos,
Com verde murta o negro pelo enlaça
E, porque escudo arranca, escudo abraça.

80

De Hipodamia inventadas competências
Julgavam de Élis dezasseis matronas,
Mostrando ao mesmo tempo as excelências
Formosas virgens e arrugadas donas.
Vestem moças, que ostentam diligências,
C'o direito ombro nu, curtas otonas,
E a que em carreira mais veloz se apura
Recebia oliveira, e dá pintura.

81

Tem de Corinto o reverente a Acreia
Por falta dobre luto duplicado,
Pois destroçando aos filhos de Medeia,
Inventa a culpa Eurípidés comprado;
Que aumentar crime a crime não receia
Quem pretende encobri-lo envergonhado.
Quantas privadas de honra em seus
[amores
São Medeias por honra em seus furores!

82

Como nas Calisteias decantadas
Fazem Lésbias combates de beleza,
Vê-se o louro cabelo, as mãos nevadas,
Da bem-feita garganta a candidez,
Em negros olhos luzes enlutadas,
A breve boca, a grata gentileza;
E como sal de tudo a graça pura
Com que dá gosto à vista a formosura.

83

Nas Toneias por furto de Tirrenos
Os Sâmios trazem cordas e dão bolos,
Porque mudando os ares de serenous
Mudou tímida nau da rota os pólos;
Que o acaso faz milagres não pequenos,
Exalta Junos, santifica Apolos;
E em tudo fabuloso erra o Pagano,
Porque enganos sucedem sempre a engano.

84

Nas Antesfórias festejando a Anteia
Argivos se ornem de cheirosas flores,
Ramilhete ou grinalda patenteia
Graves aromas, deleitosas cores,
Que como aérea à pressa a flor vareia,
Era o mostrar boninas dar louvores;
Porque julgada a ação pelo desígnio
Exalta encómio insinuar domínio.

85
Juntas celebram Nonas Caprotinas
Fiéis escravas e gentis senhoras,
Que se a fortuna as servas fez indignas,
A ação nobre as voltou merecedoras;
Frustrando com prudência obras latinas,
São de Roma languente protetoras:
Pois se o mal de qualquer pode aguardar-se,
Um grande bem não menos esperar-se.

86
Vê-se Filótis bárbara entendida
Montada no alto da figueira agreste
Dando sinal com tocha esclarecida
Ao Romano que de armas se reveste,
Quando, com mente em sono submergida,
Não se guarda o Latino do que investe;
Pois são vinho e mulher tão poderosos
Que humilham bravos e retêm fogosos.

87
E como o caso foi no mesmo dia
Que em Capreu lago Rómulo se ausenta,
Mais bela em mais medonha ali se via
Do Poplifúgio a horrísona tormenta.
Raios tremendos Etiops despendia,
Ventos fortes Hipótades aumenta,
Humanos correm, brutos se ocultavam,
Aves param quando árvores voavam.

88
Depois que em cerimônia costumada
Viriato entrando as lustrações triplica,
E junto da grande ara levantada
Ao alto Liber férvido suplica;
Pega negra de branco salpicada
Não somente devoto sacrifica;
Mas cabra morta, para o mal ligeira,
Comete à flama, e ramos de figueira.

89
Tanto que o sacrifício finaliza
Comendo o para a ceia reservado,
Das praças que seu nome atemoriza
Ouve o submisso e tímido recado;
Que sábios o medo conselheiro avisa
Quando o risco incumbente é recado;
E muitas vezes na ilusão da urgência,
É confuso pavor clara prudência.

90
A um tempo recebia as embaixadas
De Calduba, Sagúntia, Balsa e Onoba.
Se antes na marcha as teve separadas
De Sala, Tucci, Murgis e Sonoba,
Quando em costa já deixa subjugadas
Abdara, Selambina, Sex, Menoba,
Calpe seco, Carteja nunca enxuta,
Malaca, Extensio, Belon e Transduta.

88.8 Commete á T Cometo à Ny || 90.2 Balsa
corr. : Balda T Ny

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO
DÉCIMO TERCEIRO



(Página deixada propositadamente em branco)

1
Tendo além dos lugares mais famosos
Outros vários nos Bástulos ganhado,
E nos Béticos Túrdulos medrosos
Selia, Detunda e Salduba tomado;
Marcha contra os Sidónios que teimosos
Se confiam no sítio levantado;
Mas primeiro que invista heraldo envia
Que tem força, e não raiva, a valentia.

2
Sídon já submissão por relutância
Tímida escolhe vendo o herói diante,
Que inda o risco invisível na distância,
Tanto mais chega, mais se faz gigante;
Volta o medo em vontade a repugnância,
Abranda ao duro, abala inda o constante,
Elege embaixador, pública o gosta
E, pronta em mandar chaves, dá resposta.

3
Nomeia-se inda a célebre cidade,
Porque o tempo ao mais vão menos consome,
Como chamada na primeira idade,
Que Síria a funda por que a Ibéria dome;
Pois mitiga o tormento da saudade,
Fora da pátria terra, o pátrio nome,
E intentam fundadores que em memória
Seja o nome da pátria, do seu, glória.

4
Como os Siro-Fenícios industriosos
De Hércules templo em Cádiz levantaram,
Não por devotos, mas por cavilosos,
Nesta, outro ao Tírio prontos dedicaram.
De praça em continente, ambiciosos,
Sacro pretexto astutos maquinaram;
Porque sempre no mundo mais delude
A política em trajens de virtude.

5
E como os Graios por patrícia glória
Inda em sacro consentem que haja engano,
E unindo Hércules vários numa história,
Ao Tírio confundiram c'ò Tebano.
Só deixando as paredes por memória,
Quanto o Grego inventou, segue o Romano;
Novas estátuas faz, novas pinturas,
Transmuta imagens e compõe figuras.

6
Em base excelsa Melampigo horrendo
A Anteu potente válido apertava,
E alto a mais alto vigoroso erguendo
Do Gigante a grandeza acrescentava;
O musculoso, o rígado, o tremendo
No triunfante e vencido se admirava.
Mostra este o bravo, aquele o furibundo,
Que não morre o valor no moribundo.

3.4 Que Syria T Por que Syria Ny

4.4 prompts T prompt Ny

7

Não se mostrava Alcides mais forçoso
Inda que tenha alento em força de arte,
Na estátua de Anaxágoras famoso,
Quando ao fero Nemeu queixadas parte;
Ou na imagem de Aristocles pomposo
Quando peleja pelo talabarte;
Porque em pedra, ar e sangue parecia,
Que tubos enche e músculos erguia.

8

Piramidal deltoides inchado
No coracobraquial socorro achava,
E do suprasspinato vigorado
Forte braço em forte ombro levantava.
Se em largo semicírculo formado
Túmido o pectoral junto operava,
Tão alto que parece o Tiburtino
Nas ações de homem, em peitos feminino.

9

De origem dobre o bíceps poderoso
Em ventre ostenta o que em tendão movia,
E c'ò braquieu que, interno, mais forçoso
Puxando em sangradouro o comprimia,
Quando o longo palmaris vigoroso
Em braço mostra o que na mão fazia.
Voltando ao rádio os dois supinadores,
Se observam forças e se vêem furores.

9.7 dois corr.: dous T Ny

10

Os flexores do pulso apareciam
Contra os dois extensores mais possantes,
Junto o radial e ulnar laxos cediam,
Junto o radial e ulnar são dominantes.
A internódios dos dedos contraíam
Perforatos não só, mas perfurantes,
Que a um tempo dão, sublimes e
[profundos,
No horrendo abraço apertos furibundos.

11

A grossa perna esquerda levantada
Sobre um penedo válido segura,
Mostrando, se encolhida, não cansada,
Em dura pedra renitência dura;
Parece esta do íliaco exaltada
Que há pectíneo e psoas na figura,
Que encolhe a tíbia o semimembranoso,
Gracilis, bíceps e seminervoso.

12

Dobres gastrocnémios eminentes
Na barriga da perna se elevavam,
E, c'ò sóleo, mais altos e potentes
Dura corda de Aquiles encurtavam;
Do plantar junto operações valentes
C'ò postico tibial se demonstravam
C'os fortes próprios e comuns flexores
Lumbricais, interósseos e abdutores.

10.2 dois Ny dous T

13
Na direita que reta suspendiam
Antagonistas músculos forçosos,
Contra o lombar parece competiam
Dos três glúteos poderes vigorosos.
O quadrato e trigeminis subiam,
O crural reto, e vastos mais fibrosos
Junto à canela túmidos diante
Perónio forte e tibieu possante.

14
Os crotafites junto à frente inchados,
Baixa queixada válidos subiam,
E dos grossos masseters ajudados
Dentes com dentes fortes comprimiam;
Oblíquos zigomáticos inflados,
Que a boca a um tempo estendem,
[pareciam
Que obram dos beiços os elevadores,
E em ventas do nariz dilatadores.

15
No bravo Anteu que a esquerda mão
[potente
Sobre ombro de alto olímpico estribava
Parece que c'ò teres mais ingente
O aniscalptor latíssimo operava;
Porque contíguo ao corpo inda valente,
Firme o braço o robusto demonstrava
Se o externo, o longo e o breve no
[estendê-lo
C'ò anconeu forte em duro cotovelo.

16
O rotundo e quadrato, pronatores,
Palma da mão baixando, se elevavam
Quando o comum c'os próprios extensores
Aos grossos dedos fortes levantavam.
Se no monte da lua ações maiores
Que de um músculo em base se notavam
Porque junto o tenar, que o ventre
[aumenta,
Se afasta o polegar, corpo sustenta.

17
Na direita que em forma inda ofensiva
Horrendo mostra o válido gigante,
Pois de pêndula tendo a força ativa
Mais sobe atrás, por que obre mais diante;
De infrasspinato a fúria destrutiva
Era c'ò menor teres mais possante,
Quando o subescapular junto parecia
Que ao braço inclina quando ao braço
[desce.

18
Se em mais fechado punho, mais tremendo
Túmido antitenar dava temores;
Nas sobranceiras, circumflexo erguendo
Mil fúrias mostram dois corrugadores;
Quando em testa os frontais rugas fazendo
Horrores acumulam sobre horrores;
E das pestanas retos pareciam
Que a todo o Inferno dobre porta abriam.

18.4 dois Ny dous T

19

Dos feros olhos fortes atolentes
Medo, no que levantam, levantavam,
Se na ascendência oblíqua prominentes,
Pelos menores mais horror mostravam.
Ao baixo queixo e faces eminentes
Quadratos e digástricos baixavam,
Indicando, ainda grande, aberta a boca,
Que era do ar que lhe falta entrada pouca.

20

Porque os carnudos músculos forçosos
Que as compressas costelas levantavam,
Contra os hercúleos braços vigorosos
Parece que valentes pelejavam.
C'ò diaframa e subclávios poderosos
Intercostais não só forças mostravam,
Mas todos quantos na ortopneia forte
Auxiliares se ajuntam contra a morte.

21

Os posticos serratos superiores
Às costelas e vértebras ligados,
Os anticos maiores e menores
C'os juntos scalenos triplicados;
Quando os retos menores e maiores,
Dos complexos e splénios ajudados,
Fazem, puxando atrás dura cabeça,
Que horror se veja, e fúria se conheça.

22

Se em direita o romboides parecia
Que uma espádua para outra mais chegava,
Na esquerda, que ao trapézio socorria,
O levator potente que a exaltava;
Que nos lombos quadrato o comovia
Que interespinal processos apertava
Que o longo e transversal potentes obram
A oblíquos vencem, contra retos sobram.

23

Numa perna parece que a voltavam
De obturador poderes vigorados,
E que, chegando-a, os triceps encontravam
A piriformis, gemini e quadrados,
Que canela a canela reviravam
Do forte poplíteo tubos inchados,
Que o postico tibial junto movia,
E a inclinação da perna em pé seguia.

24

Parece na outra perna que a cruzava
Longo e oblíquo o sartório vigoroso,
E para a banda externa a revirava
Da lata fáschia o corpo membranoso;
Quando o perónio postico inclinava
Pelo artelho de fora ao pé forçoso,
Obram dos cinco dedos extensores
Transversal, interósseos e abdutores.

25

Arrima ao transversal do alto gigante
Bucinator não só, porém canino,
Virando a cara e pondo-a mais diante,
Mastoideu, reto grande e pequenino;
Sobre o sacrolombar braço possante
Fazendo compressão traz mau destino
Porque, mais que ele e que o serrato forte,
Peito apertando a larga entrada à morte.

26

Da pedra onde as figuras sublimadas
Davam no bravo horrores, belo, agradados
De base única, bases redobradas,
Nos quatro cantos são quatro veados;
Cujas ramosas pontas dilatadas
Eram bosques de corvos elevados,
Mostrando que prezava o Jóvio ativo
A ave lutosa e bruto fugitivo.

27

Vê-se no deleitoso das pinturas,
Que as paredes do templo guarneçiam,
Tais proporções, tais graças nas figuras
Que as de Bularco ou Címon pareciam.
Ações heroicas e batalhas duras
Donde o Mélio triunfava descreviam;
As doze a que forçado, as voluntárias
A Oeteu fáceis, se a outrem temerárias.

28

Ao Cleoneu por ferro invulnerável
Com duras unhas bravo espedaçava
Da Lerneia Hidra a produção notável
Com ferro e fogo válido embargava;
Que Iolau firme, companheiro amável,
As encendidas achas ministrava
Porque, nas contingências de um perigo,
Inda Silvário necessita amigo.

29

Liga na agreste Arcádia em bosque
[horrendo
Que embarga os raios do planeta louro
Com grossa corda a javali tremendo,
Sem medo a dente nem receio a couro.
Apanha, inda que inteiro ano correndo,
Cerva com pés de bronze e pontas de ouro,
A Micenas levando-a patenteia
Serve a Euristeu, sem provocar Naneia.

30

Já com ligeiras setas atirando
As aves Stinfálides matava,
Já no crótalo com vigor tocando
Da lagoa Stínfalo as enxotava;
Já contra as Amazonas pelejando,
De Hipólita o talim rico tirava;
Já limpa, com voltar ribeira fria,
De Augias potente a imunda estrebaria.

29.7 Micenas corr. : Nycenas T Nicenas Tac Ny-
cenas Ny || 30.8 estrebaria corr. : estrevaria T Ny

31

Ao bravo touro Mongibelo vivo
Quando valente liga, destro amansa;
Diomedes Trácio, aos hóspedes nocivo,
Aos mesmos brutos que os lançava o lança;
A Gerião com mais corpos mais ativo,
Por triplicado triplicou vingança;
Cabeças corta às guardas que submete
No perro duas, na serpente sete.

32

No jardim belo centro de alegria
De Agle delícia, agrado de Hespertusa,
Donde áureos pomos rica planta cria
E goza parda sombra alva Aretusa,
A Ládon bravo válido feria
Com maçã grossa de que férvido usa,
Mostrando agonizante ardor tremendo
De Equidna e Tífon o produto horrendo.

33

Com força ingente e com furor terrível,
De escuro Inferno arrasta a lugar claro
Ao Cérbero trifauce, monstro horrível,
No Tártaro fatal de sombra avaro,
Mostra o Cão fero agitação penível
Vendo a luz bela em cume de Tenaro;
Junto o acónito nasce venenoso
Que inda o bom no mau faz só perigoso.

34

A Álbion e Bergion, válidos gigantes,
Na Gália Narbonense Alcides forte
Já feria com setas penetrantes,
Já com pedras celestes dava morte.
Do sagaz Caco alentos fulminantes
Extingue sufocando sem dar corte.
A Pirecno destroça, a Lepreias mata
A Fileu sobe e a Augias desbarata.

35

Se a Sauro acaba junto de Erimanto,
A Âmico e Mígdon mata em Temiscira;
Se a Calcíope bela enxuga o pranto,
A Eurípilo pai fero em Cós mostra ira;
Se a Alcioneu por grandeza horrendo
[espanto
Extingue no istmo da famosa Éfira,
De seu tremendo braço sentem fúria
Na Arábia Emátion, Lígis na Ligúria.

36

Se a Érix, rei de Sicília, destroçava,
A Menétio pastor também feria
Pois se ao mal, não pessoa, é que opugnava,
Vendo o mal do sujeito, prescindia.
A Telégono e Sárpedon matava,
Se à tessálica Alcestis socorria;
Porque é tanto de herói pelear forte
Como a aflito em perigo evitar morte.

33.6 Tānaro T Tanaro Tac Tanaro Ny

37

A Lico, que a Creon mata arrogante,
Mais por razão que parentesco mata;
Se a Busíris no Egito dominante
A altar que outros atou fervoroso ata;
Junto na mesma flama rutilante
A Anfidamas e Calbes desbarata;
Porque a cúmplices numa atrocidade
Une em castigo, se os uniu maldade.

38

Se a Eriteia das ondas comovido
Navega em copo que por Sol foi dado,
Na baleia de Hesíone metido,
Opera o que da víbora cuidado.
Derroca a grande Troia enfurecido,
Prende bravo a Podarces desgraçado;
E ao falso Laomedonte ativo e forte,
Porque não deu cavalos, dava morte.

39

Se cobras quando infante dividia,
Do céu pólo quando homem sustentava;
Se ao Parnásio Leão bravo feria,
Ao Calidónio Porco destroçava;
Se a Pigmeus só com pele destruía,
A Arquíteles com punho só matava;
Foge-lhe Ergino, rende-se Orcomeno,
Porque inda o grande a herói sempre
[é pequeno.

40

Vê-se junto a Equedoro o desafio
Que apartam só relâmpagos e raios,
Mostra Adefago alento, Cicno brio
Que se um não cansa, outro não tem
[desmaios.
Na águia tremenda no hiperbório frio
De acerto em tiros patenteia ensaios;
Mata do horrendo Tífon brava filha,
Que se à réptil venceu, volante humilha.

41

A Aqueloo transformado em touro
[horrendo
Aguda ponta válido quebrava,
E ao mesmo tempo glória e lucro tendo,
A vazia por cheia transmutava.
A Nesso enganador de arco tremendo
Aguda seta pronto disparava,
Ervada flecha onde dispunha a sorte
Pelo impulso do zelo a ação da morte.

42

Se nos Centauros que inda o resistiam,
Afidas, Breto e Crítton se notavam,
Peantor, Rifeto e Licidas fugiam,
Médon, Picagmo e Reco se ocultavam;
Se Abas, Helino e Teumas combatiam,
Flegreu, Denis e Tónio se ausentavam;
Nícton, Teleboas e Erigipo correm,
Antímaco, Dorilo e Craneu morrem.

38.1 comovido corr. : commovida T Ny

43

Exprímia não só grata a pintura
De ações heroicas a sublime história,
Mas como panegírico em figura
Os dignos cultos de tão nobre glória.
As grandes festas, de que a fama dura,
Os sacerdotes de que inda há memória,
Sendo emendado o Sírio por Romano,
Gala do tempo, encómio do Tebano.

44

Fartos Potítios mostram diligentes
Que é só mãe da Fortuna a agilidade.
Prezadas libações bebem contentes,
Vítimas comem com felicidade,
Tendo fome, os Pinários negligentes,
Porque a preguiça traz necessidade.
Ostenta-se Carmenta verdadeira,
Vê-se de Evandro altar, de Ápio cegueira.

45

Oram na cova triste a Alcides forte
De Bura grata Acaios engolfados,
Que certo dito crendo a móvel sorte
Abriam livros e lançavam dados;
De animal brando evitam dura morte
Tísbios graves, Tebanos decantados;
Porque em gosto de Mélion se emparelha
Maçã fingida com peluda ovelha.

46

Siciónios por dois dias celebravam,
Se as Heracleias num, noutro Onomatas,
Os Lindos como sacros reputavam
Terríveis ditos e orações ingratas.
Cada cinco anos os Cecrópios davam
A Ceramintes bravo ofertas gratas;
De Coos ministro veste feminino,
Porque uso volta inda o que afronta
[em digno.

47

Nos graves mestres de Hipódoto claro
Destreza e força Harpálico ostentava,
Encurva arco o pastor cita Teutaro,
De setas cheia pende a Êurito aljava,
Lino tem rolo como livro raro,
Anfitrión bravo em mão freio mostrava,
Move Autólico açoute, Eumolpo toca
Com ligeireza em mão, doçura em boca.

48

De Creon filha a cândida Mégara
Pelos Alcaidas lágrimas chovia,
Se, progénie de Egeu, Meliten cara,
Em negros olhos tem grata alegria,
Dessa urna triste que na linfa clara
O Caíco move e Polias suspendia,
Mostra Augén livre c'ò recente infante
De Áleo crueldade, e afeto de Teutrante.

49

De outro tirânico pai, também queixosa
Filone mostra horror de Alcidemonte
Que se uma a Télefo ama carinhosa
A Acomágoras outra exposta em monte,
Vendo-se a Providência portentosa
Que a conópio dirige a Cissa fonte.
Bela filha de Eneu guarda a camisa
Que foi de zelo ardente atroz divisa.

50

A que Êurito gera, Ecália cria,
No ingrato monstro, se prodígio em belo,
Do Helicónio Leão pele vestia,
Servia-lhe a caveira de capelo;
Na branca mão pesada maça erguia
Da hora final da vida atroz martelo,
Porque inda em frágil dá terror de morte
Que amor faz forte ao brando e brando
[ao forte.

51

Via-se a lídia filha de Jardano
Emlésbia pele horrível revestida,
Que como em trajem, tendo em peito
[engano,
Menos amava quando amante crida.
Astíques, filha de Ator soberano,
Mostra em garbo gentil graça aplaudida.
Beócia parece com quarenta e nove
Filhas de Téspio, que princesas chove.

50.1 Êurito corr. : Ecerito T Ny

52

Ostenta Hebe sublime mocidade,
Esmalte principal da formosura,
Mostrava em muitos anos pouca idade,
Conserva a perfeição, que breve dura.
Na queda sobe a mais felicidade,
De casar com Fundano tem ventura,
De Aniceto e Alexíaris gosta o terno,
Que em filhos se gloria amor materno.

53

Usam das Cissotomias reverentes
Grinaldas de hera em mostras de alegria,
Porque é própria por folhas permanentes
A sempre-verde, a sempre moça Dia.
De Fliunte siciónica assistentes
São dos festivos grata companhia,
Ostentam gosto sem mostrar louquice,
Nem tocam rapazio nem velhice.

54

Viriato apenas entra na cidade,
Para o templo marchou com diligência,
Que inda havendo civil necessidade
Deve dar-se ao Divino precedência.
Aumentando o devoto na humildade,
Pedi com força, e orou com reverência;
Enquanto vezes várias popas trazem,
E exames próprios sacerdotes fazem.

ESTÂNCIAS
DE CASTRO SARMENTO

(Página deixada propositadamente em branco)

58

E tanto que festivo e religioso
Termina o sacrifício e acaba a ceia,
Vai donde há junto ao templo sumptuoso
De estátuas sírias larga sala cheia;
Que peito, não devoto, mas curioso
Guardou depois que o culto lhes varia;
E de assédio os primeiros moradores
Supunham deuses, criam protetores.

59

Entra em salão somente acompanhado
De um velho sírio, sacerdote grave,
Que de Fenícia a Ibéria transmutado,
Dos que antes foi ministro, guarda a chave;
E tão prudente como exercitado,
Com juízo discreto e voz suave
Não só figuras mostra e ações explica,
Mas razões dá, notícias amplifica.

60

“Este”, lhe disse o velho, “Baal se chama,
Que o mesmo é que senhor na língua
[hebraia
E não difere do que Assíria aclama
Nomeado Bel no idioma de Caldeia.
Por grata imagem da alta solar flama
O adora ruda a gente cananeia;
Mas quem mais sábio o pensamento move
Crê da Ásia o Belo, qual da Grécia o Jove.

61

“E bem como a este os nomes variaram,
Ou por lugar do culto, ou pelo ofício,
Por terra Egípcio e Latial chamaram,
Plúvio e Lucétio pelo benefício,
Apelidados de Beel multiplicaram,
Ou pelo mais tremendo, ou mais
[prospício;
E segundo esta bruta variedade,
Faz novo deus quem faz nova cidade.

62

“Baal-Samen dos Fenícios é chamado,
Como se em grego ‘Olímpico’ disseram;
Baal-Zebub de Ecronitas nomeado
Qual se Apómio, ou Muscário,
[o conceberam;
Dos Chechemitas Baal-Berith prezado
É, qual se a Federato o nome deram;
Suposto os julguem por farol diurno
Horrendo Marte ou lúgubre Saturno.

63

Aquele é Baal-Tsefon, que egípcios magos
Se entende que puseram por vigia,
Para que vendo em mar e olhando
[em lagos,
Embargue ao povo, que a Moisés seguia,
Parando fuga, e suspendendo estragos;
Também qual Jove Stator parecia;
Posto não tenha inda no horror que avança
Na esquerda raios, na direita lança.

64

“Este que segue é Baal-Peor chamado
Pelo monte Peor donde aplaudido,
Não só dos Midianitas adorado,
Mas também dos Moabitas por Deus

[crido;

Qual Príapo dos Gregos reputado
E como Chemosh cego presumido,
Que não me admira que de vários tome,
Se de glória apelido, de horror nome.

65

“Esse que tem de touro a testa ingente
Contíguo a Beel-Fegor, Moloch se chama,
Que alguns julgam de Baal não diferente,
Pois se um grita ‘Senhor!’, outro ‘Rei!’ clama;
Mas crendo-o por Saturno a Pena gente,
Que humano sangue em seu favor derrama,
Indicam que era pelo duro emprego
O Milcom amonita, o Cronos grego.

66

“Aberides tremendo em forma avara
Com longos braços ávido parece,
Que abrindo as palmas como se apanhara,
Mostra em mãos quanto em ventres

[apetece,

Por cujo certo número declara
Que planeta qual Mitras resplandece;
Porque tem, se os mistérios seus reportas,
Um, sete nichos, se outro, sete portas.

66.1 Aberides corr. : Abderides T Ny

67

“No primeiro aves várias abrasavam,
Feixes de trigo no segundo ardiam,
Borrego no terceiro destroçavam,
Vitela em quarto a cinzas reduziam;
Bezerro em quinto com fervor queimavam,
Boi pacífico em sexto consumiam,
E no sétimo duro o torna infante,
Exalta o religioso, e abate o amante.

68

“Qual no vale Tofet Geena horrível
Quando a Molech Judá culto fazia,
De confusos tambores som terrível
Formava mais estrondo que harmonia;
Aqui também medonho com plausível,
Tirana devoção sagaz cobria;
Porque inda em ritos, que elevada preza,
Ao culto envergonhava a natureza.

69

“Mas quem só lustração propunha e mente
Não queima filho como em sacrifício,
Porque entre fogo e fogo andar somente
Creem dá pureza e causa benefício.

Oh que cega ilusão que cria a gente!

Seja, ao que mais cruel, Deus mais

[prospício!

Que presume devota sem prudência,
Que morra a culpa em morte da inocência?

67.2 Feixes Ny Feixe T || 69.7 presume corr. :
presuma T Ny

70

“Quais bravos e furiosos Belonários
Seus duros sacerdotes se cortavam,
Pois creem com modos à razão contrários,
Que em mais sangue mostrar, mais fé
[mostravam.
E fazendo clamores temerários,
Como a Baal chamam, por Moloch
[chamavam,
Supondo cegos nos confusos ritos
Por sacro os golpes, por devoto os gritos.

71

“Ao que vês de alto corpo e cara cheia
Era o templo vizinho dedicado,
Que Hércules dito, pelo que alumeia,
Sublima em testa resplendor prezado,
Chama-lhe o Egito Chon, Chiun cananeia,
Se Renfan, ou Refan, pelo avultado,
Sendo o Sol claro a lúgubre Saturno
Colosso alegre de farol noturno.

72

“Como Oannes sábio em Babilónia
[horrenda
Ajunta homem com peixe na cintura,
Dagon medonho em posição tremenda,
Se mostra anfíbio deus nessa figura.
Tritão dos Filisteus, forma estupenda,
Lhe dá monstruosa ideia na escultura;
Ou porque entre águas concedia abrigos,
Ou porque em campos aumentava trigos.

72.4 anfíbio corr. : amphibuo T Ny

73

“Pois muitos cuidam de que não somente
Seja o mesmo a que Hebreus Noah
[chamaram,
Mas que em cultivar terras eminente,
Qual Siton ou Saturno o reputaram;
Da Terra e Céu sublime descendente,
De Ilo, Atlas, Cronos como irmão
[julgaram,
Tendo em progénie e ramo masculino
A Misor e Suduc, de Mago e Amino.

74

“Mas nota que não só foi peixe e humano
O que em templo de Ashdod lograva culto,
Pois de peixe e mulher monstruoso engano
De Atergate afogada ostenta o vulto.
Adquire imortal glória em mortal dano,
Ganha veneração sofrendo insulto;
Mopso a abate, Semíramis a eleva,
Paga em divino, inda que humano deva.

75

“Junto a Derceto a clara Astarte observa,
Astaroth no plural de alguns chamada,
Astro que nunca a luz fixa conserva,
Ora Diana, ora Juno apelidada.
Deixando ao branco néctar por verde erva,
Como em bruto, onde está representada,
Verás ser por discurso verdadeiro
Amónia ovelha, quando Ámon carneiro.

76

“Está de roupa curta revestida,
Que tem cabeça de homem na direita,
Na branca esquerda lança aguda erguida,
E a clara testa com muralha enfeitada,
É Vénus, dos Sidónios tão querida,
Que Biblos ama, e Tiro não rejeita;
A que, a Adónis querendo, em seus amores
Sentiu desgraças e logrou favores.

77

“O próximo tão belo, que languente
Era, o mesmo que Adónis nomearam,
Porque supondo o Sol resplandecente,
O nome de Senhor lhe tributaram.
Tamuz apelidava a hebraica gente,
Sírios o creem, se Assírios o adoraram;
No Egito lhe dão culto, em Grécia glória,
Que guarda o nome, inda que altere
[a História.

78

“Por seis meses de Urânia o creem gozado,
Porque tantos ilustra a este hemisfério,
Se outros seis de Proserpina guardado
Porque os passa mais baixo em campo
[etéreo.
Varia em vários dia em que chorado,
Pois muda tempo a mutação de império;
Mostrando peito alegre em peito aflito,
Em junho a Síria, se em novembro a Egito.

79

“Porque não só Melampodos lutosos
Adónias funestas celebravam,
Mas de Biblis Fenícios pesarosos
Com cabeça rapada lamentavam;
Tocando gírias lúgubres, chorosos
Tristes gígras baixo modulavam;
Humilha-se e jejua o masculino,
Arrepela-se e geme o feminino.

80

“De Gígras morto e Balta enternecida
Alguns trazem nas mãos tristes pinturas.
Se a Adónis chama rouca voz sentida,
Dobram-se exclamações, crescem ternuras,
Já suspiro, já lágrima caída,
Patenteia do peito as amarguras;
E entre os horrores de um confuso espanto,
Vê-se aqui luto, ouve-se ali pranto.

81

“Mas por carta que manda Alexandria
Sabendo é Gígras já ressuscitado
De Inferno obscuro, adonde residia,
Aos ares por Sotira levantado.
É canto e dança o que antes Adónia,
Bárbiton soa, é trígono tocado;
Liro-fénicio ouvidos deleitava,
Sambuca agrada, spádix recreava.

80.1 Baltha T Bartha Ny

82

“Adónias não só Graios faziam
Mas Caldeus igualmente as celebravam,
Porque se Terra e Árqutis presumiam
Seu doce emprego, claro Sol julgavam.
Qual Jove Heliopolites o entendiam,
E como a Adad fulgente veneravam;
Porque erro em devoção tal passo corre,
Que adonde nasce, jamais para ou morre.

83

“Vê Nisroch dos Assírios adorado
E no templo de Nínive aplaudido
Nota a Rimón que por Roman chamado
Tem régio em forma, e régio no apelido;
Olha a Nabo profeta imaginado,
E oráculo dos mesmos povos crido;
Que é pelo emprego junto com domínio
Ámon assírio, ou Jove vaticínio.

84

“Observa a quantos Terafim chamaram
Sírios Penates, babilónios Lares,
Que oráculos caseiros reputaram,
Índices de futuros singulares:
De ouro ao Sol, prata à Lua figuravam,
Variando os metais como os lugares;
E fazendo em respeito das estrelas
Moços, pombo, leão, serpe e vitelas.

85

“Posto que de outro modo os consultavam,
Para os mesmos intentos lhes serviam,
Que as vozes dos que aos ares levantavam,
Quando mortos na terra se escondiam,
Menacheshim, que a agouros se aplicavam,
Megnonenim, que a tempos atendiam.
Confusas setas, ou medida vara,
Ob, que é loquaz no ventre, e mudo em
[cara!

86

“Aqui também verás desses que foram
De Assur para a Samaria transplantados,
Pois como perto dos Fenícios moram,
Veem deuses juntos, se homens misturados.
Nergal contempla que os de Cut adoram
Figura, a que já Sírios costumados,
Porque abaixando o olímpico ao
[campestre,
Creem por Marte feroz galo silvestre.

87

“Essa galinha que seus pintos cobre
Succoth Benoth era em Babel chamada.
Uma a julgaram, se por nome dobre,
De *cabanas e filhas* declarada.
A mesma a entendem do que Vénus nobre
Milita na Caldeia apelidada;
Pois não somente Genetrix disseram,
Mas na forma de amante a descreveram.

88

“Vê Nib-haz que ali tem forma de perro
Se aqui Tartak figura de jumento,
Porque Avims néscios sem temores de erro,
Desprezam vivo, e adoram fingimento.
Peregrina Ashimah não por desterro,
Pois como em pátria Hamath tem
[rendimento.
Nessa imagem de cabra patenteia,
Sem pensões de ama, glórias de Amalteia.

89

“A Adram-Melech aqui vê como mula,
Se Anam-Melech ali como cavalo
E a estes dois brutos tanto o culto adula,
Que em lhes dar filhos creem lhes dão
[regalo;
Ninguém dos Shefarvaim escrupula
Forma de rito por temor de abalo;
Porque onde há fé tão dura como cega,
De humano foge quem se ao sacro chega.

90

“Estes os deuses são que o povo cego
Sem mais reparo fervoroso cria,
Porque estimando o que é da vista emprego,
Somente se adorava o que se via;
Mas quem cuida, e mais cuida sem sossego,
Ao que é Causa de causas descobria;
Porque acha, vendo em todas sábio aviso,
Que um juízo é fonte de milhões de juízo.

91

“Num Deus Santo, Pai, Rei, Primeiro
[e Eterno
Creem doutos Babilónios e Hiparenes;
Contemplando a harmonia do governo,
Único o julgam sábios Borsipenes;
Que rege astros, mar, terra, ares, e inferno
Afirmam com fervor claros Orchenes;
Porque todos discretos, e advertidos,
Se unem na ideia, em terras divididos.

92

“E inda que os Mecashfim reveladores
Por Tsilmenaias predições faziam,
E deles, como ramos inferiores,
Jideoni pulam, e Casmim nasciam;
Estudando Chasdim astros superiores
De astros criador discretos conheciam;
Chartumim contemplando o veneravam,
E Ashafim discursando eterno achavam.

93

“E como Zoroaster intentava
Que o claro à vista ideie o claro à mente,
Luz sublime e incorpórea nomeava
Ao, sem princípio e fim, sumo e vivo Ente;
E desta Eterna Causa originava
Não só mortal caduco e impermanente
Mas eviternos e incorpóreos todos,
De várias classes e de vários modos.

89.3 dois Ny dous T

94

“Liberal do infinito que podia
Abriu tesouro de alta imensidade
Dando a Primeira Mente mais valia
E a vários deuses vária qualidade;
Aos que somente inteligíveis cria,
Em grau maior lhes deu mais gravidade,
Se inteligíveis e intelectuais junto
Na primeira ordem dão segundo assunto.

95

“Dos que intelectuais cria somente
Da ordem prima compõe classe terceira,
Achando-se em qualquer pai que, eminente
Entre eles, a excelência tem primeira;
Poder, que inda segundo é muito potente,
E mente grande, inda que derradeira;
Sendo os que inteligíveis diretores
Na essência mais, porque em lugar maiores.

96

“Inteligíveis e intelectuais criam
Aos que na ordem segunda colocavam,
Os Iinges em primeiros precediam,
Os Sinoches segundos governavam;
E pelos cargos donde os concebiam
Empíreo, etéreo e material chamavam;
Os Teletarchs de Anoches ajudantes
Eram, se baixos, altos dominantes.

97

“De intelectuais somente ordem terceira
Em classes dividida compuseram,
Se os guias Cosmagogos na primeira,
Três Amilictos na segunda ergueram;
De Hipezocos enchendo a derradeira
Sete paternais fontes conheceram;
Tendo Hécate com zona guarnecida
A um lado a da virtude, outro a da vida.

98

“Outros supondo, inda que em graus
[menores,
Fontes de fontes têm diversidade,
Porque ostentando glórias superiores
Brotam a da fé, de amor e da verdade;
Do juízo, do sentido e de fulgores,
Dá prospetivas grata variedade,
Dos caracteres de altos pensamentos,
Fixos centros e vagos elementos.

99

“Aos grandes Hiperarchios colocavam
Menos que as fontes, se princípios ditos
Seguem deuses, que Azonos nomeavam
Porque a certos lugares não restritos;
Baco e Serápis neles contemplavam
E a quantos na cadeia estão constrictos.
Nota quão baixos nesta série achamos
Aos que sublime culto humildes damos!

100

“Inda em graus menos graves conheciam
Dos céus móveis, dos astros diretores,
Saturno e Jove – observa! –, onde incluíam
De Marte alentos e do Sol fulgores.
Donde a Mercúrio e Vénus presumiam
De argêntea Lua os gratos resplendores;
E inda é mais, pois não falo dos patentes,
Mas dos vistos, jamais vistos regentes.

101

“Porque entre o que governa e governado
Distância imensurável considera,
Pois se a vista a um tão alto acha elevado
Quantos milhões na mente outro supera?
Que inda o que a certa zona destinado
Com potência parcial restrito opera
Mora nesse incorpóreo alto distrito,
De limitado chão teto infinito.

102

“Que disse! Neste empório inda a menores
Em lugares mais baixos colocaram,
Aos claros mensageiros superiores,
Aos demónios que lúcidos chamaram;
As almas mais sublimes, e inferiores,
Que em classes diferentes separaram,
Porque a todos com pompa soberana
Dão luz gloriosa em luz supramundana.

103

“Debaixo deste aos sete mundos creram
Em que a matéria impenetrar-se implica,
Todo o primeiro, fogo supuseram,
Como o nome de empíreo significa.
De substância tão ténue o conceberam,
Que a éter passando aos mais comunica,
E descendo aos lugares mais profundos,
Qual, baixando de graus, baixa por
[mundos.

104

“Suposto que subtil mais encorpado
É segundo, de etéreos o primeiro,
Segue o de estrelas várias adornado,
Campo de Touro e prado de Carneiro;
Mais baixo o de planetas marchetado
Conta-se quarto e chama-se terceiro.
Reflete agora e observa quão distante
O governado está do governante.

105

“Se desse pavilhão de astros jucundos,
Adonde brilha o cão, reluz a perra,
Olhasses para os três materiais mundos
Ligeiro ar, móvel água e dura terra,
Acharias mais alta que estes fundos
Essa primeira abóbada que cerra;
Porque em grandezas de lugar sem conto
Inda três mundos são pequeno ponto.

(Página deixada propositadamente em branco)

ILUSTRAÇÕES



[Nesta página]

Frontispício do manuscrito **T**, do Duque de Palmela, Prof. Ralph Stanton e University of Toronto

VIRIADAS

DO D^r



ISAC DE SEQUEYRA SAMUDA,

médico Lusitano, e sócio da Real
sociedade de Londres.

OBRA POSTHUMA

digesta corrigida e conclusa pelo

DOUTOR

JACOB DE CASTRO SARMENTO,

médico Lusitano do Real Collegio dos
médicos de Lond.^s e Socio da Real Societ.^d

QUE A OFFERECE

A O MAYOR PROTECTOR DAS LETRAS,
O MUITO ALTO, E PODEROSO SENHOR

D. JOAÕ V.

REY DE PORTV GAL.



[Nesta página]

Frontispício do manuscrito *Ny*, de Francisco Ferreira da Costa, Louis M. Rabinowitz e Jewish Theological Seminary of New York (Augusto D'Esaguy, «Breve Notícia...», 1934, p. 263)

[Página seguinte e por esta ordem]

Frontispício das *Poesias Diversas* de Rodrigo da Veiga (1713)

Cortesia da Biblioteca Angelica di Roma

Folha de rosto da *Fábula de Píramo e Tisbe* (1713)

Cortesia da Biblioteca Angelica di Roma

2028

Variadas

Do D.^o

João de Azevedo Almeida,
Medico Lusitano, e Socio da Real
Sociedade de Londres.

Obra Postuma
Digesta corrigida, e concluida pelo
Doutor

Jacob de Castro Chimento
Medico Lusitano do Real Collegio das
Medicinas de Londres e Socio da
Real Sociedade,

Que a oferece

AO Maior Protector das Letras,
O Muito Alto, e Poderoso Senhor

D. João O Quinto
Rei de Portugal.

POEZIAS · DI ·
VERSAS · FEI ·
TAS · POR · DI ·
VERSOS · AU ·
TORES · E · ES ·
CRITAS · POR ·
RODRIGO · DA ·
VEIGA ·

FABULA DE
PIRAMO E
TISBE.

FEITA POR
SIMÃO LO-
PEZ SAMU-
DA.



SERMONES FUNEBRES
A LAS DEPLORABLES
MEMORIAS
Del muy Reverendo, y Doctissimo
H.H. y Doctor
R. DAVID NIETO.
Rab del K.K. de
Sabar Hasbamaym.
Predicados en las Exequias de los
Siete y Treinta Dias.
Por su hijo
ISHAC NIETO.

כי בצל החכמה בצל חכמה ויתרון דעת
Eccl. 7. 12. חכמה תחיה בעליה.

En Londres, Año 5488.
Con Licencia de los Señores del Mahamad.

ESPEJO FIEL DE VIDAS
Que Contiene
LOS PSALMOS DE DAVID
En Versó
Obra Devota, Vtil, y Deleytable
Compuesta por
DANIEL ISRAEL LOPEZ LAGUNA.

Dedicada al muy Benigno y Generoso

Señor,

Mordejay Nunes Almeyda.



En LONDRES con Licencia de los Señores del Mahamad,
y aprovaçion del Señor Hasbam.
Año 5488.

EPITAPHIO.

Que figue al Hebraico, sobre la Piedra del monumento en que está Sepultado, el Reverendo, docto, H. H. y Doctor, R. DAVID NIETO, que passó de esta a mejor Vida, en día de Sabat, 28. de Tevet 5488. Siendo el mismo Dia, que Cumplió 74 Años.

Compuesto, por el Excelentissimo Doctor, ISHAC de SEQUEIRA SAMUDA, Medico del Real Colegio, y Socio dela REAL SOCIEDAD de Londres.

Oflava.

THEOLOGO sublime, SABIO fundo,
MEDICO insign, ASTRONOMO famoso,
POETA doce, PREGADOR facundo,
LOGICO arguto, PHISICO engenhoso,
RHETORICO fluente, AUTHOR jucundo,
Nas LINGUAS prompto, HISTORIAS noticioso,
Poeto que tanto em pouco, a quy se encerra;
Que o muito & pouco, em morte, he pouca Terra.

F I N I S

Outavas do Mesmo.

DE frase Hebraica em frase Castellhana,
O mellituo Platerio transformaste;
Mas na belleza da cadencia Hispana,
A gravidade Hebraica he descahe,
O laço estillo, a graça mais que humana,
Os idiomas mudando, nao mudaste:
Que immovel no sublime, obra Divina,
Tem lingua natural na peregrina.
Como lago argentado centro undoso,
Claro archivo de lymphas transparentes,
Qual teu nome, he teu livro proveitoso,
Lago, em thezouro de mentas correntes,
Fozes, que sao com fluxo caudaloso,
Pr. de bocas, de graça dez torrentes,
Rio, que guardo na verçao mais pura,
Das proprias fontes natural doçura.
Doçura transformada, e nao mudada,
Que ois a graça original reserva,
Si q. tanto virtude redobrada,
Em duas linguas havi as esconceva,
Luz permitida, e mais transfigurada,
Dote, que util e doce, puro e leveza,
Sacrificio, e mais r. t. o. local composto,
Que a devaçao cantava, pelo gozo.
Como fulgente Sol descoberto
Em obril pezo as plantas mais alenta,
Celeste influo de anjos derivado,
Nesse Espalho reflexos accretenta,
Que ás almas dando espirito dobrado
Da penitencia os frutos lhes augmenta,
Fructos, que em permanencia sempiterna,
Serao de vida, e gloria em vida eterna.

De Duña Sarah de Foyfca Pina y Pimental al Autor.
Lezima.

A tu Sciencia gran DANIEL
Gracias se le deve dar,
Por el don tan singular,
Que oy presentas a Yfrael,
En la de tu Espejo FIEL,
Vida nos das, y fortuna,
Pues al que mira su LUSA,
Le infunde tan tanto zelo,
Que le suben hasta el Cielo,
Las aguas de tu LAGUNA.

De

CATALOGUE

OF THE

Fellows, Candidates, Honorary Fellows, and Licentiates,

OF THE

Royal College of Physicians, London.

FELLOWS.

SIR HANS SLOANE, *Baronet, President, Great Russell-street, by Bloomsbury.*
 His Grace JOHN, *Duke of Montague.*
 Dr. Walter Harris, *Elect. New North-street, near Red Lion Square.*
 Dr. Walter Mills, *Salisbury-Court.*
 Dr. Frederick Slare, *Elect. Greenwich.*
 Dr. Richard Darnell, *Stannore, Middlesex.*
 Dr. John Bateman, *Elect. Paddington.*
 Dr. John Hamilton, *Warwick.*
 Dr. William Dawes.
 Dr. Richard Robinson, *Charing-Cross.*
 Dr. Robert Gray, *Leicester-street.*
 Dr. Joshua Le Fevre, *Little Marlborough-street.*
 Dr. Thomas Walfh.
 Dr. Richard Blackmore, *Kt. Elect. Norfolk-street.*
 Dr. Tancred Robinson, *Elect. Med. Reg. Norfolk-street.*
 Dr. James Welwood, *Confor, Turk-Buildings.*
 Dr. Peter Gellhorn, *Welling.*
 Dr. William Gibbons, *King's-street, Covent-Garden.*
 Dr. John Hawys, *Elect. St. Helen's.*
 Dr. Robert Coney, *Country.*
 Dr. Hugh Chamberlen, *King's-street, Covent-Garden.*
 Dr. John Woodward, *Gresham-College.*
 Dr. Gideon Harvey, *Elect. Med. Reg. ad Turrin, Petty-France, Westminster.*
 Dr. Richard Morton, *Greenwich.*
 Dr. James Ladd, *Confor, Castle-Tard.*
 Dr. William Grimboldon, *Warwick-Court, Holbourn.*
 Dr. Henry Levett, *Charter-House.*
 Dr. Thomas Crowe, *Throgmorton-street.*
 Dr. Henry Plumtree, *Register and Confor, Bow-Lane.*
 Dr. John Arbuthnot, *Cork-street, Burlington-Garden.*
 Dr. John Shadwell, *Med. Reg. Windmill-street.*
 Dr. Edward Norris.
 Dr. Thomas Pellet, *King's-street, Covent-Garden.*
 Dr. John Gardiner, *Warwick-Court, Holbourn.*
 Dr. Richard Mead, *Ormond-street.*

Dr. Richard Hale, *Lincoln's-Inn-Fields.*
 Dr. John Freind, *Albemarle-street.*
 Dr. Richard Tyton, *Lime-street.*
 Dr. Thomas Welt, *Treasurer, Red Lion-Square.*
 Dr. William Wagstaffe, *Salisbury-Court, Fleetstreet.*
 Dr. William Barrowby, *Lawrence-Lane.*
 Dr. Edward Hulke, *Little Love-Lane.*
 Dr. Thomas Wadsworth, *Aldermanbury.*
 Dr. Stephen Chafe, *Confor, King's-street, Bloomsbury.*
 Dr. James Jurin, *St. Laurence-Pountney-Lane.*
 Dr. Charles Bale, *St. James's Street.*
 Dr. George Lewis Teffier, *Med. Reg. ad Familiam, Orange-street by Leicester-Fields.*
 Dr. Peirce Dod, *Effex-street.*
 Dr. William Stukeley, *Ormond-street.*
 Dr. George Wharton, *Honford's Court in Fenchurch-street.*
 Dr. William Ruttly, *Salisbury-Court, Fleetstreet.*

Mr. Roger Kenyon, *Great Russell-street by Bloomsbury.*
 Dr. James Keith, *Devonshire-street, near Red Lion Square.*
 Mr. John Turner, *Walbrook.*
 Mr. Richard Wellfed, *Tavistock-street.*
 Dr. Richard Watts, *Pancreas-Lane, City.*
 Dr. Arnold Boate Beirman, *Burr-street near the Tower.*
 Dr. James Augulus Blondel, *Stepney-Causley.*
 Mr. Daniel Turner, *Devonshire-Square, near Bishopsgate-street.*
 Mr. John Cartledge, *Woodstreet.*
 Dr. John Gorman, *Little Wild-street.*
 Dr. Joseph Eaton, *Country.*
 Mr. Thomas Lewis, *Barrier's Buildings.*
 Mr. William Browning, *Broad-street, City.*
 Mr. John Beale, *Bow-Lane.*
 Dr. Conrad Joachim Sprengell, *Silver-street, Bloomsbury-Square.*
 Dr. John Mifalubin, *St. Martin's Lane.*
 Dr. Charles Jernegan, *King's-street, by St. James's Square.*
 Dr. Alexander Stuart, *Pall Mall.*
 Sir Richard Manningham, *Chancery-Lane.*
 Dr. Edward Strother, *King's-street, near St. Anne's Church, Soho.*
 Dr. John Purcell, *Denmark-street, St. Giles's.*
 Mr. Thomas Dover, *Cecil-street, Strand.*
 Dr. Edward Brown, *Fleetstreet.*
 Dr. Meyer Schamberg, *Fenchurch-street.*
 Mr. Isaac Segueira Samuda, *Bishopsgate-street.*

Candidates.

Dr. Thomas Hoy, *Reg. Prof. Med. Oxon.*
 Dr. William Coward, *Ipswich.*
 Dr. Thomas Bainbrigg, *Savage-Gardens.*

Honorary Fellows.

Dr. Daniel Cox, *Basinghall-street.*
 Dr. John George Steigertahl, *Pall-Mall.*
 Dr. James Douglas, *Bow-Lane.*

Licentiates.

Dr. William Sydenham, *Richmond.*
 Dr. Caleb Cotefworth, *Fenchurch-street.*
 Mr. Thomas Botterell, *Bartholomew-Close.*
 Dr. James Maucier, *Orange-street by Leicester-Fields.*
 Dr. Philip Rose, *Manchester-Court, Westminster.*
 Dr. Charles Morton, *Haston-Garden.*
 Dr. Stephen Hunt, *Islington.*
 Dr. William Cockburn, *St. James's Street.*
 Dr. John Crichton, *Barge-Tard, Bucklersbury.*
 Sir John Colebach, *Buckingham-street.*

Comitiis Conforiis ex Aedibus Collegii nostri, Dat' 5^o Octobris, 1722.

IMPRIMATUR.

HANS SLOANE, *Præfes.*

Jacobus Welwood,
 Jacobus Ladd,
 Henricus Plumtree,
 Stephanus Chafe, } **CENSORES.**

MDCCLXXII.

[Por esta ordem]

Frontispício dos *Sermões Fúnebres* de Isaac Nieto, filho de David Nieto, 1728

Epitáfio de Samuda em memória de David Nieto, na obra de Isaac Nieto, de 1728

Frontispício do *Espejo Fiel de Vidas*, de Daniel Laguna, de 1720

Oitavas de Samuda em honra de Laguna, 1720

Lista do Real Colégio de Médicos em que consta do nome de Samuda, 1722



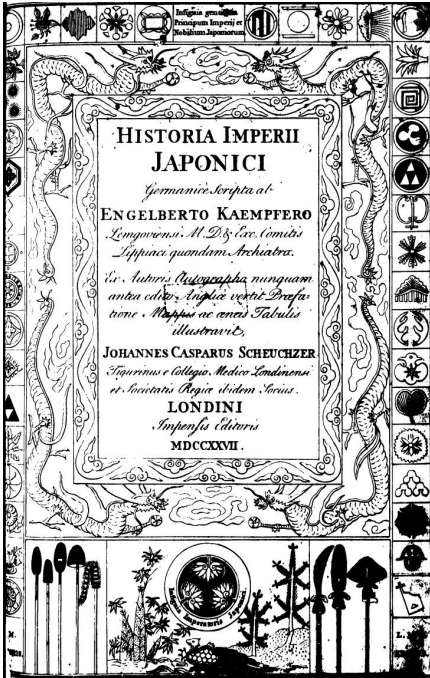
A LIST of the ROYAL SOCIETY.

His Sacred Majesty King GEORGE II. Patron.

<p style="text-align: center;">THE PRESENT COUNCIL.</p> <p><i>Sir HANS SLOANE, Bart.</i> <i>Pr. Col. Med. & Med. Reg.</i></p> <p style="text-align: center;">PRESIDENT.</p> <p>John Arbutnot, M. D. Mr. Paul Boyle, <i>Secy.</i> John Goddard, <i>Esq.</i> James Douglas, <i>M.D. Med. Reg.</i> Sir John Evelyn, <i>Bart.</i> John Huger, <i>Esq.</i> John Hadley, <i>Esq.</i> John Hales, B. D. Edmund Halley, LL. D. <i>Ast. Reg.</i> John Harwood, LL. D. John Machin, <i>Phil. Pr. Gr. Sect.</i> R. Myddelton Malby, M. D. Richard Mead, M. D. <i>Med. Reg.</i> James Lord Paisley. John Lord Percivale. William Rutt, M. D. <i>Secy.</i></p> <p><i>This COUNCIL are to be continued till St. Andrew's Day, 1728.</i></p> <p>Edmund Allen, <i>Esq.</i></p>	<p>Stephen Chafe, M. D. William Cheelden, <i>Esq. Chir. Reg.</i> George Cheyne, M. D. GEORGE Earl of Cholmondeley Samuel Clark, <i>Esq.</i> Francis Clifton, M. D. William Cockburn, M. D. Mr. John Colban Caleb Cotterworth, M. D. Daniel Cox, M. D. Samuel Cruweys, <i>Esq.</i> Sir Alexander Cumming, <i>Bart.</i> FRANCIS Earl of DALKEITH Joseph Dancers, <i>Esq.</i> Simon Dreggs, <i>Esq.</i> Sir Thomas Dereham, <i>Bart.</i> William Derham, M. A. John Theophilus Detaguliers, LL. D. Ambrose Dickinson, <i>Esq. Chir. Reg.</i> Mr. John Dobyns Walter Douglas, <i>Esq.</i> WILLIAM Lord Archbishop of DUBLIN Charles Du Bois, <i>Esq.</i> Hon. Paul Dudley, <i>Esq.</i> Mr. William Dugood Mr. John Eames Mr. William East Anthony Ely, M. A. Kingmill Eyre, <i>Esq.</i> Thomas Cap. Hon. Col. Col. Col. Fairfax Charles De La Faye, <i>Esq.</i> West Fenton, <i>Esq.</i> JAMES Earl of FINLAYSTER THOMAS Lord FLEET Martin Folkes, <i>Esq.</i> William Folkes, <i>Esq.</i></p>	<p>Archibald Huchefon, <i>Esq.</i> Theodore Jacobien, <i>Esq.</i> John Jeffreys, <i>Esq.</i> Walter Jeffreys, <i>Esq.</i> Thomas Jett, <i>Esq.</i> William Jones, <i>Esq.</i> John Inglis, M. D. Thomas Ifco, <i>Esq.</i> James Junn, M. D. John Kendall, <i>Esq.</i> Abel Kettelbey, <i>Esq.</i> Ro. Johnston Kettelbey, <i>Esq.</i> John Knight, <i>Esq.</i> Charles Lamotte, M. A. Colin Mac Laurin, <i>Esq. Pr. Edin.</i> Sir Wilfrid Lawfon, <i>Bart.</i> Samr Lethicullier, <i>Esq.</i> Ralph Leycester, <i>Esq.</i> Richard Lucas, M. A. Sir Berkeley Lucy, <i>Bart.</i> THOMAS Earl of MACCLESFIELD Peter Des Maitzeaux, <i>Esq.</i> Sir Richard Manningham, <i>Knt.</i> Sir George Markham, <i>Bart.</i> Mr. John Martyn Rev. Cotton Mather. William Mathew, <i>Esq.</i> Sir John Nere, <i>Bart.</i> THOMAS Lord MIDDLETON Thomas Miles, M. A. Mr. Abr. de Moivre. RICHARD Lord MOLESWORTH Thomas Molyneux, M. D. Mr. Alexander Monro, <i>Prof. Anat. Edin.</i> JOHN Duke of MONTAGU JAMES Duke of MONTROSE John Moore, <i>Esq.</i> Benjamin Morland, <i>Cent.</i></p>	<p>Richard Richardson, M. D. Mr. Thomas Robie. Mr. Benjamin Robins. Tancred Robinton, M. D. Col. Thomas Robinson. JOHN Duke of ROXBURGH Edward Rudge, <i>Esq.</i> St. John, <i>Esq.</i> Oliver Bellidor, <i>Prof. Med.</i> Hac de Sequoyra Samuil, M. L. Samuel Saunders, <i>Esq.</i> Nicholas Sanderton, LL. D. <i>Med. Reg.</i> Alexander Sandilands, M. D. Sir George Savile, <i>Bart.</i> Meyer Schanberg, M. D. Mr. John Senex Sir John Shadwell, <i>Knt.</i> HENRY Earl of SHRELBURN Mr. James Sherard. Robert Shippen, D. D. William Sloane, <i>Esq.</i> Robert Smith, LL. D. <i>Pr. Edin.</i> Edward Southwell, <i>Esq.</i> Sir Conrad Sprengel, <i>Knt.</i> Charles Stanhope, <i>Esq.</i> George Stanley, <i>Esq.</i> Sir John Stanley, <i>Bart.</i> William Stanley, D. D. <i>Doc. Apo.</i> Temple Stanyan, <i>Esq.</i> William Stephens, M. D. Mr. James Stirling. Mr. Edmund Stone. John Strachey, <i>Esq.</i> Alexander Stuart, M. D. <i>Med. Reg.</i> Charles Stuart, M. D. Phillip Stubby, M. A. William Sully, M. D. TALBOT Earl of SUDBURY Brook Taylor, LL. D.</p>	<p>PERSONS of other Nations. D. Mohammed Ben Ali Abgali, <i>Legat. Maroc.</i> D. D. Cyrillus Alier. D. Telespho Averarias, <i>Prof. Tur. Pif.</i> D. Nich. Ayrcbe d'Aragona, <i>Princ. Colfan.</i> D. Jo. Anton. Cam. Beldin. D. Jac. Barth. Becatti, M. D. <i>Ph. & Med. Pr. Bonon.</i> D. Johannes Bellidor, <i>Prof. Med.</i> D. Johannes Bernoulli, <i>Prof. Math. Basl.</i> D. Nicholas Bernoulli, LL. D. D. Vendramin Bianchi, <i>Nob. Venet.</i> D. Franciscus Bianchini, <i>Astr. Rom.</i> D. Ludovic. Frid. Bonerus, <i>Legat. Prag.</i> D. Dominicus Baronus, M. D. <i>Med.</i> D. Joh. Philippus Breynius, M. D. <i>Danzic.</i> D. Ericus Barman, <i>Prof. Afr. Uffel.</i> D. Wilhelmus Boys, <i>Leg. Belg. Ind.</i> D. Mauritius Auc. Caspeler, M. D. <i>Luxemb.</i> D. Jacobus Callini, <i>Acad. Berol. Afr. Prim.</i> D. Ant. Casar de Comitibus, <i>Nob. Venet.</i> D. Nicolaus Crapugius. D. Franciscus Comar, <i>Nob. Ven. Esq. Aer.</i> D. Andreas Hen. de Crombin, <i>Neap.</i> D. Nicolaus Curvillus, M. D. <i>Esq. Prof. Med.</i> D. Antonius Decider, M. D. <i>Prof. Chym. Manif.</i> D. Thomas DeBelnes. D. Nich. Fazio Desallier. D. John Jacob Dillenius, M. D. D. ————— Euse de Dries. D. Eryandis de Dulido, <i>Prof. Med. Bonon.</i> D. Iohes van Effen. D. Gual. Carlos Casar de Egnani <i>Princ. de Sinesigla.</i> D. Daniel Gabriel Fahrenheit. D. Dominicus Ferraz, LL. D. D. Traiwickel de Fleury. D. Antonius Galvis, <i>Legat. Portug.</i> D. Stephanus Geoffroy, M. D. <i>Parif.</i> D. Stephanus Geoffroy, <i>Jun.</i> D. Herc. Walt. Gerdes, <i>D. Hist. Lond. Lond. Pagan.</i> D. Gual. Grandi, <i>Abb. Conual. Mod.</i> D. W. J. Gracifando, <i>Y. G. D. Pr. Phil. &</i> D. Ferris Grimaldi, <i>Leg. Venet.</i> D. Freder. Hoffman, <i>Com. Med. Prof. Med. Soc.</i> D. I. Arge. Hugo, <i>Med. Reg. Hano.</i> D. Paul de Saint Hyacinthe. D. Dan. Erichsen Ibbonski, P. P. R. Soc. Ber.</p>
--	--	---	--	--

[Por esta ordem]

- Lista da Real Sociedade de Londres em que consta o nome de Samuda, 1728
 Frontispícios de obras cuja edição foi subscrita por Samuda
 Engelbertus Kaempfer, 1727.
 Ephraim Chambers, 1728.
 Henry Pemberton, 1728.
 J.-T. Desaguliers, 1734.



A
V I E W
 OF
 Sir **ISAAC NEWTON'S**
PHILOSOPHY.



L O N D O N :
 Printed by S. PALMER, 1728.

C Y C L O P Æ D I A :
 OR, AN
UNIVERSAL DICTIONARY
 OF
ARTS and SCIENCES;

CONTAINING
The DEFINITIONS of the TERMS,
 And ACCOUNTS of
The THINGS signify'd thereby,
 In the several **ARTS,**
 Both **LIBERAL** and **MECHANICAL,**
 And the several **SCIENCES,**
HUMAN and **DIVINE:**
 The Figures, Kinds, Properties, Productions, Preparations, and Uses,
 of Things **NATURAL** and **ARTIFICIAL;**
 The Rise, Progress, and State of Things **ECCLESIASTICAL,**
CIVIL, MILITARY, and **COMMERCIAL:**
 With the several Systems, Sects, Opinions, &c. among Philosophers, Divines,
 Mathematicians, Physicians, Antiquaries, Critics, &c.

The Whole intended as a Course of Ancient and Modern LEARNING.

Compiled from the best Authors, Dictionaries, Journals, Memoirs,
 Transactions, Ephemerides, &c. in several Languages.

In **TWO VOLUMES.**

By **E. CHAMBERS** Gent.

Florissis ut apes in silibus omnia l'bant,
Omnia nos — LUCRET.

VOLUME the FIRST.

L O N D O N :

Printed for James and John Knapp, John Darby, Daniel Midwinter, Arthur Roffe, John Senex, Robert Gifford, John Pemberton, William and John Innes, John Osborn and Tho. Longman, Charles Kearsley, John Hooke, James Robinson, Francis Clee, James Ford, Edward Symon, Daniel Broom, Andrew Johnston, and Thomas Osler. MDCCLXXVII.

A
C O U R S E
 OF
EXPERIMENTAL PHILOSOPHY.

BY
J. T. DESAGULIERS, LL.D. F.R.S.
 Chaplain to his Grace the DURE of **CHANDOS.**

VOL. I.

Adorn'd with Thirty-two **COPPER-PLATES.**



L O N D O N :
 Printed for JOHN SENEX, in Fleetstreet; W. INNYS and RICHARD
 MANBY, in St. Paul's Church-Yard; and JOHN OSBORN and
 THOMAS LONGMAN in Peter-nigger Row. MDCCXXXIV.

Sapientissima Domine

Observationes meteorologicas Ulyssione in fine anni 1724 anno
ratar tibi mitto, ubi sequentia in mentem venit expendere.

Primo enim sane dubio, utrum 27 Octobris hora 3^a matutina Baro-
metri nota 31.15 sit exacta, vel quia in decimis 1, scribendi trans-
positione, calami que lapsa in digitis ejusdem numeri reiteratio:
nulla in caelo, aut vento datur in antecedenti, vel sequenti die dice-
rentia: nulla in Barometro differentia, sed miror quod Thermome-
trum horis pomeridianis; non autem Barometrum annotaret.

Quamvis nihil aliud probabiliter sit verum, quam aër, ut liquidum,
ad equilibrium curvens, ex observatione 8^{ae} Novembris facta, sine
alio, praesigae ex locis Meridionalibus, non colligitur, licet enim
Barometrum esset hora 8^a matutina 29.5, et 2^a pomeridiana 29.1 des-
cendens ex 29.35 in antecedenti die, etiam Barometris in 7^a erat
ut 1, et Eurus in 8^a ut 3: eadem enim ratione ecnephia horis hydra-
ginum ad 28.85 deprimitur, et sic adhuc dubium remanet, utrum aër
velociori motu sua progies atmosphera immutationem in densa-
tione loco, aut saltem quod a majore venti effluu atmosphera depar-
teratur, vel tantum ut attenuata appareat, quia perpendicularis coe-
lumna divaricatio pressionem minuit.

Haec dumtaxat recordare libuit, ut veritas a te prudentissime vir, ex
comparati observationibus, absque dubitatione, quando sufficientibus in-
suetis delectatur; minime enim quae iam solentem veritatem indiget
veram facile, sine experimentorum maximo pondere, aliquid crederet
re. Vale

Londini 7^{mo} Junii 1724
MDCCLXXIV

Stantissimus servus, et addictissimus amicus
Johannes de Saegre Samuel ff

219
Sapientissimo Doctori Jacobo Savino Regali Societatis Medicinico Secretario
Regali Collegii Medicorum Londinensis Sedi

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS COMPLEMENTARES

CANTO I

2.1 Admeto foi o filho de Feres, rei de Feras na Tessália, e participou na caçada ao javali de Cálidon. O Pastor Louro representa o Sol. **2.7** Os filhos de Leda são Castor e Pólux, os Dioscuros ou Gémeos. Apesar de Leda ser casada com Tíndaro, rei de Lacedémon, Zeus uniu-se a ela sob a forma de um cisne.

5.1 Protógenes foi um pintor da ilha de Rodes (c. 328 a.C.), famoso pela exatidão das suas representações da natureza.

7.6 Hipomanes, i.e. Hipómenes. Segundo uma versão da história de Atalanta, o pai desta insistiu em que ela se casasse. Atalanta anuiu na condição de que o seu marido fosse aquele que a vencesse numa corrida; todos que perdessem seriam mortos. Apesar destes termos cruéis, apresentaram-se muitos homens devido à grande beleza de Atalanta. Na versão beócia da história, o jovem Hipómenes recebeu de Afrodite três maçãs douradas que a deusa havia trazido do seu pomar em Chipre. Ao deixar cada uma das maçãs na pista de corrida, Hipómenes fez com que Atalanta as agarrasse uma a uma, perdendo com isso a corrida. Quando Hipómenes e Atalanta regressavam a casa, consumaram a sua união dentro do espaço sagrado de um templo. A deusa transformou-os em leões devido a esse sacrilégio. Cf. o Hipómenes arconte *infra* VII.30.6.

8.1 Sícites é um dos nomes de Dioniso por ter transformado a ninfa Sica numa figueira. **8.3** Liceu (Lycaeus, Lyaeus) é um epíteto de Dioniso (Baco).

10.1 Referência à romãzeira (*Punica granatum*), conhecida pelos Romanos como *Malum granatum*. ‘Hebraico’ parece ter o significado de ‘semita’, já que *ruman* é uma palavra árabe.

11.2-4 Glauco era um dos filhos do rei Minos de Creta. Quando era criança caiu no tonel cheio de mel e morreu. Tendo Minos procurado em vão por ele, foi informado por Apolo de que a pessoa que deslindasse o enigma da vaca de três cores encontraria o rapaz e levá-lo-ia ao seu pai. Um estrangeiro de nome Poliido de

Argos encontrou a solução ao reparar na semelhança entre a vaca e uma amora. Esta é inicialmente branca, depois vermelha e por fim preta. Poliido, que não sabia nada do oráculo apolíneo, descobriu que Glauco não tinha perecido no mar e, guiado por uma coruja (γλαύξ) e por abelhas, descobriu-o num tonel de mel. Minos ordenou que Poliido fosse enterrado vivo com o corpo de Glauco. Dentro do túmulo, Poliido viu que uma serpente se aproximava do corpo e matou o animal. Aproximou-se depois uma outra serpente que transportava uma planta com a qual cobriu a serpente morta. A serpente morta foi devolvida à vida e Pollido, ao ver isto, cobriu o corpo de Glauco com a mesma planta. O rapaz retornou à vida imediatamente. Minos recompensou com generosidade Poliido e devolveu-o ao seu país. **11.8** Tisbe era uma jovem da Babilónia cujo sangue cobriu as amoras; amada de Píramo. Idália, i.e. Vénus venerada na cidade de Idálio, em Chipre.

12.1 Samuda parece estar a referir-se aos frutos do marmeleiro (*Cydonia oblonga*), conhecidos pelos Romanos como *mala Cydonia*, maçãs de Cídon, localidade de Creta. Os marmelos eram frutos sagrados de Afrodite. Nos casamentos atenienses um marmelo era oferecido à noiva como símbolo de fecundidade. Os marmelos de Corinto eram muito apreciados segundo Ateneu. Esta oitava parece representar a natureza dupla do marmelo: nome duplo (marmelos de Cídon e marmelos de Corinto), cheiro agradável e sabor amargo, fruto comestível e sementes ligeiramente venenosas, fruto amargo quando cru e doce quando cozinhado, etc. **12.6** A pérsea era o nome que os Gregos davam a uma árvore de origem oriental em homenagem a Perseu. A pérsea (*Mimusops schimperi*), da família botânica das *Sapotaceae*, era uma das árvores sagradas do Egito. Samuda não parece estar a referir-se ao abacate (*Persea americana*), da família botânica das *Lauraceae*, apesar de, curiosamente, ter sido Sir Hans Sloane a introduzir o termo ‘avocado’ na língua inglesa, em 1696; Sloane presidiu ao júri de Samuda nas provas que realizou em 1722 para obtenção de uma licença do Real Colégio de Médicos; é provável que o candidato estudasse as obras dos membros do júri.

14.1 Dafne, filha de Ládón e da Terra, era uma ninfa amada por Apolo. Ao ser perseguida pelo deus, suplicou ao seu pai que a transformasse, vindo a ser um loureiro, a planta do deus. **14.4** Tito foi imperador romano de 79 a 81 d.C. Augusto foi o primeiro imperador romano, de 27 a.C. a 14 d.C. Trajano foi imperador romano de 98 a 111 d.C.

17.7 Atlante, ou Atlas, era um gigante filho de Jápeto, e irmão de Menécio, Prometeu e Epimeteu, ou, noutras tradições, filho de Úrano e irmão de

Cronos. Depois de participar na luta entre Gigantes e Deuses, recebeu de Zeus a punição de sustentar a abóbada celeste.

18.1 Primeira referência à figura feminina de Ormia, vértice do triângulo amoroso da epopeia, amada por Viriato e por um dos seus comandantes mais corajosos, Tântalo.

20.8 A acentuação do verbo ‘parar’ segundo o Acordo Ortográfico pode causar confusão. Esta situação repete-se em I.54.7; II.85.1; II.99.2; II.95.3; IV.73.2; V.19.4; V.24.5; V.37.6; V.50.6; V.80.7; VI.7.8; VI.17.6; VI.18.5; VI.21.4; VI.54.1; VIII.74.8; VIII.102.8; VIII.106.2; X.9.6; X.14.7; X.40.7; X.44.5; X.80.7; X.81.8; X.88.8; X.105.7; XI.5.1; XI.96.5; XIII.82.8. O verso «Para!», Ate disse, “Para quê apressar-nos» (VIII.81.1) pode tornar-se especialmente confuso.

22.1 Déléfco Luzente refere-se a Apolo enquanto símbolo do Sol. **22.5** Samuda refere-se a Vénus.

23.7-8 Referência à lenda de Cicno, filho do rei da Ligúria. Ver *infra* 28.6. As pombas representam aqui os cisnes. Ver *infra* 29.5.

27.1 e 8 Vulcano (ou Múlciber) é o deus do fogo e da metalurgia, o equivalente romano do deus grego Hefesto; Mavorte (ou Mavórcio) é uma designação de Marte, deus da guerra, o equivalente romano do deus grego Ares.

28.3 Acidália é um dos epítetos de Afrodite; deriva de uma fonte na Beócia onde a deusa se banhava (Virgílio, *Eneida*, I.720). **28.4** O Idálio era um monte de Chipre consagrado a Afrodite. **28.6** Cicno, filho de Esténelo, rei da Ligúria, era amante de Faetonte. Quando esta morreu, Cicno mergulhou muitas vezes no rio Erídano à procura do seu corpo. Os deuses transformaram-no em cisne para o aliviar da sua dor. **28.8** Peristera é uma ninfa auxiliar de Afrodite. Um dia Afrodite competiu com Eros para se ver qual dos dois colhia mais flores. Estando Afrodite a ficar para trás na competição, Peristera auxiliou-a. Irado, Eros transforma a ninfa numa rola. Compadecida, Afrodite toma esta ave como sua.

29.5 Pafia é um dos nomes de Afrodite devido ao templo a ela dedicado em Pafos, na ilha de Chipre.

30.1 Dionia (Dioneia) é um dos epítetos de Afrodite, presumivelmente

derivado de Dione, a quem Afrodite trata por mãe (Homero, *Iliada*, V.371, 381, 385, 416).

46.8 Pandora foi a primeira mulher. Criada por todos os deuses a mando de Zeus, tornou-se esposa de Epimeteu.

47.6 Polixena, i.e. Políxena, é filha de Príamo e Hécuba, e irmã de Páris e Heitor. Depois da guerra de Troia, foi sacrificada sobre o túmulo de Aquiles.

47.7 Pirísoo, i.e. Pirítoo, é filho de Ixíon e amigo de Teseu. No seu casamento com Hipódame (Hipodamia), os Centauros provocaram descatos. Ajudado por Teseu, Pirítoo venceu os Centauros. Mais tarde, após a morte de Hipódame, os dois amigos raptaram Helena de Esparta quando esta ainda era criança, tendo decidido que a jovem seria esposa de Teseu. Pirítoo e Teseu desceram por fim ao Hades com o intuito de raptar Perséfone, filha de Hades e de Deméter. Hades conseguiu com astúcia prendê-los. Quando Hércules os foi libertar, só conseguiu resgatar Teseu, tendo Pirítoo ficado para sempre no Hades, vigiado por Cérbero.

48.3 Tonante é um dos epítetos de Júpiter na sua qualidade de deus dos trovões e dos relâmpagos. **48.5** Maia é a mais velha, a mais bela e a mais tímida das sete Plêiades. Zeus juntou-se a Maia durante a noite numa caverna do monte Cilene; dessa união nasceu Hermes. Em Roma, Maia foi identificada com Maia Maiestas, a *Bona Dea*, deusa da primavera. O nome do mês de maio deriva dela, sendo os dias um e quinze desse mês consagrados a ela. Danae, i.e. Dánae, é filha de Acrísio, rei de Argos, e de Eurídice. Tendo Acrísio tomado conhecimento por um oráculo de que seria morto por um filho da sua filha, encerrou a jovem ainda sem filhos numa torre de bronze ou cave. Compadecido, Zeus uniu-se a ela sob a forma de uma chuva de ouro; dessa união nasceu Perseu. **48.6** Europa é filha de Agenor, rei de Tiro, na Fenícia, irmã de Cadmo e mãe de Minos, Radamanto e Sarpédon. Zeus raptou Europa sob a forma de um touro branco e deixou-a em Creta. **48.7** Juno é a versão romana da deusa Hera; é irmã e esposa de Júpiter. **48.8** Calisto era filha de Licáon. Caçava na companhia de Ártemis nas montanhas até que foi seduzida por Zeus. Quando ficou grávida, foi vista no banho e descobriu-se a perda da sua virgindade. Devido a isso, Ártemis enfurecida transformou-a em urso. Calisto deu à luz um filho chamado Arcas. Quando a urso entrou no perímetro sagrado de Zeus, foi perseguida pelo próprio filho. Zeus impediu que o filho matasse a mãe e transformou ambos em constelações. Io era uma ninfa por quem Zeus se apaixonou. Para a proteger dos ciúmes de Hera, Zeus metamorfoseou-a em vaca. Leda era rainha de Esparta e esposa de Tíndaro. Zeus, transformado em cisne, seduziu-a. Dessa união nasceram Clitemnestra, Helena, Castor e Pólux. Sémele era filha de Cadmo e mãe

de Dioniso. Tendo pedido a Zeus para o ver em todo o seu esplendor, morreu fulminada. Zeus retirou então Dioniso do seu ventre e colocou-o na sua coxa, de modo a terminar a gestação. Mais tarde, Dioniso retirou-a do Hades e conduziu-a ao Olimpo, transformando-se assim em deusa.

49.1 Samuda alude a uma referência que Ateneu faz à beleza das mulheres da ilha de Ténedos, próxima de Troia. Citando a obra do historiador grego Ninfodoro, *Viagem ao longo da Costa de África*, de que se conhecem apenas fragmentos, Ateneu considera essas mulheres como as mais belas do mundo (*Dipnosophistas*, livro XIII).

56.1 Cípria é um epíteto de Afrodite devido à sua ligação a Chipre.

58.5 Proserpina era a deusa romana dos Infernos, associada posteriormente à grega Perséfone, filha de Deméter.

61.1-2 Durante as bodas de Tétis e de Peleu, Éris, a Discórdia, lançou uma maçã de ouro que deveria ser dada à mais bela das deusas, gerando com isso uma grande confusão. **62.1** A Dardânia era a terra de Troia, de Dárdano, antepassado dos reis troianos. **62.2** Eneias, herói mítico que, depois da guerra de Troia, levou os sobreviventes da cidade para Oeste, em busca de um novo local para fundar uma cidade. **62.3** Amata é a esposa do rei Latino, personagem da *Eneida* de Vergílio. Turno, comandante dos Rútulos, era o principal adversário de Eneias. **62.4** Lavínia era a filha do rei Latino, prometida como noiva a Turno, mas depois dada em casamento a Eneias.

64.1 Albana, ou Albânia, era um dos epítetos de Juno devido ao facto de ela ser adorada na cidade de Alba, no Lácio. **64.5** Briseida (Briseis) era a jovem concubina atribuída a Aquiles. Foi causa de um dos maiores problemas dos Aqueus durante a guerra de Troia devido ao conflito que causou entre Aquiles e Agamémnon. A jovem tinha como nome Hipodamia, sendo Briseida um patronímico.

65.1 Argiva era um dos cognomes de Hera devido ao facto de ser adorada em Argos.

66.1 O Peno era o Cartaginês. Ver *infra* II.18.8. **66.3** Anteu era um gigante que habitava a Líbia e que foi vencido por Hércules quando este ia a caminho das maçãs de ouro. Ver *infra* II.40.5, III.31.1 e XIII.6.2. **66.4** Íole (Iole)

era filha de Êurito, amada por Hércules. O seu pai prometeu que só a daria em casamento se Hércules o vencesse no arco, mas não cumpriu a sua promessa depois de perder. **66.5** Sofonisba era a bonita filha de Asdrúbal. Casada com Sífax (Scyphax, Syphax), príncipe da Numídia, foi capturada por Masinissa. Este comandante cartaginês enamorou-se dela, desagradando aos Romanos. Sofonisba acabou por morrer bebendo com calma o veneno que o seu captor e enamorado lhe enviou. **66.7-8** Frígio era rei de Mileto e Piéria era filha do rei Fites de Miunte. Quando Piéria foi a Mileto por ocasião de uma festa, Frígio apaixonou-se por ela. Procurando realizar o desejo da sua amada, que era o de poder ir mais vezes a Mileto acompanhada pelo seu povo, Frígio acabou com o conflito que opunha Mileto a Miunte.

69.6 Délio é um dos epítetos de Apolo, desempenhando aqui a função do Sol; cf. *infra* X.59.1.

71.1 Calva é um dos epítetos de Vénus. Segundo autores romanos tardios, terá existido um templo mandado construir pelo Senado para honrar as mulheres que cortaram o seu cabelo para que se fizessem cordas para os arcos durante um cerco a Roma. A existência deste templo é considerada duvidosa por especialistas contemporâneos.

77.1 Pasífae era filha de Hélio e de Perse, a mais velha das Oceânides. Foi esposa de Minos de Creta e mãe de Ariadne, Deucalião, Glauco, Fedra e Minotauro. O touro a que se refere Samuda é um símbolo do desejo feminino. Uma maldição de Posídon fez com que ela sentisse desejo por um touro branco enviado pelo deus do mar. Dessa união adúltera e bestial nasceu o Minotauro. **77.2** Mirra era filha do rei Teias da Assíria. Numa versão do mito, Afrodite terá levado Mirra a cometer incesto com o seu próprio pai. Quando Teias descobriu o que se passara, perseguiu irado a sua filha com uma faca. Os deuses intervieram transformando Mirra numa árvore. Do tronco desta árvore brotou Adónis. Nas *Metamorfoses*, Ovídio oferece uma versão diferente. O pai de Mirra é agora o rei Cíniras de Chipre e a união dá-se quando Mirra se disfarça de uma nova concubina. Samuda parece ter em mente a versão de Ovídio porque nesta oitava Cupido nega que tenham sido as suas flechas a causar os excessos do desejo amoroso, o que recorda os versos de Ovídio: “O próprio Cupido nega que as suas setas te tenham ferido, / ó Mirra, e iliba os seus archotes de uma tal acusação” (X.311-312, trad. Paulo Farmhouse Alberto). **77.4** A mulher de Anfiarau, rei de Argos, era Erífyle. Anfiarau era um rei sábio dotado de poderes sobrenaturais por

favor de Zeus. Polinices, filho de Édipo e de Jocasta, subornou-a com um colar de ouro que pertencera a Harmonia, filha de Afrodite, de modo a que ela convencesse o marido a participar na expedição dos Sete contra Tebas, em consequência do que Anfiarau morre. O drama consuma-se quando o filho Alcmeón vinga a sua morte matando a mãe. **77.5** Tereu era um rei trácio, filho de Ares e esposo de Procne. Tereu desejava intensamente a irmã da sua esposa, Filomela. Depois de concluir a união com esta, cortou-lhe a língua e raptou-a de modo a que não pudesse contar a ninguém o sucedido, dizendo à sua esposa que a irmã morrera. Filomela acabou por conseguir informar Procne do que se tinha passado. Irada, Procne mata o seu próprio filho Ítis e serve-o como comida a Tereu. Quando Tereu descobriu o crime horrendo, tentou matar as duas irmãs, mas os deuses intervieram e transformaram os três em aves. **77.6** Clitemnestra era esposa de Agamémnon e mãe de Ifigénia, de Electra e de Orestes. Samuda caracteriza Clitemnestra como aleivosa tendo em mente dois momentos da vida desta. Clitemnestra foi casada em primeiras núpcias com Tântalo II, filho de Tiestes. O seu marido foi assassinado por Agamémnon que a desejava. Mais tarde, vingando-se do sacrifício da sua filha Ifigénia, imolada por Agamémnon para propiciar a partida da armada contra Troia, uniu-se a Egisto e ambos assassinaram Agamémnon quando este regressou de Troia. **77.7** Semíramis era para os Gregos filha da deusa síria Dérceto, esposa de Ones (ou Ménon) e depois de Nino, rei epónimo de Nínive. Conta-se que Nino, impressionado pela coragem de Semíramis, terá forçado o seu general Ones a cometer suicídio, de modo a poder casar-se com a esposa dele. Semíramis e Nino tiveram um filho de nome Nínias. Uma lenda conta que Semíramis se terá disfarçado de Nínias de modo a que o exército de Nino lhe obedecesse, pensando que se tratava de Nino. Parece estar na mente de Samuda uma versão da lenda segundo a qual a morte de Nino não foi acidental mas impulsionada pelo desejo de Semíramis se tornar regente em nome de Nínias. **77.8** A filha de Minos é Fedra, esposa de Teseu e mãe de Demofonte e Ácamas. Apesar de casada com Teseu, Fedra apaixonou-se por Hipólito, filho de Teseu e de Hipólita, rainha das Amazonas. Tendo Hipólito recusado os avanços amorosos de Fedra, esta vingou-se junto de Teseu afirmando que Hipólito a tinha violado. Teseu acreditou nas palavras de Fedra e, recorrendo a poderes que lhe tinham sido dados por Posídon, fez com que um monstro marinho assustasse os cavalos de Hipólito, causando a sua morte. Existem muitas versões desta lenda.

78.2 Jasão (Jason) é um herói do ciclo dos Argonautas. Descendente de Éolo, aceitou o desafio de Pélias de ir buscar o velo de ouro que era guardado por um dragão. Medeia era filha do rei da Cólquida e auxiliou Jasão a conquistar o velo

de ouro. O casamento de ambos, a fuga de Medeia e os crimes contra os filhos, que cometeu devido ao perjúrio de Jasão, deram origem a muitas obras de arte da Antiguidade. **78.5** Ariadna era filha de Minos, rei de Creta. Fedra era irmã de Ariadna. Casada com Teseu, apaixonou-se por Hipólito, o filho que o seu marido tinha tido com uma Amazona. Como este amor não era correspondido, acusou Hipólito de a perseguir, fazendo com que o jovem fosse morto. **78.8** Teseu é um herói ático ligado a muitos ciclos de narrativas míticas, como a procura do velo de ouro, a guerra contra as Amazonas e o labirinto do Minotauro em Creta.

79.1 Arginis (Argynis, Argynnis) é um epíteto de Vénus ou Afrodite.

80.7 Peneia (Penea) é um patronímico de Dafne, filha de Peneu, um deus-rio da Tessália. Amada por Apolo, foi perseguida pelo deus até ser transformada num loureiro. Ver *supra* 14.1.

82.8 Belerofonte é o herói da casa de Corinto que matou a Quimera montado no cavalo alado Pégaso.

83.1 O Granico era um rio da Ásia Menor, perto de Troia, onde Alexandre Magno travou uma grande batalha em 334 a.C. contra os Persas. **83.2** Arbela, em 331 a.C., foi uma importante vitória militar de Alexandre na sua campanha persa. **83.4** A batalha de Gaugamela (Gauganella, Gaugamelos) é também conhecida como batalha de Arbela. **83.7** Hipoctono (Hippoctono) é um epíteto de Hércules.

84.6 O dragão da Cólquida protegia o velo de ouro procurado por Jasão. **84.7** Sesóstres foi um rei egípcio, provavelmente lendário, a quem Heródoto atribui uma expedição em direção à Rússia, passando pela antiga Cólquida e pelos modernos países da Roménia e da Bulgária, entre outros.

85.2 Anacreonte foi um poeta grego nascido em Teos, na Jónia (c. 572-485 a.C.), de quem se dizia que faleceu devido a uma uva. **85.7** Zêuxis foi um pintor famoso do século V. a.C., de quem se afirmava que morreu de riso depois de pintar uma velha que desejou ser modelo de Afrodite.

86.3 Filémon foi um autor de comédias contemporâneo de Menandro. Este siracusano obteve a cidadania ateniense, tendo escrito 97 peças, e faleceu aos 99 anos de idade devido ao excesso de riso causado por uma anedota. **86.4**

Sófocles foi um dos maiores dramaturgos gregos, de quem muitas histórias se contavam sobre o modo como morreu numa idade avançada de noventa anos. Samuda alude a uma história que afirma que Sófocles morreu de alegria depois de vencer o seu último festival de teatro. **86.5** M. Juventius Thalna foi um tribuno da plebe, pretor e cônsul (c. 170 a.C.). Terá morrido de alegria ao tomar conhecimento da honra que o Senado lhe deu ao dedicar-lhe uma ação de graças.

87.1 Nealces foi um pintor helenístico da escola de Sícion, que trabalhou na corte de Arato.

88.1 Cíprio é um cognome de Cupido devido à sua ligação a Afrodite Cípria.

89.1 Cnídia é um epíteto de Afrodite. **89.3** Hípio é um epíteto de Posídon (Neptuno). Posídon perturba a visão de Aquiles com um denso nevoeiro no momento que este estava prestes a matar Eneias. Aquiles era descendente de Posídon. **89.4** Os campos frígios são a região de Troia, perto dos Dardanelos.

CANTO II

1.1 Meionis, nome antigo de Chipre. Citereia, epíteto de Afrodite.

2.1 Primeira identificação entre os Lusitanos e os Portugueses. **2.7-8** Alusão a um episódio de 143 a.C. O pretor Quíncio teve uma vitória inicial sobre Viriato, segundo fontes romanas; porém, a retirada de Viriato do campo de batalha deverá ter sido meramente estratégica porque, ao ser perseguido, Viriato contra-atacou e causou um milhar de mortos às tropas de Quíncio. Quíncio retirou-se para Córdoba ainda durante o outono.

4.5 Os Tícios (Titos, Titii) eram uma tribo celtibérica que se estabeleceu na região das atuais províncias de Saragoça e de Guadalajara. **4.6** Os Belos (Belli) eram uma tribo celtibérica que vivia na região da atual província de Saragoça. **4.7** Os Vaceus (Vaccae) eram um povo celta que habitava parte do vale do Douro. Estes povos celtibéricos aliaram-se a Viriato depois de terem colaborado com

os Romanos. Note-se que os nomes dos comandantes militares mais próximos de Viriato são os que o irão mais tarde trair e assassinar. Aulaces (Áudax), Dictaleon (Ditalco) e Minuro aparecem, desde o historiador romano Apiano (6, 12, 74), como os traidores à causa lusitana.

6.7 Q. Pompeio A. F. foi o sucessor do cônsul Q. Fábio Máximo Emiliano, irmão de Cipião Emiliano, na Hispânia Ulterior. Esta alusão situa-se no momento em que Viriato estende a guerra à Hispânia Citerior, em 143 a.C. Repare-se que um dos comandantes militares presentes no conselho é Cúrio, morto em 141 a.C., em combate contra Q. Fábio Máximo Serviliano.

9.1 Tubal é filho de Jafet e neto de Noé (*Génesis*, 10.2). Desde a Antiguidade, muitos autores consideram Tubal o antepassado dos povos ibéricos e fundador de cidades na Ibéria, nomeadamente Setúbal (Cethubala, na grafia de Samuda). **9.4** Jain é um dos nomes antigos para Noé; deriva da palavra hebraica para vinho porque Noé foi o primeiro a plantar a vinha depois do Dilúvio, e viu-se nela, devido à proximidade fonética, a figura do deus bifronte Janus, proximidade apoiada no facto de Noé ter contemplado os tempos antes e depois do Dilúvio. **9.6** Ataf Edem é a designação bíblica para a Ásia; Banhilva a da África; e Baxhalim a da Europa. Os descendentes de Set povoaram Ataf Edem e Baxhalim; os de Caim, Banhilva. Ver Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusytana* (Lisboa, Academia das Ciências, 1806), I, pp. 25-26.

10.4 Os Moschicos (Moschi) habitavam uma região montanhosa da Geórgia, próxima da Ibéria, Arménia e Cólquida. **10.6** Artanissa era uma cidade da Ibéria asiática, entre o Cairo e o Cáucaso. Armáctica era uma cidade localizada pelos geógrafos antigos na Geórgia. **10.7** Nimrod (Nimerod), filho de Cush (Kush, Cuhe) e descendente de Noé, é uma figura bíblica que o *Génesis* apresenta como “o primeiro homem poderoso na terra” (10, 8). **10.7-8** Versos escritos em papel rasurado, revelando correção.

13.1 O Sacro Promontório é a ponta mais a sudoeste da Europa, correspondendo ao Cabo de S. Vicente e à Ponta de Sagres.

14.1 Britomártis é um epíteto de Ártemis (Diana). Originalmente o nome designava uma deusa de Creta, mais tarde identificada como uma ninfa cretense amada por Minos. **14.5** Britone era outra designação de Britomártis, derivada da ideia de que era filha de Marte (Briton Martis). Dictina (Dictyna,

Dictynna) era uma ninfa de Creta a quem se atribuía a invenção das redes de caça. Como acompanhava Ártemis, esta deusa era por vezes chamada Dictínia. **14.6-8** Fílix (Phylax) é uma referência obscura. Samuda parece representar Ibero com o epíteto de ‘Guardião’, de φύλαξ, ακος, guardião, sentinela, protetor. O paralelo, iniciado no final da estância anterior (13.8), estabelece-se entre o facto de Britomártis/Britone/Dictínia ser inventora de redes para a caça e de Ibero/Fílix ser o inventor de redes para a pesca, logrando ambos fama “se ela por terra, ele por mares”.

16.2-7 As sete filhas de Atlante (Atlas) são as Pléiades. Segundo a lenda, Oríon viu as irmãs na Beócia e apaixonou-se por elas, perseguindo-as durante cinco anos, até que foram transformadas em pombas e depois em estrelas.

17.2 ‘Polícia’ é vocábulo tomado no seu sentido antigo de organização política e de governo.

18.1 O filho de Ínaco e da ninfa Mélia é Foroneu, o primeiro homem do mundo e herói epónimo da terra Foronico. **18.5** Cécrops é um dos reis míticos da Ática, nascido da própria terra. A lenda atribui-lhe a fundação de cidades, o enterro dos mortos, a escrita e o recenseamento das pessoas. **18.6** Rio Asopo de Fliunte, na província romana da Acaia, antigo Peloponeso grego.

20.1 O Pindo (Pindos, Pindus) é um rio da Grécia central. **20.1-2** Aqueloo é o maior rio da Grécia, na Etólia. **20.3** Ocíroo (Ocyrhoes, Ocirroes) era a Oceânide mãe de Fásis. **20.5** Arcturo era o nome anterior do rio Fásis, da Cólquida. Fásis era filho de uma Oceânide e do Sol. Apanhando a sua mãe com um amante, matou-a, lançando-a ao Arcturo, que, desde então, passou a ter o seu nome. **20.6** A mãe homicida é Medeia, que vivia na Cólquida, perto do rio Fásis.

21.1 Fénix é filho de Agenor e irmão de Europa; é o herói epónimo da Fenícia. **21.3** Ércio é um epíteto de Zeus. Pelasgo era filho de Zeus e de Níobe. **21.7** Samuda considera a figura bíblica Nebaioth (Nabaioth) o antepassado dos Nabateus, o seu herói epónimo. **21.8** Samuda refere-se indubitavelmente a Hélen, filho de Deucalião e Pirra, e irmão de Anfíction e de Protogenia. É o herói que deu o nome aos Helenos. Os seus filhos deram origem às tribos gregas dos Dórios, Eólios, Iónios e Aqueus. Edom (Idoumaia, Idumaea) era uma região ao sul do Mar Morto. O *Génesis* atribui a fundação de Edom a Esaú (36, 1).

26.1 Existem muitas lendas sobre a origem de Pelasgo, como é habitual a respeito das figuras da mitologia grega. O Pelasgo argivo era filho de Tríopas e de Sósís, bisneto de Zeus (Jove) e de Níobe, e descendente de Foroneu. **26.6** Ámon Líbio é Júpiter.

27.1 Licurgo era rei dos Edonos, na Trácia. Quando Dioniso ia a caminho da Índia, Licurgo recusou ao deus a passagem pelo seu país. Licurgo acabou por enlouquecer e foi despedaçado. **27.3** Macedo era filho de Dioniso, ou de Osíris, numa identificação deste deus egípcio com o grego. **27.4** Dioniso encarregou Busíris de governar a Fenícia. **27.7-8** Referência a Gerião, o Rico, e à derrota que sofreu devido a Dioniso. O Padre António Cordeiro, S.J., na sua *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental*, descreve este encontro mítico: «Gerião Crísio [Chryseo], que quer dizer Gerião, o Rico; e assim com a riqueza entrou a Idolatria em Portugal. Vendo isto, os Andaluzes chamaram secretamente de Itália o célebre Capitão Osíris Dionísio ... e vindo com muitas gentes, deu batalha campal ao Gerião junto ao rio Guadiana, e o venceu, e matou» (Lisboa, 1866), liv. I, cap. IV, p. 22.

29.2 As nove Meónides são as Musas. O sentido é o de que cada uma das nove Musas é como Homero. Meónia era uma designação da Lídia, na Ásia Menor, e Homero era considerado natural da Lídia; por esta razão era também chamado Meónides.

30.1 Diabo (Deabo) refere-se a Gerião. O Padre António Cordeiro explica deste modo o nome: «Vaga assim a Coroa de Espanha, veio logo de África o ambicioso Gigante, chamado Gerião Diabo [Deabo] e de tal sorte (com capa de piedade, e inventados novos sacrifícios de vários, e muitos Deuses) enganou aos devotos Portugueses, que o elegeram Rei seu, e de toda Espanha, e foi dela o Rei sétimo, e o primeiro inventor de tirar da terra minas de ouro, prata, e outros metais», *ibid.*

32.5 Ernea era uma ilha mítica também conhecida pelos nomes de Eritreia e Junónia. Esta ilha localizava-se alegadamente a ocidente da costa portuguesa e ter-se-á afundado devido a um tremor de terra. Para Manuel de Faria e Sousa, «desde Africa passò à España un hombre facineroso y delinvente ... acompanhado con otros. Y no atreviéndose à entrar en Lusitania, hizo su asiento en sus confines, quales eran la isla Eritrea, Ernea, ô Junonia en el mar del Poniente, y costa de Portugal», *Historia del Reyno de Portugal* (em Bruxelas, em casa de Francisco Foppens, 1730), p. 5. **32.6** Os três Lomínios eram filhos de Gerião.

O Padre António Cordeiro descreve deste modo a generosidade de Dioniso para com os filhos de Gerião: «Morto pois o Gerião, e fugidos da batalha três seus filhos, chamados Geriões Lomínios, chamou-os outra vez Osíris, e a todos três fez Reis de Espanha, avisando-os, não fossem como seu pai, para não morrerem como ele», *ibid.*

33.5 Cambises foi um rei persa, pai de Ciro. Os seus atos de loucura são descritos por Heródoto (III.27-37).

36.1 Tífon era filho de Geia e do Tártaro. Este ser monstruoso atacou Zeus, cortando-lhe os tendões, mas acabou por ser vencido quando o deus lançou sobre ele o monte Etna. Sobre Anteu, ver *supra* I.66.3. **36.4** Lastrigon representa os Lestrígonos, povo mítico de gigantes antropófagos da Sicília. Saturnia era um nome antigo de Itália. **36.5** Tífon menor era o monstro feminino Equidna, que vivia na Cilícia da Tróade, e que, juntamente com Tífon, deu à luz monstros como o cão de Géron, Cérbero e a Hidra de Lerna.

38.1-5 Referência ao mito sobre a morte de Osíris. Ísis era a irmã e esposa de Osíris. Depois da morte deste devido a Tífon, o seu corpo foi lançado ao mar num cofre que passou pela abertura, canal ou foz do delta do Nilo chamada tenítica. Ísis tomou conhecimento destes eventos através de Pá e dos Sátiros. Acabou por descobrir o cofre numa coluna do palácio do rei Malcander, em Biblos. O cheiro a ambrósia do seu cabelo fez com que Astarte, a rainha, reparasse nela e a convidasse para cuidar das suas crianças.

39.1-8 Continuação do mito de Ísis e Osíris. Ísis descobriu o cofre com o corpo de Osíris numa árvore de tamarindo. Ísis dava o seu dedo para que uma das crianças de Malcander e de Astarte se nutrisse, passando-a pelo fogo para destruir a sua parte mortal. Quando Astarte viu isto, gritou de terror, privando a criança da imortalidade.

43.3 Mécio Sufécio (Metius Sussetius) foi um ditador de Alba que, para resolver o conflito com Roma, propôs que se realizasse um combate único entre os Horácios e os Coriáceos.

45.3 Enátria (Enótria) designava o sul de Itália, terra habitada pelos Lucani e pelos Brutii. O nome designava também a Itália como um todo.

46.1 Crés (Kres) era um epónimo da ilha de Creta. Existiam duas figuras com este nome, uma era filho de Zeus e da ninfa Ideia; a outra era autóctone. **46.2** Ámon, de Júpiter Ámon, representa Júpiter (Zeus). A mulher de Ámon parece significar a ninfa Ideia, que se uniu com Zeus e deu à luz Cres. **46.3** Trax (Thrax) é o epónimo da Trácia, filho de Ares. Samuda utiliza a palavra latina *numen, inis*, nume ou númen, divindade, potência divina. **46.4** Odrisse (Odrisæ) era uma das tribos mais numerosas e guerreiras da Trácia. **46.6** Sarmate é o herói epónimo da tribo cita dos Sármatas. **46.7** Árabo era filho de Hermes e pai de Cassiopeia; é o epónimo da Arábia. **46.8** A Arábia Petreia era uma das três Arábias antigas, a Feliz, a Sabeia e a Petreia. Petreio, neto de Cam, era o fundador mítico da Arábia Petreia. Sabo (Sabas) refere-se à cidade principal dos Sabeus, no atual Iémen.

47.1 Nino foi o fundador mítico de Nínive e da Babilónia. **47.2** Cápis era um companheiro de Eneias e o herói epónimo de Cápua. **47.3** Ápis era filho de Foroneu e da ninfa Telédice. O Peloponeso recebeu dele o nome de Ápia. Foi pai de Argos. **47.5** Delfo era um epíteto de Apolo. Cármio é um dos epítetos de Apolo. **47.6** O nome de Samaria (Samar'ia) deriva de Shemer, o dono da colina. Verso enigmático devido ao duplo sentido de 'corte', o de residência real e o de morte. (A variação da grafia desta palavra não auxilia. No contexto de referências a residências reais, em **T** 79.1 grafa-se 'côrte'; e, em **T** 132.7, 'corte'.) Samuda parece aludir à destruição da cidade de Samaria pelo rei assírio Salmanasar (Shalmaneser), um exemplo eloquente de como as terras precisam de um rei forte que as proteja. **47.7** Corcira terá sido fundada por colonos de Corinto. **47.8** Seleucia (Seleuceia) terá sido fundada ou muito aumentada por Seleuco Nicanor, sucessor de Alexandre no Oriente.

48.4 Ausónia era um dos nomes antigos da Itália. Ver *infra* 58.8 e IX.126.2.

49.3 Referência aparente a Menes, primeiro faraó do Egito e fundador de Mênfis. **49.7** A baixa Ogígia é o Egito. Ógigo foi rei dos Ecténios ainda antes do dilúvio de Deucalião. Do seu nome deriva a terra de Ogígia, mais tarde conhecida como Beócia e Ática. A alusão a este mito grego deriva da crença de que o Egito era a mais velha das terras e que os Egípcios foram o povo primordial. **49.8** Miara designa o Egito. Alguns autores antigos consideravam que os Fenícios chamavam Meara e Miara ao Egito. Esta designação antiga aproxima-se do termo hebraico para o Egito, Miaraim ou Miz'-ra-im. No livro bíblico do *Génesis*, Misraim era filho de Cam que era, por sua vez, filho de Noé (Gn X.6). É preci-

samente a esta passagem que Samuda se refere neste mesmo canto no verso ‘De Misraim Egípcios se chamaram’, *infra* 89.4.

53.1 Referência a Sabázio, o deus frígio e trácio, representado a montar um cavalo que pisa uma serpente ctónica. **53.2** Belo (Belus, Belos) e Nino (Ninus) eram reis assírios que foram divinizados; o primeiro é habitualmente considerado pai do segundo.

55.1 Referência às teorias de Beroso segundo as quais Vadimon, Proteu e Vertumno seriam nomes diferentes de Noé. Segundo esta teoria, presente em autores clássicos como Xenofonte e Macróbio, o primeiro Proteu foi saga entre os Cáspios, e o Proteu egípcio mencionado na *Odisseia* foi sacerdote de Noé Fenício, o Proteu cáspio. Cf. Fr. Juan de Pineda, *Los Treynnta Libros de la Monarchia Ecclesiastica, o Historia Universal del Mundo* (Barcelona, 1606), I, pp. 47-48. A palavra ‘saga’ deriva de *Sagae, arum*, povo cita que habitava um território vizinho da Pérsia. **55.2** Vandimon, ou Vadimon, era um nome de Jano na Toscana. Hespéria era um dos nomes antigos da Itália. **55.3-4** Dánao era irmão de Egito. Teve cinquenta filhas e o seu irmão foi pai de cinquenta filhos. Dánao foi bem recebido em Argos, cuja população o elegeu como rei, depois de interpretar o ataque de um lobo a uma manada como um sinal dos desígnios divinos. Aeria, a terra brumosa, era um dos nomes antigos do Egito (Ἀερία). Samuda realiza aqui um interessante jogo de palavras porque é o mesmo o nome do irmão de Dánao e o nome do país do Nilo. **55.5** Peleu, o pai de Aquiles, recebeu Pátroclo na sua corte, crescendo como companheiro do filho. **55.7** Argia, filha de Adrasto, casou-se com Polinices; a sua irmã Deípila (Deiphyla) casou-se com Tideu. Polinices era um dos filhos de Édipo, e Tideu era filho de Eneu e Peribeia.

57.1 Tinéria (Tinæria) era um nome antigo da Sicília.

59.1 Albulas era o antigo nome latino do rio Tibre.

61.3 Sícoris era o nome grego e latino do rio catalão Segre, afluente do Ebro. **61.6** Sicânia era um dos nomes antigos da Sicília.

62.3 Sobre Cadmo, ver *supra* I.48.6. **62.6** ‘Chiropsales’ é uma referência enigmática. Uma conjetura hermenêutica possível é ver nesta palavra a junção de Χείρων, Quíron, e ψάλτης, músico. O centauro Quíron educou Jasão, a seguir mencionado, bem como Dioniso e muitos outros. Como recorda Camões numa

Ode dedicada a D. Francisco Coutinho, o centauro, «velho Quíron, de Aquiles mestre» foi. Neste sentido, a confirmar-se a conjectura, o significado do verso seria ‘do músico Quíron glória conhecida’. Quíron, fundador lendário da arte da Medicina, deveria ter a estima de Samuda. Cf. uma construção semelhante *infra* 101.6. **62.7** O porto de Télamon fica na costa da Etrúria e teria sido fundado pelo argonauta Télamon depois do seu regresso da Cólquida. **62.8** O filho de Aécion (Aeson na grafia de Samuda) é Jasão.

64.3 Outra leitura – ‘Esta’ – permitiria a concordância de género com ‘secreta divindade’.

67.1 Os Enótrios (Oenotros) foram um povo que habitou o sul da Itália, vindo da Grécia, nas regiões da Apúlia, Basilicata e Calábria, desde o início da Idade do Ferro. Acabou por desaparecer devido à pressão de outros povos, nomeadamente das colónias gregas que se estabeleceram no sul de Itália, e dos Sabélios.

69.3 Lido, o herói epónimo dos Lídios, era filho de Átis. **69.4** Meónia foi o nome anterior da Lídia, na parte ocidental da Ásia Menor. O Pactolo era um rio da Lídia, famoso pelas suas areias auríferas. **69.5** Egialeia era o nome antigo da Acaia. **69.6** Xuto (Xuthuo) era filho de Helena e neto de Deucalião, e, do casamento com Creúsa, pai de Íon e de Aqueu, este último epónimo da Acaia. **69.7** Hémon é o herói epónimo da Hemónia, nome antigo da Tessália. Era filho de Pelasgo e pai de Téssalo. **69.8** Bitínio era rei da Bitínia. Os Bébrices eram um povo da Bitínia. A Migdónia derivou o seu nome de Mígdon, rei dos Bébrices.

71.2 Tirrénia era o nome antigo da Etrúria. **71.3-4** Dárdano e Iásion (Jasio) eram filhos de Zeus e de Electra, filha de Atlas. Dárdano era samotrácio mas é considerado o fundador de Troia. Existem lendas que o ligam à Etrúria. **71.7** Note-se que em 70.2 a grafia deste antepassado lusitano é em **T** e **Ny** ligeiramente diferente: Sic Caleo. Frei Bernardo de Brito, na *Monarquia Lusitana*, descreve a relação entre Camboblasco, Iásion, Dárdano e Sic Celeu. Note-se a grafia deste último nome: «morrendo Camboblasco ... seus dous filhos Iasio & Dardano, pretendendo cada hum ficar Senhor do Reyno, começarão entre si cruéis debates altercados á custa de muitas vidas ... Vendose Jasio ... em contingencia de ser totalmente desbaratado de Dardano ... acudio ao remedio mais seguro, mandando pedir a Siceleo seu tio, que passasse em Italia» (I, pp. 184-185).

73.6 Compreende-se a razão da correção feita. Em 73.2 já aparecia essa forma verbal. Curiosamente, **Ny** grafa a versão não corrigida: “Mas sim porque a justiça protestava”. Existem várias hipóteses para explicar a decisão do copista de **Ny**. A grafia de **T** 73.6 é ambígua no que concerne à sexta letra de ‘protestava’; uma leitura apressada poderia aí ler ‘protectava’. **Ny** grafa diferentemente essa palavra. A correção pode ter ocorrido *depois* da cópia **Ny**, sendo mais um exemplo das alterações inaceitáveis que **T** sofreu ao ser emprestado. Também é possível que a correção seja de Samuda ou de Castro Sarmiento porque a palavra em **T** 73.6 está sublinhada mas não cortada; neste caso, o copista de **Ny** ter-se-á esquecido de fazer a alteração.

78.1 Os Teutiscos são os Teutónicos, Germânicos ou Alemães. **78.2** Asquenaz é, na Bíblia, o primeiro filho de Gomer, descendente de Noé (*Gen.* 10:3, 1; *Crónicas* 1: 6). O reino de Asquenaz entrou em guerra contra a Babilónia (*Jer.* 51: 27). **78.3** Tácito nota que os povos germânicos consideravam-se descendentes de Tuisco, um deus nascido da terra, e do seu filho Mannus. O nome teve posteriormente várias grafias: Tuyscon, usada por Samuda, Tuiscão, etc. **78.7-8** Os Hermiones, os Ingevones, os Bastarnos, os Vindilos e os Istevones eram tribos germânicas. Os Bastarnos (Bastarnae) eram um povo germânico ou celta que foi mencionado por vários autores antigos (Estrabão, Políbio, Tácito, Tito Lívio) e foram um dos primeiros povos germânicos a contactar com os Romanos.

81.3 A Hidra é a serpente do lago Lerna; as suas sete cabeças renovavam-se à medida que eram cortadas. Hércules venceu-a. **81.7** O Vulturno e o Liris eram rios da Campânia e do Lácio.

82.1 O filho de Licáon é Pândaro. **82.3** Pandósia era o nome de uma cidade antiga de Bruttium, hoje Calábria, Itália.

83.1 Tiberino Sílvio, descendente de Eneias, foi rei de Alba Longa. Ao atravessar o Albula, morreu afogado, passando o rio a denominar-se Tiberino ou Tibre.

85.5 Taiquetra era um outro nome antigo da Trinácia, ou Sicília. **85.7** O Timeto era um rio da Sicília.

86.2 Os Arimaspos eram um povo lendário do Norte distante em que cada pessoa só tinha um olho. Foram tema célebre do taumaturgo e poeta Arís-

teas de Proconeso. **86.3** Gralha provável na escrita do nome do povo fabuloso dos Lestrígonos; cf. 45.1. **Ny** segue **T**.

87.5 ‘Odyssia’ é um promontório da Sicília, também conhecido como Ulysseum e Portus Edissae. Estas designações parecem derivar da corrupção de Odyssea. **87.6** Orino (Orinus, Erineus, Erineos) é um porto da Acaia, no golfo de Corinto.

89.2 Os Gálatas (Galathes) eram os celtas da Gália que teriam derivado o seu nome do herói epónimo Gálates. Como afirma Frei Bernardino da Silva, «depois da morte de Celtes foy senhor desta Prouincia Galathes filho de Hercules Libio ... Deste Galathes se chamou a Prouincia Gallia, como diz Beroso», *Defensam da Monarchia Lusitana* (Coimbra, 1620), p. 42. **89.3** Melas era um dos nomes antigos do Nilo. **89.4** Misraim era o nome hebraico do Egito. **89.5** Étéria era um nome antigo da Etiópia. **89.7-8** Os Rifates eram um dos ramos dos celtas Gálatas que viviam na Paflagónia, na Ásia Menor. Eram considerados descendentes de Rifate, filho de Gomer. O seu nome mudou posteriormente para o de Paflagónios. O herói epónimo desta terra era Paflagon, filho de Fineu.

91.7 Baco ou Dioniso era o deus do vinho.

92.1 Sémele era a mãe de Dioniso.

93.1-3 Leneu era um epíteto de Dioniso. Contudo, Samuda parece aludir a uma tradição menos conhecida, na qual Leneu era um sátiro filho de Sileno. Este Leneu acompanhou Dioniso quando este passou pela Líbia. **93.5** É curiosa a utilização do nome de Lísias (c. 445-380 a.C.), um dos oradores mais famosos do mundo antigo. Parece tratar-se de uma história etiológica. A explicação mais clara talvez esteja nos versos 95.7-8. A ilusão de que Luso era parecido com o rei deixado por Baco na Ibéria terá feito com que o nome do povo fosse o da junção do nome de Luso com o nome de Lísias. **93.6** Talvez ‘potencia’ seja um erro de simpatia em **T**; mais adequado seria ‘pertencia’. **Ny** segue **T**.

94.2 Os Teucros eram os Troianos. Sínon é o agente infiltrado que os Aqueus deixaram em Troia. Capturado pelo Troianos, conseguiu convencer Príamo de que era perseguido por Ulisses e que o cavalo de madeira era uma oferenda a Palas Atena.

95.2 Brómio era um dos epítetos de Dioniso. **95.8** Samuda propõe uma etimologia curiosa de ‘Lusíadas’, derivando a palavra de Lísias (Lysias, Λυσίας).

97.3 A Hispânia Citerior era uma das divisões administrativas romanas da Ibéria, onde se encontram as atuais cidades de Tarragona, Cartagena e Lérida.

99.8 Alcides era um dos epítetos de Hércules.

100.1 O Ponto Euxino (Euxínio) era o Mar Negro. **100.2** Eetes (Eeta, Æeta) era rei de Ea, na Cólquida, e pai de Medeia. Ao fugir com Jasão, que levava o velo de ouro, Medeia matou o seu pequeno irmão Absirto, de modo a atrasar Eetes que perseguia o casal. **100.3** Tífis era o piloto do navio dos Argonautas, o Argo. Seguiu-se-lhe nessa função Anceu. **100.5** O Tanais era o rio que apartava a Europa da Ásia para os geógrafos antigos; corresponde ao Don atual. Depois de se unir ao Tanais Minor, chega ao Palus Maeotis (Meótiis), perto da cidade de Azofe. **100.6** Delfim (Delphinus) era um epíteto de Apolo.

101.3 A Tritonides é uma região líbia do Norte de África, onde existe um lago com o mesmo nome. **101.4** Tritão (Trítion) é um deus do mar, filho de Posídon. **101.6** ‘Chironica Sphera’ é uma alusão aparente à esfera do Sagitário, i.e. às constelações. **101.7** Cádiz.

102.1 Argo, filho de Frixo e sobrinho de Macisto. Este Macisto foi o epónimo da cidade com o seu nome na Élide. **102.3** Referência a Jasão, o herói principal do ciclo dos Argonautas, que tinha Pélias como um tirano cruel. **102.4** Marpessa preferiu Idas ao deus Apolo, que também a desejava. **102.5** Meleagro (Meleager), filho de Eneu e de Alteia. No ciclo dos Argonautas, mata o rei Eetes. **102.6** As Harpias eram monstros alados, com os nomes de Aelo, Ocípete e Celeno. **102.7** Nem Bias, nem Bianto (Βίας, αντος) figuram nas listas de cinquenta a cinquenta e cinco Argonautas. É provável que se trate de uma confusão com Peante (Peias, Pœante), pai de Filoctetes (Ποίας, αντος), mencionado por Valério Flaco e Higino. Neste caso, a rima seria feita com ‘Peanto’. **102.7-8** Nomes de Argonautas: Anfidamas (Anfidamante), filho de Áleo e irmão de Cefeu; Acasto, filho de Pélias, que acompanhou Jasão, desrespeitando as ordens do pai; Admeto, rei tessálio filho de Feres; Corono, filho de Ceneu; Astérion, filho de Cometes; Clítio, filho de Êurito; Peleu, filho de Éaco e irmão de Télamon; Canto, filho de Cáneto.

103.1 Os dois Ífites (Iphites) do ciclo dos Argonautas são o filho de Náubolo e o filho de Êurito. Os dois Ífcles (Ífclos) são o filho de Téstio e o filho de Fílaço. Ífcles era também o nome do irmão gémeo de Hércules. **103.2** Linceu era filho de Afareu.

103.3 Butes era filho de Téleon. Falero era filho de Álcon. Ergino era filho de Posídon.

103.4 Oileu, rei dos Locros, era filho de Hodédoco e pai de Ájax, o menor. **103.5** Tenareu (Tænareo) não aparece nas listas dos Argonautas; Samuda parece referir-se a Teseu. O Ténaro era um cabo do Peloponeso que os antigos consideravam uma das entradas do Hades. Teseu ficou aí preso, juntamente com o seu amigo Pirítoo, até que Hércules o libertou. Náuplio era filho de Clitoneu e pai de Palamedes. Équion era filho de Hermes. **103.6** Palemónio era filho de Hefesto. Hilas era filho de Teódamas. Áugis era rei de Élis. **103.7** Orfeu era o músico da expedição dos Argonautas.

105.1-2 Anfiarau, Ídmon e Mopso eram os adivinhos da expedição dos Argonautas. **105.3** Argos, filho de Frixo, foi o construtor da Argo, a nau dos Argonautas, nomeada a partir do seu nome. **105.5** Leódoco, filho de Bias, era um dos Argonautas. **105.7** Etálides, filho de Hermes, era um dos Argonautas. **105.8** Ave fabulosa de Etiópia.

107.1 Canopo (Conópio) foi piloto de Osíris; alguns mitógrafos consideram que também terá sido piloto da Argo. Samuda parece, contudo, estar a referir-se a Canopus Hercules, o Hércules do Egito, como se vê em 108.2.

108.1-2 Laomedonte foi rei de Troia. Foi morto por Hércules, que deu a filha dele, de nome Hesíone, ao seu companheiro Télamon. Este era filho de Éaco e pai de Ájax. Alexícano era um dos epítetos de Hércules. **108.3-4** Zetes (Zetas) e Cálais eram filhos de Bóreas e participaram na expedição dos Argonautas. **108.5** Erro aparente de grafia. Samuda parece referir-se a Hoplosmia, epíteto de Hera em Élis, que significa ‘completamente armada’. Hera, apaixonada por Jasão, transformou-se numa velha e, estando na margem do rio Anauro, pediu ao herói que a transportasse através do rio. Alguns mitógrafos referem que o rio em causa era o Eveno ou o Enipeu. **108.6** Caco era um epíteto de Hércules (de Alexícano). **108.7** Tálao era o argonauta filho de Pero. Cefeu era o argonauta filho de Áleo. **108.8** Eribotes era o argonauta filho de Téleon. Anfíon era o argonauta filho de Hiperásio.

109.5 Euridamas (Euridamante) era o argonauta filho de Ctímeno. **109.6** Polifemo era o argonauta lápita filho de Élato. **109.7** Astério (Astérion) era o argonauta filho de Cometes. Êurito era filho de Hermes. **109.8** Oenides (Enides) refere-se a Meleagro, filho de Eneu (Οἰνεΐδης). Eurítion era o argonauta filho de Iro.

110.1 Licínio ou Caco era o tirânico chefe dos Lusitanos em luta contra Palatuo. **110.2** Satúrnia, de Saturno, era um dos nomes antigos de Itália. **110.4** Epíteto de Hércules (Hercules Hippodotus).

111.1 Calinico era um dos epítetos de Hércules (Callinicus Hercules). **111.1-4** Argeu era companheiro de Hércules. Este herói prometeu que levaria o seu companheiro morto ou vivo para casa; para cumprir a sua promessa, transformou o corpo em cinzas.

112.3 Referência ao navio Argo.

114.2 Pilomno (Pilumnus) era a divindade romana do pilão e que presidia ao adubar das terras. Foi considerado irmão de Picumnus. Protegeu também os recém-nascidos contra os ataques de Silvano. Ver *infra* IX.10.8. Triptólemo é uma figura ligada aos mistérios de Elêusis. Deméter concedeu-lhe a imortalidade. **114.6** Aristeu era filho de Apolo e da ninfa Cirene. É um dos fundadores da arte de medicina, da adivinhação, da apicultura, dos lacticínios e da vinha. **114.7** Ísis, deusa egípcia, era esposa de Osíris. Jano era o deus bifronte dos Romanos. **114.8** Pá era o deus grego dos pastores e rebanhos.

115.2 Amúlio era o rei de Alba, avô dos fundadores míticos de Roma, Rómulo e Remo. **115.3** Acrísio (Acriso) era filho de Abas, rei de Argos. Depois de a sua filha Dánae ter sido seduzida por Zeus, Acrísio lançou-a ao mar juntamente com o bebé, de nome Perseu. **115.5** Laio, filho do rei de Tebas, era pai de Édipo. **115.7** Tiestes era filho de Pélops e irmão gémeo de Atreu. O ódio entre os dois irmãos fez com que Tiestes tivesse um filho nascido do seu incesto com a sua filha Pelópia. Esse filho, de nome Egisto, matou Atreu.

116.1 Górgoris foi um antepassado mítico dos Lusitanos. **116.2** Ília era um dos nomes de Reia Sílvia, filha de Amúlio e mãe de Rómulo e Remo. Dánae era filha de Acrísio e companheira de Perseu. Pelopeia (Pelópia) era filha de Tiestes. **116.4-8** Frei Bernardo de Brito conta a mesma história: «Estando pois no melhor, & mais pacífico tempo de seu Reyno occupado em cultivar, & ... huma

filha sua seguindo a leviandade nativa na mor parte das molheres, se namorou de hum homem particular, indigno de com honra sua o poder Gorgoris casar com a filha & forão os amores tão secretos, que os veo a publicar a empenhidão da moça, com tanto desgosto do pay, que em nacendo o filho ... mandou nelle executar a indignação, que os adúlteros merecião» (*Monarchia Lusitana*, cap. XXI, pp. 289-290).

117.1 Rómulo e Remo. **117.2** O neto de Pélops é Egisto, filho da união incestuosa de Tiestes e da sua filha Pelopeia. **117.8** ‘Móvel’ no sentido de causa motriz.

118.3 e 7 Díctis era o irmão do rei da ilha de Serifos, de nome Polidecetes. Este pescador apanhou na sua rede Perseu e a sua mãe.

119.1 Melícola, outro nome de Górgoris, e Abidis foram soberanos míticos da Ibéria. Abidis era neto de Górgoris. Assim o descreve Frei Bernardo de Brito: «Nestas solitárias prayas se criava o moço Abidis, seguindo pelos montes & charne-cas os brados dos cervos, & doutras feras, como quem não conhecia outros pays ... E rompendose a nova do caso por grande parte do Reyno, o veo a saber Gorgoris com pouca suspeita de ser aquelle o neto, cuja vida tanto aborrecera» (*Monarchia Lusitana*, cap. XXI, pp. 291-291). **119.2** Príamo era rei de Troia e Páris era o seu segundo filho.

120.3 Ulisses era rei de Ítaca. **120.5** Tago era o nome antigo do Tejo.

121.3 Ulisses era filho de Laertes e de Anticleia.

122.6 Referência ao ciclope Polifemo, apaixonado por Galateia. Esta donzela não retribui esse amor porque amava Ácis, filho de Pá. Polifemo acaba por matar Ácis. **122.5-8** Episódios das viagens de Ulisses depois da guerra de Troia.

123.1 Arete era a mulher de Alcínoo, rei dos Feaces, e mãe de Nausícaa. **123.4** Epíteto de Atena. **123.6** Dulíquia (Dulíquio, Dulichium, Dulichia) era uma das ilhas Equínades que pertenciam ao reino de Ulisses. **123.8** Ulisses foi pai de Telémaco, que o procurou e auxiliou a vencer os pretendentes à mão de Penélope, e de Telégono, o filho que teve de Circe, e que acabou por matá-lo.

124.4 Ulisseia era um nome antigo de Lisboa.

125.1 O Mínio (Minius) era o nome antigo do rio Minho. **125.2** Diomedes, herói da guerra de Troia, era filho de Tideu. **125.7** O Nébis era o nome antigo do rio Neiva, zona em que habitavam os Grovii (Gruios). **125.8** Tude (Tudæ, Tyde), nome antigo de Tuy, na Galiza, cidade dos Callaici.

126.5 O Dórias (Durius) era o nome antigo do Douro.

127.1 Diomedes casou-se com Egíale. **127.4** A Dáunia era o nome antigo da Apúlia, no sul de Itália, o reino de Dauno, para onde foi Diomedes depois de descobrir que a sua esposa Egíale lhe fora infiel durante a sua ausência. **127.5** Referência a Argiripa (Argíripa, Arpe, Argyrrippa, Argippa, Argyrrippani, Arpi, Arpini, Ager Arpanus) uma cidade fundada por Diomedes na Apúlia.

128.2 Teucro era filho de Télamon e de Hesíone. **128.3** O Terebris (Terebus, Tader), é o atual rio Segura da província de Múrcia, em Espanha. **128.4** Os Mirmídones eram um povo da Tessália.

129.5 Os Ártabros viviam perto do cabo Artabrum, atual Finisterra. **129.8** Pafiena (Paphienna) deriva de Paphia, epíteto de Afrodite derivado da cidade de Pafos, em Chipre. Salamina da Ática, cidade onde Télamon era rei.

130.2 Menesteu era o comandante dos Atenienses durante a guerra de Troia. **130.3** Gadiva (Gades, Gadis, Gadeira, Tartessus) era uma ilha na zona do rio Gaudalquivir (Baits, Baetis, Betis). **130.8** Os Dárdanos (Dardânios) eram o povo de Dárdano, o fundador de Troia.

131.2 Hesíone, filha do rei de Troia, foi dada por Hércules (Alexícaco) a Télamon como esposa. **131.6** Cápis, filho de Assáraco, era antepassado de Eneias.

132.7 Scalabis era uma cidade da Lusitânia, a atual Santarém.

135.3 e 5-6 Rios da Gália. O Sequana é o Sena. O Liger (Ligeris) talvez seja o Loire ou o Elaver (Allier). **135.4** Matróna (Matronae Mons) é uma montanha dos Alpes (Alpes Cottianae). Gebena (Gebenna) é uma cadeia de montanhas da Gália, a atual Cevennes.

136.1 Os Tricássios (Tricasses, Tricasii) eram um povo celta da Gallia Lugdunensis. Os Senones foram uma das grandes tribos celtas que faziam fron-

teira com os Belgas e com os Éduos. **136.2** Os Vadicasses (Vadicassii, Viducas-ses, Vadiocasses, Bodiocasses, Bodicasses, Baiocasses) eram um povo celta da Gallia Lugdunensis. Os Lexóbios (Lexovii) eram um povo celta que habitava a costa da Gália, perto da foz do Sena, em torno da atual cidade de Lisieux. Os Segusianos (Segusiani) eram um povo gaulês que habitava a zona do Ródano e do Doubs. **136.3** Os Curiosolites (Curiosolitaе, Cariosvelites) eram um povo celta que habitava, talvez, a zona da atual St. Malo. Os Éduos (Aedui, Hedui) eram um povo celta que habitava a Borgonha. Os Redones (Rhedones) eram um povo da Gallia Lugdunensis. **136.4** Os Andegavos (Andes, Andecavi) eram uma das tribos gaulesas contra as quais Júlio César combateu; ocupavam o curso inferior do Loire. Os Aulercos Cenomanos (Aulerci Cenomani) ocupavam um território entre o Sena e o Loire, na zona da atual cidade de Mans. **136.5** Os Diablintas (Diablintres, Diablin-di) eram uma tribo celta que habitava a zona da atual cidade de Mayenne. Os Aulercos Eburovices parecem ter ocupado parte da Gália marítima. Os Turones (Tubones, Turoni, Turonii) eram uma tribo gaulesa que habitava a sul do Loire. **136.6** Os Osísmios (Osismi, Osismii) juntaram-se aos Vénetos contra César; habitavam na Bretanha ('terreno dos Britanos'). **136.7** Os Unelos (Unelli, Veneli) eram uma tribo da Gália marítima; o seu território correspondia aos atuais departamentos franceses de La Manche e de Calvados. Os Carnutes (Carnuti) eram um povo celta que ocupava a zona da atual cidade de Orléans. **136.8** Os Vénetos (Veneti) eram celtas que ocupavam parte da Bretanha. Os Parisios (Parisii) eram um povo gaulês da zona do Sena. Os Nanetes (Namnetes, Nannetes) eram um povo celta que habitava a zona do Loire.

137.1 Referência à Gália Comata, ou Gália hirsuta, a que vai dos Pirenéus até ao Reno. **137.3** Referência à Bracata Gallia, ou Gália Narbonesa. **137.4** Alusão a Plutarco que considerava os Cimbras (Cimbri) como Citas gauleses. **137.5** Referência à Togata Gallia, Gália Romana ou Cisalpina. **137.8** Cf. III.8.4 'misto de irado e compassivo'.

CANTO III

1.2 Sarra (Sor, Sar, Sour, Tsor) era o nome latino da cidade fenícia de Tiro (Tyros). O peixe a que se refere Samuda era a fonte da tintura de púrpura

imperial, pigmento usado nas vestes de seda dos imperadores, também conhecido como púrpura de Tiro. Tratava-se, de facto, de gastrópodes marinhos, como o *Murex brandaris*, o *Heraplex trunculus* e o *Stramonita haemastona*. A utilização da palavra ‘peixe’ deve ser entendida no sentido lato de seres do mar; recorde-se que este poema épico é anterior à classificação de Lineu (1758). **1.5** Abibalo foi rei de Tiro, contemporâneo do rei David de Israel (ver Eusébio, *Chronicorum libri duo*, ed. A. Schöne, Berlim, 1875, coll. 115-118).

2.3 Galas sarronas: vestes e tecidos tingidos a púrpura de Tiro.

3.5 Rinocolustes é um epíteto de Hércules ou Hércules que significa Cortador de Narizes. **3.8** Segundo uma lenda transmitida por Julius Pollux (*Onomasticon* I, 45-49), um autor do século II, a tintura de púrpura foi descoberta por Hércules e pelo seu cão. A boca do cão estava tingida de púrpura devido a ter estado a comer moluscos na costa levantina. Uma ninfa chamada Tiro reparou na cor e pediu a Hércules que lhe levasse um vestido tingido com essa cor.

6.4 Referência aparente à cidade cretense de Erythraea, cujo nome parece derivar do promontório Erythraeum, na costa sudeste da ilha. Não parece estar em causa a cidade jónia de Erythrae ou o Mar Vermelho (Erythraeum Mare).

7.2 Argantónio (Homem de Prata) é o único rei de Tartessos de que existem referências históricas, se bem que existam dúvidas sobre se essas referências indicam um indivíduo ou uma dinastia. **7.3** Fenices são os Fenícios.

8.3 Nechepsos (Nekauba) foi rei da XXVI dinastia do Egito; existência histórica duvidosa. **8.4** Joaquim (Ioachim) era o rei judeu na altura da ocupação babilónia de Israel.

10.3 Eliaquim, figura bíblica, filho de Josias, nome original de Joaquim, rei de Judá (2º Reis, 23, 34). **10.4** Jeconias, uma figura bíblica, era filho de Joaquim, rei de Judá (Baruc, 1,3). Vafres era um faraó da 26ª dinastia. **10.6** Sedecias, uma figura bíblica, era filho de Josias, rei de Judá (Baruc, 1, 8). Depois de se revoltar contra Nabucodonosor, rei da Babilónia, este ordenou que os filhos de Sedecias fossem mortos à sua frente e que a este lhe fossem arrancados os olhos (Jeremias, 52, 10-11).

11.3 Nebuzardan foi o general babilónio que transportou o Povo Eleito

para o exílio (Jeremias, 39, 9-13). **11.5** O Rubricato era um rio da Catalunha que desagua na costa da atual Barcelona.

14.3 Ecbatane (Ecbatana, Achmetha) era a capital da Média, residência dos monarcas medos e de Ciro e Cambises.

17.1 Birsá (Byrsa) era uma das partes de Cartago e o primeiro nome desta cidade da Zeugitana, parte da África Setentrional. **17.2-4** Dido era filha de Metres (Methres), ou Belo II, rei dos Tírios; casou-se com Sicheu (Sicharbas), que acabou morto por Pigmalião (Pygmalion), seu irmão.

18.5 Sobre o porto de Menesteu, ver II.130.3-4. **18.6** Mezerbal era um comandante mítico dos Cartagineses. O apoio que os Cartagineses deram aos Fenícios da Hispânia é descrito por Frei Bernardo de Brito: «aportou em Cadiz a frota de Carthago, chea da melhor & mais lustrosa soldadesca, que os Africanos puderão aver na província, governada por hum insigne Capitão chamado Mezerbal», *op. cit.*, pp. II.2-3. **18.8** O Penos são os Cartagineses. Os Romanos chamavam *Pœni* ou Fenícios aos Cartagineses. A grafia de Samuda é sinal claro dessa filiação: *Pæno*.

19.4 Samuda baseia-se em autores antigos. Frei Bernardo de Brito sublinha igualmente a ligação entre o arrojo de Baúcio e o seu desejo de legitimar a eleição que o colocou no trono: «Baúcio desejando mostrar aos seus com algum feito sinalando o acerto de sua eleição», *ibid.*

22.4 Pefasmeno era um carpinteiro da frota cartaginesa que foi especialmente engenhoso na construção de aríetes.

23.7 Megistano, o grande, a primeira figura do Estado, de *megistanes, um*, os grandes, os senhores.

24.2 Referência à crença antiga de que as batalhas de Himera, de Salamina e das Termópilas aconteceram no mesmo dia, o que denunciaria uma alegada conspiração púnico-persa contra o mundo grego. Esta tese não tem hoje apoiantes. **24.4** Gélon (Gelo), tirano de Siracusa, na Sicília, venceu em 480 a.C. o exército do cartaginês Amílcar na batalha de Hímera. **24.7** Himilcão (Himilcon) foi um general cartaginês que comandou a guerra na Sicília contra Dioniso de Siracusa; foi eleito rei em 398 a.C. **24.8** Amílcar I de Cartago morreu na batalha de Hímera.

25.4 Os Tingitanos são os habitantes da Tingitânia, na África do Norte (de Tingi, cidade de Marrocos, a atual Tânger). **25.5** Os Getulos eram uma tribo berbere da Getúlia, na zona do Atlas marroquino. **25.7** Iarbas era rei dos Getulos, apaixonado por Dido, rainha de Cartago.

26.1 Safo, filho de Asdrúbal, era um general cartaginês.

27.5-8 Povos do Norte de África: Astacures; Cerofeus (Cæropheos, Cærophæi); Cinítios (Cinithi); Gefês (Gephes, Gepheis), Thaenae); Libifénices (Liby-phœnices, Libyophœnices, Afri Phœnicibus mixti); Mamparos Mamparsi); Mimaces; Muturgures; Nigitimos (Nigitimi, Nigitimoi); Usaras; etc.

28.2 Tingis, depois *Traducta Julia*, atual Tânger. **28.3-8** Povos do Norte de África: Argaucanos (Angaucani), Bacuatos (Bacuatæ), Nabjubas (Banjubæ), Caunos (Cauni), Macanitas (Maconitæ), Masices (Masi), Metagonitas (Metagonitæ), Nectiberes, Segêncios (Segrensii), Sucósios (Succossii, Socossi), Vacuatos (Bacuatæ), Verbices (Vervicæ), Verves, Volubilianos (Volubiliani), etc. Notam-se pequenas diferenças na grafia de Samuda em relação às fontes históricas. **28.4** O Agna é um rio do Norte de África. **28.6** A Focra (Phocra) é uma montanha da Mauritânia Tingitana.

29.2-5 Povos da África do Norte: Damênsios (Damensi); Lotófagos (Lotophagi); Macries (Machryes); Maquinos (Machynos, Machyni); Midenos (Mideni); Nigbenos (Nygbeni); Samamícios (Samamuci); etc. **29.5** O Ampsaga era o rio que dividia as duas Numídias.

30.2-8 Povos da África do Norte: Acuênsios (Aquenses); Banturaros (Banturari); Chituas (Chituæ); Cidamúsios (Cœdamusi); Cirtésios (Cirtesi); Macures (Machures); Macúsios (Machusi); Mancurebos (Machurebi); Micenos (Myceni); Nabatras (Nabathrae); Nacmúsios (Nacmusi); etc. **30.7** O Quilimate (Chylimath) é um rio da Mauritania Caesarensis.

31.1 Anteu já havia sido mencionado em II.40.5 como um dos adversários de Oro. **31.5** ‘Mahia’ parece referir-se ao Malva (Malvia, Mulucha), rio da Mauritânia referido por Mela, Plínio e Salústico. O Subur é um rio da Mauretania Tingitana.

32.1 Para além de Safo, comandante cartaginês de Gades, os três primos

são mais abaixo nomeados, em 34.1-2. **32.6** Sobre o Sacro Promontório ver *supra* II.13.1 e II.49.1.

33.4 Rios da Lusitânia: Tejo (Tagus), Mondego (Monda, Munda), Vouga (Vacca, Vacua, Vacus), Douro (Durius), Minho (Minius).

37.5 Os Sárrios aparecem nos autores antigos como um povo pré-romano da zona entre as Beiras e Lisboa que sucumbiu num conflito com os Celtas e com os Turdetanos. Assim o afirma, por exemplo, Luís Marinho de Azevedo: «Por serem os Sarrios taõ vezinhos de Lisboa ... todos perecerão ás mãos de Turdetanos, e Celtas, com os quaes confinavaõ, dando com ella fim a suas cousas», *Fundação, Antiguidades, e Grandeza da Mui Insigne Cidade de Lisboa* (Lisboa, 1753), cap. XXIII «Da guerra que os Sarrios fizeraõ aos Celtas, que juntando-se com Turdetanos os destruíraõ de todo, ficando senhores das fronteiras de Lisboa», p. 86. Alguns escritores setecentistas uniam esses míticos Sárrios aos Caldeus, considerando-os um povo aborígene: «Taõ horrível foi a carnagem, que exceto os Sarrios da Provincia da Beira, todos os mais, nossos primitivos moradores descendentes illustres dos Caldeos, em hum dia acabáraõ ás mãos de Turdulos, e Celtas estrangeiros», Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas* (Lisboa, 1786), p. 25.

38.5 Sobre os Lares, divindades domésticas, ver *infra* IX.113.2.

40.3 Arquidamo II (c. 469-427 a.C.), rei espartano que invadiu a Ática por três vezes. **40.4** Cefisia era uma zona próxima de Atenas. **40.5** Tinácia (Trinácia) era um dos nomes antigos da Sicília. **40.7** Referência a um episódio da guerra do Peloponeso. Egesta, cidade aliada de Atenas, estava ameaçada por Selino (Selinos) e Siracusa. Esta situação conduziu a um envolvimento desastroso de Atenas em 413 a.C. **40.8** Cidades sicilianas.

41.3 Nícias (c. 470-413 a.C.) foi um general ateniense moderado que acabou por participar na expedição desastrosa à Sicília de 415-413 a.C. **41.5** Gilipo foi o comandante das forças espartanas em serviço em Siracusa, em 414 a.C. Hermócrates foi o general siracusano que resistiu à expedição ateniense à Sicília, em 415-413 a.C. **41.6** Camerina era uma cidade siciliana que foi fundada em 599 a.C. pelos Siracusanos.

42.8 Acesta era o nome pré-romano da cidade siciliana de Egesta ou Se-

gesta. ‘Oenusso’ é uma referência duvidosa. Samuda parece referir-se a Οἰνοῦς, οὔντος, cidade da Lacónia, tomada aqui como símbolo da civilização espartana.

43.2 Árquias foi o coríntio descendente de Hércules que fundou Siracusa, na Sicília, em 732 a.C. **43.4-8** Povos gregos.

45.1 Fálaris foi um tirano de Agrigento especialmente cruel nos tormentos que infligia. Quando Perilo lhe fez um touro de bronze, o tirano mandou queimar o escultor dentro do touro. **45.2** Sobre Gélon, ver *supra* 24.4. Hierão (Híero, Hieron) e Trasíbulo foram tiranos de Siracusa. **45.3** Acradina era a cidadela de Siracusa. Ortígia é uma pequena ilha na baía de Siracusa, lugar onde nasceu a fonte de Aretusa. Tique (Tyche) era uma parte da cidade de Siracusa. **45.5-7** Léptines (Leptines) era irmão do tirano Dionísio de Siracusa; grande comandante no mar, afundou cinquenta navios cartagineses, até ser derrotado por Mago. **45.8** Cenépolis (Cænepolis) era uma cidade da Hispânia, também conhecida como Carthago Nova.

46.1 Cacabe é o nome púnico da cidade de Cartago. **46.3** Himileu foi comandante militar cartaginês na Sicília (c. 214-212 a.C.).

47.1, 3 e 5 Hanon, Boodes e Maharbal foram comandantes militares cartagineses. **47.4** Lacóbriga era o nome antigo da cidade algarvia de Lagos.

48.1 Amílcar Barca foi um general cartaginês que, depois da perda da Sicília, se volta para a Ibéria (c. 275-238 a.C.).

50.1 ‘Carros falcatos’ são carros de combate munidos de foices nas rodas.

51.1-8 Asdrúbal foi genro de Amílcar que comandou os destinos dos Cartagineses na Ibéria. Foi assassinado a mando do rei celta Tago.

52.2 Porsena foi rei da cidade etrusca de Clusium. C. Mucius (depois Scaevola) tentou matar Porsena; capturado, colocou a mão direita sobre o fogo, mostrando assim a sua coragem, ato que levou à sua libertação. **52.7** O pretor romano Sérvio Sulpício Galba ordenou à traição um massacre de Lusitanos em 150 a.C. Um dos sobreviventes desse massacre foi Viriato. ‘Lembremos Galba’ é, pois, um grito de guerra contra uma ação criminosa e injusta.

53.1 ‘Chartada’ é o nome latino da cidade de Cartago.

54.6 Os Edetanos eram um povo ibérico que habitava a zona da atual cidade espanhola de Liria, na costa mediterrânica.

55.7 ‘Agerissa’ é uma referência ambígua. Samuda parece referir-se a Roma e aos Romanos, formando o termo ‘Agerissa’ a partir de *agger, eris* (grafia posterior de *ager, eris*), famosa paliçada construída por Tarquínio Soberbo em Roma para proteção da cidade e que se tornou depois num local de passeio.

56.1 Sobre a Gallia Bracata, ver *supra* II.137.3. **56.3** Volca representa a tribo dos Volcas Arecómicos (*Volcae Arecomici*) que habitavam a zona da atual cidade de Nîmes, a antiga *Colonia Augusta Nemausus*. **56.5** ‘Reno’ trata-se de uma gralha de troca de letras. Samuda grafa *Rheno*, referindo-se a *Rhône*, o rio Ródano que se lança ao Mediterrâneo através do delta da Camarga. **56.6** Alobroge era uma tribo da Gália que se opôs à passagem do exército de Aníbal por uma estreita passagem nos Alpes em 218 a.C., durante a Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.). Essa passagem foi identificada (Gavin de Beer) como sendo Col de la Travessete (Políbio, *História*, III.50.). **56.7-8** Referência à tribo dos Cavares e seus vizinhos da zona do vale do Ródano, nomeadamente Segalauni, Tricastini Salyes, Albici e Vocontii. Os Anatilii habitavam a atual Camarga. Os Sentii (Sentio) eram um povo da Gália Narbonense. Elicocos é uma corruptela de Ptolomeu para designar os Heluos (Helui, Elui), povo do lado ocidental do Ródano. Salice, de Salici (Salyes, Salluvii, Sallyi), uma tribo que habitava a leste do Ródano. Os povos ou tribos aparecem personificados em heróis epónimos.

57.1-2 Os Segalauni (Sego-vellauni), os Vocontii (Vocuntii) e os Deciatii eram povos da Gallia Narbonensis. Existem dúvidas sobre se os Commoni (Κομμονο) seriam celtas gálicos ou lígures.

58.3 Publius Cornelius Scipio (236-183 a.C), mais tarde agraciado com o cognome de Africanus, foi o grande adversário de Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica. **58.5** Tiberius Sempronius Longus (c. 260-210 a.C.) foi um cônsul romano durante a guerra contra Aníbal.

59.2 O Trébia é um afluente do Pó. **59.4** Os Bechuni e os Insubres eram povos que habitavam a planície transpadana, no norte de Itália. **59.5** Os Libici (Lebecii) eram um povo transpadano que habitava a zona da atual Milão. Os

Caenomani (Cenomani) habitavam a leste dos Insubres. **59.6** O Ligusticus (Sinus Ligusticus) é o atual golfo de Génova. **59.7** Os Orobii habitavam a norte da atual Milão. Os Salassi eram um povo alpino da zona da atual cidade de Aosta. Os Lepontii (Leipontii) eram um povo da província romana da Rhaetia, próximos dos Salassi. **59.8** Os Caturiges (Catoriges) eram um povo da Gallia Narbonensis, no atual Dauphiné francês. Os Centrones eram uma pequena tribo que habitava os Alpes Graios, no território da atual Tarantaise. Os Taurini ocupavam o território entre o Padus e os Alpes; foram os primeiros a atacar Aníbal depois da sua descida dos Alpes.

60.1 Os Suetri eram um povo dos Alpes Marítimos, na Provença. Os Vendionti (Vediantii, Vestiantii, Vedentii) eram um povo lígure da Gallia Narbonensis, que habitavam a zona da atual Nice. **60.2** Os Segusiani (Segosiani, Secusiani) eram um povo da Gallia Lugdunensis, próximos dos Allobroges. Os Nerusi (Nerusii) eram um povo da Gallia Narbonensis, a leste da atual Provença. **60.7** A batalha do Lago Trasimeno aconteceu a 21 de junho de 217 a.C., durante a Segunda Guerra Púnica. Aníbal venceu o cônsul Gaius Flaminius, morto a 27 de junho.

61.7 Alusão a uma estrofe do grande poema épico de Sílio Itálico, *Púnica* (V.333-343), em que um combatente romano de nome Mamerco avança com coragem no campo de batalha, matando um porta-estandarte e carregando o estandarte das águias romanas através das fileiras de uma companhia lusitana; ao ver isto, os Lusitanos que lutavam ao lado de Aníbal atacam Mamerco de todos os lados, partindo-lhe todos os ossos, de tal modo que o seu corpo já não tinha espaço para que uma lança lhe fosse espetada.

62.1-2 Quintus Fabius Maximus (c. 280-203 a.C.) foi um estadista e general romano; foi cônsul cinco vezes e foi nomeado *dictator* por duas vezes (221 e 217 a.C.).

63.2 A batalha de Canas (Cannae) aconteceu a 2 de agosto de 216 a.C. **63.8** A ordem dos Equestres participava na legião romana; era composta por romanos ricos que podiam servir como cavaleiros (*equites*). Os filhos de senadores, e até mesmo senadores, serviam na cavalaria.

64.1-8 Esta participação de Viriato na Segunda Guerra Púnica, obviamente impossível, parece derivar de uma passagem do poema *Púnica* de

Sílio Itálico (III.354-356). **64.3** Gnaeus Servilius Geminus foi um general e almirante romano que desempenhou o cargo de cônsul; foi morto em Canas. **64.5** Lucius Aemilius Paullus foi um cônsul romano morto na batalha de Canas; ver *infra* 65.1-2.

65.3 Gaius Terentius Varro foi cônsul e um dos comandantes romanos na batalha de Canas. **65.4** Venusia, hoje Venosa, é uma localidade próxima de Canas para onde fugiram os legionários romanos derrotados. **65.5** ‘Balaro’ é uma referência ambígua. Samuda parece derivar a palavra do grego de origem corsa βαλαρς, o, exilado, fugitivo. O sentido do verso seria o de que a espada lusitana estaria a desbaratar a retaguarda dos que fugiam para Venúsia. A pontuação teria de ser alterada em conformidade. Como a grafia de ‘l’ em **T** é duvidosa, disso dando conta **Ny**, é provável que Samuda se refira aos fundibulários baleares (*funditores Baleares*), uma parte importante da infantaria ligeira de Aníbal.

66.1-6 Referência a povos do sul de Itália. Os Hirpinos (Hirpini) eram um povo descendente dos Samnites; viviam a norte dos Picentini e a oeste dos Apuli. Os Campani viviam na Campânia. Os Apuli viviam no território da atual Puglia. Os Peucetii eram o povo da Peucetia Apulia; um dos seus ramos eram os Poediculi (Pediculi). Os Vestini habitavam a zona de Picenum, ao lado do Adriático. Os Samnites eram considerados os descendentes dos Sabini, próximos dos Aequi, Campani, Hirpini, Frentani e Peligni; dividiam-se nos ramos dos Samnites Pentri e Caraceni. Os Peligni, o povo de Ovídio, habitava Samnium, depois Abruzzo Citra, próximo de Nápoles. Os Salentini eram os descendentes dos Cretenses na Calábria. Os Praetutii eram um povo próximo de Picenum. Os Ferentanos (Frentani), um ramo dos Samnites, habitavam perto do rio Frento, de onde derivaram o seu nome. Os Bruttii eram o povo que habitava o território ístmico a sul da Lucânia. Os Dáunios habitavam a Apulia Daunia, entre o rio Frento e o Adriático. Os Pícnos (Pícnos) habitavam Picenum, o território a leste da Úmbria, entre os Apeninos e o Adriático. Os Picentinos (Picentini) habitavam o território entre a Campânia e a terra dos Lucanos (Lucani).

68.2 Gnaeus Cornelius Scipio (Calvus) foi um general e cônsul romano. Pertencia a uma família de grandes militares e estadistas. Era filho de Lucius Cornelius Scipio e irmão de Publius Cornelius Scipio. Ele e este irmão morreram na Ibéria. **68.7** Barcino era uma colônia cartaginesa fundada por Amílcar Barca na zona da atual Barcelona. Mandónio era um chefe local, irmão de Indibilis, chefe dos Ilergetes; ver *infra* 73.3.

69.1 Publius Cornelius Scipio; ver *supra* 68.2. **69.2** Cadmeia refere-se a Cartago. Cadmo era fenício, tal como os fundadores de Cartago. **69.3** Caligrafia ambígua. Samuda para referir-se à batalha de Hibera, em 215 a.C., perto da foz do Ebro; nesta batalha Asdrúbal foi vencido pelos irmãos Cipião.

70.1 Lucius Marcius Septimus foi um cavaleiro romano cujo estatuto social o impedia de comandar uma província. Depois da morte dos irmãos Cipião, comandou as tropas romanas na Ibéria. **70.2** Gaius Claudius Nero foi eleito cônsul juntamente com Marcus Livius Salinator. Ambos venceram os Cartagineses comandados por Asdrúbal, irmão de Aníbal, na batalha do rio Metaurus.

72.1 Colca (Culchas, Kolichas) era um governante turdetano do leste da Ibéria que, dizia-se, controlava vinte e oito cidades; forneceu tropas a Cipião (Africano) contra os Cartagineses. Marcus Junius Silanus era o assessor do general (*legatus*) Cipião. **72.7** A batalha de Zama aconteceu em 202 a.C. **72.8** ‘Charchedon’ é o nome grego para Cartago.

73.1 Lucius Manlius Acidinus e Lucius Cornelius Lentulus foram pretores em 210 e em 211 a.C. respetivamente. **73.2** Os Ilergetes eram um povo ibero pré-romano que se aliou sucessivamente aos Cartagineses e aos Romanos. Situavam-se na atual Catalunha ocidental e Aragão oriental. A sua capital era Atanagrum, cuja localização se desconhece. Outra das suas cidades era Llerda ou Lltirda, a atual Lérida. O declínio deste povo aconteceu com a sublevação de 195 a.C. contra os Romanos, tendo sido submetidos por Catão. **73.3** Endibil (Indíbilis) e Mandónio eram régulos e comandantes dos Ilergetes.

74.2 É difícil a identificação de Élio (Aelius). É provável que se trate de gralha e que Samuda se esteja a referir a Gaius Laelius, general e estadista que colaborou com Cipião Africano na sua campanha ibérica. Lucius Stertinius foi procônsul da Hispania Ulterior em 199-196 a.C. Existem vários Lentulos que participaram nas guerras ibéricas. P. Cornelius L. F. L. N. Lentulus Caudinus esteve com P. Cipião na Hispânia em 210 a.C. Cneius Cornelius L. F. L. N. Lentulus foi procônsul na Hispania Citerior em 199 a.C. Lucius Cornelius L. F. L. N. Lentulus, irmão do anterior, sucedeu a Cipião na Hispânia, onde esteve onze anos. C. Cornelius Cethegus foi procônsul da Hispânia em 200 a.C. Curiosamente, um outro Cetego, L. Cornelius Cethegus, foi apoiante de uma ação contra S. Sulpicius Galba por ter morto Lusitanos depois de ter dado a sua palavra de que não o faria (149 a.C.). **74.5** C. Sempronius Tuditanus foi pretor em 197

a.C.; vencido pelos Hispanos, morreu em consequência de um ferimento. **74.7** Q. Fabius Buteo foi pretor da Hispania Ulterior em 196 a.C. (Um outro Buteo, N. Fabius, chegou a ser nomeado pretor da Citerior mas faleceu a caminho do lugar.) Q. Minucius Q. F. L. N. Thermus foi pretor da Hispania Citerior em 196 a.C., merecendo a honra de um triunfo no seu regresso a Roma no ano seguinte.

75.1 L. Marcus C. F. C. N. Censorinus foi cônsul em 149 a.C. **75.4** Emporiae era um cidade de fundação grega da Hispania Citerior, perto dos Pirinéus. Foi conquistada por Gnaeus Cornelius Scipio durante as operações contra os Lacetani.

76.1 e 5-8 Lucius Aemilius L. F. M. N. Paulus, mais tarde apelidado Macedonicus, teve uma carreira notável de militar e de estadista; a meio dela foi pretor, com o título de procônsul, da Hispania Ulterior, em 191 a.C. O início da sua ação na Ibéria não foi feliz, perdendo 6000 homens contra os Bastetani. Sobre Manlius, ver *supra* 73.1; sobre Nero, ver *supra* 70.2. **76.2** Sex. Digitius acompanhou Cipião na conquista da Nova Cartago em 210 a.C. Ele, ou um filho com o mesmo nome, foi pretor em 194 a.C., tendo perdido muitas batalhas contra os povos ibéricos. P. Cornelius Scipio Nasica foi pretor na Hispania Ulterior em 194 a.C. **76.5** Utilização curiosa da palavra ‘herói’, forçada, aparentemente, pela rima. ‘Hero’ não parece derivar do latim *heros, ois*, mas do inglês *hero*.

77.2 P. Junius Brutus esteve à frente da Hispania Ulterior a partir de 189 a.C. Já depois da morte de Viriato, um outro Júnio Bruto, D. Junius M. F. M. N. Brutus Gallaecus governou a Ulterior, tendo vencido os Bracari e os Gallaeci, merecendo um honroso triunfo em 186 a.C. **77.2-3** ‘Catino’ parece referir-se a Caius Atinius que foi pretor da Hispania Ulterior em 188 a.C. e que foi morto em Asta (Hasta) Regia, na foz do Bétis. Não se tem a certeza de este Atinius ser o mesmo C. Atinius Labeo, *praetor peregrinus* em 195 a.C. **77.4** Sobre Acidino, ver *supra* 73.1. **77.5-6** C. Calpurnius C. F. C. N. Piso foi pretor em 186 a.C. e obteve o triunfo em Roma devido às suas vitórias sobre os Lusitanos e Celtiberos. Um outro Calpúrnio foi L. Calpurnius C. F. C. N. Piso Caesoninus, pretor da Hispania Ulterior em 154 a.C., que, ao contrário do anterior, foi vencido pelos Lusitanos. L. Quinctius Pennus Capitolinus Crispinus foi pretor em 186 a.C. e obteve um triunfo em 184 a.C. devido aos seus sucessos militares.

78.1 P. Sempronius Longus foi pretor da Hispania Ulterior em 184 a.C. Nesse ano, M. Terentius Varro foi pretor da Hispania Citerior, obtendo grandes

vitórias sobre os Celtibérios. Sobre Manlius, ver *supra* 73.1. Q. Fulvius Q. F. M. N. Flaccus foi pretor da Hispania Citerior em 182 a.C., e obteve amplo sucesso nos conflitos com os Celtibérios. **78.3** L. Postumius A. F. A. N. Albinus foi pretor da Hispania Ulterior em 180 a.C., obtendo o triunfo em 178 a.C. devido às suas vitórias sobre os Vaceus e Lusitanos. Tib. Sempronius P. F. T. N. Gracchus foi pretor da Hispania Citerior em 181 a.C. **78.7** Sobre Albinus, ver *supra* v. 3.

79.1 Apimano, ou Púnico, foi um comandante lusitano da zona de Braga, considerada uma cidade de fundação cartaginesa. Este comandante venceu os pretores Marco Manílio e Calpúnio Pisão, acabando por ser morto quando escalava as muralhas de uma cidade blastofenícia. Ver *infra* 80.5-8. **79.2** Marco Manílio (Manilius, Manlius) foi pretor da Hispania Ulterior em 155-154 a.C.

80.1, 5 e 6 Calpúrnio Pisão (Pison) é derrotado em 154 a.C. No ano anterior, os Lusitanos e os Vetões (Vetones) atacam os Blastofenícios (Blastofenices) e morre em combate o questor Terêncio Varrão (Varro).

81.4 Sobre Anteu, ver *supra* II.40.5 e III.31.1. **81.5** César (Cesaron) sucedeu a Púnico em 153 a.C. **81.6** Lucius Mummius L. F. L. N. Achaicus foi pretor da Hispania Ulterior em 154 a.C.

83.1 Quintus Fulvius Nobilior foi cônsul em 153-152 a.C. **83.6** Caro (Carus) de Segeda era o comandante dos Belos (Belli), uma tribo celtibérica. Ao vencer os Romanos, deu origem ao cerco de Numantia.

84.5 Canqueno (Cancheno, Caucono) sucedeu a César em 153 a.C., ano em que conquista Conistorgis.

87.3 Ver *supra* 81.6.

88.1 e 6 Marcus Atilius Serranus foi pretor da Hispania Ulterior em 152 a.C., obtendo uma importante vitória contra os Lusitanos com a conquista da cidade de Oxthraeae (Ostrace) em 151 a.C.

90.1 Lucius Licinius Lucullus foi cônsul da Hispania Citerior em 151-150 a.C. **90.3** Marcus Claudius Marcellus foi pretor único da Hispania em 169-167 a.C., regressando como cônsul em 152 a.C. para substituir Quintus Fulvius Nobilior. **90.5** Servius Sulpicius Servius F. Galba foi pretor da Hispania

Ulterior em 151-150 a.C. e propretor até 149 a.C. **90.7** Ver *supra* 84.5.

91.4 A Tingitânia ocupava o Norte de África na zona do atual reino de Marrocos. Mais tarde tornou-se a província romana da Mauretania Tingitana. Curiosamente, no v. 2, Samuda grafa o nome berbere da capital (Tingi) e não o latino (Tingis).

92.1 Samuda altera a grafia de Cauceno: tendo escrito Cancheno anteriormente (84.5, 90.7), agora grafa Chancheno; **Ny** ‘Cancheno’. Como se parece tratar de gralha, uniformiza-se a grafia.

97.7 Sérvio Sulpício Galba perpetrrou um massacre à traição de Lusitanos em 150 a.C.

103.2 Bronteu (Bronteo) é um cognome atribuído a Júpiter por Apuleio.

103.3 Februus (*Februus*) era o deus a que estava consagrado o mês de fevereiro, identificado tardiamente com Dis Pater, o Plutão latino, deus do reino dos mortos. **103.5** Ramnúsia refere-se a Némesis, deusa do destino, da punição da *hubris* (excesso de felicidade ou de arrogância de um mortal) e da vingança de crimes; o epíteto foi-lhe atribuído devido a um templo famoso que tinha em Rhamnus (Ramnunte), na Ática. Camões também se refere a esta deusa: «Mas não foi, da esperança grande e imensa / Que nesta terra houvermos, limpa e pura / A alegria; mas logo a recompensa / A Ramnúsia com nova desventura» (*Lusíadas*, V.80.1-4).

110.1 Sago era um manto de lã grosseira de origem gaulesa que era usado pelos militares romanos. Deriva do latim *sagum*. **110.5** O lince passou a ser um símbolo de perfídia e de ingratidão devido ao mito ovidiano de Lince (Lyncus, Lyncæus, Lynx). Este rei da Cítia recebeu Triptólemo fingindo ser hospitaleiro. Ao preparar-se para desferir o golpe que mataria o enviado de Ceres para ensinar a agricultura à humanidade, o rei foi transformado num lince.

111.3-4 Os versos 3-4 parecem ter o seguinte significado: “‘Mata-me!’, exclama. ‘Oh! Fere! Oh! Bruto horrendo! / Como não vistes que nasci primeiro?’ / Por seu querido bem, falou tremendo, / Foi, por salvar mimoso, lisonjeiro.”

117.7 Numes, de *numen, inis*, a vontade divina, a divindade substantivada.

120.2 O artigo masculino para ‘catástrofe’ não é uma gralha, já que a

palavra é masculina no português dos séculos XVII e XVIII.

122.7 Samuda forma a palavra ‘extíspices’ a partir do latim *extispes, icis*, que significa arúspice. O *extispicium, ii*, era a observação das entranhas das aves. Esta técnica de previsão do futuro era comum a muitos povos antigos. Porém, Samuda surpreende porque substitui as aves ou outros animais pelo cativo romano a quem foi cortada a mão direita e depois morto. O último verso da estância 122 mostra o médico que há em Samuda.

124.4 Os Manes, de *Manes, ium*, são os bons, as almas dos mortos, os deuses Manes.

CANTO IV

3.2 Desconhece-se a data de nascimento e o local de Andróbio, pintor que se notabilizou pela sua representação do mergulhador que cortou as âncoras dos navios persas. Lala de Cízico foi uma pintora grega que viveu em Roma e Nápoles, célebre pelos retratos, autorretrato ao espelho e materiais que utilizava, como o marfim e o pergaminho. Antífilo foi um pintor nascido no Egito na segunda metade do século IV a.C. Este discípulo de Ctesidemo foi famoso pelas suas cenas de caça. **3.7** A falaride (Phalaride), de φαλαρίς, ἴδος, é a galinha-de-água.

4.1 Alusão a uma observação de Plínio que afirma que as anchovas nascem da espuma do mar (*História Natural*, IX). Do latim *apua, ae* (ou *aphye, es*), anchova. **4.4** ‘Hepheto’ em **T** e **Ny**. É provável que se trate de uma gralha de simpatia devido à substituição da letra grega psi (ψ) pela letra phi (φ). Neste caso, Samuda formaria a palavra ‘hepsêto’ (Hepheto) a partir do grego ‘Εψητός, ή, όν, que significa peixes pequenos que se comem com molho. (Cf. Aristófanés, *As Vespas*, 679.) **4.5** Gobites são os góbios. Samuda forma a palavra diretamente do grego (κωβιός, κωβίτις) **4.6** ‘Encrasicholo’ é a anchova (*Engraulis encrasicholus*). Samuda forma a palavra diretamente do grego ἔγκρασίχολος. **4.7** Falerina aterina: provavelmente um peixe da família dos aterinídeos (*Atherinidae*), vulgarmente conhecido como peixe-rei. O nome ‘falerina’ deve-se ao porto de Falero que se situava a oriente de Atenas. Aristóte-

les menciona as espadilhas, as anchovas e as sardinhas (*História dos Animais*, 569b). **4.8** Membras ou espadilhas (*História dos Animais*, 569b).

5.1 As conchas de Vénus são moluscos bivalves da família *Veneridae*.

7.3 Cíniras era na mitologia grega um rei de Chipre, filho de Apolo e esposo de Galateia; foi pai de Migdálion, Adónis e Mirra. O templo de Afrodite em Pafos, em Chipre, realizava rituais de adivinhação.

8.1-2 As Afrodísias eram festivais em honra de Afrodite celebrados em Chipre e em diferentes partes da Grécia. Os iniciados ofereciam uma moeda à deusa.

9.1 Samuda forma a palavra ‘carpóseos’ diretamente da palavra grega κάρπωσις, εως, com o significado de sacrifício e de oferenda de frutas. Amatus (Amato) era uma das cidades de Chipre, famosa devido ao culto a Afrodite. **9.5-8** As Délias eram um festival celebrado de cinco em cinco anos em Delos, e um festival anual celebrado pelos Atenenses em Delos. Foi devido a este festival que a morte de Sócrates foi adiada. As danças executadas durante o festival imitavam as voltas de um labirinto, celebrando a fuga de Teseu do labirinto de Creta com o auxílio de Ariadne. **9.6** A ‘geranea’ era a dança executada por jovens atenienses, também conhecida como a dança do grou (ἡ γέρανος), na qual os dançarinos imitavam as voltas do labirinto e o voo do grou, considerado símbolo da fuga de Teseu e dos seus companheiros.

10.1 Anagogias de Érix: festas celebradas em honra de Afrodite Ericina, no templo que a esta deusa era consagrado em Érice, na Sicília. Era a festa da partida da deusa para a Líbia porque não encontrava nessa altura nenhuma das pombas que estavam dedicadas ao seu serviço; nove dias depois, celebrava-se a festa chamada Catagogia ou do regresso. **10.6** Histerias eram festas em que se imolava um porco que eram realizadas em Argos (ὑστῆρια, ων).

11.3 Genetulis (Genetyllis) é um dos epítetos de Afrodite enquanto protetora dos nascimentos. Genetulis é também um dos epítetos de Ártemis, a quem as mulheres sacrificavam cães. **11.5** A Tila (Thylla, θύλλα) era um festival grego em honra de Afrodite, mencionado por Hesíquio sem mais detalhes. **11.7** As Vinálias eram festivais romanos em honra de Júpiter e de Vénus.

12.5 Os Fratres Attidii eram uma irmandade religiosa muito antiga. A

referência mais importante aos doze sacerdotes de Júpiter surge nas Tábuas de Iguvium (a atual Gubbio). **12.6-8** As Nefálias eram festivais gregos em honra de Mnemósina, da Aurora, de Afrodite e de outros deuses; não se bebia vinho, mas uma mistura de água e mel.

13.1 Samuda forma a palavra ‘preferículo’ a partir da palavra latina *praefericulum*, *i*, que significa taça sagrada. **13.2** ‘Água-mel’ é o mesmo que hidromel, palavra de origem grega que significa mistura de água e mel. **13.3** Êuchion era um epíteto de Baco que significava o deus que enche o copo até cima. **13.4** ‘Símpulo’ vem do latim por via erudita *simpulum*, *i*, que significa uma taça pequena que é usada nas libações durante os sacrifícios.

14.1 Adónis era o amante jovem de Afrodite. Durante uma caçada, um javali selvagem atacou-o, tendo Afrodite acorrido quando ouviu os seus gritos; porém, já não chegou a tempo, e Adónis morre nos seus braços. **14.2** ‘De Mirra o filho’: Adónis. Samuda alude à versão mais comum sobre a origem de Adónis. De acordo com essa versão, Afrodite fez com que Mirra cometesse incesto com o seu pai Teias, rei de Esmirna ou da Síria. **14.6** Sobre Cípria, ver *supra* I.56.1.

15.1 ‘Gaios’: Gregos. **15.2** As Adónias eram festas periódicas de Gregos, Egípcios e de outros povos do Levante em honra de Afrodite e de Adónis. Eram celebradas apenas por mulheres. Existe dúvida sobre se os dois dias de festa seriam celebrados de seguida, ou se estavam apartados por seis meses. Um outro nome antigo destas festas foi o de ‘Salambo’. **15.3** Biblis ou Biblos era uma cidade na Fenícia onde existia um templo dedicado a Adónis. **15.5** Samuda forma a palavra ‘gigria’ (Giggrias) diretamente a partir do grego γίγγρας, ου, que significava uma pequena flauta fenícia com um som muito nasalado e choroso. **15.6** ‘Gigrantas’ (Giggrantas) é a música tocada com as gigrias, do grego γιγγραντός, ή, όν. **15.7** Toda a estância 15 é semelhante à estância 70 do Canto XIII.

16.1 ‘Idália’: vide *supra* I.11.8. **16.3** ‘Tammuz’ (Thammús). O complexo mítico de Adónis inclui divindades da vegetação e do renascimento dos Semitas ocidentais, como o cipriota Gauas, o egípcio Osíris, os semitas Tamuz e Baal Hadad e o etrusco Atunis. Ver *infra* XIII.77.5.

17.2 ‘Gigres’ (*Giggres*): Adónis. **17.4** ‘Sotira’: alusão a Afrodite, na sua

função de ‘libertadora’; o epíteto grego Σώτεια, libertadora, era atribuído a várias deusas, como a Fortuna, Témis, Atena e Ártemis. **17.6** ‘Liro-fenício’ (*Lyro-phaenicio*) era a antiga lira fenícia; ver Richard J. Dumbrell, *The Archaeo-musicology of the Ancient Near East* (Victoria BC, Trafford, 2005), p. 274. **17.7** ‘Sambuca’: um tipo de harpa triangular da Grécia antiga. **17.8** ‘Barbiton’, m. q. bárbito, uma lira grande de nove cordas da Grécia antiga; Samuda forma a palavra diretamente do grego βάρβιτον, ου. ‘Trígono’ (Trigono): harpa triangular grega; mais uma vez, Samuda cria a palavra portuguesa diretamente do grego τρίγωνος, ος, ου. Esta estância é muito semelhante à estância 81 do Canto XIII.

18.1 Cípriá: Afrodite; vide *supra* I.56.1. **18.4** Interpretação difícil. *Dyas, adis*, número dois, não se adequa à passagem devido ao verso seguinte. Parece tratar-se de um espanholismo, *aya*, conjetura plausível devido a ‘amas’, do verso anterior, e ao paralelismo que o verso seguinte estabelece entre Horas e Graças.

19.1 As Horas (em latim *Horae*, em grego ὥραι) eram as deusas que presidem às estações do ano e que guardam as portas do Olimpo. Estas filhas de Zeus e de Témis chamavam-se Eunomia (‘Boa Ordem’), Dike (‘Justiça’) e Eirene (‘Paz’). **19.4** ‘Apopheretas’ é uma palavra formada a partir do latim *apophoreta, ae*, que significa prato.

20.1 ‘Charisias’, do grego χάρισιος, α, ου, que significa o que se dá em sinal de reconhecimento; na forma substantivada significa um tipo de bolo. **20.4** O ‘pyramous’ era um bolo de sésamo que se dava como prémio da dança; Samuda forma a palavra diretamente do grego πυραμοῦς, οῦντος. **20.5** ‘Orchestica’, do grego ὀρχηστική, a arte da dança. **20.7** Samuda forma a palavra ‘cordacismo’ do grego κορδακισμός, οῦ, equivalente a κόρδαξ, ακος, que significa dança bufa e indecente, de origem lídia. **20.8** Samuda forma a palavra ‘mactrismo’ do grego μακτριμός, οῦ, que significa um tipo de dança cómica.

21.1 As Carísias eram festivais atenienses noturnos em honra das Graças. **21.3** Feriados (*feriae stativae* ou *statae*) durante os quais aconteciam festividades públicas (*feriae publicae*) em Roma que eram celebradas por toda a cidade regularmente de acordo com um calendário, como as Agonálias, Carmentálias e Lupercálias. **21.7** As Ferálias eram festas em honra dos deuses Manes que eram, para os Romanos, os espíritos dos mortos (Ovídio, *Fasti*, 2.569). Esta festa acontecia a 21 de fevereiro, dia que marcava o fim das Parentálias, um conjunto de nove dias que honrava os antepassados falecidos. Existem indicações de que tam-

bém terão acontecido durante o mês de dezembro; a sua designação é debatida desde a Antiguidade.

22.3 Apuleio não é obviamente um nome lusitano. Este companheiro de Viriato terá sido um desertor romano que atacou o cônsul romano Q. Fábio Máximo Serviliano em 141 a.C. Apiano (XII.68) apresenta-o como ‘capitão de ladrões’, bem como a Cúrion e a Cónoba.

25.3 ‘Thymbrea’, de Thymbræus, epíteto de Apolo derivado no nome do rio Thymbrius, na Tróade, perto do qual existia um templo dedicado ao deus.

25.4 Sobre Ámon, ver *supra* II.26.6.

26.7 Caius (ou Marcus) Vetilius foi pretor de 149 a 147 a.C. Venceu os Lusitanos quando da revolta destes em 147 a.C. Um grupo de dez mil Lusitanos invadiu a Turdetânia através do Guadalquivir. Os Lusitanos sobreviventes pediram a paz a Vetílio. Porém, Viriato advertiu-os contra as promessas dos Romanos lembrando os massacres de Galba e de Lúculo.

32.2 Desconhece-se a localização da cidade de Tribola. A lição de A. Schulten é, talvez, a mais provável. Como Apiano refere um desfiladeiro de gargantas profundas, Schulten inclina-se para o sul de Ronda, entre as serras de Ronda e de Libar.

35.1 Deucalião era esposo de Pirra. Este casal sobreviveu ao dilúvio causado por Zeus para destruir os homens da era do bronze. Zeus ordenou ao casal que atirasse por cima dos ombros os ossos da sua mãe, isto é, pedras. **35.6** Cadmo foi o fundador de Tebas. Depois de semear os dentes de um dragão, surgiram homens armados da terra. Cadmo lançou pedras para estes *Spartoi*, o que fez com que se acusassem mutuamente e se matassem uns aos outros.

36.7 ‘Falsário pretor’: alusão a Galba. **36.8** Adrasteia, literalmente, o Inevitável; divindade originária da Ásia Menor, próxima de Nemésis.

39.1 Cileu (Cilæo, Cillaeus) é um epíteto de Apolo derivado do nome da cidade de Cila, na Beócia, onde o deus tinha um templo que lhe era consagrado. Apolo surge no verso como representação do Sol. Esta referência poética é muito rica e pode ser lida de outros modos. Samuda parece estar a referir-se também a um pássaro dos céus da primavera. Céleo era um cretense que, com os seus

companheiros, tentou roubar mel na caverna sagrada onde Reia tinha dado Zeus à luz. Como era interdito matar nesse recinto sagrado, Zeus transformou-os em aves. Céleo foi transformado em gralha (κελεός). Estas aves eram consideradas um bom augúrio por terem saído de um recinto sagrado. Como se vê, esta lenda adequa-se à passagem porque a ave no céu da primavera ibérica augura o sucesso militar de Viriato, seja ela uma gralha ou um picanço verde. O problema hermenêutico que persiste reside na vogal da primeira sílaba, na passagem de ‘e’ para ‘i’.

É também possível que este termo seja uma criação de Samuda e não se trate de um lapso do primeiro copista, de Castro Sarmento ou de alguém ao serviço deste quando preparava o exemplar para ofertar a D. João V. A confirmar-se esta hipótese, estaria no seu espírito o verbo *cillo* (*cilleo*), *-ere*, utilizado apenas pelos gramáticos, e muito raramente, com o significado de mover e de oscilar; e o verbo *sileo*, *es, ui, -ere*, com o significado de estar silencioso e de calar-se. ‘Sileo’ utilizou-se também para representar coisas e objetos inanimados como a noite, o mar e os ventos. Neste verso, o termo refere-se ao céu e à sua tranquilidade e seria, por conseguinte, a personificação do céu. Ver A. Ernout e A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* (Paris, Klincksieck, 2001), pp. 120-121 e 625; bem como M. de Vaan, *Etymological Dictionary of Latin and Other Italic Languages* (Leiden, Brill, 2008), pp. 563-564.

40.1 Gaius Plautius foi pretor de 147 a 145 a.C.

43.1 Quirites é uma designação dada aos primeiros cidadãos de Roma. Deriva de *quiris*, lança, e designa o povo original como uma comunidade guerreira. A expressão era utilizada em frases como *Romanus Quirites*, cidadão romano, ou *ius Quiritium*, cidadania romana.

45.1 Argirotoces (de ἀργυρότοξος) é um epíteto de Apolo, que significa ‘de arco de prata’. **45.2** ‘Signo dos Tindáridos’, i.e. Castor e Pólux, signo de Gémeos. **45.4** Cláudio Unimano era o pretor da Hispânia Citerior; foi vencido por Viriato em 146 a.C.

49.5 Gaius Negidius foi vencido por Viriato em 145 a.C.

52.3 O Quirinal era uma das colinas de Roma (*Collis Quirinalis*); representa aqui o comandante romano.

55.1 C. Lélio, cognominado *o Sábio*, foi pretor da Hispânia Citerior no

tempo do cônsul Q. Fábio Máximo Emiliano. A sua amizade com o jovem Scipio Africanus foi imortalizada por Cícero no tratado *Laelius sive de Amicitia*.

57.1 Quintus Fabius Q. F. Q. N. Maximus Æmilianus foi cônsul da Hispânia em 145 a.C. **57.2** Sobre Lucius Æmilianus Paulus Macedonicus, ver *supra* III.76.1 e 5-8.

58.1 O cônsul Fábio Máximo passou o primeiro ano do seu mandato em Urso, atual Osuna.

67.4 Existem vários estadistas e militares romanos com este nome, nomeadamente um general do exército de Quintus Fabius Maximus Verrucosus, em 217 a.C., o comandante da esquadra romana na Terceira Guerra Púnica e o seu pai. É provável que Samuda não tivesse na ideia Lucius Hostilius Mancinus mas o seu irmão Gaius. Este foi cônsul em 137 a.C., conduzindo uma guerra desastrosa contra os Numantinos. As vitórias contra os Brácaros foram conseguidas por Decimus Junius Brutus Gallaecus.

68.1 Marcus Popillius M. F. P. N. Laenas foi cônsul em 139 a.C. e pro-cônsul da Hispania Citerior no ano seguinte, sofrendo uma pesada derrota dos Numantinos. A referência ao cargo de pretor parece derivar de uma confusão com um familiar de nome muito semelhante, Marcus Popillius P. F. P. N. Laenas, pretor em 176 a.C. e cônsul em 172 a.C. Este Popillius tornou-se tristemente célebre devido ao tratamento cruel que deu aos Lígures desarmados.

71.1 Quintus Pompeius foi cônsul da Hispania Citerior em 141 a.C.

73.3 ‘Samos’, i.e. somos; a grafia antiga foi mantida devido à rima.

74.1 Minuro é um dos comandantes a quem a tradição acusa de ter assassinado Viriato à traição. As suas palavras nesta intervenção tanto podem ser consideradas sinais de prudência quanto sinais da traição futura.

77.1 Aulaces (Audax) é outro dos comandantes a quem a tradição acusa de ter assassinado Viriato à traição.

78.1 Cúrio foi um dos comandantes de Viriato que morreria em combate na batalha contra Q. Fábio Máximo Serviliano, em 141 a.C.

83.1 Referência ambígua. O nome ‘Arosa’ parece derivar de terra arável ou trabalhada. Samuda forma este nome literário da Lusitânia a partir de ἄροσις, εως (e.g. *Iliada*, IX, 580, *Odisseia*, IX, 134). Uma interpretação alternativa é a de derivar a palavra de Aruci (Aroche), cidade celtibérica da Bética, perto de Arundax (Ronda).

84.1 Gamélia, um dos epítetos de Juno (Hera) enquanto protetora do casamento; Aqueia, um dos epítetos de Minerva (Atena). **84.2** Sobre Assáraco, ver *infra* IV 85.8.

85.3-8 O rei Teucro era filho do rio Escamandro (Scamandro) e da ninfa Ideia (Ida). Batea, filha de Teucro, casou-se com Dárdano. Deste casamento nasceu Ericciónio. A descendência deste inclui Trós. Deste nasceram Ilus, Assáraco e Ganimedes. De Ilus nasceram Laomedonte e Temísteo. Deste último nasceu Anquises. Da união deste com Vénus nasceu Eneias. Esta é a origem dos reis de Roma.

86.5 Morfo, i.e. Afrodite Morfo, de bela forma.

87.5 Micipsa (Mecipsa) era filho de Masinissa, rei da Numídia. Seguindo a política externa de seu pai, foi apoiante dos Romanos na guerra contra Cartago. Em 142 a.C. Quinto Fábio Máximo Serviliano solicitou elefantes de guerra a Micipsa para o auxiliar no combate contra Viriato. Em 134 a.C. Micipsa voltou a intervir nas guerras ibéricas, enviando o seu sobrinho Jugurta com um destacamento de arqueiros e elefantes para auxiliar Cipião Emiliano no cerco de Numância. Faleceu em 118 a.C. Os seus filhos foram Aberbal, Hiempsal e Jugurta, o sobrinho adotado como filho.

89.2 Alusão à batalha de Heracleia, de 280 a.C., entre os Romanos, comandados por Públio Valério Levino, e Pirro, rei de Epiro. Num determinado momento da batalha, Pirro faz avançar os elefantes. Como os cavalos romanos nunca tinham visto elefantes, fugiram para longe, desorganizando as linhas da legião romana. **89.4** Antíoco V Eupator (173-162 a.C.) foi um rei da dinastia selêucida, filho de Antíoco IV Epifânio e da rainha Laodice IV. O ‘arrojado Palestino’ é Eleazar, uma referência à guerra dos Macabeus. Eleazar reparou que um dos elefantes tinha insígnias reais; lançou-se contra ele e matou-o, morrendo debaixo do animal (1 Mac 6, 43-47).

90.5 Teménio era um dos muitos epítetos de Posídon.

91.2 Taraxipo era um epíteto de Posídon; não confundir com um outro Taraxipo que era o nome de um deus local ou de um fantasma que assustava os cavalos durante as corridas de cavalos dos mais importantes jogos da Grécia antiga, nomeadamente os Jogos Olímpicos, Ístmicos e Nemeus. **91.4** Hipótades (Hipótada), nome dado a Éolo devido ao nome do pai deste, Hípotes. Camões utiliza a mesma grafia de Samuda, decalque do nominativo latino Hippotades: «Já lá o soberbo Hipótades soltava / Do cárcere fechado os furiosos / Ventos, que com palavras animava» (VI, 37, 1). **91.7** Cuculo deriva do latim *cuculus*, cuco, e é aqui utilizado para representar o deus supremo do panteão olímpico, Júpiter ou Zeus. Samuda alude a uma passagem de Pausânias (2, 17) segundo a qual Júpiter efetuou a sua união com Juno assumindo a forma de um cuco. Esta ave, tal como o pavão, era um símbolo de Juno.

92.2 As Mélias (*Meliai*) eram ninfas da árvore da cinza que nasceram das gotas do sangue derramado quando Cronos castrou Úrano (Hesíodo, *Teogonia*, 187). As Mélias cuidaram de Zeus (Júpiter) quando era criança, na caverna cretense de Dicte, alimentando-o com mel (Calímaco, *Hino a Zeus*). Meliano é, pois, um epíteto de Zeus. **92.4** Fílio é um dos epítetos de Zeus enquanto deus da amizade (*Zeus Philios*). **92.7** Lucério é um dos cognomes de Júpiter.

93.6 Hípio é um dos epítetos de Neptuno, o ‘deus dos cavalos’. Marnas era um deus de Gaza ligado à chuva; é provável que fosse uma expressão helenística do deus semita Dagon, um deus-peixe mencionado na Bíblia como um dos deuses dos Filisteus (Jz 16.23-24, 1 Samuel 5.2-7). Ver *infra* XIII.72.3.

95.1 Astrateia é um dos epítetos de Ártemis (Diana) (Pausânias, III 25, 3). Esta intervenção de Diana (Ártemis) no diálogo com Juno (Hera) parece estar em desarmonia com os versos 83-3-4, «No claro Olimpo Juno poderosa / Com discreta Minerva conferia». Estes versos indicam uma conversa recitada a dois; não excluem, evidentemente, a presença de outros deuses. Este é um exemplo que talvez mostre que os doze primeiros cantos das *Viriadas* ainda não tinham sido terminados pela pena de Samuda; a confirmar-se esta interpretação, não é apenas o canto XIII que ficou incompleto. Uma interpretação menos onerosa é a do lapso; neste caso, o copista de T poderia ter confundido ‘Astratea’, epíteto de Ártemis, com algum epíteto de Atena, como ‘Panachaea’, isto é, ‘deusa de todos os Aqueus’, o que está em consonância com a forma com que Hera se dirige a ela anteriormente, ‘sábia Aqueia’ (IV.94.1). **95.3** ‘Glorea’, rimando com ‘Astratea’ e

‘arrea’. Para manter a rima com ‘Astrateia’ e ‘arreja’ no português contemporâneo, utiliza-se a forma verbal incorreta ‘gloreia’ (gloria).

96.7 Titon, i.e. Títono, amado de Aurora e irmão de Príamo que obteve a imortalidade. Camões, n’*Os Lusíadas*, grafa ‘Titão’: «Apareceu no rúbido horizonte / Na moça de Titão a roxa fronte» (II, 13.7-8). Ver *infra* IV.96.7 e V.65.4.

97.1 Como Ártemis termina a sua intervenção dizendo que parte imediatamente, « E antes que a Titon deixe a bela Aurora, / Baixarei pronta adonde o Sono mora», a oitava 97 dá a palavra à outra deusa com que conferencia Juno, identificada mais à frente como Atenas: «Dá o nome a Atenas» (100.8) e «a bélica Itoneia» (101.1).

99.2 Junonígena, epíteto de Vulcano (Hefesto) com o significado de ‘filho de Juno’ (Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 173). **99.5** A Górgona (Górgone) era para Homero um monstro dos infernos (Odisseia, XI, 633). Para Hesíodo (*Teogonia*, 274) eram três divindades marinhas: Esteno, Euríale e Medusa (Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 618, 699, 779, 801; V, 180, 196, 202 e 209).

100.3 Tonante é um dos epítetos de Júpiter. **100.4** Amalteia é a cabra de cujo leite Júpiter (Zeus) se amamentou na infância.

101.1 Itónia (Itoneia) é um dos epítetos de Atena (Minerva). **101.3** Ílion era a região onde se localizava a cidade de Troia. **101.7** Cinxia é um dos epítetos de Juno, enquanto deusa do matrimónio.

CANTO V

1.1 Macária é um dos nomes antigos de Chipre (Plínio, *História Natural*, V.129). O ligustro (*Ligustrum lucidum*) é um arbusto de flores brancas da família das Oleáceas; tem utilização medicinal (Vergílio, *Éclogas*, 2.18; Ovídio, *Metamorfoses*, XIII.789; Plínio, *História Natural*, XII.109 e XVI.77). **1.2** Epitímia é um dos epítetos de Vénus, equivalente à Libitina romana, a deusa que presidia aos funerais (*Venus infera*). *Venus Epithymbia* tinha um templo em Roma

onde se colocava uma moeda por cada pessoa que morria. **1.3** Agorea é um epíteto comum a vários deuses enquanto protetores das assembleias e espaços públicos, como Zeus, Atena e Ártemis. **1.7** Ida é uma cadeia montanhosa na Tróade, a sudeste de Troia. Páris, filho de Príamo e Hécuba, vivia como pastor no Monte Ida até que o destino o levou a ser árbitro de um concurso de beleza divina entre Hera, Atena e Afrodite. Ao escolher esta última como a mais bela das deusas, deu origem à guerra de Troia.

2.1 Hygia é uma das formas latinas do grego Hygieia ou Hygeia. Refere-se a Atena Hygieia, um dos epítetos de Atena.

4.7 Cimerienos (Cimérios), povo mitológico que habitava perto do reino do Sono (Ovídio, *Metamorfoses*, XI.592).

5.1 Baias (Baiae, Baia) era uma antiga cidade da Campânia, situada perto de Nápoles e de Cumas. O lago Averno, perto de Nápoles e Cumas, deriva o seu nome do grego Aorno, que significa lugar funesto, de onde não se aproximam as aves. Na Antiguidade era considerado uma das entradas do Inferno. O termo foi utilizado para representar o próprio Inferno (Vergílio, *Eneida*, VI.126.129). **5.2** Faetonte (Fáeton) era filho do Sol e de Clímene.

6.7 Favónio, um deus do vento que tinha o domínio sobre as plantas e as flores, era o equivalente romano de Zéfiro.

7.2 ‘Mecónias flores’ são papoilas de ópio. O *meconium* (μηκόνιον) era o suco da papoila. **7.5** Linfas (Lymphae), nome itálico de deusas aquáticas, por semelhança com as Ninfas gregas. **7.7** Letes era o rio do esquecimento da terra da morte.

8.3 Angerona era uma deusa romana representada com a boca tapada. A Angeronalia, um festival que lhe era dedicado, celebrava-se a 21 de dezembro. **8.4** Nictímene era filha de Epopeu. Por ter compartilhado o leito do pai, foi metamorfoseada em coruja (Ovídio, *Metamorfoses*, II. 592-593). **8.5** Ascálafo era filho de Aqueronte, um deus-rio do submundo, e das ninfas Górgira ou Orfne. Foi punido por Deméter por ter contado que viu Perséfone comer sementes de romã. **8.6** Corónis era filha de Coroneu, rei de Fócide. Quando passeava pela praia, Posídon perseguiu-a pela sua beleza. Fugindo para proteger a sua virgindade, Atenas transformou-a num corvo (Ovídio, *Metamorfoses*, II.569-587).

10.3 Évano é um espanholismo que significa o mesmo que ébano.

11.8 ‘Enano’, anão, é um espanholismo (de *nanus* e de *νάννος*).

12.8 Proteu, divindade do mar que se podia metamorfosear em qualquer outra forma (*Odisseia* IV.432; Ovídio, *Metamorfoses*, II.9, VIII.731, XI.221, 249, 255, XIII.918).

14.7 Lémures eram espíritos inquietos ou malignos para os Romanos. Os dias 9, 11 e 13 de maio eram dedicados às Lemurálias ou Lemúrias como forma de os apaziguar (Horácio, *Epístolas*, 2.2.209; Ovídio, *Fasti*, 2.500-539). Lâmia era uma amante líbia de Zeus. Sempre que dava à luz, Hera, a esposa ciumenta de Zeus, matava a criança. Lâmia tornou-se um monstro que devorava as crianças das outras mães (Aristófanes, *Vespas*, 1035; *Cavaleiros*, 693; Diodoro Sículo, XX.41.3-6; Estrabão, I.2.8). **14.8** Manes eram os espíritos dos mortos para os Romanos (Vergílio, *Eneida*, III.565, X.39, XI.181; *Geórgicas*, 1.243). Fauno (*Faunus*) era o deus romano da floresta selvagem, identificado com o deus grego Pã. Fauno era também um deus dos oráculos que podia revelar o futuro através de sonhos em grutas sagradas. No plural (*Fauni*), o nome é dado a criaturas da floresta selvagem, parte homem, parte bode; eram identificadas com os Sátiros gregos. ‘Sphinges’, a Esfinge era o monstro feminino que atormentava a cidade de Tebas e que foi vencido por Édipo; tinha cabeça de mulher, corpo de leão e asas de pássaro (Hesíodo, *Teogonia*, 326-329; Sófocles, Édipo, 130-131 e 391-398; Eurípides, *Fenícias*, 45-54, 806-811, 1019-1050, 1505-1507; Ovídio, *Metamorfoses*, VII.761). Quimera era um monstro da Lícia, com partes de leão, de serpente e de cabra, que lançava fogo pela boca (Ovídio, *Metamorfoses*, VI.339, IX.647).

15.1 Morfeu, o deus dos sonhos, era filho do Sono (Hipnos).

23.1 Asséssia (Ἀσσησία), epíteto de Atena devido ao culto em Assessos (Heródoto, I.19). **23.7** Areia era um epíteto de Atena em Atenas, com o significado de guerreira. É provável que o significado seja diferente e se ligue ao funcionamento do Areópago. Quando os membros deste órgão de justiça estavam divididos, era decisivo o voto de Atena (Ésquilo, *Euménides*, 753). A confirmar-se esta interpretação, ‘Areia’ não derivaria de Ares mas de ἡ ἄρη, oração.

24.2 Ergane era um epíteto de Atena enquanto deusa tutelar de todas as artes, com o significado de trabalhadora e industriosa. **24.3** Cnídia (Gnídia) era

um epíteto de Afrodite que deriva do nome da cidade de Cnido, na Cária.

29.1 Vénus Ericina era um dos epítetos de Vénus, devido ao templo que tinha no Monte Érice (Érix), na Sicília.

30.1 Argina (Arginis) era um dos nomes de Vénus devido a um templo a ela dedicado que foi fundado por Agamémnon em memória de Argino, um jovem favorito que morreu afogado no Cefiso. **30.2** Apatúria é um epíteto comum a Atena e a Afrodite. Samuda refere-se a Atena Apatúria, nome que lhe foi dado por Etra, filha de Piteu, rei de Trezena, ao fundar um templo em que as noivas dedicavam a Atena as suas cintas no dia do casamento. **30.7** Atena é a inventora do *aulos*, um instrumento musical. Minerva, a deusa etrusca e romana equivalente, era a deusa da Música.

31.1 Gorgófora, o mesmo que Gorgófona ou Gorgófone, epíteto de Atena por ter auxiliado Perseu a matar a Górgone Medusa. O escudo de Atena, como se viu (IV.99.5), é decorado com a cabeça da Górgone (*Hinos Órficos*, XXX.8; Eurípides, *Ion*, 1478).

34.3 Libitina era a deusa romana dos funerais em cujo templo eram mantidos os registos das mortes; ver *supra* V.1.2.

35.6 Midas foi um rei frígio que, por dádiva de Dioniso, transformava em ouro tudo em que tocava, não podendo alimentar-se até que a maldição fosse levantada por Dioniso. **35.8** A cidade de Roma tinha sido cercada pelo rei sabino Tito Tácio. Tarpeia, uma rapariga romana, aproximou-se dos Sabinos e ofereceu-lhes a entrada em Roma em troca de ouro. Acabou por morrer, e o seu corpo foi lançado da que veio a ser conhecida como Rocha Tarpeia, um famoso lugar de execução de traidores. Quando Breno, rei da Gália, cercou Éfeso, a sua amante Demonice prometeu trair Éfeso se ele lhe desse os adornos de ouro dos seus homens. Breno ordenou aos seus soldados que lançassem o ouro que usavam sobre a rapariga. Quando eles o fizeram, ela acabou por morrer sepultada sob o ouro.

37.7 Lúcio Sérgio Catilina (108 a.C.-62 a.C.) foi um político romano conhecido pela sua conspiração contra o Senado. **37.8** Referência enigmática no contexto de um poema épico com referências clássicas quase exclusivas. Estaria Samuda a referir-se a Manuel Fernandes Villa-Real (1608-1652)? Este cristão-novo foi cônsul em Paris e apoiante de D. João IV e da Restauração de Portugal.

Tendo sido autor de importantes trabalhos de reflexão política em que defende a liberdade de consciência e a tolerância religiosa (e.g. *O Político Cristianíssimo*, 1641), foi condenado à fogueira pela Inquisição devido a alegadas práticas judaizantes. A eventual referência a esta figura do século XVII tem paralelos nas *Virtudes*; veja-se, por exemplo, a alusão aos trabalhos de Galileu Galilei, Evangelista Torricelli e a Robert Boyle neste mesmo canto (90.7). No mundo da comunidade judaico-portuguesa de Londres não parecem ter existido pessoas com este apelido que possam ter inspirado Samuda. Existiu um Isaac da Costa Villa Real, que fundou a Escola de Bevis Marks para meninas sefarditas. Um pouco depois da morte de Samuda, chegou à barra do tribunal o caso que apartou Jacob Mendes da Costa e Catherine da Costa Villa Real, em janeiro de 1732. Este caso de uma promessa matrimonial por cumprir não parece ter características épicas, a despeito da sua notoriedade à época. (Ver J. Haggard, *Reports of Cases Argued and Determined in the Consistory Court of London*, vol. I, London, 1822, p. 242.) Lúcio Cornélio Cina (*m.* 84 a.C.) foi quatro vezes cônsul de Roma, terminando assassinado pelos seus soldados durante um motim.

É muito provável, por conseguinte, que Samuda se estivesse a referir a D. Miguel Luís de Meneses, 2º Duque de Caminha e 7º Marquês de Vila Real, condenado por traição a D. João IV e degolado no Rossio em 1641. (Agradeço a Pedro Isidoro esta última sugestão.)

38.1 Prócuro (*m. c.* 281 d.C.) foi um usurpador que ocupou o lugar de imperador contra Probo. Ao regressar da Síria, Probo forçou Prócuro a refugiar-se no norte, acabando por o mandar matar, salvando, contudo, a sua família. Bonoso (*m. c.* 281 d.C.) foi um militar que se autoproclamou imperador romano na cidade de Colónia. Probo, o imperador legítimo dessa altura, conseguiu derrotá-lo, o que fez com que Bonoso se suicidasse. Saturnino (*m. c.* 280 d.C.) foi um militar que se autoproclamou imperador apoiado pelas suas tropas e que acabou por ser morto por soldados enviados por Probo. **38.2** Marco Aurélio Probo foi um imperador romano que ascendeu ao cargo depois de uma notável carreira militar. Tendo combatido os usurpadores Prócuro, Bonoso e Saturnino, também ele acabou assassinado pelos seus soldados. **38.3** Caio Pescénio Niger (*c.* 140-194 d.C.) foi imperador durante a guerra civil posterior à morte de Cómodo. Sétimo Severo, um governador da Panónia que foi proclamado imperador pelo Senado, combateu Juliano, Clódio Albino e Niger. Este último foi assassinado junto ao Eufrates. Clódio Albino (*c.* 150-197 d.C.) foi um usurpador proclamado imperador pelas legiões da Bretanha e da Hispânia. **38.4** Sétimo Severo (146-211 d.C.) foi o primeiro imperador romano com origem no Norte de África e fundador

da dinastia dos Severos. **38.5** Heracliano (*m.* 413 d.C.) foi um usurpador que se opôs ao imperador Honório. Rufino (*m.* 395) foi um homem de estado do Império Romano do Oriente que serviu durante o reinado de Teodósio e do seu filho Arcádio. Foi morto por mercenários godos. **38.6** Flávio Arcádio (378-408 d.C.) foi imperador do Império Romano do Oriente. Era o filho mais velho de Teodósio e irmão de Honório. Honório (384-423 d.C.) era o filho mais novo de Teodósio e irmão de Arcádio. Foi imperador do Império Romano do Ocidente de 395 a 423. **38.7** Procópio (*c.* 325-366 d.C.) foi um usurpador contra Valente. Conseguiu que duas legiões em Constantinopla o apoiassem como imperador. O seu exército defrontou Valente na batalha de Tiatira. Procópio fugiu do campo de batalha, mas, depois de capturado, foi executado por Valente. **38.8** Flávio Júlio Valente (328-378 d.C.) foi imperador do Império Romano do Oriente e morreu na batalha de Adrianópolis.

39.1-2 Filipe, o Árabe, Marcus Julius Philippus (?-249 d.C.) foi um imperador romano de curta duração que nasceu na província romana da Arábia, perto de Damasco. Algumas fontes especulam que Filipe terá causado a morte ao jovem imperador Gordiano III (225-244 d.C.). Filipe, o Árabe, casou-se com Márcia Otacília Severa, e teve como filho Marco Júlio Severo Filipe. Este filho foi nomeado por Filipe como César e herdeiro. Em 247, o rapaz foi nomeado Augusto e coimperador. Filipe nomeou Décio comandante das tropas do Danúbio. As tropas revoltaram-se na primavera de 249 e proclamaram Décio imperador (esteve no cargo de 249 a 251 d.C.). Os dois exércitos encontraram-se em Verona, acabando Filipe por morrer. Em Roma, a Guarda Pretoriana assassinou o filho menor, provavelmente nos braços de Otacília Severa. **39.3-4** João Zimices (Zimikes) foi um imperador bizantino de origem arménia (*c.* 925-976 d.C.). Depois da morte do imperador Romano II, João Zimices auxiliou o seu tio Nicéforo Focas (Phokas) a ascender ao lugar de imperador. Devido à sua intriga, João Zimices ficou sem o comando das suas tropas, o que o levou a conspirar para assassinar Nicéforo Focas. A conspiração foi especialmente cruel por envolver a esposa de Focas e alguns dos seus generais. João Zimices morreu subitamente em 976 ao regressar de uma campanha contra os Abássidas, presumivelmente envenenado pelo chefe da administração imperial, o eunuco Basílio Lekapenos (*m. c.* 985). **39.5-7** Marco Aurélio Numeriano, Marcus Aurelius Numerius Numerianus (?-284 d.C.) foi imperador romano em 283 e 284. Durante uma campanha contra os Persas, Numeriano foi assassinado por Ário Aper, o prefeito do Pretório. O exército acabou por proclamar Díocles como imperador, tendo este assassinado pessoalmente Aper à vista das suas tropas. Díocles (ou Diocles Va-

lerius) tornou-se o imperador Diocleciano (244-311d.C.). Segundo uma lenda, Diocleciano tomou conhecimento de uma profecia de que se tornaria imperador depois de matar um javali. O nome de Aper, que alegadamente teria assassinado Numeriano, significa 'javali' em latim. **39.8** Diocleia (Doclea, Dioclea, Duklja) foi a cidade principal dos Docleatas, uma tribo ilíria. Na divisão administrativa romana de 297, Diocleia tornou-se a capital da Praevalitana, que incluía partes da Albânia, Montenegro e Sérvia.

40.1-5 Magno Máximo, Flavius Magnus Maximus Augustus (c. 335-388 d.C.), foi Imperador Romano do Ocidente de 383 a 388. Proclamado como imperador pelas suas tropas, depois de importantes feitos militares nas Ilhas Britânicas, Máximo enfrenta o imperador Graciano próximo de Paris, acabando por o mandar matar entre Lyon e Grenoble. Graciano, Flavius Gracianus Augustus (359-383 d.C.), foi um Imperador Romano do Ocidente, de 375 a 383. Em 378, após a morte de Valente em Adrianópolis, passou também a governar o Império Romano do Oriente. Morreu às mãos de Andragácio, um dos generais de Máximo, a 25 de agosto de 383. Foi uma figura importante do combate do Cristianismo contra o Paganismo. Máximo, por seu lado, estabeleceu a sua capital em Trier, aí executando Prisciliano e os seus companheiros por heresia. Máximo foi vencido por Teodósio I (347-395 d.C.) e por Valentiniano II (imperador de 375 a 392) na batalha do Save, em 388. Andragácio, o *magister equitum* de Máximo, foi derrotado em Siscia. Máximo rendeu-se em Aquileia, mas, apesar de implorar pela sua vida, foi executado por Teodósio. **40.6-8** Máximo enviou Andragácio à procura da mãe de Valentiniano, que estava no Mar Jónio. Andragácio não a conseguiu capturar no mar, apesar dos navios de que dispunha. Este general tinha a reputação de ardiloso. Conta-se que atraíu o imperador Graciano para a morte fazendo-o crer que a sua mulher estava numa liteira puxada a mulas. Quando o imperador se aproximou, saltou de repente e assassinou-o. Depois da morte de Máximo, Andragácio afogou-se no Adriático.

41.1 Adrastia não se refere à ninfa Adrasteia que cuidou de Zeus quando este era criança, para o proteger de Cronos. O nome é aqui utilizado como epíteto de Némesis, significando a deusa de quem ninguém consegue escapar. **41.5** Focas, Flavius Phocas Augustus, foi um imperador bizantino de 602 a 610. Usurpou o trono do imperador Maurício, acabando por o mandar matar depois de o obrigar a assistir à morte de cada um dos cinco filhos deste. Em 610, Heraclio destronou Focas, decapitando-o pessoalmente. **41.7-8** Magno Decêncio (m. 353) foi um usurpador do Império Romano do Ocidente contra o imperador Constante (Flavius Julius Constans Augustus, 323-350 d.C.). Decêncio foi elevado ao

estatuto de César por Magnêncio (303-353 d.C.). Quando este foi derrotado por Constâncio II (Flavius Julius Constantius Augustus, 317-361 d.C.) na batalha de Mons Seleucus, suicidou-se caindo sobre a sua espada. Decêncio enforcou-se.

42.1-4 Alexandre Severo, também conhecido como Severo Alexandre (Marcus Aurelius Severus Alexander Augustus, 208-235 d.C.), foi imperador de 222 a 235. A sua mãe, Julia Avita Mamaea, foi muito influente na governação. Parece dever-se a uma intervenção sua o desfecho trágico de Alexandre Severo. Este, por sugestão da sua mãe, tentou comprar a boa vontade dos invasores germânicos, ato que desagradou aos militares romanos. Gaius Julius Verus Maximinus foi, em consequência disto, proclamado imperador. Alexandre Severo foi assassinado, juntamente com a mãe, em março de 235. Maximino (c. 173-238 d.C.) foi por sua vez assassinado por soldados durante um cerco à cidade de Aquileia. **42.5-6** Caracala, Marcus Aurelius Severus Antoninus Augustus (188-217 d.C.), foi imperador romano de 209 a 217; foi assassinado presumivelmente por ordem de Macrino, o prefeito da Guarda Pretoriana. Marcus Opellius Macrinus Augustus (c. 165-218 d.C.) foi imperador apenas de 217 a 218, acabando por ser vencido pelas forças dos Severos em Antioquia, e assassinado na Capadócia. O mesmo destino teve o seu filho Diadúmeno (208-218 d.C.). **42.7-8** Décio, Gaius Messius Quintus Decius Augustus (c. 201-251 d.C.) foi imperador romano de 249 a 251. Na batalha de Abrittus, Décio e o seu filho Herénio morreram a lutar contra os Godos na moderna Bulgária. Samuda alude a uma tradição literária que supõe que Décio foi assassinado pelos Godos em conluio com Galo Treboniano, tradição baseada no facto de este ter tornado o filho de Décio, Gaius Valens Hostilianus, coimperador, apesar de ser demasiado novo. Não existe base documental para apoiar esta suposição, e tudo indica que não é verdadeira. Décio ficou para a história como o primeiro imperador a morrer no campo de batalha. Galo Treboniano, Gaius Vibius Trebonianus Augustus (206-253 d.C.) foi imperador romano de 251 a 253, juntamente com o seu filho Volusiano. Num combate contra o usurpador Emiliano, Galo e Volusiano são mortos pelas suas próprias tropas em agosto de 253. Emiliano, Marcus Aemilius Aemilianus Augustus (c. 207-253 d.C.), foi imperador romano apenas por três meses em 253. Depois de ter derrotado Galo Treboniano, acabou por ser vencido pelo general Valeriano.

43.8 Anfitrite era uma das Nereidas ou Oceânides. Foi originalmente uma deusa do mar; posteriormente, sob a influência do panteão olímpico, tornou-se uma mera consorte de Posídon, o deus do mar. A figura equivalente do panteão latino era Salácia.

44.7 Belisário foi um grande general do Império Bizantino (c. 500-565 d.C.). Uma lenda medieval de origem duvidosa narra que o imperador Justiniano terá ordenado que o seu melhor general tivesse os seus olhos vazados. **44.8** O Conde de Essex, Robert Devereux (1566-1601), foi um homem de armas e cortesão na corte da Rainha Virgem. Sendo o favorito de Isabel I, acabou por cair em desgraça por desobedecer à rainha. Privado dos seus cargos e da sua fortuna, incitou o povo à rebelião. Acabou por ser executado por traição. Lúcio Sejano (20 a.C.-31 d.C.) foi prefeito da Guarda Pretoriana no tempo do imperador Tibério. Sendo um dos homens mais poderosos de Roma, caiu em desgraça, acusado de conspiração contra o imperador. Depois de preso, foi executado.

46.7 Referência à morte de Pirro (c. 319-271 a.C.), rei do Epiro e da Macedónia. Ao intervir num conflito da cidade de Argos, Pirro e o seu exército ficaram presos nas ruas estreitas da cidade durante uma batalha muito confusa. Uma velha que assistia de um telhado lançou uma telha que o terá distraído, fazendo com que um soldado argivo o matasse.

47.1-2 Mitridates VI, o Grande (134-63 a.C.) foi o rei do Ponto, no Mar Negro, que se tornou célebre pela sua luta contra o Império Romano. Lutou contra Nicomedes III da Bitínia (c. 127-94 a.C.) pelo controlo da Capadócia. ‘Capadoce’, ou Capadócio, refere-se a este rei. Mitridates combateu também o sucessor deste rei, Nicodemes IV da Bitínia (c. 94-74 a.C.), que se colocou ao serviço dos Romanos. Fugiu para Roma várias vezes, depois de ser vencido por Mitridates. **47.3** Polícrates foi o tirano de Samos de c. 538 a 522 a.C. O termo ‘crédulo’ parece referir-se a uma história que sobre ele conta Heródoto (III.41-43). Tendo sido aconselhado a lançar fora o que considerasse mais precioso, Polícrates lançou ao mar um anel; alguns dias depois, contudo, um pescador pescou um peixe que tinha o anel no seu interior. **47.3-8** A ordem dos versos foi corrigida em **T. 47.7** Creso (c. 595-547 a.C.) foi um rei da Lídia que entrou na lenda devido à sua fortuna. **47.8** Sólon (c. 638-558 a.C.) foi um dos Sete Sábios da Grécia que se notabilizou devido à sua obra como governante, legislador e poeta.

48.1 Alexandre Magno (356-323 a.C.), filho de Filipe II da Macedónia, formou um império que se estendia da Grécia até à fronteira da Índia, incluindo toda a Pérsia. **48.7** Cassandro (c. 350-297 a.C.), rei da Macedónia (305-297 a.C.) era filho de um general de Alexandre Magno. Samuda alude a uma lenda antiga, transmitida por Justino, Plutarco e Arriano, que afirma que Cassandro terá estado envolvido no envenenamento de Alexandre.

49.3-5 e 8 A estância refere-se na íntegra a episódios da vida de Júlio César (c. 102-44 a.C.). Durante a guerra civil, César voltou durante vinte e sete dias à Hispânia, vencendo todos os apoiantes de Pompeu. Em Brundúcio (Brundisium), em 48 a.C., César atravessou o Adriático em direção à Grécia; apesar da falta de barcos, conseguiu que 20000 dos seus homens fossem transportados, reunindo-se aos restantes mais tarde. Em Dirráquio (Dyrrhachium), a 10 de julho desse ano, Pompeu venceu César, mas este conseguiu escapar. Este golpe de sorte fez com que César enfrentasse com sucesso Pompeu logo no mês seguinte, em Farsália. Calpúrnia foi uma das esposas de César, com quem este se casou em 59 a.C. Cássio (Gaius Cassius Longinus) e Bruto (Marcus Junius Brutus) foram dois dos conspiradores que assassinaram César à entrada do Senado, em 44 a.C.

50.7 Sobre a batalha de Canas (Cannae), ver *supra* III.63.2. A batalha de Zama culminou a Segunda Guerra Púnica. A vitória de Publius Cornelius Scipio Africanus sobre Aníbal aconteceu a 19 de outubro de 202 a.C.

51.2 Astíages (Astyages) foi rei da Média de 595 a 565 a.C. Segundo o relato de Heródoto, alarmado devido a um sonho, Astíages deu em casamento a sua filha Mandane a Cambises. Outro sonho fez com que mandasse Hárpagos matar o filho dessa união. Anos depois, Astíages reencontra esse filho, de nome Ciro, e pune severamente Hárpagos. Para se vingar, este fez com que Ciro instigasse os Persas à revolta. Astíages acabou preso até ao final da vida. **51.3** Podarces foi o primeiro nome de Príamo, rei de Troia. Quando a sua esposa Hécuba estava grávida do segundo filho de ambos sonhou que tinha no ventre uma tocha que traria a destruição de Troia. Príamo ordenou então que a criança fosse abandonada no monte Ida. Anos mais tarde, Cassandra reconheceu Páris como filho de Príamo. **51.5** Laio, rei de Tebas, esposo de Jocasta e pai de Édipo. **51.7** Sobre Amílcar, ver *supra* III.24.7.

53.1-2 Publius Licinius Valerianus Augustus foi imperador romano de 253 a 360 d.C. Ao perder a batalha de Edessa contra o segundo rei sassânida Shapur (Sapor) I, o Grande, acabou por ser o único imperador que foi capturado como prisioneiro de guerra. Alguns autores afirmam que Sapor humilhou Valeriano pisando-o, ao utilizá-lo como banco a que subia quando montava o seu cavalo. **53.3** Flavius Claudius Iovianus foi imperador por oito meses, de 363 a 364 d.C., nomeado pelo exército. Faleceu queimado na sua tenda, a meio do caminho de Ancira a Niceia. **53.5-8** Marcus Aurelius Valerius Maxentius Augustus foi imperador de 306 a 312 d.C. Morreu quando o seu exército enfrentou o de Constantino (272-337 d.C.) a 28 de outubro de 306 d.C. Maxêncio terá caído

da ponte sobre o rio Tibre e morreu afogado.

54.1-4 Constantius Chlorus (Constâncio I) foi imperador romano de 293 a 306 d.C. Pai de Constantino, abandonou a primeira mulher, Helena, para se casar com Teodora, filha do imperador Maximiliano (de 286 a 305 d.C.). **54.6-8** Valentiniano I, o Grande, foi imperador de 365 a 375 d.C., morrendo durante um ataque de fúria. Valentiniano II foi imperador romano de 375 a 392 d.C., morrendo enforcado, talvez devido a homicídio. Valentiniano III foi imperador do Ocidente de 425 a 455 d.C., acabando assassinado.

55.2 Pupienus, ou Pupienus Maximus, foi um imperador romano por três meses, em 238 d.C., o ano dos seis imperadores, juntamente com Balbinus, também imperador por três meses. M. Claudius Tacitus, imperador romano de setembro de 275 a abril de 276 d.C., era descendente do celebrado historiador. **55.3** Basílio I, o Macedónio, foi imperador bizantino de 867 a 886 d.C. Morreu num acidente de caça quando o seu cinto ficou preso às hastes de um veado. Um pouco antes de morrer, mandou matar o homem que o salvou, pensando que ele o queria assassinar. **55.5** Romulus Augustulus (c. 460-500 d.C.) foi o último imperador romano do Ocidente, terminando deposto pelo bárbaro Odoacro (Flavius Odoacer). **55.6** Carinus foi imperador romano de 282 a 285 d.C. Morreu na Mésia ao enfrentar Diocleciano. Existem dúvidas sobre se teria sido morto por um marido enganado, pelo abandono das suas tropas, ou pela derrota militar. Diocleciano foi imperador de 284 a 305 d.C. **55.7** Gordiano I foi imperador por um mês, em 238 d.C., juntamente com o filho, Gordiano II. O pai suicidou-se depois de perder uma batalha contra Maximinus Thrax. O filho foi vencido pelo governador da Numídia, apoiante de Maximinus, nunca se encontrando o seu corpo.

56.1 Gallienus foi imperador romano, juntamente com o seu pai Valeriano, de 255 a 260 d.C., e sozinho até 268 d.C., acabando morto, durante um cerco a Milão, pelos comandantes da sua guarda, Aurelius Heraclianus e Marcianus. **56.2** Glycerius foi um imperador romano do Ocidente de 473 a 474 d.C., acabando deposto por Julius Nepos, um imperador romano do Ocidente de 474 a 480 d.C. A alusão a 'Michel' é indubitavelmente ambígua. O verso seguinte dá, contudo, indicações preciosas. **56.3** Zoé, filha de Constantino IX, era casada inicialmente com Romano (Romanus) III, imperador bizantino de 1028 a 1034 d.C. Ao envolver-se com o general Michel (Michael, Miguel), o Paflagónio, mandou assassinar o seu marido, colocando no trono o amante, com o título de Miguel IV. Depois da morte deste, Zoé colocou no trono Miguel V Calafates, mas acabou por afastá-lo

do trono depois de um ano. **56.5-6** Zenóbia foi rainha de Palmira depois da morte do seu marido e como regente dos seus filhos, cerca de 266 d.C. Ao sonhar com o título de Rainha do Oriente, tentou incluir a Síria, a Ásia e o Egito nos seus domínios. Aureliano, imperador romano de 270 a 275 d.C., venceu-a e mostrou-a acorrentada durante a sua marcha triunfal em Roma. Este imperador foi por sua vez assassinado pelos seus guardas pretorianos. **56.7** Menesteu era o secretário principal do imperador Aureliano. Ao ser ameaçado pelo imperador, conspirou contra ele elaborando uma lista fictícia de pessoas a quem o imperador supostamente iria mandar matar, incluindo o seu nome. Estas pessoas, por sua vez, acabaram por matar o imperador. Quando o imperador Tácito (o 'sóbrio Tácito') veste a púrpura, puniu os que conspiraram contra o falecido imperador. Menesteu foi empalado vivo.

57.1 Vitellius foi imperador romano durante oito meses, em 69 d.C.

58.1 Marcus Aurelius Antoninus Augustus (c. 203-222 d.C.), conhecido como Elagabalus ou Heliogabalus, foi imperador romano durante quatro anos. Os seus excessos fizeram com que fosse assassinado aos dezoito anos.

59.1 Nero foi imperador de 54 a 68 d.C. **59.2** Heróstrato incendiou o templo de Ártemis em Éfeso em 356 a.C. Acabou por ser executado e condenado ao olvido pelas autoridades.

60.1-2 Referência ao imperador Calígula, Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus (12-41 d.C.). Sobre o calçado militar, de onde deriva este nome (*caliga*), ver VI.85.4.

61.1-2 Referência provável a Leão V, o Arménio, imperador bizantino de 813 a 820 d.C. Leão afastou Miguel I do trono e mandou castrar os seus filhos. Mais tarde, ele próprio foi assassinado e os seus quatro filhos foram castrados. **61.3-4** Andronicus I Comnenus foi um imperador bizantino do século XII. A sua vida longa e aventureira terminou quando um dos seus oficiais, de nome Hagiochristophorites, resolveu condenar à morte Isaac Angelus, um nobre. A multidão apiedou-se da vítima e proclamou Isaac como imperador. Andronicus foi abandonado por Isaac à multidão e acabou pendurado pelos pés. Aleixo e Xena são Alexis, ou Alexius, II Comnenus e a sua mãe, Maria-Xena de Antioquia. Andronicus fez com que Alexius assinasse a morte da sua própria mãe, e depois matou-o, sucedendo-lhe no trono. **61.5-6** M. Didius Salvius Julianus era um advogado muito rico.

A sua fortuna fez com que os Pretorianos o elegessem imperador. Mais tarde foi assassinado no seu palácio por um dos seus soldados, em 193 d.C., ao fim de apenas três meses de reinado. **61.7** Anicius Olybrius foi imperador romano em 472 d.C. Em conluio com o rei dos Vândalos, deixou de proteger o imperado Anthemius. Este foi assassinado por ordem de Ricimer, chefe das tropas bárbaras que protegiam Roma, a 11 de julho de 422 d.C. Existem muitos estadistas com o nome de Constantino a quem se poderia aplicar o verso ‘um mau fim volta em sonho aos bons destinos’. É provável que Samuda não se estivesse a referir a Constantino, o Grande, imperador de 306 a 337 d.C., mas ao general romano em serviço na Britânia que chegou ao posto de imperador por escolha dos seus pares, ao que parece por ter o mesmo nome que o Grande: Flavius Claudius Constantinus, também conhecido por Constantino, o Tirano, e Constantino III. O bom destino de Constantino terminou quando o imperador Honório lhe deu um mau fim, assassinando-o juntamente com o filho Juliano, em setembro de 411 d.C.

62.1 Procopius Anthemius foi imperador do Ocidente de 467 a 472 d.C. Ricimer, um dos seus generais, casou-se com a filha de Anthemius; era, pois, seu genro. Ricimer acabou por reconhecer Olíbrio como imperador, cercando Roma em 473 d.C. **62.3** Referência aparente a Balduíno IX, conde da Flandres e do Hainault, que comandou o maior contingente da Quarta Cruzada, a que se juntou em 1200. Foi eleito como primeiro imperador latino de Constantinopla a 9 de maio de 1204, tendo sido capturado pelos Búlgaros em 1205. **62.5-6** Nicephorus II Phocas foi imperador de Constantinopla de 963 a 969 d.C. Este grande comandante militar foi vítima do despeito da sua mulher, Theophano, e da ambição do seu amigo Timisces. Guiado por Teofano, Zimisces e os seus apoiantes entraram no quarto de Nicéforo para o matar. Zimisces casaria com a viúva e seria entronizado. **62.7-8** Philippicus (Philepicus) foi imperador de Constantinopla de 711 a 713 d.C. Mudou o seu nome original, Bardanes, depois de assassinar o imperador Justiniano. Depois de os Árabes conquistarem cidades bizantinas importantes, como Antioquia, Filípico foi afastado do poder de um modo cruel. O conspirador Rufus entrou no seu quarto quando Filípico estava embriagado, e cegou-o. A sua morte aconteceu muito tempo depois, em total obscuridade.

64.1 Celso, o Céu, de *caelus, i, céu*. **64.6** Alusão aparente a uma etimologia da palavra ‘Jano’ mencionada por Macróbio segundo a qual o deus bifronte das passagens e das transições deriva de Apolo e de (D)iana, do sol e da lua. Apolo é referido no verso por Agus, do epíteto Agyieus (Ἀγυιεύς). **64.7-8** Alusão a uma tese evemerista segundo a qual o rio Nilo derivou o seu nome de Nileus, um rei de Tebas.

65.3 Mulciber é um epíteto de Vulcano. Samuda parece estar a referir-se a Aurora, enamorada de Titono. Aurora (Eos), filha de Hipérion, é uma das Titás, a primeira geração dos deuses gregos. Corifa, de κορυφή, o cimo, a parte de cima, é um epíteto de Zeus; Coriphagena, em conformidade, era um epíteto de Atena por ter nascido da cabeça de Zeus.

66.1 Cíntio (Cynthius) era um dos epítetos de Apolo devido ao santuário que lhe era consagrado no monte Cinto, na ilha de Delos. Era também um epíteto de Zeus (Zeus Cynthios). **66.2** Coribas (Corybas) era, para alguns mitógrafos antigos, filho de Jasão e de Cíbele, o que instituiu o culto à sua mãe e que deu o nome aos sacerdotes. Magnes, o herói epónimo de Magnésia, era filho de Zeus e de Tia (Tíia), ou de Éolo e de Enarete. **66.5-6** Triptólemo, filho de Êleusis (Elúσιο), foi encarregado por Deméter, hóspede na casa dos pais, de divulgar a cultura do trigo pela humanidade. Outros mitógrafos propuseram uma filiação diferente: filho de Céleo e de Metanira, Disaulas e Baubo, e Terra e Oceano. Tróquilo (Trochilo, Trochillus), o inventor mítico da roda, também foi considerado pai de Triptólemo.

67.3 ‘Marciaes’, de Martius, um epíteto ático de Zeus, representando aqui todos os deuses.

68.2-7 Referência a filósofos pré-socráticos e a alguns dos seus conceitos célebres: Heraclito, filósofos jónios como Anaxímenes, Pitágoras de Samos, o infinito, ou *apeiron*, de Anaximandro de Mileto (cf. *infra* 70.2), Zenão de Eleia, e as quatro raízes de Empédocles de Agrigento.

69.1-3 Referência às teorias astronómicas de Anaxágoras de Clazómenas, segundo as quais ‘o Sol é que dá brilho à Lua’ (frag. 18). **69.4** Metrodoro de Lâmpsaco, amigo de Anaxágoras, defendeu que as histórias dos deuses eram modos alegóricos de representar fenómenos físicos. **69.6** Referência às teorias físicas de Xenófanes de Cólofon, nomeadamente a teoria de que o sol e os astros provêm das nuvens em ignição (*apud* Hipólito, Pseudo-Plutarco e Écio). **69.7** Referência à teoria de Anaxímenes de Mileto sobre os corpos celestes, segundo a qual os astros estão implantados como pregos no cristalino (*apud* Hipólito *Ref.* I, 7). **69.8** Cleantes de Assos foi um filósofo estoico (c. 300 a.C.). Segundo João Estobeu (*Ecl.* I.24), Cleantes atribuiu a forma cónica ao fogo, ao sol, à lua e às estrelas. Sobre o género masculino de ‘pirâmides’ e a concordância de género de ‘fogosos’, ver *infra* XIII.56.8.

70.1-2 A teoria de Anaximandro de que a Terra tem a forma cilíndrica é transmitida pelo doxógrafo Pseudo-Plutarco (*Strom.* 2) e por Hipólito (*Ref.* I, 6, 3). **70.3** Mitra (Mithras) era um deus persa que foi adotado pelos Romanos. Samuda talvez tenha colocado Mitra ao lado de Atena ao aludir a Parménides de Eleia, o grande filósofo pré-socrático fundador da Metafísica, devido ao facto de o deus persa ser habitualmente representado por um homem jovem. O Jovem e a Deusa são as figuras maiores do poema parmenidiano. Sobre o epíteto Cíntia de Atena, ver *supra* IV.101.7. **70.5** Trívia era um epíteto de Diana (Ártemis) porque a deusa presidia a todos os lugares onde se cruzassem três caminhos. **70.6** Referência aparente ao fragmento de Antifonte, o Sofista, que afirma que, para a mente, não existem as coisas que vê a pessoa que vê mais longe, nem aquilo que sabe a pessoa que mais sabe. **70.7** Titânia era um epíteto de Diana (Ártemis). **70.8** Anaxímenes de Mileto era filho de Eurítrato.

71.1 Esminteu (Smintheus) era um epíteto de Apolo na Frígia. **71.2** O filho de Praxíades era Anaximandro de Mileto. **71.4** Tergémina é um epíteto de Diana. **71.6** Phaselina (Fascelis, Facelitis, Phascelitis) é um epíteto de Diana na Sicília. **71.8** Samuda parece derivar Bendia de Bêndis, deusa trácia que foi identificada com Diana. Grynæus era um epíteto de Apolo. Estes dois deuses parecem representar os deuses que o próprio Empédocles de Agrigento nomeou como símbolos das quatro raízes do universo: Zeus, Hera, Edoneu e Nestis (frag. 6, *apud* Écio, I, 3, 20).

72.1-2 Referência à teoria de Anaxágoras de Clazómenas sobre os cometas segundo a qual estes derivam da conjunção dos planetas (Aristóteles, *Meteorologia*, 342b25), e sobre as estrelas candentes, segundo a qual estas afastam-se do éter ao modo das faíscas (Écio, 3.3.9).

73.1-2 Referência à teoria de Heraclides Pôntico, discípulo de Aristóteles, sobre os cometas, segundo a qual os cometas são nuvens muito elevadas que, sendo iluminadas pelo sol, pela lua e pelas estrelas, podem arder (*apud* Écio 3.2.5). **73.5-8** Referência à teoria de Aristóteles sobre os cometas, segundo a qual os cometas são exalações que se elevam da terra e que, ao chegarem à região do fogo, são arrastadas e parecem alongar-se (*Meteor.*, 345b32-346b7).

74.1 Astypaleo é um dos epítetos de Apolo, derivado do nome da ilha de Astypalea.

76.1-8 As referências às ‘gerações equívocas’ na oitava 76, tal como às ‘disposições no lodo’ da oitava seguinte, parecem aludir à teoria zoogónica de Empédocles, segundo a qual as primeiras gerações de animais não eram completas, mas compostas de membros independentes. Curiosamente, as segundas gerações, que aconteceram quando estes membros independentes se uniram, são caracterizadas por Empédocles como seres oníricos (εἰδωλοφανεῖς). A união destes membros independentes pode correr mal, e Empédocles descreve seres estranhos como braços soltos, olhos sozinhos sem testas, faces sem pescoços, bois com rostos humanos, humanos com cabeças de bois e seres híbridos com os géneros masculino e feminino (cf. frag. 57, *apud* Aristóteles, *De Caelo*, 300b30, e Simplicio, *De Caelo*, 587, 1, e frag. 61 *apud* Eliano, *Nat. Anim.* XVI, 29). Este tipo de teorias sobre a origem das formas biológicas era comum na antiguidade. Anaximandro, antes de Empédocles, defendia que os peixes surgiram da água e da terra aquecidas, e que o homem nasceu de seres de espécies diferentes (*apud* Censorino, *De Die Nat.* 4, 7, e Pseudo-Plutarco, *Strom.*, 2). Diodoro, contemporâneo de Lucrécio, afirma que o solo da Tebaida produz ratos, e que muitas pessoas já viram peitos e patas dianteiras de ratos a moverem-se, mas ainda ligados a pedaços de terra. Cf. W. K. C. Guthrie, *In the Beginning*, p. 39.

78.4 Laphrya era um epíteto habitual de Ártemis, mas era também um epíteto de Atena (e.g. Lycoph. 356). No templo de Ártemis em Patras existia um santuário dedicado a Atena. **78.5** Aracne era uma princesa da Líbia que foi transformada por Minerva (Atena) numa aranha.

85.4 Tétis é uma divindade marinha, filha de Nereu, o Velho do Mar.

86.6 Lucina é um epíteto de Diana, como Lua (Luna).

90.2-4 Antes dos Estoicos, já Empédocles tinha reparado no fenómeno da clepsidra (o frag. 100 descreve o ‘ladrão de água’ e não o relógio de água), apoiando a sua conceção plenista de que não existe o vácuo (frags. 13 e 14). **90.7** Galileu Galilei (1564-1642), Evangelista Torricelli (1608-1647), Robert Boyle (1627-1691).

92.1-8 Alusão ao princípio de Arquimedes da impulsão hidrostática. Arquimedes já havia sido mencionado *supra* 89.7-8, sobre o caso da denúncia do ourives falsário de Siracusa. **92.7** Batávia refere-se aos Países Baixos.

94.1 Referência ambígua. Samuda parece aludir a um epíteto da deusa Ártemis.

97.2 Fântaso (Phantasos, Phantassus) era o deus dos sonhos, sobretudo dos sonhos de objetos inanimados. Fobetor (Phobaetor), o Susto, era filho da Noite e causava os pesadelos. O seu nome real junto dos outros deuses era, para Ovídio, o de Ícelo. Este deus também era tido como filho do Sono e a sua missão era a de aterrorizar as mentes humanas, assumindo para isso a forma de serpentes e de outros animais selvagens. Morfeu é filho do Sono e levava os sonhos aos humanos. **97.5** Samuda, grande leitor de Ateneu e de Pausânias, ao utilizar a expressão ‘formosa dama’, parece estar a referir-se a Fila, esposa de Demétrio Poliorcetes, mulher que se fez adorar com o título de Phila Aphrodite no templo Philaeum. É verdade que o Sono tem um número incontável de filhos, e os três mencionados no v. 2 são apenas os mais conhecidos. Nas *Viriadas*, Phila não volta a aparecer, o que seria estranho se se confirmasse a leitura que o apresenta com o mais velho dos filhos.

99.2 Sobre Pafia, ver *supra* I.29.5.

100.1 Sobre Acidália, ver *supra* I.28.3. **100.7** Agélia era um dos epítetos de Atena.

101.1 Sobre Arginis, ver *supra* I.79.1. Sobre Lafria ver *supra* 78.4.

102.1 Alcís era um epíteto de Atena (Athena Alkis).

103.6 Áctio (Actius) era um epíteto de Apolo derivado do nome do santuário que lhe era consagrado em Actium.

CANTO VI

1.6 Cidade mítica que alude a Mons Veneris, quartel-general de Viriato.

2.1-4 Alcíone, filha de Éolo, era casada com Céix (Ceys, Ceyx, Ceíce). Quando o seu esposo ia consultar um oráculo, os deuses contaram a Alcíone

num sonho o destino trágico de Céix; quando ela encontrou o corpo do esposo de manhã, atirou-se à água, sendo o casal transformado em pássaros.

9.8 Heliotrópio, de *heliotropion*, *ii*, girassol.

15.6 Epitrágia era um dos epítetos de Afrodite.

16.5 Anfítales (Amphithales), de ἀμφιθαλής, a criança cujos pais estão vivos, a que floresce rodeada de pai e mãe, florescer de todos os lados, era um epíteto dos deuses, nomeadamente Zeus; representa aqui Cupido.

20.1 Eneis é um epíteto de Vénus por ser mãe de Eneias. **20.3** O rapaz Idálio é Cupido, filho de Vénus (cf. *supra* I.11.7).

35.4 Apeles foi o mais célebre pintor da antiguidade, tendo trabalhado nas cortes de Filipe da Macedónia e de Alexandre, o Grande. **35.5** Existem dois escultores com este nome, do mesmo período e ambos argivos. É provável que Samuda se refira a Policleto, o Velho, discípulo de Ageladas. Platão afirmou que os filhos deste artista teriam a mesma idade dos de Péricles. **35.6** Existiram vários grandes escultores com este nome. É provável que Samuda se refira a Apolónio de Trales, mencionado por Plínio.

46.8 Sobre Númen, ver *supra* II.46.3.

61.6 Palavra já dicionarizada, mas de utilização rara, de *ocrea*, *a*, caneleiras de metal para proteger as pernas.

66.2 Nómio (Nomius) era um epíteto de Apolo.

71.1 Os *hastati*, homens da lança, eram uma parte da infantaria pesada da legião romana, constituída por 1200 militares jovens. **71.7** ‘Cassoletes’, termo aparentemente derivado do francês *cassolette*, caixa metálica onde se queimavam os perfumes.

72.2 Os *principes* eram os soldados mais maduros que compunham o interior da legião, habitualmente 1200.

73.2 Os *triarii* eram 600 soldados veteranos que estavam na retaguar-

da da legião. **73.6** As ‘pilas’, de *pilum, i*, eram as lanças dos soldados romanos. Samuda forma a palavra ‘pilas’ a partir do plural neutro da palavra latina. Para evitar hipotética confusão na leitura, teria sido acertado corrigir o texto para ‘pilos’, seguindo aliás a grafia proposta para a palavra por uma autoridade como F. Rebelo Gonçalves, *Vocabulário da Língua Portuguesa*, p. 790. Contudo, logo na estrofe 75, Samuda volta a utilizar a palavra que criou por via erudita, fazendo várias concordâncias de género (‘redobradas’, ‘reformadas’, ‘duras’, ‘direitas’). Não é possível corrigir esta estrofe sem alterar a rima e sem desvirtuar o pensamento do poeta. Além disso, Samuda parece ter sido influenciado pela designação dos legionários romanos que utilizavam esse instrumento de guerra, os Pílanos (e não Pílonos), como se vê logo a seguir em 78.7.

74.1 Os pílanos eram os lanceiros da legião. **74.8** O umbo, de *umbo, onis*, era a bossa de um escudo de guerra.

75.1 Sobre os pilos, ver *supra* 73.6. **75.3** C. Marius (157-86 a.C.) foi considerado o terceiro fundador de Roma devido às suas vitórias sobre as tribos germânicas invasoras. Em 107 a.C. promoveu a mais importante reforma do exército romano.

77.1 Signifer era o porta-estandarte das legiões romanas. Cada centúria tinha o seu e a legião era composta de cinquenta e nove centúrias.

78.1 Os Prefeitos da legião eram os oficiais que comandavam um corpo de tropas numa posição de autoridade subordinada. **78.4** O primipilo, de *primipilus, i*, era o centurião que comandava a primeira centúria do primeiro manípulo da primeira coorte, o posto mais alto dos centuriões.

80.4 Rómulo, o fundador de Roma, salvou o seu irmão Remo quando este foi capturado pelos pastores de Numitor, o avô de ambos. Quando este o reconheceu como filhos de Rea Sílvia, os netos combateram Amúlio e colocaram Numitor no trono.

82.1 Os vexilários, de *vexillarius, ii*, eram os porta-estandartes e veteranos da legião. **82.6** Liber era uma divindade latina muito antiga, mais tarde confundida com Baco. **82.7** Subcentúrios, de *subcenturio, onis*, substituto do centurião.

83.1 Os Evocatos, de *evocati, orum*, eram os veteranos em serviço voluntário.

84.1 Pretória, de *praetorius, a, um*, do pretor.

85.4 Sobre o calçado, ver *supra* V.60.1-2. **85.6** Parazônio, de *parazonium, ii*, cinturão com espada, era uma espada curta usada pelos oficiais romanos. **85.8** Paludamento, de *paludamentum, i*, era um traje militar, o manto dos generais.

86.2 Legatos, de *legatus, i*, assessores dos generais.

87.2 Os Tribunos militares eram os seis oficiais mais responsáveis de uma legião; eram eleitos pelo povo romano (*comitiati*), para as quatro primeiras legiões arregimentadas do ano, ou podiam ser nomeados pelo cônsul ou pretor que comandava (*rufuli*). **87.7** Os Rúfulos, de *rufuli, orum*, eram tribunos militares nomeados pelos cônsules e não pelo povo. Os Comitiatos, de *comitiatus, a, um*, eram os tribunos militares eleitos pela assembleia popular.

88.6 A gálea, de *galea, a*, era o capacete ou elmo do guerreiro. **88.8** Sobre as ócreas, ver *supra* 61.6.

89.5 Os Decúrios, de *decurio, onis*, decurião, eram os oficiais que comandavam dez cavaleiros. **89.7** Os Optiões, de *optio, onis*, eram os oficiais subalternos dos centuriões e que eram escolhidos por eles.

90.1 Os Equestres (*equites*) eram uma classe social romana cujos símbolos eram o *angusticlave*, ou *angustus clavus*, e duas tiras de púrpura nas túnicas. **90.5** O angusticlávio, de *angusticlave*, era a túnica do cavaleiro.

91.1 O draconário, de *draconarius, ii*, era o porta-estandarte. **91.6** Tricoso era um epíteto de Hércules, derivado de ser cabeludo. **91.8** O cântabro, de *cantabrum, i*, era a bandeira ou estandarte.

92.6 A Rocha Tarpeia, cujo nome deriva de Tarpeia, o nome da filha do governador de Roma que abriu a porta a uma invasão dos Sabinos, era um lugar onde se executavam os traidores. Ver *supra* V.35.8.

93.2 Sobre os fundibulários baleares, ver *supra* III.65.5. **93.5** Os Funditores, de *funditor, oris*, eram os fundibulários, ou lançadores da funda.

94.1 Os Sagitários, de *sagittarius, ii*, eram os arqueiros. **94.3** Os Ferentários, de *ferentarius, ii*, eram a infantaria ligeira da legião. **94.4** Os Acensos, de *accensus, i*, eram os soldados de reserva que preenchiam os espaços vazios no avanço da legião, mais tarde conhecidos como *supernumerarii*. **94.5** Os Rorários, de *rorarii, orum*, eram a infantaria ligeira, os vélites.

104.7 A parma era um pequeno escudo redondo.

106.7 Samuda forma a palavra a partir do latim *siparum, i*, ou *sipharrum*, do grego σίφαρος, vela pequena. No contexto significa um estandarte. Não confundir com sipário, cortina manobrada entre as cenas do teatro ou tela para proteger o tribunal do sol, do latim *siparium, ii*.

114.4-6 Sobre os Tícios e os Belos, ver *supra* II.4-6.

115.7 Sobre a noção de Númen, ver *supra* 46.8. **115.8** Palas é um epíteto de Atena (Minerva).

116.1 Sobre Pompeio, ver *supra* II.6.7.

124.8 Os Ausónios eram os Romanos; cf. *supra* II.48.4 e 58.8. Sobre os Sicanos, que também simbolizam os Romanos, ver *supra* II.61.6. Existem, contudo, dúvidas a este respeito porque alguns historiadores antigos consideravam que os Sicani eram oriundos da Ibéria. Ao colocar este povo depois dos Celtiberos e dos Ausónios (i.e. Romanos), Samuda pode estar a apontar para a união dos povos, sobretudo quando “juntos sentem da guerra horríveis danos”.

125.7 Sobre as pilas, ver *supra* 73.6 e 75.1.

134.5 Gradivo era um dos epítetos de Marte.

136.1 Sobre o signifer, ver *supra* 77.1.

139.5 Sobre Cíntio, ver *supra* V.66.1. Nesta passagem, o epíteto refere-se a Apolo enquanto símbolo do sol e do dia.

CANTO VII

1.5 Árbio (Arbius) era um epíteto de Zeus (Júpiter) derivado do nome de uma montanha cretense.

2.6 Xénio (Xenius) era um epíteto de Júpiter.

3.2 Os Jogos Consuais (Consuales Ludi, Consualia), dedicados a Con-sus, o deus do conselho, celebravam-se em Roma e foram instituídos por Rómulo ou por Evandro.

4.3 O hipetro (hypetres) é um templo descoberto. **4.5** O areóstilo (areos-tyle) é um templo em que as colunas exteriores estão muito afastadas entre si. **4.7** O pronaus (πρόναος) era uma das partes do interior dos templos antigos, juntamente com a cela (ναός) e o ádito (ἄδυτον).

5.2 Epíteto de Júpiter, adorado num templo do monte Palatino.

6.1 e 3 Márcio (Martius) e Tonante são epítetos de Júpiter.

7.2 Fídias, discípulo de Ageladas foi o maior escultor da Grécia antiga (c. 480-430 a.C.). **7.3-4** Samuda parece estar a referir-se a Muso (Mys, Μῦς), gravador que colaborou com Fídias, e à estátua de Zeus, em ouro, oferecida por Cípselo, tirano de Corinto. **7.5** Argeu (Argeus) era um epíteto de Apolo. Fídias fez uma estátua deste deus integrada no conjunto escultórico de Delfos. **7.6** Aristono (Aristonus, Aristonomus) de Egina esculpiu, segundo o testemunho de Pausânias, uma estátua de Zeus que segura numa mão uma águia e um raio na outra.

8.1 Ageladas foi um escultor argivo famoso, e mestre de três notáveis escultores, Fídias, Míron e Policleto. Não há grandes certezas sobre as datas da vida de Ageladas, nem sobre a sua identidade. Drímnio (Drymnus) era um dos muitos epítetos de Zeus. **8.5** Praxíteles foi um escultor ático (IV a.C.).

10.2 Leócares (Leocharis, Leochares) foi um escultor ateniense mencionado por Plínio (34.8.19). A estátua de Zeus encontrava-se no pórtico do Pireu (Pausânias 1.1.3). **10.8** Irene, filha e discípula de Cratino, foi uma pintora men-

cionada por Plínio (35.11.40) e por Clemente de Alexandria (*Strom.*, IV). Paneu (Panæo, Panænus, Panæus, Pantæus) era irmão ou primo de Fídias, tendo sido seu colaborador em muitas obras, nomeadamente na estátua de Zeus.

11.7 Samuda forma a palavra ‘crisetos’ (Chrysaetos) diretamente do grego χρυσαίετος, ου, águia dourada ou real.

12.1 A valéria melenetos (*valeria aquila*) é a águia negra, e, como acrescenta Plínio, «Melanaetos a Graecis dicta» (X, 3). **12.3** Niso era filho do rei de Atenas mas nascera em Mégara. A filha de Niso, Cila, traiu o pai para se juntar a Minos, e Niso acabou por ser transformado em águia-marinha. A halietos (Haliætos, ἄλιάετος) é a águia marinha. **12.5** O ‘percnopteros Ægyptia’ (*vultur percnopterus*) é o abutre, ou percnóptero, de asas negras do Egito (περκνόπτερος); cipaetos (*cypætos*) é uma outra designação para abutre. **12.7** A phæne ossifraga, de *ossifraga*, *a*, é o xofrango ou águia-marinha, o parte-ossos de Plínio. O oripelargo, de *oripelargus*, *i*, é uma espécie de abutre (Plínio X, 3). **12.8** A cígneia, de *cycnus*, *i*, é o cisne. O morfno, de *morphnos*, *i*, é uma espécie de águia ou gavião. O pigargo, de *pygargus*, *i*, é um tipo de águia.

14.5 Santuários de Zeus Ámon, no Norte de África, no deserto líbio-egípcio, e de Zeus Dodoneus, em Dodona, no Epiro, na parte da Tesprótide.

15.2 Os homens que proferiam os oráculos, os profetas, eram conhecidos como Tomuri; as mulheres eram conhecidas como Tomurae. Esta designação derivava de Tomurus, uma montanha na Tesprótide, mas alargou-se mais tarde a todos sacerdotes dos oráculos. **15.7** ‘Tomuros’.

16.1 Promenia (Promenæa) era uma das sacerdotisas do templo de Dodona (Heródoto, II.55). **16.3** Timareta (Timerete) era uma sacerdotisa do oráculo de Dodona. **16.4** Nicandra é uma outra sacerdotisa de Dodona cujo nome Heródoto transmite (*ibid.*). **16.5** É provável que Samuda se esteja a referir aos sacerdotes que transmitiam ao público os oráculos, os Selli, segundo Estrabão, os Helli, segundo Píndaro (cf. Homero, *Iliada*, XVI.233).

18.2 Hyes era um epíteto de Dioniso. As Dodónides eram as sete filhas de Atlas e as amas de Dioniso. A lenda afirmava que habitavam o templo de Dodona. As três mulheres idosas que transmitiam o oráculo afirmavam continuar o ofício delas.

19.7 Corcireus é um etnónimo do povo de Corcira.

20.1-4 Alusão à destruição do templo de Zeus em Olímpia por um terremoto, no século V a.C. **20.7** Pelasgo (Pelasgico) era um epíteto de Zeus (cf. *Iliada*, XVI, 233).

21.1 Dione era a ninfa que, com Zeus, concebeu Afrodite.

22.2 Fegoneu (Phegonaeus) era um epíteto de Zeus. **22.3** Marmárico é um epíteto de Júpiter, Ammon Marmaricus. **22.4** O calato, de *calathus*, *i*, é um cesto ou cabaz.

23.1 O Ida era um monte em Creta. **23.3** Minos era um rei de Creta. **23.5** É provável que se trate de gralha e que Samuda se referisse a *arkheion*, τὸ ἄρχειον, residência dos principais magistrados. **23.6** Epiménides foi um taumaturgo cretense do tempo de Sólon, considerado um dos Sete Sábios da Grécia por alguns.

24.2 Melisseu (Melissaios) era um epíteto de Zeus. **24.5** Zeus foi criado numa caverna do monte Dicte. **24.6** Ideu (Idæo) é um epíteto de Zeus. **24.7-8** Ninfas que cuidaram de Zeus no monte Ida, de Creta. A ninfa Melissa irá desempenhar um papel importante nas *Viriadas*; ver *infra* X.44.5.

25.1 Os Curetes educaram Zeus e evitaram que ele fosse descoberto pelo pai, Cronos (Saturno); eram os sacerdotes de Reia (Rea, Rhea). **25.6** Axur (e Anxur) eram epítetos de Zeus. **25.8** Abadir, de *abaddir*, *iris*, era a pedra que Reia deu a Cronos para ele devorar em lugar de Zeus.

26.1 Pisa era o nome antigo de Olímpia, o local onde se celebravam os Jogos Olímpicos. **26.2** Piseu era um dos epítetos de Zeus.

27.1-8 As Bufónias eram festivais em honra de Zeus, em Atenas. Durante a festa das Diipolia era proibido matar bois; contudo, o sacerdote Taulon (Thaulon) viu que um boi comeu o trigo ou os pastéis e, enraivecido, matou o animal, tendo depois de fugir. Os Atenienses, temerosos dos deuses e não sabendo a quem culpar, levaram a machadinha ensanguentada aos juízes, onde acabou por ser condenada.

28.3 Melântio (Melanthio, Melanthius) foi um rei mítico de Atenas, des-

cedente dos reis de Pilos. Depois de vencer uma batalha contra Xanto, tornou-se rei de Atenas, tendo o seu reinado começado em 1128 a.C e durado trinta e sete anos. Codro, filho de Melântio, foi o último rei de Atenas; depois da sua morte, a cidade passou a ser governada por arcontes. Oxíntes (Oxynthes) foi rei de Atenas durante doze anos (c. 1149 a.C.) **28.4** Pândion, filho de Ericton, foi rei de Atenas, c. 1437 a.C. Há dúvidas sobre a identidade de um outro Pândion, filho de Cérops, e pai dos Pandionidas. O plural utilizado por Samuda parece apontar para este último. Os Cécropes (Cecropidæ) são os descendentes de Cérops, o fundador mítico de Atenas. **28.5** Cránao foi o rei que sucedeu a Cérops em Atenas. Anfiction, filho de Deucalião e Pirra, sucedeu a Cránao como rei de Atenas. Erecteu foi o sexto rei de Atenas e o fundador dos mistérios em Êleusis. **28.6** Afidas (Aphydas, Amphydas), filho de Oxíntes, foi rei de Atenas (c. 1162). Timetes (Tymoetes), rei de Atenas, filho de Oxíntes, foi o último descendente de Teseu. **28.7** Menesteu foi rei de Atenas durante a ausência de Teseu; foi afastado do trono quando Teseu regressou. Ericciónio foi o quarto rei de Atenas. Demofoonte, filho de Teseu e de Fedra, foi rei de Atenas.

29.1 Sobre Teseu, ver *supra* II.103.5 e IV.9.5-8. **29.6-8** Pequena lista dos arcontes perpétuos atenienses posteriores à morte de Codro: Médon (c. 1070 a.C.), Forbas (Phorbas)(c. 954 a.C.), Mégacles (c. 923 a.C.), Diogneto (Diognetus)(c. 893 a.C.), Acasto (c. 1050 a.C.), Arquipo (Archippus)(c. 1014 a.C.), Tespieu (Thespheus) (c. 826 a.C.), Ésquilo (Æschylus)(c. 778 a.C.), Agamestor (c. 799 a.C.), e Tersipo (Thersippus)(c. 995 a.C.).

30.2-6 Continuação da lista de arcontes perpétuos: Férecló (Pherecles) (c. 865 a.C.), Arifrone (Ariphron)(c. 846 a.C.) e Alcmeón (Alcmæon)(c. 756). Lista de arcontes por dez anos: Cárops (Charops)(c. 753 a.C.), Apsandro (Apsander)(c. 704 a.C.), Clídico (Clidicus)(c. 734 a.C.), Esimedes (Æsimesdes)(c. 744 a.C.), Eríxias (c. 694 a.C.), Hipómenes (c. 724 a.C.) e Leócrates (c. 714). Sobre o Hipómenes do mito de Atalanta, ver *supra* I.7.6.

31.1 Os Cerices (Ceryces) eram uma família sacerdotal ateniense cujo nome deriva de Cérix (Ceryx), filho de Hermes (Mercúrio); proclamavam as tréguas que permitiam aos peregrinos e iniciados a viagem a Êleusis e a proibição de assassinos e não falantes de grego participarem nos mistérios. **31.2** Cerdemporo (Cerdemporus) era um epíteto de Hermes. Pândroso (Pandrosa, Pandrosos) era filha de Cérops, rei de Atenas. **31.3** Os Epimeletas (Epimeletai) eram os superintendentes dos assuntos religiosos da cidade. Em Atenas, eram nomeados para

festivais particulares, como as Grandes Dionisíacas.

32.3 Caliptras, de καλύπτρα, ou καλύπτειρα, véu. **32.7** Ampecones, de ἀμπεχόνη, xaile fino.

33.2 ‘Geretas’ são uma referência ambígua. É provável que Samuda se refira às geraras, γεραραί, as catorze sacerdotisas de Dioniso que auxiliavam a esposa do *basileus* (cf. v. 8 ‘régio’), a *basilinna*, durante o único dia em que o templo de Dioniso estava aberto nas Antestérias. É menos provável que estivesse no seu espírito uma referência às Geréstias, festas que se celebravam em Geraistos, nas Eubeia, em honra de Poseidon e em lembrança de uma tempestade. **33.3** Os encicliões, de ἔγκυκλον, eram os trajes superiores da mulher. **33.4** Anabolê, de ἀναβολή, manto.

34.5 Tages, descendente de Júpiter, ensinou a ciência do augúrio e da adivinhação aos Etruscos. Parnasso (Parnassus) era, segundo Pausânias (*Phocidis*), o inventor da adivinhação pela observação das aves, e a origem da denominação do monte Parnaso. Car, filho de Manes e epónimo da Cária, era, segundo Clemente de Alexandria (*Strom.* I), o inventor da adivinhação. Melampo era um adivinho de Argos que recebeu de serpentes o dom da adivinhação. **34.7** Calcas (Calcante) era o sacerdote da expedição a Troia. Morreu de desgosto quando Mopso acertou no número exato de figos de uma figueira. O filho de Âmpico (Ampyce, Ampyx) é Mopso, o adivinho. Abante é filho de Melampo.

36.1-8 Referência à Assembleia dos Quinhentos, fundada por Clístenes, composta por cidadãos com mais de trinta anos, cinquenta membros por cada uma das dez tribos. O corpo executivo da Assembleia era escolhido por sorteio, bem como o seu presidente (*epistates*).

37.1 Arquierosines, de ἀρχιερωσύνη, sumo-sacerdote. **37.3-4** Eumolpo era um rei da Trácia, filho de Poseidon. Foi nomeado por Erecteu, rei de Atenas, sumo-sacerdote de Êleusis. Os Eumólpidas eram os seus descendentes, sacerdotes dos mistérios de Êleusis. **37.5** Os Osioteres (Hosioteres) eram os cinco sumo-sacerdotes de Delfos. **37.6** Os Neocoros (Neocori) adornavam o templo. **37.7** Os Prítanis (Prytanes) eram os magistrados que presidiam à Assembleia dos Quinhentos. Os Agonotetas (Agonothetae) eram os magistrados que presidiam aos jogos e combates sagrados, atribuindo os prémios aos vencedores.

38.1-2 As Hecalésias eram um festival em honra de Zeus. Hecalésio (Hecalesius) e Hécalo (Hecalus) eram epítetos de Zeus. Hecale era um bairro de Atenas cujo nome derivava do de uma velha que cuidou de Teseu quando este foi à caça do touro de Maratona. Ao regressar, a velha já tinha morrido, e Teseu fundou esta festa em sua honra. **38.5-7** As Memactérias eram sacrifícios que os Atenienses dedicavam a Zeus durante o Memactérion (Novembro-Dezembro), para solicitar um inverno ameno. Memactes era um epíteto de Zeus.

39.1-6 As Apatúrias eram um festival ateniense que derivava o seu nome de um estratagema de Melântio (Melanto, Melanthus), rei de Atenas, que matou Xanto, rei dos Beócios. Apatenor, com o significado de Enganador, era um epíteto de Zeus.

40.1-2 O maior festival das fratias era a Apatúria, que durava três dias: Dorpia, Anarrhysis e Koureotis. **40.3** Frátrios era um epíteto de Zeus (Zeus Phratrios).

41.1 O Koureotis (Koureotis) era o terceiro dia das Apatúrias. **41.5** Amarísia era um epíteto de Ártemis. O Meiagogo era o sacerdote que oficiava durante o terceiro dia das Apatúrias.

42.1 As Diásias eram festivais atenienses em honra de Zeus. **42.2** Meilíquio (Meilichius) era um epíteto de Zeus. **42.5** O Antestérion era o mês do calendário ateniense equivalente a fevereiro.

43.1 As Eleutérias eram festivais quinquenais em honra de Zeus. Ver *infra* 58.1-3. **43.3** Mardónio era o general que comandava o exército persa na batalha de Plateia, em 479 a.C., onde acabou morto. **43.4** Pausânias era o comandante dos Gregos na Batalha de Plateia.

44.3 Equéstrato foi um rei de Esparta, c. 1058 a.C. **44.4** Cleombrotos (Cleombrotus) foi rei de Esparta; morreu na batalha de Leuctros, contra Epaminondas, em 371 a.C. **44.5-8** Alusão a reis espartanos: Lélex, rei autóctone (c. 1600 a.C.); Eurotas, filho de Miles (Myles) e pai de Esparta; Anaxandre (Anaxander) (c. 640-615 a.C.); Cinortas (Kynortas), filho de Amiclas; Miles, filho de Lélex; Amiclas (Amyclas), filho de Lacedémon; Argalo (Argalus), filho de Amiclas; Lacedémon, filho de Zeus e esposo de Esparta; Dorisso (Doryssus) (c. 840-820 a.C.); Êunomo (Eunomus) (c. 800-780 a.C.); Ébalo (Oebale, Oibalos), filho de Cinortas.

45.1-6 Alusão a reis espartanos: Leónidas I (c. 490-480 a.C.); Orestes, filho de Agamémnon (c. 1200 a.C.); Arquidamo I (c. 600-575 a.C.); Eurístenes (c. 930 a.C.); Labotas (c. 870-840 a.C.); Acrótato, filho de Cleómenes e pai de Areu; Teopompo (c. 725-675 a.C.); Sous (Soos, Soüs) (c. 890 a.C.); Nicandro (c. 750-725 a.C.); Zeuxidamo (c. 645-625 a.C.); Leotíquides (Leotychidas) (c. 491-469 a.C.); Aríston (c. 550-515 a.C.); Demarato (Demaratus) (c. 515-491 a.C.); Agásicles (c. 575-550 a.C.); Areus (c. 309-265 a.C.); Anaxidamo (c. 625-600 a.C.); Procles, irmão gêmeo de Eurístenes (c. 930 a.C.); Euriponte (Euripon) (c. 890-860 a.C.); Téleclo (Teleclus) (c. 760-758 a.C.); Eurícrates (c. 665-640 a.C.).

46.1-8 Alusão a reis espartanos: Cleómenes I (c. 520-490 a.C.), Cleómenes II (c. 369-309 a.C.), Cleómenes III (c. 235-222 a.C.); Ages (Agis) I (c. 930-900 a.C.), Ages II (c. 427-400 a.C.), Ages III (c. 338-331 a.C.); Agesípoles (Agesipolis) I (c. 395-380 a.C.), Agesípoles II (c. 371-369 a.C.), Agesípoles III (c. 219-215 a.C.); Plistóanax (Pleistoanax) (c. 459-409 a.C.); Prítanis (Prytanis) (c. 860-830 a.C.); Anaxândrides (Anaxandridas) (c. 675-645 a.C.); Alcâmenes (c. 758-741 a.C.); Carilau (Charilae, Charilaus) (c. 780-750 a.C.); Licurgo de Esparta (c. 820-730 a.C.), regente durante um curto período; Polidectes (c. 830-800 a.C.); Leon (VI a.C.) terá reinado juntamente com Agásicles; Arquelaou (c. 790-760 a.C.); Tíndaro (Tyndareos), filho de Oibalo e pai de Helena de Troia.

47.3 Os Helenódicos (Ἑλληνοδίκαι, Hellenodicæ) eram os juízes dos Jogos Olímpicos. **47.8** O *Vocabulario portuguez & latino...*, do Padre Raphael Bluteau, dá a seguinte definição de ‘peita’: «Qualquer cousa, que se dá para sobornar o Juiz, & corromper a justiça» (Lisboa, na Officina de Pascoal da Sylva, 1720), p. 369.

48.1 O pentátlon era composto de cinco exercícios, como saltar, correr, lançamento, lançamento do dardo e luta, mas podia incluir outras modalidades em alternativa. **48.3** Trocadilho entre o sentido português de alma, com o sentido de força de vontade (vencer na alma) e o termo grego para a modalidade olímpica do salto, *halma* (ἅλμα); o trocadilho acontece com o género feminino da palavra portuguesa e com o espírito rude da palavra grega, o que impede que se grafe ‘halma’, tal como, no v. 4, se grafa ‘halteres’ e não ‘alteres’. **48.4** Alusão a um detalhe do salto: o saltador transportava pesos (ἄλτῆρες) sobre as cabeças, os ombros e, por vezes, nas mãos. **48.5** Rípsis, de ῥίψις, lançamento do dardo. **48.7** ‘Toziké’, de τοξική, lançamento com arco. Acontisma, de ἀκόντισμα, lan-

çamento à distância do dardo.

49.1 Alusão à modalidade olímpica do lançamento do disco (Δίσκος). **49.3-8** Alusão à modalidade olímpica da luta (Πάλη). A pale ortia, ou ortia pale (Ὀρθία πάλη, Ὀρθοπάλη) consistia em lutar na vertical, esforçando-se cada lutador em lançar o adversário por terra. A anaclínia (Ἀνακλινοπάλη) consistia em lutar no chão até que o adversário desistisse.

50.1 Alusão à modalidade olímpica da corrida (Δρόμος). **50.2** O stádion (στάδιον) tinha inicialmente o comprimento de cento e vinte e cinco passos. Quando o stádion foi aumentado, passou a ter vinte e quatro stádia (δóλιχος). Os corredores poderiam fazer uma corrida só de ida (σταδιοδρόμοι), ou de ida e volta (δολιχοδρόμοι). **50.4** Ao percurso de ida e volta da corrida chamava-se diaulos (δίαυλος), e aos corredores diaulodromoi (διαυλοδρόμοι). **50.5** Quando os corredores usavam armadura na corrida eram chamados hoplitodromoi (όπλιτοδρόμοι).

51.1 Alusão à luta de punhos, ou boxe (πυγμακίη). **51.2** A luta de punhos, ou boxe, começou com as mãos e braços sem proteção. Posteriormente, os punhos e os braços passaram a ser envolvidos por cabedal (*cestus*). **51.3** A proteção dos punhos e dos braços, por vezes até aos ombros, com cabedal com adereços metálicos é atribuída a Êmico, rei dos Bebrices, do ciclo dos Argonautas. **51.7** No início do boxe os lutadores tinham nas mãos esferas de pedra ou chumbo (σφαῖραι), e essa luta era denominada *sphaeromachia* (σφαιρομαχία).

52.1-6 Nomes de atletas olímpicos consagrados. **52.1** Corebo (Coræbo, Koroibos) de Élis foi o primeiro vencedor conhecido dos Jogos Olímpicos (776 a.C.), feito obtido na corrida. Dámon obteve o primeiro lugar em 376 a.C. na corrida. Gorgo (Gorgos) obteve o primeiro prémio em 232 a.C. no pentatlo. Demarato (Damaretos, Demaretos) foi o vencedor em 520 a.C. da corrida com armadura. **52.2** Existem dois atletas com o nome de Xenofonte (Xenophon), um de Corinto, vencedor em 464 a.C. do pentatlo e da corrida, e outro de Aigai, na Cilícia, vencedor em 380 a.C. do pancrácio. ‘Agamedes’ refere-se, com grande probabilidade, a Agamestor, atleta de Mantinea. Existiram também vários atletas de Mantinea: Dromeu, vencedor do pancrácio em 480 a.C.; Protolaos, vencedor da luta de boxe em 464 a.C.; Pitágoras, vencedor da corrida em 464 a.C.; e Cinisco (Kyniskos), vencedor da luta de boxe em 460 a.C. **52.3** Hipeno (Hypenos) de Pisa foi o vencedor em 724 a.C. do *diaulos*. Praxídamas de Egina foi o vencedor do boxe em 544

a.C. Euríباتο (Eurybatos) de Esparta foi o vencedor da luta em 708 a.C. **52.4** Polínicos (Polynikos) de Thespias foi o vencedor em 448 a.C. da luta de rapazes. Acanto (Akanthos) de Esparta foi o vencedor em 720 a.C. do *dolichos*. Por ‘Hyperesiense’ Samuda parece referir-se a Ícaro (Ikaros, Ikarios) de Hyperesia, vencedor em 688 a.C. da corrida. **52.5** Quíon (Chion, Chionis) de Esparta foi o vencedor em 664, 660, e 656 a.C. da corrida e do *diaulos*. Teopompo (Theopompos) de Hereia foi o vencedor em 484 e 480 a.C. do pentatlo. Diógenes de Éfeso foi o vencedor em 69, 73, 77, 81 e 85 d.C. da competição de trompeta. Sóstrato de Sícion foi o vencedor em 364, 360 e 356 a.C. do pancrácio. Existiu, contudo, um Sóstrato de Pelina (Pellene), vencedor em 460 a.C. da corrida de rapazes. **52.6** Por ‘Opuntio’ Samuda parece referir-se a Efarmosto (Epharmostos, Eparmostos) de Opous, vencedor em 468 a.C. da luta, atleta celebrado na *Nona Ode Olímpica* de Píndaro. Míron (Myron) de Siracusa foi o vencedor em 648 da corrida de quatro cavalos com carro. Gláucias (Glaukias, Glykon) de Crotona foi o vencedor em 588 a.C. da corrida. Por ‘Atheniense’, Samuda, seguindo indubitavelmente uma sugestão de Pausânias («Pancratii uictor fuit Callias Atheniensis», *De tota Graecia*, V), refere-se a Cálías, vencedor do pancrácio em 472 a.C.

53.1 Pirro (Pyrrho, Pyrrhios) da Etólia foi o vencedor em 204 a.C. da corrida. Filetas de Síbaris foi vencedor no boxe. **53.2** ‘Polychrates’ parece referir-se a Polícares (Polychares) de Messene, vencedor em 764 a.C. da corrida. **53.3** Lígdamo de Siracusa foi vencedor do pancrácio na 33^a Olimpíada, em 648 a.C. **53.4** Hipósteno (Hipposthenes) de Esparta foi o vencedor em 632, 624, 620, 616, 612 e 608 a.C. da modalidade da luta. **53.5** Pagondas (Pagon) de Tebas foi o vencedor em 680 a.C. da corrida de quatro cavalos com carro. **53.6** Onomasto de Esmirna foi o vencedor em 688 a.C. do combate de boxe. ‘Outro Ægineta’ não se pode referir a Onomasto. A página do livro de Pausânias que Samuda parece ter em mente é clara a este respeito: «Onomastus uicit, Smyrna oriundus», *ibid.*). O único vencedor de boxe oriundo de Egina (Aigina) foi Praxídamas (ver *supra* 52.3).

54.2 Clitómaco de Tebas, filho de Hermócrates, foi o vencedor do boxe e do pancrácio em 216 a.C. Teágenes (Theagenes) de Tasso foi o vencedor em 480 a.C. da luta de boxe. **54.3** Mílon de Crotona foi o vencedor da luta em 540, 532, 528, 524, 520 e 516 a.C..

55.3 Cinisca (Cynisca) era filha de Arquidamo, rei de Esparta, obteve o primeiro prémio na corrida de quatro cavalos com carro, e foi a primeira mulher a ganhar duas vitórias olímpicas (396 e 392 a.C.). **55.4** Calipatera (Callipatira),

filha de Diágoras e esposa de Calíanax, foi aos Jogos Olímpicos disfarçada de homem. **55.7** Arráquion (Arrhachion, Arrachion) de Figália foi um famoso lutador de pancrácio que morreu durante um combate, sendo, apesar disso, declarado o vencedor do mesmo.

56.2 Equembroto (Echembrotus) foi um poeta e tocador de lira da Arcádia que ganhou um prémio nos Jogos Píticos. **56.3** ‘Secedas’ alude a Sacadas de Argos, tocador de flauta, vencedor dos Jogos Píticos. **56.5** Alusão a Melampo, o Cefaleu, tocador de cítara. Em toda esta oitava Samuda parece aludir a um passo de Pausânias (10.7.4-6); cf. Plutarco, *De Mus.* IX.

57.2 Uma tetralogia de Xénocles, da família Carcino, obteve uma vitória sobre uma tetralogia de Eurípides na Olimpíada XCI, c. 415 a.C. **57.5** Cleómenes era uma rapsodo que recitava as *Purificações* (*Katharmoi*) do filósofo, médico e taumaturgo Empédocles de Agrigento durante os Jogos Olímpicos. **57.7** Górgias de Leontinos foi um filósofo, sofista e orador grego que terá vivido mais de um século, passando um pouco a data da morte de Sócrates. Terá sido discípulo de Empédocles e o inspirador do diálogo platónico com o seu nome.

58.1-3 Sobre as Eleutérias, ver *supra* 43.1. **58.4** Aristides, filho de Lisímaco, foi comandante dos Gregos, juntamente com Pausânias, na batalha de Plateias contra os Persas comandados por Mardónio. **58.5** Provável referência à localidade das Eleutérias (Eleutheræ), entre Mégara e Tebas, onde o general persa Mardónio e os seus trezentos mil homens foram vencidos.

59.1 Alalcómene era uma localidade na Beócia, nas margens do lago Copais. **59.2-6** As Dédalas eram dois festivais da Beócia, celebrados em Alalcómene, em Plateias, e em todas as cidades beócias. O nome dos festivais derivava de Dédalo de Atenas. No festival de Alalcoménio, o povo atraía com pedaços de carne os corvos para que estes poisassem nas árvores. As árvores escolhidas pelas aves eram depois transformadas em estátuas.

60.2 Festival beócio que se celebrava a cada sessenta anos. Preparavam-se catorze Dédalas, estátuas esculpidas de árvores, que eram distribuídas por sorteio pelos povos beócios. **60.5** Epístius era um epíteto de Zeus. **60.6** Epíteto de Hera.

61.2 Durante as Dedálias, uma estátua vestida de modo feminino era levada para o Monte Citéron, onde era colocada sobre um altar quadrado, sendo depois in-

cendiada. **61.3-6** Povos beócios. **61.7** ‘Brunea’ é provavelmente uma gralha. Bromie (Brome) foi uma das ninfas que cuidaram de Dioniso (Bromius) no monte Nisa. Célio (Coelius) é um epíteto de Dionísio.

62.1-5 Uma briga entre Zeus e Hera fez com que a deusa se afastasse para Eubeia. Seguindo o conselho de Citéron, rei dos Plateus, Zeus fez uma estátua de mulher, fazendo saber que se ia casar com Plateia, filha de Asopo. Enciumada, Hera regressou. Ver *infra* VIII.92.5. **62.2** Imbrásia era um epíteto de Hera.

63.5 Helicónio é um dos epítetos de Zeus. Cipra (Cypra) é um dos epítetos de Hera (Juno).

64.1 O *hierosgamos* era o casamento sagrado, os sponsais místicos. **64.6** As Talaidites eram festas cretenses em honra de Zeus Talaios. **64.7** Taleus (Talæos, Talaios) era um epíteto de Zeus.

65.1 As Homoloias eram festividades tebanas em honra de Zeus. **65.4** Epíteto de Zeus. **65.5** As Sabásias eram mistérios noturnos dedicados a Zeus (Zeus Sabazius). **65.7** Os iniciados nos mistérios transportavam no peito uma serpente de ouro como símbolo do modo como Zeus chegou a Perséfone. **65.8** O prestes, de *prastes, itis*, é o chefe ou a pessoa que preside, o guardião, o protetor; noutra aceção, indica os Lares tutelares (Ovídio, *Fasti*, V.129).

66.1 As Hecatonfonias (Hecatombphonias, Hecatomphonias) eram sacrifícios a Zeus oferecidos pelos Messénios quando algum deles matava cem inimigos. **66.5** Laríssio (Larisseus) era um epíteto de Zeus.

67.2 As Sotérias eram dias de ação de graças. **67.3-5** Ação de graças de Sícion (Sicyonia) para celebrar a libertação do domínio macedónio. **67.5** Arato de Sícion foi um lutador contra a tirania. Esteve em guerra contra Esparta, comandada por Cleómenes, bem como contra os Macedónios, apesar de no fim se ter aliado a eles. Filipe da Macedónia mandou envenená-lo em 213 a.C. Os seus conterrâneos instituíram duas festividades para celebrarem a sua memória, as Arateias. **67.8** Soter é um epíteto de Zeus.

68.1 Amalo (Ammalo) é um epíteto de Zeus. **68.3** As queirides, de χειριδής, ἴδος, eram coberturas das mãos e braços. **68.4** ‘Chitoniscos’, de κιτωνίσκος, pequena túnica curta para homens. **68.5** ‘Smialios’, do latim

smialia, braceletes. **68.6** ‘Skiadions’, de σκιάδειον, sombrinha, termo derivado de σκιάδιον, umbela de certas plantas. **68.7** ‘Pedilas’, de πέδιλον, sandálias ou calçado; ‘Pharos’, de φάρος, manto de homem.

69.1 O Dios Bous (Dios-Boys) era uma festa milésia em que um boi era sacrificado a Zeus. **69.6** Ceneu (Caeneus) é um epíteto de Zeus.

70.1 As Itomeias (Ithomaia) era um festival de Itome, cidade da Messénia, em que os músicos competiam, celebrado em honra de Zeus que tinha sido cuidado pelas ninfas Itome e Neda (ver *infra* 71.1-2). **70.5** Clepsidra era o nome da fonte no Peloponeso junto da qual as ninfas Itome e Neda educaram Zeus, depois de este ser salvo de Cronos. **70.7** Dicteu (Dictæus) é um epíteto de Zeus.

71.1 Itomeu (Ithomæo, Ithometes, Ithomatus) é um epíteto de Zeus. **71.1-2** ver *supra* 70.1.

72.4 As Férias Latinas (Feriæ Latinæ) são tradicionalmente atribuídas ao último rei Tarquínio, se bem que sejam mais velhas. **72.6** Lucius Tarquinius Priscus (616-579 a.C.) venceu doze cidades etruscas ou toscanas.

73.2 As Férias Conceptivas (Feriæ Conceptivæ) faziam parte das Férias Latinas, e eram, como estas, de data móvel. Começando por ser apenas um dia, foram aumentadas até quatro dias. **73.4** Latial (Latialis) é um epíteto de Júpiter (Jupiter Latiaris).

74.3 Lucius Cornelius Sulla (c. 138-78 a.C.) foi um militar e estadista romano. Em 82 a.C., Sula aumentou para quinze o número de lugares do Colégio Pontifício. **74.5** Não se trata de uma referência a Numa Pompilius, o segundo rei de Roma, um importante fundador de preceitos religiosos (*Leges Numæ*), mas do plural de *numen*, *inis*, poder sobrenatural ou divino: de *numina*, por supressão da sílaba breve, *numna* e *numa*. **74.6** O pontifex maximus presidia a um colégio de mais oito membros, até à reforma de Sula. O Colégio incluía também três Flamines maiores (Dialis, Martialis, Quirinalis) e doze menores, o Rex sacrorum, e as suas Virgens Vestais.

75.2 O Rei é um membro do Colégio Pontifício, o *Rex sacrorum*. Não era o *Rex sacrorum* mas o *Pontifex maximus* que representava o Colégio no exterior. ‘Sacrificulo’ deriva do latim *sacrificulus*, *i* (ou *sacrificiolus*, *i*), sacerdote encarregado dos

sacrifícios, sacerdote sacrificador.

76.1 Sobre a *Basilinna*, ver *supra* 33.2.

77.1 O Flamen Dial era um sacerdote de Júpiter, o primeiro de todos os Flamines. Os lictores eram assessores e guarda-costas de magistrados durante a República e o Império. O seu cargo foi criado por Rómulo. **77.5** O ‘albo-galero’, de *albogalerus, i*, era o gorro ou barrete do Flamen Dial. Cf. esta estância com a estância *infra* 111.

78.1 A Flamínica era a esposa do Flamen. As Flaminae (Flaminicae) tinham o mesmo título que os seus esposos, e.g. Flaminicae Dialis. **78.6** Elício (Elicius) é um epíteto de Júpiter. Cf. esta estância com a estância *infra* 112.

79.1 Os Râmnios (Ramnes, Ramnenses), os Tácios (Tasian) e os Lucerianos (Luceres) eram centúrias criadas por Rómulo. Cada uma das três tribos romanas contribuía com cem jovens para a formação dessas centúrias. **79.4** Sobre Sula, ver *supra* 74.3. **79.6** ‘Lítuos’, de *lituus, i* (pl. *lituum*), bastão augural, cetro encurvado. **79.7** ‘Trábeas’, de *trabea, a*, manto branco orlado de púrpura.

80.3 ‘Diras’, de *dira, arum*, presságios malignos. **80.4** A arte etrusca é a arte dos arúspices e adivinhos. **80.5** ‘Tripúdio’, de *tripudium, ii*, agoiro favorável quando as aves sagradas comiam tão avidamente que deixavam cair os bagos. **80.6** ‘Pulário’, de *pullarius, ii*, o que guarda as aves sagradas. **80.8** ‘Oscines’, de *oscinus, a, um*, augúrio tirado do canto das aves. ‘Præpetes’, de *præpes, etis*, que se diz de um voou que é um presságio feliz.

81.2 Lena, de *lena, a*, é um manto de inverno. ‘Prospício’, de *prospicio, icere, exi, ectum*, ver mentalmente no futuro, antecipar.

82.1 O cúrio magno (*curio maximus*) superintendia aos curiões inferiores (*curiones minores*) na realização dos sacrifícios, atividade de que eram responsáveis. **82.2** O ápex, de *apex, icis*, era um tipo de chapéu pontiagudo usado pelos sacerdotes. **82.6** ‘Tutulo’, de *tutulus, i*, gorro cónico dos flâmines. **82.7** ‘Pretexta’, de *prætexta, a*, a toga pretexta branca e orlada de púrpura.

83.1 ‘Carpenta’, de *carpentum, i*, carroça de duas rodas munida de um capote. **83.4** As Curálias (Curialia Sacra, Curionia) eram os sacrifícios das cúrias (*curiæ*). **83.6** As Ágapas eram festins de caridade, eventualmente derivados do Silicernium,

uma festa dos Dii Manes.

84.1 O *lectisternium* era uma cerimónia religiosa de propiciação que consistia numa oferta de comida aos deuses. **84.7** ‘Eilapinistes’, de εἰλαπιναστής, ου, conviva de um festim εἰλαπίνη, ης, i.e. depois de um sacrifício.

85.1-2 Os sete Epulões (*septemviri epulones*) eram os sacerdotes que superintendiam às refeições em honra de Júpiter, as festividades do *epulum Iovis*. Estas refeições faziam parte dos Ludi Romani e dos Ludi Plebei.

86.1 Os Capitolini Ludi eram jogos anuais em honra de Júpiter, celebrando a vitória romana sobre os celtas gauleses. **86.4** Titus Flavius Domitianus Augustus (51-96 d.C.) foi imperador romano de 81 a 96. **86.8** Marcus Manlius mostrou o seu valor militar aos dezasseis anos, salvando o Capitólio durante um ataque gaulês. Mais tarde caiu em desgraça, tendo sido condenado à morte pelos seus contemporâneos.

87.2 Capitolinus é um epíteto de Júpiter. **87.3** Os Romani Ludi eram celebrados em honra de Júpiter nos idos de setembro. **87.7** Lucius Tarquinius Priscus foi o quinto rei de Roma, de 616 a 579 a.C.

88.2 O Vale de Múrcia (Vallis Murcia), local do Circus Maximus, situa-se entre as colinas do Aventino e do Palatino. **88.3** ‘Sejugas’, de *sejuges*, carros de seis cavalos. **88.4** ‘Bigas’, de *biga, a*, carro de dois cavalos. **88.7** ‘Prasina’, de *prasinus, i*, o que é da fação dos Verdes nos jogos do circo, a fação Prasina; ‘albata’, de *albatu, a, um*, vestido de branco e da fação dos Brancos. **88.8** ‘Veneta’, de *venetus, a, um*, partidário da fação dos Azuis nos jogos do circo; ‘russata’, de *russatus, a, um*, partidário da fação dos Vermelhos nos jogos do circo.

91.8 ‘Suza’ é uma referência ambígua. Conjeturando, Samuda parece referir-se às cidades hispânicas sob controlo romano, aqui simbolizadas por Susa(na), na Hispania Tarraconensis.

92.5 Na definição do Padre Joseph Marques, as andilhas são «espécie de sella armada com correas, e em quatro paos atravessados de huma, e outra banda, que se põem nas bestas em cima da albarda, e entre os quaes se sentaõ mulheres: hoje he pouco usada», *Novo Dicionario das Línguas Portuguesa, e Francesa, com os Termos Latinos* (Lisboa, na Officina Patriarcal, 1764), p. 55.

93.5 As armilas, de *armilla*, *a*, são braceletes.

94.1 As fáleras, de *phalera*, *arum*, eram discos metálicos usados como ornamento militar.

95.1 A *hasta pura*, ou *hasta donatica*, era uma lança sem ponta oferecida como símbolo de mérito. **95.6** Alusão à coroa de Cíbele, na Cólquida (Phasiane Theos). Esta deusa coroada aparecia nas moedas de Aristarco, governador da Cólquida nomeado pelo general Gnaeus Pompeius Magnus. Aristarco tornou-se um símbolo da sorte volúvel porque rapidamente perdeu o lugar para um filho de Mitridates. **95.8** ‘Pileo’, de *pileus*, *i*, um tipo de barrete frígio em lâ que se usava como símbolo da liberdade ou da libertação de um escravo, por exemplo, durante as Saturnais; ver *infra* IX.114.4.

96.6 Os vexilos, de *uexillum*, *i*, eram estandartes militares colocados sobre uma cruz de madeira.

98.4 A coroa valar, de *uallaris corona*, era atribuída ao soldado que atravessasse o *uallum* do campo inimigo. **98.7** A coroa rostrata, de *rostratus*, *a*, *um*, era uma coroa ornamentada com proas de navios em miniatura que era atribuída ao primeiro marinheiro a saltar para o navio inimigo.

99.7 ‘Palmata’, de *palmatus*, *a*, *um*, toga ou túnica ornada de palmas.

101.4 Alusão a Marcus Furius Camillus (c. 446-365 a.C.), um grande militar e estadista romano a quem se honrou com o título de Segundo Fundador de Roma.

102.3 Quirino (Quirinus) era um epíteto de Marte. **102.5** Helénio é um epíteto de Júpiter (Jupiter Hellenius).

103.2 Sobre ‘Palmata’, ver *supra* 99.7.

104.4 ‘Athou’ é uma referência obscura. Samuda parece ter presente o verso de Virgílio «Per gentis humilis stravit pavor; ille flagranti / Aut Athon, aut Rhodopen, aut alta Ceraunia telo / Deiicit» (*Geórgicas*, I, 331-333), aparentemente derivado de Teócrito (Ἡ Ἄθω ἢ Ῥοδόπαν ἢ Καύκασον, 7.77). Athou ou Athon parece significar, por conseguinte, o deus dos raios e trovões, ao modo, por exemplo, de Ceraunios (Fulminator), um epíteto de Júpiter (cf. *infra* VIII.72.7),

ou um génio local ligado às montanhas ou às forças da natureza, como Ródope, uma deusa trácia da montanha. Ver, a este respeito, o comentário de John Conington, *P. Vergili Maronis Opera*, vol. I (London, Whittaker and Co., 1858), p. 179. Sobre Leneu, ver *supra* II.93.1-3. **104.5** Erafiates (Eraphiates, Eraphiotes) é um epíteto de Dioniso.

107.2 Sobre os lictores, ver *supra* 77.1. **107.4** Sobre os rorários, ver *supra* VI.94.5.

111.5 Sobre o ‘Albogalero’, ver *supra* 77.5.

112.8 Os piropos, de *pyropum*, *i*, são pedras preciosas vermelhas.

114.3 As amulas, de *amula*, *a*, eram vasos para água lustral.

116.2 Vesta era filha de Saturno e de Ops, deusa do fogo. **116.3** Ásio (Asius) é um epíteto de Júpiter derivado de Ason, em Creta, cidade onde era adorado.

119.2 ‘Gomil’, ou agomil, do latim *aquimanile*, *is*, bacia para lavar as mãos. **119.3** ‘Simpurio’, de *simpuvium*, *ii*, ou *simpulum*, *i*, símpulo, taça pequena para libações.

120.1 ‘Salsa mola’, de *mola*, *a*, e *mola salsa*, bolo de cevada e sal usado no sacrifício e na refeição sacrificial. **120.3** ‘Capula’, de *capula*, *a*, uma pequena bacia ou taça para sacrifícios. **120.4** ‘Camilo’, de *camillus*, *i*, um rapaz que ajudava o sacerdote.

121.4 ‘Libamen’, de *libamen*, *inis*, libação ou oferenda aos deuses. **121.5** ‘Secespita’, de *secespita*, *a*, adaga para sacrifícios.

122.1 ‘Cultrário’, de *cultrarius*, *ii*, o vitimário que degola as vítimas. **122.2** ‘Dolabra’, de *dolabra*, *a*, pequeno machado para desmembrar as vítimas. **122.4** ‘Transcola’, de *transcolo*, *are*, passar através de um crivo. **122.5** ‘Patela’, de *patella*, *a*, prato ou pequena taça usada nos sacrifícios.

CANTO VIII

1.1 Herói epónimo da Itália, príncipe arcádio que fundou um reino no novo país. **1.2** Licurgo foi um importante legislador espartano. Minos, rei de Creta. **1.4** As feidítias e as andreias eram refeições comuns de homens e de jovens.

2.1 A eilapine (εἰλαπίνη) e o éranos (ἔρανος) são tipos de banquetes; no primeiro caso, o anfitrião fornece a comida; no segundo caso, cada convidado leva o seu contributo de comida. **2.6** As sissítias (Sussitias) são, como as feidítias espartanas e as andreias cretenses, refeições comuns de homens, eventualmente derivadas dos banquetes homéricos.

3.5 ‘Cænatorias’, de *cenatoria, orum*, traje para jantar, e de *cenatorium, ii*, sala de jantar.

4.1 ‘Symposiarchos’, de συμποσίαρχος, o que faz o brinde, o que preside a uma reunião festiva em que se bebe.

5.1 O taxiarco, de ταξίαρχος, é o comandante de um corpo ou esquadrão de homens. **5.2** Das palavras gregas para ‘rei’ (βασιλεύς) e para ‘olho’ (ὄφθαλμός). Um rei poderia ser denominado ‘olho’. Na Pérsia, o ὄφθαλμός βασιλέως era o ‘olho do rei’, um oficial às ordens através do qual o rei obtia informações sobre os seus súbditos. **5.6** ‘Tesseras’, de *tessera, æ*, dados de jogar.

6.1 e 5 De τρίκλινος, ou τρικλίνιον, com três sofás. **6.7** ‘Culsitras’, de *culcita, æ*, almofada.

7.4 ‘Modimperador’, de *modimperator, oris*, o que preside à bebida numa festa. **7.7** Xénio (Xenius) é um epíteto de Júpiter enquanto deus da hospitalidade.

12.1 Árbitro, de *arbiter, tri*, superintendente, controlador.

13.6 Contam-se mais de uma dúzia de cidades antigas com o nome de Heracleia. É provável que Samuda se refira a uma cidade grega com esse nome na Magna Grécia. Quirites são os Romanos.

14.2 ‘Nomenclator’, de *nomenclator, oris*, escravo que dizia o nome dos cidadãos ao seu mestre à medida que aconteciam os encontros e reencontros.

15.7 ‘Pulvinares’, de *pulvinar, aris*, sofá ocupado por pessoas de estatuto quase divino.

16.1 Epíteto de Apolo; sobre a utilização complexa deste epíteto, ver *supra* V.66.1 e VI.139.5.

17.1 ‘Antececa’, de *antecenium, ii*, merenda que precede a refeição principal.

19.1 Hipodamia, filha de Enomeu, rei da Élide, e esposa de Pélops, depois de este ter vencido Enomeu numa corrida de carros.

21.3 Alusão a uma passagem de Ateneu em que este autor, citando por sua vez o tratado sobre pedras preciosas de Drácon de Corcira, afirma que o deus Jano (Ianus Pater) foi o inventor das grinaldas de flores (XV.46). **21.5** Eirafiotés é um epíteto de Dioniso.

22.2 Mnesteu e Calímaco eram médicos que escreveram tratados sobre a virtude das grinaldas. **22.4** Iaco é um epíteto de Dioniso. **22.6** Alusão à história etiológica sobre a criação da ametista por Baco. Ametista era uma jovem a caminho de um santuário. Baco interditou o caminho com tigres. Para a proteger dos animais, uma deusa transformou-a em pedra. Baco, arrependido, deitou vinho sobre a pedra, dando-lhe a cor da ametista. Acreditava-se que a pedra ametista protegia contra a embriaguez.

23.2 Tácito, de *tacitus, a, um*, o que não fala, o silencioso, o calmo. Origem da expressão *sub rosa*. Afrodite deu a Cupido uma rosa, e este deu-a por sua vez a Harpócrates, o deus do silêncio, de modo a garantir a confidencialidade das indiscrições dos deuses.

25.2 Os Cerastes eram um povo de Amato que foi transformado em touros por Afrodite porque eles sacrificavam estrangeiros à deusa. **25.4** Nefele, esposa de Atamas, rei de Tebas, e mãe de Frixo e de Hele, salvou os seus filhos da morte certa que lhes causaria Ino, a segunda mulher de Atamas, enviando-lhes um carneiro que os salvou.

26.3 ‘Chiense’, do nome da ilha de Quio, ou Quios. ‘Thasio’, de Tasos, ilha do mar Egeu.

29.1 Massico, de Monte Massico, perto de Nápoles, onde se cultivavam as vinhas que deram origem ao celebrado vinho *Falernum*, Falerno. **29.2** Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.) foi, talvez, o maior poeta romano. Publius Papinius Statius (v. 45-96 d.C.) foi um poeta romano autor do poema épico *Tebaida*. **29.4 e 8** Referência a vinhos portugueses. ‘Barra a Barra’ é uma alusão ao vinho da Madeira. **29.6** Albius Tibullus (c. 56-19 a.C.) foi um poeta romano. Quintus Horatius Flaccus (65-8 a.C.) foi um poeta romano.

30.1 ‘Fundano’, vinho originário de *Fundanus*, região do Lácio produtora de vinho. **30.2** ‘Surrhentino’, vinho de *Surrentum*, cidade da Campânia famosa pelos seus vinhos. **30.3** Tmolos era um rei da Lídia e esposo de Ônfale. **30.4** Aulon, montanha próxima de Tarento. ‘Calabrino’, vinho da Calábria. **30.5** ‘Cecubo’, de *Cæcubus ager*, planície do Lácio célebre pelos seus vinhos. ‘Sétia’, de *Setia*, cidade do Lácio famosa pelos vinhos. **30.6** Metimna era uma cidade próspera da ilha de Lesbos. ‘Mamertino’, de *Mamertinus*, Messina.

34.2 Menoles é um epíteto de Dioniso (Bacchus Mænoles).

36.6 Sobre o epíteto Soter, ver *supra* VII.67.8.

37.1-8 Estrofe com significado obscuro, nomeadamente pela referência aos não-naturais (*Nam-naturæes*) e pela estranha precedência do Ar como o mais húmido dos elementos. **37.3** Pluvius é um epíteto de Júpiter.

38.2 Sobre as tésseras, ver *supra* 5.6. Tendo um primeiro significado de cubos de jogo marcados dos seis lados, a palavra passou a significar as senhas e contrassenhas que se gravavam em tabuinhas. Algumas tésseras tinham peixes gravados. **38.5** ‘Micónio’ deriva de Μικόνιος, α, ον, que se afirma de um mau vizinho. Míconos, uma das ilhas Cíclades, era considerada na Antiguidade como tendo um povo careca.

40.3 Informa António de Moraes Silva que grifo é «enigma com palavras mutiladas», *Diccionario da Lingua Portuguesa*, II (Lisboa, 1823), p. 34.

41.1 Nestor, rei de Pilo, filho de Neleu e de Clóris, uma das Nióbi-

des, é o modelo de ancião sábio da *Iliada* e da *Odisseia*. **41.2** Sobre Higia, ver *supra* V.2.1.

44.2 O cótabo (de κότταβος, ου) era um jogo divinatório de origem siciliana (*infra* 46.2) que consistia em vaziar o resto de um copo de vinho num recipiente de metal, invocando o nome da mulher amada, avaliando pelo som se o amor era correspondido. **44.6** Os Manes (de *Manes, ium*) eram as almas dos mortos ou uma categoria do sobrenatural romano (*dii manes*). A linfa (de *lymphā, æ*) representa a água.

47.3-4 Acreditava-se que o jogo do latrúnculo tinha sido inventado por Palamedes durante o cerco a Troia, por Quílon, um dos sete sábios da Grécia, ou por Pirro, rei do Epiro, para instruir os seus soldados nas artes militares. **47.6** O latrúnculo (*latrunculus, i*) era um jogo romano parecido com o xadrez.

48.1 O pirgo (de *pyrgus, i*) era uma pequena torre com níveis através dos quais caíam os dados. Os talos (de *talus, i*) eram pequenos ossinhos para jogar, redondos de dois lados e marcados de quatro, enquanto as *tesserae* eram marcadas nos seis lados. Jogava-se com quatro *tali* e três *tesserae*. **48.5** Trítulo (de *trittilis, is*) era o som derivado da mistura das peças do jogo, semelhante a um chilreio ou pipilar.

49.1 ‘Turrícula’, de *turricula, æ*, torre pequena. **49.2** Sobre as tésseras, ver *supra* 5.6 e 38.2. **49.3** ‘Seizes’ é a forma arcaica do plural de ‘seis’. **49.4** ‘Basílico’, de *basilicus, a, um*, real, magnífico, principesco. **49.5** A orca, de *orca, æ*, era uma loiça de barro afunilada. **49.6** ‘Canícula’, de *canicula, æ*, resultado infeliz aos dados. **49.7-8** O jogo romano do Talus utilizava pequenos cubos de osso, nos lados dos quais eram gravados os números um, três, quatro e sete. O um chamava-se *Canis* ou *Canicula*; o três chamava-se o *Senio*; o quatro chamava-se o *Chio*; e o sete chamava-se *Venus* ou *Cous*. Os dados romanos jogavam-se com três *tesserae* e quatro *tali*, que eram colocados numa torrezinha (*fritillus, phimus, pyrgus, orca, turricula, turris*, etc.). O lançamento mais afortunado chamava-se *Venus* (*Jactus Venereus, vel Basilicus*) e consistia em três seis de *tesserae* e todos os *tali* com números diferentes. O lançamento mais azarado chamava-se *Canes* (*Canicula, vel vulturii*) e consistia em três ases ou uns de *tesserae* e os *tali* todos iguais. Cf. Alexander Adam, *Roman Antiquities* (London, 1835), p. 402.

51.5 As Saturnálias eram festividades em honra de Saturno celebradas em dezembro.

52.5 Actiacus é um epíteto de Apolo.

53.4 Acacésio (Acacesius) é um epíteto de Hermes (Mercúrio).

54.3 Referência ambígua. Por um lado, Talésio (Thalesios, Talassius) era um deus romano que presidia ao casamento. Por ocasião do rapto das Sabinas pelos Romanos, uma bonita virgem casou-se com Talássio. Este jovem perfeito acabou por ser deificado depois da morte e era invocado nos casamentos romanos. Mercúrio (Hermes), deus da eloquência, era também invocado nos casamentos, com o epíteto de Epithalamites. Por outro lado, Thalassius é um epíteto de Júpiter, mencionado *infra* v. 57.4. **54.5** Alalcómene era uma cidade da Beócia. O verso, contudo, refere-se a Zeus manifestando-se sob a forma de um touro. Ἀλαλκομενεύς, ἔως era um epíteto de Zeus. **54.6** Mentor, rei de Pilos, participou na guerra de Troia e é um modelo homérico de sabedoria. **54.7** Enésio é um epíteto de Zeus (Zeus Æneius ou Ænesius).

56.1 Herceu (Herceus) é um epíteto de Zeus. **56.2** A Epinícia é um dia de celebração e alegria depois de uma vitória. **56.5** Cíbele (Cybeles) é a Grande Mãe ou Mãe dos Deuses da Frígia. **56.7** Lício (Lycius) é um epíteto de Apolo.

57.4 Sobre este epíteto, ver *supra* 54.3.

63.2 Ate, deusa da discórdia, é filha de Zeus; foi lançada do Olimpo por ter auxiliado Hera a enganar Zeus, fazendo com que Euristeu nascesse antes de Hércules. **63.7** O Averno (Avernus) era um lago na Campânia que se acreditava ter vapores venenosos.

69.4 ‘Genitor’, de *genitor, oris*, pai.

70.1 Belona é a deusa da guerra, irmã (esposa, ou filha) de Marte. **70.3** Esclarece o dicionário de António de Morais Silva que o trabuco é uma «Maquina bellica antiga com que se atiravam grandes pedras dentro das praças», p. 780. Agerona (Ageronia, Angeronia) é a deusa romana do silêncio. **70.5** O filho de Latona é Apolo.

72.7 Sobre Ceraunios, ver *supra* VII.104.4. Centímano é um epíteto comum aos Gigantes, Ciclopes e Titás. Samuda parece referir-se em particular a Briareus (Centimanus, Centumgeminus). Ver *infra* 88.1. **72.8** Etia é um epíteto de Atena (Athena Æthyia). Táureo (Taureus) é um epíteto de Poseidon (Neptuno). Ceres é a deusa romana do trigo e das colheitas, mais tarde identificada com Deméter. Sumano (Summanus) é o deus romano do trovão noturno.

78.2 Antigo termo médico espanhol, *convelderse*, com o significado de irritar-se, encolher-se. Ver *Diccionario de la lengua castellana, compuesto por la Real Academia Española* (Madrid, D. Joaquin Ibarra, 1783), p. 287. Outra definição adequa-se mais à estância: «Agitarse preternatural y alternadamente com contracción», Manuel Nuñez de Taboada, *Diccionario de la lengua castellana* (Paris, Seguin, 1825), p. 386.

79.2 ‘Finir’, do verbo *finio, ivi, itum, ire*, limitar.

82.3 Alterou-se a forma verbal para concordância com ‘areia’ e ‘prometeia’ (e não ‘prometaica’, i.e. de Prometeu).

84.1 Aberides, filho de Coelus e de Vesta, Saturno (Cronos).

85.2 Témis, filha do Céu e da Terra e esposa de Zeus, deusa da ordem divina e da lei. **85.7** ‘Guapa’, bonita, espanholismo.

86.4 Ramnúsia é um epíteto de Némesis, devido a um santuário que esta deusa tinha na cidade de Ramnunte.

87.2 Marnas é um epíteto raro de Zeus, derivado do deus Marna de Gaza, identificado com Zeus de Creta. A mulher prenhada é Métis, esposa de Zeus. **87.7** Astrea (Astræa), filha de Titá e de Aurora, ou de Zeus e de Témis, é a deusa da Justiça.

88.1 Briareu (Briareus) era o nome que recebia no céu o gigante conhecido na terra como Égeon (Ægeon). Tendo cem braços e cinquenta cabeças, lutou contra Zeus, mas, mais tarde, auxiliou o Olímpico quando este foi atacado por Hera, Atena e Poseidon. Ver *supra* 72.7. **88.2** Tétis (Thetis) era filha de Nereis (Nereus). Todos os deuses foram convidados para o casamento de Tétis com Peleu, com exceção de Ate, a Discórdia. Esta vingou-se lançando uma maça de ouro para o recinto do casamento com a indicação de que devia ser dada à mais bela.

89.1 Gábia (Gabiana) é um epíteto de Juno. Chetono é uma alusão a Zeus (Zeus Chthonios). O incesto derivava do facto de Hera ser irmã e esposa de Zeus. **89.4** Austro (Auster, Notus) é o deus do vento Sul. Alusão aparente a um verso de Virgílio, «Quid cogitet Humidus Auster?» (*Geórgicas*, I, 462). Cf. *infra* 104.5. **89.5** De *coccyx*, *ygis*, cuco. Trata-se, aparentemente, de um erro de simpatia entre as palavras ‘Coccyx’ e ‘Cocytus’, erro cometido na sequência de “pássaro enganoso”. O Cocito é um dos rios do Inferno, lugar obviamente tenebroso. **89.8** Retirou-se a acentuação a ‘epítetos’ (epithetos) devido à rima.

90.2-8 Conquistas amorosas de Zeus e metamorfoses por que passou para as realizar.

91.1 Telquina (Telchinia) é um epíteto de Juno. **91.3** Cário (Caræus) é um epíteto de Júpiter, eventualmente derivado do culto que lhe era prestado na Cária. **91.4** Teleia (Telea) é um epíteto de Juno. **91.6** Quera (Chera) é um epíteto de Juno. **91.7-8** Partenos (Parthenos) é um epíteto de Juno derivado da palavra ‘Virgindade’, e de uma fonte, Canato (Canathus), onde a deusa se lavava continuamente para manter a virgindade.

92.2 Agetor é um epíteto de Zeus. **92.5** Sobre a história de Plateia, uma estátua a fingir de que Hera teve ciúmes, ver *supra* VII.62.1-5. **92.7** Sobre Elício, ver *supra* VII.78.6.

93.2 Sémele é mãe de Dioniso. Hera, enciumada, disfarçou-se de velho para obter de Sémele informações sobre o pai da criança de que esta estava grávida. **93.3** Alusão à inimizade de Hera para com Hércules. Hera adiou o nascimento de Hércules em sete dias para que Euristeu, filho de Esténelo (Stenelo), pudesse nascer em primeiro lugar. **93.4** Tiríntio (Tirynthius) é um epíteto de Hércules. Íficles (Iphicles, Iphiclus) é o irmão gémeo de Hércules. **93.5** Tricoso (Tricosus) é um epíteto de Hércules. **93.7** Meónio é um epíteto de Dioniso.

94.3 Dafneu (Daphnæus) é um epíteto de Apolo. **94.5** Sobre Aracne, ver *supra* V.94.8. **94.6** Cabardiacensis é um epíteto de Minerva. **94.7** Mársias era um sátiro que, tendo desafiado Apolo para um concurso de música, acabou por ser esfolado pelo deus.

95.2 Asfálio (Asphalius) é um epíteto de Poseidon. Laomedonte era rei de Troia. O deus do mar contribuiu para a construção das muralhas da cidade,

mas, vendo no final as honras serem dadas a Apolo, lançou contra a cidade um monstro marinho. **95.4** Moneco (Monœcus) é um epíteto de Hércules. Lino, músico eminente inventor da lira e dos versos líricos, foi morto por Hércules. **95.6** Faetonte era filho de Apolo e da ninfa Climena. Numa disputa com Epafo, filho de Zeus e de Io, pediu ao seu pai as rédeas do carro do Sol por um dia. Descontrolado ao conduzir o carro, Zeus teve que o matar para evitar que a terra fosse incinerada. **95.7** ‘Cinnia’, gralha provável por Cinxia, epíteto de Juno. Esta deusa, irada por Cassiopeia considerar a sua filha Andrómeda (ou a si mesma e a sua filha) mais bonita que Juno e que as Nereides, fez com que Andrómeda fosse acorrentada para ser devorada por um monstro marinho.

101.2 A faoneia luz, de φάος, é a luz do dia.

103.6 Referência a Apolo, e talvez uma alusão à elegia de Camões *Que novas tristes são, que novo dano*: «E tu, dourado Apolo, que suspiras / pelo crespo Hiacinto, moço caro, / por quem a clara luz ao mundo tiras», *Rimas*, ed. Álvaro J. da Costa Pimpão (Coimbra, por Ordem da Universidade, 1953), p. 270.

104.5 Sobre o Astro, ver *supra* 89.4.

105.5 Sobre Dafne, ver *supra* I.14.1.

106.1 Peneia (Penea), i.e. filha de Peneu (Peneus), ou Dafne. **106.2** Cavalos do carro do Sol. **106.3** Cliptia (Clytia, Clytie), ninfa aquática que amava Apolo. Ao ser preterida por Leucótea, denunciou o caso a Orcamos, que enterrou Leucótea viva. Cliptia despiu-se e olhou para o Sol durante nove dias, até que foi transformada num girassol.

CANTO IX

1.1-8 Referência a constelações. Destacam-se as de identificação menos óbvia. Alcides é a constelação de Hércules. A C’roa Gnossia (Gnossia Corona) é a Coroa de Ariadne, constelação entre Hércules e Ofiúco. **1.1** Lampon é o cavalo de Aurora. Faetonta (Phaethonta) é o carro do Sol, assim denominada devido a

Faetonte (ver *supra* VIII.95.6). **1.5** A Triple Ponta é a constelação do Triângulo (Triangulum).

2.3 ‘Idea’, epíteto de Cíbele, de *Ida, a, e Ide, es*, monte da Frígia célebre devido ao culto da Grande Deusa Frígia.

3.6 Ícaro era filho de Dédalo. Ao fugirem do labirinto de Creta, Ícaro aproximou-se muito do sol e as suas asas de cera derreteram-se, despenhando-se de seguida.

4.1-2 O filho de Saturno é Júpiter, que raptou Europa sob a forma de touro.

6.5 A ninfa é Sirinx (Syrinx).

7.5 ‘Moveis’; cf. *supra* VIII.94.2. **7.3** e **7-8**. Os Antigos acreditavam que a ilha de Delos, nas Cíclades, foi inicialmente móvel. Os cisnes da Ásia cantavam sete vezes em torno da ilha. **7.5** Álbions são as Ilhas Britânicas.

8.1-2 Alusão aos gansos sagrados do Capitólio que despertaram Marcus Manlius e acabaram por auxiliar a defesa de Roma contra uma invasão (ver *supra* VII.86.8). **8.5** Inacho (Inachus) era filho de Oceano e de Tétis, e o deus tutelar do rio com o mesmo nome em Argos. Tethla (Tathla) é um epíteto de Hera derivado de uma cidade de Plateias. As aves de Hera são o faisão, o cuco e a pomba, entre outras. A interpretação deste passo é ambígua. A grafia de Tathla é próxima da de Thalia. Tália (Aetna), mãe dos Palakoi (Palisci) da Sicília, foi transformada em ave. **8.6** Sobre Ísis, ver *supra* II.38.1-5 e 39.1-8.

9.1 Sobre Noto, ver *supra* VIII.89.4.

10.2 Sobre Triptólemo, ver *supra* V.66.5-6. **10.3** Hostelina (Hostilina) é uma divindade rural romana que tutela o crescimento do trigo. **10.4** ‘Patelana’ era a divindade romana da agricultura que cuida do trigo. **10.5** ‘Volutina’ (Volutia) era uma divindade romana que tutelava o desenvolvimento das espigas de trigo. Samuda utiliza uma forma de grafar o nome da deusa que aparece exclusivamente na *Cidade de Deus*, de S. Agostinho. Cf. Augustine, *The City of God Against the Pagans*, ed. R.W. Dyson (Cambridge, Cambridge University Press, 1998), p. 1232. **10.6** Rubigo era uma divindade romana que protegia o trigo das maleitas. Sobre Ceres, ver *supra* III.110.1. **10.7** Runcina era a divindade romana

das sementeiras. **10.8** Sobre Pilumno, ver *supra* II.114.2.

11.1 ‘Culmíferas’, de *culmus*, *i*, haste de trigo. **11.4** Papilionáceas, família botânica de flores, de *papilio*, *onis*, borboleta. **11.5** ‘Umbelíferas’, família botânica. **11.6** Pentapétala, corola ou flor de cinco pétalas.

12.1 ‘Capitata’, de *capitatus*, *a*, *um*, planta com uma cabeça ou com uma cabeça alongada. **12.3** ‘Verticillata’, verdicilada, disposta em verticilo, i.e., ramos ou folhas dispostas ao mesmo nível ao redor de um eixo, de *uerticillus*, *i*, mainça do fuso. **12.4** Flora era a divindade sabina e romana das flores. **12.5** ‘Estellata’, de *stellatus*, *a*, *um*, disposta na forma de uma estrela ou em X.

13.1 ‘Vasculíferas’, família botânica de flores com cápsulas, de *vasculum*, *i*, vaso pequeno. **13.2** ‘Tetrapétala’, corola ou flor de quatro pétalas. **13.5** ‘Bage’, o m. q. bagem ou vagem. **13.6** ‘Monopétala’, planta só com uma pétala. **13.8** ‘Corniculata’, o m.q. corniculada, de *corniculatus*, *i*, dotado de cornículo ou chifre pequeno.

14.3 ‘Paposo’, o m.q. papiloso, de *pappus*, *i*, lanugem dos cardos. **14.8** ‘Hexapétala’, formado por seis pétalas. Sem acentuação devido à rima.

16.6 Itónia é um epíteto de Atena; cf. *supra* IV.101.1. **16.7** Sobre Belona, ver *supra* VIII.70.1. **16.8** Pomona é uma ninfa do Lácio que foi cortejada por Vertumno, o Proteu dos deuses romanos.

17.6 ‘Vesta’, de *Vesta*, *a*, Vesta Ops, ou Cíbele, ou a Terra, esposa do Céu e mãe de Saturno.

18.2 Báucis e Filémon acolheram Zeus e Hermes na sua casa, quando mais ninguém os recebeu. Os deuses provocaram um dilúvio na zona, salvaguardando a casa dos dois, que, quando morreram, foram transformados em árvores. **18.4** Dríope (Dryope) era uma ninfa amada por Pã e por Apolo. Ao colher o loto, a planta começou a sangrar e ela própria se transformou num tronco. **18.8** Omestes é um epíteto de Dioniso. Reia (Rhea) é filha do Céu e da Terra e irmã e esposa de Saturno. Sito é um epíteto de Ceres.

19.1 Actéon (Actaeon), filho de Aristeu, dedicava-se à caça. Ao descobrir Ártemis a banhar-se, acabou transformado em veado e despedaçado pelos cães da deusa. **19.7** Hécuba, filha de Dimas, rei da Trácia e esposa de Príamo, rei

de Troia, foi, depois da guerra de Troia, transformada numa cadela depois de arrancar os olhos de Polimnestor por este ter morto o seu filho Polidoro. Mera é o nome do cão que descobriu Icário, o introdutor da vinha na Ática, para a sua filha Erígone, puxando-a pela roupa e levando até ao sítio onde estava o corpo. Ver *infra* 84.5-8.

20.1 Lícaon (Lycaon), rei arcádio cuja crueldade o levou a transformar-se num lobo. **20.3** Alusão ao javali da floresta de Erimanto, na Arcádia, capturado por Hércules. ‘Destrago’, o m.q. estrago.

21.4 Abas, filho de Hipotoonte e de Metanira, foi transformado num lagarto por Ceres por ter desprezado os sacrifícios da deusa. **21.5** Aléctrion adormeceu enquanto vigiava a aproximação do Sol enquanto Afrodite e Ares estavam juntos, evitando que o Sol denunciasse o adultério ao esposo da deusa. Ares puniu o desleixo transformando Aléctrion num galo. **21.7** A geneta, ou gineto (*vivera genetta*), é um animal parecido com o mangusto que come os ovos dos outros animais.

22.1 ‘Digitata’, de *digitatus, a, um*, que tem dedos dos pés, referência a um fissípede, no caso uma raposa. **22.2-4** Lélaps (ou Lélape) era o galgo que Prócris ofereceu a Céfalo. Ao perseguir uma raposa enviada por uma divindade irada, foi transformada em pedra juntamente com a raposa. Não é claro, no texto de Ovídio, que tenha sido Témis a realizar a metamorfose (Ovídio, *Metamorfoses*, VII, 662, 771, 792).

23.2 Hermíone, esposa de Cadmo, foi transformada em serpente juntamente com o seu esposo.

24.5 Dedálio, filho de Lucifer, a estrela da manhã, foi transformado por Apolo em falcão.

26.1 Antígona, filha do rei troiano Laomedonte, ao afirmar que o seu cabelo era mais bonito do que o de Hera, motivou a ira da deusa, que transformou o cabelo de Antígona em serpentes. A jovem foi mais tarde transformada em cegonha. Para os Gregos, as cegonhas alimentavam-se de serpentes. Não confundir com a filha de Édipo que deu nome a uma das mais célebres obras de Sófocles. **26.6** Colubrino, de *colubrinus, a, um*, o que tem as qualidades das serpentes. **26.8** Sobre Dédalo, ver *supra* VII.59.2-6.

27.1 ‘Pygras’ é uma alusão a uma fábula de Ovídio (*Metamorfoses*, VI.89-91). Pigas (Pygas), ou Gerana, foi transformada numa cegonha devido ao orgulho que tinha na sua beleza, dando origem a uma guerra sangrenta entre as cegonhas e os Pigmeus. **27.3** A Palamedes, herói do ciclo troiano que forçou Ulisses a participar na guerra e que foi injustamente condenado à morte por alegada traição, atribuía-se a descoberta de algumas letras do alfabeto grego e muitas outras invenções. **27.4** A cor da cegonha, cinerício, de *cineritius*, cinzento, cor de cinzas. **27.5** Valerius Maximus Corvinus foi um romano que venceu um gaulês gigante com o auxílio de um corvo que ia picando o adversário. **27.6** Esculápio era filho de Febo Apolo e da ninfa Coronis. Quando a ninfa se juntou a Ísquis, filho de Elato da Tessália, um corvo denunciou-os ao deus. Apolo matou Coronis e retirou Esculápio do ventre da mãe. As penas do corvo mudaram a sua cor para preto, para que ele estivesse de luto para sempre devido à morte de Coronis.

28.1 Combe, filha de Asopo, inventora do traje de armadura. Escapou de uma conspiração para a matarem transformando-se numa ave. **28.2** Cerambe era um pastor da Tessália que, durante o dilúvio de Deucalião e Pirra, foi transformado pelas ninfas em pássaro, ou, numa outra versão, foi levado pelos pássaros. **28.3** Astéria, filha de Ceus e irmã de Latona, foi atacada por Zeus sob a forma de uma águia depois de ter sido transformada numa codorniz. Himétio é um epíteto de Zeus (Hymethios). **28.4** Tereu (Tereus), rei da Trácia, seduziu Filomela, a irmã da sua esposa Procne, e foi transformado numa ave, talvez um falcão. **28.6** Pico (Picus), pai de Fauno e rei dos Latinos, amava Pomona e era, por sua vez, amado pela feiticeira Circe. Ao recusar o amor desta, acabou transformado num pica-pau. Ver *infra* XI.82.7. **28.7** ‘Troquaz’, de τροχᾶϊος, α, ov, arredondado.

29.5 Palatina é um epíteto da deusa frígia Cíbele.

30.4 ‘Ædes sacræ’, templos, moradas sagradas.

31.2-3 As Helíades, filhas do Sol e de Climena, foram transformadas em choupos ou salgueiros (cf. v. 5 ‘chorosas’). **31.5** Sobre Alcides, ver *supra* II.99.8 e IX.1.2; e ver *infra* XIII.7.1, XIII.34.1-2 e XIII.48.2; **31.7** Alísio (Alysius) é um epíteto de Zeus. ‘O legacam’, a legação, referência provável à planta alegre-campo (*Smilax aspera*).

34.2 Sobre Íficles, ver *supra* VIII.93.4. **34.4** Sobre Atalanta e Hipóme-

nes, ver *supra* I.7.6.

35.1 Sobre Acidália, ver *supra* 28.3. **35.3** ‘Dibuxos’, desenhos, espanholismo.

36.1 O Phison é o rio Indus. **36.2** Os geógrafos antigos acreditavam que a fonte do rio Indo era o Monte Dalanguer (‘de Languer’), na Tartária, e não o Tibete. **36.3-4** Rios que atravessam a Índia e desaguam no golfo de Bengala. **36.8** Os Gangarides era um povo da Índia que habitava a foz do Ganges.

37.1 ‘Rosagante’, roçagante, que se arrasta, espanholismo. **37.3** ‘Espinosos’, o m. q. espinhosos.

38.5 Sobre Proteu, ver *supra* II.55.1 e V.12.8. **38.8** O sal de Rochelle foi descoberto em 1675 e usado na preparação das cores e da prata dos espelhos. O porto francês esteve também ligado ao comércio de tecidos e à difusão de modas.

40.1 Narciso, filho de Cefiso, realizou a profecia de Tirésias de que viveria até ao momento de se ver a ele próprio. Ao olhar para a sua figura refletida na superfície de um lago, enamorou-se dela até à morte. Deu o nome a uma flor. **40.5** Perpétua é uma flor do mesmo nome.

41.4 Referência às plantas da espécie *Teucrium*, de Teucro, rei da Frígia, filho de Escamandro, fundou o culto de Cibele na sua terra. **41.5** Jacinto (*Hyacinthus*) era amado por Apolo e Zéfiro. O ciúme deste último fez com que o primeiro matasse inadvertidamente Jacinto. Para honrar a sua memória, Apolo criou do sangue dele uma flor com o seu nome.

42.4 Os ápices de uma planta são os seus extremos superiores.

45.2 A celeste Íris era a mensageira de Hera. A terrena íris pertence à família das Iriadaceæ. **45.3** Argólica é um epíteto de Hera. **45.6** ‘Taumancia’, de θαυμασίος, α, ον, maravilhoso. Jogo de palavras com o patronímico de Íris, Taumância (*Thaumantias*), e com o nome do pai de Íris, Taumas (*Thaumas*, *Thaumus*), filho de Poseidon e da Terra.

46.3 ‘Ambrieta’, ambreta, variedade de pera com aroma de âmbar.

49.3 Amaraco (Amaracus) era o jovem perfumador de Cinira (Cyniras), rei de Chipre. Ao morrer, foi transformado numa planta. **49.5** Sobre o filho de Latona, ver *supra* VIII.70.5. **49.8** ‘Alexiteria’, de τό ἀλέξιον ou ἀλεξητήριον, o que afasta a dor.

50.2 Sabea (Saba, Sabaei), terra da Rainha de Sabá, na Arabia Felix. **50.3** Alusão a uma localidade da Sicília, Hyblæi Colles, perto da fonte do Álabo e de Hybla Parva, famosa pelos seus campos de flores e pela produção de mel. **50.4** Sobre Leucótea, ver *supra* VIII.106.2. **50.7** Sobre Vertumno, ver *supra* 16.8 e *infra* 90.2. **50.8** Clóris (Chloris) é uma ninfa casada com Zéfiro, de quem recebeu o poder sobre todas as flores. Sobre Pomona, ver *supra* 16.8.

51.2 ‘Plumigeros’, de *plumiger, era, erum*, emplumado, que diz respeito a penas.

52.1 Sobre Filomena (Philomela), ver *supra* 28.4.

54.5 Damofon foi um escultor da Messénia, talvez posterior a Fídias. **54.6** Referência ao mármore da ilha de Paros, no Mar Egeu, famoso na Antiguidade. **54.7** Ópis é um epíteto de Ártemis. Contudo, Samuda parece referir-se aqui a Ops, um dos epítetos de Cíbele, como se verá pela estrofe seguinte.

55.3 Dâmia era um epíteto de Cíbele e de Rea (Rhea), esposa de Cronos.

56.6 Eufnanor foi um escultor e pintor do istmo de Corinto, mas que trabalhou em Atenas. O ponto alto do seu trabalho parece ter acontecido por altura da subida ao trono de Alexandre (336 a.C.). **56.7** Alcístena (Alcisthene) foi uma pintora mencionada por Plínio (*H.N.*, XXXV.10). Sobre Lala de Cízico, ver *supra* IV.3.2.

57.1 Meno, ou Ménon, é uma figura de identificação difícil. Para alguns escritores antigos, trata-se do governador da Síria, uma figura mítica do tempo de Zoroastes. Frei Bernardo de Brito descreve deste modo a paixão de Ménon por Semíramis: «ficou Menon tão lastimado, que offerecendo lhe el Rey Nino por molher a sua filha Solanes, a não quis aceitar, antes cego co a desesperação, se enforcou», *Monarchia Lusytana*, liv. I, cap. III, tít. II. Para outros escritores, trata-se da figura com quem casou Rea ou a filha desta do mesmo nome: «Rhea's daughter became the Sida of Cedrenus ... wedded Belus, Menon or Amenophis

Neptune's son», W. Williams, *Primitive History, From the Creation to Cadmus* (Chichester, 1789), p. 297. **57.8** As anaxirides, de ἀναξυρίδες, são as calças usadas por povos orientais.

58.1 ‘Papas’ é uma referência ao mais velho dos Sátiros (Σιλενοί), que tinha o título ritual de Pappasilenos. **58.5** Os Telquínios (Telchines, Galli) eram os sacerdotes de Cíbele. **58.6** ‘Pyrrhica’, de πυρρίχη, ης, a pírrica, dança da guerra.

59.1 Selene, deusa da Lua. **59.2** Os *Galli* eram os sacerdotes de Cíbele, um culto romano originário da Frígia. O sacerdote principal era chamado *Archigallus*. **59.3** ‘Dindymene’, de Dindymus, um monte sagrado dedicado a Cíbele, a Grande Deusa Mãe. **59.5** ‘Sipylene’, de *Sipylus, i*, o monte Sípilo, na Lídia, um dos nomes de Cíbele, Mãe dos Deuses, que é provavelmente de origem hitita. **59.7** ‘Occabo’, de ὄκκαβος, bracelete ou anel para braço.

60.8 Asporena é um epíteto de Rea derivado do monte Asporenus, perto de Pérgamo.

61.3 ‘Agyrtas’, de Ἀγύρτης, ου (de ἀγείρω, reunir, juntar) sacerdote mendicante de Cíbele. **61.7** Pilena (Pylena) é um epíteto de Cíbele.

62.3 ‘Menargytas’, gralha provável de ‘Metragirtas’, de μητρὸς ἀγυρτης, ου, sacerdotes de Cíbele (cf. *supra* 61.3 e *infra* 63.4). **62.4** ‘Taurobolio’, taurobólío, de *taurobolium, ii*, sacrifício de um touro em honra de Cíbele ou de outras divindades.

63.1 Fasiana (Phasiana Dea) é um epíteto de Cíbele ou Rea; ver *infra* X.92.8. **63.2** Átis era um pastor frígio amado por Cíbele, e que viria a ser sacerdote da deusa. ‘Criobolio’, de *criobolium, ii*, sacrifício de um carneiro. **63.7** ‘Taurobolino’, de *taurobolinus, a, um* (ou *tauroboliatus, a, um*), o que recebeu o taurobólío.

64.1 ‘Tellus’, de *tellus, uris*, terra, e *Tellus*, deusa da Terra. **64.5** ‘Chiton’, de χιτών, ὤνας, vestuário usado em contacto com a pele, túnica masculina. **64.6** ‘Mandyas’, de μανδύα (μανδύη), ou μανδύας, ου, palavra de provável origem persa que em grego significava capa ou casaco de lã. **64.8** ‘Láucias’, de *lautia, orum*, presentes de hospitalidade. ‘Cróbilos’, de *crobylos, i*, trança de cabelo.

65.1 As Opálias, de *Opalia, ium*, eram festas em honra da deusa Ops.

66.1 As Hilárias eram festividades romanas em honra de Cíbele.

67.1 Os Ludi Megalenses foram criados em honra de Cíbele quando a imagem da deusa chegou a Roma. **67.2** Címeris é um epíteto de Cíbele. **67.3** P. Scipius Nasica chefiou a embaixada do Senado romano que foi buscar a imagem de Cíbele a Pessino. **67.4** Pessino (Pesinus, Pessinus) era uma cidade da Galácia, na Frígia, onde existia um templo de Cíbele. A imagem da deusa desse templo foi transferida para Roma durante a Segunda Guerra Púnica. **67.7** Enteia (Enthea) é um epíteto de Cíbele. **67.8** A expressão é a seguinte: ‘púrpura megalense’.

68.2 Aparente alusão à Matronália, festa celebrada pelas mulheres; a referência em 68.7 de “que não chega a abril” reforça esta leitura porque a festa era celebrada no primeiro de março.

69.5 ‘Scythes’, a gadanha, é um símbolo de Cronos. Samuda parece ter recorrido à grafia inglesa, numa época em que se acreditava que a palavra derivava do latim *scindo, ere*, cortar, e se desconhecia que deriva de facto do inglês antigo.

70.5 Asclepiodoro foi um pintor ateniense, contemporâneo de Apeles. **70.8** Árdices de Corinto foi, segundo Plínio o primeiro artista a pintar monogramas. Perifanto de Corinto era considerado o primeiro pintor a usar a cor.

71.4 Alusão ao casal primordial de Genus e Genea, nascidos de Protogonus e Æon, segundo as teorias de Sanconíaton. **71.6** Pentetério, de *penteteris, idis*, espaço de cinco anos. **71.8** Eniantos é uma imagem do ano completo, geralmente sob a forma de um velho decrépito.

72.2 Consentes, de *consentes, ium*, são doze divindades tutelares.

73.1 Sobre Itónia, ver *supra* 16.6. **73.2** Hele (Helles), filha de Atamas, rei de Tebas caiu ao mar no estreito entre a Europa e a Ásia, dando o seu nome ao local (Helesponto). **73.3** Jogo de palavras entre Tauromorphus, semelhante a um touro, epíteto de Zeus e de Dioniso, e ‘Tauro Morfo’, Morfo, epíteto de Afrodite, na constelação do Touro. **73.7** Leucádio é um epíteto de Apolo.

74.2 Pigmaleão, filho de Belo, rei de Tiro, e irmão de Dido, matou o primeiro marido da sua irmã. Iarbas, filho de Júpiter, foi rei da Getúlia e amante de Dido. Bato (Battus), rei de Cirene, foi protetor por algum tempo de Dido e da

sua irmã Ana Perena. **74.4** Numício (Numicius) é um ribeiro do Lácio, perto do Tibre e do local onde Eneias desembarcou.

75.2 Os idos de março, data do assassinato de César, foram chamados Dia do Parricídio. Essa data coincidia com as festas de Ana Perena (Anna Perenna), uma divindade local associada posteriormente pelos poetas à irmã de Dido. P. Cornelius Dolabella terá proposto que o aniversário de Roma passasse para os idos de março.

76.1 Pales, deusa dos rebanhos, era uma divindade rural romana.

77.2 As Palídias (Palilia, Parilia), de *Palilia* (ou *Parilia*), *ium* ou *iorum*, eram festas em honra da deusa Pales que eram celebradas a 21 de abril. **77.7** ‘Perones’, de *pero, onis*, meia bota. **77.8** ‘Birros’, de *birrus, i*, tipo de capote.

78.2 ‘Pilento’, de *pilentum, i*, carro de origem gaulesa, viatura para as damas romanas. **78.6** ‘Fordicidas’, de *fordicidium, ii*, festividade romana em que se imolava uma vaca, celebrada a 15 de abril.

80.1 ‘Rubigo’, de *Robigo, inis*, e *Robigus, i*, divindade que se invocava para proteger os cereais da ferrugem ou míldio (*robigo, inis*). **80.5** As Robigálias (*Robigalia, ium*) eram festas em honra de Robigo ou Rubigus.

81.2 Sobre Flora, ver *supra* 12.4.

82.1 As Florálias (*Floralia, ium* ou *iorum*) eram festas em honra de Flora, nas quais reinava uma grande licenciosidade. **82.7** Catão, o Jovem, afastou-se durante a celebração das Florálias (de 55 a.C.) para que a sua modéstia não limitasse os comportamentos dos celebrantes.

83.4 As Majumas (de *majuma, æ*) eram as festas do mês de maio. **83.6** O cargo de censor foi criado por Sêrvio Túlio, sexto rei de Roma, e tinha como uma das suas atribuições a vigilância da moralidade pública. Nesta referência parece haver igualmente um jogo de palavras. Referindo-se anteriormente a Catão, o Jovem, o Doutor Samuda insinua agora o seu ilustre antepassado, Catão, o Censor.

84.5-8 Sobre Erígone, Icário e Mera, ver *supra* 19.7.

85.2 As Lucárias (de *Lucaria, ium*) eram as festas dos bosques sagrados. **85.4** ‘Allia’, de *Allia, æ*, rio dos Sabinos onde os Romanos foram vencidos pelos Gauleses.

86.3 Furina era uma deusa pouco conhecida, que Cícero aproximou das *Furie*. **86.7** As Furinárias (de *Furinalia, ium*) eram as festas em honra de Furina.

87.1, 3, 5 referência a constelações do zodíaco. **87.1** Sobre Junonígena, ver *supra* IV.99.2. **87.3** Bicrota era um dos sobrenomes de Marte que aparece em alguns monumentos. **87.5** Jana era a Lua, deusa das passagens, filha de Janus.

88.1 As Fontinárias ou Fontanárias (de *Fontanalia, ium*) era a festa em honra das fontes. **88.3** Sobre a toga pretexta, ver *supra* VII.82.7. **88.5** A bula etrusca é um medalhão de forma circular que se utilizava ao pescoço.

89.2 O termo ‘Medritinalias’ é uma gralha. A forma correta deriva de *Meditrinalia, ium*, Meditrinárias, festas em honra de Meditrina, deusa que presidia às curas.

90.2 ‘Vertumales’ é uma gralha; a forma correta deriva de *Vertumnalia, ium*, festa em honra de Vertumno, divindade que presidia à mudança das estações.

91.1 O Armilústrio (de *armilustrium, ii*) era a purificação do exército. **91.2** ‘Campo Marcio’, de Campus Martius, zona de Roma entre as colinas do Quirinal e do Capitolino. **91.8** Sobre o lítuo, ver *supra* VII.79.6.

92.1, 3, 5 Referência às constelações zodiacais. **92.1** Sobre Vesta, ver *supra* 17.6. **92.3** Prodrómia, era um dos epítetos de Hera, com o significado de Pioneira. **92.5** ‘Pisces’, constelação e signo zodiacal de *Piscis*, Peixes.

93.1 Numa Pompílio foi o segundo rei de Roma. **93.2** ‘Agonaes’, de *Agonalia, ium* e *iorum*, festas em honra de Jano. **93.5** Sobre Bato, ver *supra* 74.2. **93.6** Espártaco foi um gladiador que iniciou uma guerra contra Roma.

94.1, 4 Eano, de *Eanus, i*, deus Jano; Eanos, sacerdotes do deus. **94.2** Sobre Idália, ver *supra* I.11.8. **94.5** ‘Janes’, deus Jano.

95.2 ‘Ageronalias’, gralha provável, de *Angeronalia, ium*, festas em honra

da deusa Angerona. **95.3** Angerona, de *Angerona* (ou *Angeronia*), *æ*, deusa romana que protegia da dor, do remorso e da angina, celebrada a 21 de dezembro, em sacrifícios realizados no templo de Volúpia, a deusa do prazer (95.6). **95.5** ‘Cynanches’, de *cynanche*, *es*, tipo de angina em que os animais ficam com a língua de fora.

96.3 ‘Acca Laurentia’, ou *Acca Larentia* (*Larentina*), loba que alimentou Rómulo e Remo. **96.4** As Larentálias (ou Laurentálias), de *Larentalia*, *ium*, eram festas em honra de Acca Larentia.

97.1 ‘Velabro, de *Velabrum*, *i*, quarteirão de Roma onde existia um mercado de comestíveis. **97.3** Os Irmãos dos Campos, *arvales frates*, eram os sacerdotes de Ceres.

98.1 Sobre as Larentálias, ver *supra* 96.4. **98.2** Fáustulo, de *Faustulus*, *i*, pastor que educou Rómulo e Remo. **98.3** As Quirinálias, de *Quirinalia*, *ium*, eram festas em honra de Rómulo (*Quirinus*, nome de Rómulo depois da sua morte). **98.5** As Fornacálias, de *Fornacalia*, *ium* ou *iorum*, eram festas em honra de Fornax, deusa dos fornos. **98.8** ‘Ador’, de *ador*, *oris*, frumento ou trigo candial. ‘Adorea’, de *adoreia* (*adoria*), *æ*, recompensa em trigo dada aos militares donde derivou o sentido de glória militar.

99.1 O Regifúgio, de *regifugium*, *ii*, era uma festa em memória da expulsão dos reis de Roma. **99.6** Lucius Junius Brutus foi, com Collatinus, um dos primeiros côsules da República Romana. Acredita-se que foi antepassado de Marcus Brutus, que conspirou contra César. Lucius Tarquinius Collatinus (VI a. C.) foi um dos quatro líderes que acabaram com a monarquia romana. Ver *infra* X.82.1-2.

100.1 As Terminálias, de *Terminalia*, *ium* ou *iorum*, eram festas em honra de Termo (100.7, Término), deus que presidia aos limites. **100.5** A Tarpeia, do nome do monte *Tarpeius*, era a rocha da qual se lançavam os criminosos. Ver *supra* V.35.8 e VI.92.6.

101.3 A toga picta era debruada e usada pelos triunfadores. **101.4** Sobre a trábea, ver *supra* VII.79.7. **101.7** A ócrea, de *ocrea*, *æ*, era a greva ou cnémide que protegia a perna do joelho para baixo. **101.8** Umbo é uma prega saliente da toga ou a própria toga. Sobre uma aceção diferente de umbo, ver *supra* VI.74.6.

102.2 A Februas, de *februa, orum*, era a festa de purificação (*februum*) em fevereiro. **102.8** Progne, ou Procne, era a filha de Pandíon que foi transformada em andorinha.

103.2 As crótalas, de *crotalum, i*, eram crótalos ou castanholas. Os scabilla, de *scabillum* (ou *scabellum, scabillum, i*) eram instrumentos musicais que se colocavam nos pés de tal modo que vibrasse uma lâmina. **103.3** Sobre Idália, ver *supra* I.11.8. **103.8** Caprotina era um epíteto de Juno.

105.2 ‘Stellaz’, gralha provável, de *stella, ae*, estrela figurada sobre uma veste.

106.1 Hemera, de ἡμέρα, era a personificação do dia. **106.2** ‘Hyperionios’, de Ὑπερίων, filho de Hiperíon, i.e. Hélio, o Sol. **106.3** ‘Othros’ é uma referência enigmática. Samuda não parece estar a referir-se a Ortro, o cão de Gé-rion que Hércules matou (ver *infra* XIII.31.8). No caso de se tratar de uma gralha, parece que a grafia correta é a que deriva do grego ὄπιος, ου, pássaro da noite, bufo, coruja cornuda ou orelhuda. Neste caso, a grafia correta seria ‘Otos’. A estância parece confirmar esta leitura: no dia ainda a nascer, menino, o pássaro da noite é dono do véu que desaparece, i.e. da noite. **106.5** ‘Mesembria’, de *mesembrinos, e, ou*, meridiano. ‘Amphiscia’, de *amphiscii, orum*, que tem a sombra dos dois lados (como os habitantes do Equador). **106.7** ‘Hespero’, de *Hesperus, i*, estrela da tarde.

107.2 ‘Murzellos’ são cavalos mouros ou mauritanos; etimologia duvidosa.

108.1 As Crónias eram as festas em honra de Cronos em Atenas (τὰ Κρόνια); as festas de Saturno em Roma eram as *Cronia, orum* (Κρονιάς, ἄδος). **108.2** O Hekatombæon (Ἑκατομβαιών) era o primeiro mês do ano no calendário ático, o mês em que aconteciam as festas em honra de Cronos, ao 12º dia. Corresponde à segunda metade de julho e à primeira metade de agosto. Manteve-se a grafia de **T**. **108.3** Cicadas, de *cicada, ae*, são as cigarras. **108.4** ‘Bugles’ eram adornos do cabelo feitos em chifre de boi (de *buculus, i*, boi jovem). **108.5** Sobre as perones, ver *supra* 77.7. **108.6** ‘Chlamys’, clâmide, manto grego de uso militar. O termo já existe em português desde 1635, mas Samuda transpõe diretamente do grego χλαμύς, ύδος e do latim *chlamys, ydis*. **108.7** ‘Brachionistés’, de βραχιονιστήρ, ἦρος, bracelete. Samuda acentua a primeira sílaba e substitui o ‘ρ’ pelo ‘s’.

109.2 ‘Thoas’, Toas, rei da Táurica, onde Ifigénia era sacerdotisa de Árte-

mis (Diana). Toas terá morrido ao perseguir Ifigénia que auxiliava os seus irmãos Orestes e Píladas. **109.6** ‘Rhodas’ é a ilha de Rodos.

110.3 As Pelórias (τὰ πελωριάς) eram um festival de colheitas celebrado em honra de Zeus na Tessália. **110.4** ‘Gerestion’, mês do calendário espartano (Γεράστιος); em Trezena, a grafia era ligeiramente diferente (Γεράστιος). Corresponde à segunda metade de março e primeira de abril. ‘Troezena’, cidade da Argólide. **110.5-6** Referência enigmática. Com ‘Lous’, Samuda parece estar a referir-se ao mês Λῶος, do calendário da Macedónia, equivalente ao Hekatom-bæon ateniense. A confirmar-se esta leitura, ‘Babilónia’ seria um erro de simpatia, e a palavra correta seria ‘Macedónia’, igualmente acertada para o lugar. A palavra ‘Saceanas’ é igualmente problemática; pode ter a origem na palavra σακάδιον, um tipo de instrumento musical, ou na palavra latina *sacena*, *æ*, um machado utilizado ritualmente. O significado de ‘Coos’ é mais certo: Cós, uma ilha do Egeu. **110.7** Sobre as Saturnais, ver *supra* VIII.51.5.

111.1 Sobre a trábea (‘trabeia’), ver *supra* VII.79.7 e IX.101.4. Samuda faz a rima pelo som e não pela grafia (trabeia/glorea/cea). **111.4** Sobre o píleo, ver *supra* VII.95.8.

113.2 ‘Estiea’, ‘Ἔστία, Héstia (em Roma, Vesta), a deusa do lar doméstico. A transliteração do grego não parece correta porque o espírito rude exige a letra ‘H’. As estâncias que se seguem, contudo, mostram a continuação da referência a Héstia.

114.1 ‘Estieas’, de ἑστίαισις, εἰως, refeição, festim. **114.4** ‘Podreres’, lapso na grafia original, de *poderes*, *ris* (ποδήρης), paramentos sacerdotais. Talvez a grafia tenha sido deliberada, evitando-se a semelhança com a palavra portuguesa ‘poderes’. **114.5** ‘Efestrides’, de ἑφεστρίς, ἴδος, manto de filósofo, de senador ou capa de soldado. **114.7** ‘Psellions’, de ψέλιον, ου, anéis de ornamento dos braços.

115.1 ‘Vestalias’, de *Vestalia*, *ium*, Vestálias, festas em honra de Vesta. **115.5** ‘Amiculos’, de *amiculum*, *i*, manto. **115.6** ‘Othonas’, de ὀθόνη, ης, véu fino utilizado na roupa feminina. **115.7** ‘Cecryphalo’, de κεκρύφαλος, ου, lenço de cabeça.

116.1 ‘Ley Clodia’, criada pelo tribuno P. Clodius, afastou o sacerdote de Cíbele do seu posto e conferiu-o a Brotígaro, de ascendência grega.

117.1 Sobre os arquigalos, ver *supra* 59.2. **117.4** A pátera, de *patera*, *e*, era uma taça usada nos sacrifícios. **117.6** ‘Pessinúncio’, adjetivo já dicionarizado, de Pessinunte, na Galácia, onde existia um importante templo de Cíbele.

118.2 Referência a Saturno (Cronos); sobre Aberides, ver *supra* VIII.84.1 e *infra* XIII.66.1.

119.3 ‘Aquaminario’, de *arquiminarium*, *i* (ou *aquiminale*, *is*), bacia para lavar as mãos. **119.4** ‘Lustrica’, de *lustricus*, *a*, *um*, lustral, que purifica. **119.7** ‘Tribonos’, de *τρίβωνος*, altar triangular ou triplo.

122.5 ‘Epilenio’, de *ἐπιλήνιος*, *ον*, a prensa do vinho, o local onde se esmagam as uvas ou o melhor vinho (*vintage*).

123.3 Alusão a um dos atributos da deusa Rea. O conceito de fecundidade só seria divinizado tardiamente, em 63 d.C., com a construção de um templo consagrado a Fecunditas (Tácito, *Anais*, XV.23).

126.1 ‘Thasiano’, epíteto de Hércules devido ao santuário que tinha na ilha de Taso (Tasos, Thasos), no mar Egeu. **126.2** Ausónia, tal como Satúrnica, era um dos nomes antigos da Itália pré-romana; cf. *supra* II.48.4. **126.5** A 15 de maio de cada ano, o *Pontifex Maximus*, acompanhado pelo *Prætor*, pelas *Flaminica Dialis* e pelas Vestais, ia até à *Pons Sublicius*. As Vestais lançavam espantalhos de palha com forma humana ao rio Tibre. Lactâncio atribui a Hércules a abolição dos sacrifícios humanos e a sua substituição por homens de palha.

129.1 ‘Em tempo’ é gralha; melhor lição parece ser ‘em templo’, tendo em atenção o paralelo que a estância faz entre o templo fechado e uma casa particular. Sobre Vesta, ver *supra* 17.6, 92.1, 112.1, 117.8, 120.1 e 128.2. **129.5** Sobre Estiea (Héstia, Vesta), ver *supra* 113.2. Os Lares eram deuses romanos de origem etrusca que velavam pelos recintos domésticos. Ver *supra* III.38.5 e *infra* XIII.84.2.

130.2 ‘Berencítia’, epíteto de Cíbele devido ao monte *Berencyntus*, da Frígia, que era consagrado à deusa.

CANTO X

1.8 O verso ‘Noiva com Pays Pegaso, e Drago’ é enigmático. Samuda parece estar a referir-se a constelações visíveis durante toda a noite (‘Das que Oceano embarga entrar seu lago’, v. 7). Perseu é visível do final do verão ao outono; Pégaso de agosto a dezembro; e Dragão todo o ano. Andrómeda, noiva e esposa de Perseu, é visível de agosto a janeiro. Aceitando em **T** a hipótese de uma gralha, reiterada em **Ny**, ‘Pays’ poderia ser ‘Lyra’; neste caso, ‘Noiva com Lyra’ refere-se à constelação da Harpa (Lyra), visível de junho a outubro, e a noiva em questão será Eurídice, noiva de Orfeu, o tocador de harpa. A confirmar-se esta hipótese, o verso deveria grafar-se ‘Perseu, Noiva com Lira, Pégaso e Drago’. Outra hipótese, talvez a mais provável, é a de a noiva ser Andrómeda (filha de Cefeu e de Cassiopeia), e os pais serem as constelações de Cefeu (Cepheus, rei da Etiópia) e de Cassiopeia (esposa de Cefeu).

3.5 ‘Ficta’, de *fictu*, *a*, *um*, fingido.

8.6 Caronte, filho de Érebo e da Noite, era o barqueiro do Além que transportava as almas sobre as águas do Aqueronte.

20.2 Hipona (Hippona, Epone) era uma divindade com especial cuidado pelos cavalos; ver *infra* XI.51.3. **20.3** Sobre Átis, ver *supra* IX.63.2 e IX.117.6. **20.4** ‘Enthea’, de *entheus*, *a*, *um*, inspirado por uma divindade, e de *Enthea Mater*, Cíbele, a deusa que inspira.

21.6 ‘Lethes’, Lete (Letes), o rio do Inferno.

30.5 O género feminino de tigre pode surpreender (tal como em 30.8 e 31.8). A palavra *tigris*, *is* e *idis*, tinha na Antiguidade o género masculino em prosa e o feminino em poesia. Samuda, conhecedor extraordinário dos autores clássicos, não passou por alto este interessante pormenor linguístico.

37.1 Sobre Noto, ver *supra* VIII.89.4. **37.7** Sobre Selene, ver *supra* IX.59.1.

38.5 ‘Asterismos’, de ἄσπερισμός, *ou*, constelações representadas sobre

uma esfera, joia com a forma de estrela. **38.6** ‘Procyona’ refere-se a Prócion (Procyon), uma estrela dupla da constelação de Canis Minor. O significado do seu nome grego (‘antes do Cão’) está associado a Mera, o cão de Erígone; ver *supra* IX.19.7. Astrea, deusa da Justiça, é a constelação zodiacal da Virgem. **38.7** Sobre Ericina, ver *supra*, IV.10.1.

42.4 Cíntia era tradicionalmente um dos nomes de Diana (Ártemis) devido ao culto que lhe era prestado no monte Cynthus; ver *supra* IV.101.7.

44.2 ‘Nemorensis Dea’, de *Nemorensis*, e, bosque sagrado de Arícia dedicado a Diana. **44.3** Sobre ‘Cyndias’, cf. *supra* 42.4 ‘Cynthia’. **44.4** ‘Recea’, receia, devido à rima Dea / recea / Cytharea. **44.5** Sobre a ninfa Melissa, ver *supra* VII.24.7.

48.6 ‘Lágem’, o m. q. ‘laja, lage, laje, lájea, lajem’. José Pedro Machado confessa a sua perplexidade a respeito da etimologia do termo, *Dic. Etim. Lín. Port.* III (Lisboa, Horizonte, 1989^s), pp. 375-376.

51.5 ‘Boya tardo á capa’ é uma expressão de marinharia. Capa significa «estar o Navio parado, ou fazer muito pouco caminho pela linha mais próxima do Vento», Mauricio da Costa Campos, *Vocabulario Marujo* (Rio de Janeiro, na Officina de Silva Porto, 1823), p. 31. Presumindo uma gralha em **T**, ‘boia bordo à capa’ significaria que o navio (bordo) não se move. **51.7** ‘Cinnio’ é um epíteto de Apolo, adequado a esta passagem: o piloto aguarda a luz (v. 3) para passar pelo porto que não conhece. (Uma outra interpretação não se adequa à passagem. O termo ‘cínio’ talvez derive de *cano*, *cecini*, *cantum*, *canere*, cantar. Samuda formaria por via erudita o termo ‘cínio’, já presente, aliás, em português como pospositivo, por exemplo, em ‘vaticínio’. Parece significar o destino ominoso que se prevê. Neste caso, não se compreenderia que o piloto, apercebendo-se do seu destino perigoso na passagem do porto, soltasse todo o pano.) Os traquetes, do francês *triquet*, são os mastros principais de um navio; num navio de três mastros, é o mastro da proa. Costa Campos define deste modo traquete: «He a Vela, que se une a verga deste nome», p. 102.

52.1 ‘Cássio’, de Κάσιος, era um dos títulos rituais de Zeus no Epiro, na Sicília e na Síria. Nesta estância, representa Apolo.

58.5 Atualizou-se a grafia porque a rima não sofre alteração fonética:

esperança/lança/cansa.

59.1 Febo é um dos nomes de Apolo, aqui na sua função de deus do Sol, ocupando o papel de Hélios.

60.4 ‘Hydra’, de “Υδρας, serpente aquática.

61.1 Sobre o género de tigre, ver *supra* 30.5.

62.1 ‘Segestana’, de Segesta, cidade na Sicília. Referência a Diana, devido ao culto que nessa cidade lhe era prestado.

71.1 ‘Laphria’, referência a Diana adorada em Patras.

73.1 ‘Scyllas’, de *Scylla*, *a*, monstro marinho do mar da Sicília. A grafia atual é a de ‘Cila’; porém, o verso alude ao plural, ‘Cilas’. **73.5** As Sirtes eram dois perigosos baixios na costa da Líbia. **73.7** ‘Carybdes’, Caríbdis, monstro com a forma de turbilhão no mar da Sicília.

74.3 Esclarece o *Vocabulário Marujo* que escotas «são huns Cabos, que se amarrão nos punhos inferiores das Velas: servem para ellas ficarem bem estendidas, e apresentarem ao vento toda a sua superfície depois de largadas», p. 50.

74.7 ‘Favonio’, o vento de Oeste.

80.7-8 Sagunto era uma cidade da Ibéria que foi conquistada por Aníbal depois de um cerco de oito meses. Altea (Althea), a principal cidade dos Ólcades, foi completamente subjugada por Aníbal. A primeira batalha de Cápua aconteceu em 212 a.C. Aníbal enfrentou aí dois exércitos romanos comandados por Quintus Fulvius Flaccus e por Appius Claudius Pulcher. Os Romanos foram derrotados mas conseguiram escapar.

81.1 Alusão a uma célebre história narrada por Heródoto. Candaules, rei da Lídia, apaixonado pela beleza da sua mulher, com orgulho mostrou-a nua a Giges. A mulher, descobrindo o ardil, fez com que Giges assassinasse o marido, passando a ser rei. **81.3-4** Leandro era amante de Hero, sacerdotisa de Afrodite. Atravessava a nado todas as noites o estreito de Helesponto, guiado por uma chama que Hero acendia no alto de uma torre. Uma noite de tempestade apagou a chama, e Leandro morreu afogado por não conseguir encontrar a costa no meio

da escuridão. **81.5-8** Pirísoo foi o primeiro nome de Aquiles. A filha de Crises (Chryses) é Astínome (Chryseis, Briseis, Briseida), jovem que esteve na origem da disputa entre Aquiles e Agamémnon. Deidamia, filha de Licomedes, juntou-se a Aquiles e ambos tiveram Pirro. Polixena, filha de Príamo, foi imolada sobre o túmulo de Aquiles por Pirro.

82.1-2 ‘Cassino’ é gralha. Appius Claudius Crassinus (ou Crassus) foi eleito cônsul em 451 a.C. Com desejo por Virgínia, filha de Virgínius, elaborou um esquema pérfido que passava pela escravatura da jovem. O pai acabou por ter de matar a filha, para salvar a sua honra, e Crassino matou-se ou foi condenado à morte. **82.3** Sextus Tarquinius violou Lucretia, esposa de Colatino, o que fez com que ela se matasse e que acabasse a monarquia romana. Ver *supra* IX.99.6. **82.5** Tiburtino é um epíteto de Hércules. Ônfale e Dejanira foram esposas de Hércules.

85.4 Amaríntia era um dos nomes de Diana devido ao culto que lhe era prestado em Amarinto.

87.2-7 Cães de Ácteon. **87.8** ‘Antoneo’ é uma alusão a Ácteon, filho de Aristeu e de Autónoe, que surpreendeu Ártemis a banhar-se numa fonte do vale Gargáfio. A deusa transformou-o em veado, ou cobriu-o com uma pele de veado, o que fez com que os seus próprios cães o despedaçassem.

88.3 Omelímpto era um dos cães que ia à caça com Diana.

89.1-4 Meleagro, filho de Eneu e de Alteia, juntamente com Teseu e Atalanta, capturou o javali de Cálidon. Os três irmãos de Alteia ficaram com a pele do javali que Meleagro tinha dado a Atalanta. Os três acabaram por morrer. Irada, Alteia determinou a morte do próprio filho.

90.1 Upis (Ópis) é um epíteto de Ártemis em Éfeso. **90.2-6** Ninfas que acompanham Ártemis. **90.7** Oréades são ninfas dos montes que acompanham Ártemis. **90.8** Priapina é um epíteto de Ártemis.

92.8 ‘Phasiana’, de Fásis, rio da Cólquida na foz do qual se situava a cidade com o mesmo nome e o templo de Φασιανή Ἄρτεμις, Ártemis de Fásis (Zósimo, I, 32, 3). Ver *supra* IX.63.1.

94.1 Célio é um epíteto de Júpiter (Iupiter Cælius).

95.3 'Ædicula', de *ædiculum, i* (ou *ædicula*), capela, nicho.

96.5 'Petaso', de *petasus, i*, chapéu de Hermes (Mercúrio), com grandes abas, usado também pelas gentes do campo. Samuda parece associar duas aceções da palavra: como chapéu de Hermes (v. 2) e cúpula de edifício (v. 7). **96.6** Na margem direita de **T** aparece a indicação 'Nota'; porém, não há mais nenhuma observação.

97.1 O simbolismo do número quatro associado a Hermes deriva da crença de ele ser o inventor das quatro artes da literatura, da música, do discurso e da geometria.

98.1 'Pherentas' é um adjetivo aportuguesado a partir do participípio presente latino do verbo *fero, fers, ferre, tuli, latum* (proveniente do verbo grego φέρω, donde deriva a grafia de Samuda), com o sentido de exhibir ou reproduzir: as lâminas que exibem. **98.2** Argeifonte (Argeiphonte, Argiphontes) é um epíteto de Hermes.

99.2 As Hermeas eram festivais em honra de Hermes. **99.5** Crióforo é um epíteto de Hermes.

100.1 Aerea (Æria, Aria) é um epíteto de Juno. Nas festas de Juno Caprotina, a 7 de julho, as escravas podiam vestir as roupas das suas senhoras. Nas Matronálias de 1 de março, as senhoras serviam as suas escravas. Aerea é também um epíteto de Diana. No *dies natalis*, a 13 de agosto, acontecia igualmente um feriado de escravos no Templo de Diana, no Aventino. **100.5** O escritor de fábulas Esopo terá sido inicialmente um escravo, e só mais tarde um liberto que alcançou a fama.

101.1 Acreditou-se no passado que aconteciam em Roma festas equivalentes às Hermeias gregas, as Mercuriales, ou Mercatórias; não existe base histórica para apoiar essa crença.

102.1 Nómio é um epíteto de Apolo e de Pã (Pan Nomios). Pã Nómio era filho de Hermes, razão para a designação. **102.2** Bato, filho de Neleu e servo de Admeto, apanhou Mercúrio a roubar o gado à guarda de Apolo. Subornado

pelo deus, acabou transformado em pedra de toque porque o deus pôs à prova a sua fidelidade, sem sucesso. **102.5** Idálio é um epíteto de Cupido; cf. *supra* ‘rapaz Idálio’, VI.20.3. Hermes conseguiu os favores de Afrodite através de um ardil; com o auxílio de uma águia de Zeus, roubou-lhe uma sandália enquanto a deusa se banhava.

103.1 Fitálmio, um dos epítetos de Neptuno. **103.2** Britóvio era originalmente uma divindade celta; mais tarde foi identificado a Marte (*Mars Britonius*). **103.5** ‘Horomesdes’, referência enigmática devido à grafia. É provável que Samuda se esteja a referir a Oromasdes, o deus supremo dos Persas e pai de Zaratustra: Ὠρομάσδης ou Ὠρομάζης. Aparecem muitas referências a esta figura em Plutarco (*Alex.* 30, *Artax.* 29, *Is.Os.* 46-7, etc.). É precisamente uma citação de Plutarco que consta do opúsculo anónimo *Respuesta al Sermon predicado por el Arçobispo de Cangranor en el Auto de fe celebrado en Lisboa en 6 Setiembre, anno 1705, por el Autor de las Noticias Reconditas de la Inquisición, obra postuma, impresso en Villa-Franca, por Carlos Vero*: «Plutarco en el tratado de Isis y Osiris nos asegura “que los Magos llamavan Oromazes al grande Dios”» (p. 93). Existem duas boas razões para Samuda ter lido estas palavras. A primeira é a possibilidade forte de o autor do opúsculo ser David Nieto. A segunda tem a ver com o auto de fé em questão, pois foi nele que esteve a mãe de Samuda. Em Platão, contudo, o nome é grafado com espírito rude, o que explicaria a utilização da letra ‘H’ por Samuda (Ζωροάστρου τοῦ Ὠρομάζου, *I Alcib.*, 122a). Zeus Oromasdes foi adorado no reino arménio de Comagene durante a época helenística.

105.2 Panoptos é um epíteto de Argos, filho de Aristor. Tendo cem olhos, cinquenta dos quais sempre abertos, foi encarregado por Hera de vigiar Io, uma apaixonada de Zeus. Este, contrariado com a vigilância, pediu a Hermes que matasse Argos. Depois da morte de Argos, Hera transformou-o em pavão, com os seus muitos olhos espalhados pela cauda. **105.5-6** Aglauro e Herse eram filhas de Cérops, rei de Atenas. Atena encarregou-as de cuidar de Ericciónio. Hermes, amando Herse, pediu o auxílio de Aglauro. Esta concordou com a contrapartida de receber ouro. Ofendida com esta resposta, Atena ordenou que Aglauro fosse atormentada durante a sua vida pela Inveja, e depois transformada em pedra.

106.1 Alcidâmia (Ctesila), filha de Alcidamante, foi transformada em pomba. **106.2** Acacálide era filha de Minos, e foi amada por Hermes e Apolo. **106.3** Filodâmia era uma das filhas de Dánao e uma apaixonada de Hermes. **106.4** Cleobula teve com Hermes o filho Mírtilo. Ocírroe era uma das ninfas

Náiades, amada por Hermes. Issa, filha de Macareu, era uma jovem de Lesbos amada por Hermes. Eriteia era uma princesa ibérica amada por Hermes. **106.5** ‘Aladonia’, Ladónia, i.e. filha de Ládón, era uma ninfa (Telpusa) de quem Hermes teve Evandro. **106.6** Rionófila (Rihonophyla), ou Ctonófile (Chthonophyle), teve com Hermes o rei de Sícion, Pólipo. **106.7** Daíra era uma deusa do mundo inferior que deu a Hermes o filho Êleusis (ou Eleusina). **106.8** Hiéria deu a Hermes um Gigante.

107.4 Harpedóforo é um epíteto de Hermes.

109.6 Ctónio é um epíteto de Hermes (Hermes Chthonius).

110.7 Ctaro é um epíteto de Hermes.

CANTO XI

1.2 Alexíacos (Ἀλεξίκακος), o que afasta a doença ou o infortúnio, era um epíteto comum a Hércules, Hermes e Zeus. No contexto, refere-se ao dia e ao sol, no sentido em que afastam os males da noite. **1.6** Urânia é um epíteto de Afrodite.

3.8 Citareia é um epíteto de Afrodite.

4.5 Sobre Faetonte, ver *supra* V.5.2, VIII.95.6 e IX.1.1.

5.1 Epitrágia era um epíteto de Afrodite por ter transformado uma cabra em bode.

6.2 ‘Machina Boyleana’, referência aos pulmões devido às experiências de Robert Boyle com o oxigénio.

12.1 O Padre Raphael Bluteau dá a seguinte definição de ‘tresbordar’: «passar o liquido para fóra das bordas do vaso onde está v.g. “o rio tresborda as margens”», *Vocabulario portuguez & latino...*, II, p. 489. **12.6** O Xarrama é um

pequeno rio da zona de Évora, afluente do rio Sado.

13.2 ‘Circes’, Circe, deusa dedicada à feitiçaria com quem Ulisses se encontra no regresso da guerra de Troia. **13.4** Não se atualizou a grafia de ‘requer’ para manter a concordância da rima. **13.5-6** Nomes de ventos. O Euro é o vento do Oriente. O Favónio, o mesmo que o Zéfiro, é a brisa do Ocidente. Sobre o Noto, ou Austro, ver *supra* VIII.89.4 e 104.5. Septentrio, ou Septentrião, é o vento do Norte.

14.8 O seno direito era conhecido na Antiguidade como *sinus rectus*; o virado, como *sinus versus*, seno reverso ou seno virado de lado.

16.8 Sobre o Averno, ver *supra* V.5.1.

17.6 Sisuras (Sizuras), m.q. cesuras, do latim *caesura, ae*, corte, cortar. Não se trata de uma adaptação do grego σισύρα, ας, peliça, agasalho de pele. Samuda não está a comparar os desenhos geométricos feitos com farinha amasada sobre as pedras a um casaco que cobre a superfície das pedras. Diferentemente, está a referir-se aos pontos de interseção das linhas da circunferência com a base. **17.7** Vértex, de *vertex, icis*, o ponto mais alto, o cimo.

20.1 Hécate era uma divindade que presidia às práticas mágicas e à feitiçaria. **20.2** O Flegetonte era um dos rios do Inferno. **20.3** Sobre Hidra, ver *supra* II.81.3. **20.4** O Aqueronte era um dos rios do Inferno. **20.5** ‘Megera’, de *Megara, ae*, uma das Fúrias.

22.1 O óleo de vitríolo era o éter. **22.7** Calcanto é o negro de sapateiro. Tártaro é um ácido vegetal que é depositado em líquidos que sofreram um processo de fermentação.

26.6 ‘Ilithyia’, de *Ilithyia, ae*, Diana ou nome grego para Lucina, a deusa romana dos partos. Palavra ligeiramente rasurada em T. A ‘metallina planta’ é uma hipotética referência à *Arbor Martis*, feita a partir de uma solução nitrosa de ferro. Na época de Samuda muitos autores acreditavam que os metais se reproduziam como as plantas. O filósofo John Locke afirmava que «all stones, metals, and minerals, are vegetables; that is, grow organically from proper seeds, as well as plants», *Elements of Natural Philosophy*, 1690; *Locke Works*, III.319). Como Samuda se refere a ‘Ilithya casta’ e a Eëa, talvez estivesse no seu espírito uma planta que fosse si-

multaneamente utilizada nos trabalhos de parto e nos trabalhos de feitiçaria, como a solanácea *atropa belladonna*. Como o contexto do poema é o de ver à distância o que Ormia está a fazer, a beladona era utilizada pelas bruxas europeias para voar espiritualmente ao longo de grandes distâncias. É provável que Samuda conhecesse estas histórias, tanto mais que passou pelos calabouços da Inquisição, onde estavam habitualmente muitas parteiras e outras mulheres acusadas de bruxaria. **26.7** ‘Eëa’, Circe Eeia, de Aeaia ou Eëa (Αἰαία), a ilha mítica onde vivia a feiticeira Circe que Ulisses encontrou na sua viagem de regresso a casa.

27.7 Sobre Paros, ver *supra* IX.54.6.

29.2 ‘Almon’, Almo, deus de um rio perto de Roma. Larunda ou Lara era uma ninfa do Tibre, e mãe dos Lares, depois de ter sido violada por Mercúrio; como publicitou as intenções adúlteras de Júpiter, este, encolerizado, arrancou-lhe a língua. Para Ovídio, o seu nome era de facto Lala, a Tagarela. **29.5** ‘Elício’, de *Elicius*, *ii*, epíteto de Júpiter.

30.1 Sobre Lara, ver *supra* 29.2. ‘Præstites’, de *præstites Lares*, os Lares tutelares. **30.5** ‘Compitálios’, de *Compitales Lares*, os Lares das encruzilhadas. **30.7** ‘Grundiles’, de *Grundiles*, ou *Grundules*, *ium*, nome dado aos deuses Lares.

31.5 Lício, da Beócia, foi um escultor famoso (c. 428 a.C.). ‘Micon’, de Mícon de Atenas, pintor e escultor do século V a.C.

32.6 As Compitálias, de *Compitalia*, *ium*, eram as festas em honras dos Lares das encruzilhadas.

33.1 Servius Tullius foi o sexto rei de Roma e o fundador das Compitálias. **33.3** Referência a Lucius Tarquinius Superbus (i.e. o Soberbo), sétimo rei de Roma. **33.5** Lucius Junius Brutus foi o fundador da República Romana. Ver *supra* IX.99.6.

34.1 Mania era uma divindade romana considerada como a mãe dos Lares. **34.2** ‘Penetrales’, de *penetræ*, *alis*, o lugar mais interior e reservado de uma casa, o santuário doméstico. **34.3** ‘Hippio’, de Hippius, epíteto de Neptuno e de várias divindades menores. ‘Anax’, de ἄναξ, ἄνακτος mestre, chefe, rei, era um título comum a várias divindades. **34.4** ‘Penates’, de *penates*, *ium*, deuses penates, deuses da casa e do Estado. **34.7** Sobre Mavorte, ver *supra* I.27.1.

36.3 Mémnon era filho de Titono e de Aurora.

42.8 Sobre as tésseas, ver *supra* VIII.5.6.

44.2 Sobre Cíbele, a deusa frígia, ver *supra* VIII.56.5.

46.1 ‘Cephisio’, pai de Narciso. No contexto, Samuda refere-se ao próprio Narciso que está ‘em fonte inclinado’. **46.7** ‘Calva’, epíteto de Vénus.

47.6 ‘Hylates’, de Hilates, deus de Chipre mais tarde identificado com Apolo.

48.1 Melanis é epíteto de Afrodite tal como era adorada em Acrocorinto.

50.5 Hipsicracia era uma concubina especialmente corajosa do rei Mitridates. Harpe era uma Amazona que auxiliou os Argonautas na guerra contra os Citas. **50.7** Cénis, filha de Élato, foi transformada por Neptuno num guerreiro invencível de nome Ceneu.

51.1 Sobre Belona, ver *supra* VIII.70.1. **51.2** Alfea é um epíteto de Ártemis. **51.3** Sobre Hipona, ver *supra* X.20.2. **51.4** ‘Marsepia’, Marpésia, era uma rainha das Amazonas; ver *supra* II.102.4 e *infra* 52.4. Tiro (Tyro) era uma ninfa filha de Salmoneu, rei de Élis. Penteseleia era a rainha das Amazonas. **51.6** Minítia (Minythia) era uma das Amazonas. Galateia era uma ninfa do mar. **51.7** Lâmia era uma virgem cretense. Harpálice estava apaixonada por Íficio, e morreu de desgosto por ser abandonada. **51.8** Sobre Hipodamia, ver *supra* VIII.19.1. Febo (Phebo) era uma das Amazonas.

52.1 Deífile (Deiphila, Deipyle), filha de Adrasto, casou-se com Tideu, pai de Diomedes. Otrera (Othrera) era uma das Amazonas. **52.2** Quíone (Chione), filha de Dedálion, amada por Apolo e Hermes. Eríbie (Eribye) era uma das Amazonas. **52.3** Lampedo era uma Amazona irmã de Marpésia. Híera era a esposa formosa de Télefo, rei da Mísia. **52.4** ‘Marthesia’, grafia errada de Marpésia; ver *supra* 51.4. **52.5** Celeno era uma das Amazonas. Ercília (Ersilia, Hercília) foi uma sabina que terá sido dada a Rómulo. **52.6** Licaste (Lycaste) era uma cortesã de Drépano famosa pela sua beleza. Existem várias figuras femininas chamadas Argia. Referência provável à filha de Adrasto, casada com Polinices.

53.1 ‘Colias’, epíteto de Afrodite devido a uma estátua erigida em sua honra no promontório ático com o mesmo nome.

54.1 Fonte do santuário de Zeus em Dodona. Segundo Plínio (II.139), apagava as tochas quando eram mergulhadas nela, mas acendia-as quando se colocavam apagadas ao seu lado. **54.5** Selemno era um pastor amado pela ninfa Árgira. Quando a ninfa o abandonou, Selemno ficou desesperado, acabando por ser transformado num rio por Afrodite. A deusa concedeu-lhe o dom do esquecimento. Todas as pessoas que se banhassem nas suas águas esqueceriam os desgostos amorosos. **54.6** ‘Cocico’, é o rio dos Lamentos, nos Infernos; ao contrário do Piriflegetonte, o rio das chamas, o Cocito é um rio de águas frias. **54.7** ‘Boetia’, de Boeotia, Beócia.

55.8 Argos era o cão de Ulisses que o reconhece quando este chega a Ítaca.

56.5 Alusão à amizade que unia Jónatas, filho de Saul e futuro rei, a David, futuro rei de Israel (1 Sm 20). **56.6** ‘Achates’, Acates era o transportador de armas e companheiro de Eneias (*Eneida*, I.120, 174, 188, etc.). **56.7** Búfago (Buphagus) é um epíteto de Hércules. Alusão a um cruzamento do ciclo de lendas de Hércules e de Teseu. O herói dório foi ao Hades salvar Teseu e Pirítoo. **56.8** Pítias e Dámon, seguidores de Pitágoras, foram dois amigos. Tendo Dioniso de Siracusa condenado à morte Pítias, Dámon substituiu-o. Quase no momento da execução, Pítias regressou. Dioniso, surpreendido por esta prova de amizade, libertou os dois.

60.1 ‘Albeo’, gralha provável, Alfeu, deus e rio do mesmo nome. Estando apaixonado pela ninfa Aretusa, perseguiu-a até Siracusa. Quando a ninfa foi transformada em fonte por Ártemis, Alfeu misturou as suas águas às dela.

63.4 Bronton é um epíteto de Zeus. **63.5 e 8** Sobre Deucalião e Pirra, ver *supra* IV.35.1. **63.7** Ixíon, rei da Tessália, foi condenado por Zeus a um sofrimento eterno por ter ousado seduzir Hera. Sobre Factonte, ver *supra* 4.5.

66.1 ‘Balandó’, m.q. ‘balindo’.

71.2 Hipérion, filho do Céu e da Terra, foi pai de Aurora, do Sol e da Lua. No registo poético simboliza o próprio Sol. **71.3** ‘Haleno’ é uma referência obscura. Presumindo-se gralha, é provável que Samuda se refira a Halesius, rio

próximo do vulcão Etna, ou a Halesus, um rio perto de Cólofon, junto do qual existia um santuário dedicado a Apolo. Como Samuda nunca utiliza epítetos de deuses que não tenham base na tradição, esta segunda hipótese é pouco provável. A designação correta seria a de Apollo Colophonius. Fica, pois, a primeira hipótese, adequada, aliás, a simbolizar o vulcão dos sentimentos amorosos.

76.1 Mulheres da vida de Teseu. Ariadne é irmã de Fedra, e são ambas filhas de Minos, rei de Creta. **76.2** Dia é uma designação da ilha de Naxos. Alusão ao abandono de Ariadne por Teseu nessa ilha. **76.3** Creúsa, filha de Creonte, rei de Corinto, recebeu de Medeia um vestido envenenado, quando se preparava para casar com Jasão. Ao vestir o vestido, morreu com dores atrozes. **76.5** Enone (Enone) era uma ninfa do monte Ida que se casou com Páris antes de este descobrir que era filho de Príamo, rei de Troia. A Argiva é Helena de Argos (ou de Troia). **76.7-8** Mulheres da vida de Hércules. Sobre Dejanira e Ônfale, ver *supra* X.82.5, e *infra* XIII.51.1-4. Íole, filha do rei de Escália, era o prémio de um concurso de tiro ao arco. Hércules venceu esse concurso, mas o pai da jovem recusou entregá-la, temendo um novo acesso de loucura do herói. Hércules tomou pela força a cidade da jovem e levou-a, o que motivou o ciúme de Dejanira, que acabou por causar a morte de Hércules. Ver *infra* XIII.50.1.

82.1 Tiberius Sempronius Gracchus (pretor na Hispania c. 180 a.C.) casou-se com Cornelia, a filha mais jovem de P. Scipio Africanus. Alusão à história das duas serpentes, contada por Cícero no *De divinatione* (I.36, II.62). Graco descobriu duas serpentes em sua casa. Consultados os adivinhos, estes disseram a Graco que, se libertasse a serpente macho, a sua mulher morreria em breve; se libertasse a serpente fêmea, seria ele próprio a morrer. Ele libertou a serpente fêmea, e morreu alguns dias depois. **82.3-5** Gaius Plautius Numida (senador c. 100 a.C.), ao tomar conhecimento da morte da esposa, Orestilla, mata-se com a espada. Os criados evitaram que a morte acontecesse imediatamente. Contudo, Pláucio rasga as ligaduras e abre a ferida, acabando por morrer. **82.7-8** Sobre Pico, ver *supra* IX.28.6.

83.5 A Maga é Circe.

86.4 ‘Roborado’, de *roboro*, *avi*, *atum*, *are*, fortificar, tornar robusto; não confundir com ruborizado, de *rubor*, *oris*, cor avermelhada, vermelho, rosto cor de púrpura.

90.7 ‘Tethys’; cf. VIII. 88.2 ‘Tethis’. Alusão à capacidade de criar ilusões de Tétis, como divindade marinha. Como mãe de Aquiles, por exemplo, essa capacidade manifesta-se na tentativa de esconder o jovem guerreiro entre as filhas de Licomedes, de modo que ele não fosse para a guerra de Troia.

96.1 Erigdupo (Erigippus) era um centauro que participou na luta contra os Lápidas (Ovídio, *Metamorfoses*, XII.452); cf. grafia diferente *infra* XIII.42.7.

96.2 ‘Hephestos’, Hefesto, deus do fogo.

CANTO XII

2.1 Sobre Pompeio, ver *supra* IV.71.1.

3.2 Troca aparente de ‘Ituca’ por ‘Utica’. Ituca (Itucci, Ituci, Tucci) era uma cidade da Bética. Cf. *infra* 23.5 e 90.4. Samuda parece comparar o feito de Viriato em Ituca com a conquista romana da importante cidade de Utica, perto de Cartago, no Norte de África. A arquitetura de ambas as cidades é descrita como semelhante; ver *infra* 26.6.

10.4 Sobre os Equites, ver *supra* III.63.8 e VI.90.1.

11.1 Tia, unida a Hiérion, deu à luz Hélio (o Sol), Eos (a Aurora) e Sele-ne (a Lua). **11.2** Titono, irmão mais velho de Príamo, tinha uma grande beleza. A Aurora apaixonou-se por ele e tiveram dois filhos, Emátion e Mémnon. Cf. *supra* IV.96.7 e V.65.4.

15.5 Sobre Mirra, ver *supra* IV.14.2. Sobre Filémon, ver *supra* IX.18.2. Sobre Dríope, ver *supra* IX.18.4. Sobre Peneia, ver *supra* VIII.106.1.

20.7 ‘Sacalando’, termo de etimologia duvidosa; talvez derivado de ‘sacalão’, sofreamento súbito do cavalo.

26.7 Galha provável por falta de concordância de número com ‘o povo alegre’. **26.8** ‘Scotias’, de *scotia*, *a*, goteira. ‘Volutas’, de *voluta*, *a*, voluta.

27.4 Niso era o esposo da ama de leite de Dioniso. Tione era um dos nomes da mãe de Dioniso, tal como Sêmele. **27.5** ‘Tebano’, cognome de Dioniso por ter nascido em Tebas.

28.1 Sobre os bugles, ver *supra* IX.108.4. **28.7** Eleleu, epíteto de Baco.

29.1 Aristides de Tebas foi um pintor do século IV a.C. **29.5** ‘Bugenes’, de βουγενής, cognome de Dioniso como nascido de um touro.

30.2 Anficleia era uma cidade da Fócida onde existia um santuário dedicado a Dioniso.

31.1 As Ménades, ou Bacantes, eram as seguidoras dos rituais do deus Dioniso. **31.3** Sobre as páteras, ver *supra* IX.117.4. **31.6** As crupezias eram um tipo de calçado usado pelos tocadores de flauta; produziam um som semelhante ao das castanholas. Vários autores antigos usavam outras designações, como *scabella*, *scamilla* e *scamella*. **31.7** A dança cernóforo aparece no inventário que Ateneu faz das danças antigas (Liv. XIV, Cap. XXVII), descrevendo-a no grupo das danças frenéticas. A designação ‘Cernophoro’, deriva de *cernophorus* e *cernophora*, a sacerdotisa que transportava o *cernos*, um tipo de grande vaso que era usado nos sacrifícios.

32.1 ‘Mimalones’, de *Mimallones*, *um*, as Bacantes. **32.2** ‘Diotas’, de *diota*, *a*, vasos com duas asas. **32.5** Termástris, de θερμαστρίς, ἶδος, era um tipo de dança entusiasmada em que os pés batem no ar. **32.6** A monga aparece, tal como a cernóforo e a termástris, no inventário de Ateneu sobre danças antigas, no grupo das danças frenéticas. **32.7** Penteu era rei de Tebas e opôs-se à introdução do culto dionisiaco na cidade, acabando por morrer às mãos das seguidoras do deus.

33.1 ‘Thyiades’, Tíades, eram as Ménades; nome derivado de Tia, a primeira a celebrar o culto de Dioniso. **33.3** Sobre as crótalas, ver *supra* IX.103.2. **33.5** ‘Charchesios’, gralha na transliteração do grego καρχήσιον, ου, taça para beber, estreita no meio. **33.7-8** Nomes de vinhos antigos designados por regiões vinícolas.

34.2 ‘Aponimo Achronte’, gralha provável na transliteração do grego ἄρχων ἐπώνυμος, arconte epónimo, o chefe da administração civil e jurídica

que entregava os prémios aos vencedores das tetralogias teatrais. **34.5** ‘Orgiastas’, de ὀργιαστής οὔ, os que celebram os mistérios (ὄργια), os iniciados. ‘Morycho’, nome de Baco na Sicília. **34.6** ‘Xeno’, de ξένος, estrangeiro, era um dos epítetos de Dioniso. **34.7** Os orgiofantas, de ὀργιοφάντης, ου, eram os que se iniciavam nos mistérios dionisíacos.

35.1 ‘Licnophoros’, de λικνοφόρος, ος, ον, os que transportam o crivo sagrado de Dioniso. **35.3** ‘Periphallios’, eram os falos utilizados nas festas de Dioniso, as Perifálicas (Περιφαλλία), transportados pelos falóforos (φαλλοφόροι). **35.5** ‘Ithiaphallios’, de ἰθύφαλλος, ου, falo em ereção que se levava às festas de Baco, transportados pelos itífalos (ἰθύφαλλοι); a palavra também significava os cantos e danças dessas festas, e aqueles que nelas participavam.

36.1 ‘Canephoras’, de οἱ Κανηφόροι, jovens raparigas que levavam sobre as cabeças os cestos ou açafates com os objetos do sacrifício. **36.4** ‘Condeças’, açafates; atualizou-se a grafia porque não tem efeitos fonéticos, tal como o final do v. 6: cabeças / condessas / compressas.

37.1 As Dionísias, de Διονύσια, ων, eram as festas em honra de Dioniso. **37.2** O Elafebólion era o nono mês do calendário ático (segunda metade de março e primeira de abril). **37.5** As omofagias, de ὠμοφαγία, ας, eram festivais em honra de Baco Omofagos em que acontecia a ingestão de carne crua.

38.3 Omestes, de ὤμηστής, οὔ, era um dos epítetos de Baco, o Devorador, a quem se imolavam vítimas humanas. **38.5** Omofago, de ὠμοφάγος, ος, ον, era um dos epítetos de Baco, como o que come carne crua.

39.1 As Antestérias eram consideradas as Arqueoterias Dionísias (Διονύσια ἀρχαιώτερα), o festival mais antigo que celebra a chegada do culto de Dioniso a Atenas. **39.2** Limnas, ou Limnæ, era um quarteirão de Atenas onde se situava um templo de Baco. O Antestérion era o oitavo mês do calendário ático, correspondendo ao fim de fevereiro e começo de março. **39.6** As Nictélias eram festivais em honra de Baco que se celebravam de noite, com as tochas acesas.

40.1 Nictélio era um dos epítetos de Baco, enquanto Deus da Noite. **40.2** Teoino era um dos epítetos de Baco. As Teónias (Θέοινα) eram um festival em honra de Baco que fazia parte das Dionísias menores (μικρά). **40.5** As Arcádias faziam parte do grupo das Dionísias menores, festas em honra de Baco. **40.8**

Existem várias personalidades antigas com o nome de Timóteo. Samuda parece estar a referir-se a Timóteo de Mileto, um inovador na música e um grande poeta ditirâmico que alcançou o ponto mais alto da sua fama cerca de 398 a.C. Existem também várias personalidades com o nome de Filóxeno. Samuda refere-se indubitavelmente a Filóxeno de Citera, que, tendo sido escravo na juventude, alcançou uma grande fama como autor de ditirambos, de tal modo que Alexandre Magno mandava vir os seus poemas durante as suas campanhas na Ásia.

41.1 ‘Lenæon’, Leneon, de Λήναιον, ου, templo de Dioniso em Atenas. As Ambrósias eram festivais de Atenas dedicados a Baco, celebrados durante o mês de janeiro. **41.5** As Iobáquias (Iobacchia) eram rituais privados das seguidoras de Dioniso, as Ménades, na Ática. Estes festivais celebravam a chegada de Dioniso do mar, e aconteciam durante a primavera. **41.6** ‘Iaccho’, Iaco era um dos nomes de Baco, na qualidade de inventor do vinho; deriva de ἰάχω, gritar. **41.7** ‘Lenæas’, as Leneias eram as festas do lagar em honra de Baco, acompanhadas de concursos dramáticos.

42.1 As ‘Pagcladias’, Pagládiias, eram as festas dos habitantes de Rodes em honra de Baco; aconteciam, como Samuda afirma no v. 2, quando as videiras eram podadas. **42.3** ‘Neoinas’; as Neoénias (de νέος, novo, e de οἶνος, vinho) eram festas dionisíacas celebradas quando se provava o vinho novo. **42.5** ‘Phagesias’; as Fagésias eram festivais em honra de Dioniso, famosos devido aos excessos de comida.

43.1 As Agripnis de Naxos eram festivais dionisíacos noturnos em que se celebrava Dionísio Nictélio. **43.3** Tirbe era um festival dionisíaco em honra de Dioniso como deus do tumulto. **43.4** Briseu era um dos nomes de Dioniso. Os Aqueus eram um dos principais grupos étnicos gregos. Por sinédoque, representam todos os Helenos. **43.5-6** A Sciera ou Scieria era um festival em honra de Dioniso, em Álea, na Arcádia, durante o qual as mulheres eram açoitadas. A imagem de Dioniso associada a este festival representa o deus debaixo de um chapéu de sol. **43.7** ‘Perivonio’ é uma referência enigmática. Samuda pode estar a referir-se à imagem de Dioniso coberto pela sombra. Contudo, a menção aos duros golpes sofridos pacificamente pelas mulheres durante o culto permite uma outra interpretação. Talvez Samuda esteja a condenar esse procedimento ritual. Neste caso, ‘Perivonio’ derivaria de οἱ περιβώμιοι, os funcionários ligados aos cultos asiáticos (de περιβώμιος, ου, o que está em volta do altar). A falsa moral foi denunciada na segunda sátira de Juvenal (II, 16). Aí aparece uma referência a um tal Peribomius,

homo impudicus, que teria sido o nome de um arquigalo (sobre os *Archigalli*, ver *supra* IX.59.2). Outros comentadores consideram que o nome é fictício, derivando de *περὶ* e *βωμὸς*, e representaria os sacerdotes dissolutos de Cíbele. Ver Charles W. Stocker, ed., *The Satires of Juvenal and Persius* (London, 1839), p. 23.

44.1, 4, 7 e 8 As Agriónias (ou Agriânias ou Agrânias) eram festivais anuais em honra de Dioniso. Celebravam-se em Orcómeno, na Beócia. As mulheres fingiam que procuravam o deus que tinha fugido para junto das Musas. Depois disso, festejavam e resolviam enigmas. As filhas do rei Míniás de Orcómeno foram tomadas pelo desejo de comerem carne humana. Depois de as três irmãs (Leucipe, Arsipe e Alcítoe) lançarem as sortes, selecionaram o pequeno Hípasso, filho de Leucipe, a quem despedaçaram por o tomarem por um corço. **44.8** Zoilo (c. 400-320 a.C.) foi um gramático, crítico literário e filósofo que se atreveu a lançar dúvidas sobre a coerência dos poemas homéricos. Relatos transmitidos por Vitruvius, eventualmente exagerados, afirmavam que o seu atrevimento foi punido cruelmente.

45.1 As Laríssias (Larysia) eram festivais em honra de Dioniso, celebrados em Larysium, na Lacónia. **45.2** Milíquio (Milichio, Mílico) era o nome espartano de Dioniso, por ter sido o primeiro a plantar a figueira. **45.5** As Cladeitérias, de *τά κλαδευτήρια*, eram festas da época da poda. **45.7** A Bisbaia (Bisbæa), de *τά Βισβαῖα*, era um festival que acontecia quando as vinhas eram podadas.

46.1 As Tias (Thyas) eram festivais em honra de Baco que se realizavam em Élis. **46.5** Lieu (Lyæo) era um dos epítetos de Baco, significando o deus que liberta os homens de todos os cuidados e ansiedades.

47.1 Chibarro, m.q. chibo, bode. **47.3-8** As As Ascólias eram festivais campestres em honra de Dioniso, na Ática. Um chibo era sacrificado e da sua pele fazia-se uma bola cheia de vinho, com o exterior coberto de azeite. As crianças pulavam sobre a bola com um pé, tentando manter-se direitas.

48.1 As Lamptérias eram festivais em honra de Dioniso em Pelene, na Acaia. **48.4** Lâmpter (Lampteros, Lampterus) era um epíteto de Dioniso, o Brilhante ou o Portador da Tocha. **48.8** Brómio era um epíteto de Dioniso.

49.1 ‘Cecropio’, Cécrops, foi o primeiro rei de Atenas, um herói civilizador de rosto humano. A parte inferior do seu corpo era semelhante a uma

serpente, simbolizando assim o facto de ter nascido da terra. **49.4** Évio é um dos epítetos de Dioniso. Representa aqui o povo ateniense. As Antestérias eram um dos quatro festivais atenienses em honra de Dioniso. **49.5** ‘Pithoigia’, de Πιθοιγία, era o primeiro dos três dias das Antestérias. O nome deriva de πίθοι, barris de vinho, e de οἶγω, abrir.

50.2 ‘Ephimera’, de ἐπίμερος, ος, ον, o desejável, o deleitoso. **50.6** ‘Choes’ de χοή, ἡς, libação aos deuses, era o segundo dia das Antestérias.

51.2 Orestes era filho de Agamémnon e de Clitemnestra. O dia das ânforas do festival das Antestérias deve-se à sua passagem por Atenas. Pandión, oitavo rei de Atenas, não desejava que o matricida participasse na festa; contudo, recebeu-o na cidade e mandou que os jarros fossem servidos no exterior do templo.

52.1 ‘Chytros’, nome do terceiro dia das Antestérias, um festival dos mortos. **52.3** ‘Mercúrio infernal’ era Hermes Chthonios, ou Ctónios, o deus a quem era dedicado o terceiro dias das Antestérias.

53.1 As Lerneias, fundadas por Filámon em Lerna, celebravam os mistérios de Deméter e de Dioniso Bugenes (Nascido de uma Vaca). **53.3** ‘Pronia’ é provavelmente uma gralha porque o santuário do monte Crátis era dedicado a Artemis Pyronia, Πυρωνία, de πῦρ, fogo. A forma correta é, pois, Pironia, ou, por razões métricas, P’ronia. A manter-se ‘Pronia’, aconteceria uma confusão desnecessária com Pronoia ou Proneia, epíteto de Atena com o sentido de Providência. **53.5** ‘Coopotes’, ou Choopotes, era um epíteto de Dioniso ligado ao segundo dia das Antestérias. **53.6** Micaléssia era um epíteto de Deméter, derivado de Micalesso, na Beócia, lugar onde a deusa tinha um santuário; a Filha de Deméter é Perséfone.

54.1 Protiges (Protryges, Protrigæus) era um epíteto de Dioniso, celebrando o vinho novo. Fitálmio (Phitalmio) era um epíteto de Neptuno. As Protrigeas (Protrygeas) eram festas que se celebravam antes das vindimas em honra de Baco e de Neptuno.

55.3 Alterou-se a pontuação e conjunção porque Mínius Cerinnius e Herennius Cerinnius eram irmãos, filhos de Pacula Ânía, da Campânia, uma sacerdotisa dos cultos báquicos em Itália, a quem se deveu uma importante alteração das Bacanalias, juntando homens e mulheres na escuridão, alteração que durou dois anos e que teve de ser banida. Evã (Evan) era um dos epítetos de Dioniso. Os

seguidores do deus eram chamados, por conseguinte, Evantes. **55.7** ‘Paculla’, ver *supra* v. 3.

56.1 As Liberálias (Liberalia) eram festas em honra do deus romano Liber, celebradas em março. **56.5** Liber, ou Liber Pater, era o deus romano da fertilidade, do vinho e do crescimento, identificado mais tarde com Dioniso.

57.1 As Brumálias eram um festival romano em honra de Baco que se celebrava a 24 de dezembro. **57.3** Brumo (Brumus) era um dos nomes romanos de Baco, talvez derivado do grego Bromios. **57.6** Os Sabois (Saboi) aparecem referidos numa entrada da Suda, que cita Demóstenes (18.260); segundo esse relato, os Saboi eram os seguidores da Sabásio, deus identificado por uns com Dioniso, por outros com o filho desse deus. **57.7** Sobre as Tias, ver *supra* 46.1.

58.1-3 Ariadna era filha de Minos e de Pasífae. Depois de auxiliar Teseu no labirinto de Creta, fugiu com este herói, mas ele abandonou-a na ilha de Dia, próxima de Creta, mais tarde identificada com Naxos. Dioniso e o seu séquito passaram por Naxos, e o deus acabou por se unir com Ariadna. **58.2** Sobre Coopotes, ver *supra* 53.5.

59.1 As Ariadneias (Ariadnæas) em festividades em honra de Ariadna na ilha de Naxos. **59.8** Êuquio (Euchio) era um dos epítetos de Dioniso, com o significado daquele que enche totalmente o seu copo.

60.1 As Osofórias eram festas instituídas por Teseu que celebravam a morte do Minotauro e o fim da obrigação de Atenas de enviar anualmente sete jovens para Creta.

61.2-8 Sciras era um dos epítetos de Atena, devido ao nome de um adivinho que lhe construiu um templo. Tauriceps (ou Tauriformis) era um epíteto de Dioniso. Alusão ao festival ático das Osofórias, celebrado em honra de Atena e de Dioniso, bem como de Teseu e, talvez, de Ariadna. No terceiro dia dos jogos dedicados a Atena Scira, dois jovens corriam transportando ramos de videira com cachos, do templo de Dioniso até ao templo de Atena Scira, em Falero. O vencedor levantava a taça chamada pentaplous, pentaploa, ou pentaple (πενταπλόος), que continha cinco ingredientes (vinho, mel, queijo, farinha e azeite). Sobre Limneu, epíteto de Dioniso, ver *supra* 39.2.

62.1 Alexireia era uma ninfa que se uniu com Dioniso, união de que nasceu Cármon (Carmone). **62.3** Fiscoa (Physcoa) era uma mulher do grupo das Dezasseis Mulheres. Uniu-se ao deus Dioniso e teve dele Nerceu (Narcæo). Fiscoa e Nerceu foram as primeiras pessoas a prestar culto a Dioniso como deus. **62.5-6** ‘Chthonophyle’, Ctonófila (Ctonófile), foi casada com o argonauta Flias, epónimo de Fliunte, cidade do Peloponeso. Flias surge também como filho de Dioniso e de Aretírea. Ctonófila aparece também como mãe de Flias, e é a esta versão da lenda que Samuda parece ter em mente. **62.7** ‘Staphila’, de σταφύλη, ἥς, cacho de uvas.

63.1 Cadmo era filho de Agenor e de Telefaassa, e irmão de Cílix e de Europa. Do seu casamento com Harmonia nasceu um filho, Polidoro, e várias filhas, Autónoe, Ino, Agave e Sémele. Foi Sémele a mãe de Evan (Dioniso). Sobre Evan, ver *supra* 55.3. **63.3-4** Alusão à morte de Sémele quando vê o seu amante Zeus em todo o seu divino esplendor. Mais tarde, Dioniso desce aos Infernos para procurar a sua mãe. Ressuscitada, Sémele ficou no céu com o nome de Tíone. **63.4** A morte e a ressurreição de Sémele são igualadas à da ave Fénix, da Etiópia.

64.1-2 Nisa, Hipa e Mácris cuidaram de Dioniso em criança. **64.3** Sobre Cinxia, ver *supra* IV.101.7. **64.4** Mácris alimentou Dioniso com mel quando o deus era criança. Ao ser perseguida por Hera, enraivecida devido ao adultério de Zeus com Sémele, de que nasceu Dioniso, Mácris abandonou a Eubeia e procurou refúgio na ilha dos Feaces, a Feácia. ‘Phæacos’ representa o povo feácio. **64.6** Depois da morte de Sémele, Zeus deixou a criança Dioniso a Atamante (Átamas), rei de Orcómeno, e à sua esposa Ino, irmã de Sémele. O casal educou Dioniso juntamente com os seus filhos Learco e Melicertes. Hera, porém, enlouqueceu o casal, que acabou por matar os próprios filhos. Learco foi morto pelo seu pai que o tomou por um veado. **64.7** Autónoe e Agave eram irmãs de Ino e de Sémele, e filhas de Cadmo. Agave espalhou o boato que Sémele tinha sido castigada por Zeus por estar grávida dele. Dioniso vingou a sua mãe castigando Agave pela calúnia. Esta, tomada pela excitação báquica, dilacerou o seu próprio filho, o rei Penteu. Autónoe viu o seu filho Actéon ser devorado pelos seus próprios cães. Numa das versões da lenda, Zeus puniu-o para arrebatá-lo o amor de Sémele.

65.1 Samuda junta duas famílias de lendas em torno de Atlas. Por um lado, o ‘alto Atlante’ é o filho mais velho da união de Posídon com Clito. O poder

que Posídon tinha sobre a Atlântida passou para Atlas. Por outro lado, Atlas é irmão de Menécio, Prometeu e Epimeteu. Deste Atlas nasceram, de Plêione, as Plêiades e as Híades; de Hespéride, as Hespérides. Teve também Díone, Hias e Héspero. **65.2** As Plêiades situam-se na constelação do Touro. **65.5** Órion e as Híades, ou Hiantes, são constelações. As Híades estão próximas das Plêiades. Hias aparece já como pai, já como irmão das Híades, e foi devido à sua morte que elas se suicidaram de desgosto, tendo sido transformadas em constelação. **65.6-8** As Plêiades, filhas de Atlas ou Atlante e Plêione são Alcíone, Mérope, Celeno, Electra, Estérope (Sterope), Taigete e Maia.

67.1 Eco era uma ninfa das montanhas que costumava distrair Hera com longas histórias, encobrindo desse modo o adultério de Zeus com outras ninfas. **67.2** ‘Naida Pelargia’, Náiade Pelágia, náiade que habita o mar. **67.6** ‘Linda’ parece referir-se a Eco, apaixonada por Narciso, o torpe, no sentido de estar entorpecido a contemplar a sua própria imagem na superfície da água; ‘brava’ parece referir-se à coragem de Eco ao recusar os avanços amorosos de Pã. **67.7** Sinoe era uma ninfa da Arcádia que cuidou do deus Pã – a ama. Iringis (Iryngis, Iringis) era filha de Pã e de Eco, e tornou-se uma feiticeira célebre, de quem Medeia recebeu o seu filtro – a filha.

68.2 ‘Aphoreo’, Afareu (Aphareo, Aphareus), pai de Linceu, Idas e Piso (Peisus), foi o fundador mítico da cidade de Arene, na Messénia. **68.3** ‘Endymionia Pisa’, de Endímion, rei dos Etólios que se estabeleceram na Élide. Do nome de uma das suas filhas terá derivado o nome da cidade de Pisa.

69.1 As ‘Panæas’ eram um festival anual em honra de Pã em Atenas, perto da Acrópole, onde o deus tinha um templo a ele consagrado. As Paneias eram festivais em honra de Pã da Macedónia. **69.2** Fidípides foi o corredor lendário que terá corrido os quarenta quilómetros entre Maratona e Atenas para anunciar a vitória grega sobre os Persas em 490 a. C. **69.3** Parténias, de Parténia, epíteto de Atena, é uma referência às festas em honra de Atena, enquanto Donzela Virgem. **69.8** Durante o festival de Pã celebrado em Arcádia batia-se na estátua do deus com cebolas do mar (σκίλλαι).

70.1 Liceu era um dos nomes gregos de Pã, de λύκος, ou, lobo. As Lupercálias eram festivais romanos em honra de Pã celebrados anualmente a 15 de fevereiro. **70.2** Os lupercos (*luperci*) eram os sacerdotes romanos que oficiavam nas Lupercálias.

71.2 ‘Februaca’ é o nome do dia em que acontecia a festividade das Lupercálias. Os lupercos organizavam-se em dois colégios: os Fabiani e os Quintilianii, nomes derivados de Fábio e de Quintílio, dois dos primeiros sacerdotes.

72.6 Inuus (Ínuo, Inuo) era o deus romano da cópula, ou, segundo Tito Lívio, um epíteto de Faunus (Pá).

73.1 Omásio (Omasius, Omazius) era um dos epítetos de Baco. **73.2** As Napeias (Napæas) eram ninfas dos vales arborizados e dos prados. **73.5** ‘Borcados’, do italiano ‘broccato’, fazenda bordada.

74.1 As Limoniádes (Limnades, Leimenides) eram ninfas Náíades que viviam em lagos de água doce. **74.5** As Dríades eram ninfas que habitavam bosques de carvalhos.

75.1 As Hamadriádes eram um tipo de ninfas que habitavam as árvores. **75.2** Hamadria era a mãe das Hamadriádes. **75.5-8** Os nomes das oito Hamadriádes, filhas de Óxilo e de Hamadrias, derivam provavelmente da lista que Ateneu faz delas: Graneia (Granea, Kraneia), Ptélea (Ptelea), Orea (Morea), Ampela (Ampella, Ampelos), Sice (Syce, Syke), Balana (Balanos), Egira (Aigeiros), e Cárcia (Carcia, Karya).

76.1 Sobre Óxilo, ver *supra* 75.5-8. **76.2-7** As Ionides (Iónias) habitavam em Élis, perto do rio Citero: Pigeia (Pigea, Pegæa), Sinalaxis (Synallaxis, Synallasis), Iasis (Iassis), e Califeia (Calliphea, Calliphæa).

77.1-2 Caverna do monte Citéron onde habitavam ninfas. **77.3** ‘Nympholeptos’, em exaltação amorosa por um objeto inalcançável, agarrado ou tomado pelas ninfas. **77.5** As Sfragidites eram ninfas do monte Citéron.

78.1 Egle (Ægle) era a mais bela das Náíades, ninfas das fontes, poços, nascentes e ribeiros, filha de Zeus e de Neera.

80.1-2 Como as mulheres não podiam participar nos Jogos Olímpicos, organizaram-se festivais atléticos em honra de Hera e de Hipodamia, esposa de Pélops. A direção do festival estava a cargo de dezasseis mulheres. **80.6** Sobre as otonas, ver *supra* IX.115.6.

81.1 ‘Acraea’, ou Acraeia (Acraea, Acraea), é um dos nomes de Hera em Corinto. **81.4** O culto a Hera Acraeia estava intimamente ligado à história de Medeia. Na versão do tragediógrafo Eurípides, Medeia mata os seus filhos. Numa outra versão do mito, Medeia não matou os catorze filhos, mas colocou-os sob a proteção do templo de Hera Acraeia, em Corinto. Os Coríntios atentaram contra Medeia e mataram os seus filhos junto ao altar de Hera Acraeia.

82.1 As Calisteias eram festivais em Lesbos em que as mulheres se apresentavam no templo de Hera e elegiam a mais bela.

83.1-4 No festival de Toneia (Tonaea), em Samos, a estátua de Hera era trazida para a beira-mar e eram-lhe oferecidos bolos, em memória do seu roubo pelos Tirrenos quando os navios destes estavam retidos no porto e impedidos de seguir viagem.

84.1 Festividade de Argos em que Hera Anteia (i.e. das Flores) era celebrada; não confundir com outras festividades com o mesmo nome celebradas na Sicília em honra de Perséfone.

85.1 As Nonas Caprotinas eram festividades celebradas a 7 de julho por mulheres em honra de Juno Caprotina.

86.1-6 Referência à festa das Servas que comemorava um evento passado depois de os Gauleses terem capturado Roma. Os Latinos avançaram sobre a cidade e exigiram que os Romanos entregassem as suas mulheres. Uma serva de nome Filótis sugeriu que as servas fossem enviadas vestidas de mulheres livres. As servas desarmaram os Latinos enquanto dormiam e Filótis incendiou uma figueira, dando sinal aos Romanos.

87.1-4 As Poplifúgias eram festividades que comemoravam a fuga dos Romanos quando os inimigos apareceram armados contra eles, pouco depois da destruição da cidade pelos Gauleses. Varrão afirma que as festividades aconteciam a 5 de julho; Samuda parece seguir a lição de Macróbio, pois faz coincidir o Poplifúgio com as Nonas Caprotinas, a 7 de julho. **87.5** ‘Æthiops’ é um epíteto de Zeus. **87.6** Hipótades era um epíteto de Éolo, deus dos ventos.

88.4 Sobre Liber, ver *supra* 56.5.

90.2-8 Localidades ibéricas. **90.2** Calduba situava-se na Serra de Aznar, no município espanhol de Arcos de la Frontera, próximo de Cádiz. Sagúntia situava-se entre Arcos e Jerez de la Frontera. ‘Balda’ é gralha. Balsa era uma cidade da Lusitânia, dos Lusitanos ou dos Túrdulos, na zona dos rios Anas e Esuris. Onoba (Onoba Æstuaría) era uma localidade costeira dos Turdetanos da Bética, entre os rios Anas e Bétis. **90.4** Sala era uma cidade dos Turdetanos na Bética. Tucci era uma cidade da Bética. Murgis era uma cidade da Bética na fronteira com a Tarraconense. Sonoba é a designação de Estrabão para Ossoaba (Lusturia), cidade da Lusitânia, próxima de Faro. **90.6** Abdara era uma localidade da Bética, próxima de Magnus Portus. Selambina era uma cidade costeira da Bética. Sex (Saxetanum, Hexi, Sexti Firmum Julium) era uma localidade da Bética. Menoba (Menuba) era uma localidade próxima do rio do mesmo nome, um afluente do Bétis. **90.7** Carteia (Carteja), cidade muito antiga da Hispania Bætica, próxima de Gibraltar. **90.8** Malaca (Malaga) era uma cidade da Bética, próxima de Calpe. Extensio é uma referência enigmática; contudo, parece evidente que Samuda se está a referir à localidade de Exoche (Ἐξοχη), apenas mencionada por Cláudio Ptolomeu, que se situaria entre Abdara e Selambina. Belon (Bælon) era uma cidade costeira da Bética, na foz do rio com o mesmo nome. Transducta (Traducta, Julia Transducta) era uma cidade dos Bástulos, na Bética.

CANTO XIII

1.2 Os Bástulos eram um povo que habitava o litoral da Península Ibérica, desde a terra dos Bastitanos da Tarraconense, pela terra dos Bástulos penos ou fenícios da Bética, até à terra dos Bástulos do Atlântico. **1.3** Os Túrdulos eram um povo pré-romano que habitava a zona entre o Guadiana e o Guadalquivir, provavelmente ligados a Tartessos. **1.4** Selia (Setia, Sitia, Solia) era uma localidade na margem direita do Bétis. Detunda (Decuma, Decumda) era uma localidade da Bética mencionada por Plínio. Salduba, igualmente mencionada por Plínio, situava-se na zona da atual Marbella.

4.4 Tírio é um epíteto de Hércules.

5.4 Tebano era um dos epítetos de Hércules devido ao seu nascimento em Tebas.

6.1 Melampigo era um dos epítetos de Hércules devido a um altar que lhe era consagrado nas Termópilas. **6.2** Figura mítica que já apareceu anteriormente; ver *supra* I.66.3, II.40.5 e III.31.1.

7.1 Alcides foi o primeiro nome de Hércules. **7.3** O escultor Anaxágoras de Egina (c. 480 a.C.) foi autor de uma enorme estátua de Zeus em Olímpia, dedicada aos que combateram em Plateias. Da escola de escultura de Egina surgiu uma estátua de bronze de Hércules com um tamanho colossal. O escultor parece ter sido Onatas de Egina. **7.5** Arístocles de Cidónia (c. 494 a.C.) foi autor de uma estátua de Hércules a lutar a cavalo contra uma Amazona.

8.1 ‘Deltoïdes’, deltoide, músculo de forma triangular que reveste a articulação do ombro. **8.2** Coracobraquial, músculo da região anterior do braço. **8.3** ‘Suprasspinato’, supraespinhal, que está situado por cima da coluna vertebral. **8.7** Tiburtino é um epíteto de Hércules.

9.1 Alusão à etimologia de ‘bíceps’, que tem duas cabeças; referência ao bíceps braquial da região anterior e superficial do braço. **9.3** ‘Brachiaeo’, referência à artéria braquial que irriga os membros superiores. **9.4** O sangradouro, ou sangradouro, é a região anterior do braço, onde se realizam as sangrias. **9.5** O *palmaris longus* é um pequeno tendão que se situa entre o flexor radial do carpo e o flexor cubital do carpo. **9.7** O rádio é um osso longo que, com o cúbito, constitui o esqueleto do antebraço. ‘Supinadores’, músculo curto supinador, da região profunda do antebraço, e músculo longo supinador, da região externa do antebraço.

10.3-4 O radial e o ulnar são músculos extensores do carpo. **10.5** Internódios, de *internodium*, *ii*, parte entre duas articulações do corpo. Referência aos músculos interósseos da mão. **10.6** Perforatos, de *perforatus*, *a, um*, perfurados, atravessados.

11.5 O íliaco é o osso par da bacia. **11.6** ‘Pectinaeo’, de pécten ou linha pectínea, relativo a púbis. Referência ao músculo pectíneo, situado na parte superior e interna da coxa. Psoas, músculo lombar. **11.7** O semimembranoso é um músculo situado na porção interna da coxa. **11.8** Gracilis é um músculo do lado médio da coxa. O bíceps femoral ou crural localiza-se na parte externa da coxa. O seminervoso é um músculo médio-nervoso que opera a flexão da perna, juntamente com o sartório, o delgado interno, o semimembranoso e o bíceps.

12.1 ‘Gasterocnemios’, gastrocnémios, músculo da barriga da perna. **12.3** ‘Solæo’, músculo solear ou solhar, situa-se na região posterior da perna, abaixo dos músculos gémeos. **12.5** O músculo plantar situa-se na região posterior da perna, por baixo do gastrocnémio. **12.6** ‘Postico’, de *posticus, a, um*, que está atrás. Manteve-se a grafia porque ‘postigo’ tem um significado diferente. O músculo tibial posterior situa-se na região posterior da perna. **12.8** Os músculos lumbricais do pé são quatro músculos acessórios aos tendões do músculo flexor longo dos dedos. Os músculos interósseos do pé são conjuntos de músculos plantares e dorsais situados nos espaços intermetatársicos. O abductor do hálux situa-se superficialmente ao longo da borda medial do pé; o abductor do dedo mínimo insere-se na face lateral da falange do dedo mínimo.

13.4 Os três glúteos são os músculos glúteo maior ou grande, o médio e o menor, e situam-se na região glútea, i.e. das nádegas. **13.5** ‘Quadrato’, de *quadratus, a, um*, quadrado; cf. *infra* 23.4 ‘quadrados’; ‘Trigeminis’, trigémeo. **13.6** O músculo crural, ou quadricípite femural, situa-se na face anterior da coxa, e é formado pelo reto anterior, pelo vasto externo, pelo vasto interno e pelo vasto médio. Os vastos externo e interno são músculos que constituem uma das partes do músculo quadricípite. **13.8** ‘Peronæo’, peróneo ou perónio, osso comprido que se situa do lado externo da perna. ‘Tibiæo’, tíbia, osso longo, o mais volumoso dos dois ossos da perna, situa-se na sua parte interna.

14.1 ‘Crotaphites’, crotafita, músculo das têmporas. **14.3** ‘Masseters’, de masseter, músculo da mastigação. **14.5** Os zigomáticos maiores e menores são músculos da expressão facial. **14.8** Os dilatadores das fossas nasais são os músculos do nariz.

15.1 Sobre Anteu, ver *supra* 6.2. **15.3** O teres maior é um músculo longo que se situa entre o ângulo inferior da escápula e a parte inferior do braço. **15.4** O aniscalptor, ou *latissimus dorsi*, é um músculo largo que se situa entre as axilas e as costas. **15.8** ‘Anconæo’, anconeu ou ancóneo, músculo da face lateral do cúbito.

16.1 ‘Pronatores’, pronadores, de *pronator, oris*, o que se inclina para a frente, músculos da pronação. **16.5** Monte da lua ou hipotenar, eminência da parte interna da palma da mão. **16.7** O tenar, ou eminência tenar, é um grupo de músculos situado na palma da mão, na base do polegar.

17.3 ‘Pendula’, pêndula, do francês *pendule*. **17.5** O infrasspinato é um

músculo largo e triangular que preenche a cavidade infraespinal da escápula. **17.6** O teres menor situa-se acima do teres maior, entre a parte inferior da escápula e a parte de cima dos úmeros. **17.7** ‘Sub-scapular’, músculo subescapular, largo e triangular, situa-se na fossa subescapular.

18.2 Antitenar ou saliência do hipotenar. **18.4** O músculo superciliar (*corrugator supercili*) localiza-se entre o músculo frontal e o músculo orbicular das pálpebras.

19.1 ‘Atolentes’, atolentes, nome de um dos seis músculos dos olhos, também conhecido como elevador ou soberbo. **19.6** Referência provável ao quadrado do queixo (*quadratus genæ*), depressor dos lábios inferiores. O digástrico é o músculo do pescoço e tem duas partes.

20.5 ‘Diaphragma’, diafragma, músculo que separa a cavidade torácica da cavidade abdominal. O subclávio é um músculo par situado por baixo da clavícula. **20.6** Os músculos intercostais internos e externos são músculos situados nos espaços intercostais. **20.7** ‘Orthopnæa’, ortopneia, dificuldade em respirar.

21.1 Sobre os posticos, ver *supra* 12.6. Os posticos serratos superiores são os atuais músculos serrato póstero-superiores, situados por baixo do músculo romboide. **21.3** ‘Anticos’, de *anticus*, *a*, *um*, que está à frente. Os anticos maiores (*rectus anticus longus*) são músculos que se situam nas vértebras do pescoço. Os anticos menores (*rectus anticus brevis*) são músculos que se situam na parte anterior da primeira vértebra. **21.4** ‘Scalenos’, os músculos escalenos triplicados, i.e., anteriores, médios e posteriores, inserem-se nas vértebras cervicais e nas duas primeiras costelas. **21.5** O reto maior (*rectus major*) situa-se obliquamente entre o occipício e a segunda vértebra do pescoço. O reto menor (*rectus minor*) insere-se na eminência posterior da primeira vértebra e ascende lateralmente. **21.6** O complexo (*complexus*) é um músculo longo e largo que se situa na parte lateral posterior do pescoço. O esplénio (*splenius*) é um músculo largo e oblongo que se situa entre a parte de trás da orelha e a parte posterior e inferior do pescoço.

22.1 O romboide é um músculo par que se situa no dorso, de cada lado da coluna. **22.3** O trapézio (*trapezius*) situa-se entre o occipício e a parte inferior das costas. **22.4** O levator (*levator scapulae proprius*) é o músculo angular da omoplata, situa-se sobre o ângulo superior da escápula, ao longo da parte posterior lateral do pescoço. **22.6** ‘Interspinal processus’ refere-se às apófises espinhosas

(*processus spinosus vertebrae*), saliências ósseas que surgem na parte posterior e média das vértebras, protegendo a medula espinal, e local onde se inserem os músculos do tronco. **22.7** O músculo vertebral longo (*longus colli*) situa-se lateralmente nas vértebras do pescoço e em algumas vértebras superiores das costas. O transversal refere-se aos músculos *transversalis colli major*, *transversalis gracilis*, *transverso-spinalis colli*, e *transversales colli minores*. **22.8** Os músculos oblíquos são externos (*obliquus externus*) e interno (*obliquus internus*), e estendem-se da metade lateral inferior do tórax até à metade lateral superior da pélvis. Os retos (*musculi recti*) estendem-se da parte inferior do tórax até ao púbis.

23.2 Os músculos obturadores interno e externo têm por função fazer a rotação da coxa. **23.3** O tricípite sural, ou triceps, é o conjunto dos músculos gémeos e solhar da perna. **23.4** O piriforme, os gémeos, o obturador interno e o quadrado constituem os músculos quadrigémeos da perna (*musculi quadrage-mini*). **23.6** ‘Poplitæo’, o músculo poplíteo situa-se na parte posterior do joelho. **23.7** Sobre o postico tibial, ver *supra* 12.6.

24.2 O sartório é um músculo par situado na região anterior da coxa. **24.4** A fâscia lata é uma aponevrose que cobre os músculos da coxa.

25.2 ‘Buccinator’, músculo bucinador, situa-se na parede lateral da bochecha. O músculo canino situa-se na fossa canina do osso maxilar. **25.4** O músculo esternocleidomastoideu situa-se de cada lado do pescoço. Sobre os retos grandes e pequenos, ver *supra* 21.5. **25.5** O músculo sacrolombar, ou iliocostal, é um conjunto de pequenos feixes do músculo quadrado lombar. **25.7** Sobre o músculo serrato, ver *supra* 12.6.

26.7 Jóvio (Jovio) é um epíteto de Júpiter.

27.4 Bularco foi um pintor grego (c. século VII a.C) que terá pintado a Batalha de Magnésia. Címon de Cleonas, discípulo de Êumaro, foi, segundo Plínio, um criador de muitas técnicas de pintura, devendo-se a ele, nomeadamente, o uso de várias cores, a representação de faces voltadas para trás e a olhar para cima e para baixo, a representação das veias e das dobras do traje das pessoas e deuses. **27.6** Mélio (Melius) é um dos epítetos de Hércules. **27.7** Referência aos Doze Trabalhos de Hércules. **27.8** ‘Oeteo’, epíteto de Hércules, derivado do Monte Oeta, na Tessália, local onde morreu.

28.1 Cleoneu é um epíteto de Hércules, derivado do nome do local onde o herói matou o leão de Némea. **28.3-6** A Hidra de Lerna era um monstro com a forma de serpente com várias cabeças. Hércules matou-a com o auxílio de Iolau. **28.8** ‘Sylvario’ é gralha provável de ‘Sylvario’ por ‘Sylvano’. Silvano (Sylvanus) era uma divindade rural romana cuja barba se assemelhava à de Hércules. Estas duas figuras encontram-se juntas em muitas lápides. Para alguns mitógrafos, Hércules passava por ser neto de Silvano.

29.1-4 Referência a um dos trabalhos de Hércules, a captura do javali de Erimanto. **29.5-8** Alusão à captura da Corça de Cerineia, animal com chifres dourados e protegido por Ártemis, um dos trabalhos que Euristeu impôs a Hércules. **29.8** ‘Nanæa’, ou Naneia (Nanaia), era originalmente uma deusa babilônia da cidade de Uruk. A assimilação com Ártemis parece ter acontecido em Palmira e em Susa.

30.1-4 Referência a um dos trabalhos de Hércules, a captura dos pássaros do Lago Estínfalo, na Arcádia. **30.3** Sobre os crótalos ou castanholas, ver *supra* IX.103.2. **30.6** Hipólita, contra quem Hércules lutou, era a rainha das Amazonas. **30.7-8** Referência a um dos trabalhos de Hércules, a limpeza das cavalariças do rei Augias, tarefa para a qual Hércules desviou os rios Alfeu e Peneu.

31.1 Referência ao Touro de Creta que Hércules capturou sem a ajuda de Minos e que apresentou a Euristeu. Mongibelo é uma designação de Hércules que Samuda deriva do nome do Monte Etna, local em que existia um templo consagrado a Hércules. **31.2-3** Diomedes, rei da Trácia, tinha éguas que comiam carne humana. Hércules vence Diomedes e dá-o a comer aos animais, acalmando-os desse modo. **31.5-8** Referência a um dos Trabalhos de Hércules, o roubo dos bois de Gérion, o gigante com três cabeças e triplo corpo. Guardavam o rebanho o cão Ortro e o boieiro Eurítion. Ortro é um monstro filho de Tífon e Equidna, e irmão do cão do Inferno, Cérbero. O v. 8 alude à diversidade das representações de Ortro, que tanto é representado como tendo várias cabeças, como dotado de corpo de serpente. Ver *supra* IX.106.1.

32.2 e 4 Nomes de algumas Hespérides: Egle (Agle), Hespertusa (ou Hespéria e Aretusa) e Aretusa. Samuda não menciona Erítia, nem alude a outros nomes para totalizar o número de sete Hespérides. **32.5** Ládôn era o dragão que guardava o jardim das Hespérides. **33.7** O acónito (*aconitum*) é uma planta com utilizações medicinais e mágicas; o uso indevido é letal.

33.3-5 Referência ao mais difícil dos Trabalhos de Hércules, a descida aos Infernos para capturar o cão Cérbero. **33.6** Ténaro foi o cabo por onde Hércules entrou para chegar ao submundo.

34.1-2 Sobre Alcides, ver *supra* II.99.8. **34.3-4** Ao passar pelo sul da Gália com a manada dos bois de Gérion, Hércules foi atacado pelos Lígures, nomeadamente por Alébion (Álbion) e Dércino (Bergion). Quando as flechas acabaram, e ao reparar que a terra não tem pedras, Hércules faz uma prece ao seu pai, caindo depois uma chuva de pedras. **34.5** Caco tentou roubar a manada dos bois de Gérion a Hércules quando este passou pelo Lácio, no local onde haveria de surgir Roma. **34.7** Pirecmo (Pyræchmo, Pirecmes) era rei da Eubeia, mas foi vencido por Hércules quando este era ainda jovem. Lepreias (Lepreu, Lépreo, Lépreos) era filho de Cáucon e de Astidameia, e aconselhou Augias a que não pagasse a Hércules a limpeza dos estábulos. Depois de um concurso desportivo, Lepreias foi vencido e, encolerizado, empunhou as armas, acabando por ser morto por Hércules. **34.8** Referência a um episódio da guerra de Hércules contra Augias. Depois de muitos conflitos, Hércules acaba por matar Augias e substituiu-o por Fileu, filho do primeiro, que testemunhou a seu favor.

35.1 Sauro era um bandido da Élide que matava os viajantes; foi morto por Hércules durante o quarto dos seus Trabalhos, a captura do javali do Erimanto. **35.2** Âmico, rei dos Bébrices, terá sido morto por Lico, neto de Tântalo; segundo uma outra tradição, terá sido morto por Hércules. Mígdon, irmão de Âmico, foi morto por Hércules durante o regresso deste da expedição ao país das Amazonas. **35.3-4** Calciope era filha de Eurípilo, rei de Cós; da sua união com Hércules nasceu Téssalo. **35.5** Alcioneu era um gigante que atacou Hércules no istmo de Corinto, quando este regressava da Eritreia com a manada de Gérion. **35.6** Éfira era o nome antigo de Corinto. **35.8** Emátion reinava sobre os Árabes e Etíopes. Uma das tradições afirma que terá atacado Hércules quando este ia a caminho do Jardim das Hespérides, sendo vencido e morto; outra tradição coloca o encontro violento de ambos no regresso de Hércules do Jardim, no momento em que se preparava para embarcar na taça do Sol. Lígis, irmão de Alébion, é o herói epónimo dos Lígures; foi morto à pedrada por Hércules (ver *supra* 34.4).

36.1 Erix (Érice), rei da Sicília, desafiou Hércules para ficar com os bois de Gérion, mas acabou por ser morto pelo herói. **36.2** Menétio (Menetes) era o pastor dos rebanhos de Hades. Hércules confrontou-se com ele durante a sua captura dos bois de Gérion, guardados pelo pastor Eurítion. **36.5** Telégono, filho

de Proteu, foi morto por Hércules durante um combate. Sarpédon, um gigante, irmão de Póltis, foi morto por Hércules numa ribeira. **36.6** Alcestis (Alceste) era filha de Pélias, a única que não participou no assassinio do pai que foi engendrado por Medeia. Morrendo voluntariamente em vez de Admeto, seu marido, foi salva por Hércules dos Infernos, durante a passagem deste herói pela Tessália em busca dos cavalos de Diomedes.

37.1 Lico apoderara-se de Tebas e mata Creon (Creonte), acabando por ser morto por Hércules quando o herói regressa do Inferno depois da captura do cão Cérbero. **37.3-4** Busíris era um cruel rei do Egito que sacrificava os viajantes num altar a Posídon; foi morto por Hércules durante a busca das maçãs de ouro. **37.6** Anfidamas era filho do rei egípcio Busíris e Calbes (Calves) o seu arauto; foram mortos por Hércules depois de este se desprender do altar onde esteve para ser sacrificado por Busíris.

38.1-2 A ilha de Eriteia situava-se no Ocidente e Hércules pediu ao Sol a sua taça para atravessar o Oceano, em troca de não disparar as suas setas contra ele. **38.3-8** Hesíone era filha de Laomedonte, rei de Troia. Este rei não pagou aos deuses o que devia pela construção da muralha de Troia. Em retaliação, os deuses enviaram um monstro marinho que devorava os habitantes, talvez uma baleia. Para aplacar os deuses, apenas o sacrifício de Hesíone seria suficiente. Hércules ofereceu-se para matar o monstro em troca dos cavalos de Laomedonte. Depois de morto o monstro, o rei não honrou a sua palavra. Anos depois, Hércules organizou uma expedição contra Troia. Hércules deu Hesíone em casamento a Télamon. O presente de casamento foi escolhido pela própria Hesíone: o seu irmão Podarces, que nessa altura tomou o nome de Príamo, que passou a ser o rei de Troia.

39.1 Alusão a um episódio da infância de Hércules. A deusa Hera tentou matar o jovem herói com oito meses de idade, introduzindo no quarto dele e do seu irmão Íficles duas serpentes. Hércules matou rapidamente as serpentes. **39.2** Alusão a um episódio dos Trabalhos de Hércules. Depois de salvar Prometeu, este diz a Hércules que a melhor forma de colher as maçãs de ouro das Hespérides é pedindo a Atlas que o faça. Hércules oferece-se para sustentar o céu enquanto Atlas colhe as maçãs. **39.3-4** Alusão por analogia aos Trabalhos de Hércules do javali do Erimanto e do leão de Némea (Nemeia). **39.5** Hércules matou Anteu na sua viagem à Líbia à procura das maçãs de ouro. Os Pigmeus vingaram-se atacando o herói enquanto dormia, mas foram rapidamente vencidos e presos na pele de leão de Hércules. **39.6** Arquíteles era parente de Eneu, rei de Cálidon.

Hércules matou acidentalmente Êunomo, filho de Arquíteles, e jovem escanção da corte. Neste verso, por conseguinte, o nome do pai representa o filho. **39.7** Ergino era rei de Orcómeno, na Beócia. Hércules matou-o durante uma guerra entre os Míniás e os Tebanos.

40.1-4 Eqedoro era um rio da Macedónia. Cicno era um salteador que matava as suas vítimas, sobretudo peregrinos de Delfos. Apolo lança Hércules contra Cicno. Na versão de Apolodoro, Cicno era filho de Ares e Pirene; quando Ares intervém na luta, Zeus separa os lutadores com um raio. **40.3** Adefago é um cognome de Hércules com o significado de 'Insaciável'. **40.5** Hércules trespassou com uma flecha a águia que devorava o fígado de Prometeu. **40.7-8** A filha de Tífon era a Hidra de Lerna, irmã de outros monstros nascidos da união de Tífon com Equidna, como o cão Orco e a Quimera.

41.1-4 Aqueloo era um deus-rio com o dom da metamorfose. Apaixonado por Dejanira, filha do rei de Cálidon, assustou a jovem com as suas metamorfoses. Hércules, ao chegar à corte, pede a mão da jovem. Segue-se um combate entre Aqueloo, que se transformou em touro, e Hércules. O herói arranca um dos cornos ao animal, o que faz com que Aqueloo se dê por vencido. Em troca do corno, Aqueloo dá-lhe o corno da cabra Amalteia, um corno que derramava flores e frutos. **41.5-8** O centauro Nesso era barqueiro do rio Eveno. Quando Hércules e Dejanira tentaram passar o rio, Hércules nadou, mas confiou Dejanira ao centauro. Nesso tenta violar a jovem, e Hércules atinge Nesso com uma flecha.

42.2-8 Nomes de centauros. Anteriormente já tinham sido referidos Quíron (II.62.6), Erigdupo (XI.96.1) e Nesso (41.5). Abas, Afidas (Aphidas), Antímaco (Antimachus), Breto (Bretus), Craneu (Craneus), Críton (Criton), Danis (Denis), Dorilo (Dorylus), Erigipo (Erigippus, Erigdoupos), Flegreu (Phlegræus), Helino (Helinus), Licidas (Lycidas), Médon (Medon), Nícton (Nycton), Peantor (Pæantor), Picagmo (Picagmus), Reco (Rhœcus), Rifeto (Riphetus), Teleboas, Teumas (Theumas, Thaumás) e Tónio (Thonius).

43.8 Sobre o Tebano, ver *supra* 5.4.

44.1 Os Potítios, de *Potitii, orum*, eram uma velha família do Lácio consagrada ao culto de Hércules. **44.5** Os Pinários, de *Pinarii, orum*, eram uma antiga família romana consagrada ao culto de Hércules. **44.7** Carmenta, mãe de Evandro, era uma famosa profetisa. **44.8** Evandro era um rei de Arcá-

dia que fundou uma colônia no Lácio. Appius Claudius Caecus, i.e. o Cego, foi um importante estadista romano (c. 340-273 a.C.). Dizia-se que foi amaldiçoado e cego por Hércules devido à transferência que realizou da direção do culto do deus das mãos dos Potítios para as mãos de escravos públicos.

45.2 Bura era uma cidade da província romana da Acaia. **45.6** Tísbios, de Tisbe, cidade da Beócia. **45.7-8** Jogo de palavras gregas intraduzível para outras línguas. Mélon (Μήλον) era um cognome de Hércules, a quem eram sacrificadas ovelhas (μῆλον, ovelha); a palavra grega para maçã (μήλον) é foneticamente muito próxima do cognome do deus e da palavra para ovelha. Estes jogos de palavras que explicavam etimologias eram muito comuns. Uma outra história mítica explicava ao mesmo tempo essas três etimologias. Melo, jovem de Delos, era companheiro de Adónis e esposo de Pélia. Depois da morte de Adónis por um javali, Melos enforcou-se numa árvore, o mesmo fazendo Pélia. A árvore tomou o nome de ‘melos’ (macieira, em grego). A deusa Afrodite protegeu o filho do casal, também com o nome de Melos. Este Melos fundou a cidade de Melos e foi o primeiro a tosquir a lã das ovelhas e a dela fazer roupa. As ovelhas ficaram com o nome de ‘mela’, em grego. Os festivais dos Tísbios e dos Tebanos em honra de Hércules, as Heracleias, chamavam-se Méla, da palavra ‘maçãs’, fruto que era oferecido ao deus nessa altura. A história terá nascido da falta de uma ovelha para sacrificar ao deus. Uns rapazes terão usado o termo comum para maçã e ovelha e colocaram quatro pauzinhos numa maçã a fazer de pernas e dois a fazer de cornos.

46.1 Os Siciónios eram os habitantes de Sícion, cidade da Acaia. **46.2** As Heracleias e as Onomatas eram festividades em honra de Hércules; as primeiras aconteciam no primeiro dia das festividades e as segundas no segundo dia. **46.3** Os Lindos eram os habitantes de Lindos, na ilha de Rodes, onde existia um importante culto a Hércules. **46.5** Os Ceocrópios eram os Atenienses, assim denominados devido ao seu primeiro rei, Cé crops. **46.6** Ceramintes era um cognome de Hércules. **46.7** No festival de Hércules em Coos o sacerdote oficiava vestido de mulher.

47.1 Hipódoto era um epíteto de Hércules, devido a ter atado os cavalos na guerra contra os Orcómenos. **47.2** Harpálico foi o mestre que ensinou a Hércules a arte de lutar. **47.3** Teutaros foi o boieiro cita que ensinou Hércules a arte do arco. **47.4** Êurito foi outro mestre de Hércules na arte do arco. **47.5** Lino foi o primeiro mestre de Hércules que lhe ensinou as letras e a música, terminando a vida de modo desafortunado devido a um acesso de cólera de Hércules. **47.6** Anfitrião é o pai humano de Hércules e um dos seus mestres na arte de condução

do carro. **47.7** Autólico e Eumolpo foram mestres de Hércules nas artes da luta e da música, respetivamente.

48.1 Creonte, rei de Tebas, casou a sua filha Mégara com Hércules. **48.2** Samuda forma a palavra ‘Alcidas’ a partir de Ἀλκείδης, descendente de Alceu (Ἀλκῆϊος), que era filho de Perseu e avô de Hércules, herói este que teve como nome inicial Alcides (Ἀλκείδης), i.e. ‘descendente de Alceu’. **48.3** Mélite (Meliten) era uma ninfa de Corcira que se uniu a Hércules, dando-lhe um filho de nome Hilo. **48.6** O Caíco era um rio da Mísia, na Ásia Menor. Polias era um epíteto de Atena. **48.7** Augen, ou Auge (Auga), filha de Áleo, rei da cidade arcádia de Tégea. O ‘recente infante’ era filho de Hércules que, de passagem por Tégea, terá violado Auge sem saber que ela era filha do rei. A violação terá acontecido no santuário de Atena ou perto dele. Áleo, enraivecido e com medo de um oráculo que afirmava que o filho da sua filha reinaria em seu lugar, meteu Auge e o seu bebé num cofre (‘urna’) sobre a água. Auge e o pequeno Télefo acabariam por chegar à Mísia, onde foram recolhidos por Teutras (Teutrante), rei da Mísia.

49.2-6 Filone (Philone), ou Fíale (Fíalo, Phillo), era filha do arcádio Alcidemonte (Alcidamante, Alcídamas). Tendo sido amada por Hércules, tivera dessa união um filho chamado Ecmágoras (Achomagoras, Acomágoras). Alcidemonte abandonou a criança e a sua própria filha no cimo da montanha. Uma ave ouviu os gritos do bebé e tentou imitá-los. Hércules, ao ouvir a ave, acabou por descobrir o filho e a sua amada. Uma nascente próxima desse local ficou conhecida pelo nome da ave, Cissa (κίσσα), uma pega ou um gaio. **49.3** Referênciã a Auge; ver *supra* 48.7. **49.6** Samuda forma a palavra ‘conópio’ a partir de κώνωψ, garoto. **49.7** A filha de Eneu (Oeneo) era Dejanira. Quando Hércules matou o centauro Nesso, este, nos últimos momentos da vida, ainda teve oportunidade de enganar Dejanira, dizendo-lhe que do seu sangue ela poderia fazer um filtro para aumentar o amor de Hércules por ela. Uma das tradições sobre a morte do herói afirma que este morreu devido à túnica impregnada pelo sangue do centauro.

50.1 A filha de Êurito, rei de Ecália (Oecalia), era Íole. Dejanira envia a Hércules a túnica com o sangue do centauro Nesso devido ao ciúme que sentia ao ver a beleza de Íole e o amor de Hércules por ela. Íole é, pois, uma causa indireta da morte de Hércules. Ver *supra* XI.76.8. **50.3** Hércules lutou juntamente com Nireu contra o leão do Monte Hélicon. Desde o primeiro dos seus Trabalhos, a captura do leão de Némea, Hércules ficou associado à pele do leão com que se vestiu. Para

além dos leões de Némea e de Hélicon, Hércules também lutara contra o leão de Lesbos.

51.1-4 Ônfale, rainha da Lídia e filha de Iárdano (Iárdanes, Jardano), comprou Hércules como servo, apaixonando-se por ele. A rainha vestia-se com a pele do leão de Hércules e o herói vestia as túnicas longas e femininas da rainha. **51.5** Astíoque (Astyoche), filha de Ator, teve de Hércules o filho Tlepólemo durante a expedição do herói contra Cálidon. **51.8** Téspio era pai de cinquenta filhas com quem Hércules se uniu durante a caçada ao leão do Citéron.

52.1 Hebe, filha de Zeus e de Hera, era a personificação divina da juventude, e uniu-se a Hércules depois da morte e apoteose do herói. **52.6** Fundano é um cognome de Hércules devido a um templo que lhe era consagrado em Roma, ou no Lacus Fundani, no Quirinal, ou em Fundi, no Tiburtino. **52.7** Aniceto e Alexíares (Alexíaris) eram filhos de Hércules e de Hebe. Um dos filhos de Hércules e de Mégara também se chamava Aniceto.

53.1 As Cissotomias eram festividades em honra de Cisso, amigo de Baco, e de Hebe. **53.3** A Dia Dea era a deusa romana do crescimento da natureza, por vezes identificada com Ceres. **53.5** Fliunte era uma cidade do Peloponeso, perto de Sícion. Fazendo fé no testemunho de Pausânias, Hebe era a divindade principal da cidade.

54.7 Popas, de *popa, a*, são as vítimas de um sacrifício.

55.3 Féstio (Phæstum) é um cognome de Apolo, derivado do nome da cidade de Creta onde tinha um templo a ele consagrado.

56.2 Trítia era uma divindade local da Gália Narbonense. **56.8** Surpreende o género masculino de pirâmide: ‘Hum pyramide’, tanto mais que a palavra grega *πυραμῖς*, *ἴδος* é feminina; não se corrigiu devido à rima final. Ver *supra* V.69.8.

57.6 ‘Æsculo prospicio’. A palavra ‘ésculo’ deriva de *æsculus, i*, carvalho, árvore consagrada a Zeus. **57.8** Imediatamente abaixo da estância, alinhada à esquerda com os versos, está a observação ‘Aqui acabou o Autor original’. A tinta e a caligrafia são manifestamente diferentes.

ESTÂNCIAS DE CASTRO SARMENTO

60.8 É possível que se trate de uma gralha; contudo, como a palavra ‘Belo’ tem em português um significado nobre, pode acontecer que Castro Sarmiento grafasse deliberadamente dessa forma.

61.3 Latial, de *Latialis, e*, do Lácio, i.e. latino, povo romano. **61.4** Cognomes de Júpiter: Jupiter Pluvius, ou ‘Chuvoso’, e Jupiter Lucetius, ou ‘Luminoso’. Castro Sarmiento parece seguir de perto os exemplos de Thomas Godwyn, em *Moses and Aaron* (London, Phegor, 1662), uma obra que o médico e poeta poderia ter lido. Também Godwin menciona ostensivamente Pluvius e Lucetius ao benefício: “As the same *Idol Jupiter* had different names, and different Rites of worship, occasioned sometimes from different places ... sometimes from the different benefits which he was supposed to bestow on men, as *Jupiter Pluvius*, because he gave Rain; *Jupiter Lucetius*, because he gave *light*” (pp. 153-154).

62.1 Os Fenícios e Cartagineses consideravam Baal-Samen como o senhor dos céus, ou o deus do dia. Sanconíaton informa, através de Filo de Biblos, que Baal-Semen (Baal-samin) era o nome de Baal entre os Caldeus e a divindade fenícia principal. **62.3** Godwin informa que ‘Baal-Zebub’ significa Senhor das Moscas, ou Mestre Mosca, porque ‘zebug’ significa mosca (p. 155). Os Ecronitas são um povo bíblico (e.g. I Samuel, 10). **62.4** Apómio e Muscário são epítetos de Júpiter (Jupiter Apomyius, Jupiter Muscarius). **62.5** Chechemitas são um povo bíblico. **62.6** ‘Fœderato’, de *fœderatus, a, um*, aliado, confederado. Segundo Godwyn, ‘berith’, significa aliança, e, por conseguinte, ‘Baal-Berith’ significa o Senhor da Aliança.

63.6 Baal-Tsephon era um ídolo que os Hebreus acreditavam que tivesse sido feito por magos egípcios e colocado no deserto para observar e deter a fuga dos Israelitas do Egito. Thomas Godwin faz um paralelo com o deus supremo dos Romanos, afirmando que Baal-Tsephon tanto poderia ser chamado Jupiter Stator quanto Baal Speculator (p. 155).

64.1-8 Castro Sarmiento continua a seguir fielmente o texto de Godwyn: Baal-Peor é aproximado ao deus Priapo dos Antigos (“that obscene Idol, so famous in prophane Authors”, p. 154), a ‘Peor’ é atribuído o significado de colina,

os povos que adoravam esse deus são identificados com os Moabitas e Midianitas, e, finalmente, o ídolo ou deus destes povos, Chemosh, é totalmente identificado com Baal-Peor, não faltando uma atribuição para o significado do nome deste deus a partir das suas letras, o de deus cego.

65.2 Beel-Phegor significa o Senhor da Montanha Phegor, ou Fegor. Moloch, da raiz semita da palavra ‘rei’, era o nome de um deus adorado por Amonitas e por outros povos. **65.5** ‘Pena gente’, de Penos, os Cartagineses. Ver *supra* III.18.8. **65.8** Sobre o deus Milcom (Milcon), dos Amonitas, ver 1 Reis 11, 5, 7 e 33.

66.1 Sobre Aberides, ver *supra* VIII.84.1 e IX.118.2. **66.6** Mitra era um deus persa cujo culto alastrou pelo Império Romano.

68.1 Termos do Velho Testamento que designavam um dos vales imediatamente fora das muralhas de Jerusalém. Passaram a simbolizar o inferno. **68.2** Judá era o Reino do Sul e Israel o Reino do Norte do povo judaico.

70.1 Os Belonários, de *Bellonarius*, *ii*, eram os sacerdotes da deusa romana da guerra e irmã ou esposa de Marte. Ver *supra* VIII.70.1, IX.16.7 e XI.51.1.

71.3 Grafou-se ‘alumeia’ e não ‘alumia’ devido à rima com ‘cheia’ e ‘cananeia’. **71.5** Com ‘Chon’, Castro Sarmiento refere-se provavelmente à palavra grega que, para os Antigos, representava o deus egípcio Anúbis: Κύων, cão. Chiun refere-se provavelmente à palavra assíria ‘Sakkut’, um epíteto de Ninib, deus identificado com Saturno. **71.6** A palavra ‘Remphan’ é a transliteração de uma grega, e de variantes próximas, que aparece nos *Atos dos Apóstolos* (7.43). Por sua vez, esta palavra parece derivar da versão que a Bíblia dos Setenta fez das palavras hebraicas ‘Chiun’ e ‘Kewan’, palavras que significam provavelmente o planeta Saturno. Estas transliterações incorretas do hebraico deram origem à invenção de um suposto deus egípcio de nome Remphan. **71.7-8** A curiosa tese de que os deuses lúgubres são uma manifestação do Sol parece ser derivada de conjecturas antigas, nomeadamente de Macróbio (*Saturnalia*, I.20).

72.1 Oannes é o nome que o escritor Berosso (III a.C.) deu a um ser mítico com o corpo de peixe e de homem. Este ser terá ensinado várias ciências à humanidade. Como ‘Oannes’ parece ser uma versão grega da palavra babilónia ‘Uanna’, afigura-se provável que estes nomes se refiram ao mito babilónico de Adapa. **72.3** Sobre Dagon, ver *supra* IV.93.6.

73.4-8 Castro Sarmiento segue a *História Fenícia*, de Filo de Biblos. Esta obra aparece como uma tradução do livro mítico de Sanconíaton (Sanchuniathon), que, por sua vez, terá obtido os dados a partir do fundador da escrita alfabética, Taautes (Taaautos). **73.4-5** Na cosmologia fenícia, Siton ou Dagon é um deus da geração de El ou Cronos, Baytilos (Betila) e Atlas, todos filhos dos equivalentes fenícios de Úrano e Geia (Ge), do Céu e da Terra. **73.6** Na cosmologia fenícia, Elioun (Ilo) e Berut (Berouth) são os criadores do céu e da terra, e pais dos equivalentes fenícios de Úrano e Ge (Terra). **73.8** Misor e Suduc eram para os Fenícios os descobridores do uso do sal; Mago e Amunos (Amyno) eram os fundadores míticos das cidades e dos currais para o gado.

74.1-2 Ashdod é uma cidade litoral do sul de Israel que foi na antiguidade um importante centro do culto de Dagon, o deus homem e peixe. **74.3-6** Rafael Bluteau descreve deste modo a mudança de espécie e o deus Atergate: “Derceto, ou Derceta. Fabulosa Deidade, adorada dos Syrios, por outro nome, Atergatis, ou Adergatis. Tinhaõ para si estes Povos, que a própria Venus se namorara de Decerto, e que para lograr a extravagancia do seu appetite, mudara o sexo, transformandose em mancebo fermoso, e bem apessoado; pario Decerta huma menina, que (segundo a opiniaõ de alguns) foy depois a Rainha Semiramis; mas teve a nova parida taõ grande vergonha do sucesso, que se lançou em huma lagoa, onde foy mudada em peixe” (*Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino que acabou de sahir á luz, anno 1721*, Lisboa, 1727, p. 306). **74.4-7** Atergate (Atargatis ou Dérceto) era mãe de Semíramis. Quando Atergate foi afogada no lago Áscalon por Mopso (Mopsos), deus lídio, Semíramis foi cuidada pelas aves e metamorfoseou-se em pomba.

75.1 Sobre Dérceto, ver *supra* I.77.7, 74.3-6 e 74.4-7. **75.1-2** Astarte era uma deusa da fertilidade e da guerra de todo o Mediterrâneo Oriental, aproximada por alguns a Afrodite. Astaroth (Ashteroth) é o nome bíblico de Astarte. **75.8** Os adoradores da Astarte semita, e da Afrodite cipriota, sacrificavam uma ovelha à deusa. É provável que o povo bíblico dos Amonitas adorasse Astarte, para além da divindade principal Milcom. Castro Sarmiento joga com as palavras e com os géneros dos animais. A palavra ‘Amonita’ refere-se ao povo bíblico, e ‘Ámon’ refere-se ao deus egípcio do mesmo nome, representado habitualmente sob a forma de carneiro.

76.7 Adónis era um deus comum a várias religiões místicas do Levante (como a estrofe 77 dá conta), conhecido como deus da beleza. Quando um javali selvagem matou o deus, Afrodite (ou Astarte) chegou a tempo de o ver sucumbir nos seus braços. Ver *supra* IV.14.1.

77.4 A palavra ‘Adónis’ deriva do semita ‘Adonai’, que significa ‘senhor’.
77.5 Sobre Tamuz (Thamuz, Tammuz) ver *supra* IV. 16.3. Este deus babilónico derivou de um deus sumério. É identificado por alguns como Adónis, seu companheiro ou filho. A ‘hebraica gente’ tinha o nome de Tammuz no seu próprio calendário, no décimo mês do ano civil, derivado do calendário babilónico (Ezequiel, 8, 14).

78.3-8 Adónis e Tamuz são deuses da vegetação e do renascimento periódico, daí o paralelo que Castro Sarmento traça entre estes deuses e Proserpina (Perséfone), filha de Deméter, que passa o inverno com Hades no inferno.

79.1 Melampodos, ‘pés negros’, é uma designação dos Egípcios. A estância 79, como já se observou, é uma variação óbvia da estância 15 do Canto IV. O verso 3 é literalmente o mesmo, e os restantes são variações menores. É provável que se trate de um lapso de Castro Sarmento.

80.1 Giggres significa na língua fenícia ‘Adónis’; ver *supra* IV.17.1. ‘Baltha’ é uma divindade pouco conhecida. Segundo Sanconíaton, Cronos deu a cidade de Berila a Neptuno e a de Biblos a Baal-Tis. Existem várias grafias do nome: Baaltis, Beltha, Bualtis. É provável que se trate da Rainha do Céu dos Sabeus (Zabii).

81 Esta estância é praticamente igual à estância 17 do Canto IV. De facto, três versos são literalmente os mesmos. As referências mitológicas são as mesmas, bem como as referências aos instrumentos musicais antigos, com exceção da spádx (σπάδιξ), um tipo de lira. É provável que se trate de lapso de Castro Sarmento.

82.3 ‘Architis’, Árquitis, era o nome de Afrodite na Assíria. **82.5** Jove ou Zeus Heliopolites é a designação de uma divindade local de Heliópolis, na Síria, provavelmente Ba’al Hadad, que se identificou com o deus greco-romano. **82.6** Adad (Haddad, Hadad, acádio Adad, ugarítico Haddu) era um deus semita da tempestade e da chuva. Foi identificado com o deus anatólio Teshub, com o egípcio Set, com o grego Zeus e com o romano Júpiter.

83.1 Nisroch era o deus da cidade de Nínive. **83.3** Rimon (Rimmon) era uma divindade da cidade de Damasco, na Síria. Castro Sarmento alude também à raiz da palavra, *rum*, que significa ‘alto’, supondo que era uma divindade poderosa ou suprema do panteão. **85.5** Nabo (Nebo) é uma divindade babilónica. Castro

Sarmento tem alguma razão em juntar a palavra ‘profeta’ ao nome do deus porque ‘Nebo’ deriva de uma raiz que significa ‘profetizar’. Há dúvidas sobre se Beel e Nebo eram a mesma divindade. A importância desta divindade vê-se na composição dos nomes de alguns príncipes babilónicos: Nabonassar, Nebuchadnezzar, etc.

84.1 Os Terafim (Teraphim) eram imagens ou figuras. Para os antigos Hebreus, eram cabeças humanas colocadas em nichos e consultadas como oráculos. **84.2** Sobre os Penates, ver *supra* XI.34.4; sobre os Lares, ver *supra* III.38.5 e IX.113.2.

85.5 Menacheshim parecem ser pessoas que tinham poder sobre os escorpiões e as serpentes, talvez fossem semelhantes aos Psiles (Psylli), encantadores de serpentes da Líbia, de que fala Plínio (21.78). Os Megnonenim parecem ser pessoas dedicadas ao oculto.

86.5 Nergal era uma divindade dos Samaritanos que era representada por um galo, símbolo aparente do Sol. Terão sido os Cut, ou Cuteanos, um povo da Pérsia, a introduzir esse culto na Samaria.

87.2 Succoth Benoth era uma divindade babilónia. Alguns rabinos acreditavam que a divindade era adorada sob a forma de frangas e galinhas; outros pensavam que se tratava do costume de, pelo menos uma vez na vida, todas as jovens mulheres se prostituírem com os forasteiros, em honra da deusa local Milita (Mylitta), identificada como Afrodite. A expressão ‘cabanas e filhas’ significava esta última crença, a de que as tendas das jovens mulheres eram locais de prostituição sagrada. **87.7** Genetrix, de *genetrix, icis*, significa mãe, mãe protetora, tal como uma galinha em relação aos seus frangos e pintos. É provável que Castro Sarmento também tivesse presente que este nome significava igualmente Cíbele (Virgílio, *Eneida*, II.788).

88.1-3 Nib-haz (Nibhaz) e Tartak eram divindades dos Avites (Avims), um povo da Samaria. **88.5-6** Ashimah era uma divindade do povo de Hamath. Para os rabinos, era representada sob a forma de uma cabra, um bode ou um sátiro. **88.8** Amalteia foi a cabra que nutriu Zeus quando criança.

89.1-5 Adram-Melech (Adramelech) e Anam-Melech (Anamelech) eram divindades dos Sefarvaim da Samaria. Este povo fazia passar os seus filhos através do fogo em honra destas divindades. Castro Sarmento dá letra aos preconceitos dos

rabinos, afirmando que essas divindades se representavam sob a forma de burros e cavalos. É provável que existisse aqui um erro de percepção e avaliação, e que as divindades fossem representadas de facto sob a forma do Sol e da Lua. **89.5** ‘Escrupula’, o m.q. ‘escrupuliza’, provoca escrúpulos.

91.4 e 6 Os Babilónios, os Hiparenes, os Borsipenes e os Orchenes eram escolas ou seitas dos sábios ou filósofos caldeus que sustentavam teorias sobre o movimento dos astros e a eternidade do mundo, e se dedicavam a prever o futuro. Dividiam-se segundo as terras: Hiparenes, de Hiparene, na Mesopotâmia; Babilónios, da Babilónia; Orchenes, de Orchoe, na Caldeia; e Borsipenes, de Borsipe, na Babilónia.

92.1 Os Mecashfim (Mecashphim) eram feiticeiros; os Chacamin eram homens sábios; e os Chartumim eram mágicos. **92.2** Tsilmenaias é a arte de fazer aparecer os espíritos familiares e de conjurar demónios. **92.4** Os Iideoni (Ideone) eram demónios conjurados por encantadores, feiticeiros ou necromantes. Os Casmim (Chashmannim) eram príncipes ou nobres. **92.5** Chasdim eram os sacerdotes babilónios que descendiam em linha direta de Shem. Estes filósofos e sábios caldeus dedicavam-se ao prognóstico de eventos futuros. **92.8** Os Ashafim eram filósofos, astrónomos, astrólogos e médicos.

93.1 Zoroastro, ou Zaratustra, foi o fundador persa do Masedismo ou Zoroastrismo. Castro Sarmiento começa aqui uma ampla exposição do Zoroastrismo e das doutrinas dos Oráculos Caldeus. Para os sábios caldeus existe apenas um único princípio de todas as coisas. Esse princípio é representado de muitas formas: luz, raios, manifestação do Pai, fogo paternal, fogo único, etc. Para além da unidade do primeiro fogo, existe ainda uma tripla Trindade. Estes são os Inteligíveis. Cada pessoa da Tríade é por sua vez trinitária. As pessoas, ou profundidades, são as seguintes: paternal ou fonte da fé, Verbo ou fonte da verdade, ação criadora ou fonte do amor. A cosmologia metafísica zoroastriana é, pois, composta por Sinoques, Teletarcas, Pais, que são os servidores de Hécate; três Amilictos; três virgens de Hipezocos; anjos e demónios; e almas humanas.

A segunda ordem é a dos seres Inteligíveis e Inteligentes: Iinges (Iyn-ges), Sinoques (Synoches) e Teletarcos (Teletarchs). Os Jinges são as ideias que serviram de modelos inteligíveis (ideias da fonte) a partir das quais o mundo foi formado com outras ideias (ideias segundas).

Os Sinoques ou Anoques (Anoches) têm também três ordens, de acordo com os mundos que governam: os Empíreos, que regem o mundo empíreo; os Eté-

reos, que regem o mundo etéreo; os Materiais, que animam o mundo material.

A terceira ordem contém as coisas inteligíveis, os Cosmagogos, governadores do mundo. Estes também têm uma hierarquia. O primeiro Supremo está no topo; o segundo Supremo são os três Amilictos, i.e., os que não se podem adoçar. O terceiro Supremo é o Hipezoco (Hypezocos), o que está abaixo, a flor do fogo.

Abaixo dos Cosmagogos estão outros seres inteligentes: as fontes ou as origens. Abaixo das fontes estão os Hiperacos (Hiperachos), fontes ou arquétipos das almas e das virtudes. Depois dos Hiperarcos estão os deuses sem zona (Azonos), como Baco, Serápis, Osíris e Apolo, e os deuses ligados a uma zona. As duas classes existem no mundo material. Os Azonos têm um poder sobre todas as zonas; os outros deuses só agem sobre determinadas partes onde circulam com a matéria.

Os Caldeus elencam de seguida os Anjos e os Demónios imateriais. No último escalão desta hierarquia residem as Almas, de que também existem três tipos.

96.1-8 Exposição de princípios zoroastrianos. Nos Oráculos de Zoroastro aparece uma descrição da ordem do mundo numa Tríade. Os Iynges são espécies intelectuais, ideias de todas as formas que dão estrutura ao mundo, e são concebidas pelo Pai. Os Synoches ou Anoches são empíreos, etéreos e materiais, e são as mentes que dão fogo e alento aos vários mundos que governam. Os Teletarcas (Teletarchs) constituem a ordem dos intelectuais, os que apenas compreendem.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE

DE ASSUNTOS SELECIONADOS

A

África

II.31.5; II.38.2; III.17.6; III.72.4; III.85.7; VIII.8.2; Acuênsios, III.30.8; Africanos, II.41.2; III.18.2; III.19.5; III.50.4; III.57.6; Afros, III.60.5; Agna, III.28.4; Ampsaga, III.29.5; Argaucanos, III.28.3; Astacures, III.27.8; Atlante, III.17.7; III.31.6; Bacuatos, III.28.6; Banhilha, II.9.6; Banturaros, III.30.4; Caunos, III.28.5; Cerofeus, III.27.5; Chituas, III.30.3; Cidamúsios, III.30.2; Cirene, III.17.7; Cirtésios, III.30.2; Cinítios, III.27.8; Damênsios, III.29.4; Etéria, II.89.5; Etíopes, II.89.6; Focra, III.28.6; Gefes, III.27.6; Getulos, III.25.5; Líbia, II.27.5; IV.87.6; Libifénices, III.27.4; Líbios, VII.14.7; Lotófagos, II.122.7; III.29.4; Macanitas, III.28.7; Macries, III.29.2; Macures, III.30.4; Macúsios, III.30.6; Malva, III.31.5; Mampсарos, III.27.5; Mancurebos, III.30.6; Maquinos, III.29.1; Masices, III.28.7; Mauritânia, II.16.7; III.91.2; Mauritanos, III.28.1; Menor, III.27.1; Metagonitas, III.28.8; Micenos, III.30.8; Midenos, III.29.2; Mímaces, III.27.6; Muturgures, III.27.7; Nabatras, III.30.2; Nabjubas, III.28.3; Nacmúsios, III.30.4; Nectiberes, III.3; Nigbenos, III.29.4; Nigitimos, III.27.7; Ozutos, III.29.2; Quilimate, III.30.7; Samamícios, III.29.3; Segêncios, III.28.7; Subur, III.31.5; Sucósios, III.28.8; Tingis, III.28.2; III.28.2; III.91.2; Tingitânia, III.91.4; Tingitanos, III.25.4; Tritonides, II.101.3; Usaras, III.27.7; Vacuatos, III.28.4; Verbices, III.28.5; Verves, III.28.8; Volubilianos, III.28.5; Zeugitana, III.17.1

Além

Aqueronte, XI.20.4; Averno, *ver Itália*; Cérbero, XIII.33.3 e 5; Cimerianos, V.4.7; Cocito, VIII.89.5; XI.54.6; Elísio, X.104.8; Flegetonte, XI.20.2; Inferno, III.86.3; IV.17.3; V.4.8; V.8.1; V.9.1; VII.63.8; VII.65.8; VIII.63.8; VIII.70.8; VIII.72.2; VIII.81.3; X.21.8; X.82.8; XI.91.5; XIII.33.2; XIII.81.3; Letes, V.7.7; X.21.6; Paraíso, VII.63.8; Tártaro, X.104.8; XIII.33.4; Ténaro, XIII.33.6

Animais

I.2.4-5; II.14.4; II.14.2; II.86.4; II.116.8; IV.88.3; IV.89.5; V.31.6; V.76.4; V.86.6; VI.77.2; VI.102.7; VI.108.5; VII.77.7; VII.120.6; VII.122.2 e 6; VII.124.6; VIII.25.7; VIII.71.6; VIII.89.3; VIII.98.3; IX.4.1; IX.34.8; IX.84.4; IX.87.7; X.20.2; X.31.1 e 4; X.32.1; X.33.3, 6 e 8; X.46.3; X.53.4; X.84.4; X.86.1 e 7; X.88.7; X.94.1; X.110.2; XI.7.2; XI.39.8; XI.51.3; XI.52.8; XI.56.3; XI.64.3; XII.20.6; XII.69.8; XII.87.7;

XIII.31.4; XIII.45.5; XIII.55.5; XIII.75.6; XIII.89.3; abelha, II.113.4; II.114.5; VI.59.1; VII.24.7; VIII.17.2; X.85.1; XII.61.8; XII.72.2; abutre, VII.81.5; águia, VI.76.6; VI.84.2; VII.11.5; VII.81.5; VII.104.3; XIII.40.5; andorinha, IX.102.8; anfíbio, XIII.72.4 e 5; ápua (anchova), IV.4.1; aranha, V.78.5; asno, VII.81.8; XIII.88.2; XIII.89.1; aves, I.28.5; I.89.2; IV.3.3; V.5.3; V.57.3; V.77.3; V.86.2; V.87.1; V.100.8; VI.25.1; VII.80.7; VIII.25.8; VIII.71.4; IX.3.8; IX.8.5; IX.22.7; IX.25.8; IX.28.1-2; IX.51.4; IX.53.5-7; IX.103.8; IX.105.3; XI.6.1; XI.64.1; XII.87.8; XIII.30.2; XIII.67.1; aves de rapina, VIII.62.4; baleia, IX.46.2; XIII.38.3; bezerro, VII.60.6; IX.120.4; X.107.3; XIII.56.1; XIII.67.5; bode, XII.66.3; XII.47.1; boi, III.49.8; VII.27.8; VII.38.4; VII.66.3; VII.69.2; X.102.1; XIII.67.6; borrego, *ver carneiro*, ; cabra, II.117.2; IV.11.1; IV.100.4; VII.24.7; VII.41.7; IX.105.5; XII.66.5; XII.70.3; XII.71.1; XII.88.7; XIII.88.7; cabrito, VIII.25.5; caça, II.14.2; II.118.1; II.120.8; V.39.8; VI.53.1; camaleão, V.36.5; cão, IV.11.4; V.8.8; VI.53.2; X.13.1; IX.19.2 e 6; IX.22.2; IX.80.8; X.38.4; X.52.5; X.84.7; X.86.5; X.87.2-7; X.88.1; XI.30.2-3; XII.12.1; XII.71.1; XIII.31.8; XIII.88.1; XIII.105.2; carneiro, VII.22.5; VII.89.7; VII.90.4; VII.124.1; IX.63.6; IX.80.8; XIII.67.3; XIII.75.8; cavalo, III.123.1; III.124.1; IV.88.5; IV.101.5 e 8; VI.65.5; VI.85.1; VI.90.3; VI.103.1; VI.105.6; VI.107.2 e 8; VI.109.6; VII.1.3; VII.5.3; VII.8.2; VII.69.7; VII.88.2-4; VII.99.6; VII.100.7; VII.101.2; IX.2.2; IX.107.2; X.16.8; XI.39.2; XII.20.5; XIII.38.8; XIII.89.2; cegonha, IX.26.1; IX.27.4; chibarro, *ver bode*; cígnea (cisne), VII.12.8; cipaetos, VII.12.5; cobra, *ver serpente*; cochicho, IX.53.6; codorniz, IX.28.3; coelho, IX.19.8; conchas, IV.5.1; corça, XIII.29.6; cordeiro, VII.41.7; IX.5.3; IX.100.2; IX.122.1; X.39.1; X.99.4; XI.66.1; XIII.55.4; XIII.56.1; corvo, V.8.6; VII.59.5; VII.81.3; IX.27.5; XIII.26.6 e 8; coruja, V.8.4; crisetos, VII.11.7; doninha, VII.81.8; dragão, V.73.3; VI.76.8; elefante, IV.96.2; V.14.6; encrasícolo (anchova), IV.4.6; falaride, IV.3.7; falcão, IX.28.4; falérica, IV.4.7; fene ossifraga, VII.12.7; fera, III.50.2; V.8.8; V.32.6; VI.12.2; VIII.71.6; IX.85.8; X.109.2; XI.43.8; XI.51.2; XII.19.5; XII.27.7; formiga, III.2.7; V.14.6; gado, II.24.8; III.100.5; III.120.7; VII.27.7; VII.89.6; VIII.53.3; VIII.56.6; IX.17.4; IX.77.5; IX.79.4; IX.95.5; XIII.55.8; galgo, *ver cão*; galinha, XIII.87.1; galo, V.8.7; IX.21.5; X.97.8; X.104.2; XIII.86.8; gamo, *ver veado*; ganso, V.8.7; VII.86.8; IX.105.5; garça, IX.24.3; X.91.7; gavião, V.5.8; gineta, IX.21.7; gobites (góbios), IV.4.5; halietos, VII.12.3; hepsêto, IV.4.4; inseto, XI.64.3; javali, II.107.3; V.39.7; VI.76.8; X.89.1-4; XIII.29.3; jumento, *ver asno*; lagarto, IX.21.1-4; leão, II.70.4; V.33.6; VI.77.8; IX.34.3; IX.55.2; XII.14.8; XIII.39.3; XIII.50.3; XIII.84.8; lebre, IV.11.1; VII.81.8; IX.19.5; IX.105.4; XII.12.2; leitão, *ver porco*; lémmure, V.14.7; lobo, II.117.1; VI.76.7; VII.81.8; IX.96.3; IX.102.5; XII.22.1; mariposa, I.34.3; VI.16.1; marisco, VIII.17.4; melro, IX.53.4; membras (espadilhas), IV.4.8; milhafre, IX.25.1; mocho, VII.81.3; morcego, V.5.8; morfno, VII.12.8; mula, *ver asno*; oripelargo, VII.12.7; ovelha, VII.60.7; IX.5.2; IX.80.8; XIII.45.8; XIII.75.8; pantera, VI.77.8; XII.27.8; pássaro, *ver aves*; pato, IX.102.4; X.13.3; pega, VII.81.3; XII.88.5; peixe, IV.3.3; V.5.6; V.57.3; VIII.25.8; VIII.38.2; VIII.71.2; IX.102.4; XIII.72.2; XIII.74.1 e 3; peixe sarra, III.1.2; percnóptero, VII.12.5; perdiz, IX.25.6; perro, *ver cão*; pesca, II.13.8; II.118.1; pica-pau, IX.28.6; pigargo, VII.12.8; pintarroxo, IX.53.2; pintassilgo, IX.53.7; pinto, *ver galinha*; pomba, I.23.7; I.89.6; IV.3.6; IV.8.8; VII.11.8; VII.14.2; IX.28.7-8; IX.71.5; porco, IV.8.5; IX.100.2; IX.123.1 e 8; XI.32.5; XIII.39.4; XIII.56.1; raposa, VII.81.8;

IX.22.1; rebanho, IX.76.5; rezes, *ver gado*; rola, VIII.62.1; IX.27.7; serpente, VII.65.8; VIII.78.4; VIII.83.2; IX.23.1-8; IX.26.2 e 6; IX.69.4; XII.31.5; XII.36.3; XII.38.1; XIII.31.8; XIII.38.4; XIII.39.1; XIII.40.8; XIII.84.8; tarântula, IX.61.1; X.27.5; tartaruga, X.97.8; tigre, V.33.6; VI.11.5; VI.77.8; X.30.5 e 8; X.31.8; X.61.1; X.108.3; XI.39.4; XI.45.1; XI.58.2; XII.27.8; touro, III.49.8; VII.40.4; VII.60.5; VII.73.8; VII.89.7; VII.90.4; VII.119.8; VII.121.6; VII.122.4; VII.124.1; IX.62.7; X.8.1; XIII.31.1; XIII.41.1; XIII.65.1; tritão, *ver anfíbio*; univalves, IV.5.3-8; urso, X.79.7; valéria meletos, VII.12.1-2; veado, II.117.5; X.87.8; X.88.2; XIII.26.4; víbora, *ver serpente*; vitela, IX.78.5; IX.129.3; XIII.67.4; XIII.84.8

Amor

I.20.1-8; I.32.6; I.55.6; Afrodite, *ver Índice Onomástico*; arpão do amor, I.72.3; inconsistência do amor, I.67.8; V.21.4; V.52.7-8; V.55.8; X.29.4; pecado, I.75.5; Cupido, *ver Índice Onomástico*; resistir ao, I.79.8

Arábia

II.40.2; II.46.7; XIII.35.8; Félix, II.46.8; Nabateia, II.21.7; Petreia, II.46.8; Sabea, IX.50.2

Arte

IV.6.7-8; VII.5.5; VII.50.7; X.95.7-8; *ædes sacræ*, IX.30.4; dança, IV.17.5; IV.20.2 e 5-8; IX.58.6; IX.59.3; IX.61.4; IX.68.2; XII.32.5-6; XIII.81.5; estatuária, IV.3.1; IV.22.2; VI.35.8; VII.5.2; VII.7.2; VII.8.1-8; VII.19.3; VII.59.6; VII.19.3; VIII.44.7-8; VIII.45.4; IX.127.5; XIII.5.7; XIII.7.3; XIII.26.1; história, VII.57.6; XIII.58.4; imitação, VII.5.6; VII.9.7-8; XIII.56.3; jardinagem, VI.70.7-8; VI.113.1; IX.33.2; molduras, IV.3.4; IV.5.2; IV.6.1; VII.11.1; IX.56.1; IX.113.5; X.97.4; música, 17.6-8; VI.685-6; VII.56.1-8; VII.57.1; VII.70.2-4; VII.105.1; IX.58.2-4; IX.60.3-4; IX.61.2; IX.103.2; IX.124.3-8; XII.33.2-5; XII.36.5-7; XII.40.6; XII.78.5; XIII.79.5-6; XIII.81.5-8; pintura, IV.1.3; IV.6.5; IV.17.1; IV.22.2; VI.35.4; VII.9.1; VII.10.6-7; VII.13.1; VII.48.8; VII.74.8; VII.87.4; IX.34.1; IX.70.1; IX.71.6; IX.72.1; IX.74.6; IX.113.1; X.65.7; X.100.6; XI.31.4-8; XII.29.1-8; XII.37.4; XII.78.1; XII.80.8; XIII.5.7; XIII.27.1; XIII.43.1; poesia, VII.57.1; XII.44.3; scites, IX.69.5; teatro, VII.57.2 e 4; templos, IV.1.2; IV.22.2; VII.4.1-8; VII.17.1; VII.19.1; VII.20.3; VII.21.2; VII.23.1-2; VII.24.2; VII.110.2; VII.113.6; VII.117.1; VIII.57.1; IX.30.2; IX.54.1-3; IX.117.7; IX.129.1; X.95.3 e 6; XI.44.2; XII.26.4 e 8; XII.79.2; XIII.54.2; XIII.58.3; XIII.71.2; Terafim, XIII.84.1

Ásia

II.38.2; III.2.4; VIII.8.2; XII.26.6; XIII.60.8; Ataf, II.9.6; Bitínia, V.50.8; Cilícia, III.14.6; Frígia, II.131.1; V.51.4; Índios, XII.27.1; Medos, VIII.9.2; monte Dalanguer, IX.36.2; Pessino, IX.67.4; rio Eufrates, V.47.5; rio Ganges, IX.36.8; rio Indo, IX.36.1; rio Kanda, IX.36.3; rio Meótis, II.100.5; rio Perseli, IX.36.3; rio Semena, IX.36.3; rio

Tanais, II.100.5; Seleucia, II.47.8; Teucros (Troianos), II.94.2; Troia, II.131.3

Assíria

II.21.6; XIII.60.3; Assírios, III.10.2; III.13.2; VIII.9.2; XIII.77.6; XIII.83.1; Assur, XIII.86.2; Caldeia, XIII.60.4; XIII.87.6; Caldeus, XIII.82.2

Autorreferência

II.8.1; II.15.2; II.30.3; II.57.7; II.77.7; II.86.6; II.90.7; II.92.5; II.95.8; II.104.7; II.130.5; II.138.4; III.9.7; III.27.2; III.29.7; III.31.3; III.38.3; III.42.2; III.46.4; III.52.3; III.57.5; III.61.5; III.64.6; III.94.4; IV.22.5; IV.24.8; IV.43.6; IV.46.7; IV.56.3; IV.58.7; IV.59.6; IV.61.7; IV.62.6; IV.68.3; IV.73.7; IV.95.7; VIII.11.3; XII.7.2

B

Babilónia

I.11.6; IX.110.5; XIII.72.1; Babel, XIII.87.2; Babilónios, III.9.5; Nínive, II.47.1; III.14.2; XIII.83.2

Batalhas

VI.121.8; Abrittus, V.42.8; Adrianópolis, V.38.8; Alteia, X.80.7; Aquileia, V.42.3; Arbela, I.83.2; Argos, V.46.7-8; Canas, III.63.2; V.50.7; X.80.2; Cápua, X.80.8; Edessa, V.53.1-2; Eleutérias, VII.58.5; Gaugamela, I.83.4; Granico, I.83.1; Heracleia, IV.89.2; Hibera, III.69.3; Hímera, III.24.6; III.42.5; Lago Trasimeno, III.60.7; Leuctros, VII.44.4; Macabeus, IV.89.4; Metataurus, III.70.3; Mons Seleucus, V.41.7-8; Plateia, VII.43.2; VII.58.2; Sagunto, X.80.7; Tiatira, V.38.7; Zama, III.72.7; V.50.7

C

Calendário

Abril, IX.103.2; agosto, IX.104.7; Antestérion, XII.39.2; dezembro, IX.105.7; Elafebólion, XII.37.2; estio, IX.84.7; IV.19.8; Geréstion, IX.110.4; Hecatombeon, IX.108.2; idade de Ouro, IX.111.6; IX.121.1; inverno, III.89.8; IV.19.8; IX.92.8; XIII.108.5; janeiro, IX.101.2; julho, IX.104.3; junho, IX.104.1; XIII.78.8; Lous, IX.110.5; maio, IX.103.6; março, IX.102.6; novembro, IX.105.6; XIII.78.8; outono, IV.19.8; IX.90.1; IX.105.4; primavera, I.24.2; I.28.7; III.93.2; IV.19.8; IV.39.1; IV.70.1; VII.42.7; IX.81.1; XII.45.2, setembro, IX.105.1

Cartagineses

III.24.2; III.26.2; III.60.4; III.69.4; Africanos, *ver África*; Birsa, III.17.1; Caca-be, III.46.1; Cadmeia, III.69.2; Cartago, I.66.2; III.25.2; III-36.8; III.47.6; III.48.6; III.51.2; III.61.6; III.67.7; III.78.6; Cartagónios, III.27.3; Cenépolis (Cartago Nova), III.45.8; III.70.7; Charchedon, III.72.8; Chartada, III.53.1; Penos, I.66.1; III.18.8; III.18.6; III.22.1; III.23.2; III.35.3; III.38.2; III.56.2; III.60.8; III.66.1; XIII.65.5; Tí-rios, III.41.8

Cáucaso

II.10.3; Albânia, II.10.2; Armática, II.10.6; Arménia, II.10.4; II.53.3; Artanissa, II.10.6; Cítia, II.48.3; Citas, II.66.5; II.82.5; Cólquide, II.10.2; Ibéria do Cáucaso, II.10.1; rio Ciro, II.10.5; rio Moschicos, II.10.4; Sarmátia, II.10.3; II.46.6

Celtas

II.89.1; III.6.1; III.7.1; III.13.1; III.37.6; III.39.3; III.46.4; III.49.2; III.51.7; II.138.1; III.55.3; III.89.1; Alobroge, III.56.6; Anatólio, III.56.7; Andegavos, II.136.4; Aulercos, II.136.4; Bechunos, III.59.4; Britanos, II.136.6; Carnutes, II.136.7; Celtiberos, II.138.1; III.5.5; III.68.3; III.71.1; IV.37.4; VI.88.6; VI.123.2; VI.124.8; Casserómio, III.56.4; Caturiges, III.59.8; Cavao, III.56.7; Cenomanos, II.136.4; III.59.5; Centrones, III.59.8; Comono, III.57.1; Curiosolites, II.136.3; Deciátio, III.57.2; Diablitas, II.136.5; Ebu-rovices, II.136.5; Éduos, II.136.3; Elicoco, III.56.8; Francos, III.57.8; Gálates, II.89.2; II.135.7; Galocitas (Cimbros), II.137.4; Galos, III.39.1; VII.86.7; IX.60.1; Insubres, III.59.4; Lepontinos, III.59.7; Lexóbios; II.136.2; Líbicos, 59.5; Mimenos, III.56.8; Nanetes, II.136.8; Nerúsios, III.60.2; Oróbios, III.59.7; Osísmios, II.136.6; Parisios, II.136.8; Redones, II.136.3; Rifates, II.89.8; Sagalauno, III.57.1; Salice, III.56.8; Sa-lásios, III.59.7; Segusianos, II.136.2; III.60.2; Senones, II.136.1; Sentio, III.56.8; Se-quana, II.135.3; Suétrios, III.60.1; Taurinos, III.59.8; Tricássios, II.136.1; Tricasteno, III.56.7; Turones, II.136.5; Unelos, II.136.7; Vadicasses, II.136.2; Vendióntios, III.60.1; Vénetos, II.136.8; Vocóntio, III.57.2

Céu e Constelações

X.1.5; Águia, IX.1.4; Andrómeda, X.1.8; Aquário, IX.92.3; Auriga, IX.1.3; Aurora, *ver Índice Onomástico*; Austral Crater, IX.1.6; Baleia, IX.1.7; Bootes, IX.1.2; Cancro, IX.84.1; Capri-córnio, IX.92.1; Carneiro, I.2.3; Centauro, IX.1.3; céu, I.15.1; I.27.7; II.15.5; II.133.7; III.35.8; III.102.6; III.108.5; III.117.1; III.119.8; V.67.7; VI.17.8; VIII.66.7; VII.61.8; VIII.72.2; VIII.89.5; IX.92.6; IX.107.6; X.4.7; X.37.6; XI.61.8; XI.62.8; XI.67.8; XI.68.5; XI.69.2 e 8; XII.48.7; XIII.73.5; XIII.100.2-5; XIII.105.1 e 6; Cisne, IX.1.4; cometas, XI.80.5; Coroa de Ariadne, IX.1.6; Corvo, IX.1.4; Delfim, IX.1.7; Drago, X.1.8; Erida-no, IX.1.5; Esferas do céu, I.24.4; Estrelas, I.2.6; XI.79.8; XII.10.1-2; XIII.84.7; I.2.3; 104.3; Hércules, IX.1.2; Híades, XII.65.1; Leo, IX.84.3; Libra, IX.87.1; Lira, IX.1.6; Lua, III.41.2; VI.21.2; VI.22.4; X.38.8; XI.75.4; XIII.84.5; XIII.100.6; meio-dia, XI.1.1; Nau,

IX.1.8; Noite, I.28.2; XII.11.3; ocaso, XI.60.8; XII.22.4; Oríon, X.27.6; XII.65.5; Péga-
so, X.1.8; Perseu, X.1.8; Pisces, IX.92.5; planeta, XI.4.4; XIII.66.6; I.2.3; 104.5; Plêiades,
II.16.7; XII.65.1; Sagitário, IX.87.5; Scorpio, IX.87.3; Serpente, IX.1.4; Sol, *ver Índice*
Onomástico; Touro, I.2.3; II.16.8; XII.65.2; XIII.104.4; Triângulo, 1.5; Ursa, VIII.103.5

Ciência e Técnica

Ácidos, XI.23.2; agricultura, VI.70.7-8; água-forte, XI.22.8; alfabeto, II.62.3-4; álgebra,
ver matemática; anatomia, V. 77.1-8; XIII.7.7-8; XIII.8.1-6; XIII.9.1-7; XIII.10.1-6;
XIII.11.1-8; XIII.12.1-8; XIII.13.1-8; XIII.14.1-8; XIII.15.1-8; XIII.16.1-8; XIII.17.1-
8; XIII.18.1-8; XIII.19.1-8; XIII.20.1-8; XIII.21.1-8; XIII.22.1-8; XIII.23.1-8;
XIII.24.1-8; XIII.25.1-8; ar de Anaxímenes, V.68.4; , XI.26.6; ariete, III.22.4-8; armas,
II.96.5; arquitetura, *ver Artes*; astronomia de Anaxágoras, V.69.1-3; V.72.1-8; astronomia
de Anaximandro, V.70.1-2; V.71.2; astronomia de Anaxímenes, V.69.7; astronomia de
Aristóteles, V.73.5-8; astronomia de Cleantes, V.69.8; astronomia de Heraclides Pônti-
co, V.73.1-4; astronomia de Xenófanes, V.69.6; astronomia de Tales, V.89.3; barómetro,
V.90.8; bomba de ar, V.90.8; XI.55.4; Boyle, V.90.7; bússola, VIII.103.1-4; XI.84.7-
8; calcanto, XI.22.7; câmara obscura, XI.28.5-6; ciência, II.29.3; VII.36.8; X.96.3-4;
XI.22.5; XII.37.7; XII.61.4; ciência esotérica, VII.34.2; XI.13.2; XI.83.5-6; XIII.85.5-6;
XIII.91.2, 4 e 6; XIII.92.1-8; clepsidra (ladrão de água), V.90.2; coração, X.79.3; cristais,
XI.25.5; XI.47.5; XI.54.5; cultura do vinho, II.9.4; II.114.2; Dédalo, IX.26.8; desmaio,
VI.33.1-4; dióptricas, V.78.1-4; doutrina de Parménides, V.70.3-5; doutrina pitagóri-
ca, II.93.7; V.68.5; eletricidade, XI.96.5-6; XI.96.6; éter, *ver óleo de vitríolo*; física de
Aristóteles, V.89.6-8; física dos Estoicos, V.90.4; fisiologia das aves, V.86.2-8; V.87.1-8;
V.88.1-8; fisiologia humana, V.93.1-8; V.94.1-8; V.95.1-8; fisiologia da paixão amoro-
sa, VI.54.1-8; VI.55.1-3; X.24.1-8; X.26.1-8; XI.98.1-8; fisiologia dos peixes, V.84.1-8;
V.85.2; fisiologia vegetal, V.79.1-8; V.80.1-8; V.81.1-8; V.82.1-8; V.83.1-8; fogo de He-
raclito, V.68.2; folha de ouro, XI.85.2-4; gadanha, IX.69.5; Galileu, V.90.7; gravidade,
V.90.5; V.91.1-8; XI.55.3; hermenêutica de Metrodoro, V.69.4; hidrostática, V.92.1-8;
história de Heródoto, VII.57.6; íman, VI.45.1; infinito de Anaximandro, V.68.6; Jô-
nios, V.68.3; V.89.5; lanterna mágica, V.14.1-3; leis, II.129.6; III.51.3; X.93.1; livro,
VIII.76.1-8; XIII.45.4; XIII.47.5; loucura, I.88.3; I.88.5; V.23.8; VIII.93.6; IX.59.1;
IX.66.6; X.25.1 e 5; X.83.2; XI.34.1; XI.50.7; XI.73.8; XII.31.1; XII.39.4; XII.55.1;
XII.70.2 e 4; magnetismo, VIII.100.1-4; máquina, V.11.7; VII.19.1-8; XI.61.1;
XII.28.3; máquina boyleana, XI.6.1; máquina do mundo, VIII.72.1; matemática, X.2.4;
IX.32.1; XI.14.4-8; XI.15.1-8; XI.16.1-7; XI.17.2-8; XI.18.1-8; XI.19.1-8; medicina,
IX.61.2; XII.30.7; XII.38.8; memória, III.25.8; III.38.8; X.21.6; X.22.8; X.23.1; X.24.1
e 8; X.36.7; XI.42.2; XIII.43.6; microscópio, V.79.4; mineração, II.24.7; III.1.8; III.4.4;
navegação pelos astros, II.101.6; X.75.1; óleo de antimónio, XI.24.1; óleo de vitríolo
anglicano, XI.22.1; ótica dos prismas, VI.40.1-4; XI.47.1-8; oricalco, XI.22.8; origem
da cultura, IX.10.1; IX.27.2; IX.113.1; XIII.72.1; paradoxo de Zenão, V.68.7; V.89.5;
perspetiva, VI.2.7; VII.9.5; pescaria, II.13.8; polme (polmo), XI.24.3; prata, XI.26.2;
psicologia, VIII.82.2; VIII.96.5; X.32.2-4; psicologia de Antifonte, V.70.6; química,
XI.21.1-8; XI.22.1-2 e 7-8; XI.24.1; XI.25.1 e 5; XI.26.1 e 6; XI.54.5; XI.86.1-8; raiz
quadrada, *ver matemática*; raízes do mundo de Empédocles, V.68.8; V. 71.7-8; VII.57.5;

redes para caça, II.14.2; sábios, V.67.2; X.104.1; sais, XI.25.1; sonhos, VI.6.1; VI.57.5; VII.17.1-4; tártaro, XI.22.7; telescópio, XI.28.1-4; teriaga, VI.30.8; têxtil, III.2.5; tinturaria, III.1.2-4; Torricelli, V.90.7; tubo vítreo, XI.85.2; urbanismo, II.17.6; II.18.7-8; II.77.6; II.132.5; vácuo, V.89.3; V.90.2-8; veneno, VI.30.8; Zodíaco, IX.71.7; IX.72.1-8; zoogonia de Empédocles, V.76.1-8

E

Egito

I.12.6; II.62.2; III.14.6; V.46.5; IX.86.7; XIII.37.3; XIII.71.5; XIII.77.7; XIII.78.8; Alexandria, XIII.81.1; Baixa Ogígia, II.49.7; Mênfis, XI.27.8; Miara, II.49.8; Misraim (Egito), II.89.4; Nilo, II.35.3; II.49.4; V.64.7; Melas (Nilo), II.89.3; Tebas, II.62.2

Espanha

I.1.3; II.16.8; V.49.4; Abdara, XII.90.6; Andaluzia, XII.1.1; XII.26.6; Arevacos, III.97.6; Ártabros, II.129.5; Asta, III.77.3; Baleares, III.37.1; Barcino, III.48.8; Belos, II.4.6; III.83.5; III.97.5; VI.120.3; Bastetanos, III.76.7; Bástulos, XIII.1.2; Belon, XII.90.8; Bética, II.25.8; II.97.2; II.113.1; IV.26.2; III.16.1; III.38.1; III.76.6; III.88.3; III.90.6; III.91.5; IV.49.2; Béticos, II.41.2; II.90.5; III.4.3; III.5.5; III.9.3; III.15.6; III.34.7; III.35.3; III.49.1; VI.124.4; XIII.1.3; Blastofenices, III.80.6; Bracara, III.33.7; Brácaros, III.80.5; Cádiz, *ver Gades*; Calduba, XII.90.2; Calpe, XII.90.7; Carpentânia, III.120.4; IV.39.2; Carmena, III.94.8; Carteia, XII.90.7; Celtiberos, *ver Celtas*; Citerior, II.97.3; Detunda, XIII.1.4; Edetanos, II.138.1; 54.6; Exoche, XII.90.8; Gades, II.101.7; II.130.3; III.3.1; III.5.1; III.7.7; III.12.1; III.18.1; III.22.2; III.26.1; III.32.2; III.34.1; III.37.2; III.72.6; XIII.4.2; Gaditanos, III.9.1; III.21.2; IV.58.3; Gruios, II.125.7; Hespéria, II.51.1; II.55.2; II.58.5; II.82.2; Hispânia, II.50.2; II.51.4; II.127.3; II.130.6; III.2.6; III.72.2; Hispanos, II.6.1; II.7.3; II.65.2; II.79.7; II.85.5; II.86.6; III.9.5; III.74.3; VI.88.3; Ibéria, II.7.8; II.24.2; II.31.5; II.41.1; II.44.1; II.45.5; II.49.4; II.61.1; II.75.6; II.96.4; II.99.4; II.110.7; II.113.8; II.120.4; II.137.7; II.128.1; III.1.7; III.67.7; III.68.1; III.70.6; III.74.3; III.85.6; III.95.4; IV.70.2; IV.84.8; VIII.9.7; XIII.3.4; XIII.59.3; Iberos, II.11.8; II.68.8; III.47.2; III.87.5; IV.39.6; Ilergetes, III.73.2; Iobelos, II.11.8; Iones, II.133.1; Ituca, XII.3.2; XII.23.5; Lago Gaditano, II.19.5; Malaca (Málaga), XII.90.8; Menoba, XII.90.6; Montanheses, II.81.1; Murgis, XII.90.4; Numância, III.90.4; Numantinos, III.83.3; III.97.5; Ocile, III.86.7; Onoba, XII.90.2; Orsona, IV.58.1; IV.60.3; Ostrace, III.88.6; Pirinéus, III.2.1; Porto Graio, II.126.6; rio Ana, II.92.4; rio Bétis, III.85.3; rio Dórias (Douro), II.126.5; III.33.4; IV.67.3; rio Ibero, II.13.7; II.137.7; III.48.5; rio Mínio (Mínho), II.125.1; III.33.4; IV.67.3; rio Munda, III.33.4; rio Nébis, II.125.7; rio Rubricato, III.11.5; rio Terebris, II.128.3; rio Vaca, III.33.4; Sacro Promontório, II.13.1; II.49.1; III.32.6; Sagunto, III.53.4; X.80.7-8; Saguntia, XII.90.2; Sala, XII.90.4; Salduba, XIII.1.4; Sárrios, III.37.5; III.39.6; Selambina, XII.90.6; Selia, XIII.1.4; Segeda, III.83.2; Sex (Saxetanum), XII.90.6; Sicânia, II.61.6; Sicóris, II.61.6;

Susana, VII.91.8; Tarraconense, III.11.7; Tartéssios, III.7.2; Tartesso, IV.37.2; Tícios, II.4.5; III.83.5; III.97.5; VI.120.4; Transducta, XII.90.8; Tribola, IV.32.2; Tude (Tuy), II.125.8; Turdetanos, III.13.1; III.15.5; III.16.1; III.19.1; III.21.6; III.26.4; III.27.2; III.34.7; III.35.4; III.38.1; III.38.3; III.39.3; III.47.3; III.97.1; Turdeto, III.23.1; Túrdu-
los, III.14.8; IV.53.5; XIII.1.3; Ulterior, III.88.1; Utica, *ver Ituca*; Vaceus, II.4.7; Vecor, IV.66.1; Vetones, III.49.2 e 5; III.50.5; III.80.5; III.89.3

Europa

II.38.2; II.120.4; Albions, IX.7.5; Aborígenes, II.65.2; II.66.1; II.74.6; II.76.3; II.82.4; II.84.1; Baxhalim, II.9.6; Diocleia, V.39.8; diques de Batávia, V.92.7; Eriteia, XIII.38.1; Eritreia, II.22.5; Ernea, II.32.5; Hespéria, I.66.6; Macedónia, IV.57.3; VIII.8.2; Mar In-
terno, II.39.4; Ocidente, I.22.3; Orange, IX.38.8; Rochelle, IX.38.8

F

Fenícia

II.21.2; II.27.4; II.66.7; XI.27.7; XIII.59.3; Biblos, II.39.7; IV.15.3; XIII.76.6; XIII.79.3; Fenícios, III.7.3; III.15.4; III.16.6; III.22.7; XIII.62.1; XIII.79.3; XIII.86.3; Sídón, III.1.6; XIII.2.1; Sidónios, XIII.1.5; XIII.76.5; Síria, XIII.3.4; XIII.78.8; Sírios, III.1.7; III.5.1; III.15.6; III.16.7; XIII.43.7; XIII.77.6; XIII.84.2; XIII.86.6; Siro-Fení-
cios, III.6.2; XIII.4.1; Tiro (Sor, Sarra, Tiros), III.1.1-3; III.7.8; III.8.5; III.10.7; IX.38.2; XIII.76.6; Tírios, XIII.4.4

Festividades

VII.13.5; acontisma, VII.48.7; Adónias, IV.15.2; IV.17.5; XIII.82.1; Afrodísias, IV.8.1; Ágapas, VII.83.6; Agonais, IX.93.2; Agonotetas, VII.37.7; Agipnis, XII.43.1; Agriónias, XII.44.1; alma, VII.48.3; Ambrósias, XII.41.1; anaclínia, VII.49.5; Anagogias, IV.10.1; Anarrisis, VII.40.3; andreias, VIII.1.4; Angeronálias, IX.95.2; Antesfórias, XII.84.1; An-
testérias, XII.49.1; Apatúrias, VII.39.1; Arcádias, XII.40.5; arco, VII.48.6; Ariadneias, XII.59.1; Armilústrio, IX.91.1; Arqueoteras Dionísias, XII.39.1; Ascólias, XII.47.3; Bacanais, XII.55.1; Bisbeias, XII.45.7; Brumálias, XII.57.1; Bufónias, VII.27.2; Calis-
teias, XII.82.1; Capitolinos, VII.86.1; Carísias, IV.21.1; carpóseos, IV.9.1; circo, VII.3.4; Cissotomias, XIII.53.1; Cladeitérias, XII.45.5; Coés, XII.50.6; Compitálias, XI.32.5; XI.33.1; Conceptivas, VII.73.2; Consuales, VII.3.2; cótabo, VIII.44.2; VIII.46.1; Cou-
reotis, VII.41.1; Crónias, IX.108.1, Curálias, VII.83.4; dados, 49.1-8; dardo, VII.48.6; Dédalas, VII.59.2; VII.60.4; Délias, IV.9.5; Dia do Parricídio, IX.75.2; Diásias, VII.42.1; Diipólias, VII.27.1; Dionísias, XII.37.1; Dios Bous, VII.69.1; discos, VII.49.1; Dorpia, VII.40.2; dromos, VII.50.1; eilapine, VIII.2.1; Eleutérias, VII.43.1; VII.58.2; éranos, VIII.2.1; Fagésias, XII.42.5; Februaca, XII.71.2; Februas, IX.102.2; feidítias, VIII.1.4;

Ferálias, IV.21.7; Feriados, IV.21.3; Férias Latinas, VII.72.4; festa, VIII.80.4-5; IX.113.7; IX.129.8; IX.130.8; X.110.8; XII.29.6; XII.32.8; XII.41.4; XII.69.4; XIII.43.5; festas a Cronos, IX.70.2; festa de Ana Perena, IX.75.1-2; festival atlético, XII.80.1; Florálias, IX.82.1; IX.83.4; Fontinálias, IX.88.1; Fordicídias, IX.78.6; Fornacálias, IX.98.5; funda, VII.48.6; Furinálias, IX.86.7; halteres, VII.48.4; Hecalésias, VII.38.1; Hecatonfonias, VII.66.1; Helenódicos, VII.47.3; Heracleias, XIII.46.2; Hermeias, 99.2; hierogamias, VII.64.1; Hilárias, IX.66.1; Histérias, IV.10.6; Homoloias, VII.65.1; hoplitodromo, VII.50.5; Iobáquias, XII.41.5; Itomeias, VII.70.1; jogos Megalenses, IX.67.1; jogos Olímpicos, VII.47.2; Lamptérias, XII.48.1; Laríssias, XII.45.1; latrúnculo, 47.6; Laurentálias, IX.96.4; IX.98.1; Lectisternias, VII.84.1; Leneias, XII.41.7; Lerneias, XII.53.1; Liberálias, XII.56.1; Lucárias, IX.85.2; Lupercálias, XII.70.1; lustração, XIII.69.1; Majumas, IX.83.4; Meditrinálias, IX.89.2; Memactérias, 38.5; Mercatórias, X.101.1; Nefálias, IV.12.6; Nictélias, XII.39.6; Neoinas, XII.42.3; Nonas Caprotinas, XII.85.1; Osofórias, XII.60.1; Omofagias, XII.37.5; Onomatas, XIII.46.2; orgias, XII.34.1; Pagládias, XII.42.1; pale ortia, VII.49.3; Palídias (Parílias) IX.77.2; IX.79.2; Paneias, XII.69.1; Parténias, XII.69.3; Pelórias, IX.110.3; pentatlon, VII.48.1; pigmicê, VII.51.1; pirgo, 48.1; Pitoigias, XII.49.5; Poplifúgias, XII.87.1-4; Protígeas, XII.54.1; Quitros, XII.52.1; Quirinálias, IX.98.3; Regifúgio, IX.99.1; ripsis, VII.48.5; Robigálias, IX.80.5; Romanos, VII.87.3; Sabásias, 65.5; Saturnais, IX.110.7; Sciéria, XII.43.5; sferomaquia, VII.51.7; sissítias, VIII.2.6; Sotérias, 67.2; Talaitides, VII.64.6; Teónias, XII.40.2; Terminálias, IX.100.1; Tias, XII.46.1; XII.57.7; Tirbe, XII.43.3-4; Toneias, XII.83.1; toksikê, VII.48.7; Vertumnales, IX.90.2; Vestálias, IX.115.1; Vinálias, IV.11.7

G

Gália

Alpes, III.58.1; X.80.1; Aquitânia, II.135.2; Bélgica, II.135.2; Gália Bracata (Narbonesa), II.137.3; III.56.1; XIII.34.2; Gália Comata, II.137.1; Gália Céltica, II.135.1; Gália Togata (Romana, Cisalpina), II.137.5; III.58.2; Garuna, II.135.3; Gebena, II.135.4; Ligeris, II.135.6; Massília, III.53.5; Matrona, II.135.4; Reno, II.135.5; Ródano, II.135.5; III.56.5; Volca, III.56.3

Germânia

Bastarnos, II.78.8; Teutiscos, II.78.1; Hermíones (Erminones), II.78.7; Ingevones, II.78.7; Istevones, II.78.8; Vindilos, II.78.8

Grécia

I.49.8; II.127.3; III.24.3; III.40.6; IV.10.8; VIII.18.6; VIII.46.2; VIII.52.1; XIII.55.6; XIII.60.8; XIII.77.7; Acaia, II.18.6; Acaios, XII.48.2; XIII.45.2; Aéria, II.55.4; Alalcómene, VII.59.1; Ambraciotes, III.43.7; Amónia, II.69.7; Anficleia, XII.30.2; Aqueus, III.43.8; XII.43.3; Arcádia, II.66.7; II.69.2; II.82.2; XII.69.5; XIII.29.1; Arcádios,

X.98.2; XII.43.5; Argia, II.55.7; Argivos, VII.8.7; XII.53.2; XII.84.2; Atenas, III.41.1; VII.10.1; VII.28.2; VII.39.1; VIII.9.6; VIII.13.3; X.98.5; XII.37.1; XII.69.1; Atenienses, III.5.3; III.44.2; XII.49.1; Argos, I.84, 1; II.20.8; II.26.1; II.47.4; II.55.3; XIII.46.5; Ática, habitantes da, II.18.7; Bebrices, II.69.8; Beócia, II.20.7; II.62.1; X.99.1; XI.54.7; XII.77.2; XIII.51.7; Beócios, III.43.6; VII.15.1; Bura, XIII.45.2; Cálcis, I.49.2; Cária, III.44.6; Caverna Sfragídia, XII., *ver Citéron*; Cecrópios, *ver Atenienses*; Cefisia, III.40.4; Cicónios, II.122.7; Cilénios, X.98.3; Citéron, VII.63.2; XII.77.2; Colchos, I.84.6; Corcira, II.47.7; XIII.48.3; Corcireus, III.44.8; VII.19.7; Corinto, III.43.3; VII.7.4; XII.81.1; XIII.35.6; Cós, IX.110.6; XIII.35.4; XIII.46.7; Crátis, XII.53.4; Creta, II.46.1; VII.23.2; IX.110.2; XI.76.2; Dardanelas, I.89.4; Dardânia, I.62.1; Dardânios, II.130.8; Deifila, II.55.7; Delfos, VII.8.4; VIII.93.7; Delos, IX.7.3 e 8; Dia, *ver Naxos*; Dodona, XI.54.1; Dórios, III.44.5; Dulíquia, II.123.6; Edónia, II.27.3; Éfira, *ver Corinto*; Egesta, III.40.7; Egestanos, III.41.7; Egeu, II.101.2; Egileia, II.69.5; Élis, VII.7.6; VII.20.2; X.98.3; XII.46.1; XII.80.2; Eleus, III.43.4; Élide, XII.68.4; Enusso, III.42.8; Eritreia, III.6.4; Esparta, ; Eubeia, I.49.2; III.44.6; VII.62.1; VIII.92.1; XII.64.3; Etólios, XII.68.3; Fásis, VII.95.6; Feácios, XII.64.4; Fliunte, XII.62.6; XIII.53.5; Fócios, III.43.5; Foronico, II.18.4; Graios, XIII.5.1; XIII.82.1; Gregos, II.82.5; II.104.7; II.130.8; III.33.7; VII.13.4; VII.68.1; VIII.8.2; VIII.9.5; XII.57.7; XII.63.6; XIII.5.6; XIII.64.5; Hellas, II.21.8; Heracliotas, VIII.13.6; Hipera, I.49.2; Ida, VII.23.1; Jónios, II.130.6; III.44.7; VIII.9.3; Ílion, I.62.7; Ítaca, II.120.3; Labadeus, VII.61.5; Lacedemónia, III.40.3; VII.67.5; VIII.27.4; Lacedemónios, III.43.8; VII.44.1; XII.45.1; Lacónios, *ver Lacedemómios*; Lago Estínfalo, XIII.30.4; Leneon, XII.41.1; Lerna, XII.53.4; Lésbios, III.44.7; XII.82.2; Leucados, III.43.4; Limnas, XII.39.2; Lindos, XIII.46.3; Lócris, II.103.4; Lócrios, III.43.6; Magna Grécia, III.66.7; Megários, III.43.7; Meiónia, II.69.4; Meionis, II.1.1; Messénios, III.44.8; VII.66.1; Metimna, VIII.30.6; Micenas, XIII.29.7; Migdónia, II.69.8; Milésios, VII.69.1; Mirmídones, II.128.4; Naxos, I.78.6; XI.76.2; XII.58.1; XII.59.1; Nisa, II.62.5; XII.27.2; Olimpo, VIII.70.8; VIII.83.1; Orcoménios, VII.61.4; Paros, IX.54.6; XI.27.7; Pelágia, II.21.4; II.69.1; Pelágios, II.18.2; Pelene, XII.48.2; Peleneus, III.43.8; Peloponeso, III.40.1; Pireu, VII.10.1; Pisa, VII.26.1; Plateias, VII.43.2; VII.58.3; Plateus, III.44.5; VII.61.6; Queroneus, VII.61.3; Quio, III.44.6; rio Anauro, II.108.5; rio Asopo, II.18.6; II.20.7; VII.63.1; Rodes, IX.109.6; Ródios, XII.42.1; Salamina, II.129.8; Sámios, III.44.5; XII.83.2; Samotrácia, II.75.7; Sícion, VII.67.1; Siciónios, XIII.46.1; Sicónios, III.43.7; Tanágreatos, VII.61.4; X.99.1; Tebas, II.20.7; II.62.1; II.126.4; Tebanos, VII.61.4; VII.65.1; XIII.45.6; Tenedos, I.49.1; Termópilas, V.46.6; Tessália, I.84.2; VIII.42.1; Téspios, VII.61.5; Tesprótios, VII.14.7; Teucros, IV.84.8; Tirrenos, XII.83.1; Tísbios, XIII.45.6; Toante do Pindo, II.20.1; Trácia, II.27.1; Trezena, IX.110.4; Tróade, II.36.5; Troia, XIII.38.5; Zacíntios, III.44.7

Guerra

IV.101.4; VIII.69.4; VIII.73.8; VIII.76.8; armas, I.1.1; I.3.4; VI.64.2, 3, 6 e 7; VI.65.6; VI.67.2-3; VI.85.3; VI.91.5; VI.95.4; VI.100.2; VI.128.8; VI.132.6; VI.135.7; VI.138.7; VI.139.4; IX.58.5; X.16.8; X.33.5; X.89.6; X.101.3; XII.76.8; XII.79.4; XIII.34.3-4; XIII.41.5-6; XIII.47.3-4; XIII.50.5-6; bálaro, III.65.5; carros, III.50.1; IV.101.1 e 5; V.3.4; V.100.6; V.102.2; VI.15.6; VI.16.6; despojos, IV.48.3; elefantes, IV.96.2; espada,

IV.29.2; IV.38.3; IV.60.7; IV.65.6; IV.82.7; VI.3.2; VI.63.2; VI.71.7; VI.72.6; VI.75.5; VI.85.5; VI.95.7; VI.119.3; VI.128.6; VI.132.4; VII.43.7; VII.108.6; VIII.74.6; X.14.8; X.31.6; XI.65.7; XII.1.8; genocídio, III.101.1; IV.68.5; hierarquia militar, IV.23.1-2; IV.29.7; IV.30.7; IV.38.7-8; lança, IV.31.4; IV.38.3; IV.100.5; V.19.3; VI.17.2; VI.65.3; VI.71.5; VI.75.2; VI.86.1; VI.102.2; VI.104.6; VI.105.3; VI.111.5; VI.112.6; VI.133.5 e 8; VIII.73.3; X.31.2; X.61.2; X.90.3; XII.19.7; XII.22.8; XIII.45.4; pilas (pilos), VI.73.6; VI.75.1; VI.125.7; regra militar, IV.64.5; IV.77.7-8; VI.78.6; VI.122.8; tática, IV.40.7-8; IV.42.8; IV.66.8; IV.72.8; IV.80.4; traje, IV.99.1, 5 e 6; IV.100.1; V.60.2; VI.61.1-8; VI.621-6; VI.71.7-8; VI.73.5 e 7-8; VI.77.7-8; VI.85.4-8; VI.88.7-8; VI.90.5-6; VI.91.1, 3 e 5; VI.119.6; VI.139.4; tratados de paz, III.51.4; VI.72.4-5 e 8; trincheiras, IV.50.7; IV.51.2; IV.53.6; IV.75.2; troféus, IV.48.6; trombeta, IV.82.8; VI.17.4; VI.58.1; VI.92.8; VI.137.8; VI.59.8; VI.68.1; VI.92.8; VI.97.1; VI.98.1-8; VI.137.4 e 8; VII.89.3-4; VII.105.4; IX.91.8; XI.57.2; XI.100.2; XII.16.7

I

Israel

Amonitas, XIII.65.8; Avites (Avims), XIII.88.3; Canaã, XIII.60.6; XIII.71.5; Chechemitas, XIII.62.5; Ecronitas, XIII.62.3; Filisteus, XIII.72.5; Galileia, II.47.6; Hamath, XIII.88.6; Hebreus, XIII.73.2; Idumeia, II.21.8; Jerusalém, III.10.5; Judá, XIII.68.2; Midianitas, XIII.64.3; Moabitas, XIII.64.4; monte Peor, XIII.64.2; Palestina, III.14.5; Samaria, XIII.86.2; Shefarvaim, XIII.89.5; vale Tofet, XIII.68.1

Itália

I.1.3; I.21.6; II.35.2; II.51.3; II.53.4; II.54.2; II.56.2; II.58.8; II.63.1; II.65.2; II.70.6; II.72.5; II.95.2; II.131.3; III.71.5; V.50.5; VIII.9.7; Acesta, III.42.8; Acradine, III.45.3, Agrigento, III.45.1; Alba, II.42.4; Aorno, V.5.1; Apeninos, II.74.5; Apúlia, I.66.1; II.7.8; II.127.5; Apúlios, III.66.2; Argiripa, II.127.5; Áulon, VIII.30.4; Ausónia, II.48.4; II.58.8; IX.126.2; Aventino, II.59.2; V.5.1; Averno, VIII.63.7; XI.16.8; Brundúcio, V.49.3; Brútios, III.66.6; Calábria, 66.4; VIII.30.4; Camerina, III.41.6; Campanos, III.66.1; Campo Márcio, IX.91.2; Capitólio, IX.8.1; Cápua, II.47.2; III.67.1; V.50.6; Caracenos, III.66.5; Catana, III.40.8; Catânia, II.87.3; Cécubo, VIII.30.5; Cicumpadanos, III.59.3; Dáunia, II.127.4; Dáunios, III.66.6; Dirráquio, V.49.4; Enótria, II.45.3; II.67.1; II.138.1; 55.2; Enótrios, II.81.6; Etrúria, II.54.6; III.60.5; Ferentanos, 66.5; Fundano, VIII.30.1; Híbla, IX.50.3; Hirpinos, III.66.1; Ítalos, VI.88.3; Iunomia, II.23.1; Lácio, II.63.6; II.83.2; II.131.5; IX.74.3; IX.125.6; lago Perusino, III.61.4; lago Stígio, III.61.4; Leôncio, III.40.8; Lestrígones, II.45.1; II.86.3; II.122.7; Lígures, I.23.8; Ligúria, XIII.35.8; Ligústico, III.59.5; Liris, II.81.7; Lucanos, III.66.3; Mamertino, VIII.30.6; Messénia, II.87.1; monte Albano, VII.72.2; monte Etna, II.87.2; monte Massico, VIII.29.1; Numício, IX.74.4; Odíssia, II.87.5; Orino, II.87.6; Ortígia, III.45.3; Óstia, IX.83.1; Palatino, II.59.4; Pelágia, II.83.2; Pelignos, III.66.3; Peucéticos, III.66.2; Pícenos, III.66.6; Picentinos, III.66.6;

Placência, III.59.2; Pretútios, III.66.5; rio Ália, IX.85.4; rio Timeto, II.85.7; Salentinos, III.66.4; Samnites, III.66.3; Satúrnia, II.36.4; II.110.2; Selino, III.40.7; Sétia, VIII.30.5; III.42.5; Sicília, II.68.6; III.24.4; VIII.46.2; XIII.36.1; Sículos, III.43.1; VI.88.3; Siracusa, II.87.4; III.40.8; III.41.7; V.51.7; Surrento, VIII.30.2; Taiquetra, II.85.5; Tibre, II.83.1; IX.75.6; IX.96.7; IX.126.5; Tinácia, III.40.5; Tinéria, II.57.1; Tique, III.45.3; Tirrénia, II.71.2; Tirreno, II.56.7; II.67.8; Trébia, III.59.2; Tuscos, II.74.6; vale de Múrcia, VII.88.2; Velabro, IX.97.1; Venúsia, III.65.4; Vestinos, III.66.2; Vulturno, II.81.7

L

Legião

VI.76.1; VI.79.2; VI.87.1; Acensos, VI.94.4; águia, VI.136.7; anel, VI.90.1; Balears, VI.93.2; VI.100.5; VI.102.4; VI.102.4; batalhões, IV.46.1; cavalaria, VI.89.1; centúria, VI.79.5; 82.4; Centuriões, VI.78.3; VI.82.1; VI.82.7; VI.135.1; Comitatos, VI.87.7; Decúrios, VI.89.5; Draconários, VI.91.1; Équites (Equestres), III.63.8; VI.90.2; VI.103.4; XII.10.4; estandarte, VI.91.4; VI.91.8; VI.102.5; VI.106.7; Evocatos, VI.83.1; VI.126.2; VI.133.3; Ferentários, VI.94.3; Funditores, VI.93.5; VI.94.2; Hastários, VI.71.1; Hastatos, VI.75.7; VI.87.8; VI.112.1; VI.116.2; VI.117.6; VI.119.2; VI.121.2; insígnia, VI.76.5; VI.78.2; VI.80.6; VI.83.7; VI.84.1; VI.90.2; VI.133.2; VI.134.1; VI.136.6; VII.7; VII.91.1; Legatos, VI.86.2; VI.122.2; manípulos, VI.79.1; VI.80.6; VI.82.2; Opções, VI.89.7; Pilanos, VI.74.1; VI.78.7; VI.83.6; VI.87.8; VI.121.4; VI.129.3; Prefeito, VI.78.1; VI.122.1; Primipilo, VI.78.4; VI.134.6; VI.136.1; Príncipes, VI.72.2; VI.83.5; VI.87.8; VI.116.5; VI.117.6; VI.119.2; VI.121.2; Rorários, VI.94.5; VII.107.4; Rúfulos, VI.87.7; Sagitários, VI.94.1; Senatários, III.63.8; Signifer, VI.77.1; VI.136.1; Subcenturiões, VI.82.7; Triários, VI.73.2; VI.125.3; Tribunos, VI.87.2; VI.133.6; Trombeteiros, VI.92.1; Vélites, VI.95.1; VI.109.1; VI.110.2 e 5; Vexilários, VI.82.1; VI.91.3; VI.106.1

Liberdade

I.3.8; I.38.4; I.72.3; I.80.1; II.25.4; II.30.6; II.92.8; II.134.3; III.123.7; III.124.8; IV.28.8; IV.45.5; IV.54.6; IV.69.8; IV.81.8; IV.94.2; VI.26.3; VI.39.8; VI.44.5; VI.61.8; VII.43.8; VII.58.8; IX.65.2; IX.111.4; XI.41.6; XI.90.7; XI.93.8; XI.101.4

Lusitânia

I.44.1; II.23.1; II.24.1; II.113.3; III.33.3; III.34.3; III.38.4; III.75.7; III.91.6; III.118.8; IV.49.5; IV.70.3 e 4; IV.83.1; XI.34.7; XIII.108.5; Afrodísea, VI.1.6; VI.15.5, Arosa, IV.83.1; Balsa, XII.90.2; Beja, VIII.29.8; Conistorgi, III.84.7; Évora, VII.2.6; VII.3.5; X.108.3; Iones, II.133.1; Lagos (Lacóbriga), III.47.4; Lisboa (Olissipo), II.133.1; II.133.1; III.84.4; Lomínios, II.41.7; II.43.7; Pomarés, I.3.2; Madeira, VIII.29.8; Monte de Vénus, I.16.1; I.17.1; I.69.7; Ourém, VIII.30.7; rio Ana, II.27.7; III.84.6; rio Guadiana, VI.97.5; rio Tejo (Tago), II.120.5; III.33.4; rio Xarrama, XI.12.6; Santarém (Scalabis), II.132.7; Setúbal (Cethubala), II.9.8; Sonoba (Ossonaba), XII.90.4; Transtaganos, III.49.3; Ulisseia, II.124.4

Lusitanos

I.16.4; I.17.7; II.7.1; II.30.1; II.41.4; II.50.6; II.65.5; II.67.3; II.72.3; II.74.2; II.77.8; II.90.1; II.134.2; III.6.1; III.9.3; III.13.3; III.39.1; III.52.3; III.62.6; III.76.8; III.84.1; III.87.7; III.88.2; III.89.6; III.94.1; III.97.3; III.100.2; III.115.1; IV.26.1; IV.43.3; IV.44.8; IV.47.3; IV.52.7; IV.55.3; IV.67.5; IV.78.8; VI.88.5; VI.102.1; VI.108.2; VI.117.5; VI.118.5; VI.121.6; VI.127.1; VI.139.7; VII.91.2; XII.12.5; capitães, II.3.7; II.4.1; III.15.3; III.50.6; Lusos, VI.60.1; VI.99.1; VI.109.3; VI.117.4; VI.125.1; VI.138.1; VII.91.6; XII.10.5; XII.13.1; XII.18.2; XII.18.5; Transtaganos, III.14.7; III.26.6

O

Ouro

I.7.1; I.10.6; I.14.3; I.26.1; I.72.3; I.77.3; I.78.7; II.24.7-8; III.1.8; III.100.7; IV.4.8; IV.5.4 e 8; V.35.6; V.43.5; V.89.8; X.66.3; VI.21.1; VI.76.6; VI.90.1; VII.7.5; VII.65.7; VII.73.7; VII.79.7; VII.82.6; VII.92.8; VII.93.5; VII.95.6; VII.96.1; VII.97.3; VII.101.6; VII.103.4 e 6; VII.112.4; VIII.68.8; VIII.76.3; IX.37.4; IX.42.6; IX.49.8; IX.59.6; IX.88.5; IX.108.3; IX.111.6; IX.114.7; X.66.3; XI.30.4; XI.55.3; XI.85.1; XI.93.3; XI.96.5; XII.36.2; XII.65.4; XIII.29.6; XIII.84.5

P

Pátria

I.1.2; I.3.8; I.9.3; II.34.8; II.70.1; II.73.8; II.77.2; II.88.3; II.128.8; III.9.1; III.31.8; III.82.6; III.91.3; III.121.2; III.124.8; IV.30.6; IV.45.5; IV.69.8; IV.71.2; IV.79.8; IV.81.8; IV.94.6; IV.98.6; VIII.11.4; XI.42.5; XI.42.8; XI.101.4; XI.102.4; XIII.5.6 e 8; XIII.88.6

Pérsia

I.12.5; VIII.13.7; XI.27.8; Cut (Cuteanos), XIII.86.5; Ectabane, III.14.3; Média, III.14.5; Persas, III.24.2

Plantas

I.4.6; I.6.1; I.11.1; I.53.7; II.39.8; IV.3.3; V.6.5 e 8; V.31.6; V.79.1-8; V.80.1; V.81.1, 4, 6 e 7; V.82.1-8; V.83.7-8; VI.70.4; VI.80.7; VI.113.1; VII.19.5; VII.20.6; VII.59.6 e 8; VII.104.5; VII.106.6 e 8; VIII.17.5; IX.11.1-8; IX.12.1-8; IX.13.1-8; IX.14.1-8; IX.15.1-8; IX.29.2; IX.32.5; IX.35.1; IX.39.1 e 3; IX.50.6; IX.56.3-4; IX.69.2; IX.85.4; IX.121.3; X.20.2; X.22.2; X.84.2; XI.7.2; XI.26.4; XI.62.6; XI.64.7; XII.15.6 e 8; XII.60.2; XII.87.8; XIII.75.5; acanto, IX.49.2; acónito, XIII.33.7; XIII.33.7; açucena, I.34.5; XI.36.2; alexetéria, IX.49.8; alho,

XI.33.8; amáraco, IX.49.3; amaranto, IX.49.6; ambrieta (pera), IX.46.3; IX.42.2; amora, I.11.8; IX.104.3; XII.78.2; amoreira, IV.13.7; amor-perfeito, IX.47.2; angélica, IX.42.7; angerona, IX.49.1; ápice, V.83.8; IX.42.4; árvore, *ver plantas*; azinheira, VII.11.3; VII.122.8; XII.14.3; XIII.57.1; beldroegas, X.97.5; bonina, ; bosque, II.84.5; II.108.4; II.116.6; V.8.1; V.81.5; VII.14.6; VII.19.8; VII.20.5; IX.17.3; IX.29.8; IX.33.8; IX.55.4; IX.85.5; IX.86.1; X.17.8; X.95.1; X.108.4; X.110.2; XII.13.2; XII.14.2 e 8; XII.74.6; XIII.26.6; calêndula, IX.49.7; campinas, VI.66.1; IX.6.1; IX.17.2; IX.45.4; IX.45.1 e 4; XI.55.2; XII.73.3; XIII.72.8; campo, *ver campinas*; Carço Duro, I.9.1; carvalho, VII.11.3; VII.78.7; VII.101.7; VII.104.8; VII.112.7; VII.122.8; VIII.20.7; IX.56.2; XII.75.2; casca aromática, VI.27.1; cedro, X.17.2; cebola, XII.69.6; cereja, I.5.5; choupo, IX.31.5; XIII.57.6; cicuta, V.7.1; citrino, I.6.5; cravo, IX.38.3; IX.49.7; damasceno, I.5.7; dormideira, XI.33.8; endro, V.7.2; erva pitagórica, V.7.3; espiga, *ver trigo*; feno, VI.80.1; figueira, IV.13.8; XII.86.2; XII.88.8; flores, I.8.4; I.28.8; V.79.6; VI.66.4; VII.42.8; VIII.23.6; VIII.19.6; VIII.20.7-8; VIII.21.2 e 6-7; VIII.22.3; VIII.24.7; IX.38.4; IX.39.2 e 4; IX.40.7; IX.41.3; IX.45.8; IX.47.8; IX.48.1; IX.81.5; IX.88.7; IX.91.4; IX.103.7; X.23.7; XI.1.4; XI.30.8; XI.91.4; XI.99.1; XII.32.2; XII.35.8; XII.73.8; XII.84.2-3 e 5-6; frutos, I.5.3; I.8.4; I.11.5; I.53.6; II.120.8; II.124.4; V.83.1; III.38.6; IV.9.2; IV.19.4; V.20.3; V.80.4; VI.26.5; VII.42.8; IX.35.4; IX.36.6; IX.37.5; IX.50.7; IX.90.3 e 8; IX.121.3; XI.26.4; ginja, I.5.6; goivos, IX.44.7; grinalda, *ver flores*; hera, VIII.11.7; VIII.22.3; IX.31.8; X.79.8; XII.28.5; XII.31.5; XII.35.4; XII.45.6; XII.56.1; XIII.53.2; heliotrópio, VI.9.8; incenso, IX.80.8; IX.122.8; íris, IX.45.2; jacinto, IX.41.5; jardim, IX.33.2 e 8; IX.50.1; IX.118.6; XIII.32.1; jasmim, IX.44.3; junquinhos, IX.44.5; laranja, I.7.8; legação, IX.31.7; ligustro, V.1.1; lima, I.7.1; limão, I.6.7; loto, II.124.4; loureiro, I.14.1; IV.55.8; VII.52.8; VII.54.1; VII.99.7; VII.101.5; VII.102.8; VII.104.2; IX.49.7; IX.79.3; XI.30.8; XIII.53.4; maçã, I.7.5-6; XIII.45.8; madressilva, IX.32.8; manjerona, IX.49.3; XII.32.3; máquina frondosa, X.29.7; margarida, IX.46.6; marmelo, I.12.1-4; meimendo, V.7.4; melancia, IX.104.7; milho, IX.79.1; mirra, I.77.2; IV.14.2; mosqueta, IX.43.5; murta, VII.102.8; IV.6.2; IV.13.5; IX.103.3; XII.79.7; narciso, IX.40.1; nêveda, XII.32.4; oliveira, VII.78.7; IX.79.3; XII.80.8; palmeira, I.15.2; VII.52.8; VII.99.7; VII.103.2; papoila do ópio, V.7.2; peónia, IX.48.2; perianto, V.83.6; pérsea, I.12.6; pinha, IX.121.5; pinheiro, IX.56.2; IX.79.3; XII.32.4; plátano, IX.32.3; poejo, XII.32.3; pomar, I.4.2; VI.71.2; VI.113.1; IX.16.1; IX.50.5; prado, *ver campinas*; ranúnculo, IX.48.5; Reinol, I.9.3; relva, I.28.5; resina, IX.46.1; romã, I.10-8; VII.54.6; rosa, I.11.8; I.34.5; VIII.23.1; IX.37.5; IX.43.6; IX.48.2; X.27.1; X.42.2; XI.36.2; salgueiro, *ver choupo*; seara, VI.130.1; sempre-verde, *ver loureiro*; silva, XII.32.4; solano, V.7.2; IV.3.5; , IX.41.4; tojo, III.49.7; toranja, I.7.7; trigo, VI.130.2; IX.80.2-3; IX.97.5; IX.104.6; XIII.67.2; XIII.72.8; tronco, *ver plantas*; tulipa, IX.45.5; ulmeiro, I.13.2; XII.28.8; uva, *ver videira*; vale de Bemaré, I.4.6; videira, I.8.4; I.13.7; IV.13.8; VI.82.6; VIII.29.7; IX.56.2; IX.105.3; XII.28.5; XII.42.2; XII.45.6; XII.54.3 e 8; XII.60.4; XII.62.7; XII.78.2; violeta, IX.43.1; XII.35.4; zambujeiro, VII.53.8

Portugueses

VI.113.6; VI.131.7; Bracarenses, III.78.5; Brácaro, *ver Espanha*; soldados, II.2.1; VI.113.6

R

Roma

I.22.7; I.60.7; I.62.6; I.65.3; I.66.2; II.42.4; II.83.5; II.85.3; II.131.8; III.53.1; III.54.5; III.56.2; III.66.7; III.67.5; III.69.1; III.72.8; III.74.8; III.77.8; III.79.7; III.95.3; III.99.7; III.103.2; III.114.8; III.117.8; III.118.8; III.124.3; IV.39.5; IV.45.8; IV.62.6; IV.79.8; IV.81.7; IV.85.1; IV.87.3; V.52.5; V.59.2; VI.90.5; VII.3.1; VII.72.1; VII.86.2; VII.87.8; VII.91.8; VII.93.6; VII.108.1; VII.108.1; VII.116.5; VIII.9.6; VIII.10.8; VIII.13.1; VIII.51.5; IX.67.4; IX.79.5; IX.82.7; IX.86.5; IX.95.3; IX.116.2; XII.85.6; Agerissa, III.55.7; VIII.18.6; Ausónios, VI.124.8; Latinos, III.61.1; III.69.4; III.88.4; IV.39.5; IV.43.4; IV.73.5; VII.117.7; XII.4.1; XII.12.6; XII.86.6; Lucerianos, VII.79.1; Quirinal, IV.52.3; Quirites, IV.43.1; VIII.13.6; IX.90.1; IX.95.1; IX.99.2; Râmnius, VII.79.1; Romanos, II.5.5; II.7.5; II.63.8; II.72.2; II.79.8; II.80.5; III.59.1; III.60.4; III.62.2; III.68.2; III.79.5; III.84.3; III.87.5; III.94.3; III.97.5; IV.21.1; IV.26.5; IV.31.3; IV.34.7; IV.35.2; IV.36.3; IV.43.5; IV.44.7; IV.47.5; IV.53.3; IV.59.7; IV.62.5; IV.64.6; IV.76.4; IV.84.7; VI.81.8; VI.88.1; VI.100.5; VI.107.1; VI.117.1; VI.127.5; VI.139.1; VII.13.4; VII.91.6; VII.102.2; VII.107.2; VII.109.7; VIII.8.2; IX.80.6; IX.89.1; IX.96.1; X.101.1; XII.9.3; XII.16.5; XII.17.2; XII.18.1; XII.22.5; XII.86.4; XIII.5.6; XIII.43.7; Senado, I.86.6; IV.56.5; VI.81.7; VII.99.1; IX.75.4; Sicanos, VI.124.8; Tâcios, VII.79.1

S

Sabedoria

Altruísmo, X.109.7-8; XII.58.7-8; amizade, III.54.7; XI.58.5; aparência e verdade, I.38.2; III.96.4; III.98.4; conduta, II.64.6; V.25.1-2; X.83.4; XII.4.7-8; XIII.36.7-8; divisão e ruína, I.68.8; doce e amargo, I.83.5; dúvida e entendimento, I.37.6; I.82.5; X.96.3; educação, X.98.8; elogio e ofensa, I.45.5; fortaleza, III.62.7-8; hipocrisia, VII.39.7-8; IX.21.8; ilusão da vida, V.54.8; V.62.4; VI.3.8; X.5.7-8; XII.70.7-8; inconstância da vida, III.68.4; IV.74.5; V.45.8; V.56.7-8; V.58.8; V.61.8; VII.59.7-8; XIII.52.4; infância, V.13.3-4; XIII.52.8; inveja, VIII.75.7-8; XI.65.7; medo, I.88.2; I.88.5; ódio e zelo, I.39.7; posse e beleza, I.34.7; morte, II.15.8; IX.109.7-8; nobreza, II.71.8; IV.2.7-8; VII.76.2; XII.51.5-8; XIII.39.8; novidade, IV.88.1-2; prudência, V.2.5-6; VI.86.3-4; X.74.2-3; X.75.1-3; XI.75.3-4; XII.89.7-8; razão, X.77.5-8; X.77.1-4; XI.89.4; religião, XII.30.4; XII.37.7-8; XII.40.3-4; XII.72.7-8; XII.77.7-8; XII.83.7-8; reputação, V.65.8; riqueza, V.66.8; riso, VIII.38.7-8; sabedoria, VII.108.3-4; IX.34.8; temor e cautela, I.38.7; I.86.7-8; tempo, V.48.3-5; VII.22.7-8; VII.71.5; VIII.54.1; XII.83.5; tirania, II.38.8; II.41.6; II.51.8; II.52.2; II.72.8; III.74.4; trabalhos, I.82.6; I.87.7-8; III.67.3-4; traição, II.74.1; III.73.5; III.100.8; V.37.6; VII.39.3; X.105.3-4; verdade, V.75.7; XI.5.7-8; vontade, IV.90.3-4; V.1.8; XII.45.4; zelo, X.82.8

T

Termos Novos

Acontisma, VII.48.7; ador, IX.98.8; adórea, IX.98.8; Agerissa, III.55.7; águamel, IV.13.2; albata, VII.88.7; albogalero, VII.77.5, VII.111.5; alexetéria, IX.49.8; amículo, IX.115.5; ampecone, VII.32.7; amula, VII.114.3; anabolê, VII.33.4; anaclínia, VII.49.5; andilhas, VII.92.5; andreia, VIII.1.4; anfiscia, IX.106.5; ápex, VII.82.2; ápua, IV.4.1; aquaminário, IX.119.3; árqueion, VII.23.5; armila, VII.93.5; armilústrio, IX.91.1; Arosa, IV.83.1; arquerosines, VII.37.1; asterismos, X.38.5; bage, IX.13.5; bálaro, III.65.5; bárbiton (bárbito), IV.17.8, XIII.81.6; bigas, VII.88.4; birros, IX.77.8; borcado, XII.73.5; braquionistes, IX.108.7; bugles, IX.108.4, XII.28.1; caliptra, VII.32.3; camilo, VII.120.4; canéfora, XII.36.1; cápula, VII.120.3; carísias, IV.20.1; carpenta, VII.83.1; carpóseo, IV.9.1; carquésio, XII.33.5; cassotele, VI.71.7; cecrífalo, IX.115.7; cenatória, VIII.3.5; cernóforo, XII.31.7; cestos, VII.51.2; chibarro, XII.47.1; cicada, IX.108.3; cígneia, VII.12.8; cinanque, IX.95.5; cinerício, IX.27.4; cipaetos, VII.12.5; clâmis (clâmide), IX.108.6; condeça, XII.36.4; conópio, XIII.49.6; Consentes, IX.72.2; conveler-se, VIII.78.2; cordacismo, IV.20.7; coroa rostrata, VII.98.7; coroa valar, VII.98.4; cótabo, VIII.44.2, VIII.46.2; criseto, VII.11.7; cróbito, IX.64.8; crótalo, IX.103.2, XII.33.3, XIII.30.3; crupezia, XII.31.6; culmífera, IX.11.1; culsitra, VIII.6.7; cultrário, VII.122.1; diaulos, VII.50.4; digitata, IX.22.1; diota, XII.32.2; diras, VII.80.3; discos, VII.49.1; dolabra, VII.122.2; dromos, VII.50.1; edícula, X.95.3; efestrides, IX.114.5; efímera, XII.50.2; eilapine, VIII.2.1; eilapinistes, VII.84.7; enciclião, VII.33.3; encrasícolo, IV.4.6; epilénio, IX.122.5; éranos, VIII.2.1; escota, X.74.3; ésculo, XIII.57.6; estelata, IX.12.5; esticas, IX.114.1; évano, V.10.3; extíspice, III.122.7; falaride, IV.3.7; fáleras, VII.94.1; falérica, IV.4.7; faoneia, VIII.101.2; faros, VII.68.7; feidítia, VIII.1.4; fene ossífraga, VII.12.7; ferenta, X.98.1; ficta, X.3.5; geraneia, IV.9.6; gerara, VII.33.2; gereta, VII.33.2; gigranta, IV.15.6; gígría, IV.15.5; gobites, IV.4.5; gomil, VII.119.2; halietos, VII.12.3; halma, VII.48.3; hasta pura, VII.95.1; hepsêto, IV.4.4; hero, III.76.5; hexapétala, IX.14.8; hierogamos, VII.64.1; hoplito-dromo, VII.50.5; itiafálios, XII.35.5; lagem, X.48.6; latrúnculo, VIII.47.6; láucias, IX.64.8; legação, IX.31.7; lena, VII.81.2; libamen (libame), VII.121.4; licnoforos, XII.35.1; lirofenício, IV.17.6, XIII.81.7; lítuo, VII.79.6, IX.91.8; lupерco, XII.70.2; lústrica, IX.119.4; mactris-mo, IV.20.8; mandias, IX.64.6; mecónia, V.7.2; membra, IV.4.8; mesêmbria, IX.106.5; micónio, VIII.38.5; modimperador, VIII.7.4; monga, XII.32.6; monopétala, IX.13.6; morfnos, VII.12.8; murzelos, IX.107.2; ninfolepto, XII.77.3; nomenclator, VIII.14.2; ócabo, IX.59.7; ócrea, VI.61.6, IX.101.7; orca, VIII.49.5; orgiasta, XII.34.5; orgiofanta, XII.34.7; oripelargo, VII.12.7; orquéstica, IV.20.5; óscines, VII.80.8; otona, IX.115.6; Otros, IX.106.3; pedilas, VII.68.7; pessinúncio, IX.117.6; pale ortia, VII.49.3; palmata, VII.99.7, 103.2; papilionácea, IX.11.4; paposo, IX.14.3; patela, VII.122.5; pátera, IX.117.4, XII.31.3; penetrales, XI.34.2; pentaploas, XII.61.6; pentetério, IX.71.6; percnóptero, VII.12.5; perifálios, XII.35.3; perones, IX.77.7, IX.108.5; pétaso, X.96.5; pigargo, VII.12.8; pigmicê, VII.51.1; pilento, IX.78.2; píleo, VII.95.8, IX.111.4; piramos, IV.20.4; pirgo, VIII.48.1; piropo, VII.112.8; pírrica, IX.58.6; plumígero, IX.51.2; poderes, IX.114.4; popa, XIII.54.7; prášina, VII.88.7; preferículo, IV.13.1; prépetes, VII.80.8; pretexta, VII.82.7; prospício, VII.81.4; psélio, IX.114.7; pulário, VII.80.6; pulvinar, VIII.15.7; queiride, VII.68.3; Quiropsales (Chiropsales), II.62.6; quíton, IX.64.5; quitonisco, VII.68.4; rípsis, VII.48.5; roborado, XI.86.4; roçagante, IX.37.1; russato, VII.88.8; sacalando, XII.20.7; saceanas, IX.110.6; sacrificulo, VII.75.2; sago,

III.110.1; sambuca, IV.17.7, XIII.81.8; scabilla, IX.103.2; scites, IX.69.5; secéspita, VII.121.5; sejuga, VII.88.3; scotias (escotias), XII.26.8; sferomaquia (esferomaquia), VII.51.7; sífaro, VI.106.7; simposiarco (simposiarca), VIII.4.1; símpulo, IV.13.4; simpúvio, VII.119.3; sissítia (sissícia), VIII.2.6; sisuras, XI.17.6; smiálio (esmiália), VII.68.5; spádix, XIII.81.8; squiádion, VII.68.6; stádion (estádio), VII.50.2; stáfila (estáfila), XII.62.7; talo, VIII.48.2; taumância, IX.45.6; taurobolino, IX.63.7; taurobóllo, IX.62.4; taxiarco, VIII.5.1; termástris, XII.32.5; tésseras, VIII.5.6, VIII.38.2, VIII.49.2, XI.42.8; tetrapétala, IX.13.2; toksikê, VII.48.7; trá-bea, VII.79.7, IX.101.4, IX.111.1; trabuco, VIII.70.3; transcolar, VII.122.4; traquete, X.51.7; tresbordar, XI.12.1; tribono, IX.119.7; triclínio, VIII.6.1 e 5; trígono, IV.17.8, XIII.81.6; tripúdio, VII.80.5; trítulo, VIII.48.5; turricula, VIII.49.1; tútulo, VII.82.6; umbo, VI.74.6, IX.101.8; valéria melenetos, VII.12.1; vasculífera, IX.13.1; véneta, VII.88.8; vértex, XI.17.7; verticilata (verticilada), IX.12.3; vexilo, VII.96.6; vocabulário médico, *ver Ciência e Técnica*.

V

Vinho

I.13.7; II.9.4; II.9.4; IV.9.2; VII.122.8; VIII.17.6; VIII.18.1; VIII.26.8; VIII.29.1; VIII.33.8; VIII.36.4; VIII.39.8; VIII.42.6; VIII.45.2 e 8; VIII.46.6; VIII.57.3 e 8; IX.79.1; IX.80.8; IX.89.3; IX.94.3; IX.122.8; X.110.6; XI.30.4; XI.32.2; XII.30.4; XII.36.8; XII.39.8; XII.41.2; XII.42.4 e 6; XII.45.3; XII.46.2; XII.47.4; XII.49.2; XII.54.4; XII.61.8; XII.86.7; Barra a Barra, VIII.29.8; Beja, 29.8; Calabrino, VIII.30.4; Cécubo, VIII.30.5; Dioniso (Baco), *ver Índice Onomástico*; Falerno, VIII.29.5; Fundano, VIII.30.1; Lídio, VIII.30.3; Mamertino, VIII.30.6; Massico, VIII.29.1; Metimna, VIII.30.6; Ourém, VIII.30.7; peramanca, VIII.29.4; Sétia, VIII.30.5; Surrentino, VIII.30.2

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abante, VII.34.7
 Abas, IX.21.4; XIII.42.5
 Abibalo, III.1.5
 Abidis, II.119.1; II.132.2
 Acacálide, X.106.2
 Acanto, VII.52.4
 Acasto, II.102.7; VII.29.7
 Acates, XI.56.6
 Acca Laurentia, IX.96.3
 Acidino, III.73.1; III.76.1; III.77.4; III.78.1
 Ácis, II.122.6
 Acomágoras, XIII.49.4
 Acrísio, II.115.3
 Acrotate, VII.45.2
 Ácteon, IX.19.1; Antoneu, X.87.8
 Ator, XIII.51.5
 Admeto, I.2.1; II.102.7
 Adónis, IV.16.1; XIII.76.7; XIII.77.2; XIII.80.3;
 Gigres, IV.17.1; XIII.80.1; XIII.81.2; Senhor,
 XIII.77.4
 Adram-Melech, XIII.89.1
 Adrasteia, VII.24.8
 Adrastia, IV.36.8
 Aëlo, X.87.3
 Afareu, XII.68.2
 Afidas, VII.28.6; XIII.42.2
 Afrodite (Vénus), I.29.2; I.31-41; II.125.5; IV.1.5;
 IV.2.4; IV.5.1; IV.12.1; IV.14.1; IV.83.2; V.16.2;
 V.26.1; V.63.4; V.64.2; V.96.1; VII.21.3;
 VIII.89.8; X.34.6; X.102.7; XI.4.1; XI.8.1;
 XI.92.6; XIII.76.5; XIII.87.5; XIII.100.5; Aci-
 dália, I.28.3; V.100.1; VI.84.8; IX.35.1; Argi-
 nis, I.79.1; V.30.1; V.101.1; Árqutis, XIII.82.3;
 Calva, I.71.1; XI.46.7; carro de Vénus, I.23.6;
 Cípria, I.56.1; IV.7.2; IV.14.6; IV.18.1; V.25.3;
 Citereia, II.1.1; IV.84.5; X.44.6; XI.3.8;
 XI.11.8; Cnídia, I.89.1 e 5; V.24.3; Cólías,
 XI.53.1; Dioneia, I.30.1; Eneis, VI.20.1; Epi-
 tímbria, V.1.2; Epitrágia, VI.15.6; XI.5.1; Eri-
 cina, V.29.1; X.38.7; Genetriz, XIII.87.7; Ge-
 netulis, IV.11.3; Idália, I.11.8; I.21.1; IV.16.1;
 IX.94.2; IX.103.3; XI.13.1; Mélane, XI.48.1;
 Morfo, IV.86.5; IX.73.3; Páfa, I.29.5; V.99.2;
 Pafena, II.129.8; Sotira, IV.17.4; XIII.81.4;
 jogo Vénus, VIII.48.7; VIII.49.8; templo dedi-
 cado a, II.4.2; trinta perfeições de Vénus, I.25-
 27; Urânia, XI.1.6
 Agamedes, VII.52.2
 Agamestor, VII.29.8
 Agarista, I.49.8
 Agásicles, VII.45.5
 Agave, XII.64.7
 Ageladas, VII.8.1
 Agenor, II.21.1; VIII.90.6
 Agerona, VIII.70.3
 Ages, VII.46.1
 Agesópolis, VII.46.2
 Agirtas, IX.61.3
 Aglauros, X.105.5
 Agle (Egle), XII.78.1; XIII.32.2
 Agonótetas, VII.37.7
 Ájax, II.129.2
 Albino, III.78.8
 Albino (Clódio), V.38.3
 Álbion, XIII.34.1
 Albula, II.59.1
 Alcaldas, XIII.48.2
 Alcâmenes, VII.46.5
 Alcestis, XIII.36.6
 Alcidâmia, X.106.1
 Alcidemonte, XIII.49.2
 Alcione, II.16.4; VI.2.1; XII.65.8
 Alcioneu, XIII.35.5
 Alcistene, IX.56.7
 Alcmeón, VII.30.2
 Aléctrion, IX.21.5
 Aleixo, V.61.4
 Áleo, XIII.48.8
 Alexandre (Páris), I.47.2, 4
 Alexandre Magno, I.83.1; V.48.1
 Alexiáris, XIII.52.7
 Alexireia, XII.62.1
 Alfeu, XI.60.1
 Almo, XI.29.2
 Altea, X.89.3
 Amalteia, IV.100.4; VII.24.7; XIII.88.8
 Amaraco, IX.49.3
 Amarflis, I.49.6
 Amata, I.62.3
 Amazonas, XIII.30.5
 Ambrósia, VII.18.5
 Amiclas, VII.44.7
 Ámico, VII.51.3; XIII.35.2
 Amílcar, III.24.8; Almicar, III.48.1; III.49.3;
 V.51.7; Barcino, III.50.7

- Amilictos, XIII.97.4
 Amino, XIII.73.8
 Ámon, XIII.75.8
 Ampela, XII.75.6
 Ampice, VII.34.7
 Amúlio, II.115.2; VI.80.4
 Ana, II.61.6
 Anacreonte, I.85.2
 Anam-Melech, XIII.89.2
 Anapavomenos, XI.54.1
 Anaxágoras (Clazómenas), V.69.2; V.72.2
 Anaxágoras (Egina), XIII.7.3
 Anaxandre, VII.44.6
 Anaxândrides, VII.46.4
 Anaxidamo, VII.45.5
 Anaximandro, V.70.2; V.71.2; Milésio, V.68.6
 Anaxímenes, V.68.4; V.70.8
 Anceu, II.100.3
 Andragácio, V.40.5
 Andróbio, IV.3.2
 Andrómeda, VIII.95.8; X.1.8
 Andronico, V.61.3
 Anfiarau, II.105.1; mulher de, I.77.4
 Anfícion, VII.28.5
 Anfídamas, II.102.7; XIII.37.6
 Anfíon, II.108.8
 Anfitrión, VIII.90.2; XIII.47.6
 Anfítrite, V.43.8
 Angerona, V.8.3; IX.95.3
 Aníbal, I.63.2; III.34.2; III.36.8; III.42.3; III.53.7; III.55.4; III.58.6; V.50.1 e 2; X.80.1
 Aniceto, XIII.52.7
 Anoches, XIII.96.7
 Anquises, IV.85.8
 Antémio, V.62.1
 Anteu, I.66.3; II.36.1; II.40.5; III.31.1; III.81.4; XIII.6.2; XIII.15.1
 Anticelia, II.121.3
 Antífílo, IV.3.2
 Antifonte, V.70.6
 Antígona, IX.26.1
 Antímaco, XIII.42.8
 António, V.52.2
 Apeles, VI.35.4
 Aper, V.39.5; V.39.7
 Apimano, III.79.1
 Ápis, filho de, II.47.3
 Apolo, V.69.3; VIII.70.5; IX.49.5; X.64.2; XII.83.6; Actíaco, VIII.52.5; Áctio, V.103.6; Agus (Aguieus), V.64.6; Argeu, VII.7.5; Argirotoxos, IV.45.1; Astipáleo, V.74.1; Cármio, II.47.5; Cássio, X.52.1; Cínio, X.51.7; Cíntio, VI.139.5; VIII.16.1; Dafneu, VIII.94.3; Del-
 fim, II.100.6; Esminteu, V.71.1; Febo, X.59.1; Féstio, XIII.55.3; Hilates, XI.47.6; Leucádio, IX.73.7; Lício, VIII.56.7; Nómio, VI.66.2; X.102.1; Pastor Louro, I.2.1; II.28.1
 Apolónio, VI.35.6
 Apsandro, VII.30.4
 Apuleio, (Capitão Lusitano), II.4.3; IV.22.3; VI.114.1; VI.118.1
 Aqueloo, II.20.2; XIII.41.1
 Aqueronte, XI.20.4
 Aquiles, I.64.5; II.55.6; II.121.5; Pirísoo, X.81.5; tendão de, XIII.12.4
 Arabo, II.46.7
 Aracne, V.78.5; VIII.94.5
 Arato, VII.67.5
 Arcádio, V.38.6
 Arcas, II.69.2
 Arcturo, II.20.5; Fásis, II.20.5
 Árdices, IX.70.8
 Ares (Marte, Mavorte). I.27.1 e 8; I.36.6; II.95.4; II.125.6; III.39.6; III.103.6; III.112.8; III.121.4; III.122.4; IV.1.6; IV.58.4; V.63.5; V.97.8; VI.59.8; VI.84.7; VI.91.6; VI.98.4; VI.131.7; VI.134.8; VII.1.4; VIII.2.8; VIII.60.8; VIII.70.2; IX.97.7; X.10.1; X.80.4; XI.34.7; XI.102.8; XIII.55.7; XIII.62.8; XIII.86.8; XIII.100.4; Bicrota, IX.87.3; Britótio, X.103.2; Gradivo, VI.134.5; Quirino, VII.102.3
 Arete, II.123.1
 Aretusa, XIII.32.4
 Areu, VII.45.5
 Argale, VII.44.7
 Argantónio, III.7.2
 Argeu, II.111.3
 Argia, XI.52.6
 Argo, II.102.1
 Argonautas, II.102.6-8; II.103.1-8; II.104.2; II.112.3
 Argos, II.105.3; Panoptos, X.105.2
 Argos (cão). XI.55.8
 Ariadna, I.78.5; XI.76.1; XII.58.1; XII.61.7
 Arimaspos, II.86.2
 Aristeu, II.114.6
 Aristides (comandante), VII.58.4
 Aristides (pintor), XII.29.1
 Aristocles, XIII.7.5
 Aríston, I.49.4; VII.45.4
 Aristónomo (Aristono), VII.7.6
 Aristóteles, Estagirita, V.73.6
 Árifron, VII.30.2
 Arquelau, VII.46.8
 Árquias, III.43.2

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Arquidamo, III.40.3; VII.45.1
 Arquipo, VII.29.7
 Arquíteles, XIII.39.6
 Arráquion, VII.55.7
 Ártemis (Diana), V.63.3; IX.109.4; X.34.6; X.91.6;
 XIII.75.4; Alfea, XI.51.2; Amaríntias, X.85.4;
 Amarísia, 41.5; Astrateia, IV.95.1; Cíntia,
 X.42.4; X.44.3; Délia, V.94.1; Fascelina,
 V.71.6; Fasiana, X.92.8; Iana, V.64.6; Ilitia,
 XI.26.6; Láfrica, V.101.1; X.71.1, *ver Atena*;
 Lucina, V.86.6; Naneia, XIII.29.8; Nemorensis
 Dea, X.44.2; Ópis, IX.54.7; X.90.1; Pironia,
 XII.53.3; Priapina, X.90.8; Segestana, X.62.1;
 Tergémnia, V.71.4; Titânia, V.70.7; Trívia,
 V.70.5
 Ásbolo, X.87.5
 Ascálafo, V.8.5
 Asclepiodoro, IX.70.5
 Asdrúbal, III.51.1; III.68.1; III.69.6; III.70.3; Bar-
 cino, III.71.3
 Ashafim, XIII.92.8
 Ashimah, XIII.88.5
 Asopo, VII.63.1
 Asquenaz, II.78.2
 Assáraco, II.131.6; IV.84.2
 Astarte, XIII.75.1; Astaroth, XIII.75.2
 Astéria, IX.28.3
 Astérion, II.102.8; II.109.7
 Astérope, II.16.6
 Astíages, V.51.2
 Astíoque, XIII.51.5
 Astraeu, II.20.4
 Astreia, VIII.87.5; X.38.6
 Asur, II.21.5
 Atalanta, I.49.6; IX.34.4; X.89.4
 Ate (Discórdia), I.61.1; V.2.2; VIII.63.2 e 5;
 VIII.73.8; VIII.81.1; VIII.84.2; VIII.89.6;
 VIII.94.1; X.3.1 e 3; X.9.2; X.11.1; XI.48.6
 Atena (Minerva), IV.83.4; V.100.5; VI.84.5;
 VII.39.1; VII.111.8; VIII.2.8; VIII.66.1;
 VIII.87.7; IX.12.4; XI.92.6; Agélia, V.100.7;
 Agoreia, V.1.3; Alcís, V.102.1; Apatúria,
 V.30.2; Aqueia, IV.84.1; Areia, V.23.7; Assés-
 sia, V.23.1; Cabardiacensis, VIII.94.6; Cíntia,
 V.70.3; Etia, VIII.72.8; Ergane, V.24.2; Gor-
 gófora, V.31.1; Hígia, V.2.1; VIII.41.2; Ito-
 neia, IV.101.1; Itónia, IX.16.6; IX.73.1; Láfrica,
 V.78.4, *ver Artemis*; Palas, II.123.4; V.16.2;
 VI.115.8; X.10.1; VII.87.5; VIII.70.2; Polias,
 XIII.48.6; Sciras, XII.61.2
 Atergate, XIII.74.4
 Atídios, IV.12.5
 Atílio, III.88.1; III.89.8; III.88.1; III.89.7
 Átis, IX.63.2; IX.117.6; X.20.3; Lido, filho de,
 II.69.3
 Atlante, I.15.7; II.16.1; II.51.2; II.56.1; XII.65.1
 Atlas, XIII.73.6
 Atou (Athon), VII.104.4
 Auge, XIII.48.6
 Augias, II.103.6; XIII.30.8; XIII.34.8
 Augusto (César), I.14.6; Octávio, V.52.5
 Augústulo, V.55.5
 Aulaces (Capitão Lusitano), II.4.6; IV.77.1;
 VI.114.5; VI.123.4
 Aureliano, V.56.5
 Aurora, I.70.5; IV.12.8; IV.96.7; VI.10.3; VI.34.2;
 VII.21.8; VIII.98.1; XI.36.3; XI.90.8; Titana,
 VIII.80.2; Titanis, V.65.4
 Austro, VIII.89.4; VIII.104.5; XI.62.1
 Autólico, XIII.47.7
 Autónoe, XII.64.7
 Azonos, XIII.99.3
- B**
 Baal, IX.60.5; XIII.60.1; XIII.65.3; XIII.70.6;
 Baal-Berith, XIII.62.5; Baal-Fegor (Belfegor),
 XIII.65.2; Baal-Peor, XIII.64.1; Baal-Samen,
 XIII.62.1; Baal-Tsefon, XIII.63.1; Baal-Zebub,
 XIII.62.3; Beel, XIII.61.5; Bel, XIII.60.4; Belo,
 XIII.60.8; Chemosh, XIII.64.6
 Babilónios, XIII.91.2
 Bacantes, XII.55.1
 Balana, XII.75.7
 Balbino, V.55.2
 Balta, XIII.80.1
 Basílio, V.55.3
 Batea, IV.85.4
 Bato, IX.74.2; IX.93.5; X.102.2
 Báucio Capeto, III.19.1
 Báucis, IX.18.2
 Bauduíno, V.62.3
 Belerofonte, I.82.8
 Belisário, V.44.7
 Belo, II.53.2
 Belona, VIII.70.1; IX.16.7; XI.51.1
 Bêndis, V.71.8
 Bérquio, XIII.34.1
 Beto, II.19.4; II.22.7
 Bianto, II.102.7
 Bitínio, II.69.8
 Bonoso, V.38.1
 Boodes, III.47.3
 Borsipenes, XIII.91.4
 Boyle, V.90.7
 Breno, V.35.8
 Breto, XIII.42.2

- Briareu, VIII.88.1
 Brigo, II.17.1
 Briseis (Briseide), I.64.5; X.81.7
 Britomártis, II.14.1
 Britone, II.14.5
 Bromie, VII.61.7
 Brotígaro, IX.116.2
 Bruto (Júnio), III.77.2; V.49.8; IX.99.6; XI.33.5
 Bularco, XIII.27.4
 Busíris, II.27.4; II.36.6; XIII.37.3
 Buteo, III.74.7
 Butes, II.103.3
- C**
 Caco, II.97.5; II.98.2; II.108.6; XIII.34.5
 Cadmo, II.62.3; IV.35.6; XII.63.1
 Caíco, filho de Océirroe, II.20.3
 Cálais, II.108.4
 Cálbis, XIII.37.6
 Calcas, VII.34.7
 Calcíope, XIII.35.3
 Cálías (Ateniense), VII.52.6
 Califeia, XII.76.6
 Calímaco, VIII.22.2
 Calipatera, VII.55.4
 Calipso, I.49.5; II.122.8; XI.83.3
 Calisto, I.48.8
 Calpúrnia, V.49.5
 Calpúrnio, III.77.5; III.77.6; III.80.1
 Cambises, II.33.5
 Camboblasco, II.58.2; II.71.1
 Camilo, VII.101.4
 Canache, X.87.6
 Cancheno, III.84.5; III.90.7; III.91.1; III.92.1
 Candaules, X.81.1
 Canéforas, XII.36.1
 Canto, II.102.8
 Capadoce (Capadócio), V.47.2
 Cápis, II.47.2; II.131.6
 Car, VII.34.5
 Caracala, V.42.5
 Cárcia, XII.75.8
 Caríbdis, II.122.5; X.73.7; XI.85.7
 Carilau, VII.46.6
 Carino, V.55.6
 Carmenta, XIII.44.7
 Cármon, XII.62.1
 Caro, III.83.6
 Caronte, X.8.6
 Cárops, VII.30.4
 Casmim, XIII.92.4
 Cassandro, V.48.7
 Cássio, V.49.8
- Catão, III.75.3; IX.82.7
 Catilina, V.37.7
 Catino, III.77.2
 Cauno, II.106.1
 Ceco (Ápio), XIII.44.8
 Cécrops, II.18.5; Cécropes, VII.28.4; Cecrópio, XII.49.1
 Cefeu, II.108.7
 Céix, VI.2.1
 Celeno, II.16.6; XI.52.5; XII.65.8
 Celo, V.64.1
 Cénis, I.49.5; XI.50.7
 Censorino, III.75.1
 Centauros, XIII.42.1
 Centímano, VIII.72.7
 Cerambo, IX.28.2
 Ceráunio, VIII.72.7
 Cérbero, XIII.33.3 e 5
 Cerdemporo, VII.31.2
 Ceres, VIII.72.8; IX.10.6; IX.84.5; Sito, IX.18.8;
 Cerices, VII.31.1
 Cerínio, Mínio, XII.55.3; Herénio, XII.55.3
 César (Júlio), V.49.1; VII.85.2
 Césarón, III.81.5; III.82.5
 Cetego, III.74.2
 Céu, XIII.73.5
 Chartumin, XIII.92.7
 Chasdim, XIII.92.5
 Chon, XIII.71.5; Chiun, XIII.71.5
 Cibele, VIII.56.5; XI.44.2; Berecíncia, IX.130.2;
 Címeris, IX.67.2; Dâmia, IX.55.3; Enteia, IX.67.7; X.20.4; Fasiana, IX.63.1; Idea, IX.2.3;
 Ópis, IX.54.7; Palatina, IX.29.5; Pílene, IX.61.7; Sipilene, IX.59.5; Terra, IX.17.8
 Ciclopes, II.86.1; III.95.6
 Cicno, XIII.40.3
 Cigno, I.28.6
 Gila, II.122.5; X.73.1; XI.85.7
 Cileu, IV.39.1
 Címon, XIII.27.4
 Gina, V.37.8
 Cíniras, IV.7.3
 Cinisca, VII.55.3
 Cinortas, VII.44.7
 Cipião (Gneio), III.68.2; III.69.8
 Cípio (Cornélio), III.58.3; III.69.1; III.69.8;
 III.70.5; III.72.4
 Circe, II.122.8; XI.13.2; XI.83.5; Eeia, XI.26.7
 Cirno, VIII.90.8
 Cleantes, V.69.8
 Cleobula, X.106.4
 Cleómbroto, VII.44.4
 Cleómenes (I, II, III), VII.46.1; VII.57.5

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Cleópatra, V.52.2
 Clídico, VII.30.4
 Clíptia, VIII.106.3
 Clitemnestra, I.77.6
 Clítio, II.102.8
 Clitómaco, VII.54.2
 Clóris, IX.50.8
 Cocito, XI.54.6
 Codro, VII.28.3
 Colatino, IX.99.6
 Colca, III.72.1
 Combe, IX.28.1
 Consentes, IX.72.2
 Constante, V.41.7
 Constantino, V.53.7; V.61.7
 Corcireus, VII.19.7
 Corebo, VII.52.1
 Coribantes, IX.58.1
 Coribanto, filho de Iásio, II.76.1
 Coribas, V.66.2
 Córito, II.63.4
 Cornélia, XI.82.1
 Corónis, V.8.6; Dodónide, VII.18.8; IX.27.6
 Corono, II.102.8
 Corvino, IX.27.5
 Cosmagogos, XIII.97.3
 Crés, II.46.1
 Cranano, VII.28.5
 Craneu, XIII.42.8
 Crassino, X.82.1
 Creon (Creonte), XIII.37.1; XIII.48.1
 Creso, V.47.7
 Creúsa, XI.76.3
 Crises, X.81.7
 Crísio, II.27.8
 Críton, XIII.42.2
 Crócale, X.90.2
 Cronos (Saturno), II.26.4, 5; II.65.1; V.8.3; VII.25.7; VIII.87.1; IX.4.1; IX.69.2; IX.70.2; IX.117.8; IX.125.2 e 6; IX.126.3; IX.127.2; IX.128.6; XIII.62.8; XIII.65.5; XIII.71.7; XIII.73.4 e 6; XIII.100.3; Aberides, VIII.84.1; IX.118.2; XIII.66.1; Hão, Saturno egípcio, II.67.2
 Ctonófila, XII.62.5
 Cupido, IV.86.6; IV.97.1; V.16.2; V.16.6; V.23.8; V.24.6; V.30.5; V.100.3; VI.22.2; VI.43.5; VI.59.8; VIII.23.2; VIII.94.4; XI.102.8; Amor, V.63.7; VI.18.1; VI.26.7; VIII.60.8; X.74.5; X.78.6; X.80.4; X.81.4 e 6; Anfítales, VI.16.5; Cíprio, I.88.1; Eros, I.71.2; I.79.6; filho de Vénus, I.22.5; I.26.4; I.29.1; I.30.8; I.42; I.44-78; I.75.8; I.89.5; Idálio, VI.20.3; X.102.5
 Curetes, VII.25.1
 Curiácios, II.44.1
 Cúrio (Capitão Lusitano), II.4.3; IV.78.1; VI.104.1; VI.106.2
D
 Dafne, I.14.1; VIII.105.5; Peneia, VIII.106.1
 Dagon, XIII.72.3
 Daíra, X.106.7
 Damofon, IX.54.5
 Dámon (atleta), VII.52.1
 Dámon (pitagórico), XI.56.8
 Dánae, I.48.5; II.116.2
 Dânao, II.55.3
 Dárdano, II.71.4; II.72.6; II.74.3; IV.85.5
 David, XI.56.5
 Decêncio, V.41.8
 Décio, V.42.8
 Dédalo, VII.59.4; IX.26.8; XI.57.8
 Deidamia, X.81.8
 Deífile, XI.52.1
 Dejanira, X.82.7; XI.76.7; XIII.49.7
 Delfo, II.47.5; Deus Desconhecido, VII.23.8
 Demarato (rei espartano), VII.45.4
 Demarato (atleta), VII.52.1
 Deméter, Micaléssia, XII.53.6
 Demofoonte, VII.28.7
 Demonice (Demonica), V.35.8
 Denis, XIII.42.6
 Dérceto, XIII.75.1
 Deucalião, IV.35.1; XI.63.5
 Deus, VII.13.7; XIII.64.4; XIII.69.6; XIII.91.1; XIII.106.2; Divino, XIII.54.4; Omnipotência, XIII.106.3
 Dia Dea, XIII.53.4
 Diadúmeno, V.42.6
 Dictaleon (Capitão Lusitano), II.4.5; IV.79.1; VI.114.3
 Dictina, II.14.4
 Díctis, II.118.3 e 7
 Dídio, V.61.5
 Dido, III.2-4
 Digício, III.76.2
 Dindimene, IX.59.3
 Diocleciano, V.39.8; V.55.6
 Diógenes, VII.52.5
 Diogenete, VII.29.7
 Diomedes, II.125.2; II.127.6; XIII.31.3
 Dionísio (Baco), II.26.3, 5; II.33.7; II.91.7; II.92.1; IV.84.6; VII.8.7; VIII.22.6; XII.26.3; XIII.99.5; Brómio, II.95.2; XII.48.8; Brumo, XII.57.3; Bugenes, XII.29.5; Coopotes, XII.53.5; XII.58.2; Eirafíotes, VIII.21.5

- Eleleu, XII.28.7; Erafiates, VII.104.5; Êuchion, IV.13.3; XII.59.8; Evã, XII.63.1; Êvio, XII.49.4; Hies, VII.18.2; Iaco, VIII.22.4; XII.41.6; Lâmpter, XII.48.4; Leneu, II.93.1; VII.104.4; Liber, XII.56.5; XII.88.4; Liceu, I.8.3; Lieu, XII.46.5; Limneu, XII.61.7; Menoles, VIII.34.2; Meónio, VIII.93.7; Milíquio, XII.45.2; Mórico, XII.34.5; Nictélio, XII.40.1; Omásio, XII.73.1; Omestes, IX.18.8; XII.38.3; Omófago, XII.38.5; Protriges, XII.54.1; Sicites, I.8.1; Tauriceps, XII.61.2; Tebano, XII.27.5; XIII.5.4; XIII.43.8; Teoino, XII.40.2; Xeno, XII.34.6
- Dionísio (de Siracusa), III.45.5; III.46.6
- Disaules, V.66.6
- Dodónides, VII.18.2
- Dolabela, IX.75.3
- Domiciano, VII.86.4
- Dorceu, X.87.2
- Dorilo, XIII.42.8
- Dorisse, VII.44.8
- Dragão, X.1.8
- Dríades, XII.74.5
- Dríope, IX.18.4; XII.15.5
- Dromas, X.87.4
- E**
- Êaco, IV.84.4
- Êbalo, VII.44.8
- Eco, XII.67.1
- Édipo, II.115.5
- Edom, II.21.8
- Eetes (Eeta), II.100.2
- Efarmosto (Opuntio), VII.52.6
- Egeu, XIII.48.3
- Egíale, II.127.1
- Egito, II.55.4
- Egira, XII.75.8
- Egisto, II.115.7; II.117.2
- Eleazar (Palestino), IV.89.4
- Electra, II.16.3; II.58.3; VIII.90.8; XII.65.6
- Eliaquíim, III.10.3
- Élio, III.74.2
- Elúsio (Êleusis), V.66.5
- Emátion, XIII.35.8
- Emiliano, IV.57.1; IV.61.1; IV.61.8; IV.63.5; IV.66.5; IV.67.1
- Emiliano (imperador), V.42.8
- Emílio (Paulo), IV.57.2
- Empédocles, V.71.7; VII.57.5
- Empúrias, III.75.4
- Endibil, III.73.3
- Eneias, I.62.2; IV.90.1; VII.117.5; IX.125.5; XI.56.6
- Eneu, XIII.49.7
- Eniantos, IX.71.8
- Enone, XI.76.5
- Éolo, II.125.5; IV.90.2; XI.63.3; Hipótades, IV.91.4; XII.87.6
- Eoo, VIII.106.2
- Épafo, VIII.95.6
- Epimeletas, VII.31.3
- Epiménides, VII.23.6
- Equembroto, VII.56.2
- Equéstrato, VII.44.3
- Equidna, XIII.32.8
- Equión, II.103.5
- Ercília, XI.52.5
- Ércio, II.21.3
- Erecteu, VII.28.5
- Eriectónio, VII.28.7
- Ergino, II.103.3; XIII.39.7
- Eríbie, XI.52.2
- Eribotes, II.108.8
- Eriectónio, IV.85.7
- Erigdupo, XI.96.1
- Erigipo, XIII.42.7
- Erigone, IX.84.5
- Erimanto (javali de), IX.20.3; XIII.39.4
- Eriteia, X.106.4
- Eritreio, II.113.2
- Érix, XIII.36.1
- Eríxias, VII.30.5
- Escamandro, IV.85.3
- Esculápio, IX.27.6
- Esfinge, IV.99.8; V.14.8; XI.80.8
- Esimesdes, VII.30.5
- Esopo, X.100.5
- Espártaco, IX.93.6
- Êsquilo, VII.29.8
- Essex, V.44.8
- Estácio, VIII.29.2
- Esténelo, VIII.93.3
- Estérope, XII.65.7
- Etíops, II.89.6
- Éton, VIII.106.2
- Eudora, VII.18.8
- Eufnanor, IX.56.6
- Eumólpidas, VII.37.3
- Eumolpo, VII.37.4; XIII.47.7
- Eunome, VII.44.8
- Eupator, IV.89.4
- Euríbato, VII.52.3
- Eurícates, VII.45.6
- Eurídamas, II.109.5
- Eurípides, VII.57.2; XII.81.4
- Eurípilo, XIII.35.4

INDÍCE ONOMÁSTICO

Euripo, VII.45.6
 Eurístenes, VII.45.2
 Euristeu, XIII.29.8
 Eurístrato, V.70.8
 Eurítion, II.109.8
 Êurito, II.109.7; XIII.47.4; XIII.50.1
 Euro, XI.13.5
 Europa, I.48.6; IX.4.2; IX.73.4
 Eurotas, VII.44.5
 Evandro, XIII.44.8
 Evantes, XII.55.3

F

Fabianos, XII.71.6
 Fado, I.16.2; II.110.4; II.118.4; IV.37.7; V.90.6;
 VI.113.7; VIII.5.6; VIII.49.4; VIII.81.6
 Faetonte, I.28.6; V.5.2; VIII.95.6; XI.4.5; XI.63.7
 Faetonta, IX.1.1
 Faetusa, IX.31.2
 Fálaris, III.45.1
 Falero, II.103.3
 Fântaso, V.97.2; VI.3.1; VI.11.2; VI.12.7
 Faunos, V.14.8
 Fáustulo, IX.98.2
 Favónio, *ver Zéfiro*
 Febo, XI.51.8
 Fébruo, III.103.3
 Fedra, I.78.5; XI.76.1
 Fénix, II.21.1; II.105.8; V.57.8; VI.51.7; XII.63.4
 Férecló, VII.30.2
 Fidias, IV.3.1; VII.7.2
 Fidípides, XII.69.2
 Fila, V.97.5
 Filámon, XII.53.1
 Filax, II.14.6
 Filémon, I.86.3; IX.18.2; XII.15.5
 Filetas, VII.53.1
 Fileu, XIII.34.8
 Filipe, V.39.1
 Filípico, V.62.7
 Filodâmia, X.106.3
 Filomena, IX.52.1
 Filone, XIII.49.2
 Filótis, XII.86.1
 Filóxeno, XII.40.8
 Firale, X.90.4
 Fiscoa, XII.62.3
 Flaco, III.78.1
 Flamínio, III.60.7
 Flegetonte, XI.20.2
 Flégon, VIII.106.2
 Flegreu, XIII.42.6
 Flora, IX.12.4; IX.81.2

Fobetor, V.97.2; VI.11.5
 Focas, V.39.3
 Forbas, V.41.5; VII.29.6
 Fortuna, I.83.6; V.49.7; VI.10.7; VII.94.5;
 VII.109.8; VIII.97.5; X.56.2; X.58.7; XIII.44.2;
 Providência, XIII.49.5; Sorte, VIII.81.6
 Frates Arvaes, IX.97.3
 Fúlvia, I.65.1; I.67.3; IV.86.3; IV.98.4; XI.36.7;
 XI.41.2
 Fúrias, VIII.63.7
 Furina, IX.86.3

G

Galatea, II.122.6; XI.51.6
 Galba, III.52.7; III.90.5; III.90.5; III.93.1; III.94.7;
 III.96.7; III.100.7; XI.37.3; Sérvio, III.97.7;
 III.100.3
 Galieno, V.56.1
 Galileu, V.90.7
 Gélon, III.24.4; III.45.2
 Genea, IX.71.4
 Gerião, II.22.5; II.31.7; XIII.31.5; Geriões, II.33.1;
 II.35.5; II.41.1
 Giges, X.81.1
 Gilipo, III.41.5
 Giscon, III.34.1; III.69.5; III.71.7
 Gláucias, VII.52.6
 Glauco, I.11.3
 Glicério, V.56.2
 Gomora, II.58.1
 Gordieno, V.39.1; V.55.7
 Górgias, VII.57.7
 Gorgo, VII.52.1
 Górgona, IV.99.5
 Górgoris, II.116.1; II.120.1; II.121.1; II.123.1;
 II.132.1
 Graças, IV.18.2; VIII.28.6
 Graciano, V.40.2
 Graco, III.78.3
 Graneia, XII.75.5
 Grineu, V.71.8

H

Haleno, XI.71.3
 Hamadriades, XII.75.1
 Hamon, II.26.6; II.46.2
 Hanon, III.32.5; III.33.1; III.47.1
 Harpálice, XI.51.7
 Harpálico, XIII.47.2
 Harpe, XI.50.5
 Harpócrates, VIII.23.2
 Hebe, XIII.52.1
 Hécate, XI.20.1; XIII.97.7

- Hécuba, IX.19.7
 Hefesto (Vulcano), I.27.1 e 8; II.106.2; V.5.2; V.37.1; V.64.2; V.66.2; VIII.64.4; X.103.3; XI.96.2; Junonígena, IV.99.2; IX.87.1; Mulciber, V.65.3
 Hele, VII.16.5; IX.73.2
 Helena de Troia, I.47.2; II.21.8; XI.76.5
 Heliades, IX.31.2-3
 Hélicon (leão de), XIII.50.3
 Helino, XIII.42.5
 Heliogábalos, V.58.1
 Hemera, IX.106.1
 Hera (Juno), I.48.7; I.55.1; I.60.6; III.103.8; IV.83.3; IV.100.7; VI.84.5; VII.84.4; VII.87.5; VII.104.3; VIII.87.8; XII.84.6; XIII.75.4; Acreia, XII.81.1; Aérea, X.100.1; Albana (ou Albânia), I.64.1; Argiva, I.65.1; Anteia, XII.84.1; Caprotina, 103.8; Cíncxia (Cinxia) IV.101.7; XII.64.3; Cinia, VIII.95.7; Cipra, VII.68.6; Gabiana, VIII.89.1; Gamélia, IV.84.1; Hoplosmia, II.108.5; Imbrásia, VII.62.2; Partenos, VIII.91.8; Pelágia, VII.60.6; Prodrómia, IX.92.3; Quera (Chera), VIII.91.6; Teleia, VIII.91.4; Telquina, VIII.91.1; Tethla (Tathla), IX.8.5
 Hércules (Hércules), II.43.4; II.48.8; II.99.3; XIII.71.3; Adefago, XIII.40.3; Alcides, II.99.8; IX.31.5; XIII.4.2; XIII.5.3; XIII.7.1; XIII.34.2; XIII.45.1; Alexicaco, II.108.2; II.131.2; Búfago, XI.56.7; 7.3; Calinico, II.111.1; Canópio, II.107.1; Ceramintes, XIII.46.6; Cleoneu, XIII.28.1; constelação, IX.1.2; Fundano, XIII.52.6; Hipódoto, II.110.4; XIII.47.1; Melampigo, XIII.6.1; Mélio, XIII.27.7; Mélon, XIII.45.7; Monoco, VIII.95.4; Mongibelo, XIII.31.1; Oeteu, XIII.27.8; Rinocolustes, III.3.5; Silvário, XIII.28.8; Taciano, IX.126.1; Tiburtino, X.82.5; XIII.8.7; Tirintio, VIII.93.4; Tírio, XIII.4.4; XIII.5.4; Tricoso, VI.91.6; VIII.93.5
 Heracliano, V.38.5
 Heraclides, V.73.2
 Heraclio, V.41.6
 Heraclito, V.68.2
 Hermes (Mercúrio), V.63.3; V.63.4; V.65.2; VIII.54.3; VIII.56.5; IX.4.4; IX.84.1; IX.110.2; IX.130.6; X.95.3; X.96.2; XIII.100.5; Acaescio, VIII.53.4; Crióforo, X.99.5; Ctaro, X.110.7; Ctónio, X.109.6; XII.52.3; Harpedóforo, X.107.4; Talésio, VIII.54.3
 Hermíone, IX.23.2
 Hermócrates, III.41.5
 Heródoto, VII.57.6
 Heróstrato, V.59.2
 Herse, X.105.6
 Hesíone, II.131.2; XIII.38.3
 Hespérides, Jardim, I.7.2
 Héspero, II.50.1; II.52.1; II.54.1; II.57.3; IX.106.7
 Hespertusa, XIII.32.2
 Héstia (Estieas), IX.113.2; IX.129.5
 Híale, X.90.6
 Hidra, II.81.3; X.82.8; XI.20.3; XIII.28.3; XIII.40.7
 Híera, XI.52.3
 Híéria, X.106.8
 Híero, III.45.2
 Hílas, II.103.6
 Híleu, X.87.6
 Himilcão, III.24.7; III.33.1
 Himileu, III.46.3
 Hípa, XII.64.2
 Hiparenes, XIII.91.2
 Hípaso, XII.44.8
 Hípeno, VII.52.3
 Híperarchios, XIII.99.1
 Hípérion, XI.71.2
 Hípezocos, XIII.97.5
 Hipnos (Sono), IV.91.2; IV.91.6; IV.92.4; IV.92.8; IV.96.8; V.1.4; V.9.3; V.15.6; V.16.3; V.26.1; V.27.5; V.29.5; V.96.3; V.98.1; V.100.7; V.101.2 e 8; V.102.3; casa de, I.70.3
 Hipoctono, I.83.7
 Hipodamia, VIII.19.1; XI.51.8; XII.80.1
 Hipólita, XIII.30.5
 Hipólito, I.77.8
 Hipómanes, I.7.6; VII.30.6; IX.34.4
 Hipona, X.20.2; XI.51.3
 Hipóstenes, VII.53.4
 Hipsicracia, XI.50.5
 Hispalo, II.45.5
 Hispano, II.45.6
 Honório, V.38.6
 Horácio, VIII.29.6
 Horácios, II.42.7
 Horas, IV.18.1; IV.19.1
 Hostelina, IX.10.3
- I**
 Iarbas, III.25.7; IX.74.2
 Iasis, XII.76.5
 Ibério, IV.85.5
 Ibero, II.12.1; II.14.3
 Icário, IX.84.8
 Ícaro (Hiperesiense), VII.52.4; IX.3.6
 Ida, IV.85.3; VII.24.8
 Ídmon, II.105.2

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Íficles, II.103.1; VIII.93.4; IX.34.2
 Ífites, II.103.1
 Inges, XIII.96.3
 Ilo, XIII.73.6
 Inacho, II.18.1; rio, II.20.8; IX.8.5
 Io, I.48.8
 Iodama, VIII.90.8
 Iolau, XIII.28.5
 Íole, I.66.4; XI.76.8
 Iónias (Ionides), XII.76.7
 Irene, VII.10.8
 Iringe, XII.67.7
 Íris, IX.45.2; Taumância, IX.45.6
 Isaac (Angelus), V.61.4
 Ísis, II.39.1; II.114.7; IX.8.5; IX.105.6
 Issa, X.106.4
 Italo, II.58.8; II.60.1; II.61.1; VIII.1.1
 Itiafállos, XII.35.5
 Itome, VII.70.6; VII.71.1
 Iubalda, II.15.1, 6
 Ixíon, XI.63.7
- J**
 Jacinto, IX.41.5
 Jain, II.9.4
 Jana, IX.87.5
 Jano, II.54.7; II.114.7; VII.26.3; VII.116.6;
 VIII.21.3 Bifronte, 94.1; Janes, IX.94.5
 Jardano, XIII.51.1
 Jasão, II.62.8; I.78.2; I.84.2; II.102.3
 Jasio, II.71.3; II.74.4; II.76.2
 Jeconias, III.10.4
 Jideoni, XIII.92.4
 Joaquim, III.8.4
 Jónatas, XI.56.5
 Jónios, V.68.3
 Joviano, V.53.3
- K**
 Kitim, II.58.1
- L**
 Labotas, VII.45.2
 Labros, X.87.7
 Lacedémon, VII.44.8
 Lacne, X.87.7
 Ládón, XIII.32.5
 Ladónia, X.106.5
 Laio, II.115.5; V.51.5
 Lala, IV.3.2; IX.56.7
 Lâmia, XI.51.7
 Lâmias, V.14.7
 Lâmpedo, XI.52.3
 Lampetia, IX.31.2
 Lampetusa., IX.31.2
 Lâmpson, IX.1.1
 Laodamia, VIII.90.8
 Laomedonte, II.108.1; VIII.95.2; XIII.38.7
 Lares, III.38.5; IX.129.5; XI.29.2; XI.34.1;
 XIII.84.2; Compitállos, XI.30.5; Grundiles,
 XI.30.7; Préstites, XI.30.1
 Larunda, XI.29.2; Lara, XI.30.1
 Lastrigon, II.36.4
 Latona, VIII.70.5; IX.49.5
 Lavínia, I.62.4
 Leandro, X.81.3
 Learco, XII.64.6
 Lebitina, V.34.4
 Leda, I.48.8; Filhos, I.2.7
 Legístrones, II.86.3
 Lélaps, IX.22.2
 Lélex, VII.44.5
 Lélio, IV.55.1; IV.56.1
 Lémures, V.14.7
 Lêntulo, III.73.1; III.74.2
 Leócares, VII.10.2
 Leucótea, IX.50.4
 Leócrates, VII.30.6
 Leódoco, II.105.5
 Leon, V.61.1; VII.46.7
 Leónidas, VII.45.1
 Leotíquides, VII.45.4
 Lepreias, XIII.34.7
 Léptines, II.45.7
 Letes, X.21.6
 Levino, IV.89.2
 Licáon, II.82.1; IX.20.1
 Licaste, XI.52.6
 Lícidas, XIII.42.3
 Licínio, II.96.1; II.110.1
 Lício, XI.31.5
 Licnoforos, XII.35.1
 Lico, VIII.90.4; XIII.37.1
 Licurgo, II.27.1; VII.46.6; VIII.1.2
 Lígdamis, VII.53.3
 Lígis, XIII.35.8
 Limoníades, XII.74.1
 Lince, III.110.5
 Linceu, II.103.2
 Linfas, V.7.5; V.11.4
 Lino, VIII.95.4; XIII.47.5
 Lísias, 93.5; II.94.1; II.96.1
 Longo, III.78.1
 Lucina, Ilitia, XI.26.6
 Lucrécia, X.82.3
 Lúculo, III.90.1; III.90.1

Luso, II.76.7; II.90.5; II.93.5; II.94.7; II.95.7

M

Macedo, II.27.3
 Macrino, V.42.5
 Mácris, XII.64.2
 Magnêncio, V.41.7
 Magnes, V.66.2
 Mago, XIII.73.8
 Magon, III.37.1; III.46.5; III.69.2; III.72.5
 Maharbal, III.47.5
 Maia, I.48.5; II.16.4; XII.65.6
 Malcander, II.39.7
 Mameia, V.42.2
 Mamerco, III.61.7
 Mancino, IV.67.4
 Mandane, V.51.2
 Mandónio, III.68.7; III.73.3
 Manes, III.124.4; V.14.8; VIII.44.6
 Mânia, XI.34.1
 Manílio, III.79.2
 Mânlio, VII.86.8; IX.8.1-2
 Mano, II.78.3
 Mantinense, VII.52.2
 Marcelo, III.90.3; III.90.3
 Marcial, VIII.30.2
 Marciano, V.56.1
 Márcio (Lúcio), III.70.1
 Mardónio, VII.43.3
 Mário, VI.75.3
 Marnas, IV.93.6; VIII.87.2
 Marpessa, II.102.4; Marpéssia, XI.51.4; Martésia, XI.52.4
 Mársias, VIII.94.7
 Masinissa, III.69.7
 Maurício, V.41.5
 Maxêncio, V.53.5
 Maximiano, V.54.2
 Maximino, V.42.1
 Máximo (Magno), V.40.1
 Máximo (Quinto Fábio), III.62.1
 Mecashfim, XIII.92.1
 Mecipsa, IV.87.5
 Medeia, I.78.2; XI.76.3; XII.81.3 e 8
 Medicina, XII.30.7; XII.38.8
 Médon, VII.29.6; XIII.42.4
 Medusa, IV.100.2; XII.38.2
 Mégacles, VII.29.7
 Mégara, XIII.48.1
 Megera, XI.20.5
 Megistano, III.23.7
 Megnonenim, XIII.85.6
 Melampo, VII.34.5; Cefaleu, VII.56.5

Mélano, X.87.3
 Melântio, VII.28.3; VII.39.2
 Meleagro, II.102.5; X.89.1; Oenides, II.109.8
 Melícola, II.113.4; II.119.1
 Melissa, VII.24.7; X.44.5; X.45.1; X.91.1
 Mélite, XIII.48.3
 Mémnon, XI.36.3
 Memória, IV.12.8
 Menacheshim, XIII.85.5
 Ménades, XII.31.1
 Menas, II.49.3
 Menesteu, II.130.2; III.18.5; V.56.7; VII.28.7; VIII.22.2
 Menétio, XIII.36.2
 Meno (Ménon), IX.57.1
 Mentor, VIII.54.6
 Mera, IX.19.7; IX.84.8; X.38.6
 Mérope, II.16.5; XII.65.8
 Mésio, II.42.1
 Metragirtas, IX.62.3
 Metres, III.17.2
 Metrodoro, V.69.4
 Mezerbal, III.18.6; III.19.7
 Michel, V.56.2; V.61.2
 Mícon, XI.31.5
 Midas, V.35.6
 Mígdon, XIII.35.2
 Miles, VII.44.7
 Mílcon, XIII.65.8
 Milita, XIII.87.6
 Mílon, VII.54.3
 Mimálones, XII.32.1
 Mínias, XII.44.7
 Minítia, XI.51.6
 Minotauro, VI.76.7
 Minos, VII.23.3; VIII.1.2; Filha de, I.77.8
 Minuro (Capitão Lusitano), IV.74.1; IV.80.1; VI.123.4
 Míron, VII.52.6
 Mirra, I.77.2; IV.14.2; XII.15.5
 Misor, XIII.73.8
 Mitras, V.70.3; XIII.66.6
 Mitridates, V.47.1
 Mogol, IX.36.4
 Molech, XIII.68.2
 Moloch, XIII.65.2; XIII.70.6
 Mopso, II.105.2; VII.34.7; XIII.74.7
 Morfeu, V.15.1; V.16.1; V.97.2; VI.1.5; VI.4.3; VI.12.1; VI.13.1
 Morgete, II.63.2
 Múmio, III.81.6; III.87.3; III.87.3
 Musas, I.1.8; VIII.2.2; VIII.28.7; Meónides, II.29.2; XII.44.4

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Música, V.30.7
Muso, VII.7.4

N

Nabaiot, II.21.7
Nabo, XIII.83.5
Nabucodonosor, III.8.2; III.13.5
Napeias, XII.73.2
Narciso, IX.40.1; Cefisio, XI.46.1
Nasica, III.76.2; IX.67.3
Náuplia, II.103.5
Nausícaa, II.123.2
Nealces, I.87.1
Nebuzardan, III.11.3
Nechepsos, III.8.3
Neda, VII.71.2
Néfele, VIII.25.4
Negídio, IV.49.5; IV.51.3; IV.52.1; IV.54.7
Nemeia (leão de), I.9.8; XIII.7.4; XIII.39.3
Némesis, Adrástia, V.41.1; Ramnúsia, VIII.86.4
Nepos, V.56.2
Nerceu, XII.62.3
Nereis, VIII.88.2
Nergal, XIII.86.5
Nero, III.70.2; III.71.6; III.76.1; V.59.1
Nesso, XIII.41.5
Nestor, VIII.41.1
Nib-Haz, XIII.88.1
Nicandra, VII.16.4
Nicandro, VII.45.3
Nicanor, II.47.8
Nicéforo, V.62.5
Nícias, III.41.3
Nicomedes, V.47.2
Nictímene, V.8.4
Nícton, XIII.42.7
Nife, X.90.6
Níger (Pescénio), V.38.3
Nilo, V.64.7
Nimrod, II.10.7; filho de Kush, II.11.2
Ninfas, IV.12.8
Ninias, I.77.7
Nino, II.47.1; II.53.2
Níobe, II.26.2
Nisa, XII.64.1
Niso (pai de Cila), VII.12.3
Niso (esposo de Tione), XII.27.4
Nisroch, XIII.83.1
Nobilior, III.83.1
Noé (Noah), II.9.2; XIII.73.2
Noite, V.63.6; IX.107.5; XII.11.3
Noto, IX.9.1; X.37.1
Númen, II.46.3; VI.46.8; VI.115.7

Numeriano, V.39.5
Numes, III.117.7
Numida, XI.82.3 e 5

O

Oanes, XIII.72.1
Oceano, V.66.6; X.1.7
Ocíroo, X.106.4
Odrisse, II.46.4
Oileu, II.103.4
Olíbro, V.61.7
Omelimpo, X.88.3
Ônfale, X.82.5; XI.76.8; XIII.51.1
Onomasto, VII.53.6
Orchenes, XIII.91.6
Orcómeno, XIII.39.7
Oréades, X.90.7
Oreia, XII.75.6
Orestes, VII.45.1; XII.51.2
Orestila, XI.82.5
Orfeu, II.103.7; IX.51.2
Oríbaso, X.87.4
Oríon, X.27.6; XII.65.5; Filhas de, II.16.2
Orma, filho de, II.22.2
Ormia, I.18.8; I.19.3; I.44.2; I.46.8; I.54.1; I.60.1; I.64.1; I.67.1; I.71.7; I.74.3; I.80.8; IV.86.4; IV.97.2; IV.98.4; VI.4.3; VI.8.3; VI.10.1; VI.12.3; VI.13.8; VI.16.5; VI.18.2; VI.22.3; VI.26.1; VI.29.3; VI.34.1; VI.40.5; VI.41.5; VI.42.4; VI.43.5; VI.48.1; VI.55.4 e 6; VI.57.1; VII.3.7; VIII.58.7; VIII.60.1; VIII.61.5; VIII.74.8; VIII.99.3; VIII.101.3; VIII.102.1; VIII.103.7; VIII.104.7; VIII.105.4; X.3.4; X.6.2; X.29.2; X.92.8; X.93.3; XI.3.8; XI.5.5; XI.26.8; XI.35.2; XI.37.1; XI.46.4; XI.50.1; XI.53.8; XI.65.2; XI.66.6; XI.74.1; XI.84.1; XI.85.5; XI.87.2; XI.94.1; XI.96.7; XI.100.7; XI.102.1
Osioteres, VII.37.5
Osíris, II.25.7; II.34.3; IX.10.1
Ostígio, I.9.8
Otrera, XI.52.1
Otros, IX.106.3
Óxilo, XII.76.1
Oxintes, VII.28.3

P

Pã, II.114.8; IX.6.5; XII.66.1; XII.68.6; XII.71.5; Ínuo, XII.72.6; XII.73.1; Liceu, XII.70.1; Nómio, X.102.1
Pacula, XII.55.7
Paflagon, II.89.7
Pagondas, VII.53.5

- Palamedes, VIII.47.3; IX.27.2
 Palatuo, II.97.1; II.98.1; II.104.6; II.109.1; II.110.5;
 II.112.5; II.113.1
 Palemónio, II.103.6
 Pales, IX.76.1
 Pandiões, VII.28.4
 Pandíon, XII.51.2
 Pandósia, II.82.3
 Pândroso, VII.31.2
 Paneu, VII.10.8
 Pãnfagos, X.87.2
 Panopeia, I.49.6
 Papas, IX.58.1
 Parcas, II.15.7; III.110.4; IV.60.8
 Páris, II.119.2
 Parménides, V.70.4
 Parnasso, VII.34.5
 Pasífae, I.77.1
 Patelina, IX.10.4
 Pátolo, II.69.4
 Pátroclo, II.55.5
 Paulo (Emílio), III.64.5; III.65.1; III.76.1; III.76.5;
 III.77.1
 Pausânias, VII.43.4
 Peantor, XIII.42.3
 Pefasmeno, III.22.4
 Pégaso, X.1.8
 Pelágia, XII.67.2
 Pelasgo, II.21.3
 Pélias, II.102.3
 Peleu, I.61.2; II.55.5; II.102.8
 Pelopeia, II.116.2
 Pélops, II.117.2
 Penates, XI.34.4; XIII.84.2
 Peneia, I.80.7; XII.15.5
 Penélope, II.123.5; XI.83.2
 Pentesileia, XI.51.4
 Penteu, XII.32.7
 Péricles, III.40.4
 Perifálíos, XII.35.3
 Perifanto, IX.70.8
 Perístera, I.28.8
 Perséfone, XII.53.6
 Perseu, II.115.3; II.118.1; X.1.8
 Pesítoe, VII.18.7
 Picagmo, XIII.42.4
 Pico, IX.28.6; XI.82.7
 Pigas, IX.27.1
 Pigeia, XII.76.3
 Pigmalião, III.17.4; IX.73.2
 Pigmeus, XIII.39.5
 Pilomno, II.114.2; IX.10.8
 Pinários, XIII.44.5
 Pirecmo, XIII.34.7
 Pírtoe, I.47.7
 Pírois, VIII.106.2
 Pirra, XI.63.7
 Pirro, IV.89.2; V.46.7; VIII.47.4; Atletas, VII.53.1
 Piso, XII.68.2
 Pitágoras, II.93.7; VII.24.1; Sámio, V.68.5
 Pítia, II.47.5
 Pítias, XI.56.8
 Pito, VII.18.8
 Pitonisa, X.92.2
 Plateia, VII.62.5; VIII.92.5
 Plateias, VII.43.2; VII.58.3; VII.59.1
 Pláucio, IV.40.1; IV.40.5; IV.41.2; IV.41.7; IV.42.1;
 IV.43.5; IV.44.5
 Plexature, VII.18.8
 Plistóanax, VII.46.3
 Plutão, I.36.8
 Podarces, V.51.3; XIII.38.6
 Policleto, VI.35.5
 Polícares, VII.53.2
 Polícrates, V.47.3
 Polídictes, II.118.7; VII.46.7
 Polífemo, II.109.6; VIII.19.3
 Poliido, I.11.4
 Polínicos, II.55.8; VII.52.4
 Políxena, I.47.6; X.81.8
 Pomona, IX.16.8; IX.50.8
 Pompeio, II.6.7; IV.71.1; IV.71.8; VI.116.1; XII.2.1
 Pompílio (Numa), VII.74.5; IX.93.1; IX.100.3
 Popílio, IV.68.1
 Porsena, III.52.2
 Posídon (Neptuno), II.125.6; III.103.7; IV.100.8;
 VI.1.2; VIII.87.7; IX.92.5; XII.38.3; XII.54.7;
 Anás, XI.34.3; Asfálio, VIII.95.2; Fitál-
 mio, 103.1; XII.54.1; Hípío, I.89.3; IV.93.6;
 XI.34.3; Taraxipo, IV.91.2; Táureo, VIII.72.8;
 Teménio, IV.90.5
 Postúmio, III.78.3
 Potícios, XIII.44.1
 Praxíades, V.71.2
 Praxídamas, VII.52.3; Egineta, VII.53.6
 Praxíteles, VII.8.5
 Príamo, II.119.2; II.121.7
 Príapo, XIII.64.5
 Prítanis, VII.46.3
 Prítanos, VII.37.7
 Probo, V.38.2
 Prócion, X.38.6
 Procles, VII.45.6
 Procópio, V.38.6
 Próculo, V.38.1
 Progne, IX.102.8

INDÍCE ONOMÁSTICO

- Promeneia, VII.16.1
 Prometeu, VIII.21.1; X.79.5
 Proserpina, I.58.5; XIII.78.3
 Proteu, V.12.8; IX.38.5
 Psecas, X.90.5
 Psique, I,18.8; I.19.4; I.37.1; I.40.1; I.54.1, 6; I.60.4; I.71.7; I.74.6
 Ptélea, XII.75.5
 Pupieno, V.55.2
- Q**
 Quílon, VIII.47.4
 Químera, V.14.8
 Quíncio (pretor), II.2.7; III.77.5-6
 Quintilianos, XII.71.2
 Quíon, VII.52.5
 Quíone, XI.52.2
- R**
 Ramesso, II.63.7
 Ramnúsia, III.103.5
 Rânis, X.90.3
 Rea, II.26.4; VII.25.5; IX.18.8; IX.57.1; IX.121.6; Asporena, IX.60.8; Fecunda, IX.123.3
 Reia Sílvia, Ília, II.116.2
 Reco, XIII.42.4
 Remo, II.115.1; VI.80.3; Quirites, II.117.1
 Renfan (Refan), XIII.71.6
 Ricimer, V.62.2
 Rifeto, XIII.42.3
 Rimon, XIII.83.3; Roman, XIII.83.3
 Rionófila, X.106.6
 Roma, II.59.3; II.60.1
 Romo, II.91.1; II.97.6
 Rómulo, II.115.1; VI.80.2; VII.79.2; IX.98.1; XI.30.7; XII.87.2; Quirites, II.117.1
 Rubigo, IX.10.6; IX.80.1
 Rufino, V.38.5
 Rúncina, IX.10.9
- S**
 Sabácio, II.53.1
 Sabo, II.46.8
 Sabois, XII.57.6
 Sácadas (Secedas), VII.56.3
 Safo, III.26.1; III.32.1
 Saga, II.55.1
 Salinator, III.71.6
 Samar, II.47.6
 Sapor, V.53.2
 Sármeta, II.46.6
 Sarpédon, XIII.36.5
 Saturnino, V.38.1
 Sauro, XIII.35.1
 Sedecias, III.10.6
 Sejano, V.44.8
 Selemno, XI.54.5
 Selene, IX.59.1; X.37.7
 Sémele, I.48.8; II.92.1; VIII.93.2; XII.63.1; XII.63.6
 Semíramis, I.77.7; XIII.74.7
 Semprónio (Longo), III.58.5
 Semprónio (Graco), XI.82.1
 Septêntrio, XI.13.6
 Sesóstris, I.84.7
 Serápis, XIII.99.5
 Sereias, X.73.4
 Serpe, X.82.8
 Servílio, III.64.3
 Sérvio, XI.33.1
 Severa, V.39.2
 Severo (Alexandre), V.42.1
 Severo (Sétimo), V.38.4
 Sfragidites, XII.77.5
 Sic Ano, II.61.5; II.67.4
 Sic Caleu, II.70.2; Sic Celeu, II. 71.7; II.73.1; II.76.1; II.81.2
 Sice, XII.75.7
 Sicheu, III.17.3
 Sic Oro, II.40.1; II.41.5; II.43.1; II.48.2; II.61.2
 Sic Ulo, II.80.1; II.83; 4; II.86.7
 Sífax, I.66.5
 Silano, III.72.1
 Sileno, II.93.3
 Sinalaxis, XII.76.4
 Sinoches, XIII.96.4
 Sinoe, XII.67.7
 Sínon, II.94.2
 Sírinx, IX.6.5
 Sirtes, X.73.4
 Siton, XIII.73.4
 Sófocles, I.86.4
 Sofonisba, I.66.5
 Sol, I.5.1; II.44.6; IV.12.8; VI.1.1; VI.31.4; VI.34.2; VI.51.8; VII.21.8; VII.119.6; VII.121.7; VIII.3.7; VIII.52.1; VIII.61.2; VIII.73.2; VIII.98.5; IX.17.8; IX.57.3; IX.104.1; IX.106.6; IX.130.6; X.76.2; XI.2.5; XI.79.8; XI.90.8; XI.91.8; XII.10.1; XIII.38.2; XIII.71.7; XIII.77.3; XIII.82.4; XIII.84.5; XIII.100.4; Alexícano, XI.1.2; Délfico Luzente, I.22.1; Délio, I.69.6 e 8
 Sólon, V.47.8
 Sóstrato, VII.52.5
 Sous, VII.45.3
 Stercínio, III.74.2

- Sticte, X.87.5
 Stinfálides, XIII.30.2
 Succoth Benoth, XIII.87.2
 Suduc, XIII.73.8
 Sugétio, II.43.3
 Sula, VII.74.3; VII.79.4
 Sumano, VIII.72.8
- T**
 Tácito, V.55.2
 Tages, VII.34.5
 Tago, II.19.1; III.51.4
 Taigete, II.16.4; VIII.90.7; XII.65.8
 Tálao, II.108.7
 Tales, V.89.3
 Talia, IX.8.5
 Talna, I.86.5
 Tamuz, IV.16.3; XIII.77.5
 Tântalo (Capitão Lusitano), I.68.1; II.4.4; IV.76.1;
 VI.2.6; VI.3.5; VI.8.1; VI.9.5; VI.12.1; VI.13.2;
 VI.18.2; VI.21.3; VI.22.2; VI.29.1; VI.33.5;
 VI.42.3; VI.44.1; VI.49.1; VI.53.7; VI.59.7;
 VI.124.1; VIII.58.7; VIII.60.5; VIII.74.7;
 VIII.99.4; VIII.101.1; VIII.105.1; X.2.1; X.5.1;
 X.8.8; X.12.6; X.13.7; X.17.7; X.31.5; X.33.1;
 X.41.2; X.44.4; X.64.1; X.91.5; X.92.7; X.95.2;
 X.110.1; XI.1.3; XI.5.1; XI.6.5; XI.7.5; XI.13.1;
 XI.35.6; XI.45.1; XI.46.3; XI.48.1; XI.49.1;
 XI.53.7; XI.55.6; XI.58.1; XI.65.1; XI.66.5;
 XI.67.6; XI.90.1; XI.96.8; XI.97.3; XI.98.6;
 XI.99.5; XI.101.1
 Tarpeia (Trapeia), V.35.8; XI.56.4
 Tarquínio (Prisco), VII.72.6; VII.87.7
 Tarquínio (Sexto), X.82.3
 Tarquínio (Soberbo), XI.33.3
 Tartak, XIII.88.2
 Taulon, VII.27.3
 Teágenes, VII.54.2
 Télamon, II.108.2
 Téléboas, XIII.42.7
 Téleclo, VII.45.6
 Télefo, XIII.48.7; XIII.49.3
 Telégono, XIII.36.5
 Teletarchs, XIII.96.7
 Telquínios, IX.58.5
 Telus, IX.64.1
 Témis, VIII.85.2; IX.22.3; Justiça, VIII.85.3 e 8;
 VIII.88.8
 Teodósio, V.40.3
 Teofaina, V.62.6
 Teopompo, Atleta, VII.52.5; Rei, VII.45.3
 Terafim, XIII.84.1
 Tereu, I.77.5; IX.28.4
 Termo, III.74.7; Término, IX.100.7
 Terpieu, VII.29.8
 Terra, XIII.73.5; XIII.82.3
 Tersipo, VII.29.8
 Teseu, I.78.8; VII.29.1; VII.38.3; XI.56.7; XII.59.8;
 Tenareu, II.103.5
 Téspio, XIII.51.8
 Téssalo, II.69.7
 Testa, II.90.5; II.91.1
 Tétis, V.85.4; VI.1.3; VIII.88.2; XI.90.7
 Teucro, IX.41.4
 Teucro Telamónio, II.128.2
 Teuma, XIII.42.5
 Teutaró, XIII.47.3
 Teutras (Teutranté), XIII.48.8
 Tia, XII.11.1
 Tiades, XII.33.1
 Tiberino, II.83.1
 Tibulo, VIII.29.6
 Tideu, II.55.8; II.126.2
 Tiestes, II.115.7
 Tíflis, II.100.3
 Tífon, II.36.1; II.36.5; II.40.1; XIII.32.8; XIII.40.7
 Timerete, VII.16.3
 Timetes, VII.28.6
 Timóteo, XII.40.8
 Tindáridos, IV.45.2
 Tíndaro, VII.46.8; VIII.90.3
 Tione, XII.27.4
 Tique, VII.18.5
 Tiro, XI.52.4
 Tisbe, I.11.8
 Tito, I.14.6
 Titões, IX.128.4
 Titon, IV.96.7; XII.11.2
 Toas, IX.109.2
 Tónio, XIII.42.6
 Torrebia, VIII.90.7
 Torricélio, V.90.7
 Trajano, I.14.6
 Trasíbulo, III.45.2
 Trax, II.46.3
 Triboniano (Galo), V.42.8
 Triptólemo, II.114.2; V.66.5; IX.10.2
 Trítia, XIII.56.2
 Trítón, II.101.4
 Tróquilo, V.66.6
 Trós, IV.85.7
 Tubal, II.9.1; II.11.3; II.2.3
 Tuíscon, II.78.3
 Turno, I.62.3
 Tusco, II.48.3; II.63.5

ÍNDICE ONOMÁSTICO

U

Ulisses, II.120.3; II.121.1 e 3; VIII.19.4; XI.83.1
 Unímamo, IV.45.4; IV.46.3; IV.47.3; IV.47.7;
 IV.49.1; IV.55.1
 Urânia, XIII.78.1
 Úrano, VIII.84.1

V

Vafres, III.10.4
 Valente, V.38.8
 Valentiniano I, V.54.6
 Valentiniano II, V.54.7
 Valentiniano III, V.54.7
 Valeriano, V.53.1
 Vandimon, II.55.2
 Varro, III.65.3; III.78.1; III.80.3
 Vertumno, IX.50.7; IX.90.2
 Vesta Ops, VII.116.2; VIII.18.5; IX.17.6; IX.92.1;
 IX.112.1; IX.117.8; IX.120.1 e 3; IX.128.2;
 IX.129.1
 Vetúlio, IV.26.7; IV.28.1; IV.31.3; IV.32.3; IV.33.5;
 XI.34.3
 Virgílio, VIII.29.2
 Vila Real, V.37.8
 Virgínia, X.82.1
 Viriato, I.3.1; I.17.1; I.18.1-8; I.55.1; I.60.5; I.63.2;
 I.65.2; I.73.2; I.81.1; II.1.2; II.2.2; II.4.8;
 III.64.1; III.64.7; IV.1.1; IV.22.1; IV.27.1;
 IV.29.1; IV.30.7; IV.31.2; IV.32.2; IV.33.1;
 IV.37.7; IV.40.6; IV.41.5; IV.42.6; IV.45.3;
 IV.48.1; IV.51.1; IV.53.7; IV.55.3; IV.57.5;
 IV.58.4; IV.59.6; IV.63.6; IV.65.1; IV.70.2;
 IV.72.7; IV.79.5; IV.81.1; IV.83.2; IV.86.4;
 IV.87.4; IV.96.1; V.103.3; VI.67.1; VI.115.1;
 VI.123.1; VI.126.1; VI.130.5; VI.133.1;
 VII.1.2; VII.89.2; VII.100.1; VII.113.1;
 VII.117.7; VII.120.1; VII.123.4; VII.124.5;
 VIII.7.1; VIII.14.4; VIII.18.2; VIII.26.1;
 VIII.33.1; VIII.41.1; VIII.50.1; IX.2.1;
 IX.118.7; IX.119.5; IX.122.6; X.95.4; XI.44.1;
 XI.45.5; XI.53.8; XI.55.7; XII.1.1; XII.3.1;
 XII.5.1; XII.9.7; XII.11.7; XII.13.6; XII.14.7;
 XII.17.5; XII.23.1; XII.24.1; XIII.54.1;
 XIII.57.1; XIII.108.1
 Vitúlio, V.57.1
 Volúpia, IX.95.6
 Volutina, IX.10.5

X

Xanto, VII.39.5
 Xena, V.61.4
 Xénocles, VII. 57.2

Xenófanes, V.69.6
 Xenofonte, VII.52.2
 Xerxes, III.24.3
 Xuto, II.69.6

Z

Zéfiro, IX.81.4; Favónio, V.6.7; X.74.7; XI.13.5
 Zenão, V.68.7
 Zenóbia, V.56.6
 Zetes, II.108.3
 Zeus (Júpiter, Jove), V.64.4; VI.84.7; VII.10.2;
 VII.84.4; VII.87.5; VIII.36.6; VIII.67.4;
 IX.4.1; IX.18.8; IX.84.3; XIII.60.8; XIII.83.8;
 XIII.100.3; Agetor, VIII.92.2; Alalcómene,
 VIII.54.5; Alísio, IX.31.7; Amalo, VII.68.1;
 Ámon, IV.25.4; VII.14.5; VII.20.1; VII.22.2;
 XIII.83.8; Apatenor, VII.39.6; Apómio,
 XIII.62.4; Árbio, VII.1.5; Ásio, VII.116.3;
 Axur, 25.6; Bronteu, III.103.2; Bronton,
 XI.63.4; Cário, VIII.91.3; Célio, X.94.1;
 Ceneu, VII.69.6; Chetono, VIII.89.1; Cín-
 tio, V.66.1; Córifa, V.65.4; Cuculo, IV.91.7;
 Dicteu, VII.70.7; Dodoneu, VII.14.5; Drím-
 nio, VII.8.1; Egípcio, XIII.61.3; Eleutério,
 VII.58.6; Elício, VII.78.6; VIII.92.7; XI.29.5;
 Enésio, VIII.54.7; Epístio, VII.60.5; Esta-
 tor, XIII.63.6; Etiops, XII.87.5; Federato,
 XIII.62.6; Fegoneu, VII.22.2; Filio, IV.92.4;
 Frátrios, VII.40.4; Hecalésio, VII.38.2; Helé-
 nio, VII.102.5; Helicónio, VII.63.5; Heliopo-
 lites, XIII.82.5; Herceu, VIII.56.1; Himétio,
 IX.28.3; Homoloios, VII.65.4; Horomesdes,
 X.103.5; Ideu, VII.24.6; Itomeu, VII.71.1;
 Jóvio, XIII.26.7; Larísio, VII.66.5; Latial,
 VII.73.4; XIII.61.3; Lucério, IV.92.7; Lucétio,
 XIII.61.4; Marciais, V.67.3; Márcio, VII.6.1;
 Marmárico, VII.22.3; Meilíquio, VII.42.2;
 Meliano, IV.92.2; Melisseu, VII.24.2; Memac-
 tes, VII.38.7; Muscário, XIII.62.4; Pelasgo,
 VII.20.7; Piseu, VII.26.2; Plúvio, VIII.37.3;
 XIII.61.4; Propugnator, VII.5.2; Sabázio,
 VII.65.6; Sóter, VII.67.8; VIII.36.6; Talássio,
 VIII.54.3; Talésio, VIII.57.4; Taleus, VII.64.7;
 Tonante, I.48.3; II.26.2; II.32.1; II.80.8;
 IV.100.3; VII.6.3; VIII.69.1; Xénio, VII.2.6;
 VIII.7.7
 Zeuxidamo, VII.45.3
 Zéuxis, I.85.7
 Zímices, V.39.3
 Zoe, V.56.3
 Zoilo, XII.44.8
 Zoroastro, II.35.1; XIII.93.1

(Página deixada propositadamente em branco)

AGRADECIMENTOS

A senhora Professora Maria Helena da Rocha Pereira, distinta classicista da Universidade de Coimbra, dispôs generosamente do seu tempo para auxiliar a escrita deste trabalho. Sendo impossível retribuir a honra elevadíssima que o gesto da senhora Professora deu a este livro, muito lhe agradeço a prontidão do auxílio e a simpatia com que disponibilizou o seu vastíssimo saber.

A Professora Annabela Rita, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, honrou este volume com um inspirador texto de apresentação. Muito lhe agradeço.

Anne Dondertman, da Thomas Fisher Rare Book Library da Universidade de Toronto, Canadá, permitiu o acesso ao manuscrito Stanton e a presente edição crítica (MSS 05074, courtesy of the Thomas Fisher Rare Book Library, University of Toronto).

O rabino Jerry Schwarzbard, do Jewish Theological Seminary, de Nova Iorque, deu-me indicações preciosas para aceder ao manuscrito Ferreira da Costa. Permitiu também a publicação desta edição crítica (JTSL MS 3689, courtesy of The Library of the Jewish Theological Seminary of New York).

Yael Okun, do Manuscripts Department and Institute of Microfilmed Hebrew Manuscripts, da The National Library of Israel, em Jerusalém, permitiu o acesso ao manuscrito de Nova Iorque e ao manuscrito *Resposta do Vizinho de Londres*. Frederik Reinders, da Ets Haim Bibliotheek Livraria Montezinos, de Amsterdão, autorizou o acesso a este último manuscrito.

Ao Dr. Jorge Patrão, da Rede de Judiarias de Portugal, devo o precioso auxílio à edição deste livro, bem como incontáveis testemunhos de apoio. A minha gratidão estende-se também à EEA Grants (Islândia, Liechtenstein e Noruega).

Ao Professor José Eduardo Franco, diretor do CLEPUL da Universidade de Lisboa, devo um auxílio munificente à edição deste livro. Não sei como agradecer a sua generosidade.

O Professor José Eduardo Franco e a Professora Maria Manuel Baptista, da Universidade de Aveiro, permitiram que a primeira conferência pública sobre as *Viriadas*, «Viriato na Comunidade Judaica Portuguesa de Londres do Século XVIII: Um Capítulo Desconhecido do Iluminismo Português», fosse feita no congresso *A Europa das Nacionalidades*, organizado por ambos no Campus de Santiago, a

9-11 de maio de 2011. Muito lhes agradeço.

Apresentei igualmente partes da Introdução na conferência «Os Lusitanos como Heróis Judaicos na Londres do Século XVIII», no colóquio *Figuras do Herói*, organizado por Cristina Álvares, Ana Lúcia Curado e Sérgio Sousa, na Universidade do Minho, Braga, a 26-8 de abril de 2012; na conferência «Médicos e Poetas. A Obra Poética de Isaac Samuda (1681-1729) e de Jacob de Castro Sarmiento (1692-1762)», na Università degli Studi di Padova, Facoltà di Lettere e Filosofia, Itália, em evento organizado por Sandra Bagno, Barbara Gori e Carla Faria ao abrigo do Programa Erasmus, a 11 de maio de 2012; e na conferência «O Palácio do Sono do Doutor Samuda», no colóquio *Os Judeus Portugueses no Mundo: Pensamento, Medicina e Cultura Judaicas em Portugal*, organizado por Virgínia Soares Pereira e por mim em Braga, a 19 de outubro de 2012. Muito agradeço aos organizadores destes eventos e às audiências o interesse manifestado pelo assunto.

Em questões de detalhe tivemos o privilégio de contar com o precioso auxílio de Ana Maria Amorim, Isabel de Barros Dias, António Bagão Félix, António Vítor Ribeiro e João da Silva Soares. Paulo Tremoceiro (do ANTT) autorizou a reprodução de uma página do processo da Inquisição. O Doutor Edgar Samuel compartilhou comigo o seu enorme conhecimento sobre a vida de Samuda. Agradeço também à Jewish Historical Society of England ter-nos colocado em contacto. Miguel Pais-Vieira conseguiu-me uma cópia digital do *Sermam Funebre* de Castro Sarmiento. Joanna Hopkins, da Royal Society of London, permitiu o acesso célere aos documentos manuscritos de Samuda que se conservam nessa instituição e a reprodução da assinatura de Samuda. O Professor Peter Rabinowitz, do Hamilton College, auxiliou-me a compreender a história da oferta do manuscrito Ny ao JTS de Nova Iorque pelo seu avô Louis M. Rabinowitz. Os Professores Kenneth Brown, da Universidade de Calgary, e Harm den Boer, da Universidade de Basileia, emprestaram-me generosamente o seu livro já esgotado *El Barroco Sefardí*. José António Alves auxiliou-me na transcrição do manuscrito do Vizinho de Londres. Pedro Isidoro acompanhou todos os meus projetos e tem sido uma honra para mim contar com a sua opinião esclarecida, profunda e amiga. Não sei como agradecer a todos.

Uma parte importante da transcrição do manuscrito e da fixação do texto aconteceu durante o ano letivo de 2010-2011 em que beneficiei de uma licença sabática concedida pelo Departamento de Filosofia do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. O meu profundo agradecimento ao Departamento, ao Conselho Científico do Instituto e ao Reitor.

Agradeço também ao Conselho Editorial e ao revisor anónimo da Imprensa da Universidade de Coimbra os seus pareceres positivos. O Prof. Delfim

Leão e a Dr.^a Maria João Padez de Castro receberam com generosidade e profissionalismo este projecto. Muito lhes devo.

Uma obra desta natureza não teria sido possível sem o apoio da família. A Ana Lúcia foi a musa inspiradora, e é a ela que dedico este trabalho. A Patrícia, o Gustavo e a Catarina foram a razão de ser de tudo. Espero que um dia possam compreender por que razão o pai passou um dia inteiro a tentar identificar o sentido de uma única palavra: 'Agerissa'. Aníbal estava furibundo contra Agerissa, e o pai tinha emoções semelhantes por não descobrir o significado dessa e de muitas outras palavras, como se fosse estrangeiro na sua própria língua.

(Página deixada propositadamente em branco)

REDE de 
JUDIARIAS
de PORTUGAL

 ICELAND
LIECHTENSTEIN
NORWAY
eea
grants

(Página deixada propositadamente em branco)

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



CLEPUL Centro de Literaturas
e Expressão Portuguesa
das Universidades de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



(Página deixada propositadamente em branco)

O texto deste livro foi realizado com as fontes Adobe Garamond Pro e Garamond Premier Pro, tendo sido impresso em papel Coral Book de 90 grs.

(Página deixada propositadamente em branco)

